



RES.  
415V























Microfilmado  
12-x-93

*[Handwritten signature]*

27-546

# DECADA QVARTA DA ASIA,

DOS FEITOS QUE OS PORTVGVESES FI-  
ZERAM NA CONQVISTA E DESCOBRIMENTO  
das terras, & mares do Oriente: em quanto gouer-  
naraõ a India Lopo Vaz de saõ Payo, & par-  
te de Nuno da Cunha.

*Composta por mandado do inuenciuel Monarcha de  
Espanha dom Felipe Rey de Portugal o  
primeiro deste nome:*

POR DIOGO DO COVTO GVARDA MOR  
da torre do tombo do estado da India.



*Com licença da santa Inquisição & Ordinario.*

E M L I S B O A.

Impresso por Pedro Crasbeeck, no Collegio de  
santo Agostinho. Anno M. DCII.

---

*Com Preuilegio Real.*

ncb 657396

F.6741

RES.  
415

DECADA QVART  
DA ASIA

DOS FRITOS QUE OS PORTVGVESES TI

ZERAM NA CONQUISTA E DESCORRIMENTO

das Ilhas e partes do Oriente em quatro partes

em tres partes a que Vaz de Gama Rayo, e para

esta Anno da Guaha.

Composto por ordem do do illustrissimo e honrabilissimo

Rey de Portugal e das Indias D. Joao V. e de Portugal e

de Portugal e das Indias D. Joao V. e de Portugal e

TOR DIOGO DO COVTO GUARDA MOR

de tempo do estado da India.



Com a Real Autoridade de Sua Magestade o Rey.

EM LISBOA

Impresso por Pedro Ochoa, no Collegio da

Real Universidade de Lisboa. Anno M.DC.LII.

Com a Real Autoridade de Sua Magestade o Rey.

*Licença do Padre Reuedor.*

**V**I esta quarta decada da historia da India, autor Diogo do Couto: nem tem cousa dissoante a doutrina Catholica, & as que conta são muito dinas de memoria, & que redundão em gloria de Deos, honra & reputação da nação Portuguesa. E o autor mostra muita diligencia em as ajuntar, & apurar a verdade, que he a primeira ley da historia, que faz mais agradavel com o bom methodo & clareza, & com exactas descripções de terras & mares do Oriente, & outras cousas de que dà noua noticia com erudição. Pello que entendo que a lição deste liuro sera prouetosa & gostosa, & de honesto entretenimento. E que sera beneficio comum imprimirse. Nesta casa de são Roque da companhia de Iesu a 10. de Janeiro de 602.

*Francisco Pereira.*

*Licença da mesa geral da S. Inquisição.*

**V**Ista a informação podese imprimir esta quarta decada da historia da India, & depois d'imprensa torne a este conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrá. em Lisboa 15. de Janeiro de 602.

*Marcos Teixeira. Bartolameu d'afenseca. Ruy Pirez da Veiga.*

*Licença do Ordinário.*

**P**odese imprimir 17. de Janeiro 602.

*Simão Borges.*



V el Rey faço saber aos que este Aluarà virem, q̄ auen  
do respeito ao que na petição atras escrita diz Diogo  
do Couto morador em Goa, guarda mor da torre do  
tombo do estado da India, & visto as causas que ale-  
ga, ei por bem & me praz, que por tempo de vinte an-  
nos imprimidor, nem outro liureiro algum, & pessoa  
de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nem vender em  
todos estes reinos & senhorios, nem trazer de fora delles o liuro em que  
se contão os feitos que meus vassallos os Portugueses fizerão nas partes  
do Oriente, de que na dita petição faz menção, salvo aquelles liureiros  
& pessoas que pera isso tiuerem seu poder & licença. E qualquer im-  
primidor, liureiro, ou pessoa q̄ durando o dito tempo de vinte annos,  
que começarão de correr do tempo em diãte em que se começar cada  
liuro da dita historia a imprimir, sendo primeiro visto pellos Inquisido-  
res & ordinario, vender, ou imprimir os ditos liuros nos ditos meus rei-  
nos & senhorios, ou trazer de fora delles, perdera pera elle dito Diogo  
do Couto todos os volumẽs que assi imprimir, vender, ou trazer de  
fora. E alem disto encorrera em pena de cem cruzados, a metade pera  
o dito Diogo do Couto, & outra a metade pera quem o accusar. E  
mando as justiças, officiaes, & pessoas a que o conhecimẽto disto pertẽ-  
cer, cumprão, & guardem este aluarà como se nelle contem. O qual sera  
trespallado no principio de cada liuro: & este quero que valha, tenha  
força, & vigor, posto que o effeito delle aja de durar mais de hũ anno:  
sem embargo da ordenação do segundo liuro titulo 20. que dispo-  
m o contrario. Francisco Ferreira o fez em Lisboa a 22. de Março de mil  
& seiscentos & dous. Pero da Costa o fez escrever.

REY.

# A O INVICTISSIMO MONARCHA D'ESPANHA DOM FELIPE

Rey de Portugal o primeiro deste nome.

## EPISTOLA.



**COVSA** a que a natureza mais inclinou todas as criaturas assi racionais, como irracionais (segundo os Filósofos affirmão inuictissimo Monarcha) foy a conseruação de sua propria especie, trabalhando por produzirem outras semelhantes a si. Mas ao homem como mais excellente de todas lhe deu alem disto hum appetite quasi sobrenatural, que he desejar, & solicitar mais que tudo a conseruação de seu proprio nome, trabalhando por deixar d'elle hũa memoria eterna por feitos & obras heroicas, antes que por imperios, reinos, & senhorios. Disto temos hum muito claro exemplo no grande Alexandre, que sendo ja senhor do mundo, quando parecia que a cobiça humana estava satisfeita, então lhe entrarão nouas inuejas, vendo o sepulchro de Achilles, porque não tinha outro Homero pera lhe acabar de rematar sua bemaenturança pera em tudo ser maior que todos. E por tanto maior tinha esta gloria de ficar no mundo viuendo por fama, que o imperio de todo elle: pois estando pera morrer, não deixou seus reinos a seu filho polo não achar dino delles, senão ao virtuoso Perdica: porque assi acrescentaua mais em sua fama, que não quis arriscar no filho pol-la inclinação que lhe sintio. A mesma opiniaõ teue Phartes rey dos Parthos, que tendo tambem filhos deixou seus reinos ao famoso Mithridates, porque esperaua com seus feitos perpetuar mais sua memoria. Apos este appetite natural corrião aquelles famosos capitaes Themistocles & Iulio Cesar, quando hum muito pensatiuo dizia que os trofeos de Melciades o

naõ deixavaõ quietar , & o outro quando viõ em hum templo esculpidas algũas fações de Alexandre , entristeceose, por se ver em idade em que o outro conquistou o mundo, & elle naõ tinha feito nada. E assi he na verdade: porque nenhũa cousa puxa mais por hum varaõ de honra, que estes desejos de gloria & fama, porque tantos obraraõ, & fizeraõ tantas & taõ altas maravilhas, que pareciaõ passar os termos & limites da natureza humana. Isto sintio muito bem Thucydides, quando dizia que aquelle seria famoso & grande que corresse apos aquillo que andava mais perto da inueja: entendendo que necessariamente avia ella de andar apos avirtude, que he o mesmo que Plutarcho affirma. Desta gloria eraõ os antigos Gregos taõ amigos, que o mor galardãõ que dauaõ aos seus famosos eraõ estatuas, que se punhaõ em lugares publicos pera memoria. E assi costumavaõ a dar a seus noveis escudos brancos, pera que fazendo fações taõ notaueis, que merecessem ficar em memoria, as podessem pintar nelles: pera com isso os obrigarem a fazerem feitos dinos de serem por elles eternizados. Isto significou Virgilio no quarto liuro de sua Æneida falando de Heleno, dizendo que morreo na guerra com seu escudo branco sem gloria: porque o mataraõ taõ moço, que naõ teue tempo de fazer cousa dina de se pintar nelle. E este taõ glorioso costume guardaraõ aquelles famosos principes dom Reimaõ de Saõ Gil de Proença, dom Reimaõ de Tolosa, & dom Anrique seu sobrinho, de quem vossa Magestade directamente descende. Que saindo juntos pello mundo a ganhar fama, leuaraõ os escudos brancos, & com elles chegaraõ ao reino de Castella, & ajudaraõ a el Rey dom Afonso o sexto contra os Mouros: & pello galardoar os casou com tres filhas. E destas coube em sorte a dom Anrique o senhorio de Portugal, que seu filho dom Afonso Anriques tanto dilatou. Este valeroso principe depois d'aquella taõ famosa & milagrosa vitoria do campo de Ourique em que venceu os cinco Reys Mouros, logo pintou em seu escudo, que  
ajnda

ainda era branco, àquelle final de nossa redenção, que nosso Senhor por muito particular mimo & merce lhe quis mostrar no ceo por lhe dar esperanças da vitoria. Estas armas por serem tão gloriosamente ganhadas, deixou por herança aos Reys de Portugal como vossa Magestade as tem. Esta gloria das estatuas, & dos escudos brancos passarão depois os Athenienses às escrituras, por verem que as imagens & pinturas eraõ mudas, & não podiaõ recitar seus feitos. D'aqui se estenderaõ aos Romanos, & a todas as mais nações do mundo, tão desejasas todas d'hũa perpetua fama, que lhe não fica cousa que não seja logo por muitos & varios modos escrita. So a esta nossa nação Portuguesa faltou esta gloria, como se fora menos merecedora della, de que nos meismos temos a culpa, parendonos que tã o obrar feitos illustres & insines nos basta: não vendo que esta gloria em cada hum se passa, & que estoutra viue em todos eternamente: & que assi ficaõ sendo suas obras mortas, como o estauaõ muitas & muy dinas de grandes escrituras, que neste Oriente passaraõ, que em toda a outra nação auiaõ de andar em mil volumes por espantosas ao mundo. Esta perda, que tanto nos deue enuergonhar, quis vossa Magestade remedear com me mandar proseguisse a historia da India, começando donde Ioaõ de Barros acabou, pera que saissem a luz os feitos que estes vassallos Portugueses tem obrado nestes estados. E tanta ventagem faz esta merce a todas as que fez a todos depois que directamente herdou essa coroa de Portugal, quanto vay da vida à morte, & do que sempre dura ao que logo se acaba. Porque os juros, as fortalezas, as comendas, as tenças, & tudo mais de que encheo todos os Portugueses assi desses reinos, como destes estados, coufas foraõ que acabaraõ ja em muitos, & não tardara muito que o faça em os mais. Mas ter vossa Magestade tanta lembrança de todos, que ate os que acabaraõ ja ha tantos annos, quis que participassem da grandeza de suas merces, mandando me que lhe traga seus feitos a luz, cousa foy em que parece

quis imitar a Deos, que he em resuscitar mortos pera tornarem a viuer em fama outra vida, que nunca se acabara em quanto durar o mundo. Enisto quis vossa Magestade tan:bem remedear o descuido Portugues tanto pera estranhar, que as decadas de Ioaõ de Barros nosso natural (que assi por sua muita erudiçaõ, como pellos grandes feitos que de seus naturais escreueo, saõ dinas de muita estima) assi foraõ estimadas de nos, que naõ ouue mais que a primeira impressaõ, que o tempo tem taõ consumida, que naõ sei se ha em Portugal dez volumes, & na India hum so. O que naõ he em Italia, onde andaõ trad:izadas por Afonso Vlhoa, & dirigidas a Guilherme Gonzaga terceiro duque de Mantua: E foraõ taõ estimadas delle, & o saõ oje de todos os grandes, que as trazem as cabeceiras das camas, como Alexandre trazia a Iliada de Homero. E certo que vendo tamanho esquecimento poderamos cuidar que por algum occulto juizo de Deos naõ merecemos andar na memoria dos homẽs, naõ negando que o mesmo Senhor nos tem feito muito particulares merces, nas muitas & raras vitorias que dos inimigos de sua santa Fè cada dia alcançamos, como pello discurso da historia se verá. Fuy ainda continuando por decadas por seguir a Ioaõ de Barros, como vossa Magestade me mandou. E porque elle acabou com a morte do gouernador dom Anrique de Meneses, que na gouernança da India socedeo ao conde Almirãte: comecei coa socesãõ de Pero Mascarenhas, & differenças que teue com Lopo Vaz de sam Payo, que nesta decada se veraõ. E tenho acabadas seis decadas: as tres comprindo o tempo de 28. annos, & noue gouernadores. Pero Mascarenhas, & Lopo Vaz de sam Payo que conto por hum por gouernarem ambos juntos, & de Nuno de Cunha, dom Garcia de Noronha, dom Esteuaõ da Gama, Martim Afonso de Sousa, dom Ioaõ de Castro, Garcia de Sã, Iorge Cabral, & dom Afonso de Noronha. As outras tres decadas começaõ no dia que vossa Magestade foy jurado por Rey nestes estados, & a primeira contem o

tempo

tempo de tres Governadores. sc. Fernão Teles, dom Franciſco Mascarenhas, & dom Duarte de Meneses. Estas tinha feitas quando vossa Magestade me mandou tornar atras. O tempo que fica em meio (tendo vida, & fauor de vossa Magestade) trabalharei por escreuer. Este volume que contem em ſi a quarta decada, offereço humilmente aos pes de vossa Magestade. E ſo com pòr os olhos nelle auerei por muito bem empregadas todas as despesas, & trabalhos de tantos annos quantos gastei & despendi em ajuntar cousas tão esquecidas. Ay vera vossa Magestade as muito grandes, & admiraveis façanhas feitas por aquelles antigos Governadores, que com auer tão poucos annos que foraõ, parecem cousas sonhadas: así pello esquecimento em que estauão, como pella mudança que o tempo tem feito em tudo. E he bem ſaiba vossa Magestade a causa dellas, que vera pello discurſo da historia. E esta era a rezão porque Demetrio Falcrio aconselhaua a el Rey Ptolomeu que se occupasse em ler liuros: porque nelles achauão os Reys cousas, que ninguem lhe ouſaua dizer pessoalmente. Pello discurſo destas decadas vera vossa Magestade nos raros & espantosos feitos que estes seus vassallos tem feito & cada dia fazem, com quanta mais rezão pode dizer por elles o que dizia Pirrho, que se tiuera os Romanos por ſoldados, que facilmente fora ſenhor do mûdo, ou elles se o tinerão a elle por Capitão. E pois nos temos em vossa Magestade outro Pirrho, & elle nestes seus vassallos Portugueses outros Romanos: mãecos, porque elles lhe leuaraõ suas colunas mais adiante, & polasaõ onde Simiramis & Alexandre não chegaraõ. E elles com a espada, & eu coa pena mostraremos ao mundo q̄ así como em vossa Magestade se acha a ventura de Cesar, a prudência de Fabio, o esforço de Scipiaõ: así lhe não falta a humanidade, & clemencia de Filipo pera com os seus, com o que romperão com hum animo seguro por todos os perigos da vida, a te aruorarem as reais bandeiras da milicia de Christo,

& as porem nos mais altos coruções da nefanda casa de  
Mafamede: pera que no lugar de suas torpezas & abomina-  
ções offereção ao altissimo Deos muitos íacrificios de lou-  
tor com que o nome de vossa Magestade fique muito aci-  
ma de todos os que celebra a fama. Desta cidade de Goa a  
vinte de Nouembro de 1597. annos.

*Diogo do Couto.*

# A EL REY NOSSO SE

NHOR DOM FELIPE, REY

de Portugal o primeiro deste no-

me, que mandou fazer

esta obra.

## SONETO.

**C**S Sceptros diuididos, os reynados  
Famosos na dourada antiguidade,  
O ceo por grande bem da Christandade  
A vos Monarcha inuicto os tem dotados:  
Sageitando num só tantos estados,  
Cifrou logo tambem na terra idade,  
De Rey taõ soberano, a magestade  
E gouerno, dos Reys antepassados.  
Dos vossos Portugueses conhecida  
He a merce desta obra (illustre sorte)  
De todos a qual mais agardecida,  
Protestão de seruir com peito forte,  
Que pois com fama dais a mortos vida  
Aos viuos fazeis não temer morte.

A DIO

A DIOGO DO COVTO CHRO-  
nista desta historia da India.

S O N E T O.

**E** Stando quasi ja deseparados  
Os feitos pellas armas soberanos,  
Que nas partes do Oriente os Lusitanos  
Fizerão, pello Barros começados:  
Dos mesmos (graue dor) mal recontados,  
Em vos illustre (outo nestes annos,  
Estão seguros ja liures de enganós,  
Com real valhaçouto registados.  
A proezas heroicas he diuido  
Hum Couto heroico, firme na verdade,  
Tal Couto como vos, que sempre valba:  
Partes de Chronista em grao sobido  
Tendes a compasso de igualdade,  
Tão Couto pella pena, como em malba.

A MESMA HISTORIA.

Soneto.

**H**istoria em que a verdade se parece,  
Co proprio original donde se formada  
Em vos historia Indiana esta cifrada  
Verdade que outras muitas enriquece:  
Com vosco a Lusitania se ennobrece,  
O mundo tem estampa em vos laurada  
Em que ve da gente vossa debuxada  
Lealdade, & armas liures de interesse:  
Quem quizer ver amor brando amoroso  
Elo quente Mercurio duro Marte,  
Ou Iupiter senhor imperioso:  
Em vos tudo achara com sutil arte  
For estylo suaue & grandioso,  
Que de tudo tendes tudo com grão parte.

# T A B O A D A D A

## Q V A R T A D E C A D A .

### LIVRO PRIMEIRO

#### *Da quarta Decada.*

**C**apitulo primeiro de como por morte do Governador dom Anrique de Meneses soccedo na governança da India Pero Mascarenhas que estaua por capitaõ de Malaca, & do modo por que Afonso Mexia veador da fazenda abrio a terceira soccessãõ em que soccedo Lopo Vaz de Sampayo, fol 1.

Capitulo 2. de como Afonso Mexia entregou a India a Lopo Vaz de Sampayo, & de como o Governador se partio pera Goa, & da grande vitoria que alcançou d'hũa grande armada do Camorim que estaua no rio de Bacanor, fol. 2.

Capitulo 3. do que o Governador passou em Goa com Francisco de Sa capitaõ d'aquella cidade sobre o naõ querer receber nellã, & d'alguns capitaens que despachou pera fora, & de como o Governador partio pera Ormuz. fol 5.

Capitulo 4. do que aconteceu a Eitor da Sylueira no estreito de Meca, & de como foi ter a Macua, & mandou buscar a dom Rodrigo de Lima ao Preste Ioaõ, & do que lhe soccedo na viagem a te Ormuz. fol. 6.

Capitulo 5. do que aconteceu a Eitor da Sylueira, na viagem a te Ormuz, & de como o Governador recebeu o Embaixador do Preste Ioaõ, fol. 8.

Capitulo 6. de como Afonso Mexia mandou a Malaca chamar o Governador Pero Mascarenhas, & do que elle fez depois que soube as nouas de sua soccessãõ, & do que aconteceu na jornada a Martim Afonso de Mello Iusarte, & a Francisco de Sá de Meneses, fol. 9.

Capitulo 7. de como Eitor da Sylueira partio de Ormuz a esperar as naos de Meca, & de como Melique Saca, filho de Melique As, tratou de dar a fortaleza de Dyo aos Portugueses: Do fundamento d'aquella ilha, & do tempo em que os mouros conquistaraõ a quelle reino, & do que passou Eitor da Sylueira com o Melique Saca, fol. 10.

Capitulo 8. de como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Sylueira, & elle se foi pera Chaul, sem concluir é nada, & de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traicãõ & a entregou a elRey de Cambaya, fol. 13.

Cap. 9. da armada que este anno de 26. partio do reino, & das

## TABOADA DA QVARTA DECADA.

nouas soccessoens, que elRey n'ellas mandou; & de como Afonso Mexia veador da fazenda abriu a primeira soccessão, em que soccedeo Lopo Vaz de Sampayo, fol.15.

Capitolo 10. do que fez o Governador Lopo Vaz de Sampayo em Cochim, & das naos que partirão pera o reino, & de como el Rey dom Ioão recêbeo o Embaixador Abexim, fol. 17.

## LIVRO SEGUNDO

*Da quarta Decada.*

Capitolo primeiro da origem & principio do reino, & Reys de Malaca, & do tempo em que receberão aley de Matamede, & do fundamento & descripção da ilha de Bintaão, fol.19

Capitolo 2. de como o Governador Pero Mascarenhas partio pera Bintaão, & de como desbaratou hũa armada d'elRey de Paõ, & do grande trabalho que os nossos tiueraõ na entrada d'aquelle rio a te chegarem a cidade, fol. 21.

Capitolo 3. de como os mouros cometerão o nauio de Fernão Serraõ, & do perigo em que se vio, & de como o Governador o soccorreo & cometeo a cidade, de Bintaão, & a tomou, fol.22.

Capitolo 4. do aluoroço que auia na gente da India sobre o governo de Lopo Vaz de Sampayo, & de como se elle fez preses pera ir buscar as Gales dos Rumes, fol.25.

Capitolo 5. do que aconteceo a Pero Mascarenhas a te chegar a Cochim, & de como Afonso Mexia lhe defendeo a desembarcação, & do que passou em Cananor, & de como se partio pera Goa, fol.27.

Capitolo 6. do que fez o Governador Lopo Vaz de Sampayo tanto que teue nouas de Pero Mascarenhas, & de como o mandou esperar na barra, & o prenderaõ em ferros, & o leuaraõ a Cananor, fol 29

Capitolo 7. do que Christouaõ de Sousa capitão de Chaul escreueo a Lopo Vaz de Sampayo sobre as cousas de Pero Mascarenhas, & de como chegou a Goa preso Rax Xarrafo Gualfil de Ormuz, & dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampayo, fol.30.

Capitolo oitauo das reueltas que em Goa ouue sobre as cousas dos dous Governadores, & de como Eitor da Sylueira, & Diogo da Sylueira se lançaraõ da parte de Pero Mascarenhas, fol 32.

Capitolo 9. do protesto que Pero Mascarenhas mandou aos vereado-

## TABOADA DA QVARTA DECADA.

vereadores & fidalgos de Goa, & de como os apresentaraõ a Lopo Vaz de Sampayo, fol. 34.

Capitolo 10. do que Lopo Vaz de Sampayo respondeo aos protestos de Pero Mascarenhas. fol. 36.

Capitolo 11. de como os do bandõ de Pero Mascarenhas tratarãõ de prender Lopo Vaz de Sampayo, & das onioens que sobre isso ouue, & de como Lopo Vaz de Sampayo os foi prender a todos, fol. 38.

### LIVRO TERCEIRO.

#### *Da quarta Decada.*

**C**apitolo primeiro do que acõteceo na jornada a Francisco de Sa, & da descripção da ilha da Iaoa, & de qual he a mayor & menor de Marco polo, & de como Francisco de Mello meteo no fundo hũa nao de Turcos na barra do Achem, fol. 40.

Capitolo 2. de como dom Garcia Anriquez fes pazes com elRey de Tidore, & a rezaõ que teue pera logo as quebrar, & de como faleceo aquelle Rey, & das sospeitas que ouue ser ajudado a isso cõ peçonha que se lhe deu, fol. 42.

Capitolo 3. do que aconteceo a dom Iorge de Meneses na jornada de Maluco, & de como descobrio as ilhas dos Papuas, & da armada que partio de Castella

pera aquellas ilhas de Maluco, & da derrota que leuou a te chegar a ellas, fol. 43.

Capitolo 4. de como dom Iorge de Meneses chegou a Maluco, & fez treguas com os Castelhanos, que se logo quebraraõ, & de como faleceo elRey Bayano, & lhe socedeo seu irmaõ Ayalo, & de como elRey de Lobin matou es Portugueses que estauãõ em seu porto, & tomou hũa Galè por engano, fol. 47.

Capitolo 5. de como dom Simaõ de Meneses soltou Pero Mascarenhas, & dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz de Sampayo, & da armada que este anno de 27. partio de Portugal, & de como duas naos d'ella se perderaõ na ilha de saõ Lourenço, fol. 48.

Capitolo 6 da armada que o Turco Soleimaõ mandaua contra os Portugueses, & das differenças que ouue entre os capitaes, & de como mataraõ o General, & a armada se desfez, fol. 51.

Capitolo 7. d'hum assinado que Antonio de Miranda d'Azeuedo deu a Pero Mascarenhas de lhe obedecer, & dõ que assentaraõ o mesmo Antonio de Miranda & Christouaõ de Sousa sobre as cousas d'antre os gouernadores, fol. 54.

Capitolo 8. de como se mostrou a pauta a Lopo Vaz de Sampayo, & de como jurou de a cumprir, &

## TABOADA DA QVARTA DECADA.

se partio pera Cochim, a onde se auia de julgar a contenda, & do que passou em Cananor com Pedro Mascarenhas, fol. 55.

Capitolo 9. d'algũas defauenças que ouue em Cochim entre os gouernadores, & de como se acrecentaraõ mais dous juizes por parte de Lopo Vaz de Sampayo, & do que mais passou, fol 58.

### LIVRO QVARTO

#### *Da quarta Decada.*

**C**apitolo primeiro dos juizes q se acrecentaraõ de nouo, & de como se deu a sentença por Lopo Vaz de Sampayo, & de como Pero Mascarenhas se embarcou pera o reino, fol 59.

Capitolo 2 do que passou dom Iorge capitão de Maluco com dõ Garcia Anriquez sobre certos apontamentos que leuaua, & de como mandou a Malaca pedir socorro, & prendeo dom Garcia Anriques em ferros, fol. 61.

Capitolo 3. de como os de dõ Garcia Anriquez o induziraõ a que prendesse dom Iorge, & de como o fez & se meteo na fortaleza, fol. 63.

Capitolo 4. do que fizeraõ os amigos de dom Iorge, & das cousas que socederaõ a te o soltarem, & do que aconteceu a os que dõ Iorge tinha mandado a Borneo, fol 64.

Capitolo 5. das cousas em que o Gouernador proueo em quanto esteue em Cochim, & das armadas que despachou pera fora, & da grãde victoria que dõ Ioaõ Deça ouue d'hũa armada de Calecut, & de como Christouaõ de Mendouça foi entrar na fortaleza de Ormuz, & da morte do Guazil Rax Hamie de, fol 66.

Capitolo 6. do que aconteceu a Antonio de Miranda no estreito do mar roxo, & das presas que fez, fol. 68.

Capitolo 7 de como Simaõ de Sousa Galuaõ, que ya pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem, & da grande & espantosa batalha que teue com hũa sua armada em que foi morto, & a Galé tomada, fol. 69.

Capitolo 8. de como Gonçalo Gomes d'Azeuedo q ya pera Maluco, chegou a Banda, & do que ali passou com dom Garcia Anriquez, & de como chegou a Tidore Aluaro de Sayavedra Cron, que partio da noua Espanha, & do que aconteceu a dom Iorge com elle, fol. 71.

Capitolo 9. do que aconteceu a Antonio de Miranda q inuernou em Ormuz, & de como Diogo de Misquita foi catiuo da armada de Cábaya, & foi metido em hũas bõbarda pera que se fizesse mouro, & da grãde cõstancia que teue: & de como esta armada pelejou cõ Anrique

## TABOADA DA QUARTA DECADA.

rique de Macedo, & da braua batalha que tiueraõ, fol. 74.

Capitolo 10. do que aconteceu na jornada a Martim Afonso de Mello Iufarte, & de como se perdeu na costa de Bengala, & dos grandes trabalhos que passou a ter catiuo, fol. 76:

## LIVRO QUINTO

### *Da quarta Decada.*

Capitolo 1. de como elRey dõ Ioão mandou Nuno da Cunha per Governador da India, & do que lhe aconteceu na jornada, fol. 79.

Capitolo 2. do que socedeo as mais naos da cõpanhia do Governador Nuno da Cunha, & de como elle se perdeu na ilha de são Lourenço, & do que aconteceu a gente da companhia de Manoel de Lacerda, fol. 81.

Capitolo 3. d'ũa armada nossa que partio de Cochim, & se perdeu no rio de Chatua, & de como o Governador Lopo Vaz de Sampayo partio pera Cochim, & desbaratou hũa grande armada do Camorim, fol. 83.

Capitolo 4. de como o Governador Lopo Vaz de Sampayo destruy o Arel de Porca; & da armada que partio do reino, & do que lhes aconteceu na jornada, a te chegar a Cochim, fol. 85.

Capitolo 5. de como o Gover-

nador Lopo Vaz de Sampayo foi auisado d'ũa armada de Canbaya que andava fora na costa de Chaul, & de como a foi buscar & a desbaratou de todo, fol. 86.

Capitolo 6. da guerra que Eitor da Sylueira fez na costa de Cambaya, & de como destruy a cidade de Baçaim, & as villas de Taná, Bombaim, & outras, & do que fez o Governador Lopo Vaz de Sampayo em Goa, & do que acõteceo a Antonio de Miranda no Malauar. fol. 88.

Capitolo 7. de como Christouão de Mendocça capitão de Ormuz mandou Antonio Tenreiro por terra ao reino cõ nouas das Galés, & da jornada que este homem fez pello deserto de Arabia: & de como chegou ao reino, & elRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz prender Rax Xarrafo, fol. 90.

Capitolo 8. das cousas que acõteceraõ em Malaca a te chegar Garcia de Sá & dos ardis de que o Achem vsou pera enganar Pero de Faria por ver se podia colher o seu porto algũ nauio: & de outras cousas que mais passaraõ, fol. 92.

Capitolo 9. de como elRey de Achem tomou por engano hũ Galeão de que era capitão Manoel Pacheco, & de como foraõ descubertos huns tratos que Sinaya da Raya Chely de Malaca trazia cõ o do Achẽ, & de como foi morto, fol. 94.

LIVRO SEXTO.

*Da quarta Decada.*

Capitolo primeiro do que acõ  
teceo ao Governador Nuno  
da Cunha depois que partio da il-  
ha de saõ Lourenço a te chegar a  
Mombaca, fol 95.

Capitolo 2. de como Nuno da  
Cunha tomou a cidade de Momi-  
baca, & das cousas que lhe aconte-  
ceraõ em quanto esteve nella,  
fol 97.

Capitolo 3. de como o Gover-  
nador Nuno da Cunha foi a Or-  
muz & de como Manoel de Mace-  
dõ chegou aquella fortaleza, & prẽ-  
deo Rax Xarrafo, & de como se a-  
leuãntou o Guasil de Barem, & de  
como Nuno da Cunha mandou  
contra elle seu irmão Simão da  
Cunha, & do que lhe aconteceu,  
fol. 98.

Capitolo 4. de como os nossos  
desembarcaraõ em Barem, & dos  
partidos que o Guasil mandou co-  
meter, & de como lhe bateraõ a  
fortaleza, & das grandes febres q̃  
deiraõ em todos os nossos, que foi  
causa de se embarcarem, & de co-  
mo Simão da Cunha faleceo de  
nojo, fol 101.

Capitolo 5. do que dom Jorge  
de Meneses capitão de Maluco pas-  
sou com Fernão de la Torre, & da  
vitória que dom Jorge de Crasto  
ouve d'ũa armada de Geilolo,  
fol. 103.

Capitolo 6. da armada que este  
anno de 29. partio do reino, & de  
como Lopo Vaz de Sampayo se  
embarcou pera Cochim, & Nuno  
da Cunha chegou a Goa, & partio  
logo pera Cochim, & de como prẽ-  
deo Lopo Vaz de Sampayo em ter-  
ros, fol. 104.

Capitolo 7. que contem a fala  
que Lopo Vaz de Sampayo fez a el  
Rey em relação fol 106.

Capitolo 8. das culpas que el  
Rey deu a Lopo Vaz de Sampa-  
yo, & de sua resposta a ellas, fol 112.

Capitolo 9. de como Antonio  
da Sylueira destruy as cidades  
de Surrate & Reinel, & outras vil-  
las & pouoações, & do que aconte-  
ceo a Diogo da Sylueira capitão  
mor do Maluar este veraõ, fo. 116.

Capitolo 10. das cousas que a-  
conteceraõ no estreito do mar ro-  
xo, & de como Mostafa baixa & el  
Rey de X. el forãõ cercar a cidade  
de Adem, & do que aconteceu a  
Eitor da Sylueira naquelle estreito  
& chegou a Adem & favoreceo a  
quelle Rey, & o fez tributario ao  
de Portugal, fol. 119.

Capitolo 11. das cousas que acõ-  
teceraõ em Maluco entre Portu-  
gueses & Castelhanos, & de como  
dom Jorge de Meneses os cercou  
na fortaleza de Tidore, & se entre-  
garaõ a partido cõ condicaõ que  
se fasssem daquellas ilhas, fol. 120.

LIVRO SETIMO

Da quarta Decada.

Capitolo primeiro do contrato & concerto que elRey dõ João fez com o Emperador Carlos V. sobre as ilhas de Maluco, & da armada que este anno partio do reino, fol. 122.

Capitolo 2. dos grandes apercebimentos que o Governador Nuno da Cunha fez pera continuãr na guerra de Cambaya, & da muito grande & poderosa armada cõ que partio pera Dyo, fol. 124.

Capitolo 3. de como o Governador Nuno da Cunha cometeo a ilha de Berh, & a entrou, & do no uo & espantoso caso que aconteceu aõs que estauã d'entro n'ella, por que se deu aquella ilha o nome que oje tem da ilha dos mortos, fol. 126.

Capitolo 4. de como chegou a Dyo Mostafa Baxa com todos os mais Turcos que estauã em Xael, & fortificaraõ aquella ilha, & de como o Governador Nuno da Cunha cometeo a fortaleza de Dyo, & se retirou com dano, fol. 128.

Capitolo 5. da grande & cruel guerra que Antonio de Saldanha fez por toda a encada de Cambaya, fol. 130.

Capitolo 6. das defauenças que Accedecan teue com o Idalcan, & das preeminencias d'aquelle car-

go, & de como deu a elRey de Portugal as terras firmes de Salicet & Bardes, fol. 131.

Capitolo 7. das cousas que este anno socederaõ em Maluco, a te chegar Gonçalo Pereira, & da morte d'elRey Bayano, & das cruexas & deshumanidades que dom Jorge de Meneses vsou com os Ternateses, fol. 132.

Capitolo 8. da descripção de todo este mar do Levante, & quais saõ as verdadeiras ilhas de Maluco. E da diuisão dos cinco Archipelagos em que se reparte, & dos costumes & condiçoẽs de seus naturais, fol. 135.

Capitolo 9. do que se tem da antiguidade, & pouoação das ilhas de Maluco, com as aruores do crauo, & dos nomes que estas drogas tem por todo o mundo, fol. 137.

Capitolo 10. de muitas cousas notaveis que ha nestas ilhas de Maluco, & dos fogos que algũas lançaõ, fol. 139.

Capitolo 11. da armada que este anno de 31. partio do reino, & de como Manoel de Macedo se perdeu em Calecaré, & do que ali passou, & de como o Governador Nuno da Cunha partio com hũa grossa armada pera o Malauar: hã da grande batalha que dom Roque Tello teue cõ hũa armada de Calecut, fol. 141.

Capitolo 12. de como o Governador Nuno da Cunha chegou a Cha-

a Chale, & se viu cõ aquelle Rey, sobre o lugar em que lhe auia de dar pera fazer a fortaleza, & dos tratos que ouue entre elle & o Camorim sobre pazes, & de como se concluiuiraõ, & se começou a fortaleza, fol. 143.

Capitulo 13. da armada que o Governador Nuno da Cunha mãdou ao estreito de Meca, de que foi por capitãõ mor Antonio de Saldanha, & da guerra que Diogo da Sylueira fez por toda a costa de Cambaya, fol. 144.

Capitulo 14. do que o Governador Nuno da Cunha fez em Chale, & acabou aquella fortaleza, & a proueo de capitãõ: E das cerimoniaas que os Naires guardaõ no negocio das jangadas, & que consãtaõ amoucos, fol. 145.

## LIVRO OITAVO

### *Da quarta Decada.*

Capitulo primeiro das cousas que este anno passado acontecerã em Maluco, & de como os da terra mataraõ o capitãõ Gonçalo Pereira, & lhe socedeo Vicente d'Afonseca, fol. 147.

Capitulo 2. da armada que este anno de 32. partio do reino, & do que aconteceu a dom Esteuaõ da Gama na costa de Melinde: E da grande guerra que Diogo da Sylueira fez no reino de Cambaya, & de como destroyo as cida-

des de Por & Mangalor, fol. 149.

Capitulo 3. das cousas em que o Governador Nuno da Cunha proueo, & da grande armada com que partio pera o Norte, fol. 151.

Capitulo 4. do modo da fortificação da cidade de Baçaim, & de como o Governador Nuno da Cunha desembarcou nella, & a entrou, & destroyo de todo, fol. 152.

Capitulo 5. de como Diogo da Sylueira partio pera o estreito de Meca, & o Governador Nuno da Cunha pera Goa, ficando Manoel d'Albuquerque com hũa armada na costa de Cambaya, & do que lhe aconteceu, fol. 154.

Capitulo 6. das cousas que este anno acontecerã em Maluco, & do grãde aperto em que a Rainha pos a os da fortaleza, & de como lhe entregaraõ por partido seu filho el Rey Ayalo, & de como elle se passou a Tidore, & Vicente da Fonseca aleuantou por Rey seu irmão Tabãrija, fol. 156.

Capitulo 7. de como el Rey dõ Ioaõ despedio este anno de 33. tres armadas pera a India: duas em Março, & outra em Outubro de dez carauelas de que veyo por capitãõ mor dõ Pedro de Castello branco, & do que acõteceo a Diogo da Sylueira, que inuernou em Ormuz, fol. 156.

Capitulo 8. da rezãõ por que Soltaõ Badur mandou pedir ao Governador Nuno da Cunha que se

## TABOADA DA QVARTA DECADA .

se visse com elle, & da grande armada que se chamou das vistas, com que o Governador partio pera Dyo, & do desafio que ouue entre Manoel de Macedo & Rumécán, de tantos por tantos, fol 158.

Capitolo 9. da differença que ha entre os Rumes & Turcos, & por que se chamáo Rumes, & do que fez o Governador Nuno da Cunha, & de como Diogo da Sylueira foi com hũa armada ao estreito, fol. 159.

Capitolo 10. do que aconteceu a Diogo da Sylueira na viagem do estreito, & de como dõ Pedro de Castello branco chegou a Goa cõ as carauelas, fol. 160.

Capitolo 11. do que aconteceu a dom Esteuão da Gama a te chegar a Malaca, & de como LacXimena capitão d'elRey de Viantana foi dar vista a Malaca, & lhe sayo dõ Paulo da Gama, & da cruel batalha que tiueraõ em que dom Paulo foi morto & disbaratado, fol. 162.

Capitolo 12. de como dom Esteuão da Gama foi contra o Rey de Viantana, & lhe destroio a cidade de de todo, & dos proueitos que elRey tem das ilhas de Banda, & da calidade de seus fruitos, fol. 164.

Capitolo 13 das cousas que este anno socederaõ em Maluco, & dos senhores d'aquelle archypelago que se fizeraõ Christaõs, & de como Tristaõ de Taide prendeo

elRey Tabarija & o mandou a India, & aleuantou por Rey seu irmão Aeiro, & da crueldade que vsaraõ com sua mãy por lho não querer dar, fol 167.

Capitolo 14. da jornada que o Turco Soleimaõ fez contra o Xathamas Rey de Persia, & de como lhe entrou por seus estados a te a cidade de Tabris, & de como ao recolher deraõ os Persas sobre elle & o disbarataraõ: & de outras cousas, fol. 168.

## LIVRO NONO

*Da quarta Decada.*

Capitulo primeiro de como Martim Afonso de Sousa partio do reino por capitão mor das naos, & do mar da India, & de como o Governador Nuno da Cunha se fez prestes pera ir ao Norte, & dos recados que se passaraõ entre os Reys dos Magores & o de Cambaya, fol 170.

Capitolo 2. de como Soltaõ Badur mandou offerecer ao Governador Nuno da Cunha a cidade de Baçaim, & dos capitulos & cõdições com que ambos assentaraõ as pazes, fol. 171.

Capitolo 3. de como Soltaõ Badur foi contra o reino de Chitor, & tomou aquella cidade, & do que passou Simaõ Ferreira a te se ver cõ o Badur, & das cousas em que o Governador Nuno da Cunha proueo

## TABGADA DA QVARTA DECADA.

proueo a te se partir pera Goa, fol. 173.

Capitolo 4. da conjuraçãõ que ouue antre os senhores das ilhas de Maluco contra os nossos, & do grande aperto em que os poseraõ, fol. 175.

Capitolo 5. de como Hamau Paxa, Rey dos Magores foi buscar Soltaõ Badur, & lhe tomou os reinos de Chitor & Mandou, a que acodio Soltaõ Badur, & das grandes couardias que fez, & de como o Magor o destroyo, & desbaratou, fol. 176.

Capitolo 6. dos limites que o antigo reino do Guzarate tem, & donde naceo o erro dos Geographos lançarem o rio Indo dentro na enceeda de Cambaya, fol. 179.

Capitolo 7. de como Soltaõ Badur tratou de se ir pera Meca, & foi contrariado dos seus, & de como mãdou pedir soccorro ao Governador Nuno da Cunha contra os Magores prometêdolhe fortaleza em Dyo, & de como foi ter com elle Martim Afonso de Sousa, fol. 181.

Capitolo 8. da armada que este anno de 35. partio do reino, & de como o Embaixador de Cambaya chegou a Goa, & o Governador Nuno da Cunha mandou cõ elle Simaõ Ferreira pera assentar com o Badur o côtrato das pazes, & dos capitulos com que se concluirãõ, fol. 182.

Capitolo 9. de como o Gouer-

nador Nuno da Cunha se vio com Soltaõ Badur, & de nouo confirmaraõ as pazes, & se começou a fortaleza: & de algũs socorros que o Governador deu ao Soltaõ Badur contra os Magores, fol. 184.

Capitolo 10. de como Hamau Paxa Rey dos Magores se recolheo pera seus reinos, por lhe entrar por elles hum Rey dos Patanes, & de como Soltaõ Badur o foi seguindo, indo em sua companhia Martim Afonso de Sousa, & do que lhe na jornada aconteceu, fol. 186.

## LIVRO DECIMO

### *Da quarta Decada.*

Capitolo primeiro da origem & principio dos Magores, & Tartaros, & prouincias que posuirãõ: & do tempo em que receberam a ley de Christo nosso Redentor, & de como entre elles se constituyo a dinidade do Preste Joaõ, que chamaõ das Indias, & de como se trespassou no Emperador da Ethyopia, fol. 188.

Capitolo 2. que trata de como estes Reys Christaõs cõquistaraõ o Turcstan, & das gentes que lhes foraõ fogindo a te Asia menor, de que se senhorearaõ, dandolhe o nome da graõ Turquia, & dos Reys dos Magores que ouue des do graõ Tamorlaõ a te este Hamau Paxa, fol. 191.

Capitolo 3. da rezaõ por que se

## TABOADA DA QVARTA DECADA .

se recolheu Hamau Paxa, & largou o reino de Cambaya, & de como se leuanto nas partes de Bengala hum Patane chamado Xircan, & dos estados que conquistou, & de como destruyo & desbaratou Hamau Paxá, & lhe tomou seus reinos fol 194.

Capitolo 4. que trata de como os mouros conquistaraõ o Decan, & de todos os Reys que ouue a te Ismael, que faleceo este anno de 35. em que andamos, & da antiguidade & nomes da ilha de Goa, & de como o Accedecan deu as terras firmes de Salfete & Bardes ao Governador Nuno da Cunha, fol. 196.

Capitolo 5. dos recontros que os nobres tiueraõ com os mouros, & de como dom Ioaõ Pereira pelejou coelles & os desbaratou, & das cousas em que o Governador Nuno da Cunha proueo em Dyo, fol. 200.

Capitolo 6 das pazes que dom Esteuaõ da Gama fez com el Rey de Viantana, & das cousas que acontecerã em Maluco todo este veraõ, & d'hum caso raro que acõteceo a hum d'aquelles senhores Christaõs, fol 202.

Capitolo 7. dos capitaens que o Idalcan mandou sobre as terras de Salfete, & da armada que este anno veyo do reino, & de como dom Gonçalo Coutinho capitaõ de Goa passou a terra firme em busca dos imigos, fol 204.

Capitolo 8. de como dom Gonçalo Coutinho foi morto & desbaratado no Bory pellos capitaes do Idalcan, fol 205.

Capitolo vltimo dos recados que o Governador Nuno da Cunha teue de Dyo, & das pazes que fez com Accedecan, & lhe largou as terras firmes de Salfete & Bardes. fol 206.

F I M.

ERRATAS.

Folhas 3. column. 4. onde diz, se uão, ha de dizer, se não. fol. 10. colu. 3. onde diz, li, diga, lei. fol. 19. col. 2. Aluanarez, Alvarez. fol. 24. colu. 4. Eltrages, Estragos. fol. 25. col. 1. foião demandado, demandando. fol. 31. col. 4. pera 2 tempo, pera o tempo. fol. 35. col. 1. como amigo, como a imigo. fol. 35. col. 2. Governandor, Governador. fol. 51. col. 1. d'oquelle, d'aquelle. fol. 52. colu. 3. com que conuersamos, com quem. fol. 53. col. 1. com que, em que. fol. 56. col. 3. o padesse, o podesse. fol. 73. col. 3. derroa, derrota. fol. 89. colu. 3. a su vontade, a sua. fol. 118. colu. 2. a resto, o resto. Na mesma folha & col. a palgar, a palpar. fol. 121. colu. 4. diuidos, diuisos. fol. 129. colu. 3. que nha entrado, que tinha entrado. Na mesma folha & colu. Christindade, Christianidade. fol. 181. tonara cobrar, tornar. fol. 197. colu. 2. mortalmente, moralmente.

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA  
**CAPITULO PRIMEIRO**  
**DE COMO POR MORTE DO GOVERNADOR**  
**DOM ANRIQUE DE MENESES SOCEDEO NA GO**

**VERNANCA DA INDIA PERO MASCARENHAS,**

que estaua por capitão de Malaca: & do modo por que Afonso Mexia veador da fazenda abriu a terceira soçessão em que soçedeo Lopo Vaz de são Paio.



Añ.  
26.

**F**ALECIDO o governador dô Anrique de Meneses na fortaleza de Cananor, em fim de la neiro deste anno de 26. em que com o fauor diuino entramos, como no fim da terceira decada de loão de Barros se conta estando seu corpo depositado na capella da igreja, sendo presentes dom Simão de Meneses capitão de Cananor, Afonso Mexia veador da fazenda, Vicente Pegado Secretario do estado, o Lecenceado loão do Sourouuidor geral, dom Vasco Deça, Rui Vaz Pereira, dom Afonso de Meneses filho do conde de Cantanhede, Manoel de Brito, Antonio da Silua de Campo maior, Lopo de Misquita, & Diogo de Misquita ambos irmãos, Diogo da Silueira, Manoel de Maçedo, Antonio de Miranda d'Azeuedo, dom Vasco de Lima, Martim Afonso de Mello Jusarte, dom Iorge de Meneses, dom Antonio da Silueira, dom Iorge de Castro, Francisco d'Ataide, & outros fidalgos, & ca-

ualeiros. E presentes todos abriu o veador da fazenda hum cofre em que estauão guardadas as soçessãoens da gouernança da India, que crão tres, que trouxe com si o conde Almirante dom Vasco da Gama quando veio por visorei, que forão as primeiras que à India vierão: por que antes d'elle não auia esta ordem, nem nos podemos saber a que elrei dom Manoel tinha dado sendo caso que falecesse o gouernador da India. Por que nem loão de Barros, nem Damião de Goes o declarão. Aberto o cofre tirou o veador da fazenda delle a segunda soçessão, por que a primeira fora aberta por morte do mesmo conde Almirante, na qual tinha soçedido dom Anrique de Meneses, cujo corpo estaua presente: & dando a soçessão ao secretario elle a amostrou a todos pera que vissem que estaua serrada & selada com o selo das armas reais sem se nella bolir, nem tocar, & a deu ao capitão, & ao ouuidor geral pera que a examinassem bem, & elles a tornarão ao secretario que a abriu, & achouffe nella Pero

A Mas-

Mascarenhas, que estava por capitão de Malaca. Este alvará de socessão mostrava ser feito em Europa aos dez dias de Fevereiro de 1524. Nomeado Pero Mascarenhas por governador ficarão todos embarçados, por que não podia vir de Malaca se não d'ali a quatorze meses. E por que se não poderão logo determinar no que se devia fazer, enterrarão o corpo do governador dom Anrique de Meneses. A o outro dia se aiuntarão todos em casa do capitão, onde o veador da fazêda lhes fez hũa breve fala, em que lhes representava as necessidades em que o estado estava: assi pelas novas que avia de gales de Rumes, como pela guerra que estava aberta com Cambaya, & cõ o Camorim: pera o que era necessario tomar se determinação sobre aq̃lle negocio do governador pois Pero Mascarenhas estava tão longe. Sobre isto se moverão grandes alterações, sendo quasi todos de parecer que se esperasse por Pero Mascarenhas, & que entretanto se ordenassem regentes, que governassem em seu lugar. Estando a cousa assi baralhada em porfias, disse o Lecenceado Ioão do Souro que se se podera saber qual era o fidalgo da terceira socessão, que esse se poderia eleger pera aquelle negocio. Afonso Mexia deitando a orelha aquelle ponto disse, que mau seria senhores abrir se a terceira socessão, & entregar se este go-

verno aõ que nella estiuer, iurando primeiro todos os que aqui estão, que qualquer que se achar n'ella governará a India até vir Pero Mascarenhas, a quem atornara a entregar, & que tanto que elle chegasse, nenhum conheceria mais outro Governador senão a elle. Não pareceo mal aquillo a algũs fidalgos que cuidaõ poderião soceder n'aquelle lugar, dizendo que o melhor meyo que n'aquelle negocio se podera tomar, era aquelle: mas só dom Vasco D'eca reprovan do aquelle parecer falou muito alto dizendo: que nas soccessões da India senão podia bolir senão pella ordem que elrey mandava, que era por falecimento da pessoa que governasse o estado: & que Pero Mascarenhas que socedera per morte do governador dom Anrique estava viuo, & que abrindose outra socessão se daria materia a grandes diuissões, por que pella ventura que o homem que socedesse na outra via, não quereria depois entregar a India a Pero Mascarenhas, no que forçado avia de aver desconcertos, & bandos, porque Pero Mascarenhas era hum fidalgo muito cavaleiro, de grãdes merecimentos, & muito aparentado, & que das defauenças que disso socedessem, todos os que presentes estavam auiaõ de dar conta a elrey. Pareceo isto tambem a algũs que estauão do outro parecer, que se retratarão, & disserão, que aquillo que

que dom Vasco Deça tinha dito, era o que compria ao serviço de Deos, & d'elrey, & que elles erão do mesmo parecer: Mas o veador da fazenda como ficava então sendo a primeira pessoa da India, pellos poderes de seu cargo, disse: que elle tomava sobre si aquelle negocio, & que se abriria a socessão, & o que nella se achasse assinaría hũ auto em q̃ se obrigasse a entregar a India a Pero Mascarenhas, & q̃ elle veador da fazenda cõ todos os fidalgos & officiaes q̃ ali estauão farião hum iuramento solene, que lhe farião entregar a India tanto q̃ chegasse de Malaca. E logo o ouvidor geral deu iuramento a todos, q̃ obedecerião a Pero Mascarenhas tanto que viesse, & não ao que governasse pella terceira socessão porque não auia de ser governador mais que até sua vinda. D'isto tudo fez o secretario Vicente Pegado hũ auto, em que se assinarão todos, & juntos na igreja tirarão a terceira socessão, & abrindo a achouffe nella Lopo Vaz de São payo, que estaua por capitão de Cochim. Este alvara mostrava ser tão benfeyto em Euora, aos vinte & seis de Feureiro do anno de mil, quinhentos, & vinte & quatro, deza seis dias depois do de Pero Mascarenhas, & logo ali o veador da fazenda, & todos os que tinham assinado, no auto, tornarão a retificar o passado iurando de nouo de não obedecerem a Lopo Vaz mais

que até a hora que chegasse Pero Mascarenhas, a que logo farião entregar a India. Disto tornou o secretario fazer outro auto, em que todos se tornarão a assinar que foi feito aos tres de Feureiro de mil quinhentos, & vinte seis. E logo se embarcarão todos pera Cochim pera irem entregar o governo a Lopo Vaz de São Payo.

### CAPITULO II.

*De como Affonso Mexia entregou a India a Lopo Vaz de São Payo, & de como o governador se partio pera Goa, & da grande victoria que ouue d'ũa armada do Camory, no rio de Bacanor.*



**D**OVCOs dias puzerão o veador da fazenda, & todos aquelles fidalgos a té Cochim, & desembracando em terra se ajuntarão logo na see onde mandarão chamar Lopo Vaz de São Payo, & o veador da fazenda lhe deu conta do que estava assentado, & lhe leu os autos & iuramentos que estauão feitos entre todos aquelles fidalgos, & capitães; primeiro que se abrisse a terceira socessão em que elle estava, notificandolhe o modo de como auia de ter o governo, que era até vir Pero Mas-

A 2 carenhas,

carenhas, aquem todos auião de obedecer, como a verdadeiro governador. E aceitando Lopo Vaz a socessão por aquelle modo, logo ali se lhe deu iuramento em hum missal, que tanto que Pero Mascarenhas viesse lhe entregaria a governança, & elle ficaria depois como pessoa priuada, & debaixo de sua iurdição, & de tudo isto fez o secretario otro auto em que se Lopo Vaz asinou, & com elle o veador da fazenda, fidalgos, capitães, & todos os officiaes da justiça, & fazenda, os quaes tornarão a iurar de nouo de obedecer a Pero Mascarenhas, tanto que chegasse de Malaca. Acabado este auto foi logo Lopo Vaz entregue da governança da India, dando a omenage d'ella pella forma acustumada, nos reinos de Portugal, declarãdo n'ella que governaria ate chegar Pero Mascarenhas, que era o legitimo governador, a quem logo a entregaria. D'aqui por diante começou Lopo Vaz de saõ Payo a correr com suas obrigações, & a primeira cousa em que proueo foi na capitania de Cochim, que deu a dõ Vasco Deça, & em despachar pera Bengala Ruy Vaz Pireira, aquem deu aquella viagem, que era de muito proueito. E dando ordem a muitas cousas embarcouffe com muita pressa por ser auisado que no rio de Bacanor estava hũa grande armada de Calecut, de que era capitão Cotiale marca mouro

grande coffairo. Leuaua o governador algũs galeões, de que erão capitães Diogo da Sylueira da Tereua, dom Affonso de Meneses, dom Pedro Manoel, Manoel de Brito, Manoel de Macedo, Antonio da Sylua, Diogo de Mesquita, Lopo de Mesquita, a fora alguns catures & nauios de remo cuja copia & capitães não achamos. O governador hia embarcado na galebasta de que era capitão dom Vasco de Lima, com toda esta armada se fez a vella a dezaseis de Fevereiro: & tomando Cananor achou cartas de dom Iorge Tello, & de Pero de Faria que estauão com dous galeões no Malauar, em que lhe fazião a saber que ficauão sobre a barra do rio Bacanor, & que tinham d'entro encerrada hũa armada do Camori de mais de setenta vellas, em que auia mais de tres mil mouros, & que estauão fauorecidos de hum capitão d'elrey de Narsinga, cuja a terra era, que tinha derredor de vinte mil homens. Tanto que o governador vio as cartas, & que soube o poder dos imigos, vendo que em toda a sua armada não aueria mais de setecentos homens, despedio hum catur muito ligeiro pera Goa com cartas a Christouão de Sousa, & a Antonio da Silueira, que la estauão com seus galeões, pera que logo se fossen pera elle: & despedio Manoel de Brito no seu galeão pera que se fosse ajuntar com dom

Iorge

Jorge, & Pero de Faria, no rio de Bacanor, pera que a armada dos inimigos não pudesse sair pera fora. Partidos estes navios tomou o governador alguns mantimentos, & agoa, & logo se fez a vella. Cotizale capitão mor da armada Malauar, logo foi auisado de como o governador era partido de Cochim em busca d'elle, & não se atreuyendo a pelejar com os galeões que estauão sobre a barra, determinou de o esperar em terra, pera o que mandou com muita breuidade fazer defronte da cidade, onde tinha a armada, algũas tranqueiras, em que aqestou muita artelharia, & no rio d'hũa & d'outra parte mandou atraueffar muitas estacadas de paos grossos para impedir a passagem aos nossos navios, deixandolhe pello meyo hũ canal tão estreito, que não pudessem por elle entrar senão hum & hum a fio, para das tranqueiras os meterem no fundo, & de hũas escracadas as outras mandou atraueffar viradores grossos por debaixo da agoa, para que os navios encahassem nelles. O governador foi seguindo sua viágẽ até chegar a Bacanor, onde forgio & soube d'aquelles capitães o modo de como os inimigos estauão fortificados, fazêdolhe a entrada duuidosa, mas o governador como era muito caualeiro, & fora de todo o medo, sem embargo de todas as difficuldades que lhe representauão, deter

minou de entrar o rio, & pelejar com os inimigos em terra, sem esperar pellos capitães q̃ tinha mandado chamar a Goa, & mandou logo ordenar em quatro bateis grandes & fortes mâtas, & arrombadas, & em cada hũ mādou meter hũ camello de marca grãde pera bateré as estácias: & pondo este negocio em cõselho disse nelle a todos os capitães, q̃ a elle lhe parecia bê cometer os inimigos sem esperar pella armada de Goa, porq̃ não era credito do estado deixarse estar sobre aq̃lla barra sem a entrar, & ir cometer os inimigos em suas tráqueiras, por q̃ auerião elles q̃ os receaua, que o estado da India não se auia de sustentar & dilatar, senão com a reputação, & opinião com que se ganhou, a qual tanto que os portugueses a perdessem com os inimigos, logo se perderia tudo, & que sobre isto lhe podião liuremente dizer o que lhes parecia. E votando aquelles capitães forão todos de parecer, que se não arriscasse o estado da India em hum feito tão duuidoso, & em que nada se ganhaua, antes se perderia muito acontecendo hum desastre que o tempo não fugia, que os inimigos d'entro os tinhão seguros, que se esperasse pellos capitães que tinha mandado chamar a Goa, & que então se cometessem os inimigos, & que Deos lhe daria a vitoria, mas que era necessario terse primeiro alguns comprimentos com o capi

tão d'elrey de Bisnaga que ali estava, pois era amigo do estado. Alguns cuidarão, que algũs d'estes capitães de inueja de Lopo Vaz gouernar a India lhe querião tirar aquelle vitória & honra das mãos. E Fernão Lopez de Castanheda diz que andauão os mais d'elles pejudos no gouernõ de Lopo Vaz, porque cuidaua cada hum que lhe cabia aquelle lugar milhor que a elle: o que parece foi imaginação, porque primeiro que Lopo Vaz fosse entregue da India, podião elles estoruallo, por serẽ muitos, & muito principaes fidalgos, que se quiserão, não consentirão a Afonso Mexia o que fez, nem aceitarão em Cochim a Lopo Vaz por gouernador: mas a verdade he, que o feito era temerario, que na vitoria todos auião de ter tamanho quinhão como Lopo Vaz. Vendo elle todos aquelles capitães d'aquelle voto, disse, que ficasse a cousa sem se resumir a té ver o rio, o que elle em pessoa queria fazer de madrugada, & até mandar recado ao capitão d'elrey de Bisnaga. E logo despedio hum mouro que se lançou em terra com recado a aquelle capitão, em que lhe fazia a saber, que elle era ali chegado pera pelejar com aquella armada do Camori, que era imigo do estado da India, & que soubera estar elle capitão aly, & como elrey de Portugal era grande ami-

go do de Bisnaga, & elle como quem estava em seu lugar não queria deseruilo em nada, lhe pedia que lhe mandasse entregar aquelles nauios que estauão dentro, pois erão de mouros seus imigõs, senão que soubesse de certo que os auia de ir buscar, & que não quisesse elle romper a paz que estava feita entre seus Reys, porque o de Bisnaga não se aueria por seruido d'elle. Este recado se deu ao capitão, que respondeo que aquella armada se recolhera n'aquelle rio, & que não era licito entregala elle pois se recolherão aly debaixo do emparo & fauor d'elrey de Bisnaga: & que ainda que elle os quisesse entregar os mouros estauão tão fortes que se uão atreuia com elles: que se elle os queria ir toniar que muyto bem o podia fazer, por que elle se não fariã da sua cidade, nem lhe daria fauor & ajuda. Esta resposta veio ja de noite, com o qual o gouernador se determinou de ir pelejar com os mouros. E sendo meio quarto d'alua rendido escolheo tres catures os mais ligeiros de todos, & embarcandosse em hum leuou cõsigo os outros, dos quaes erão capitães Manoel de Brito, & Payo Roiz Daraujo, & com a enchente foi entrado pello rio, & notando o modo das estacadas: isto não pode ser em tanto silencio, q̃ não fossem sentidos dos mouros, que

que descarregarão n'elles hũa tempestade de bombardadas, que lhe não fizeram dano, por irem os catu res cofidos com a terra. O governador foi passando por todos os pelouros até chegar a ver as tranqueiras que esteue reconhecendo a sua vontade sem as bombardadas que chouião sobre elle o diuertirem. Depois de bem notado tudo tornou a voltar pello rio abaixo, & mandou por homens de confiança cortar os cabos que atraueffauão as estacadas deixando o caminho desimpedido. Chegada a armada mandou chamar os capitães & lhes deu contado que vio, facilitando-lhes a desembarcação, & victoria, mas nem com isso deixarão de lhe dizer, que se esperasse pella gente de Goa, com o que o governador sobre esteue, porque não quis cometer este feito contra vontade dos homens, por que o gosto & o desgosto d'elles, algúas & muitas vezes da & tira a victoria: mas todavia não tardarão os de Goadous dias que não chegassem, trazendo Christouão de Sousa, & Antonio da Sylueira, nos seus galeões, de ventagem de trezentos homens. O governador fez nouo ajuntamento, & tornou a tratar o negocio d'ado de nouo enformação do que vira, para aquelles capitães que erão chegados de nouo saberm o que passaua. E tornando a votar sobre aquillo, forão os mais dos primeiros de parecer, que se a-

uia de dissimular com aquelle negocio, así pello feito ser temerario como por não romper cõ o Rey de Bisnaga, cuja a terra era, mas Christouão de Sousa, & Antonio da Sylueira differão que em nenhũ modo deixassẽ de cometer os inimigos de toda a maneira que estiuessẽ, ainda que se arriscasse tudo, porque se deixassem de o fazer, cobrarião os mouros tanto bico, que os iriã cometer d'entro a Goa q̃pera o governador da India dissimular não auia de tomar aquella barra, mas ja que estaua sobre ella, & tinha mandado recado ao capitão d'elrey de Bisnaga de comprimentos, que não conuinha ao credito & reputação dos portuguezes, & do estado, deixar de cometer os inimigos. Assentado nisto, em que quasi todos tornarão a cõformar, deulhes o governador recado que se fizessem prestes para o outro dia que erão vinte & cinco de Feuereiro, ordenando ali cõ os capitães o modo que se auia de ter na desembarcação, que auia de ser por esta maneira. As quatro barcaffas na dianteira, para inuistirem as estacadas, & baterem as tranqueiras, & nellas pos capitães de muita confiança, de que não acho os nomes mais q̃a Manoel de Brito, & Payo Rodriguez D'araujo. Apos os bateis auia d'entrar o capitão mór do Malauar dom Jorge tello, com todos os nauios de remo, os capitães dos galeões

galeoës em seus bateis, & em outros nauios, & detras de todos o governador com alguns capitães velhos. E fazendosse todos prestes no quarto d'alua forão entrando o rio com grande estrondo de pifaros, tambores, trombetas, & outros instrumentos de guerra, passando as barcaffas pellas estacadas fazendo caminho aos catures a té pojarem de frente das tranqueiras indo rompendo por meyo de nuës de bombardadas, & espingardadas, & frechadas, & pondosse a tiro de espingarda começarão a bater as estancias dos mouros, em que fizeraõ grãde dano atè chegar toda a armada. Dom Iorge tello que leuaua a dianteira endereitou com a terra por meyo d'aquella infernalidade, indo ja de mestura com elles Manoel de Brito, & Payo Rodriguez D'araujo, que se passarão a nauios pequenos deixando as barcaffas a bataria, & pojando em terra saltarão dos dianteiros Manoel de Brito, & Payo Rodriguez com hũa companhia de soldados, & apos elles o capitão mor com perto de quinhétos homês, & postos em terra acharão os mouros fora das tranqueiras que os esperauão com grande determinação, & trauando com elles hũa fermosa batalha, em que ouue dano de parte a parte, forão os nossos lançandoos imigos do campo & metendoos pellas tranqueiras, onde se defenderão com

muito valor muito grande espaço. Mas como os nossos hião cõ aquella furor & determinação, passando por todos aquelles empedimentos, & riscos, caualgarão as tráqueiras, onde fizerão nos imigos grande estrago, & vendosse tão apertados largarão tudo, & acolherãose a cidade que estaua hũ pouco pello sertão: na qual estaua o capitão d'elrey de Narsinga com toda a gente posta em armas pera a defender, se os nossos a quisessem cometer. O governador que vio nossas bãdeiras aruoradas nas tranqueiras chegou a ellas, & mandou tocar a recolher, & disse a os fidalgos velhos q̄ se posessem nas portas que hião, pera o certão pera q̄ não deixassẽ sair ningẽ fora, por q̄ receou q̄ ouuesse algũ desarranjo, & q̄ quisessem os soldados seguir os mouros atè a cidade onde estaua o capitão d'elrey de Narsinga. ja que lhe elle teue tanto respeito que não sayo d'ella. Depois de ter isto seguro, mandou dar fogo as tranqueiras, & a todas as embarcações dos mouros, & a hum grande almazem de todas as drogas que estauão pera carregar, mandando embarcar oitenta peças de artilheria que auia nas tranqueiras, & nauios. Feito este negocio, que foy hum dos grandes da India, & de menos perda, porque não morrerão mais de quatro portuguezes embarcouffe o governador, & deu a vella

a vella pera Goa. Andaua n'este tẽpo d'armada nas ilhas de Maldiuia Jorge Cabral, q̃o governador dõ Anrique tinha despedido de Cochim a esperar as naos de Meca, como se ve na terceira Decada de Ioãõ de Barros, andando este fidalgo entre aquellas ilhas, chegara õlhe nouas de Cochim da socessão de Pero Mascarenhas, & como era muito seu amigo, determinou de o auisar, & entregando a armada, que era de sete nauios de remo a hum dos capitães, elle na sua galéota deu a vella pera Malaca, & de sua jornada a diante daremos rezão.

### CAPITULO III.

*Do que o governador passou em Goa com Francisco Desa, capitão d'aquella cidade, sobre o não querer receber nella & de algũs capitães que despachou pera fora, & de como o governador partio pera Ormuz.*

**E**STAVA por capitão da cidade de Goa hum fidalgo velho de muitos seruiços chamado Francisco Desa veador da fazenda da cidade do Porto, filho do segundo Ioãõ Rodriguez Desa Alcaide mor d'aquella cidade, & senhor de Matosinhos, & das terras de Seuer, Baltar, & Paiua. O qual Francisco Desa tinha elrey dom Ioãõ mandado em companhia do conde Al

mirante, quãdo veio por visorrei, para ir fazer hũa fortaleza no porto da Sunda, por ser auisado, que em Seuilha se tratava de mandar fazer ali outra por caso do trato da pimenta, por ser ali hũa grande escala d'ella. E por que o conde Almirate não teue tempo de o auiar, quando socedeo o governador dõ Anrique lhe deu a capitania de Goa. Este fidalgo como era grande pessoa na India, sabendo o que se fizera em Cananor nas socessãos, & como o veador da fazenda sem consultar os fidalgos & capitães da India abriera a terceira socessão, estando declarado na primeira Pero Mascarenhas, teuco muito a mal, & ouue q̃ Afonso Mexia tomarã mais do que era seu, & que fora cõtra o seruiço d'elrey: & consultando estas cousas cõ os vereadores da cidade, & cõ as pessoas principaes d'ella assentarão que o veador da fazenda, no abrir da terceira socessão tinha defacertado, & que não estauão obrigados a obedecer por governador da India, senão a Pero Mascarenhas. Concluidos n'isto, sabẽdo q̃ Lopo Vaz hia pera aquella cidade, assentarão de o não recolherẽ, & de lhe fazerẽ seus protestos, porq̃ o não conhecião por governador, porq̃ não estauão obrigados, nẽ por juramẽto, nẽ por algũa outra couisa a isso: & assi fecharão as portas da cidade, & poserão n'ellas grandes guardas & vigias, & mandarão por hũa fusta na barra com hum

hū tabalião para nōtificar a Lopo Vaz o que estaua assentado, nō tardou muitos dias que elle nō chegasse, & entrando pello rio lhe sayo o nauio, & o official lhe notificou hū protesto que leuaua, requerēdohe que nō entrasse d'entro, que o nō auião de recolher na cidade, porque nō conhecião por gōuernador senão a Pero Mascarenhas, q̄ era feito por elrey, & nō a elle q̄ era feito pello veador da fazenda, sem ordem nem instrução d'elrey. Lopo Vaz ficou enfadado, & sem respōder cousa algũa foi entrado pello rio acima a té surgir de frente da cidade. Aly lhe tornaraõ a fazer o mesmo requerimēto, & elle mandou outro a cidade, nõ que se gastou grande espaço, resumindosse os da cidade em lhe nō abrirem as portas. Os fidalgos & capitães da companhia de Lopo Vaz vēdo a cousa d'aquella feição, requeando hum desastre, cometerão aqueile negocio a Christouão de Sousa, por ser hū fidalgo muito respeitado de todos: & desembarcando em terra foisse ver com a cidade, & com o capitãb, que estauão postos em armas, & de tal maneira os persuadio, que os abrandou, & consentirão na entrada de Lopo Vaz, que logo desembarcou, & se aposentou em terra, & começou a correr com as cousas do gouerno. E por que se receou que vindo Pero Mascarenhas fosse Frãisco de Sa da sua parcialidade determinou

de o fastar de si, & tratou logo com elle de o mandar a Sunda, a fazer a fortaleza que elrey mandaua: & porque achou tambem cartas d'aquelle Rey, em q̄ pedia ao gouernador da India, que mandasse fazer hūa fortaleza n'aquelle sítio, que lhe daria para ella sitiado, & todo o necessario, porque desejava muito de ter comercio & amizade com os portuguezes: Frãisco Desafolgoou muito cō a jornada pois viera do reino assinado por ella, & assi fez seus apontamentos, concedendolhe o gouernador tudo o que lhe pediu, que foi hū galeão, hūa nao, duas carauelas, duas galeotas, cinco fustas, & quatro centos homens. Com esta armada começou a correr Frãisco Desaf, & Lopõ Vaz deu a capitania de Goa a Antonio da Sylueira, que depois teue aquelle espantoso cerco de Dio, o qual antes de Lopo Vaz soceder no gouerno o tinha desposado cō hūa filha sua por palairas de futuro. E porque dō lorge de Meneses filho de dom Rodrigo de Meneses estaua prouido pelo gouernador dō Anrique da capitania de Maluco, o despachou pera ir entrar nella dandolhe dous nauios cō cem hōmēs, & muitos prouimentos: & cō elle pera capitão mor daquelle Archipelago, Simão de Sousa Galuão filho de Duartē Galuão. E porter ja recado q̄ lorge Cabral era partido pera Malaca, & que ficauão aquelles canaes das ilhas

ilhas de Maldiua sem guarda, despachou com muita pressa Martim Afonso de Melo Iusarte, a que deu hũa armada de cinco fustas & hũa carauela em que elle hia. Todos estes capitaes despedio em Março, indo dom Iorge debaixo da capitania de Francisco de Sa a te Malaca. Partidas estas armadas, vendosse o governador vago, determinou de ir a Ormuz a temperar as cousas de Diogo de Mello com o guazil Rax Xaraso, por lhe virem cartas que o tinha prezo, auexado, & tyrannizado sobre o que ja o governador dom Anrique lhe tinha escrito, sem lhe dar nada de suas cartas, nem se moderar em sua condição, por ser hũ fidalgo forte de natureza, tinha prezo o guazil em hũa asperissima prisaõ debaixo de hũa escada, em tẽpo das calmas de Ormuz, (cuja quentura se ha cousa na terra que se possa cõparar a hũa semelhaça do inferno, aquella só o hẽ) não lhe dando de comer senão muito mal, & de beber pior. O que lhe não perdoarão os praguẽtos da India, em hũs porques que fizerão, falando hũ com Diogo de Mello, sobre o que Xaraso, & elrey Dormuz, escreuerão muitas cartas ao governador dom Anrique, que forão aquella moução ter as mãos de Lopo Vaz. E pa recendolhe que lhe conuinha acudir aquellas cousas primeiro que viesse Pero Mascarenhas, porque o conhecia por homem muito in-

teiro na justiça, & que não auia de sofrer aquellas cousas a Diogo de Mello, que era seu tio irmão de sua mãy, determinou de o jr fazer amigo com o guasil, & atalhar aquellas desordens. Esta ida pos em conselho dos capitaes, que lho estranhão, lembrandolhe que o Malauar estaua de guerra & que se falaua em galez de Rumes, & que era necessario, se fossẽm as nouas çertas, tomarẽno em Goa, pera se preparar contra ellas, & não fora da India, & em parte que não podia vir senão com mouções, no que se arriscaua a muito: mas sem embargo d'estas rezões se embarcou, deixando nomeado por capitão mor do mar a Antonio de Miranda d'Azeuedo a quẽ deixou todos os nauios de remo, & elle por fim de Março se fez a vella, leuãdo a galẽ bastarda, de que era capitão dom Vasco de Lima, em que elle hia embarcado, & quatro galeões, de que erão capitaes dom Afonso de Meneses, Diogo da Sylueira, Manoel de Macedo, & Maõnel de Brito, despachando primeiro Christo uão de Sousa pera ir entrar na capitania de Chaul, de que era pro uido.

### CAPITULO IIII.

*Do que aconteceu a Eitor da Sylueira no estreito de Meca, & de como foi ter a Maçua, & mandou buscar dom Rodrigo de Lima ao Preste Ioão, & do que lhe soçedeo na viagem ate Ormus.*



A terceira Deca-  
da de Ioão de  
Barros se conta,  
como o governa-  
dor dom Anri-  
que de Meneses,  
primeiro que faleceffe, despedio  
pera o estreito de Meca Eitor da  
Sylueira por capitão mor de hũa  
armada grossa, leuando por regi-  
mento, que fosse esperar as naos de  
Meca a monte de Felix, & que aly  
esperasse por elle a té meado Mar-  
ço, (por que tinha elle determina-  
do ir aquelle estreito por auer no-  
uas de galez.) E que tardando elle  
até então, se fosse a Maçua esperar  
dom Rodrigo de Lima, que esta-  
na por embaixador na corte do  
Emperador da Abassia, ao qual ti-  
nha escrito que este Abril o man-  
daria buscar, & depois de o reco-  
lher se fosse inuernar a Ormuz.  
Partio Eitor da Sylueira & sem a-  
char contraste chegou ao cabo de  
Gardafui, onde se deixou andar a  
té meado Março, sem lhe aconte-  
cer cousa digna de escriptura: & ven-  
do que o governador tardaua, por  
comprir com seu regimento se fez  
a vella, & entrando as portas do es-  
treito foi demadar a ilha de Da-  
leca onde chegou o primeiro de  
Abril: dali despedio hum correio  
com cartas a dom Rodrigo de Li-  
ma, em que lhe fazia a saber de  
sua chegada, & de como o espera-  
ua aly. Esta carta mandou ao ca-  
pitão de Arquico, pera que lha des-

se, ou mandasse. Estaua dom Ro-  
drigo de Lima em Barua, onde a-  
uia pouco era chegado com hum  
embaixador do Emperador de E-  
thyopia chamado Zagazabo, o  
que tinha despachado pera ir a  
Portugal com cartas, & presentes  
para elrey dom Ioão, & pera dali  
passar a Roma, em companhia do  
padre Francisco Alvarez, a quem  
vinha entregue pera o apresentar  
a sua Sanctidade, pera em seu no-  
me lhe dar obediencia, como filho  
Catholico. Estauão dom Rodri-  
go & os mais muito tristes recan-  
do ouuesse algum estoruo a inda  
este anno, pera não ir a armada por  
elles, como o governador lhe tinha  
prometido, & d'aly despedirão  
dous Portugueses, pera estarem  
no porto de Arquico, esperando a  
armada, que auia de vir da India,  
pera tanto que a vissem lhe man-  
darem recado. Estando estes vigiã-  
do o mar chegarão aquelle porto  
hũas naos dos mouros com gran-  
des festas, & tangeres, dando por  
nouas que os Portugueses erão to-  
dos mortos, & que tinham perdi-  
da a India. Com estas nouas que  
pella terra se espalharão ouue grã-  
des alegrias, & aluorossos entre os  
mouros. Os Portugueses que aly  
estauão tanto que virão as festas,  
& ouuirão as nouas, com grande  
dor & tristeza de seus corações, se  
partirão logo pera Barua, & as de-  
rão a dom Rodrigo de Lima. Era  
este dia do sabbado sancto vespo-  
ra de

ra de pascoa, em q̄ todos estauão mūy aluorossados pera festejarem a resurreição do senhor, & em ouuindo as nouas así ficarão cortados, que como homens pasmados não sabião o que fizessem, mas como ja não auia outro remedio, fizeram seus discursos, assentado de se tornarem pera a corte do Preste João, & ali acabarem suas vidas, & buscarẽ recolhimento & quietação conforme ao que lhes o tempo offerecesse, mas como Deos nosso Senhor pay de misericórdia, & cõsolação, via q̄ seus seruos andauão em seu seruiço naquella Christianidade tão escõdida ao mūdo, não quis q̄ sua tristeza durasse muito, & ordenou q̄ o dia de pascoa, a noite, dia todo de merces suas, lhes viessem diferentes nouas, q̄ forão, ser chegada a nossa armada a Macua, & logo apos ellas chegarão as cartas de Eitor da Sylueira, com o que todos como doudos de alegria não sabião o que fizessem. Dõ Rodrigo quisera logo partir, mas o padre Fracisco Alvarez lho impedio, dizendo, que pois Deos n'aquelle dia lhes fizera hũa tão assinalada merçe, que esperassem ate passarẽ aquelles dias de festa, em que era rezão deffem muitas graças ao altissimo Deos, pois em tẽpo de tanta magoa & dor (como tão pouco auia tiuerão) lhes mandara nouas tão alegres. Passada a pascoa em q̄ todos se confessarão & comungarão cõ grandes alegrias das almas

& dos corpos, logo se puserão ao caminho hum dia que foi aos noue de Abril, indo o Visorrey de Barua em sua companhia com mil homẽs de mullas, & algũs poucos de caualo. Aquelle dia forão dormir a Darigil hum pouo duas legoas de Barua, ali se costumauão as segundas & terças feiras ajuntar as cafilas que auião de ir pera Arquico, por amor dos alarues que ha muitos por aquelle caminho: aqui se ajutarão dous mil homẽs, & todos juntos forão caminhando pera Arquico, que era quatorze legoas de jornada. Neste caminho galtarão ate o sabbado seguinte, & chegando a Arquico aposentaram se fora por ser noite, porque quis o Visorrey entrar com elles de dia, & entregalos ao capitão mor. Ao outro dia chegarão a praya, onde Eitor da Sylueira os recebeu com grãdes festas, saluas de artelharia, & cõ todos os instrumentos de paz, & de guerra. O Visorrey lhe entregou dom Rodrigo de Lima, & o embaixador Zagazabo, & todos os portugueses, & os presentes q̄ leuauão así pera o governador, & Rey de Portugal, como pera o summo & santo Pontifice. Eitor da Sylueira despedioffe logo do visorrey, que mandou dar a armada cincoenta vacas, muitos carneiros, galinhas, & outros mantimentos, & a oito de Abril derão à vella, & forão seguindo sua viagem, & ao primeiro de Mayo chegarão a ilha

de Camarão, pera fazeré agoada. Ali desenterrou o padre Francisco Alvarez muito secretamente a of-  
sada de Duarte Galvão, que elle  
mesmo tinha enterrada, como na  
terceira decada se disse, & a embar-  
cou no galeão em que hia, cõ ten-  
ção de a levar ao reyno: d'ali se fi-  
zerão a vella, para irem enuernar a  
Ormuz como leuauão por regi-  
mento: & deixalosemos em sua  
viagē, por continuarmos cõ a do  
Gouernador q Partido logo Lopo  
Vaz de saõ Payo de Goa, como a-  
tras dissemos, foi atrauessando o  
golfo de Ormuz, em q achou grã-  
des calmarias, q forão causa de gas-  
tar muitos dias, & lhe mòrrer mui-  
tã gēte, & entrãdolhe o tempo, foi  
ferrar o porto de Calayate, cujo  
Xeque estava aleuãtado contra os  
portugueses por mandado d'el Rey  
de Ormuz, & de Rax Xarrafo, porq̃  
pellas auexassoēs que padeccio, &  
recebião de Diogo de Mello, escre-  
uerão a toda aquella costa q se le-  
uanta sē cõtra os portugueses, que  
foi quasi outra como a que o mes-  
mo Xarrafo fez em tēpo do gouer-  
nador dõ Duarte de Meneses (co-  
mo na terceira decada de João de  
Barros se conta.) Lopo Vaz tanto  
q soube do negocio, pezoulhe em  
estremo das desordēs de Diogo de  
Mello, & tratou de quietar o Xe-  
que, o que fez cõ lhe afirmar que  
a nenhũa outra cosa ya a Ormuz,  
mais q a soltar Xarrafo, & a lhe fa-  
zer justiça, & pera castigar Diogo

de Mello se o mereçesse: Com isto  
se compos o Xeque, & se quietou  
mandando refreĩcos ao Gouerna-  
dor. Fazēdosse d'ali a vella chegan-  
do a agoada de Teiue, achou o ga-  
leão de Francisco de Mēdoça, hũ  
dos capitaēs da conserua de Eitor  
da Sylueira, q com tēpo se apartou  
da armada: d'elle soube as nouas  
de dõ Rodrigo de Lima, & do em-  
baixador qõ Emperador da Ethyõ-  
pia mandaua a Portugal, do q le-  
uou estranho contentamēto, & to-  
mando o galeão consigo foy ter a  
Mascate, que tambem estava ale-  
uantado, & trabalhou por quietar  
o Xeque como fez, & deixando tu-  
do pacifico chegou a Ormuz, on-  
de foi mũy bem recebido do capi-  
tão, & se agasalhou na fortaleza.  
A primeira cousa que fez foi man-  
dar soltar Rax Xarrafo, & leualo  
diante de si, & fazendolhe muitas  
hõras lhe disse, que elle era ali vin-  
do a lhe fazer justiça, que a reque-  
resse contra Diogo de Mello, que  
sem embargo de ser seu tio, lha a-  
uia de fazer muito inteiramente.  
O Gouernador foi dahi a tres dias  
visitar el Rey D'ormuz, affirman-  
dolhe que não ya áquella forta-  
leza a mais que a fazer justiça ao  
Guazil, & a castigar Diogo de  
Mello. O Guazil tanto que sou-  
be que o Gouernador era sobri-  
nho do capitão, & que o punha a  
cabiçeira da sua mesa, ouue q lhe  
não faria justiça em nada, & fa-  
zendo da necessidade virtude, dis-  
se a

se ao Governador a segunda vez que o visitou, que elle não queria couza algũa de Diogo de Mello, que lhe pedia o fizesse amigo com elle: o Governador chamou Diogo de Mello, & o reconciliou com o Guazil, & elle lhe pediu muitos perdões, & teue com elle muitos comprimentos.

### CAPITULO V.

*Do que aconteceo a Eitor da Sylueira na viagem ate Ormuz, & de como o Governador recebeu o embaixador do Preste João.*



**P**ARTIDO Eitor da Sylueira da ilha de Camarão, foy nauegando dez dias com vento em popa a te sairé do estreito pera fora: & na paragem de Adem lhe deu hũ tempo tão rijo, & forte, que não poderão sofrer as vellas, & có sós os papafigos forão correndo a vontade dos vêtos: & a segunda noite q̄ foi de grãdissima çarração se apartou toda a armada, & foi cada hũ correndo pera sua parte a Deos misericordia, & quasi alagados. Durou lhe este trabalho quatro dias, nos quaes o galeão saõ Leão perdeu o batel com hũ grumere Frâçes, não dormindo em todos elles pessoa algũa, porq̄ não largarão os aldrops das bôbas das mãos, por irem alagados, & desaparelhados de feição,

que quasi yão desconfiados: mas Deos que sempre acode nas mores necessidades os encaminhou ate embocaré o estreito da Persia, do cabo de Iasques pera dentro, & o primeiro que foi tomar a agoada de Teiue foi Françisco de Mendonça, que ali tinha chegado poucos dias antes do Governador, que ali o achou, como atras dissemos. Os mais nauios tirádo o capitão mor forão tomar Mascate a vinte & oito de Mayo. O capitão mor com quem ya embarcado dô Rodrigo de Lima, & o embaixador Abexi, foi corrédo tempo com o mesmo trabalho que os outros, governando se tão mal, que não podédo tomar o estreito da Persia, foi correndo com os ponêtes pera a costa da India com tenção de tomar terra a onde podesse: & quando cuidou q̄ ferasse a costa de Chaul, achouse na enççada de Cambaya ja com o inuerno çerrado, pello que lhe foi forçado tornar a voltar pera Ormuz, o que fez com muito trabalho de todos, bordeando de hũa parte pera a outra, com os mantimentos ja gastados, & a agoa quasi de todo, por que com o trapear do galeão se lhe abrirão as vasilhas, & sendo ja entrada de Junho sem esperança de poderem tomar porto, ouuerão se todos per perdidos. Eitor da Sylueira sem mostrar hum ponto de desconfiança, animaua, & consolaua a todos, sendo o que dormia menos, &

comia peor, & o primeiro que fer-  
raua do trabalho, & todavia ven-  
doſſe taõ apertado tomou parecer  
com os officiaes sobre o q̄ fariãõ,  
& aſſentaraõ que ja ſenãõ podia ir  
demandar ſenãõ Ormuz, porque  
como o inuerno era entrado, & os  
ſudueſtes curſauaõ, ainda que foſ-  
ſe com trabalho, que melhor era  
marear para la. Com iſto man-  
dou recolher todo o mantimento  
que auia na nao, & agoa, (que tudo  
era bê pouco) d'entro na ſua cama-  
ra, & come. ou a repartir iſto com  
grãde tento, acodindo aos mais ne-  
ceſitados, mas como tudo era pou-  
co & a gête muita, logo ſe lhe acabou,  
ficando ſem nenhũ remedio,  
nem eſperanças d'elle ſenãõ as de  
Deos, em que ſempre foraõ muito  
ſeguros, & aſſi ſe comer nẽ beber  
nauegaraõ tres dias, ſendo Eitor  
da Sylueira, & dõ Rodrigo de Li-  
ma, os que n'eſtes trabalhos ſe mo-  
ſtraraõ ſempre muito alegres a to-  
dos, porque como todos traziãõ os  
olhos nelles, eralhes aſſi neceſſario,  
por que com iſſo ſe animauaõ, &  
continuauaõ no trabalho, porque  
ſe fora d'outra maneira largaraõ  
tudo, & ſem duuida ſe perderaõ.  
Mas Eitor da Sylueira com hum  
nimo muito grande, & com hum  
primor nũca vſado, proçedeo neſ-  
ta viagem de feiçaõ, que confun-  
dia a todos, porque deſque reco-  
lheu na ſua camara a agoa, & o  
mantimento, nunca mais entrou  
nella, & ſe agasalhou na tolda, por

dar exemplo a todos, viſitãdo duas  
vezes no dia os doentes, que eraõ  
muitos, dandolhes em quãto ouue  
que, algũa couſa pouca, naõ tomã-  
do nunca mais pera ſi: & certo que  
era eſte fidalgo de tanta bondade,  
que mais ſintia ver aquelles enfer-  
mos, ſem ter cõ que lhes foccorrer,  
que o riſco, & perigo em que hia.  
Indo aſſi neſta deſconſolaçaõ aos  
ſete dias do mes de lunho a tarde  
ouueraõ viſta de Mascate, porque  
Deos os encaminhou pello eſtrei-  
to d'entro, ſem o elles ſaberẽ, & ja  
a eſte tempo hiaõ taõ fracos, & de-  
bilitados, que não podiaõ cõſigo.  
E porque o vento era eſcaſſo &  
naõ puderaõ ferrar o porto, come-  
çaraõ a bordear, ja com tanto alen-  
to, que os doentes que eſtauaõ pa-  
ra morrer, parecia q̄ reſuscitauãõ,  
& acudiaõ auer a terra. Foi o ga-  
leãõ logo viſto de duas fuſtas que  
andauaõ ali d'armada q̄ acudiraõ  
a elle, & entrando d'entro õs que  
andauaõ nellas, foraõ feſtejados  
de todos como homẽs q̄ lhes rra-  
ziaõ o remedio: & vêdo o deſtroſ-  
ſo & miſeria d'aquelle galeãõ fica-  
rãõ paſmados, & mãdarãõ leuar to-  
da a agoa q̄ traziãõ, & algũas cõſer-  
uas, & biſcoute, q̄ repartiraõ por  
todos, & cõ muita preſſa ſe torna-  
rãõ a Mascate, & carregando de a-  
goa & mantimẽtos, volcarãõ o meſ-  
mo dia pera o galeãõ, & tudo ſe re-  
partio por todos. Aquella noite foi  
pera elles a melhor, & mais alegre  
da vida, porq̄ os ays, as dores, os ge-  
midos,

midos, & sospiros passados se conuerterão em folias, festas, & alegrias em que passarão toda a noite. Ao outro dia acodirão de terra muitos bateis esquipados, & tomãdo o galeão a toa o meterão em Mascate, onde acharão algũs nauios de sua cõpanhia, porq̃ os mais erão passados a Ormuz. Aqui se deixou Eitor da Sylueira ficar algũs dias em quanto os doentes refrescarão, & cõualecerão de todo, & como se puderão embarcar deu a vella pera Ormuz, & foy sorgir no pouzo defronte da fortaleza. O governador foi logo auisado de sua chegada, & mandou os visitar, & pedir q̃ se não desembarcassẽm senão ao outro dia, mandandolhes despejar em terra casas pera todos; & armar & negociar asdo embaxador do Abexi, & prouer de todas as coufas necessarias. Ao outro dia pella manhã desẽbarcarão todos, leuãdo Eitor da Sylueira, & dõ Rodrigo de Lima o embaxador Zagazabo no meyo, cada hũ por sua mão, desfazendosse a fortaleza, & a armada toda em bõbardadas, & em estrõdos de alegria. Entrados na fortaleza forão a igreja a dar graças a Deos nosso senhor: ali foi o governador buscalos, & os abraçou a todos com grandes mostras de prazer, & alegria, ali estiueraõ hũ pouco até que os mandou recolher pera suas casas, & logo mandou a Eitor da Sylueira, & a dom Rodrigo de Lima, & ao embaxa-

ador Abexi, duzẽtos cruzados a cada hũ, & ao padre Francisco Aluarez cento. Ao oũtro dia foraõ todos a fortaleza, & o governador os esperou na porta da igreja, & estiueraõ a hũa missa que se disse cõ muita solennidade. Acabada ella foraõse pera os aposentos do governador leuando dom Rodrigo sempre pella mão ao embaxador, que hia acompanhado de algũs fraides Abexis, & os presentes em mãos de seus criados, que o embaxador apresentou ao governador, & lhe deu as cartas. O presente pera o governador era, hũa roupa de seda, com cinco chapas d'ouro diãte, & outras cinco detras, & em cada hombro hũa, & todas serião do tamanho da palma da mão, muito fermosas, & lauradas, a carta era em reposta da que lhe escreueo o governador Diogo Lopez de Siqueira, que nos temos em nosso poder, & por ser muito comprida deixamos de a relatar. Lopo Vaz estimou muito o presente, & teue cõ o embaxador grandes cumprimentos, & mandou aos officiaes d'elrey, que corressẽm d'ali por diãte cõ a despeza de sua casa, pera aqual assinou hũ tanto cada dia: & assi mesmo mandou pagar geralmente a toda a gente da armada, & darlhes mesas. Aqui os deixaremos, porque he necessario continuarmos com as coufas que soccederão na India, depois do governador partir pera Ormuz.

CAPITULO VI

De como Afonso Mexia mandou a Malaca chamar o governador Pero Mascarenhas, & do que elle fez depois que soube as nouas, & do que aconteceu na jornada a Martin Afonso Iufarte, & a Francisco Desfa.

**D**ARTIDO Lopo Vaz de Saõ Paço de Cochim, tratou Afonso Mexia de mandar auisar a Pero Mascarenhas de sua socessão, & mandou negociar o galeão de que Antonio da Sylua de Meneses era capitão, o qual Lopo Vaz deixou em companhia de dom Iorge Tello d'armada na costa do Malauar: & entregou a Antonio da Sylua o traslado dos autos, papeis, & socesões, pera as dar ao governador Pero Mascarenhas, a quem escreueo que se fosse logo pera a India. Este galeão deu a vella meado Março, & foi seguindo sua viagem, a quem logo tornaremos, porque he necessario continuar cõ os capitaes que Lopo Vaz despedio pera fora, & se ia primeiro com Martin Afonso de Mello Iufarte. ¶ Partido este capitão de Goa, foi seguindo sua viagê ate chegar as ilhas de Maldina, & elle se pos em hum d'aquelles canaes mais ordinario das naos, & mandou os nauios de remo tomar outro: & em Março foi dar

com elle hũa nao de Rumez que hia de Tanacari pera Meca, que leuaua trezentos homês brancos de peleija, & mui bem artilhada, & petrechada de tudo, como aquella que hia muy rica, & prospera. Martin Afonso tanto que ouue vista d'ella leuou ancora & deu o traquete pondosse em armas, & preparando sua artilheria muy bem: tanto que chegou a tiro descarregou nella sua munição arrombanda por algũas partes, & logo a foi inuestir, & lhe lançou seus arpeos. Leuaua Martin Afonso cincoenta bõs soldados a fora os officiaes. Ferrada a nao começou sobre a entrada d'ella, hũa muito cruel batalha, em que pelejarão muito bẽ d'ambas as partes, & ainda que dos mouros cayão muitos feridos dos golpes dos nossos, erão elles tantos, que a onde derrubauão dous se punhão logo quatro. Martin Afonso como era muyto caualeiro, com ver a desigualdade que auia, determinou ou de morrer, ou de rẽder a nao, fazendo por seu braço muy grandes caualarias: os seus animados com o que lhe vião fazer, trabalhauão pello imitar, lançando entre os mouros muitas panelas de poluora, com que os abraçauão, mas não largauão os lugares. E como a nao era grande, poderosa, & com tanta gente, por muito que os nossos trabalharão a não puderão entrar, ficando assi abordados todo aquelle dia & noite, pe  
leijando

leijando d'ambas as partes sem tomarem descanso. Ao outro dia posto que os nossos estauão casados, & a maior parte feridos, tanto trabalharão, tão altas proezas fizeram, que com grande dano dos inimigos entrarão a nao, & meterão todos os della a espada, sem lhe ficar algum. Rendida a nao (não sem custo dos nossos, de que também morrerão alguns) lançarão ao mar os mortos, & surgirão com a nao que estava cheia de fazendas. Ali se deixarão estar até meado Abril que derão a vella para Goa, levando a nao consigo, & chegados aquella cidade foy descarregada, & vendida a fazenda, & derão as partes aos soldados, ficando hũa grande soma a elrey: ¶ Agora continuaremos com Iorge Cabral, que (como dissemos) partio das ilhas de Maldiva para Malaca a dar as novas a Pero Mascarenhas de sua socesão: & indo seguindo sua jornada com bom tempo chegou aquella fortaleza, & foi muyto bem recebido de Pero Mascarenhas, quem deu as novas, q̃ elle estimou muyto, por ver a conta que elrey tinha com seus merecimentos, & prometeo a Iorge Cabral aquella capitania de aluizaras. E por que não tinha papeis, nem cartas do veador da fazenda, não tomou titulo de governador, & foi correndo com o cargo de sua capitania, esperando que lhe viesse tudo na moução, o que não tardou, porque hũ mes

depois da chegada de Iorge Cabral, forgio n'aquelle porto o galeão de Antonio da Sylua, & desembarcando deu a Pero Mascarenhas as cartas, & papeis que levava, mandandolhe notificar que fosse logo tomar entrega da governança da India. Com estes papeis se ajuntarão todos os fidalgos, capitães, cidadãoes, & officiaes de justiça, & fazenda, & logo por todos foi auido por governador da India, fazendosse disso hum termo em que todos se assinarão. O governador Pero Mascarenhas começou a correr como governador, & determinou de se ir a esperar os leuantes aos ilheos de Pulopuar, para ver se em Outubro podia passar a India. E posto que teue contrariedades da parte dos pilotos, todavia entrada de Agosto se embarcou no galeão em que foi Antonio da Sylua, & meteo de posse d'aquella capitania a Iorge Cabral, ao que veio com embargos Ayres da cunha, porque conforme ao regimento que aly deixou Afonso D'albuquerque, a elle pertencia aquella capitania, por capitão mor d'aquelle mar; o que elrey depois confirmou por hum aluara, pello qual Nuno Vaz Pereira por morte de Iorge de Brito ouve sentença contra Antonio pacheco que era Alcaide mor. A tudo respondeo Pero Mascarenhas governador, que elle não quebraua regimêtos, que aquella fortaleza não vagava por sua

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

sua morte, senão por soceder na governança da India, & que o seu tempo que lhe faltava por servir o podia dar aquem quisesse: sobre isto protestou Ayres da cunha por seus ordenados contra elle. Partido o governador de Malaca, foi tomar os ilheos de Puloquar, onde surgio pera esperar pellos leuantes: & estando aqui lhe deu hum tempo tão grosso que esteue perdido, & lhe foi forçado fazerse à vella pera Malaca, onde chegou com o masto quebrado por tres partes. Aqui achou Francisco Desfa, & dom Jorge de Meneses, que por acharé tempos contrários, tar da raõ atè entãõ, os quaes o receberão como a governador da India, dandolhe a obediencia. E sabendo elle que dom Jorge leuava a capitania de Maluco, por lha ter dada o governador dom Henrique lha confirmou, & o despachou, dã dolhe mais hum nauio, & o despedio com regimento que se fosse por via de borneo, por ser ajornada mais curta, que pella laoa, por onde era forçado inuernar em Amboino. Simão de Sousa galuaõ que hia pera capitão mor do mar de Maluco, deixou se ficar em Malaca, así por saber ali, que o que leuava era cousa pouca, como por que Pero Mascarenhas tratava de ir sobre Bintão, em quanto Francisco Desfa ali estava com sua armada, por ser muito necessario pera aquietação d'aquella forta-

leza, tirar d'ali aquelle inimigo: pelo que tinha mandado preparar muitas cousas pera aquella jornada, de que adiante daremos rezão.

CAPITULO VII.

*De como Eitor da Sylueira partio de Ormuz a esperar as naos de Meca, & de como Melique As capitão de Dyo, tratou de dar aquella fortaleza aos portugueses. Do fundamento d'aquella ilha, & do tempo em que os mouros conquistaraõ aquelle reino, & do que passou Eitor da Sylueira com Melique As.*



**D**EIXAMOS o governador Lopo Vaz de São Paulo enuernando em Ormuz, onde proueo em muitas cousas d'aquelle reino, & tanto que se acabou o mes de Agosto, despedio Eitor da Sylueira por capitão mor de quatro galeões, & duas carauelas, pera ir esperar as naos que auião de ir de Meca pera Cambaya, que sempre hiaõ demandar a ponta de Dyo, onde lhe deu por regimento que esperasse por ellas. Os capitães de sua companhia eraõ Francisco de Mendoça, Manoel de Brito, & Manoel de Maçedo, que hiaõ em galeões: os das caranelas não achamos os nomes. Partido Eitor da Syluei-

Sylueira de Ormuz logo o gouernador deu a vella a pos elle pera Goa. Eitor da Sylueira chegando a ponta de Dyo, deixouffe ali andar esperando pellas naos, & hũs & outros deixaremos por hum pouco porque he necessario d'armos rezão das cousas que neste tẽpo socederão no reino de Cambaya, que fazem ao sio da nossa historia: & primeiro que tudo diremos de sua origem, & fundamento, posto que Ioão de Barros o tenha muito bem feito na sua terceira decada. Mas porque algũas cousas lhe ficarão, as quaes nos alcançamos de mais perto, que não serãõ de pouco gosto pera os curiosos, as tornaremos a reçitar, por que com o fauor diuino auemos de ir continuando, com todos os Reys que forão socedendo nelle, a te vir a poder de Magores. ¶ Pello que he de saber, que este reino que chamamos de Cambaya he o do Guzárate, que os mais dos geographos lanção erradamente do indo pera fora, como em outra parte mostraremos. Este reino foy sempre pouoado de dous generos de gentios, Guzarates, & Baneanes, todos muito supersticiosos, como em seu lugar se vera, quando falarmos de toda esta gentilidade da India. Os Guzarates todos são dados a mecanica, em que se estremaraõ de todos os do Oriente, cujas loucainhas ja em tempo dos Romanos erão muito estima-

das, as quaes hião ter a elles por via do mar roxo, como se ve em Arriano autor grego no tratado que fez sobre aquella nauegação, no qual nomea muitas & diuersas sortes de roupas, como saõ, gani-se, monoche, sagmatogene, milochini, que diz serem muito finas, & de algodão: pello que quanto a nos parece, que erão os canequis, bofetos, beyrames, sabagagis, & outras, que se achão escritas nos liuros das leis dos Romanos, dos quaes costumauão a pagar grandes direitos, & ainda oje entre nos, com aquelle reino estar destroido, pellas mudanças que nelle ouue, a fineza de suas roupas, de muitas sortes, a delicadeza de suas obras, saõ tidas em mais perfeição que todas as da India. Os Baneanes são todos dados a mercancia, em que tambem preçederão a todos, por sua grande abelidade, & agudeza, pella qual, & per outras partes que nelles se notão, presume os Theologos Christãos da India, que descendem d'algum dos tribos de Israel, que são desaparecidos: & ainda mais o parecem no grande estudo & cuidado que todos poem em enganar os Christãos, como cousa que tem por preçeito. Ambas estas naçoës de gentes são tão fraquissimas, & afeminadas, que não fazem differença a molheres, mais que nas barbas. Viuerão estes homẽs muitas çentenas de annos sem sentirem iugo alheio ate quasi os de

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

os de nossa redenção, de çento que desçerão desses desertos de de baixo do Norte hum grande enxame de gentios repartidos em tribus, hūs Magores, outros Tartaros, outros Chacatais, & outros Resbutos, que vierão conquistando tudo o que jaz do Caucaço pera baixo até este reino de Cambaya, repartindosse estes tribus por estas prouincias, ficandoas senhoreando, & aquellas do Agara, Mandou, & outras por derredor ficarão em poder de Magores, cujos Reis as senhorearão muitos annos, & ainda oje na çidade do Mandou, se vem tres ou quatro sepulturas de Reis que ali reinarão, cujos letreiros dizem serem Magores. E ainda se presume mais, que estes Magores forão senhores de toda a India até o maritimo d'ella onde ainda oje se vem duas fermosas çidades fundadas por elles, hũa na costa de Dyo, & outra na do Canara, chamadas Mangalor, cujo verdadeiro nome he Mongulor, porque assi se chamão estas gentes, & não Magores, & na da costa do Canara se vé taõbẽ sepulturas antiquissimas, por cujos letreiros se ve que jazem ali Reis Magores, segundo nos affirmarão algũs Canaras doutos, & antigos. Depois foi este reino Guzarate senhoreado de Resbutos, homẽs muito dados as armas, mas grandes ladroẽs & tyrannos. Estes parece que tirarão este reino das mãos dos Ma-

gores, & repartirão todas aquellas Prouincias entre si, tomando as cabeças o titulo de Raiás, que he o mesmo que governadores. Estes ficarão senhores de todo o Indústão ate mūy perto dos annos, mil & trezentos, que tornou a fortuna a desfandar esta roda (como tem feito em todas as Monarchias, & não poderaõ deixar de o fazer em quanto durar o mundo, por ser naturalmente variauel, & inconstante.) Vieraõ todos estes Raias a serem conquistados de hum Rey do Dely chamado Soltão Nosfaradi, que se aleuanteo no mundo, quasi cem annos primeiro que o graõ Tamurlang, & foi mayor que elle, assi em forças, como em estados, porque veio a senhorear desdo rio Indo ate o Gange, & tem mais de quarenta graos de latitud pera o Norte: Neste reino do Guzarate deixou hum governador, & em todos os do Decan outro, de quem em seu lugar falaremos. E recolhido pera o Dely, faleçeo em poucos tempos. Tanto que sua morte foi sabida, logo se lhe rebelarão todos os estados, & leuantaõse cõ elles os capitaes tomando titulos de Reis: este do Guzarate se intitlou Soltão Maamed, que foi homem valeroso, & soube sustentar n'aquelle imperio, deixando a seu filho Daudar can muito engrandecido. Este Daudar can não foi de menos animo que seu pay, & engrandeçeo em seu reino tudo o que

o que pode, & foi o que edificou a cidade de Dyo na quella ilha, que antigamente era habitada de pescadores: tendo assi nisto, como em tudo o mais a que depois chegou a mesma fortuna que a cidade de Vencza, taõ pequena em seu principio, tamanha depois em grandeza, riqueza, & poder Reinou este Rey muitos annos, & soçedeolhe seu filho Soltaõ Mahamede, que auia ja mais de quarenta annos que reinaua, quando aquelle valeroso capitão Vasco da Gama descubrio a India. Este foi o que deu aquella ilha a Melique As (como se ve na terceira Decada de Ioão de Barros.) Por sua morte herdou o reino seu filho Amodofar, que teve muitos filhos, & o primogenito se chamou, Soltan Bador, & não Badar, como as historias da India lhe chamaõ. Este sendo ainda moço, ou por dizerem a seu pay os astrologos, que em poder do filho mais velho se perderia aquelle reino, ou (o que parece mais certo) que por desejar de o dar ao outro filho mais moço, a que estava afeicoado, parece que mostrava ma vontade ao Bador, que ou por q̄ fosse auisado d'isto, ou por q̄ entédesse no pay que lhe desejava a morte, furtoulhe o corpo, & foisse por esse Industaõ acima em trajos de peregrino, a que elles chamão Calandar, & assi andou muitos annos, aprendendo differentes linguas, vendo, & notando nouos ri-

tos, & costumes, & cousas muito nouas, & peregrinas. Em quanto elle assi andou faleceo o pay, & soçedeo no reino o irmão aque o pay desejava de o dar, que durou pouco, & deixou o reino ao outro irmão mais moço, a que não soubermos os nomes. Correndo as nouas por esse Industaõ da morte de Modofar, chegaram ao Bador, que logo voltou pera vir requerer o seu reino, & assi em trajos de Calandar, dizem, que entrou na corte do Amadaba, onde estaua inda sua mãy uiua, & o Rey seu filho, que era ainda manço, & sem se dar a conhecer a pessoa algũa, entrou com a mãy, & se lhe descobrio, pedindolhe que quisesse ordenar cõ que ouesse o seu reino. A Rainha (pode muito bem ser, que não fosse sua mãy, senão sua madrastra, & que os Guzarates que isto contaõ se embarassem) lhe disse, que se fosse, porque se seu irmão soubesse d'elle, que o mandaria matar, do que nos inferimos que ella seria mãy do Rey, & não do Bador. Elle vendo seu desengano, foisse pera o Rey do Mandou, & se lhe descobrio pedindolhe ajuda & fauor pera cobrar seu reino. E como os grandes do mundo, nenhũa cousa mais os moue, que misérias de hũ Principe desterrado, prometeolhe todo o fauor, ate ir em pessoa ajudallo: & pera isso solicitou alguns Reys vizinhos, que se ajuntaraõ com elle com grande poder. Algũs escri-

escriptores nossos dizem, que o Bador que se fora ver com a Rainha de Chitor, que se chamaua Creméti, que auia pouco veuara, & lhe ficara hum filho minino, em cujo lugar ella governaua aquelle reino, & que ella fora a autora da liga com o Rey do Mandou, & outros pera restituirem Bador no seu reino, no que se enganarão: antes o mor inimigo que esta senhora teue foi o Bador, porque depois de estar quieto no reino de Cambaya, lhe foi tomar o seu, como na quinta decada dizemos. Em fim juntos aquelles Reys com o Bador, que tambem sollicitou por cartas algũs senhores de Cambaya, pera serem de sua parte, foi contra o irmão, & entrou conquistando aquelle reino, & saindo o irmão ao encontro em hũa batalha campal, foi morto, & desbaratado: & o Bador se apoderou d'aquelle reino. Soçedeo isto no anno de vinte & cinco atras passado. O Bador, como era mau, cruel, & fraco, (coufas que andão sempre juntas fraqueza, a crueza,) começou a matar todos os capitaes que fauoreçerão o irmão, & o quis fazer a outro so que lhe ficaua, que era o menor de todos: que por ser auisado, se acolheo em trajos mudados, & se foi por essa terra d'entro, & da y a algũs annos por via do Cinde foi ter a Ormuz, sendo capitão d'aquella fortaleza Antonio da Sylueira, que teue rebate d'elle, & o

tomou, & embarcou pera Goa, & o mandou ao Governador Nuno da Cunha, como na quinta decada diremos. Estaua n'aquelle tempo por capitaõ de Dyo Melique Saca filho de Melique As, aquem o Soltaõ Mamude tinha dado aquella ilha. Este receandose das muitas cruezas que o Bador vsaua com todos, não se auendo por seguro d'elle, determinou preitearse com os Portugueses, & darlhes aquella fortaleza pera segurar sua vida, & a de sua molher, & filhos, & seus thesouros. Pello q̄ logo despedio recado a Christouaõ de Sousa capitaõ de Chaul, pedindolhe, lhe mandasse hum homem honrado, pera tratar com elle cousas que compriaõ ao seruiço d'elRey de Portugal. Chegou este homem a Chaul, & deu o recado a Christouaõ de Sousa, que o deteue, porque cada dia esperaua pello Governador. Poucos dias depois, chegou áquella çidade Eitor da Sylueira com tres naos de Meca, que tomou na ponta de Dyo, cujos quintos so pera elRey, montaraõ seisçeta mil pardaos, & logo a quinze de Setembro hum dia ou dous depois, chegou o Governador, que foi bem recebido da çidade, & apresentandosse na fortaleza, lhe apresentou Christouaõ de Sousa o Embaixador do Melique Saca, & elle lhe deu o seu recado. O Governador vendo que o negocio era de importançia, determinou de ir em pessoa

pessoa a Dyo, mas foi contraria-  
 do dos capitaes, dizendolhe que  
 não conuinha abalar-se pera cousa  
 que não sabião se seria inuencão,  
 mas que mandasse hũa pessoa de  
 confiança, & que se detiuessse na-  
 quella cidade, até ver o em que a-  
 quillo paraua. Com isto despedio  
 o Governador Eitor da Sylueira  
 com algũs navios ligeiros, & hũa  
 galé em que elle ya, & surgio na  
 baya de Dyo, mandando pello Em-  
 baixador pedir a Melique Saca  
 que se vissem sós, o que Melique  
 Saca fez, & de noite foi Eitor da  
 Sylueira á porta da fortaleza, & á  
 borda da agoa veio Melique Saca  
 falarlhe: & nas praticas que teue  
 coelle lhe disse, que elle desejava  
 muito de entregar aquella fortale-  
 za ao Governador da India, mas  
 que auia de ser com condição, que  
 o auia de mandar por em Iaquete  
 com toda a artelharia d'ella, que  
 auia de leuar, & que lhe auião de  
 dar ametade do rendimento da  
 alfandega d'aquella ilha. Eitor da  
 Sylueira lhe louuou sua determi-  
 nação, & se lhe offereceo, ao por li-  
 uremente na parte que quisesse: &  
 que pera as condições que lhe pu-  
 nha elle trazia poderes do Gover-  
 nador, em cujo nome tudo lhe có-  
 çedia. Concluidos n'isto tornou-se  
 Eitor da Sylueira pera a armada,  
 por que Melique Saca lhe pediu  
 que se detiuessse alguns dias em  
 quanto negociava suas cousas.

CAPITULO VIII.

*De como Hag Mamude tirou a Meli-  
 que Saca, de entregar a fortaleza  
 a Eitor da Sylueira, & elle se foi  
 pera Chaul, sem concluir em nada  
 & de como o Hag Mamude lhe to-  
 mou a fortaleza por treição, & a  
 entregou a el Rey de Cambaya.*



**E**STAVA com  
 Melique Saca hũ  
 mouro seu pa-  
 rente chamado  
 Hag Mamude,  
 homem mao, per-  
 uerso, & muito ambicioso: es-  
 te sabendo dos tratos que o pa-  
 rente trazia com Eitor da Syl-  
 ueira, porque se fiou d'elle: & en-  
 tendendo nelle o grande medo  
 que tinha d'el Rey, concebeo em  
 seu animo desejo de se fazer se-  
 nhor d'aquella ilha: & nas pra-  
 ticas que tiuerão sobre o nego-  
 çio, sempre lhe gabou a determi-  
 nação que tinha tomado na en-  
 trega da fortaleza, mas que hũa  
 só cousa receaua, & era, que co-  
 mo Eitor da Sylueira o tiuesse em  
 seu poder, com a cobiça do mui-  
 to thesouro que tinha, lhe que-  
 brasse a fé, & elle ficasse sem for-  
 taleza, sem fazenda, & sem li-  
 berdade. Não souo isto mal ao

C Meli.

Melique Saca, porque, como todos os mouros são falsos, & fementidos, sempre imaginão nos outros o que elles fariaõ, & pediu ao Hag Mamude que o aconselhasse n'aquelle negocio. O Hag Mamude como tinha ja traçado na fantasia a malicia, & treição, que cõ elle depois vsou, disse-lhe, que era de parecer, que respondesse a Eitor da Sylueira que pera maior dissimulação d'aquelle negocio, se fosse elle pera Chaul, & que entre tanto ficaria negociando suas cousas, & embarcando sua fazenda em algũas Cofias que pera isso tinha, fazendo-lhe cter que ja na cidade auia sobre isso algũ reboliço: & que depois de embarcar a artelharía, pera que auia mister vagar, entregaria a fortaleza a elle Hag Mamude: & que depois d'elle ido pera Iaquete elle o mandaria chamar, & lhe entregaria a fortaleza. O Melique Saca não entendendo o amargoz que ya debaixo d'este dourado, pareceo lhe aquelle conselho bem, & pediu lhe que fosse elle o portador d'aquelle recado. Hag Mamude foifse hũa noite a galé de Eitor da Sylueira, & lhe pintou aquillo como lhe pareceo cõuinha a sua tenção, Eitor da Sylueira pareçendolhe que o Melique Saca estava ja arrependido lhe disse, que dõ aluorço da cidade lhe não desse cousa algũa, porque como a fortaleza está na sobre o mar, facilmente se podia embarcar com tudo o que quisesse;

& elle ficar logo de posse da fortaleza, sem lho ningem poder esforuar. Hag Mamude lhe disse, que aquillo não podia ser, porque pera embarcar todã a artelharía, & fazenda, auia mister muitos dias, & muito vagar, & que se aquella armada estiuessa ali todo aquelle tempo, não faria mais que encher aos da cidade de sospetãs, porque ja traziaõ algũas: que o bom seria desaparecer d'ali, & que como Melique Saca tiuessa tudo embarcado, logo o mandaria chamar a Chaul: & que tudo erãõ mais dez ou doze dias. Eitor da Sylueira vendo aquellas cautellas acabou de assentar, que o Melique Saca estava, de todo arrependido, & que o mesmo Hag Mamude o aconselharia, & o diuertiria de sua determinação. Hag Mamude se despedio de Eitor da Sylueira, que logo despachou hum nauio muito ligeiro com cartas ao Governador, em que lhe daua conta de tudo o que passaua, pedindo que lhe mandasse dizer, o que faria n'aquelle materia. Esta carta amestrou o Governador em conselho aos capitaes, pera lhe aconselharem o que responderia: & debatido entre elles aquelle negocio, ficou o conselho partido em differentes pareceres: porque hũs diziaõ, que ninguem melhor que o mesmo Eitor da Sylueira que la estava com o negocio entre as mãos, se poderia deter-

determinar n'aquelle, que era de tanta importancia, & de que tanta hõra poderia resultar ao eitado da India, que se lhe remetesse toda a resolução d'elle. Outros em que a entieja parece tinha entrado, por ser aquelle o mor negocio, & mais hõroso da India, disserão, que pois Eitor da Sylueira estando la onde via tudo, mandaua pedir conselho, sem se saber determinar, que o bõ seria mandar la outro capitão que fosse homem que não ficasse depẽ durado de parecer alheio, senão, que se pudesse resumir com o seu proprio, cuidando cada hum dos que n'isto votarão, que poderia ser eleito pera aquillo, & fazer n'aquelle negocio mais que Eitor da Sylueira, que era hum dos capitaes de esforço, conselho, & experiencia, que em seu tempo ouue. Isto foi sempre muito antigo na India entre os fidalgos, vituperarem hũs, a os outros que estão em melhor lugar, & que são mais pera elle, só por verem se os podem a bater pera se elles aleuantarem: tendo muitas vezes no votar mais respeitos a os seus particulares, que ao seruiço de Deos, & d'elRey, pello que algũs forão causa, de se perderem grandes occasioes, & de socederẽ muitos defastres, & grandes desauenturas. E tornando a nosso fio, vendo o Governador aquella confusão, foi com os que votarão que se remetesse o negocio a Eitor da Sylueira, & logo lhe respondeo pel

lo mesmo nauio, que fizesse elle o que lhe milhor parecesse, pois esta ua com o jogo na mão. D'isto tambem ouue entre elles algũas murmurações dizendo, que tambem o Governador tiuera n'aquillo respeito ao seu particular, & que queria grangear Eitor da Sylueira pera o ter da sua parte, porque parece que ja entendião nelle algoas de não entregar o gouerno a Pero Mascarenhas. Dada esta carta a Eitor da Sylueira, como o tomou ja desconfiado, & enfadado das dilações do mouro, parecendo-lhe que nunca entregaria a fortaleza, largou tudo, & deu a vella pera Chaul, sem outras occasioes mais que as de suas sopeitas em que se enganou, como depois se verá. Chegado Eitor da Sylueira a Chaul, pellas informacoões que deu ao Governador desistio do negocio, & determinou de o mandar ao estreito de Meca, por auer algũas nouas de galles, de que taõbem quis auisar elRey, & mandou com muita breuidade negoçar hum d'aquelles galeões de que deu a capitania a Francisco de Mendocça, & o despedio pera o reino em fim de Outubro, escreuendo a elRey tudo o que até então tinha socedido, & certeficandolhe fazerense em suéz prestes muitas galles pera passarem a India, pedindo gente, munições, & outras coufas, porque ja de Ormuz

tinha escrito de sua soçessão: encomendando muito a Francisco de Mendoça, que trabalhasse por tomar as naos antes que partissem do reino. Despedio d'ali tambem o Governador o nauio do trato de Cofala, de que era capitaõ Nunõ Vaz de Castelbranco, dando-lhe por regimento desse as nouas das galés por toda a costa de Melinde, & Mocambique, porque estivessem sobre auiso, & o mesmo escreveu a Ormuz, & as mais cidades da India, pedindo-lhes que o quisessem ajudar com algũs nauios, porque determinaua de ir buscar os Rumes, & peleijar com elles, o que todas fizeram muy bem, porque a cidade de Goa armou logo hum galeão, hũa carabela, & hũa gale no estaleiro, & as fizeram á custa dos moradores com muita breuidade. A cidade de Chaul fez outra galé. O Governador despedio d'ali gente & municoes pera Ormuz, & escreveu a Diogo de Mello, que mandasse ter na boca do estreito Persico nauios ligeiros para o auisarem se ouuesse galés. Prouidas estas coufas, & outras, querendo o Governador embarcar-se pera Goa, tornou a tomar parecer sobre as coufas de Dyo, & assentou-se que deixasse a li Eitor da Sylueira com armada, & que mandasse saber de Melique Saca sua determinação: mas Eitor da Sylueira, que se achou no mesmo conselho, affirmou que tudo

o de Melique Saca erão inuicoes, & enganos, & que elle sabia muito certo que nunca entregaria a fortaleza: & assi certificou isto, que desistio o Governador da empreza, & deu a vella pera Goa. E em quanto faz esta jornada, cotinuaren os com Melique Saca, que como falaua verdade, & sua reção foi sempre entregar aquella fortaleza aos portugueses, por segurar sua vida em Eitor da Sylueira dando a vella pera Chaul começou a embarcar a artilharia, & sua fazêda, & passala a laquete pouco & pouco. Hag Mamude como trazia maos pefametos, & era imigo dos portugueses, como todos os mouros o são por natureza, nêdo a pressa que Melique Saca daua no despejar da fortaleza, começou em segredo a ajudar-gête, & sendo o Melique Saca a folgar a hũa quinta sua q̄ tinha da outra bãda, duas legoas pella terra d'entro (q̄ inda oje guarda seu nome, & se chama, a quinta do Melique) meteo-se Hag Mamude na cidade cõ muita gête armada, & começou apellidar por d'el Rey de Cãbaya: & logo lhe despedio recados muy apressados do q̄ tinha feito, & da determinação de Melique Saca. Dado este recado a el Rey, logo se partio pera Dyo aforrado cõ dez ou doze mil cauалlos Melique Saca q̄ estaua na quinta soube logo atreição que lhe o parête ordenou, & entãõ entêdeo a malicia & tenção cõ que o acõselhara naquellas coufas,

cousas, & partindose apressado pera Dyo, passouse a ilha, & foi desembarcar a porta da fortaleza, em que ainda estaua sua mulher, filhos, & familia, & metendose dentro sem ningem lho poder estoruar, despedio logo recado muy apressado a Chaul, a chamar Eitor da Sylucira pera lhe entregar a fortaleza. Este recado foi dado a Christouão de Sousa, que por não ter nauios não foi em pessoa, mas despedio hũa almadia ligeira com recado ao Governador, & entre tanto foi entretendo o Melique Sacà, cinco ou seis dias, mandandolhe affirmar que logo seria com elle. El Rey de Cambaya como ya pella posta, chegou a outra banda de Dyo tres dias depois q̃ o Melique Saca despedio o recado a Chaul, o qual sabêdo da chegada d'el Rey, logo se embarcou cõ sua familia, & se passou a laquete, deixando a fortaleza despejada. El Rey de Cambaya passouse a ilha, & deu a capitania d'aquella fortaleza a Hag Mamude, reseruado pera si as rendas da alfadega. Este mouro foi de pois o mor imigo q̃ o estado teue como pello discurso da historia se vera, dõde se ve claro quãto pode hũ descuido, & quanta força tẽ hũ respeito particular, que muitas vezes forão causa de grãdes danos, & fizeraõ perder grandes occasiões, como vimos neste negocio, de q̃ resultou perderẽ os portugueses d'esta vez esta fortaleza, & vir a poder

do mor imigo q̃ a India teue, & custar depois tãtas mortes de fidalgos, & caualeiros, tãtas despezas em armadas, primeiro q̃ tornasse a vir a nosso poder, tendoa desta vez na mão sem custo, & sem trabalho.

## CAPITULO IX.

*Da armada que este anno de vinte e seis, partio do reino, e das nouas soccessões que el Rey mandou: e de como Afonso Mexia veador da fazêda abriu a primeira soccessão, em que succedeo Lopo Vaz de São Payo.*



EL LAS cartas que o Governador Dom Anri- que de Menses mandou per terra ao reino, em que daua conta a el Rey da morte do Cõde Almirãte, & de sua soccessão, & do estado em que a India ficaua, que forão dadas a el Rey este Outubro passado de vinte & cinco, soube elle as nouas do que na India passaua. E se embargo de andar occupado em suas vodas, por casar com a Rainha dona Caterina Irmã do Emperador Carlos quinto, não se descuidou de prouer nas cousas da India, mādãdo negoçar cinco naos com muita pressa, que despedio este Março de vinte & seis, prouendo em muitas cousas necessarias ao bom gouerno da India, principalmente nas soccessões

da governança, em que fez mudança, como logo se verá. Esta armada não leuou capitão mor: os capitães eraõ Francisco d'Alhiaya. Tristaõ Vaz da Veiga, Antonio da Breu, (que leuaua a capitania mor do mar de Malaca) & Vicente Gil, filho de Duarte Tristaõ, armador das naos: o outro foi Antonio Galuaõ, filho de Duarte Galuaõ, que por se negociar mais tarde, quando quis sair pera fora faltoulhe o tempo, & depois se fês a vella a deza seis de Mayo taõ tarde, que ja se desconfiava de poder passar a India. Esta nao indo seguindo sua viagem entrando na costa de Guiné, lhe deraõ tamanhas calmarias, que o deteueraõ por ella, quarenta dias, & quando lhe deu o tempo que ja foi em fim de Junho, ouue grandes requerimentos dos officiaes que se tornasse pera o reiño, por que alem de ser muito tarde, a nao era roim, & soffria mal a vella: mas como Antonio Galuaõ era homem virtuoso, & de grande animo & esforço, quietou a todos com lhes dizer, que esperaua em Deos que lhe auia de dar muito boa viagem dali por diante, & que os auia de leuar a India juntamente com as outras naos, & pondo cobro na agoa, & mantinietos, foi seguindo sua viagem, ora com contrastes, ora com bonanças, ate dobrar o cabo de boa esperança, ja no mes de Setembro. Dali foi tomando sua derrota com determinação de ir

por fora: mas o piloto lhe requereu que fosse tomar Moçambique, & que d'ali yriaõ inuernar a India em Abril, & que assi segurauõ as vidas, & a nao, por que indo por fora podião lhe entrar os leuantes que era ja tempo, que os podião tomar em paragem que quando quisessem voltar para Moçambique não podessem. Antonio Galuaõ lhes disse, que esperaua na virgem nossa Senhora, que os auia de leuar a Cochim. E assi era taõ deuoto da Senhora, que quebrando-lhe hum dia seu a verga grande, não quis que trabalhassem, & aquelle dia não fez viagem, & assi ella teue particular cuidado de suas cousas. Antonio Galuaõ porque o piloto lhe encampou a nao a tomou a sua conta, mandando a via, tomando o sol, & carteando, por q era n'isto muito esperto, & deu lhe nosso senhor taõ bõ tempo que em fim de Outubro forão auer vista das ilhas de Maldiua, onde lhe sayo hũa embarcação da terra cõ hum piloto que os encaminhou a te os lançar fora d'ellas: & em quinze de Nouembro forão tomar Cochim, onde ja estauõ as naos de Tristaõ Vaz da Veiga, & Francisco d'Alhiaya, que tambem forão por fora, com tempos bem roims. As naos de Vicente Gil, & de Antonio D'abreu forão por d'entro, & ficaraõ inuernando em Moçambique. Chegadas as naos deraõ ao veador da fazêda os sacos das vias, & d'en-

& dentro achou duas soçeffoês da governança da India, com duas cartas dirigidas ao veador da fazenda, que continhaõ o seguinte. ¶ Afonso Mexia, eu elRey vos envio muito saudar, por duas vias que vaõ nesta armada, vos mando dous sacos de cartas, & despachos das cousas dessas partes, que ouue por meu seruiço que agora fossẽ. Hum delles leua Tristaõ Vaz da Veiga, & outro Francisco d'aNha-ya, tomai as cartas que vaõ pera vos, & as do capitão mor, lhe dai, & assi a todas as outras pessoas pera quem vaõ, & não fique nenhũa por dar, aos que estiuerm fora donde vos estiuermes mandail has a muito bom recado, & nesta armada me enuiar hum rol, do modo que tiuestes em as dar, & em as enuiar, & tomai disto bom cuidado, porque ei por muito meu seruiço serem dadas todas as ditas cartas. As prouisoês que aqui vaõ das soçeffoês da governança da India, tende naquella boa guarda, & segredo, que cumpre a meu seruiço, como de vos confio, escrita em Almeirim a trinta de Março. Pero D'alcaçoua carneiro a fez, anno de mil, quinhentos, & vinte & seis. Tinha outra particula mais abaixo, que dizia assi. E das outras prouisoês que ja la tendes, não se a de vsar, & as tereis em boa guarda, & mas grareis quando embora vierdes. A outra carta era escrita a quatro d'Abri, cinco dias depois, &

naõ tinha esta postilla, que fala no abrir das soçeffoês. Vistas estas cartas pello veador da fazenda, & cõsiderando esta adiçaõ derradeira da primeira via, que dizia que se naõ vsasse das soçeffoês que na India estauaõ, determinou logo de abrir aquellas que yaõ de nouo. E ajuntandose na se de Cochim, cõ o capitão Dom Vasco Deça, & Antonio Riquo, que naquellas naos tinha vindo com o cargo de secretario, Ioão do Souro, Ouvidor geral, Ioão Rabello feitor, & Alcaide mor. Duarte Teixeira Thesoureiro das mercadorias, os capitães das naos do reino, os vereadores & officiaes da camara: & lendolhes a carta delRey lhes disse, que por ella se mostraua muito claro, que a tençaõ delRey era naõ se vsar das soçeffoês que na India estauaõ, senão d'aquellas que naquellas naos mandaua, pello que elle as queria abrir. A isto atalhou Dom Vasco Deça, dizendo que seria muito grande deseruiço delRey se tal fizesse, porque sua tençaõ não era, nem podia ser, que tendo se ja vsado das soçeffoês que estauaõ na India, se abrissem as outras, por que assi ficaua elRey afrontando o fidalgo que tiuesse soçedido, ficando em obrigaçaõ de lhe satisfazer sua honra, por que os Reys, a que mais estimauaõ era a de seus vassallos, por que se fosse d'outra maneira não aueria quem arriscasse as vidas por seu seruiço, como

(como os fidalgos cada dia fazião) com esperanças de elle os honrar, & lhes fazer merces, que se elRey mandara por aquella particula, fora por cuidar não se ter ainda vſado das soçeffoës, & que se sua intenção fora abrirenſe estas, & não se vſar das que ja la estauão, forçado ouuera de declarar, que posto que se tiueſſe vſado das soçeffoës que na India estauão, auia por bẽ abriſſem aquella, que de nouo mandaua, & que o homem que tiueſſe ſoçedido nas outras se embarcaſſe pera o reino, mandando nao, & ordem pera iſſo: & que a-tenção d'elRey mandar ter em ſegredo as ſoçeffoës que na India d'antes estauão, era, por não ſabermos os capitaes que nellas estauão, ſe fazia elle nellas algũa mudança, pellos não eſcandalizar, que lhe requeria da parte d'elRey, não bolliſſe nas ſoçeffoës, por que Pero Mascarenhas era legitimo Governador, & não deſſe occaſião a diuiſoës, & alteraçõs em meyo de tãtos imigos, & mais em tempo que crão tãto certas as nouas de galès de Rumes, que pera as eſperar era neçeffario eſtarem todos vnidos, & conformes, & não em bandos, como estauão çertos bolindoſe nas ſoçeffoës D'eſte parecer forão a mor parte dos que ali estauão, & os outros do do veador da fazenda, que ſe reſumio em abrir a primeira ſoçeffão, dizendo que elle tomaua ſobre ſi aquelle negocio,

& que elle daria conta a elRey do que fizera. E abrindo a primeira ſoçeffão a deũ a Fernão Nunez eſcriuão da fazenda, que a leo alto, & achouſſe nella dizer elRey que auia por bem que por morte do Governador Dom Anrique ſoçedeſſe em ſeu lugar Lopo Vaz de ſão Payo, com dez mil cruzados de ordenado, çinco mil em dinheiro, de que ſe pagaria na India, & os outros çinco mil em pimenta comprada do ſeu dinheiro ao partido do meyo. E que ſeria capitão mor do mar Antonio de Miranda d'Azeuedo com dous mil cruzados, de ordenado cada anno, mil em dinheiro, & mil em pimenta ao partido do Governador, & que faleçendo elle Lopo Vaz, depois de entrar na gouernança, em tal caſo auia por bem que ſoçedeſſe Pero Mascarenhas, com o meſmo ordenado. Esta ſoçeffão foi feita em Almeirim por Iorge Rodriguez a quatro de Abril, de mil quinhentos & vintãſeis. O veador da fazenda mandou ali fazer hum auto da publicação em que ſe aſſinou, com os que foraõ do ſeu parecer, mas todos os mais clamarão & proteſtarão dizendo ao veador da fazenda, que elle roubaua a honra a Pero Mascarenhas, que era hum fidalgo muito honrado, & de grandes mereçimentos, & que ja ſe não eſcuſauão diuiſoës, & bandos, de que elle auia de dar conta a elRey. Afonſo Mexia deſpedio logo hum catur,

catur, em que foi dom Anrique Deça com recado a Lopo Vaz do que tinha feito, mandandolhe a noua soçessão, & o auto da posse da governança da India, que lhe daua: & escreueo à cidade de Goa, requerendolhe, que conhecessem Lopo Vaz por verdadeiro Governador, por que elRey assi o mandara, naquellas naos, & que ouuessem por bem o que estaua feito.

Deixemos Dom Anrique Deça, & tornemos a continuar com o Governador Lopo Vaz, que deixamos partido pera Goa, aos dous dias que partio de Chaul foi surgir sobre a barra de D'abul, onde ja trazia determinado de dar hũ bom castigo, porque sayão de seu porto algũas fustas a roubar os mercadores que nauegauão, & carregauão d'entro algũas naos pera Meca, que leuiauão muita pimenta. Ali ordenou toda a sua gente, & deu ordem a desembarcação, dando a dianteira a Eitor da Sylueira, & passou toda a gente aos nauios ligeiros, & bateis dos galéões, & o Governador na galé barta da foi entrando pello rio dentro com grandes estronços de instrumentos: & sendo a meyo rio, chegou à galé do Governador hũa embarcação em que vinha o Tanadar da cidade, & entrando na galé apresentou se diante do Governador com muita humildade, & lhe pediu perdão de suas culpas, & que elle estaua muito prestes pera

as satisfazer, & de nouo guardar as pazes, com as condiçoẽs que elle quisesse. O Governador o recebeu humanamente, & lhe disse que lhe perdoaua, por que os Governadores d'elRey de Portugal, tinhaõ por obrigação, recolherem, fauorecerem, & perdoarem a todos os que se lhe humillassem, que elle lhe perdoaua com condição que logo mandasse entregar todos os nauios de remo com sua artelharia que ouuesse naquelle porto, & assi mesmo hũa nao que estaua a carga pera Meca, por ter em si muita pimenta. O Tanadar lhe disse que em tudo o satisfaria, que não passasse mais auante. O Governador mandou surgir no meyo do rio: o Tanadar sem sair da galé mandou trazer tudo o que o Governador lhe pediu, & lhe entregou algũs nauios, & a nao com a carga que tinha. O Governador lhe concedeo nouas pazes, & fauores, com que elle ficou satisfeito. Aqui chegou hum Thome Pirez capitão de hum castil seu, muito apressado, & pediu aluiçaras ao Governador de como soçedera na governança pellas vias que elRey mandara nas naos, & que Dom Anrique Deça ficaua em Goa, & os papeis. O Governador lhe deu aluiçaras sentindosse nelle grande aluoroço, porque auia que ja ficaua seguro na governança. Estas nouas se espalharão logo pella armada estranhando todos o que Afonso Me-

fo Mexia fizera, & differão publicamente, que Pero Mascarenhas era o verdadeiro Governador, & que a elle conheciaõ por esse. Lopo Vaz deu logo a vella pera Goa, onde foi recebido como Governador, & dom Anriqne Deça lhe mostrou o trespado da socessão, & outra da posse, pello que entregou logo a capitania mor do mar a Antonio de Miranda D'azeuedo, & mandou preparar hũa armada de galeoës pera irem ao estreito, & deu aquella jornada a Eitor da Sylueira. E em quanto se ficou preparando, elle se embarcou pera Cochim pera ir fazer a carga as naos do reino. Poucos dias depois do Governador partido se embarcou Eitor da Sylueira, & dando a vella logo a saida de Goa achou o recado de Christouão de Sousa, em que o mandaua chamar para ir tomar posse da fortaleza de Dyo. E apressandose com estas nouas, chegou a Chaul onde ja era chegado recado, que Melique Saca era fugido, & que el Rey de Cambaya ficaua em Dyo: & assi por hum nauio que chegou de Adem, veio noua certa, como de Sues era partida hũa grossa armada de Ruinés, que o Turco mandaua a India contra os Portugueses. Com estas nouas requereo Christouão de Sousa a Eitor da Sylueira que se tornasse pera o Governador, porque não era bem fosse ao estreito com aquella armada, a risco de dar com as

galés, & perderse, no que se arriscoua toda a India, porque não ficaua ao Governador armada, com que poder peleijar com os turcos. Este requerimento pareceo bem a Eitor da Sylueira, & tornou a voltar pera Goa.

CAPITULO X.

*Do que fez o Governador em Cochim, & das naos que partirão pera o reino, & de como el Rey Dom loão, recebeu o Embaixador Abexi.*



ARTIDO LO

Lopo Vaz de saõ Payo da cidade de Goa, em poucos dias chegou a Cochim, onde foi muito bem recebido de Afonso Mexia. E como naquella cidade estaua a mor parte da nobreza da India, em que entráuão muitos parentes, & amigos de Pero Mascarenhas, auia grandes murmurações sobre a socessão de Lopo Vaz, & muitos ajuntamentos, & magotes publicos, com estrondos, & vnioões, dizendo soltamente, que roubauão a honra a Pero Mascarenhas, & que elle era o verdadeiro Governador da India, & como Lopo Vaz tambem tinha muitos do seu bando, yão se trauando brigas, & inda algũs desafios particulares, & o que mais auiuou isto foi,

foi chegar hum Juico de Malaccellas vitadas do Natal, em que da ua nouas de como Pero Mascarenhas ficaua embarcado pera a India, & obedecido por Governador, pella posse & autos que lhe mandou o veador da fazenda, por Antonio da Sylua de Meneses. D'isto ficou Lopo Vaz de saõ Páyo muito enfadado, & determinou de atalhar algũas desordens, com mandar auisar Pero Mascarenhas do que era soçedido, porque não cuidasse que vinha pera governar a India: & logo mandou o tressado da soçessão que veio do reino, & o auto da posse, a Amique Ferreira Alcaide mor de Coulaõ, pera que vindo ali Pero Mascarenhas lho notificasse, mandandolhe por hũa prouisaõ, que se quisesse obedecer aquelles autos, que o agaz alhasse muito bem, & quando não, que deixasse comprimẽtos, & o não recolhesse na fortaleza. E porque as vnioes creciaõ cada vez mais, quis o Governador justificar-se com os homens, principalmente cõ os capitaes das naos, porque em Portugal lhe não estranhassẽ o que fizera. E mandou chamar Bastião de Sousa, aquem tinha dado a capitania da nao de Antonio d'Abreu, & Antonio Galuão, Francisco d'aNhaya, Tristão Vaz da Veiga, & Felipe de Crasto, que ali inuernou do anno passado: & presente o Secretariõ Antonio Rico, lhes disse, que da vniao que

em Cochim auia sobre sua soçessão, não queria tomar o castigo que o caso merecia nos perturbadores do pouo, porque desejava de os moderar, & quietar por bem, que lhes pedia muito, como fidalgos, honrados, & capitaes d'elRey, & que o não auiaõ mister pois se yão pera o reino, que lhe dissessem liurementẽ o que lhes parecia d'aquelle negocio, & se entedião que por virtude da soçessão que se abrio podia elle ser Governador da India, & sobre isto lhes deu juramento dos sanctos Euangelhos. E como elle lhes perguntou isto simplesmente, com a mesma simplicidade lhe respõderão que não tinhaõ duuida a elle ser Governador, porque da soçessão se entendia claramente ser essa atencãõ d'elRey: senão quanto Tristão Vaz passou a diante, & disse, que por se euitarem cousas em deseruiço de Deos, & d'elRey, elle diuia de ser Governador da India, pois ja estaua de posse, & que quanto ao direito de Pero Mascarenhas era neçessariõ ver todas as prouisoes passadas, porque sem isso elle não podia resolverse em cousa algũa. De tudo aquillo mandou Lopo Vaz fazer hum auto em que todos se assinarão. A mesma pergunta fez a hum frey loão de Hayo, da ordem dos pregadores, homem bom letrado, que lhe affirmou que era verdadeiro Governador, & que para ser mais notorio a todos,

21  
 todos, elle o affirmaria o dia seguinte, (que era da Circuncisaõ do Senhor) em que auia de pregar, & assi o fez: porque no cabo do sermão tratou das murmurações que na terra auia contra Lopo Vaz de saõ Payo, por parte de Pero Mascarenhas, estranhando muito) & affirmando, q̃ Lopo Vaz de saõ Payo estaua legitimamente de posse da gouernança, por assi ser a tenção de el Rey: dando sobre isto muitas rezoës. E conuiuio cõ dizer, que o mesmo que ali dizia sustentaria em Salamanca, & Paris, & em Portugal, para onde aquelle anno ya, pello que se diuia de crer que falaua verdade sem sospeita pois era frade, que não tinha necessidade do Governador, affirmando, que era mor amigo de Pero Mascarenhas, que seu. E requereu a Lopo Vaz da parte de Deos, & de el Rey, que lhe lembrasse que tinha entre mãos hum negocio de muita importancia, & de que se podia seguir hum grande trabalho à India, & que era obrigado a castigar os perturbadores da quietação, & que se degradassem de Cochim os homens, que falassem cõtra o seu direito. Lopo Vaz com estas cousas cobrou mais alento, & logo procedeo contra alguns que tinham mais culpa, que forão, Vicente pegado, que acabara de ser Secretario, & Simão Toscano da obrigação de Pero Mascarenhas, que degradou, hum pera Chaul, &

outro pera Conlaõ. E dando expediente a carga das naos, as fez a vella ate dez de Janeiro, embarcando o Governador na de Tristão Vaz da Veiga, a Dom Rodrigo de Lima com o Embaixador Zagozabo, aquem deu todas as cousas necessarias muito abastadamente. Na nao de Antonio Galuão se embarcou a ofsada de seu pay, & o padre Francisco Alvarez, que atrouxe de Camaráo. Estas naos tiuerão tão boa viagem, que chegarão a Lisboa vespora de Santiago, estando el Rey em Coimbra fugido de hum rebate de peste: & por ter ja nouas do Embaixador por hũa carauela que das ilhas terçeiras lhe mandaraõ diante, tinha dado recado em Lisboa que logo o leuasse a Santarem, & foraõ aposentados, elle & dom Rodrigo de Lima, em Alfange, onde lhe el Rey mandou dar todas as cousas necessarias pera ornamento de sua casa, pessoa, & criados. Aqui estiuerão algũs dias até el Rey os mandar leuar, a Coimbra, com grande companhia de criados, mullas, & azemalas, & antes de chegarem a cidade os foi esperar ao caminho Digo Lopez de Siqueira, Almotaçe mor, que foi Governador da India, que era o mesmo que aquella embaixa da mandara dom Rodrigo de Lima, que estaua acompanhado de muitos parentes, amigos, & criados, o recebeu com muitos galhados. A entrada da cidade o mandou

mándou elRey receber pello Marques de villa real, & por todos os prelados & senhores que auia na corte, que o leuarão até o paço: O Marquez entrou na casa onde elRey estava, cõ o Embaixador Zagazabo por hũa mão, & dom Rodrigo de Lima da outra parte por outra. Estaua elRey na sala ricamente armada, & tinha cõ figo o Cardeal, & Infantes: & ao entrar da porta deçoosse elRey do estrado, & cõ recebo a borda d'elle com grandes gasalhados, perguntando lhe pella saude do Imperador seu senhor, de sua molher, & filhos: O Embaixador lhe respondeo que todos ficatão bem, & desejosos de saberem nouas da de S. A. Depois d'estes primeiros cumprimentos lhe disse elRey, que recebia muito grande consolação com aquella embaixada, & que esperaua que d'ella se seguiria algum grande & assinalado seruiço de Deos nosso Senhor, & do Imperador da Ethyopia seu irmão, & a elle muita honra. Zagazabo deu a elRey duas cartas, hũa pera elRey dom Manoel (porque inda era viuo quando o despachou.) E a outra pera elle; & assi lhe deu hũa coroa de ouro, & prata, & lhe disse, que o Imperador seu senhor mandaua aquella coroa a elRey dom Manoel, porque de filho pera pay nunca vinha a coroa, senão de pay pera filho, & porque como o tinha por esse tomara a treuimen-

to pera lhe mandar aquella, pella qualera conhecido em seus reinos, & assi queria que sua alteza, o fosse em todos os da Abassia; & que depois de o ter despachado pera elRey dom Manoel, soubera de seu falecimento, & lhe mandara, que tudo o que trazia pera elle desse a S. A. pois era seu filho, & lhe ficaua a elle em lugar de irmão. Iuntamente com isto lhe entregou o padre Francisco Aluarez duas cartas que leuaua, a seu cargo pera o summo Pontifice, pellas quaes lhe mandaua dar a quella Rey a obediencia como filho da igreja Romana: & assi lhe entregou hũa boceta pequena em que ya hũa cruz d'ouro com o santo lenho, que se abrio, & elRey de joelhos tomou a cruz & abejou, dandoa ao Secretario Antonio Carneiro, com as cartas, pera se tornar tudo ao padre Francisco Aluarez, quando o despedisse pera Roma, & disse ao Embaixador, que daua muitas graças a Deos, pois por seu meyo chegaua a uer sogeitar-se o Imperio da Abassia a igreja Romana. E despedindo o Embaixador mandoulhe dar casa muito honradamente, com tres mullas, pera elle, & pera dous frades que leuaua cõ figo, & assinou lhe pera a sua mesa dous cruzados cada dia, com hum tostão pera cada caualgadura, & assi lhe mandou hũa rica cama, & hũa baixella de prata de todo seruiço pera

D sua

sua mesa, & lhe deu pera ter cuidado de sua casa, hum Francisco Perez, caualeiro honrado. O anno seguinte despedio el Rey o Embaixador, entregue ao padre Francisco Alvarez, pera ir dar a obediencia ao santo Padre, & por que esta jornada he da essencia da Chronica d'el Rey dom Ioão, o deixaremos, somente diremos a substancia da embaixada. Mandaua aquelle Rey pedir ao santo Padre que lhe concedesse d'ali por diante patriarchas, pera os instruirem nos estatutos Romanos, por que os que até então tinham, erão da igreja Grega: & o que ao presente viuia, que se chamaua Marcos, era homem que passaua de cem annos. Vzaão os Abexins por morte de seus Patriarchas mandar pedir outros a Ierusalem, que se elegião por todos os frades que auia na casa santa, de sua nação, mas sempre era eleito d'aquelles

que seguem a regra de santo Antonio primeiro Ermitão, & auia de ser natural de Alexandria. Estes patriarchas não tinham poderes pera mais que pera dar ordens, & crismar, que os bispados, & beneficios, só o Preste loão os podia prouer. O summo Pontifice recebeu esta embaixada, com grande alegria, dizendo por sua veneravel, & santa boca, muitas palavras em louuor do Emperador da Abassia, & lhe concedeo tudo o que lhe mandou pedir; consagrando em Patriarcha de Ethyopia hum religioso douto nas letras diuinas, & na lingua Chaldea, & Grega, homem estrangeiro, & nunca achamos quem nos dissesse de que nação era, mas quanto a nos, achamos que era Armenio, de qual

**LIVRO II. DA QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.**

**CAPITULO I.**  
*Da origem, & principio do reino, & Reis de Malaca, & do tempo em que receberam a ley de Mafamede, & do fundamento, & descripção da ilha de Binsão.*



**QVARTA DECADA** continuaremos com Pedro Mascarenhas, que deixamos fazer de prestes pera ir sobre Binsão. E primeiro que tratemos d'esta

ta jor-

ra jornada, nos pareceo bem dar-  
mos rezão do fundamento d'este  
reino Malayo: & principio de seus  
Reis, por guardarmes a ordem que  
leuamos n'esta nossa historia, que  
he mostrar o tempo em que to-  
dos os Reis mouros, com quem  
contendemos, receberão a ley de  
Mafamede. Pello que se adesa-  
ber, que estes Malayos, sempre se  
tinerão por mais honrados, que to-  
dos os visinhos, pella diuidade  
que tem attribuido a sua genitu-  
ra, & principio de que fabulão pa-  
tranhas, que não tem fundamento  
algum. Dizem que hum Rey, que  
era senhor de todo o mundo, dese-  
jando de saber os segredos do mar,  
mandara fazer hum caixão de fer-  
ro com algũas vidraças, em que  
se fizera lançar no pego desse mar  
Oceano, & que o Rey das agoas  
o recebeta muito bem, & lhe de-  
ra hũa filha em casamento de  
que ouuera dous filhos: & indo  
a visitar seus reinos nunca mais  
tornara: a mãy saudosa do ma-  
rido mandara os filhos em bus-  
ca d'elle, & os caualgara em gol-  
finhos, em que aporarão ambos  
na ilha de Camatra na praya de  
Pleamba, a que corruptamente  
chamamos Palibão. Sendo estes  
moços (que erão muito perto de  
dez annos) vistos da gente da ter-  
ra, vendoos rão fermosos, & tão ri-  
camente ataviados, os leuarão ao  
seu Rey, que os recolheu, & criou  
como filhos, & hum d'elles casou

depois com hũa filha d'elRey de  
Iapara, na costa da Iaoa, & outro  
com hũa filha de hũa senhora de  
Sincapura viuua, chamada Milão  
tania. E deixando as fabulas que  
contão n'esta criação, & casamen-  
tos, a verdade he que o Rey de  
Pleamba teve dous filhos que  
casou com estas duas molheres.  
Este que soçedeo no reino de Sin-  
capura viueo muitos annos: & por  
sua morte lhe soçedeo hum cha-  
mado Rajal Sabu, que foi o pri-  
meiro que pouou Malaca, co-  
mo logo diremos. E assi Ioão de  
Barros nas suas decadas, como  
Afonso d'Albuquerque em seus  
comentarios, & Damião de Cois  
na chronica d'elRey dom Ma-  
noel, lhe chamão Xaque Darxa,  
por este nome não he conhe-  
cido entre os naturaes, nem este  
titulo de Xaque propriamente  
quer dizer Rey, nem se vsou en-  
tre estes gentios, senão depois que  
receberão a ley de Mafamede:  
mas porque homens tão graues,  
não auão de escrever sem funda-  
mento, querendoos saluar a elles,  
a nos nos parece que teria ambos  
estes nomes: & que elRey de  
Sincapura se chamaria Rajal Sa-  
bu: & que depois de o ser de Mala-  
ca, se intitulasse do outro de Xa. E  
tãobem se pode cuidar naçer esta  
confusão dos escriptores Malayos:  
porque depois que aprenderão as  
letras Arabigas, em que reno-  
uãã suas escripturas, tratando

de todos os Reis, assi gentios como mouros, os nomearão com este titulo de Xá, sem fazerem differença dos gétiõs que antes de mouros se chamauão Rayas: mas todavia, algũas escrituras antigas ainda nomeão este por Rayal Sambu. Esto sendo Rey de Bintão, tomou hũa filha a hum seu veador da fazenda, & a teve por manceba alguns annos: & parece que depois tomado d'ella alguns ciumes, a enuegou publicamente, & a deitou fora. O pây afrontado d'aquillo, como era pessoa principal, & de muita posse, cartcouffe com alguns senhores da costa da Iaz, que vierão em seu fauor com poderosas armadas, & desembarcando em Sincapura, não oustando o Rey aõs esperar fogio, & passou-se a costa de Malaca, para hum lugar chamado Sencuder, junto de Vjantana, ficando o reino de Sincapura, & Bintão em poder do valfido, em cujos erdeiros andou muitos annos. Ali em Sencuder esteve o Rey degradado alguns tempos, dando-se bem com os da terra, & ordenando armadas com que saltou aquelles estreitos. E tendo a informação d'aquella parte onde depois se fundou Malaca, que então era hũa pobre pboyagão de pescadores, passando-se a ella assignou ali sua viuenda, & começou a fundar hũa noua cidade. E porque soube que a terra era d'el Rey de Sião, lhe mandou pe-

dir que lha quisesse dar com o titulo de Rey, que elle se lhe obrigaria a vassalagem: o que elle fez assignandolhe os limites, que na segunda decada de João de Barros se verão. A esta cidade que logo se começou a engrandecer, pos este Rey por nome Malaca, que em lingua propria quer dizer, de grado, porque foi ter a ella degradado, & deitado fora de seu antigo reino, & assi foi crescendo em poucos annos, que se fez maior que todos os visinhos, assi em poder, como em riqueza, por acarretar áquelle porto todas as embarcações de todas as partes do Oriente, com o que veio a engrosar, & a ter hũa certa superioridade sobre os mais Reys visinhos, como Emperador de todos. Teue este Rey dous filhos o erdeiro chamado Manoar, o outro Caçemo: & depois do pay viver muitos annos, socedeolhe o filho mais velho: que receandosse do irmão, o degradou pera hũa d'aquellas ilhas do mar, onde viveo pobrement. Reinou Manoar alguns annos, & faleceu sem filhos, pello que os do reino forão buscar o irmão, & o jurarão por Rey. Em tempo d'este, forão ter a Malaca, algũas naos dos portos de Arabia, & veio hum anno n'ellas hum caçis pera ir pregar ali de Mafamede por aquellas partes. Este ficando ali com el Rey, assi se lhe afeiceou, & elle

lhe representou a largueza de sua ceita, que o conuerteo a ella, & lhe mudou o nome, & lhe pos o de Mahamede, por honra do seu profeta, & lhe deu o titulo de Xá, chamandolhe Xá Mahamede. Este foi o primeiro Rey mouro que Malaca teue, o que socedeo muy perto aos annos do Senhor, de mil, trezentos, oitenta, & quatro, em que começaremos a origem dos Reis mouros. Viueo este muitos annos & socedeo lhe seu filho Mansorxá, & a elle seu filho Malafarxá, a este seu filho Aleuidim, & a elle também seu filho Mahamede Xá, ( que foi a quem Afonso d'Albuquerque tomou a cidade de Malaca ) que se passou pera Muar, até que Antonio Correa o lançou do pago, como na segunda decada de Ioão de Barros se conta, & d'ali se passou a ilha de Bintão sessenta legoas ao nascente de Malaca, fora do estreito de Sincapura pegada a terra firme, da que a diuide hum estreito rio que se vai meter no mar, & a cerca toda a roda: ao longo deste rio hum pedaço de sua fôz esta situada a cidade que também se chama Bintão, & cortá pelo meyo a equinocial, na parte onde está a cidade se faz hũa baya, por que entra hum braço do rio, com hum canal que vai em muitas voltas, por onde entrão os seus juncoz, & embarcaçoës. N'este canal mandou el Rey fazer hũa estacada

de mastos muy grossos, que taõbẽ ya em caracol, como o canal, deixando hum tão estreito, que não podia nelle virar hũa galê, & a cidade mandou a cercar de hũa tranqueira de duas faças, muy larga, & grossa, entulhada, cõ seus balluartes grandes & fermosos: & pera a banda que vai pera a terra firme sobre o rio armou hũa ponte até a outra banda pera seruentia da ilha, em que mandou fabricar dous fortissimos balluartes, hũ na entrada da ponte da banda da ilha, & outro na da terra firme. Nestes balluartes, & na fortificação da cidade auia trezêtas peças de artilharia de brôzo, de Camellos até meyoz berços. Derredor da cidade no lugar da caua auia tres ordens destrepes postos em reues, hũs pera defendem a entrada, & outros a saida, todos muito cruéis & perigosos, por serẽ eruados nas pontas Esta parte em que esta a pouoação he toda muito apaulada, & alagadiça: & esta he a rezão porque todas suas casas são edeficadas sobre grandes estejos de pao, leuantadas no ar, & a seruentia he por pontes, só as casas del Rey são fundadas sobre hum tezo; de forte, que com este modo de fortificação & impedimento de canal ficaua a cidade muito pera se recear: & el Rey n'ella muito seguro. D'aqui lançaua suas armadas fora, com que fazia muito grande guerra a Malaca, defendendo a nauegação

d'aquelles estreitos aos nauios que yão da laoa, & d'outras partes carregados de fazendas, & mantimentos pera Malaca, com o que pos aquella cidade muitas vezes em grandes trabalhos, & necessidades: principalmente em tempo do mesmo Pero Mascarenhas, de que elle estava muito escandalizado. E vendo agora que forçado auia de esperar a moução, que era em Dezembro, & que tinha ali a armada de Francisco de Sá, que ya pera a Sunda, determinou de ver se podia tirar aquelle imigo d'aquella ilha, & castigalo como merecia. Pello que todo o tempo depois que arribou de Pulopuar ate então, gastou em apercebimentos pera a jornada. D'isto foi logo el Rey de Bintão auisado, & mandou pedir socorro a el Rey de Paõ, que era seu genro, & elle se preparou pera esperar Pero Mascarenhas, que sabia que lhe auia de dar muito trabalho, pella experiencia que tinha de seu saber, & esforço.

CAPITULO II.

De como Pero Mascarenhas partio pera Bintão, & de como desbaratou hũa armada d'el Rey de Paõ, & do grande trabalho que os nossos tiveram na entrada do rio.



**E**STANDO Pero Mascarenhas prestes pera a jornada mandou fazer alardo da gente portuguesa, & Malaya, que auia de leuar, & achou portugueses quinhentos & cincoenta, em que entráuão os quatro centos da armada de Francisco de Sá, (posto que Castanheira diz, que não leuou mais de trezentos, mas no protesto que Pero Mascarenhas mandou à cidade de Goa, contra Lopo Vaz de São Paço, como adiante se verá, diz que quando fora a Bintão, leuara quinhentos & cincoenta portugueses, & naturaes seiscentos.) E embarcando se entregou a fortaleza a Jorge Cabral, & se fez a vella com dezanouẽ embarcações dous galeões, hũa galé, quatro fustas, dous bateis grandes cõ mantas pera baterem a cidade, quatro lancharas, cinco calaluzes, & dous bargantins. O Governador ya na galé, Francisco de Sá em hũa galeão, Ayres da Cunha em hũa fusta, Fernão Serrão em hũa carauela, Antonio da Cunha, Duarte Coelho, Simão de Sousa Galvão, João Pacheco, & outros pellas mais embarcações. Dos Malayos yão por capitães dous Bandaras principaes chamados Sina Raya, & Tuão Mafamede. Com esta frota foi surgir de frente da barra de Bintão, & vendo o canal, & as estacadas, bem entendendo

tendeo que lhe auião de dar trabalho, & logo mandou sondar o canal da báya, por Duarte Coelho; que andou por todo elle com o pruiño na mão, & notando o modo das estacadas pareceolhe difficuloso entrar por ali a armada, ao menos sem se arrancarem todas as estacadas, & voltando a Pero Mascarenhas lho disse assi, & lhe deu informação de tudo o que vira, & da fortificação da cidade, que reconhecco com muito risco, affirmando lhe, que querendo desembarcar na face da cidade (porque não auia outra desembarcação) custaria a vida á mor parte de sua gente, assi pella muita artilharia que tinha, como por causa da fortaleza da cidade, & da altura de seus muros. O Governador Pero Mascarenhas ouuiu tudo, presentes os capitães, com cuio parecer asétou que se cometesse a ilha pella pôte, por onde se seruia pera a terra firme, que não auia de estar tão fortalecida, & que se arrancasse a estacada para a armada poder entrar d'entro. Com esta resolução cometeo aquelle negocio a Fernão Serrão, por ser para todo o feito ariscado, & preselhe cincôenta homens pera o ajudarem n'aquelle trabalho. Fernão Serrão fortaleceo o seu nauio com grandes & fortes arrombadas, pera defensão da artilharia dos inimigos; & estando prestes tomarão algũs nauios de remo a carauela á toa, & a embocarão por

meyo do canal, & chegando a esta cada lhe lançarão aos paos grossos viradores, & guarnecendoos aos cabrestantes, pondo todos nelles suas forças, forão arrancando hũa & hũa, com tanto trabalho, que lhes rebentou o sangne pellas bocas, das forças que nos peitos punhaõ. N'isto gastou oito dias por serem as estacadas muitas, & se deterem em cada hũa grande espaço, & chegou a carauela a surgir de frente da cidade, donde o começarão a varejar com a artilharia soberbissimamente, & elle tambem lhe deu sua bataria. mas senão forão as arrombadas sempre fora metido no fundo. O dia que isto socedeo chegou a vista da armada hũa de trinta & tres lancharas, que era o socorro d'el Rey de Paõ que mandaua a seu sogro, em que yão embarcados perto de dous mil homens. O Governador Pero Mascarenhas receandose, que se elle entrasse os canaes, saisse a armada de Bintão de dentro, & estoutra pella banda de fora, & que o tomassẽ no meyo, por caso d'aquellas estreituras, & que lhe dessem muito trabalho: pello que determinou de mandar cometer esta armada em mar largo, & elegco pera isso Duarte Coelho, a quem deu quatro lancharas, & cinco calaluzes, & elle na sua fusta. Duarte Coelho que era muito caualeiro, tomando o remo em punho foi demandar os inimigos & chegando a tiro de berço, lhe deu sua  
salua

salua de bombardadas, de que lhe desaparelhou algũas. Vendo os inimigos a determinação dos nossos (posto que elles estauão muito de ventagem em numero de embarcações, & gente) não ousando a esperar, voltarão voga arrancada. Duarte Coelho vendo os ir em disbarato os foi seguindo as bombardadas, de que lhe matou muita gente, & tanto apertarão com elles que fizeram varar vinte & tres das lancharas, em hũa d'aquellas ilhas, lançandose logo a gente a terra, deixando as embarcações anhoras, que os nossos tomarão com todo o seu rechejo, sem lhe custar golpe d'espada, as outras dez lancharas, por ficarem mais abalrauento forão seu caminho, que Duarte Coelho foi seguindo com a sua galeota, & porque era pejada do remo, mudou se a hum balaço com cinco ou seis cópanheiros, & apertando o remo as foi seguindo. Chegando a tiro de spinarda, vendo os inimigos aquella embarcação só, & tão alongada das outras, voltarão a ella. Duarte Coelho bem entendeu que tinha feito grande erro, em seguir os inimigos só, podendose contentar com a vitoria que tinha auido, mas não deixou de ir por diante com tenção de pelear com todos, por que antes queria morrer que voltar. Os mouros uendo que todavia aquella embarcação ya por diante sem voltar, pararão. Duarte Coe-

lho vendo que não reinarão, tambem leuou o remio, os inimigos torparão apertar o seu, & elle fez o mesmo sempre com a proa nelles, elles todavia receando tornarão a parar, & Duarte Coelho fez o mesmo, fizeram esta querena por tres vezes, & como isto era ja perto da noite, foisse ella ferrando, & cobrindo o ar, com o que os inimigos se fizeram em outra volta, & Duarte Coelho se tornou peira a armada, & ajuntando as embarcações dos mouros se foi com ellas por popa, & entrou em Bintão onde foi muito festejado de Pero Mascarenhas, & ouue aquella vitoria por bom prophetico. E assi dixê a todos que pois lhe nosso Senhor começara a fazer merces, que riuessem confiança, que tão bem lhe daria Bintão.

CAPITULO III

*De como os inimigos cometerão o nauio de Fernão Serrão, & do risco em que se viu, & de como o Governador o soccorreo, & cometeo a cidade de Bintão, & a tomou.*



**S**ERTO Fernão Serrão no porto de Bintão, depois que (como dissemos) arrancou as estacas com hum trabalho, que só portuguezes puderão aturar, viosse em muito grande perigo,

perigo, por ficar todo descoberto a  
 bateria dos inimigos que de todas  
 as partes o perseguirão, desparan-  
 do na costado do seu nauio a quel-  
 la infernal multidão de pilouros  
 de ferro coado, & de pedra, com  
 que o esburacarão por muitas par-  
 tes, começando por ellas a fazer  
 tanta agoa, que se ya ao fundo, &  
 sem duvida se perdéra. Senão fora  
 o grande esforço, & diligencia cõ  
 que Fernão Serrão acudio a tudo,  
 repartindo os homens pello trá-  
 balho, com que vencião todos a-  
 quelles riscos. E como tinha reca-  
 do de Pero Mascarenhas que se fos-  
 se a barbar com a ponte, foi pas-  
 sando por todos estes perigos, em  
 que gastou os mais medonhos, &  
 espantosos quinze dias, que se po-  
 dem imaginar, porque em todos  
 elles foi as toas, & não andauão  
 em cada hum mais, que a compri-  
 dão de hum virador, & todo o  
 tempo que se gastára em escrever  
 os muitos & grandes trabalhos, &  
 perigos, que este capitão passou, fo-  
 ra muy bem empregado, mas não  
 temos palauras com que o enca-  
 recer, basta que elle fez tudo quã-  
 to hum valeroso, & esforçado ca-  
 pitão poderia fazer, ate que abar-  
 bou a ponte, com hũa grande grita  
 & aluoroço dos seus, dando no  
 baluarte que ali estava hũa fermos-  
 sa saluã de bombardadas, & espin-  
 gardadas. El Rey de Binião ficou  
 muyto agastado, d'aquelle negocio  
 afrontando & desonrando seus ca-

pitaes, que de corridos, & enuergo-  
 nhados não ousauão apparecer  
 diante d'elle. E ajuntandose todos  
 tratarão de fazer dar o nauio a cos-  
 ta: & pera isso buscarão muitos ar-  
 dis ate lhe irem cortar as amarras  
 de noite, & de margulho: mas fo-  
 rão sentidos pella grande vigia que  
 os nossos tinhão, & logo surgirão  
 com outra amarra mandando a  
 guarnecer, & forrar com cadeas  
 de ferro: ao outro dia que isto pas-  
 sou mandou el Rey Alacximena  
 seu capitão mor do mar, que ne-  
 goceasse todos os nauios que pu-  
 desse, & fosse cometer a carauela: o  
 que elle fez com perto de vinte lan-  
 charas em que leuaua quinhentos  
 homẽs, que elle pera isso escolheo:  
 & remeteo com a carauela muy de  
 terminadamente, & a inuestio pel-  
 la proa, & pella popa, lançandose  
 logo d'entro n'ella mais de duzen-  
 tos mouros, Fernão Serrão que ja  
 estava preparado os recebeo com  
 grande animo trauandose entre  
 todos hũa muyto aspera batalha,  
 & deixando a proa encomendada  
 a homens de confiança acudio a  
 popa por onde yão entrando os i-  
 migos, & com seu muyto valor os  
 deteu. As lancharas de fora se pu-  
 serão as bombardadas com a cara-  
 uela descargando sobre ella es-  
 pessas nuues de frechas, de que o  
 nauio por todas as partes ficou em-  
 penado, & muitos dos nossos en-  
 cruiados. Os mouros que entra-  
 rão pella proa apertarão tanto cõ  
 os nos-

os nossos, que os leuarão ate o conues, onde se tranou hũa muito cruel batalha. Fernão Serrão que andaua de popa, tanto que vio ali o negocio taõ arriscado, deixando n'aquelle lugar os companheiros, voltou só pera o conues & como hum leão brauo se meteo entre os mouros, fazendo nelles hum grande estrago, & com sua chegada se detiverão, porque yão encurrallando os nossos. O Governador Pero Mascarenhas q̃ vio o trabalho em que a carauela estaua, não querendo arriscar as embarcações grandes, pella muita artelharia que da fortaleza jugaua em rodã viua, pera defender que lhe não fosse socorro, chamou Duarte Coelho, & disse-lhe, que ambos auião de ir so correr aquella carauela, & metendo-se cada hum em seu balanco, cõ dez ou doze homens cada hum, tomaraõ o remo em punho, & forã passando por aquella furia infernal das bombardadas ate chegarem ao nauio. & pondo as proas nas lancharas que estauã abordo as axoraraõ com muitas panelas de poluõra, fazendo lancar ao mar os que nellas estauã: & sobindo à carauela acharaõ Fernão Serrão caido d'aquelle hora no chão, cõ mais de vinte feridas, & derredor d'elle hum monte de mortos, & os mouros mūy acesos, & determinados, & remetendo a elles com aquelle impeto & furor que a honra & paixã lhes fazia leuar metes

dõsse no meyo fizeraõ nelles tal estrago, que em pouco espaço metteraõ a mor parte d'elles a espada, & os outros cortados tambem d'ellas, & do medo se lançaraõ ao mar, & o mesmo fizeraõ os da popa, ficando a carauela despejada, & todos os nossos muito mal feridos. Pero Mascarenhas fez alevantar Fernão Serrão, & recolheo pera a camara, & o mandou curar perante si, & o mesmo fez a todos os soldados, & querendo prouer a carauela, & deixar nella Duarte Coelho, & leuar Fernão Serrão pera a armada, o não consentio elle, dizendo a Pero Mascarenhas, que em quanto elle fosse viuo defenderia a sua carauela a todo o poder d'el Rey de Bintão, ainda que fosse asy lançado n'aquelle canja, que as feridas logo sarariaõ, & que sobre ellas estaua muito prestes pera receber outras de nouo pello seruiço d'el Rey. O Governador Pero Mascarenhas lhe agradeceo muito aquillo, mandando embarcar nos balancos os soldados mais perigosos, porque os mais não quiseã largar o seu nauio, nem o seu capitão: & deixando na carauela alguns dos companheiros que leuaraõ, tornaraõ-se pera a armada. Passada esta vitoria determinou o Governador Pero Mascarenhas de cometer a cidade pella banda da terra firme, por onde estaua assentado em conselho, & pera fazer isto mais a seu saluo, fez mostrar

ras de querer cometer a cidade pela face d'ella, pera embarçar os inimigos, pera o que mandou preparar algũs çestoës, & pipas, que já leuaua feitos de Malaca, & encomendou a Sina Raya da Raya, que com os seus Malayos, & corenta portuguezes que lhe daria desembarcasse os çestoës, & pipas na praya, & que logo as encheffe de terra, & assentasse alguns falçõs, & começasse a bater a cidade, porque pella menhá aqueria cometer, por ali com todo o poder; deitando esta fama, porque se pella ventura os Malayos tiuessem algũas intelligencias com os de dentro, & auissassem a el Rey da parte por onde elle determinava de cometer, se descuidasse das outras. Sina Raya fez o que o Governador lhe mandou, & pojou em terra de noite pello escuro, & logo armou ás pipas & çestoës, & encheo tudo de terra, & assentou os falçõs, tudo com muita pressa & breuidade. Lac Ximena, que estava por capitão naquelle tranqueira sentio a obra, & mandou auisar el Rey, & pedir-lhe mais gente, porque o querião cometer por ali. Com este recado mandou el Rey tirar todos os mouros que estavam repartidos pellas outras estancias, & os mandou passar pera aquella, pella confiança que nelles tinhã. Foi na cidade grande o alhorço, quando lhe disserão q os portuguezes querião cometer

por aquella parte; porque otiuerão que os tinhão nas mãos, & que nenhum lhes escaparia. Pero Mascarenhas deu recado a Sina Raya, que tanto que no quarto d'alua visse fogo em algũa parte, fizesse que cometia a tranqueira com grandes estrondos, & alaridos, & deixando os nauios em seu lugar (porque os da cidade os não sentissem) embarcouffe com toda a gente em balancos, & bateis, & em muito silencio foi desembarcar na terra firme em parte que ficaua hũa legoa da ponte, & dali começou a marchar entrada do quarto d'alua, metendose por hũs caminhos apaulados, & todos de vaza, em que os nossos atolauão até as cintas, & além disso todos cheios de aruores brauas, em que yão marrar por ser muito escuro, & foi defeição, que estiueraõ perdidos, & se Deos os não fauorecera, não era possiuel corpos humanos poderẽ soffrer aquelles trabalhos, porque yão todos taes, & tão enuazados, & quebrantados, que não podião consigo, & passando por todos estes perigos chegarão a ponte hũa hora ante menhá com tamanho aluroço como se fossem descansar, & não tiuessem por passar outros maiores riscos, & trabalhos. E como a ponte da banda da terra firme, não tinha guarnição, por se não temerem d'aquella parte, forão logo entrando por ella dando o Governador a diantei-

ra a Francisco de Sá, para quem se passarão alguns fidalgos, & cavaleiros desejosos d'honra, & chegaram a onde estava Fernão Serrão, que já os esperava, por estar avisado do negocio. E como estava a barbado com a ponte saltou em terra com todos os seus soldados, ainda que não são das feridas, & de envolta com os da dianteira foram cometer o baluarte da entrada da póte, que era de madeira como dissemos. Os que ali estavam de guarnição, como se não receavam d'aquella parte, dormião descansadamente, & nunca sentirão cousa alguma. Os nossos cometerão o baluarte com muitas panelas de poluora, com que os inimigos desperarão, em meyo das labaredas, & ardendo nellas largarão o baluarte, & acodirão abaixo ao postigo por onde a ponte se servia, onde já estavam Ayres da Cunha, João Pacheco, & outros, que com fogo, & vaiens arrombaram as portas por onde entrarão. E posto que acharão nos inimigos grande resistência; todavia escansalizados do fogo, & do ferro, largarão tudo & foram fugindo para a cidade, ficando o baluarte despejado, a que logo pôserão fogo, que ardeu com muita braveza. Sina Raya, o nosso capitão Malayo, que estava na praya em vendo o fogo, começou a bater a cidade, & com grandes gritas & estrondos fez que cometia a entrada. LacXimena que estava so-

bre aviso, pôsse a esperar os nossos com grande alvoroço, por que avia que se satisfaria nelles da quebra passada, de quando cometeo Fernão Serrão, de que sayo escalurado, & corrido, & estando neste fervor, foram dar com elle, os que fogião da ponte, & lhe derão novas do que por lá ya, com o que elle ficou sobre saltado, & o mesmo fez elRey tanto que o soube. Os nossos foram entrando a cidade, indo lhe pondo fogo em todas as casas, que eram de madeira, de que se elle apossou com sua braveza acostumada. Vendo elRey, que cuidava que tudo era mentira, ser tamanha verdade, o que lhe disserão, não teve mais tempo que para se por em hum elefante, & fugir, sem levar mais que sua pessoa. Já neste tempo ya amanhecendo, & os nossos vão tudo muito bem, & vão mais a sua vontade fazendo pela cidade grandes estrages. Pero Mascarenhas que ya por hũa parte, encontrou com hum capitão chamado Laxa da Raya, com perto de mil & quinhentos homens, & pondo o Governador o guiao de Christo no meyo, elle se pôs diante dos seus com grande valor & esforço pelejando, & animandoos, & tal estrago fez nos inimigos, que foi espanto. Aqui se assinalarão muito Aluato de Brito, & Antonio de Brito, Simão de Sousa Galvão, Ayres da Cunha, Francisco de Mello Pereira, João Pacheco,

co, Francisco de Sá, & outros fidalgos & caualeiros, que todos este dia d'eraõ grandes prouas de suas pessoas, matando cada hum d'elles muitos mouros. O Laxa Rayá q' era grande caualeiro, teue sempre o tolto aos nossos fazendo taõ bẽ grandes caualarias, & quis Deos que lhe deffem duas espingardadas com que se foi logo recolhendo, & os seus se puseraõ em disbarato: Pero Mascarenhas lhe foi seguindo o alcanse, em que os nossos soldados fizeraõ grandes crueltas: Francisco de Sá, Fernão Serraõ, Duarte Coelho, & os mais que os seguião, forãõ demandado os passos d'el Rey, & d'eraõ cõ Lac Ximena que ja sabia da fogida d'el Rey, & tambem ya recolhendo se com hũa grande companhia de mouros, & remetendo os nossos a elles, trauaraõ hũa muito cruel batalha em que ouue grandes danos; mas como Lac Ximena peleijaua com desconfiança, vendo o estrago que os nossos faziaõ, largou tudo & foisse recolhendo, ficando d'esta feita a cidade em maõs dos nossos. Seria ja quando se acabou de arrematar a vitoria, meyo dia, & foi hũa das maiores que na India se alcançou, porque na cidade auia sete mil homens escolhidos, & muitos mouros, de que morreãõ quatro centos a fora muitos feridos, & dos nossos naõ morreãõ mais que dous ou tres, & n'enhũ denome. Auida a vitoria man

dou o Governador saquear a cidade, em que se achãõ muitos & ricos despojos, porque estaua com todo seu recheio. Pello muro & baluarte se acharaõ trezentas peças d'artelharia, que o Governador mandou recolher. Esta noite se agasalhou o Governador na casa d'el Rey, mandando por capitaes nas portas que yãõ pera o Sertaõ, & ao outro dia, & cinco ou seis mais, q' durou o sacco sempre se achou que recolher: & n'elles chegou el Rey de Linga, grãde amigo dos portugueses, que vinha em seu soccorro, cõ dezoito lancharas, o que foi recelido muito bem do Governador, & mandou que com toda a sua gente, & algũs portugueses fosse correr a ilha, & trabalhassẽ por auer aquelle Rey as maõs, o que elle naõ aguardou por q' ja se tinha passado a Viantaua, onde fundou noua cidade, & em que viueo pouco, porque logo faleceo, & lhe soçedeo seu filho Alaudim, que he o que Castanheda, & Petro Mapheo dizẽ ser este, que Pero Mascarenhas lançou fora de Bintãõ, sendo na verdade seu pay, como nos o aueriguamos cõ os Embaixadores de Ior, que a India vierãõ: pella ilha foraõ mortos muitos Malayos, & catiuas duas mil almas; & naõ tendo ali mais que fazer, mandou o Governador por fogo a toda a cidade, q' ardeu tres dias. Aqui veyo ter com Pero Mascarenhas, o senhor que foi de Bintãõ a que aquelle Rey to

mon aquella ilha, & lhe pediu o res-  
tituisse nella, que elle queria ser vas-  
salo de Portugal; o Governador  
lha concedeo, & lhe passou carta  
de vassalagem, & de como lhe con-  
cedia aquella ilha com condiçao,  
que nunca mais elle, nem seus her-  
deiros fizessem ali fortaleza alguma,  
nem trahião armadas no mar. N'el-  
tas cousas gastou o Governador  
perto de hum mes, & despedio da  
Fransisco de Sá pera a Sunda, &  
elle se tornou pera Malaca a espe-  
rar a moução pera se ir pera a  
India.

CAPITULO IIII

*Do aluoroço que auiu na gerte da India,  
- e sobre o gouerno de Lopo Vaz de  
são Payo, & de como se elle fez pres-  
tes pera ir buscar as galés dos Ru-  
mes.*

**T**ORNANDO  
a continuar cõ o  
Governador Lo-  
po Vaz de são Pa-  
yo, que deixamos  
em Cochim, dã-

do expediente a muitas cousas, de-  
raõlhe cartas de Goa, & de Chaul,  
em que lhe certificaõ estarẽ em  
Camarão as galés de Rumes cõ de-  
terminação de passarem a inuernar  
a Dyo, & d'ali fazerem guerra a to-  
da a India, & irem sobre Gca; &  
não se recolherem até deitarẽ fora

todos os portuguezes. Cõ estas no-  
uas se malẽ com o Governador,  
& ajuntando os capiraes & fidal-  
gos acõselho, forão os mais d'elles  
de parecer, que fosse esperar as ga-  
lés a ponta de Dio, & que ali pelei-  
jasse cõ ellas, & que lhe seria facil a  
vitoria, por que as tomaria contra  
atelharia abatida, & destruçã das,  
& desbaratadas da viagem, & que  
se lhes dessem tempo pera se refor-  
marem & ajuntarem com a arma-  
da de Cambaya, sem duuida ne-  
nhua se farião senhores da India.  
Cõ esta resolução se começou a fa-  
zer prestes, & despedio hum catur  
muito ligeiro a Choromandel, diri-  
gido a Ambrosio do Rego, que ali  
estaua por feitor, a que escreueo, &  
mandou grandes prouisoes, pera  
mandar a pregoar por toda aquella  
costa, em que mandaua a todos os  
portuguezes que por ella andauão,  
que tanto que aquella vissem se fos-  
sem logo pera Cochim onde os es-  
peraua, pera o acõpanharẽ n'aquel-  
la jornada, so pena de serẽ auidos  
por traidores, & aleuãtados, & se  
proceder contra elles, & cõtra suas  
fazendas, onde quer que fossẽ a-  
chadas, como esses: & que a todos  
os que pera elle viessem perdoaua  
quais quer culpas que tiuessẽ, &  
aos sentençados ja, todos os degre-  
dos, & penas crimes, em que esta-  
uão condenados. D'esta prouisaõ  
zombarão todos, porq̃ por aquella  
costa não estaua auido por verda-  
deiro Governador. Os apparatus da

da armada yão crecendo a morpreſſa, & o Governador Lopo Vaz andaua todos os dias na ribeira dando ordem & auimento a tudo, & como não ceſſauão aſmurmutações de ſeu gouerno, & da ſoçeſſão que ſe abrio, auia muitos q̄ publicamente dizião, que fingião aquellas nouas das gales, pera ter a quella occaſião de as ir buscar por ſe afaſtar de Pero Mafcarenhas, & não ſe encontrarem, por ſe não por com elle a direito, & que para lhe ficar a elle melhor partido, que ria leuar toda a armada que auia na India em que conſiſtia todo o poder d'ella, porque não ficaua al gum outro a Pero Mafcarenhas, & com iſto dizião tambem publicamente que o não auiaõ de aconpanhar, porque cada dia ſe eſperaua por Pero Mafcarenhas. Tudo iſto foi as orelhas de Lopo Vaz, do que ficou muito enfadado, & de feito não queria a mer parte da gēte receber ſoldo, nem embarcarſe, citando elle já de todo pera o fazer, & querēdo atalhar eſtas deſordens, eſtando hū domingo à miſſa, em ſe leuantando o ſanctiſſimo Sacramento diſſe em alta vós; juro n'aquella hoſtia conſagrada, em que eſtá o verdadeiro corpo de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, que n'eſta jornada não tiue, nem tenho outra tenção, ſenão de ir buscar a armada do turquo, & pelcjar com ella, porque ſe aſſi o não fizer, farſeão elles ſenhores de toda a India,

& por eſta ſer minha tenção mandando a todo o homem portuguez, tirando os da obrigação d'eſta fortaleza, que logo ſe embarquem comigo, & não o fazendo, ſaibão certo todos os que ficarem que os ei de caſtigar grauiffimamente. Feita eſta diligencia começoſſe a embarcar, & o meſmo fizerão todos, por auerem que era verdadeira a ida em busca dos Rumes, com quem todos deſejauão de ſe verem as mãos. Poſto no mar deixou por regimento ao veador da fazenda Afonſo Mexia, que quando Pero Mafcarenhas chegaffe de Malaca áquelle porto, lhe mandaffe notificar ſua ſoçeſſão, pera que ſoubefſe a mudança que elRey tinha feito, pera que não cuidaſſe que auia de deſembarcar como Governador: & que ſe o quiſſe fazer como fidalgo particular o deixaffe, & quando não, que lhe defendeſſe a deſembarcação as lançadas. Com eſte regimento deixou hūa carta pera Pero Mafcarenhas, pera lha mandar a barra, quando ali chegaffe, em que o conſolaua da mudança que elRey tinha feito nas ſoçeſſões da gouernança, fazendo a elle ſegundo nas proximas, ſendo primeiro nas paſſadas, fazendolhe comprimentos largamente, pera ver ſe com elles lhe podia tapar a boca. E dada a vella antes que Janeiro ſe acabaffe chegou a Cananor, a onde ſe vio

com dom Simão de Meneses, que ali estaua por capitão, & lhe deu o mesmo regimento sobre as cousas de Pero Mascarenhas, & deixou n'aquella costa por capitão mor Jorge de Sousa, com dez, ou doze nauios de remo, d'ali se fez a vella pera Goa, & em Batecalá achou Eitor da Sylueira, que (como atras diffemos) deixara de passar o estreito, por conselho de Christouão de Sousa, pella certeza que auia das galés, & d'elle soube todas as nouas, com que despedio hum captur ligeiro a Chaul, com cartas a Christouão de Sousa, em que o auisaua de como ya esperar os Rumes, & lhe pedia, que lhe tiuesse prestes todos os nauios, & gente, que podesse, pera o acompanhar, porque se não detiuesse ali. E indo na derrota de Goa, achou no caminho Fernão de Morais em hum nauio que vinha de Ormuz com cartas de Diogo de Melló, & d'elRey, em que lhe fazião queixas muito grandes de Rax Xarrafo, & lhe requerião que o mandasse leuar d'aquella fortaleza, porque em quanto nella estiuessse, não deixaria de tentar algũa novidade, como ja fizera em tempo do Governador Diogo Lopez de Siqueira. Com isto ficou o Governador muito enfadado, por que erão cousas, que podião dar muito trabalho ao estado. Chegando a Goa aposentou se em são Francisco, onde chamou a conse-

selho todos os capitaes, çidadoes, mestres, & pilotos, & lhes propos, como os Rumes estauão na ilha de Camarão, & que por algũs auissos que tiuera sabia de certeza que auião de inuernar nella, pera em Agosto passarem a India: & que sem embargo de estar assentado que os fosse esperar na ponte de Dyo, a elle lhe parecia melhor ilos buscar a Camarão, porque os tomaria em terra, & com as galés desmastezadas, & desguarneçidas, & que por nenhum caso lhes poderião escapar: que vissem todos o que lhes parecia d'aquelle negocio. Debatido entre todos tornaraõ a concordar em os ir esperar a ponta de Dyo, a onde forçado auião de ir de mandar, & que inda pera o fazer, era necessario esperar pellas naos do reino, q̄ auião de vir na entrada de Setembro, por que não auia na India armada nem gente bastante pera os ir ali esperar, quanto mais ilos buscar a Camarão, a onde forçado auia de chegar com a armada diuidida, & destrocada, & mais tendo exemplos de casa, dos desastres & perdiçoës que passarão Afonso d'Albuquerque, & Diogo Lopez de Siqueira, quando entrarão aquelle estreito, que quando elles estauão tão certos na paragem de Dyo, pera que era cansar em os ir buscar tão longe. De tudo isto mandou o Governador fazer hum auto assinado por todos, & desistio da ida, mandando

dando recolher a armada pera d'êtro. Tanto que se isto vio começação a resuscitar as murmurações passadas, affirmando que sempre tora entendido serê aquellas cousas do Governador cõprimêtos, & ficções, pera se sair de Cochim, por se não encontrar ali cõ Pero Mascarenhas, & tornaraõ a auer novos bandos, & ajuntamentos. O Governador despedio Manoel de Macedo em hũa catauela, pera ir a Ormuz com prouisoões, & papeis, pera prender Rax Xarrafo, & leualo pera Goa, dandolhe por regimento que tornasse a inuernar. E despedio Antonio de Miranda d'Azeuedo capitão mor do mar, com sua armada pera Cochim, dandolhe por regimento que leuasse grandes vigias em Pero Mascarenhas, & que encontrandoo lhe requerêsse da parte d'elRey, & da sua, que se fosse inuernar a Cananor ou em Cochim, & que quãdo não quisesse senão passar a Goa, voltasse com elle até a barra, dõde o não deixaria passar até lho fazer a saber, & deulhe hũa carta pera lha dar, em que o consolaua, & lhe dizia, que se quisesse tornar por capitão de Malaca, que lhe a crezentaria os ordenados, & faria muitas merçes. Isto tratava o Governador, por que lhe não vinha bem entrar Pero Mascarenhas em Goa, porque sabia mūy bem à justiça que contra elle tinha, & como toda a gente era amiga

de nouidades, causaria hum grande aluoroco, & o farião por com elle a direito, cõsa que lhe não vinha bem.

CAPITULO V.

*Do que aconteceu a Pero Mascarenhas ate chegar a Cochim, & de como Afonso Mexia lhe defendeo a desembarcação, & do que passou em Cananor, & de como se partio em hum caturo, pera Goa.*



**H**EGADO Pero Mascarenhas a Malaca, proueo em muitas cousas d'aquella fortaleza, & como entrou o mes de Dezebro negociou os nauios que auia de leuar pera Goa, & mandou embarcar a fazenda que auia d'elRey, & de vinte do mes por diante se fez a vella pera Goa, com tres galeoões carregados de drogas: & fazendo sua viagem prosperamente chegou a Coulaõ, onde foi recebido do feitor, & Alcaide mor, como seu Governador: posto que tinha regimêto de Lopo Vaz de São Payo em contrario, & d'elle soube todas as cousas que erão passadas sobre as soçessões, do que ficou affaxionado: & tomando ali conselho sobre o que faria, lhe disse hum Simaõ Caeiro, que elle fizera Ouvidor geral, que se fosse logo a Cochim

chim, & castigasse rijamente o veador da fazenda, porque abriu a soçessão, & que posto que ja estava aberta, lhe não perjudicava a seu direito, porque elle pella primeira, era o verdadeiro Governador da India. Com isto partio Pero Mascarenhas, & furgio na barra de Cochim, o derradeiro de Fevereiro, hum sabado a tarde. O veador da fazenda que trazia suas vigias, sabendo de sua chegada, mandou logo dous juizes, & em sua companhia Duarte Feixera thesoureiro das mercadorias d'elRey, & Manoel Lobato seu escriuão, pera que fossem a nao de Pero Mascarenhas, alhe notificar a noua soçessão de Lopo Vaz de saõ Payo, & o trellado do regimento que lhe deixára, & que lhe requeressem da parte d'elRey, que obedecesse ao dito Lopo Vaz de saõ Payo, pois era Governador da India. Entrados estes homês no galeão fizeram suas notificações a Pero Mascarenhas, do que se elle apaixonou, & disse, que a soçessão que se ábrira era falsa, & que não estava assinada por elRey dom João, & que elle estava de posse da governança, como se via por hum auto que elle mesmo Afonso Mexia lhe mandara a Malaca, & porque o seu Ouvidor geral lhe disse que não dissimulasse com aquellas coufias, que erão caso de treição, mandou logo Pero Mascarenhas fazer hum auto, em que ouue os juizes por

suspensos, & presos os mandou per suas casas, & a Duarte Teixeira, & Manoel Lobato, mandou logo lançar grilhoês, & os deixou ficar presos no galeão. Sabido isto pello veador da fazenda, mandou lhe requerer, que lhe soltasse o thesoureiro, & escriuão das mercadorias, por que se poderia perder a fazenda d'elRey, que estava em seu poder, mandandolhe requerer de nouo, que obedecesse a Lopo Vaz de saõ Payo como a Governador, & que se tosse pera Goa onde o acharia, & requiereria sua justiça. A isto respondeo Pero Mascarenhas, que ao outro dia lhe daria a resposta em terra. O veador da fazenda temendose, que elle desembarcasse de noite, & que se metesse na cidade, repicando o sino, ajuntou todos os casados, & armandose fortão vigiar a praya, como se nella ouuessem de desembarcar os Ruyões, que estauão em Camaraõ: mandando o veador da fazenda por vezes requerimentos a Pero Mascarenhas, que não desembarcasse, affirmadolhe no derradeiro, q' lhe auia de defender por armas, a desembarcação porq' assi lho mandaua o Governador da India. O Governador Pero Mascarenhas esteue pera passar a Goa, mas os seus lhe aconselharão q' em nenhũ modo deixasse de desembarcar, com cor de dizer que ya ouuir missa a terra por ser domingo, porque tanto que pufesse os pés em terra, como

mo era legitimo Governador, forçado lhe auião de acudir todos os do pouo, & que então poderia prender Afonso Mexia, & castigalo com fórme a suas culpas. Com isto desembatcou ao outro dia pella manhã nos batejs das suas naos, não consentindo que algum dos seus leuasse armas; leuando Ouvidor geral, & meirinho com suas varas. Chegando a praya onde o veador da fazenda andaua em hum ferroso caualo acubertado, armado em coura de laminas, de lança, & adarga, & acompanhado de todos os calados; & vendo chegar os batejs mandou que ferissem a todos os que nelles vinhão, & que os matassem se quisessem desembarcar: & assi arremeterão todos as embarcações, sem darê pelos brados que lhes Pero Mascarenhas daua, requerendolhes da parte de Deos, & d'el Rey que estiuessem quedos, porque elles vinhão pacificamente como Christãos a ouvir missa. Afonso Mexia dando-lhe pouco de tudo, mandaua que os lanceassê como começarão a fazer, sem os da parte de Pero Mascarenhas terem com que se defender. Todos os naturaes da terra acudirão á praya, & vendo fazer aquillo a hum homem que ya com nome de Governador, estauão pasmados de cousa tão fea, Pero Mascarenhas primgeiro que se pudesse recolher foi muy bem espancado, & ferido em hũ braço,

aquelle a que tanto numero de inimigos em Bintão não poderá fazer nojo, virem os amigos em sua propria cidade, desembarcando pacificamente ao afrontarem, & maltratarem, cousa foi nunca imaginada de portugueses, & menos castigada de todas as que vimos, sendo ella d'ina d'hum exemplar castigo: por que quando n'esta nossa historia se lessê hum caso tão abominauel, se achasse logo junto d'elle a justiça, pera que visse o mudo quam inteiramente os Reis de Portugal a guardão com todos, & que assi como sabem remunerar seruiços, assi tem por obrigação castigar culpas, & delitos. Em fim os da companhia de Pero Mascarenhas se afastarão pera fora, & se tornarão pera as naos, bem moidos, & escaleurados, saindo ferido de hũa chussada roim Jorge Mascarenhas sobrinho de Pero Mascarenhas. E sendo nas naos mandou o Governador Pero Mascarenhas fazer hũ auto pello Ouvidor geral, d'aquella resistencia mandando a pregoar pella armada ao veador da fazenda, & moradores de Cochim por traidores; & aleuantados contra a coroa real. Afonso Mexia despedio logo hum catur ligeiro pera Goa com cartas pera o Governador Lopo Vaz, de tudo o soçedido, em que foi Ayres da Cunha, que tambem leuou cartas de Pero Mascarenhas pera elle, & pera todos os fidalgos, em que lhes daua conta do que

que lhe Afonso Mexia fizera, pedindo aos fidalgos todos, que determinassem, qual era o verdadeiro Governador, porque elle não queria se não justiça Afonso Mexia mandou requerer ao Governador Pedro Mascarenhas, que lhe mandasse entregar os galéões d'elRey com toda sua fazenda pera se vender, & se quisesse ir pera Goa, lhe daria hũa carauela; d'isto foi contente Pero Mascarenhas, porque depois que se lhe passou aquelle grande accidente de paixão, determinou de levar o negocio por termos de paciência, por imitar Afonso d'Albuquerque, nas cousas que lhe socederão com o visorRey d'Almeida. O veador da fazenda mandou a carauela a Pero Mascarenhas, a que se passou, & recolhendo cõ figo os que quiserão, os mais se forão pera terra, & entre elles foi Jorge Mascarenhas, porque estava mal, a quem o veador da fazenda mandou logo levar prezo a Coullão; & assi prendeo em ferros todos os mais que se desembarcãrão. Pero Mascarenhas se fez à vela, com determinação de ir a Cananor, esperar reposta de suas cartas: & porque dom Simão de Meneses era seu amigo, onde podia ser achasse melhor gasalhado que em Cochim: & surgindo n'aquella barra, mandou recado a dom Simão de sua chegada, que lhe mandou dizer que lhe pezava muito de sua vinda ser em tempo, em que lhe

não podia fazer serviço algum, como seu serviçador que era: porque tinha ordem do Governador Lopo Vaz de saõ Payo, em que lhe mandava, que se fosse ter aquella fortaleza, & n'ella quisesse desembarcar como fidalgo particular, tão honrado, & de tanto merecimento, que o recebesse conformé a sua pessoa, mas que se o quisesse fazer cõ nome de Governador, que lho não consentisse; & elle pello que diuia a sua lealdade, não podia fazer outra cousa: porque Lopo Vaz estava auido por Governador da India, & estava em lugar d'elRey. Pero Mascarenhas lhe mandou dizer que fazia n'aquillo muito bem, que não queria d'elle mais que hum catur pera ir n'elle para Goa, por ir ainda mais razo, & cõ menos sospeitas de querer algũa cousa por força, senão por justiça, o que lhe Dõ Simão louuou muito. & lhe mandou hum catur muito bem negociado, em que não leuou mais, que Simão Caeiro, & Lã çarote de Seixas, & dous pagens que o seruissem: & assi se partio pera Goa, pareçendolhe, que os fidalgos, & capitaes da India, quando Lopo Vaz se não quisesse por em justiça com elle, lho farião fazer, porque auia, que tanto que Lopo Vaz se pusesse cõ elle a direito, pello muito que tinha, não podia deixar de auer sentença contra elle.

CAPITULO VI.

*Do que fez Lopo Vaz de são Payo, tanto que teue nouas de Pero Mascarenhas: & de como o mandou esperar na barra, & o prenderão em ferros, & o leuarão a Cananor.*



**A**YRES da Cunha, que arras difemos, que partio de Cochim, com as cartas pera Lopo Vaz de são Payo, deuse tanta pressa, que chegou a Goa a quatro dias de Março: & desembarcando, deu ao Governador as cartas, & papeis que Afonso Mexia lhe mandaua em que lhe daua conta, de tudo o que era passado com Pero Mascarenhas, com o que se ouue por seguro na gouernança. E dando conta do caso a Eitor da Sylueira, a Pero de Faria, & a outros fidalgos seus amigos, lhe aconselharão que em nenhum caso consentisse vir Pero Mascarenhas a Goa: porque segundo a gente andaua alterada das cousas passadas, & auiaõ que Pero Mascarenhas era o verdadeiro Governador, lhe acodirião todos, & se leuantarião contra elle. Parecolhe ao Governador Lopo Vaz de são Payo muito bem isto, & logo escreueo a Antonio de Miranda, capitão mor do mar, que pellos grandes inconuenientes que auia ao

seruiço d'elRey vir Pero Mascarenhas a Goa, que o esperasse no caminho, & o fizesse tornar pera Cananor, donde não sairia sem seu mandado, & não lhe querendo obedecer, o prenderia, & leuaria em ferros, & o entregaria a Dom Simão, de quem cobraria conhecimento de sua entrega, & que se elle se quisesse defender o metesse no fundo, fazendolhe primeiro todos os protestos & requerimentos necessários, com o que tornou a mädar o mesmo Ayres da Cunha, porquem respondeo a Pero Mascarenhas por hũa carta, cujo teor he o seguinte. ¶ Senhor, pella carta do veador da fazenda, & pella vofsa soube, o que vos aconteceu em Cochim, de que vos senhor tēdes toda a culpa, pois não quifestes obedecer aos meus regimentos, que vos Afonso Mexia mandou notificar, pello que não tenho rezaõ de o castigar, do q̄ me muito peza: & quanto senhor a vos virdes ver comigo, todos os fidalgos que estão n'esta çidade são de parecer o não cõfinta, por me aueré por verdadeiro Governador, & não ter des justiça, pera sobre esta materia serdes ouuido, pello que não seruia vofsa vinda demais, que de dar toruaçaõ a se fazer o que he necessario pera o recebimento dos Rumes que esperamos de que ha nouas muito çertas: pello que vos requeiro da parte d'elRey nosso senhor: & da minha vós peço muito, vos querais

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

queirais quietar & recolher, pera a fortaleza de Cananor, como o capitão mor do mar vos dirá, & da y podeis mandar requerer o que qui serdes. De Goa oje vinte & sete. E a Ayres da Cunha que leuou estas cartas, deu a feitoria, & alcaideria mor de Coulão, mandando prender Anrique figueira, que nella estava por elRey, porque contra forma de seu regimento agazalhou Pero Mascarenhas. Ayres da Cunha deu estas cartas ao capitão mor, que se desencontrou com Pero Mascarenhas. Tanto que em Goa soou a sua vinda começou a aluoroçar toda à cidade, & dizião que elle era o verdadeiro Governador, & que como a esse lhe auião todos de obedecer, sobre o que ouue vnioes, & desconçertos, & por se reçar Lopo Vaz, que cõ sua chegada a Goa, ouuesse grandes desauenturas, & que fosse elle deposto da gouernança, o que quis ataihar com mandar Simão de Mello, seu sobrinho, & Antonio da Sylueira, que auia de ser seu genro, com grande armada de fustas, pera tomarem ambas as barras de Goa, & chegando Pero Mascarenhas o prendessem, & o leuasse Simão de Mello a Cananor, & isto fez por lho aconselharem os fidalgos de sua parcialidade, de que o principal era Eitor da Sylueira, a quem elle quis encomendar esta execução, de que se elle escusou, por que lhe seria muy tachado. Ef-

ta diligencia escandalizou mais a todos, que tudo o passado, & dizião publicamente, que Lopo Vaz trabalhaua por Pero Mascarenhas não vir a Goa, pella muita justiça que tinha, & que o mandaua esperar com tamanha armada como se forão buscar os Rumes. Isto, & outras cousas, lhe yão denoite em magotes dizer debaixo da sua janella onde o elle ouuisse. Hum domingo estando o Governador em são Francisco à missa, com os mais dos capitaes, fidalgos, caualeiros, & pouo, pregou o Guardião, que era homem letrado, no cabo da pregação leo em alta voz a soçessão, por onde Lopo Vaz de são Payo era Governador, & logo prouou com muitas rezoes, que estava legitimamente no cargo, & que toda a pessoa que dizia que elle tomava por força a gouernança a Pero Mascarenhas, não só lhe aleuantava falso testemunho, mas cometia treição contra elRey, cousa muito estranhada entre os portugueses, que na fidelidade erão extremados, sobre todas as outras nações do mundo: o que elle se não enuergonhaua de dizer, sendo castelhano, porque era falar verdade: & que auião de cuidar os que duuidauão da justiça de Lopo Vaz de são Payo, que auia elle de falar n'aquella materia desintereçado, pois nem com hum, nem com outro tinha rezão algũa. E que se n'aquelle negocio não falaua toda a verda

verdade, que entendia, que ali aonde elle estava o confundisse nosso Senhor. Que requeria da parte do Santo Padre ao vigairo geral, que ali estava presente, que logo passasse carta de excomunição, contra todos os que dissessem, que o Governador Lopo Vaz de Saõ Payo, não era legitimamente Governador, & que cada pessoa que fosse comprehendida, pagasse dez marcões de prata pera a se, & que não podessem ser absolutos, senão pello Bispo do Funchal, debaixo de cuja iurdição estava toda a India. E que taõbem requeria ao Ouvidor geral, & a todos os fidalgos, que o thassem por hũa cousa taõ importante ao serviço de Deos, & d'el Rey, & que soubessem todos, que as guardas que estavam nas barras, não era por se o Governador temer de Pero Mascarenhas, senão por evitar aluoroços, & com isto acabou sua arenga. Logo Pero de Faria, capitão da cidade pediu a soçessão ao padre pregador, & abejou, & pos na cabeça, dizendo que elle a obedecia, & perguntado a todos os fidalgos que presentes estavam se fazião outro tanto, disserão que sim do que logo mandou o Governador fazer hum auto em que se todos assinarão, pera se aprouei tar d'elle, quando fosse necessário. Só dom Vasco de Lima, & Jorge de Lima não quizerão assinar n'elle, pello que os mandou o Governador prender em suas casas. E este

auto mandou o Governador assinar pellos capitaes que estavam nas barras, que erão Antonio da Sylveira, Simão de Mello, dom Jorge de Noronha, Jorge de Mello, dom João Lobo, dom Anrique Deça, João Pireira, Francisco Correa, Antonio Caldeira, Gomez do Souto mayor, Lopo Correa, Francisco de Brito, Payo Rodriguez d'Araujo, Garcia de Mello, Antonio Mendez de Vasconcellos, Nuno Pereira, Francisco Ferreira, Gaspar da Sylva, Fernão de Moraes, Fernão Rodriguez Barbas, & o mesmo assinou Antonio de Miranda, capitão mor do mar, que a este tempo chegou à barra. Pero Mascarenhas vindo seu caminho topou com Gonçalo Gomez d'Azucedo, homem fidalgo, de que soube a armada que o esperava pera o prenderem, & como elle ya posto a sofrer tudo o que lhe fizesssem, & não tratar mais que de requerer sua justiça, não lhe deu cousa alguma antes passou a diante seu caminho. Chegando à barra de Goa aos dezaseis de Março lhe sairão os navios postos em armas como se forão esperar Rax Soleimão capitão mor das galés dos turcos, & chegado Antonio da Sylveira a elle o fez amainar, & lhe notificou o mandado do Governador, pedindolhe lhe desse a menagem, & que debaixo d'ella se fosse meter preso em Cananor, donde não sairia sem mandado do Governador

Lopo

Lopo Vaz de saõ Payo, ao que elle respondeo, que elle era Governador por prouisaõ d'el Rey, & que Lopo Vaz lhe fazia força, & estãha alevantado, com o estado da India, que elle vinha pacificamente, n'aquele catur com sós dous pãges a requerer sua justiça, se atiuel se, & quando não, que não tinha que falar, & que vir pedir justiça não era culpa pera prisãõ, nem se pũdia recear d'hum homem que tãõ só ya. Antonio da Sylueira védo que não queria dar a menagê, o prendeo, & lhe mandou logo lançar hũs grilhoes como mal feitor (em cousa vergonhosa certo, tratarem tãõ mal hum tãõ bom vassallo d'el Rey de Portugal, & de tantos seruiços, & merecimentos, vindo a pedir justiça, em cousa que tãõ claramente atinha. E se Lopo Vaz de saõ Payo logo se pusera a direito com elle, como depois fez, não chegaraõ as cousas a tantas afrontas, nem a tantos riscos, como a diante se veraõ: porque Pero Mascarenhas não queria mais senãõ que se julgasse seu caso, & não tendo justiça irse pera Portugal a pedir satisfaçaõ de seus seruiços, mas não o querião ouuir n'esta materia, porque não quis Lopo Vaz de saõ Payo fazer duuidoso, o que tinha nas mãos.) Preso Pero Mascarenhas foi logo entregue a Simão de Mello pera o levar a Cananor. Simão Caciro, & Lãçarote de Seixas que com elle vinhaõ, foraõ leuados ao

tronco de Goa, & carregados de ferros. Simão de Mello chegou a Cananor, & entregou Pero Mascarenhas a dom Simão de Meneses, de cuja entrega se fez hum auto em que se asinaraõ todos, & tornou a voltar pera Goa, onde deu conta ao Governador do que passaua. Com isto se iouue por quieto, & por seguro, & os homẽs se affosegãõ com o medo do castigo.

CAPITULO VII.

Do que Christouãõ de Sousa capitãõ de Chaul escreueo a Lopo Vaz de saõ Payo, sobre as cousas de Pero Mascarenhas: & de como chegou a Goa preso Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, & dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de saõ Payo.



CHRISTOVAÕ de Sousa capitãõ de Chaul, soubẽ o modo de como Lopo Vaz de saõ Payo queria proceder com Pero Mascarenhas, & de como o mandaua esperar na barra pera o prenderem, & das vniões que em Goa auia entre os fidalgos sobre esta materia, o que tudo estranhou muito. & o praticou com os vereadores de Chaul, que lhe disseraõ, que elle como era pessoa tãõ principal na India, estaua

estava obrigado a acudir áquellas  
 cousas, pello perigo que corrião em  
 tempo que ania nouas de Rumes,  
 pello que escreueo logo hũa carta  
 ao Governador Lopo Vaz de saõ  
 Payo; & amandou a Francisco de  
 Sousa (Tavares seu sobrinho pera  
 que lhã idesse; que chegou pou-  
 cos dias depois da prisão de Pero  
 Mascarenhas; & Francisco de Sou-  
 sa Tavares a deu ao Governador,  
 que a abriu; & vio que dizia assi.  
 Senhor muito espantado estou  
 esperandose cada dia por Rumes  
 que ficão em Camaráo com hũa  
 grossa armada, & tamanho poder,  
 & o nõsõ tão pouco, quere lo  
 Sainda diminuir com o diuidir  
 em duas partes; & dar occasião a  
 bandos; que em todas as partes do  
 mundo he a mais abominavel cou-  
 sa que pode ser, quanto mais na  
 India, & n'este tempo. E se lhe pa-  
 rece que a governança he sua, por  
 que se não pora em justiça com  
 Pero Mascarenhas; & não trata  
 de pôr armas se sustenta no lugar;  
 & possẽ em que esta; pello que de-  
 uõ V.S. de querer que se dê o seu a  
 seu dono; & que quem tiuer direi-  
 to fique por Governador. De mim  
 lhe affirmo; que tanto me dá que  
 o seja hum como outro; só preten-  
 do ver na India quietação, & paz  
 entre os fidalgos. Pello que lhe re-  
 queiro da parte d'el Rey que se po-  
 nha em direito com Pero Masca-  
 renhas; por que lhe certifico que  
 não ei de obedecer senão a quem

se puzer em direito. De Gibaula  
 dez de Março, de mil, quinhentos,  
 & vinte sete. O Governador com  
 esta carta achou se muito saltado,  
 pella calidade; & partes de Chris-  
 touão de Sousa; por ser a princi-  
 pal pessoa da India; áquem auião  
 de acudir os mais dos fidalgos &  
 gente d'ella; fese lançasse a parte  
 de Pero Mascarenhas, o que esta-  
 ua certo fazer como se declarava  
 na carta; quando visse que elle vi-  
 saua de força, & não de justiça. Es-  
 ta carta encobrio; & não mostrou  
 senão a alguns fidalgos muito ami-  
 gos, que ficarão com ella aballa-  
 dos; & auendo sobre isso conselho  
 assentouse, que escreuesse o Gover-  
 nador a Christouão de Sousa; &  
 lhe notificasse a prisão de Pero  
 Mascarenhas; & como se fizera per  
 consentimento de todos os fidalgos,  
 sem estrondo, nem diuisão al-  
 gũa. E assi lho escreueo por hũa car-  
 ta, dando lhe cõta do que passava,  
 pedindo que pois o negocio estava  
 quieto; & elle de todos era auido  
 por Governador; q' o quisesse elle  
 conhecer por esse; & q' escreuesse  
 hũa carta a Pero Mascarenhas em  
 que lhe fizesse a saber como auia  
 sua prisão por boa; & lhe a conse-  
 lhasse que desistisse de pretender a  
 governança; pois nella não tinha  
 justiça. Esta carta se deu a Christo-  
 uão de Sousa, que como não pre-  
 tendia n'este caso mais que a qui-  
 etação & sossego entre os fidalgos,  
 folgou da cousa se fazer tão pacifi-

F camente

camente, não deixando de lhe parecerem si mal, a prisão de Pero Mascarenhas; mas callou-se pello que continha ao estado da India: que posto q̃a Pero Mascarenhas lhe tomassem o que era seu, conuinha fazerem lhe enteder outra coisa, pera que se quietasse, & el Rey lhe satisfaria depois sua honra. E logo despedio o mesmo mensageiro ao Governador, que era hum Parseo, com hũa carta pera elle, & outra pera Pero Mascarenhas aberta. O Parseo tomou o caminho apressado, & em poucos dias chegou a Goa, & deu as cartas ao Governador, que abrindo a sua vio que dizia. q̃ Senhor, por este Parseo tiue hũa carta de V. S. em que largamente me da conta do negocio d'antre elle & Pero Mascarenhas, muito folgara de o saber primeiro, por que dera antes meu parecer sem afeiçao, como V. S. de neccer, & esperar. E quanto ao que diz, que todos obedeciao a sua prouisaõ, eu tambem lhe obedeco; & sei certo que he Governador da India por prouisaõ d'el Rey nosso senhor, por morte do Governador dom Anrique de Menezes que Deos perdoe. E quanto ao que he passado sobre este caso me pareceo escusado meu parecer, por ter esse negocio ja fim (seja Deos louuado) tanto sem al uoroço, & diuisão, o que sempre pedi a nosso Senhor, & estaua affas confiado se faria bem, pello

V. S. ter entre maõs; & pois esta feito tanto em concordia, & paz não falo nisso. A carta pera Pero Mascarenhas vai aberta pera se lhe parecer bem, mandarlha, & senão faça o que quizer. Beijo as maõs de V. S. De Chaul oje vinte & cinco de Março. Lida a carta o fez taõbem a de Pero Mascarenhas, cujo teor he o seguinte. q̃ Senhor, fui informado do senhor Lopo Vaz de saõ Payo de todo o caso d'antre vos & elle, & assi vi suas prouisoões, & os pareceres desses senhores que se acharão em Cochim, & certo que tudo foi feito por seu estillo: & como estas cousas estem em pontos de direito, que muito bem sabem alguns dos que estauão presentes, não vos deue de parecer, se não que se fez justiça, & que os frades, nem esses senhores vola auiaõ de querer tomar, por quanto hũs por seu habito, & outros por sua fidalgia tinhão obrigação auer tudo sem sospeita como virão. E certo a meu ver, a vontade de S. A. era sello elle por falecimento de dom Anrique. Eu não fui informado senão a tempo que tudo estaua fento; por isso foi escusado meu parecer: & pois tudo esta pacifico, auey vossa prisão em paciencia, porque foi neccessaria: assi pello que vós cumpre, como por euitar algũas sospeitas de homens que desejão diuisões, o que pera a tempo em que estamos fora da-  
noso

nosso, que muito melhor fora serdes ambos mortos. Quis vos senhor escrever esta, posto que de vos não tenha recebido nenhũa depois de vossa vinda, pera nella vos pedir por merce, (como acima digo) ajaes paciencia com vossas cousas, & queiraes fazer este seruiço a S. A. de vos não lembrades agora de vossa honra por não vingardes vossa prisão, cousa tão contraria a seu seruiço, & certo que recebaes d'elle por isso assinalada merce: & não demouão vosso conselho algũas cartas de fidalgos da India, por que quem o contrario aconselhar, não he vosso amigo, & não deseja de vossas cousas serem feitas conforme a vossa honra como eu: Veja senhor o que de mim manda n'esta terra falei, não tocando nestes negocios, (por ja terem fim.) como seu seruidor & amigo que sou de muitos dias. Beijo senhor vossas mãos. De Chaul. &c. E assi escreueo a dom Simão de Menezes, & a outros fidalgos, coufa que o Governador estimou muito, & ficou desaliuado, parendolhe que tinha Christouão de Sousa da sua parte. Esta carta despedio logo o Governador a Pero Mascarenhas, que tanto que a vio ficou satisfeito: porque entendo della, que não auia Christouão de Sousa sua prisão por boa, se não por pacificação da India, & não porque não ti-

uesse justiça: & ficaraõlhe grandes esperanças de elle ainda obligar a Lopo Vaz, a se por com elle a direito, & de Dom Simão que o soltaria, porque tinha entendido d'elle, que como entrasse o inuerno lhe tiraria os ferros. Tudo isto lhe deu ousadia pera mandar a Goa hum Diniz Camelo tabalião publico de Cananor, com hum requerimento a Lopo Vaz, que se embarcou no mesmo nauio que leuou a carta. E chegando a Goa, estando o Governador ouuindo partes lhe deu o Diniz Camelo o protesto, & abrindoo o foi lendo, & vio que dizia assi: ¶ Protesto que vos Diniz Camelo aueis de fazer ao senhor Lopo Vaz de saõ Payo: em que lhe requerereis da parte d'elRey nosso senhor, que n'este negocio se ponha comigo em justiça, & não queira levar ao cabo a força que faz em me tomar a gouernança da India, que me elRey deu por meus merecimentos, & não o querendo fazer, protesto por todas as perdas, & danos, que diso receber. E lhe requerereis que solte Simão Caeiro, & Lançarote de Seixas, pera requererem minha justiça, porque estão presos sem culpa, & me passareis d'este protesto hũa certidão com sua resposta, ou sem ella, pera poder requerer por ella minha justiça no Reino. O Governador em lendo o

protesto o rompeo logo, & Diniz Camelo, ouí por palauras que lhe ali disse o Governador, ou porque o auisarão, desapareço de Goa, & se tornou pera Cananor, sem esperar reposta. O que sabido por Simão Caeiro, & Lançarote de Seixas, passando poucos dias logo o Governador por de frente da porta do tronco, de cima a grandes brados lhe requererão da parte d'elRey, que fizesse justiça a Pero Mascarenhas, & que os mandasse soltar pera a requererem por elle. D'isto ficou o Governador tão agastado, que os mandou de nouo carregar de ferros: & defendeo com graues penas, que nenhũa pessoa mais sobre este caso de Pero Mascarenhas, lhe fizesse n'enhum requerimento, senão o Secretario, porque elle lhe responderia. E mandou lançar pregação, que sob pena de morte n'enhũa pessoa nomeasse Pero Mascarenhas por Governador. O Diniz Camelo foi ter a Cananor mūy amedrontado, & d'elle soube Pero Mascarenhas o que passara, & como o Governador rompeo o seu protesto, & que lhe não déra reposta do que lhe Pero Mascarenhas pedio hum instrumento em publica forma. Dom Simão de Meneses sooulhe aquelle negocio mal, & bem entendeu que Lopo Vaz de saõ Payo, queria nelle vsar de força, & não de justiça, cousa que muito o

abalou, & determinou, se quisesse levar sua teima adiante de lhe não obedecer: mas dissimulou por então com isto. N'este tempo chegou Manoel de Maçedo, que o Governador mandou a Ormuz prender Rax Xarrafo como atras contamos, que chegando áquella fortaleza, por euitar alteraçõs, dissimulando com o negocio, estando hum dia com o capitão, mandaraõ chamar o Guazil pera certas cousas, & como o tiuerão na fortaleza o recolherão na torre da menagem, & o guazilado mandou o Governador dar a Rax Hamed, hum mouro muito principal, Rax Xarrafo se fez prestes de tudo, & o embarcaraõ na nao de Manoel de Maçedo, que voltou logo pera Goa, onde chegou neste proprio tempo, em que andamos. O Governador o mandou prender na torre da menagem, & depois lhe deu a çidade por prisão, & mandou que se liurasse.

CAPITULO VIII.

*Das revoltas, que em Goa ouue sobre as cousas dos dous Governadores, & de como Eitor da Sylueira, & Diogo da Sylueira se lançaraõ da parte de Pero Mascarenhas.*

Estando

**E**STANDO as cousas neste estado sendo entrada de Abril, pediu Eitor da Sylueira ao Governador, que mandasse Pero de Faria, (que era capitão de Goa,) a servir a capitania de Malaca, de que estava provido por elRey, & que lhe desse a elle a de Goa, do que o Governador se escusou, por que Pero de Faria tinha taõbem aquella capitania de Goa por elRey, & estava em sua escolha seruida ou largada, & que sobre tudo elle saberia d'elle se auia de ir a Malaca, & que querendo elle fazer, então lhe daria o que lhe pedia; & dizem que falara a Pero de Faria, & que elle lhe dissera, que não auia de ir a Malaca. E assi o disse o Governador a Eitor da Sylueira, o que elle não creo, porque lhe pareceo que aquillo do Governador erão compromimentos, & que queria ter consigo Pero de Faria, porque era do seu bando, & fora de parecer que elle era o Governador, sobre elle ter com elle muitos compromimentos, sobre os quaes lhe respondeo Eitor da Sylueira, que bem sabia d'elle a verdade, mas que não lhe pederia mais cousa algũa, nem lhe entraria em casa & se foy: o que tudo o Governador soffeo pello tempo em que estava. Eitor da Sylueira deu contra d'aquelle negoçio a alguns muito amigos, prin-

cipalmente a Diogo da Sylueira, como muito seu parente, aquem aconselhou pedisse ao Governador a capitania de Malaca, pois Pero de Faria não queria ir entrar nella: Diogo da Sylueira o fez assi, & o Governador lhe respondeo que muito folgara de lha dar, mas que era cousa que não podia ser por estar nella Jorge Cabral da mão de Pero Mascarenhas, a quem jurou por Governador, que não a auia d'entregar a pessoa algũa se não por protisaõ do mesmo Pero Mascarenhas, como tinha por obrigação, conforme a menagem que d'ella lhe dera. D'isto ficou taõbem Diogo da Sylueira tomado, & não querendo aceitar nenhuns complimentos do Governador, se foy escandalizado. E como todos auião que elle Lopo Vaz não era o legitimo Governador, & que os auia mistar a todos, todos se lhe querião vender bem caros. E logo estes dous Sylueiras começaram a publicar Pero Mascarenhas por verdadeiro Governador, & que Lopo Vaz pello saber muy bem, se não queria por com elle em justiça: induzindo muitos fidalgos a serem de sua opiniã, & a tomarem a vos de Pero Mascarenhas, de que os principaes forão, dom Antonio da Sylueira, dom Tristão de Noronha, dom Jorge de Castro, Vasco da Cunha, dom Antrique Deça, dom Francisco de Castro, Ioão

Fernandez freire, Jorge da Sylveira, Francisco de Taide, Jorge de Mello, Diogo de Miranda, Ayres Cabral, Simão Sodré, Martim Vaz pacheco, & Simão Delgado quadrilheiro mor: & despediraõ pob terra cartas a Pero Mascarenhas, em que õ certificauão de suas tençoës, por isso, que trabalhasse pbr acabar com Dom Simão que o soltasse, & que na entrada do verão se fosse pera Goa, por que elles farião com Lopo Vaz, que se pufesse com elle a direito. Foi dada esta carta em que todos estes asinaraõ a Pero Mascarenhas, que a amostrou a Dom Simão, pe dindolhe que pois aquelles fidalgos estanaõ de sua parte, & apostados a lhe fazerem fazer justiça, que taõbem õ deuia de fauorecer, & soltalo pera a requerer: & que julgandosselhe a governança da India: elle lhe daria a capitania mor do mar, porque entãõ õ não poderia ser Antonio de Miranda: porque a soçessão que se abrio, em que Lopo Vaz se achou, & que elle estana declarado por capitãõ mor, não podia auer effeito. Dom Simão lhe prometeo de o soltar se aquelles fidalgos senãõ mudassem de suas tençoës; & que escreuesse elle aos amigos que tinha em Cochim, pera saber se tinhãõ ainda sua vóz; & que requeresse a Antonio de Miranda, & ao veador da fazenda, que pois erãõ na India pessoas tão principaes, fizessẽ

com Lopo Vaz, que se pufesse com elle em justiça: & elle o fez assi & lhes mandou sobré isso grãdês requerimentos, com cartas a seus amigos que lhos apresentassem. E como o veador da fazenda era muito recatado, tẽmia de Pero Mascarenhas ter algũas intelligencias em Cochim, & por isso tinha suas espias, pera lhe tomarem todas as cartas, & papeis, que lã mandasse. E acertaraõ de tomar hũã carta que tinhaõ sobré scrito taõ riscado, que se não podia ler, & por isso não se soube pera quem era que dizia. ¶ Senhor, agora nouamente torno a fazer certos requerimentos sobre a governança da India, por me ser requerido que os faça, & lã senhor, vos adẽ ser mostrado hum d'elles: sei de certo que vos adẽ parecer bẽ fazelos, pois a todos estes senhores (digo pellos mais d'elles) parece mal o que se comigo vfa: & desejãõ todos virlhe a mão, poderẽ a leuantar o seruiço d'eRey nosso senhor, & não consentirem em cousas que passaõ contra seu real estado, de que tem que se lhes pode dar muita culpa, pollas consintirem passar. E porena como em Goa não fui ate qui vifto, nem ouuido, & não passou o tempo de fazer o que agora faço, beijaruos ei as mãõs, porque todos vejaes, & ponhaes ante vos, que Antonio de Miranda, nem Afonso Mexia lhes a nunca de parecer bẽm gover-

nar eu a India, porque governan-  
 doa não pertence a hum a capita-  
 nia mor do mar, nem ao outro a  
 capitania de Cochim, o que lhes  
 pertence governando Lopo Vaz,  
 & por isso o querem sustentar: &  
 com tudo vejo que quer Deos tor-  
 nar sobre isto como cunpre a seu  
 serviço, & ao estado real d'el Rey  
 nosso senhor. De Cananor a vinte  
 & três de Abril, de mil, quinhen-  
 tos, & vinte & sete. A esta carta lhe  
 respondeo Afonso Mexia, que a  
 quelle requerimento fizesse ao Go-  
 uernador, & não a elle, porque não  
 lhe podia requerer que se pusesse  
 em justiça sobre a governança da  
 India que era sua por prouisaõ d'el  
 Rey, & o mesmo respondeo Anto-  
 nio de Miranda. Esta carta de Pe-  
 ro Mascarenhas mandaraõ logo  
 ao Governador, pera que soubesse  
 se que Pero Mascarenhas não es-  
 tava ainda fora de sua opinião,  
 porque cuidava que o tinha segu-  
 ro na prisão, & que com ella não  
 ousaria mais a falar naquellas cou-  
 sas. Pero Mascarenhas como tinha  
 cobrado mais algum alento coas  
 esperanças que aquelles fidalgos  
 lhe deraõ, começou a meudar os  
 requerimentos com o Governador,  
 sobre se por com elle em justi-  
 ça, & algũas pessoas que lhos de-  
 rão mandou prender. Eitor da Syl-  
 ueira & mais fidalgos estauão tão  
 determinados de obrigarem ao  
 Governador a se por em direito  
 com Pero Mascarenhas, que deixá-

raõ de o acompanhar, & fauore-  
 ciãõ as cousas, & requerimentos  
 de Pero Mascarenhas, aquẽ o Go-  
 uernador desenganou por hũa car-  
 ta que lhos não fizesse mais, por-  
 que era cansarse, porque elle não  
 auia de fazer duuidoso, o que ti-  
 nha por certo por prouisaõ d'el  
 Rey, do que Pero Mascarenhas a-  
 uisou a Eitor da Sylueira, & aos da  
 sua parcialidade, escreuendolhes,  
 que o obrigassem a lhe fazer justia-  
 ça, se não que lhe desobedeces-  
 sem, como a homem que estava a  
 levantado com a India, porque se  
 antes de entrar o verãõ não con-  
 cluyão aquelle negocio, estava cer-  
 to mandalo Lopo Vaz embarcar  
 pera o Reino, assi preso. Sobre isto  
 consultaraõ todos, & assentaraõ  
 que se não fizesse mais cousa al-  
 gũã senão depois de Pero Mascare-  
 nhas estar presente, porque entãõ  
 com elle o obrigariaõ a tudo, &  
 assi lhe escreuerãõ que do  
 mo entrasse o verãõ se fosse  
 fosse pera Goa.

CAPITULO XIX.

Do protesto que Pero Mascarenhas mã-  
 dou aos vereadores, & fidalgos de  
 Goa, & de como os apresentã-  
 rão a Lopo Vaz de são  
 Payo.  
 Vendo

**E** N D O Pero Mascarenhas que o Governador lhe rompera os seus requerimentos, fez outros de nouo, com que despedio logo por terra hum Mem Vaz por quem mandou dous protestos, & requerimentos: hum delles para a cidade, & camara de Goa, & outro pera todos os fidalgos, & capitães, com os reslados das soçesões que se abrirão, así a em que elle soçedeo, como a de Lopo Vaz de saõ Payo, com os autos que Afonso Mexia fez, ao tempo que se abrirão, em que todos, ou os mais dos capitães (a que mãdaua o tal protesto) tinhão feito juramento de fazer com Lopo Vaz que lhe entregasse a India, tanto que chegasse de Malaca, & que não consentirão mais a Lopo Vaz de saõ Payo que fosse Governador. Este Mem Vaz deose tanta pressa que chegou a Goa aos sete dias do mes de Agosto: & estando os vereadores, & officiaes em camara, lhes apresentou os papéis que trazia pera elles. E o requerimento que vinha dirigido ao escriuão da camara, pera que lho notificasse, como logo o fez: & dali se foi correr as casas dos fidalgos, & capitães, com hum cabalião, que pera isso tomou, & lhes notificou a todos os requerimentos & protestos de Pero Mascarenhas, & lhes deu copia & vista de todos os

papeis & apontamentos que leuaua pera se mostrarem a Lopo Vaz de saõ Payo, nos protestos, & requerimentos, que a huns & a outros mandaua fazer, dizia: como por morte do Governador Dom Anrique de Meneses que em Cananor falecera, se abriu a segunda soçessão, & que elle Pero Mascarenhas soçedera: & que por estar em Malaca, o veador da fazenda com parecer de muitos abriu a terceira soçessão em que se achou Lopo Vaz de saõ Payo, a quem o mesmo veador da fazenda não quizera entregar a India, ate não jurar que a governaria em quanto elle dito Pero Mascarenhas não viesse de Malaca, o que Lopo Vaz jurou, com o que ficara governando em sua ausencia, como ja duas vezes o fizera. Dom Aleixo de Meneses, em quanto os Governadores Lopo Soares, & Diogo Lopez de Siqueira foraõ ao estreito: que agora o dito Lopo Vaz de saõ Payo estaua aleuantado com a dita governança, & lha não queira entregar, como tinha jurado, mas antes mandara que o não consentissem entrar em Cochim, onde o veador da fazenda lhe defendera a desembarcação, espancando a elle, & a seus parentes, & criados. E querendose elle dito Pero Mascarenhas vir a esta cidade de Goa, requerer sua justiça, o mandara Lopo Vaz esperar com hũa armada

armada grossa, como amigo, & Antonio da Sylueira o prendera, & lhe lançara ferros nos peis, como a malfeitor, & o mandara pera Cananor onde estaua: & que mandando requerer Lopo Vaz que o ouuisse, & se pusesse com elle em direito, nunca o quisera fazer; antes lhe prendera Lançarote de Seixas, & Simão Caeiro, por requererem sua justiça. Pello que requeria a todos da parte d'elRey nosso senhor requeressem ao dito Lopo Vaz de São Payo, que se pusesse com elle em justiça, & não o querendo fazer que lhe desobedecessem, & o conhecessem a elle Pero Mascarenhas por Governador, segundo a forma de sua soçessão, & não o fazendo, que elle protestaua contra elles todos, por todas as perdas, & danos que n'isso recebesse, & de darem conta a elRey d'aquelle negocio, & elle os castigar como fosse seu seruiço, & por que em nenhum tempo alegassem ignorância, & que lhe não obedecião por nunca lho requerer, lho fazia agora, & lhes pedia notassem bem as rezoões que ali lhes mandaua, que eraõ as seguintes. ¶ Por esse auto que vos mado da soçessão que se abriu em Cananor vereis como sou legitimo Governador da India, o q̄ me que rem vsurpar por cartas missiuas, que não tem força contra o meu aluara: quanto mais que ainda essas cartas são em meu fauor, por-

que em hũa d'ellas (que he feita a tuinta de Março) diz elRey, a Afonso Mexia que lhe manda aquellas soçessãoes, que se abrião fallecendo dom Anrique, & que das outras se não vsaria, & as guardaria: do que se via muito claro que pois ja eraõ abertas, que se não podião guardar nem abrir as outras, que elRey mandaua. E ainda mais claramente se via ser esta a vontade d'elRey na outra carta missiua de quatro de Abril, cinco dias depois da primeira, em que não diz mais se não que lhe mandaua duas soçessãoes, & que fallecendo Dom Anrique se abrisse, & quando não, que atiuessse em segredo: & não tornou a dizer que se vsasse d'estas, & das outras não: no que se via bem, que lembrando se elRey nesta carta derradeira, que as soçessãoes que qua estauão poderião ser abertas, não disse mais que aquillo que com justiça podia dizer. O que entendo muito mal Afonso Mexia, porque das cartas missiuas se cumprem as derradeiras palauras, & das soçessãoes as primeiras: que pois auia quasi hum anno que elle tinha soçedido na governança, ja se não podia abrir soçessão que dissesse, por morte de Dom Anrique, se não de Pero Mascarenhas, & que tudo fizera Afonso Mexia por lhe querer mal, o que estaua bem prouado, por que o auto que fez ao pé das cartas d'elRey diz,

visto

visto como he sua vontade que se vse destas, & das outras não, elRey tal não disse, principalméte na de Abril, que he a derradeira, por onde está claro terme elRey feito Governador da India por morte de Dom Anrique, & tomei posse da governança, & fui jurado por governador, así d'elle Lopo Vaz, como de todos os fidalgos, & capitães, & não vejo cousa por onde aja de entregar a India a Lopo Vaz. Porque se elRey soubera que eu estava deposse da governança não mandara tal; & ainda no mesmo aluara de Lopo Vaz me nomea elRey por Governador da India, por me auer por peçoera pera isso: & o que alguns dizem, por se quererem escusar, que posto que tiuesse nomeado primeiro elRey, me tornaua agora a reuogar, tal não foi, porque elRey ainda que tudo possa & he seu, nunca faz senão o que he justiça, como se ve de hũa ordenação do primeiro liuro, capititulo setenta & seis, onde diz, que sendo caso, que faça mercede de qual quer cargo da administração da justiça, fazenda, ou governança de seus reinos, & senhorios, que os possa tirar sem nenhũa satisfação, fazendo nelles o que não deuem a seu seruiço. Do que se ve claro não me poder elRey tirar o que me tinha dado, pois tem de mim tão boa informação, que ainda nestas soçesões de Lopo Vaz

me nomea por Governador, o que não ouuera de fazer sese ouuera por des seruido de mim. E no segundo liuro aos quarenta & noue capitulos, esta outra ordenação, porque manda, que nenhum aluara, nem cartas, & patentes, se guarde hũa em contrario da outra, sendo da mesma sustancia, posto que diga sem embargo da outra, saluo se ella declaradamente differ, que sem embargo de ter passado outro a foão de tal teor. Pello que vos requiero da parte d'elRey nosso senhor que pois elle me tem feito seu Governador, & estou jurado por esse, por hum termo feito em Cochim, em que todos estais assinados, me queiraes obedecer & desobedecer a elle. E pera que vejaes quão seruiço d'elRey, & quietação d'este estado pretêdo, eu me quero por em justiça, & em direito com Lopo Vaz, & determinesse por vos mesmos, qual de nos he o verdadeiro Governador. Mas taó bẽ vos lembro, que quando se abriu a terceira soçesão em minha ausencia (em que sayo Lopo Vaz, que jurou de me entregar a India como eu viesse.) E logo elle, & Afonso Mexia determinarão de me não obedecerem, & de se aleuantarem com a governança; & ali logo fez mercede da capitania de Cochim a dom Vasco Deça seu cunhado, com estar homiziado por morte de hum homem, tẽdoa prometido a

Diogo

Diogo Pereira, hum fidalgo de muitos seruiços, & negando a Antonio de Miranda d'Azeuedo, & a Felipe de Craſto, & a Iercnymo de Souſa. E ſem temor d'elRey ſe foi a Ormuz, deixando a India toda de guerra, & la fez muitos des ſeruiços a elRey & muitas mercês a muitos homens, pera os ter de ſeu bando, o que não podia fazer por gouernar em ſeu lugar: & mercês não as pode fazer ſenão hum ſó Governador, eſpecialmente de dinheiro. Por tanto proteſto de nada ſer feito ſenão aquillo que for com juſtiça; & ſobre tudo iſto me mandou fazer as afrontas que viſtes, & me tem n'eſta prizão em que eſtou. Pello que vos torno de nouo a requerer que façaes com Lopo Vaz, que ſe ponha comigo em direito; & quando o não quiſer fazer, o ajaes por aleuantado, & me conheçaes por Governador da India. Viſto eſte proteſto, & requerimento pellos fidalgos todos, o mandarão taõbem notificar a camara de Goa, & viſto pellos vereadores, mandarão recado a Lopo Vaz, que elles tinhão hum proteſto pera lhe notificar, por ſer couſa de ſeruiço d'elRey, que ouueſſe por bem, que lho leuaſſem: ao que Lopo Vaz diſſe, que lho fizelſem, que elle lhes responderia.

CAPITULO X.

Do que Lopo Vaz reſpondeo aos proteſtos de Pero Mascarenhas.



OM a reſpoſta de Lopo Vaz, lhe mandarão os vereadores notificar pello eſcruição da camara, o proteſto de Pero Mascarenhas, & os apontamentos que acima diſſemos, mandandolhe requerer da parte d'elRey, que pois Pero Mascarenhas ſe compunha tanto, que queria por ſuas couſas em juſtiça o quizeſſe elle taõbem conſentir, & não deſſe materia a ſe dizer, que uſaua de força, & poder; o que elRey lhe auia de eſtranhare muito, porque ate contra ſi proprio auia por bem requererem ſeus vaſſallos ſua juſtiça. Lopo Vaz tomou os apontamentos de Pero Mascarenhas, & os foi lendo todos: & porque da reſpoſta de Lopo Vaz ſe entenderá a ſubſtancia d'elles, os deixaremos por abreviar. E viſtos por Lopo Vaz ſe reſpondendo a todos por ſua ordem na maneira ſeguinte.

Quanto ao que diz Pero Mascarenhas, que quando os Governadores paſſados yão fora da India, deixauão em ſeu lugar, quem a regeſſe, he verdade; mas não tinha nome

nome de Governadores, & o meu caso he bẽm desviado: porque depois de aberta a soçessão em que elle se achou, pareceo ao veador da fazenda, & ao capitão de Cannanor com todos os officiaes que presentes estauão, que pois elle estava em Malaca, donde não podia vir tão cedo que se elegeisse Governador pera as necessidades da guerra & da India, & pera isto ser mais a vontade d'el Rey, acordárao de abrir a derradeira soçessão, o que logo se fez, em que eu soçedi, & me entregaraõ a gouernança, com tal entendimento, que vindo Pero Mascarenhas lhe entregaria a India, como Governador por soçessão, & não como commissario d'ouero, como se verá pellos autos.

ib E quanto a dizer que achou em Cochim o veador da fazenda alienatado contra elle. Digo que o fez porque elle queria que lhe obedesse como a Governador, não o querendo elle fazer as minhas outras promissas d'el Rey, mandando prender os officiaes que lhas foram notificadas.

ii Quanto ao que diz que vinha a esta cidade requerer sua justiça. A isto digo, que vinha mais para dizer vniuersaes, que pera isto, segund' o constou por cartas que escreuiõ a alguns fidalgos, & por repostas suas que eu tenho, que se deu quando foi tempo, & sobre sua vinda & prisão se fizeram vniuersaes, por que se mostra clara

mente ser seruiço d'el Rey, não entrar em Goa. E quanto a prisão de Lancarote de Seixas, & Simão Caeiro, foi por culpas que me d'elles mandaraõ de Cochim, & não por requererem sua justiça, mas antes lhe mandei requerer por Fernão Dalguiar, & Diniz Camello Tabalães, que requeressẽ tudo o que eu prissẽ a elle Pero Mascarenhas: & lhes mandei, dessem todos os estrómentos que pedissẽ com minhas repostas, como se verá pellos autos que disto se fizerão.

iii E quanto a dizer Pero Mascarenhas, que as cartas d'el Rey são missinas. Digo que eu não gouerno senão por verdadeira soçessão, que aqui dou tambem em repostas, & as soçessãoes não são outra coisa, que cartas missinas, pois todas são por nos el Rey, & são assinadas por sinal razo, pois logo as declarações dellas como aõ de ser senão assinadas pelo mesmo sinal razo. Estas cartas vierão a Afonso Mexia, com declaração que se abrissem as soçessãoes que com ellas vinhaõ, & que se não usasse mais das que estauão, & isto por quanto no regimento do veador da fazenda esta declarada esta derradeira vontade d'el Rey, em que ouue por bẽm gouernar eu a India, & que precedesse a Pero Mascarenhas, & q' por meu falecimento soçedesse elle Pero Mascarenhas, & as mesmas cartas dou por reposta.

E quan-

E quanto ao que diz, que por ser aberta a sua soçessão se não auia de abrir a minha, nem vsar d'ella, & que elRey diz que se guardassem, & leuassem, o que se não podia fazer sendo ja abertas. Respondo que queria elRey que se não abrissem aquellas soçessãos por cuitar escandalos, & escusar alteraçõens. E se elRey ouuera por bem que sendo abertas as soçessãos de Pero Mascarenhas, que das minhas se não vsasse, forçado o auia de declarar nas mesmas cartas, por onde se mostra claro querer elRey que se abrissem as minhas soçessãos, posto que as de Pero Mascarenhas fossem ja abertas. E quanto o que diz na carta derradeira não dizer elRey que se abrisse a minha soçessão, basta dizelo na primeira, pois todas vieraõ em hum anno, & em hũa armada.

E quanto ao que diz, que elRey auia de declarar que elle Pero Mascarenhas lhe entregasse a India. A isso digo, que como me auia de entregar se eu era Governador por soçessão, & estaua em posse, & as prouisoões d'elRey vieraõ a mim, aquem auia eu de entregar a India se não a mim, pois della estaua de posse, & d'esta maneira compri o juramento que fiz quando me entregou o veador da fazenda a India, em que me obriguei a entregalla a Pero Mascarenhas, ou a qualquer ou

tro Governador que elRey mandasse. E quanto a dizer, que esta de posse, a sua foy mental, & ciuil, & a minha Real, actual, pessãoal, & corporal, & em quanto de mim a não teue, a sua posse era nenhũa, porque de mim a ouuera d'auer.

E quanto a dizer, que se elRey soubera que a sua prouisaõ era aberta, mãdara que a minha senão abrisse. A isso digo que he entendimento de adiuinhar tão reprovado em direito, especialmente nos mandados d'elRey, cuja vontade he lei; se elle quer adiuinhar isso, também eu adiuinho, que ainda que elRey soubera que suas prouisoões eraõ abertas, me mandara as minhas dobradas, pello que salou por palavra noua, dizendo que das outras se não vsasse: mostrando claramente que ainda que d'ellas se tiuesse vsado, d'estas minhas que ria que se vsasse, ainda que elle gouernasse a India, que esta he amor derogatoria, que dizer, sem embargo, porque he de sua certa vontade. E quanto à ordenação que alega tenholho em merce porque faz por elRey, por quanto pode tomar os cargos, & officios aquem os tiuer, sem satisfação, nem encargo de consciencia, & assi o tirou a Pero Mascarenhas, por ser assi sua vontade. E quanto à outra ordenação do segundo liuro, digo, q̃ por isso falou elRey por palavra noua, dizendo, q̃ das de Pero Mascarenhas

mas, pera este negocio: & come-  
 çouffe logo hum grande rumor,  
 & oniaõ, por toda a cidade. De  
 todas estas cousas não faltou que  
 auisasse ao Governador, pello  
 que determinou de prender Ei-  
 tor da Sylueira, & os mais, & o  
 comunicou com Pero de Faria, as-  
 sentando o modo como auia de  
 ser, & d'este negocio deu conta a  
 António da Sylueira, que tinha ca-  
 sado de futuro com hũa filha sua,  
 & a Simão de Mello, & a outros  
 de sua valia, a que auisou, que ao  
 outro dia se achassẽ armados na  
 rua direita em fauor de Pero de Fa-  
 ria, que auia de fazer a prisãõ. E as-  
 si ajuntando estes fidalgos muita  
 gente de sua valia mûy bem arma-  
 da, tomaraõ as ruas direita, & a de  
 são Jorge, onde pousaua Eitor da  
 Sylueira: era isto aos none de A-  
 gosto. O Governador caualgou  
 & se foi por na rua direita estan-  
 do todos prestes & armados, & d'a-  
 li foi o capitão da cidade com o  
 Quidor geral, & meirinho a ca-  
 sa de Eitor da Sylueira, que pousa-  
 ua na rua de são Jorge, que hé nas  
 costas da rua direita; & entrando  
 pella rua achou muita gente que a-  
 codio a Eitor da Sylueira, porque  
 suspeitauã que o Governador o  
 mandaua prender: & por a cousa  
 ser tão supita, fêraõ sós com as es-  
 padas que traziaõ nas cintas. Sabê-  
 do Eitor da Sylueira que Pero de  
 Faria estaua à sua porta assomou-  
 se a hum balcão que fazia a escada

pera abanda de fora, & perguntou  
 lhe que queria, elle lhe disse, que o  
 Governador o madaua prèder, &  
 que lhe requeria da parte d'elRey  
 que lhe desse a menagê: ao que lhe  
 elle respondeo, que lobisse acima  
 alha tomar, que elle lhe faria o que  
 elle mereçia, pois era tão roim fi-  
 dalgo que aceitaua illo prèder. Pe-  
 ro de Faria mandou logo chamar  
 o Governador, que acudio mûy a-  
 pressado cõ muitos que o seguiaõ:  
 & chegando a rua de são Jorge, vio  
 mûy grande reuolta de gente, que  
 acudia a Eitor da Sylueira cõ mui-  
 tas lanças, & alabardas, & ja com  
 Eitor da Sylueira estauã todos os  
 fidalgos da Liga. Vendo o Gover-  
 nador o riscõ em que aquelle ne-  
 gocio estaua, como era homem de  
 grande animo, foi rompendo por  
 toda a gẽte até chegar defrõte das  
 casas. Diogo da Sylueira chegou  
 ao balcão, & disse aos da sua par-  
 cialidade que estauã na rua, não  
 vedes senhores isto, que quer Lo-  
 pò Vaz que a y está, tomar por for-  
 ça a governança da India a cuja  
 hé, não hé bem que lho confina-  
 tãõ, (isto disse pera que os da rua  
 começassem a trauar a briga, por  
 não serem elles os primeiros, pera  
 lhes não ficar em culpa, o mal que  
 disto se seguisse.) Lopò Vaz ou-  
 uindo dizer a Diogo da Sylueira,  
 que elle governaua a India por for-  
 ça, disse alto cõ ira, por força a go-  
 uerno, & por força a ei de gover-  
 nar. E decêdose do caualo embra-  
 çou

çou hũa adarga, & tomando hũa lança nas mãos foi cometendo a escada, bradandolhes que se dessem à prisão; sem os da rua ouzarem abolir consigo. (O que parece que permittio Deos, porque hũa só espada que se arrancara, tudo se acabou, por que os mais dos que estauão na rua ouuerão de morrer na brega, de que Lopo Vaz não podia escapar, por que da outra parte erão todos os fidalgos principaes que auia na India.) Lopo Vaz foi cometendo a escada, onde se lhe atraueffou Antonio Rico Secretario do estado, como homem mūy acordado, & mūy cavaleiro, & liandose com o Governador lhe disse: tendeuos senhor & não subaes, que não hé seruiço d'elRey, de cuja parte vos requeiro, que não queiraes por oje a India a risco de se perder, por que elles fidalgos que em çima estão são muitos, & muito aparentados, & muito honrados, & eu por taes os tenho, que só pello que cumpre ao seruiço d'elRey cortarão por si, & se darão por presos. Bradando alto aos de çima, senhores, vede o que fazeis, não queiraes des servir a elRey, de cuja parte vos requeiro, vos deis à prisão, por que se não perca oje a India. Eitor da Sylueira ouuindo aquillo caindo na rezão, pello Deos mouer, chegando ao peitoril da escada, disse ao Governador que se quietasse, & se recolhesse, que elle

& os outros fidalgos se dauão por presos, por cumprirasi ao seruiço d'elRey, que elle lhe daria conta da força que fazia. O capitão Pero de Faria, que estaua pegado com o Governador, ouuindo aquillo lhe pediu que se recolhesse, que elle levaria a todos prezos a fortaleza, fello o Governador assi & Pero de Faria subio a çima & disse aquelles fidalgos o muito grande seruiço que naquell le negoeio tinhão feito a elRey, que lhe fizessm mercê de se irem com elle pera a fortaleza, onde elle poufaua, até se quietarem daquellas cousas: o que elles fizeraõ, & se foraõ com elle todos os que na casa estauão, que erão os seguintes. Eitor da Sylueira, dom Antonio da Sylueira, Diogo da Sylueira, dom Tristão de Noronha, dom Jorge de Crafo, Vasco da Cunha, Martim Vaz Pacheco, Jorge da Sylueira, dom Anrique Deça, Diogo de Miranda, Francisco de Taide, Simão Delgado quadrilheiro mor. Nuno Fernandez Freire, dom Francisco de Crafo, Simão Sodré, Jorge de Mello, Ayres Cabral. E metidos na fortaleza, lhes tomou o capitão as menagens, de que se fizerão autos assinados por elles, com o que Lopo Vaz lhe pareceo ficaria seguro, indose reconciliar com elle os officiaes da camara, a quem mandou que respondessm ao protesto de Pero Mascarenhas, &

lhe mandassem a reposta, sua, & delles, & que despdissem Mem Vaz, o que logo fizeram, respondendo a Pero Mascarenhas por boca do Governador, que elles não podião obrigar, nem requerer, que se possessse em direito com elle sobre a gouernança, por saberem que estava de posse, & obedecido por Governador, e pbro. prouisão d'el Rey, & que requerendolhe o que elle queria, parecia por em duuida a prouisão d'el Rey, que elle só era o que podia julgar estas cousas, & que lhe pedião não quisesse vir a Goa, porq̃ não seruiria de mais, que de fazer aluoroço na gente que era necessário estiuessse quieta, & conforme, pera peleijarem cõ os Rumés que esperauão. Com esta reposta, & com ade Lopo Vaz que lhe deraõ autentica, se partio Mem Vaz outra vez por terra, levando raõ bem cartas dos fidalgos presos pera Pero Mascarenhas, em que se remetião a Mem Vaz nas cousas passadas, pedindollie de nouo, que em todo caso viesse a Goa, porque tudo se faria bem: Lopo Vaz por não querer ter todos os fidalgos contra si, mandou soltar dos que estauão presos os que tinham menos culpa, que erãõ, Vasco da Cunha, dom Tristão de Noronha, Marrim Vaz pacheco, Jorge da Sylueira, dom Anrique Deza, Diogo de Miranda, Francisco de Taide, Simão Delgado, Nuno Fernandez Freire, dom Francisco

de Crasto, Simão Sodré: deixando ficar presos, Eitor da Sylueira, Diogo Sylueira, dom Antonio da Sylueira, & dom Jorge de Crasto, por serem cabeças da conjuração; & a Ayres Cabral, & Jorge de Mello, mandou leuar presos pera a fortaleza de Banestarin, por aluoroçadores do pouo, mandandolhes lançar ferros. E no fim do mes de Agosto, por se recear ainda dos Sylueiras, tratou de os mandar presos a Cochim em hum caur muito pequeno, de que elles foraõ atusados, entendendo muy bem que aquilo tratatia o Governador mais pera ver se se podião perder no mar, porque o tempo era muito verde, que por lhes estreitat a prisão, & lhe mandarão sobre isso fazer protestos, & requerimentos, dizendo nelles que erãõ os principaes fidalgõs que el Rey tinha na India, & que não era rezão que os arriscasse em tempo tão perigoso: & que acontecendolhes algum desastre daria contra a el Rey de suas vidas: com o que Lopo Vaz desistio de os mandar, tendo sobre elles grandes rigias, & elles muy grande resguardo em si, porque se temião de peçonha, & seguindo do a cousa estava danada de parte a parte, tudo se podia recear. LIVRO

# LIVRO III. DA QVARTA DE- CADA DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*Do que acontceco na jornada de Fran-  
cisco de Sá, & da descripção da i-  
lha da Iaoa, & de qual he a mayor,  
& menor de Marco polo: & de co-  
mo Francisco de Melo vendeo hũa  
nao de turcos na barra de Achem.*

**D**EIXAREMOS  
pôr hum pouco  
as cousas d'antrè  
Lopo Vaz, & Pe-  
rro Mascarenhas,  
por darmos con-  
ta das que h'este tempo atras to-  
do do veraõ aconteceraõ em Ma-  
luco: & primeiro trataremos da  
jornada de Francisco de Sá de Me-  
neses, que como dissemos partio  
de Bintão a fazer hũa fortaleza  
na Sunda, de que temos dado con-  
ta. E fazendo sua jornada, deulhe  
hum tamanho temporal, que foi  
correndo com hum bolso de vela  
a vontade dos ventos, & foi de sor-  
te que se apartou a armada, que es-  
teue perdida correndo cada hum  
por onde pôde, porque o tempo  
foi rijo, & lhe durou muitos dias:  
em que Duarte Coelho, que ya  
em hũa nao grande, & hũa galé de

cujo capitão não achamos o no-  
me, & hũa fusta, forão depois de  
muito trabalho tomár o porto da  
Sunda, & com tal temporal que a  
fusta deu a costa, & trinta portu-  
gueses q̃nella yão sayrão a terra a  
nado onde logo forão mortos pel-  
los mouros da terra, que erão imi-  
gos: porque o Rey que queria dar  
fortaleza era morto, & o inimigõ cõ  
quem tiuera a guerra lhe tinha to-  
mado o réino, & estaua a este tẽ-  
po na cidade de Banta, principal  
do réino com muita gente, pera a-  
cabar de o sogeitar: O que tanto  
que vio a nossa armada, como sa-  
bia que o Rey passado mandara  
offerêcer aos Portugueses fortale-  
za n'aquelle porto, quis se vingár  
nos nossos. A nao, & a galé, estine-  
rão tãõbem dadas a costa se Deos  
milagrosamente os não saluára.  
Duarte Coelho soube logo o que  
fizera a gente da fusta, & como a  
terra estaua em diuisões, & ouue  
que era tempo perdido esperar ali  
mais, porque não sabia que seria  
feito do capitão mor: & assi abo-  
nançando o tempo se fez a vella  
pera Malaca. Francisco de Sá foi  
correndo o temporal com que fer-  
rou a costa da Iaoa, por onde foi  
encontrando os seus nauios que  
todos

matara, porque não consente cu-  
 dar a quem que pode ficar mais a  
 to que elle: & assi não pora hum  
 lao sobre sua cabeça hum pezo,  
 ou carga, ainda que por isso o ma-  
 tem. São homens caualeiros, & tão  
 determinados, que por qual quer  
 offensa que se lhe faz, se fazem à  
 moucos, pera se satisfazerem d'el-  
 la: & posto que lhe ponhão hũa  
 lança nas barrigas, vão se metendo  
 por ella sem receyo algum, ate che-  
 garé ao contrario. E porq̃ d'estes  
 amoucos em outra parte damos  
 melhor rezão, o deixamos agora.  
 São todos homens muy exercita-  
 dos na arte da nauegação, em tan-  
 to, que se tem por mais antigos  
 nella que todos, ainda que muitos  
 daõ esta honra aos Chins, & affir-  
 mão procederem d'elles os laos:  
 mas he certo nauegarém estes ja a  
 te o cabo de boa esperança, & te-  
 rem cõmunicação na ilha de são  
 Lourenço, da banda de fora, aon-  
 de ha muitos naturaes Bassos, &  
 Ajanados, que dizem procederem  
 d'elles. E querendo nos inquirir  
 d'alguns laos praticos, d'aquella ar-  
 uore de que fala Nicolao de Con-  
 ti Venezeano: acharse na ilha da  
 Iaoa, em cujo amago diz nacer,  
 hũa yerba de ferro muy sutil & de  
 tanta virtude, que quem a trazia a  
 par da carne, não podia ser ferido  
 cõ algũa arma, & que muitos laos  
 fazião feridas em partes de seus  
 corpos, & que metião pedacinhos  
 deste ferro, & tornando as a cozer,

ficando d'entro perpetuamente,  
 nunca ja erão feridos, do que estes  
 laos a quem o perguntamos, zom-  
 baraõ bem. E considerando em  
 Marco poló, o que fala da Iaoa ma-  
 yor, & menor, nos parece que esta  
 de que tratamos he a menor, &  
 que a ilha de Camatra, he a que el-  
 le tem pella Iaoa mayor, por que  
 diz que a mayor tem duas mil mi-  
 lhas em roda, & que não se ve n'el-  
 la a estrella do Norte, & que tem  
 oito reinos, Faleh, Basma, Cama-  
 ra, Dragojão, Lambri, Faõfur, do  
 que se ve muito claro falar da ilha  
 de Camatra, porque quasi tem a  
 mesma grandeza, que lhe elle da,  
 & nella se não ve o polo Arctico,  
 por ficar debaixo da Equinocial, o  
 que não tem em nenhũa outra ilha  
 d'aquellas da banda do Norte:  
 porque de todas ellas se ve áquel-  
 la estrella. E ainda isto se ve mais  
 claro nos reinos que nomea, por-  
 que o de Camara, não ha duuida  
 se não que quis dizer Camatra,  
 Dragojão, que he Andreguir, Lam-  
 bri, ainda oje conserua o nome na-  
 quella ilha, & todos os mais que  
 nomea, que a corrupção, que n'el-  
 les fez o tempo, os faz ja desconhe-  
 cer. E deixando isto pera outro lu-  
 gar (se nos cair mais a proposito,)  
 tornando a continuar com Fran-  
 cisco de Sá, depois de ajuntar os  
 seus navios foi seguindo sua derro-  
 ta até tomar o porto de Bata, on-  
 de surgio mandando a terra reca-  
 do de amizades, & offerecimentos,  
 áquelle

áquelle Rey, pedindolhe ouuesse por bem deixarlhe fazer hũa forteza, n'aquelle seu porto, como el Rey seu antecessor o mandara pedir, pera ficar o comércio antre elle & os portugueses mais seguro, com o que seus reinos enriquecerião; como fizeram todos os do Oriente, que aceitaraõ a amizade d'el Rey de Portugal. O Rey que era mau homem, parecendolhe que antes se o consentisse perderia o reino (que isso tem os tyrannos, andarem sempre timidos & receosos de lhes tomarem o que elles usurpãõ,) mandouse escusar, cõ o que Francisco de Sá se resumio em des embarcar em terra, & fazer por força, o que não quèria consentir por vontade. E cometendo a des embarcação achou tal resistência, que com morte de quatro homẽs, & outros bem escalaurados, se tornou a recolher, & não querendo a guardar ali mais, deu à vela pera Malaca, onde chegou pouco depois de Pero Mascarenhas embarcado: & deixandose ficar ali, despedio logo Francisco de Mello por capitão de hũa carauela chamada a Pereirinha, pera levar cartas ao Governador, aquem mandava pedir mais gente, & armada pera tornar acometer aquelle negocio. Francisco de Mello foi seguindo sua jornada, correndo a costa do Achem, & sobre sua barra, vio estar surta hũa nao à carga pera Meca, & tomando conselho com os compa-

nheiros sobre o que faria, assentaraõ que se cometesse, porque não ficasse aquella jornada sem auer hum papo quente. E postos em armas forão cometer a nao así à vela: que estava ja preparada pera se defender, porque logo conhecerãõ à nossa carauela: estauão os de d'entro taõ soberbos que em nada estimaraõ os nossos, porque eraõ trezentos homens d'armas Achens, & quarenta Rumes & turcos. Francisco de Mello chegando perto d'ella a começou a esbombardear, matandolhe d'aquella primeira salua muita gente, & porque a virão taõ crespa & cheya de gente de terminaraõ de abaterem ate a render, porque se não atreuerão a abordala, & así se puserão à trinca batendoa rijamente, & quis a fortuna que lhe acertaraõ com hum camello ao lume d'agõa que a varrou d'entro, por onde se encheo d'ella, & os mouros se lançaraõ ao mar pera se saluarem: os nossos fizeram n'elles tal matança que escaparaõ bem poucos, ficando todos desconsolados de se não ceuarem n'aquella nao, que estava cheya de fazendas, & seguindo seu caminho forão tomar Cochim taõ tarde, que não puderão passar a Goa.

CAP.

CAPITULO II.

*De como Dom Garcia Anriquez fez pazes com el Rey de Tidore, & a rezão porque logo as quebrou, & de como faleceo aquelle Rey, & das soffeitas que ouue ser ajudado a isso com peçonhs que se lhe deu.*



NTREGVE

Dom Garcia Anriquez da capitania de Maluco, na vagatê de Antonio de Brito (que logo se partio pera Banda esperar a moução da India) achando a fortaleza falta de todas as coufas, despedio logo Martim Correa em hum junco pera Banda, pera ver se achaua n'aquellas ilhas algũas embarcações de Portugueses, em que se prouesse do necessario, & fazendo sua jornada teue hum tão grande temporal que esteue perdido, & chegou a Banda destrocado de todo, onde ainda achou Antonio de Brito, que o ajudou a reformar, & concertar. Poucos dias deqois d'elle surgiraõ n'aquelle porto hũa soma de juncos que yão de Malaca, de que era capitão mor hum fidalgo chamado Manoel Falcão: que Pero Mascarenhas depois do negocio de Bintão despedio pera Maluco com prouimentos que leuaua Fernão Baldaya, que ya por escriuaõ da fei-

toria de Ternate. Estes prouimentos recolheo Martim Correa no seu nauio com o Baldaya, pera se logo ir pera Ternate, pella necessidade em que ficaua. E antes que partisse foi auisado da gente da terra de verem andar per antre aquellas ilhas duas naos grandes da feiçaõ das noĩsas, & naõ cuidando quaes podião ser, por que Manoel Falcão vinha de Malaca (onde naõ auia cousa algũa pera poder partir pera aquellas ilhas,) assentaraõ ser de Castelhanos, & que naõ diuiaõ de ser sós, antes podia ser da companhia d'algũa grande armada, o que os sobrefaltou muito, porque se tal era, naõ yão pera outra parte, se naõ pera Ternate, com o que correria risco aquella fortaleza, pella pouca gente que tinha. Pello que Martim Correa requereo a Antonio de Brito, & a Manoel Falcão da parte d'el Rey fossem soccorrer aquella fortaleza, que estaua arriscada, se aquellas naos fossem de Castelhanos, mandando fazer hum auto do tal requerimento. Antonio de Brito naõ quis tornarse, mas deu da gente, & moniçoês, que leuaua a Martim Correa que se fez a vela com Manoel Falcão, & ambos surgiraõ em Talangame, & vendose com Dom Garcia lhe deraõ conta do que passaua, que com o prouimento & gente que lhe veio disse, que lhe daua muito pouco q̄ viessem dez naos de Castelhanos. Andaua

dava dom Garcia n'este tempo em contrato de pazes com elRey Almanzor, de Tidore, o que encontrava muito Cachil Daroes tutor & tio de Bohat, filho mais velho do Boleife, que avia de herdar o reino como tivesse idade, por que depois da morte do pay, ficou governando o Daroes, que desejava de estoruar as pazes com Tidore, porque receava passarse la o commercio do crauo, & ficar Ternate com isso muito abatido, & elle homiziado com aquelle Rey, pello favor que sempre deu aos Portugueses contra elle. E por muito que n'isso trabalhou, as pazes se apresentarão com condição, que tornaria o Rey de Tidore a fusta que nas guerras passadas tinha tomada com sua artelharía: & que entregaria todos os Portugueses que la andauão fogidos, & com outros pontos que não são substanciais. E porque o Rey de Tidore soube o desgosto que tiuera d'estas pazes Cachil Daroes, desejando de o conservar em amizade (para ficar mais seguro com a dos Portugueses, pello proveito que d'isso tinha) tratou de o casar com a filha sua; por se liar com elle, porque taõ bem como estivessem ligados, & conformes, terião os nossos enfreados, & não receberião dos capitaes tantas offensas. Dom Garcia foi logo auisado d'estes tratos, de que lhe não vinha bem, porque depois de juntos

com qualquer achaque se alterarião, & darião trabalho a fortaleza, & trábilhou de estoruar aquellas lianças, o que não pode ja ser por estarem ambos satisfeitos: pello que determinou de com alguma inuencão quebrar as pazes (como logo fez) mandando pedir ao Rey de Tidore a artelharía da fusta, que não era ainda entregue, nem o tempo era passado. A isto se escusou elRey com dizer que atinha emprestada a elRey de Bachaõ, que como a arrecadasse a entregaria. Estava n'este tempo este Rey de Tidore muito enfermo, & mandou pedir a dom Garcia hum medico pera o curar, elle lhe mandou hum boticario, mas aproueitou pouco; por que o Rey morreu d'aquella doença, & sospeitou-se que o ajudarão a isso. O que sabido por dom Garcia, & que estava toda a cidade occupada em seu enterramento, embarcouse com muita pressa em algumas Corocoras, & foi sobre aquella ilha, mandando diante recado aos regedores que lhe mandassem a artelharía, senão que avia por quebrada a paz, & que assi lho notificasse. Este recado lhes deraõ, estando ainda o corpo d'elRey por enterrarão que lhe responderão que logo lha entregarião. E fazendolhes a notificação Fernão Baldaya que aisso foi, tornou-se a dom Garcia que ya por caminho, & chegou a Tidore de madrugada. Co-

mo todos estauão descuidados de  
 tal; desembarcou dom Garcia cõ  
 todos os que leuaua; & foi entran-  
 do á cidade, & pondo-lhe fogo por  
 algũas partes, que ateou brauissi-  
 mamente. Ao estrondo & terre-  
 moto acordarãõ todos, não tendo  
 orçõto em mais que em saluar suas  
 pessoas, acolhendose pera os ma-  
 tos, ficando os nossos senhores da  
 cidade, que saquearãõ à sua von-  
 tade, achando sete peças de arte-  
 lhas, que dom Garcia mandou re-  
 colher; & deixando a cidade pósta  
 a ferro & a fogo, tornou-se a embar-  
 car. Ficarãõ os nossos deste nego-  
 cio com o credito perdido entre  
 todos aquelles Reis d'aquelle Ar-  
 chipelago, dizendose publicamen-  
 te que não guardauamos a fe. Pel-  
 lo que defendêrãõ logo pella mor-  
 tante d'aquellas ilhas nosso cõmer-  
 cio; não consentindõ est nos ses  
 nellas. Os Tidores tanto que se  
 embarcou dom Garcia, tornarãõ  
 se pera a sua cidade, que achãrãõ  
 feita em cinça; & aleuantarãõ lo-  
 gõ por Rey Cachil Raxamira, fi-  
 lho d'el Rey Almanzor o morto,  
 que por ser muito moço se lhe  
 deu por tutor a Rade Cachil, fi-  
 cãdo a guerra declarada com a  
 nossa fortaleza, que lhe deu  
 o bem de trabalho, como pel-  
 mo scillo desculto da historia  
 se verá.

CAPITULO III  
 Do que aconteceu a dom Jorge de Me-  
 neses na jornada de Maluco, & de  
 como descobrio as ilhas dos Papuas;  
 & da armada que partio de Castel-  
 la pera aquellas ilhas de Maluco; e  
 da derrota que leuou ate chegar  
 a ellas.



ARTIDO do  
 Jorge de Mene-  
 ses, de Malaca pe-  
 ra as ilhas de Ma-  
 luco, como atras  
 temos dito (que

foi a primeira cousa em que pro-  
 ueo Pero Mascarenhas, depois de  
 ter recado que era Governador)   
 foi seguindo sua viagem pella via de  
 Borneo, como leuaua por regimen-  
 to. Chegando as ilhas do Mero se-  
 retãõ lgoas de Ternate indo de má-  
 dar a terra pera surgir; não achou  
 fundo por ser tudo a roda d'aquel-  
 las ilhas mui alcantilado, & não se  
 poder surgir senão com os proizes  
 em terra; & como dom Jorge não  
 queria vezinharse tão a ella, foise  
 na volta do mar, da ilha forãõ lo-  
 go vistos, & sairãõ duas almadias  
 as naos, & porq não se determina-  
 rãõ ser Portugueses, ou Castelha-  
 nos, não se ousarãõ a chegar: dom  
 Jorge lhes mandou capear, como  
 que hũa das almadias se ariscou,  
 & chegou abordo; do Jorge lhes  
 mandou

mandou perguntar pello capitão de Maluco, & pello estado em que a nossa fortaleza estaua, de que lhe não foubraão dar rezão, & por anoitecer se afastaraão, com alguns panos que lhes mandou dar dom lorge por irem contentes. D enoite acalmou o vento, ficando os nossos nauios anhotos, por que como não auia fundo pera forgir, nem véto pera governar, & as agoas por antre aquellas ilhas corriaão pera o leuante, como a pedra da mão, forão leuados ate os lançarem fora de todas as ilhas em hum golfo de mar mūy grande, onde lhes deu hum temporal mūy grosso, com que forão correndo quasi perdidos alguns dias, ate auerem vista de hũa terra que lhe pareceo ilha, que estaua em altura de <sup>oito</sup> graus do Norte, & indoa demandar foraão surgir perto, & em muito bom fundo. Logo vierão algũas embarcações a elles, em que vinhaão alguns homens muito pretos, & de cabellos reuoltos, como os Cafres de Ialoso, ou como os do cabo de boa Esperança pera Mofambique, & retrados nas naos lhes fizeram os nossos grandes galhardos, mas não ouue quem os enten desse; mandando com elles algũas pessoas a terra a falar cõ o seu Rey & auer o que ella tinha, & acharaão el Rey que taõbem era preto; como os outros, que os recebeo bem, fallando lhe por acenos, & viraão a terra abastada de mantimentos

gados, & galinhas, que os nossos mandaraão resgatar por panos, & por calaim. Vendo dom lorge que não auia moução pera tornar pera Maluco, senão d'ali a alguns meses, deixou se ali ficar cõmutando com os da terra tudo o de que tinhaõ necessidade, achando aquelles moradores d'ali domesticos, posto que dizião que pella terra dentro auia nações que comiaão gêtes. Aqui viraão os nossos alguns dos naturaes, assi homens como molheres, taõ aluos & louros como Alemães, & perguntando como se chamauaõ aquellas gêtes, disseraão que Papuas: & pello pouco conhecimẽto que entãõ tinhamos d'aquella terra, cuidarão os nossos serẽ ilhas, mas quanto a nos pello que depois se veio a alcãsar, esta terra he aquella a que Marco Polo Veneto chama Lochac, que diz ser riquissima de ouro, que diz que estaua setecentas milhas, (que são mūy perto de duzentas legoas nossas) da Iaoa, & a poem da outra banda do tropico, & diz que ao derredor estauão as ilhas de Sódur, Pentan, Malayur, & outras, & do que d'ellas depois se soube, & descobrio, em outro lugar o diremos. E deixado a dõ lorge em quanto lhe tarda a moução, tornemos as naos dos Castelhanos, de q em Ternate andaua fama, & diremos que armada era, & o que lhe acõteceo na jornada. ¶ Depois de chegar a Espanha a quella fermosa nao Vitoria, da

companhia de Fernão de Magalhães, dando rezaõ ao Emperador Carlos quinto Maximo (que ja governaua) dõ descobrimẽto q̃ fizera das ilhas de Maluco, fazẽdo lhe crer fiarẽ na sua demarcaçãõ, encarecẽdo lhe as riquezas d'ellas, mandou logo ordenar no porto da Corunha outra armada de setẽ vellas, de que deu a capitania a Frey Garcia de Loiza, fidalgo Biscainho, Comendador de sãõ João. Esta armada deu a vela vespõta de Santiago de mil & quinhẽtos & vinte & cinco annos: ya n'ella por sãõ capitãõ o mesmo loãõ Sebastião del Cano. A armada era de quatro naos, dous galeoẽs, & hũ pataxo. Os capitães eraõ Frey Garcia, loãõ Sebastião del Cano, Idõ Rodrigo da Cunha, & Diego de Vera: estes yãõ nas naos, os das carauellas nãõ soubermos. Partidos da Corunha forãõ tomar a Gomera, & correndo a costa de Guine, saltãdo lhes o tempo para dobrar o cabo de sãõ Agostinho, por cõsecho de todos determinou o General de fazer sua derrota pello cabo de boa esperança: & indoõ demandar encontrãõ hũ nauio de portuguezes, que entre algũas cousas q̃ d'elles souberãõ, foi que achãõ hũã ilha chamada sãõ Matheus, em que fizeraõ agoada, & achãõ sinais de ja ser poadã em algum tempo, porque ahi miltras larãõgeiras, & arvores d'espinho, galinhas, rãstõ de porcos, & em alguns

troncos de arvores grandes achãõ letras portuguezas, em que se mostraua, que auia oitenta & sete annos, que ja ali estiueraõ gentes nossas, do que em nenhũa outra escriptura achamos feito memoria. Em fim largando o nauio forãõ seguindo sua derrota atẽ passarem o cabo de sãõ Agostinho, tornãõ a demandar o estreito de Magalhães, porque lhes entrou bõ vento, & indo correndo a costa lhe deu hum tempo que apartou o General dos outros nauios, que forãõ tomar hum rio fermoso & grande, a que mandãõ o pataxo que aruorasse sobre a sua barra hũã cruz & assi lhe deraõ o nome do rio de sãõta Cruz: ao pé d'ella deixãõ hũã panella com cartas em que contãõ a jornada que fizeraõ ate li, pera o seu General se ali fosse rer, dizendolhe que yãõ esperar ao estreito de Magalhães. Partidos d'ali achãõ outro rio, a que putãõ nome de sãõta Elezensoy, que era tamanhõ que chidãõ ser o estreito: & mandãõ loãõ Sebastião del Cano, ou lido elle mesmo a vello, deu na boca d'elle em seõ, indo em hũ bateh, & hũ parente seu em outro, & fez sinais as naos q̃ yãõ comereõ doã entrada que tornãõ a voltar, & Sebastião del Cano, & o outro, passãõ grandes trabalhos ate tornarem as naos. E correndo outra vez a costa adiante de rãõ com o estreito onde surgiraõ

ao por do sol, pera ao outro dia cometer a entrada, & buscarê n'elle porto pera esperarê o seu General. A mesma noite lhes deu hũ tépo m'uy rijo com que o pataxo se meteo em hum esteiro, & Ioão Sebastião del Cano indo cassado muirto certou a amarra, & deu o traquete, mas foi varar tão perto de terra, q da çeuadeira saltaraõ cinco homês n'ella, & morrerão dezanoue afogados. A outra nao de Diogo de Vera teuefse sobre a amarra ate pafsar o tempo, & como pode, deu a vela, & nunca mais appareço. Dom Rodrigo da Cunha, capitão da outra nao, passado o tempo deu a vela, & foifse na volta de Castella, mas logo encontrou o general, & cõ pouca vôtade voltou com elle, & embocando o estreito, virão a nao de Sebastião del Cano perdida, & a gente em terra que lhe fez final, & mandou o batel a buscar o capitão; & a todos os companheiros mandou dizer que esperassem que logo os mandaria buscar, por que ya demandar algũ porto em que pudesse surgir: & entrando o estreito surgio da bãda de d'entro no primeiro pouso que achou bõ; & d'ali tornou a mandar hũa caravela (que o acompanhou sempre) a buscar a gente da nao perdida. Esta caravela tornou a sair fora do estreito, & recolheo a gente toda, & voltando com ella antes de entrar o estreito lhe deu hum tempo, com que desgarrou à cu-

tra costa. A capitania cassou com todas as ancoras passante de hũa legoa, tocando muitas vezes em baixo cõ o arfar, pello que abrio, & fez tanta agoa, que lhe foi força do alijarem muitas coufas ao mar. Frey Garçia de Loaisa, vendo que o tépo crecia, receando que a nao se perdesse, foifse no batel pera terra, porque era perto, & o mesmo fez toda a mais cõpanhia, ficando só os marinheiros. Passada a tormenta tornou se a embarcar, & sayose fora do estreito, & foi tomar o rio de santa Cruz, q estava d'el le cincoenta legoas, pera cõcertar as naos que estauão destroçadas, nas marês que ali crecião, & vasa-uão sete braças. D'ali mandou Dõ Rodrigo da Cunha a buscar o pataxo, que achou junto da nao perdida, & tomadolhe a gente que quis, não querendo mais proseguir naquella jornada, tornou se pera Castella, & o pataxo se foi pera o General, & lhe deu aquellas nouas, porq sabião sua determinação. Cõ certadas as naos, tornou o General cõ os galeoês & pataxo a entrar o estreito cõ determinação de inuervar no meyo d'elle, & acodindolhe bõ tempo sayo fora d'elle, & sendo quatrocentas legoas da costa lhe deu hum temporal com que se perderão os galeoês, & o pataxo foi tomar a noua Espanha, o General foi só seguindo sua derrota, & por conselho de Ioão Sebastião del Cano passou a Equinocial, por

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

lhe elle dizer, que em doze graos estauão hũas ilhas mũy ricas d'ouro & prata: & indoas demandar a doecerão muitos, & falecerão em poucos dias o General, & o loão Sebastião del Cano, & o piloto, & thesoureiro, & todos morrerão de hũas nodoas pretas que lhes sairão pellas pernas. Os que ficaraõ viuos elegerão por capitão Toribio Alonso Salazar, que se tornou a merer debaixo da linha, & faleceo chegando as ilhas das Vellas, que agora chamão dos ladroës. Por sua morte ouue grande aluorço sobre a capitania entre Martim Inhegues de Carquicios Alguazil mayor da armada, & Fernão de Bustamente thesoureiro da nao Santo Espirito, a perdida, de que foi capitão loão Sebastião, que tinha ja ido a Maluco na nao Victoria, & por euitarem contendias, cõ certaraõse, que ficassem ambos capitães, & mandassem igualmente, ate chegarem a algũa das ilhas de Maluco, onde se determinaria que ficaria só: & seguindo sua derrota forão auer vista de Mandanao onde foi Martim Inhegues julgado de todos por capitão, que tãobem era fidalgo Biscainho. Martim Inhegues foi logo demandar Maluco, & chegando a Cope lugar do Morotai Nomoro, tomou refresco, & agoa, d'ali se passou a outro lugar chamado Camafo, que he na Mororoja, cujo sangage era vassallo de Tidore. Foi isto no proprio

tempo que Dom Iorge de Menezes se afastou d'ellas, & se foi desguarrado com as correntes, & todauia foi visto dos Castelhanos, & conhecerão ser a nao portuguesa; pello que se forão os Castelhanos metendo bem d'entro no golfo de Camafo, q̃ he da outra banda do leuante da ilha do Moro, onde surgirão. A gente da terra foi a nao a visitar o capitão, & o leuaraõ com todos os seus pera terra, & os agasalharaõ bem, pella amizade que sabião tinhão com o seu Rey. Ali foubirão como os Portugueses tñhãõ fortaleza em Ternate, & todas as mais cousas que erãõ socedidas ate entãõ, & da guerra que Dom Garçia fizera ao seu Rey. Os Castelhanos vsando de sua natureza, se lhes offereceraõ pera ajudar o seu Rey contra os Portugueses lançando seus despechos, prometendolhes de os comerem todos assados. Com isto lhes derão os da terra tudo o que auião mĩster, & não lhes querião tomar dinheiro, porque esse seria o intento de suas promessas, que bem sabião elles que os Portugueses erãõ maos de assar, & piores de tragar. Estas nouas d'esta nao, saõ as que deraõ a Dom Garçia Anriquez (como atras temos dito) & certificandose serem Castelhanos, despedi logo Martim Correa, & com elle Diogo da guerra em hũa Corocora mũy ligeira, pera irem ver o que aquillo era, & pera tomarem

marem lingoa da terra. Estes homens foraõ ter a hum lugar de Camafo, onde foraõ certificados da verdade, & de como ficaua n'aqlla cidade aquella nao, & que partiãõ despanha sete juntas, por que se esperaua, & assi o affirmauãõ os Castelhanos, & souberãõ que os da terra estauãõ com elles mûy soberbos & vfanos, com isto se tornaraõ, & derãõ as nouas a Dom Garcia que com muita pressa armou dous nauios de remo, em que mandou embarcar setenta Portugueses, & pedio a Cachil da roes, q se embarcasse em suas Corocoras, como logo fez em dez, ou doze, & d'esta armada fez capitãõ mor Manoel Falcão, dandolhe por regimento, que chegassem à vista da nao, & mandassem a ella o Ouuidor que com elles mandou embarcar, pera ir fazer ao capitãõ hũ requerimento que lhe deu por escrito, & com isso hũa breue carta pera o capitãõ, & que não querendo de firir a cousa algũa, pelessem com ella, & lhe leuassẽ todos os Castelhanos prezos. Manoel Falcão foi seguindo sua jornada, & ao sair do golfo de Camafo, encontrou a nao, & mandou a ella o Ouuidor em hũa Corocora, pera ir fazer a diligencia. Chegando o Ouuidor a bordoda nao entrou d'entro, & foi recebido mûy honradamente de Martim Inhegues, aquẽm deu a carta que leuaua, em que Dom Garcia lhe requere

ria da parte do Emperador Carlos quinto, que se fosse pera aquella fortaleza de Ternate, onde o agasalhariãõ como a vassallo de hum senhor tãõ parente & amigo d'el Rey de Portugal, & que d'ali se tornaria pera Espanha, & que não quisesse andar por aquellas ilhas que eraõ da coroa de Portugal, inquietando a paz que auia entre aquelles Reis, & com isso lhe fez o Ouuidor o protesto, mandando fazer d'elle hum auto pello seu escriuãõ. Martim Inhegues lhe respondeo, que aquellas ilhas eraõ do Emperador seu senhor, por caberem em sua demarcação, & que tinha sobre isso auido sentença contra el Rey de Portugal, pello que requeria a elle Dom Garcia, que não fosse elle o quebiãtador da paz. Feitos os protestos de parte a parte teue Martim Inhegues muitos cõprimimentos com o Ouuidor que notou muito de uagar a nao, & a gente que leuaua, & despedindo se d'elle se tornou pera Manoel Falcão, aquẽm deu conta do que passara com Martim Inhegues, & lhe affirmou que a nao estaua muito forte & que tinha em si trezentos homens, & muita artelharã, & vêdo que era em vaõ cometella tornaraõ se pera Ternate, & informaraõ a Dom Garcia do que era passado. A nao foi seu caminho, & surgio no porto de Tidore dia de Janeiro d'este anno em que andamos de vinte & sete, auendo dous

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

meses que tinha chegado a Camafó, onde esteve ate elRey de Tido re o mandar chamar. Logo aquella noite pós a gente & artelharia em terra, a que o ajudou elRey, que o festejou muito. Dom Garcia teue logo vista da nao, & mandou a mesma armada, pera que lhe fosse dar hũa salua, como fez, porque chegando se denoite perto d'ella a começaraõ a bater fortemête, matandolhe d'entro dous homens: & ao outro dia taõbem cõtinuaraõ abataria, & quatro arreo mais, sem a poderem meter no fundo, por ser forte, pello que se tornaraõ. Martim Inhegues mãdou meter a nao d'entre do arrefe, como se elles foraõ; & desembarcou tudo em terra, & ordenou com muita pressa dous baluartes de pedra encossa na frõtaria da cidade, & a nao posta em meyo com sua artelharia, como outro baluarte, pera defenfaõ do porto, com o que ficou bem seguro. Dom Garcia não deixou de continuar com seus protestos, & requerimentos, sobre que correrão recados de parte a parte, sobre o direito d'aquellas ilhas, que cada hum allegaua pello seu Rey. Martim inhegues dizia, que Fernão de Magalhaës vassallo d'el Rey Dom Fernando de Castella, descobrira aquellas ilhas, Dom Garcia allegaua, que muito antes d'aquillo foraõ descubertas por Antonio de Brito, & que o Magalhaës fora aleuantado, & que os

Reis d'aquellas ilhas, receberaõ primeiro n'ellas os Portugueses, & mãdaraõ requerer a elRey de Portugal, que mandasse fazer fortaleza em suas ilhas, & assentar comercio em suas terras: mandando el Rey de Ternate, & indo em pessoa o de Tidore a Amboino buscar Francisco Serraõ, que ali estava perdido da companhia de Lourenço de Brito, & sobre quem o agafalharia, & daria em terra lugar pera fortaleza aos Portugueses, tiueraõ muitos desgostos hum com o outro, requerendolhe sempre Dom Garcia, que se fosse pera aquella fortaleza, & que lhe daria hum lugar apartado em que estivessem todos à sua vontade, ate ser tempo de se tornarem; & que não comprasse nenhum crauo, né danassem o preço que n'elle estava posto pellos officiaes d'el Rey de Portugal: & que não o querendo fazer, protestaua por todas as perdas & danos que disso resultassem. Martim Inhegues taõbem fez seus protestos, ficando assi o negocio trauado em guerra, & deitaraõ suas Corocoras ao mar com que andauão fazendo seus saltos. Poucos dias depois d'estes derradeiros protestos tomaraõ duas Corocoras de Geilolo, & hũa chãpana de Ternate, que ya carregada de crauo, & matareaõ hum Portugues que n'ella ya, & algũs Ternateses. Vendose os Tidores favorecidos dos Castelhanos (que lhes faziaõ

fazião castellos de vëto, & que lhes faira aquella preza bem,) armãrão suas Corocoras, & forão dar em hum lugar d'elRey de Ternate, chamado Gacca, & o roubarão, & queimaraõ : d'isto teue logo Dom Garcia rebate, & armou algũas Corocoras em que mandou Martim Correa, & indo buscar os Tidores, deu com elles vindo se recolhendo com apreza, & inuestindoos os axorou, & abalrou, & lhes tomou a mör parte das Corocoras, & da preza que leuauão. Aqui fizeraõ os Ternates que forão cõ Martim Correa, grandes caualarias, & crnezas.

CAPITULO IIII.

De como dom Jorge de Meneses chegou a Maluco, & de como fez tre-goas com os Castelhanos, que se quebrarãõ logo, & de como faleceo el Rey Bayano, & socedeo seu irmão Ayalo. E de como el Rey de Lombardia os Portuguezes que estauão em seu porto, & tomou hũa gale por engano.



Os Castelhanos da dolhes pouco dos requerimentos de Dom Garcia que lhes mandou fazer por muitas vezes, comecarãõ a resgatar erauo por essas illras, danando o antigo

preço, & fazedoo subir em quatro vezes o dobro, com o que lhe acudio todo o d'aquellas illhas. D'isto foi logo dom Garcia auisado o que sentio muito : & porque se lhe não acudisse seria destruição da fazenda d'elRey, & do seu comércio d'aquellas illhas, mandou negociar algũas embarcações, & pediu a Cachil Daroes que o acompanhasse nas suas Corocoras, do que se elle não escusou, & dom Garcia se embarcou com cem Portuguezes, & a gente de Daroes, & foi de noite demandar o porto de Tidore, & surgio a tiro de bataria da nao, que logo comecou a bater com tres canoas, que leuauã em hũas embarcações que ordenou a maneira de barcassas com suas matas & arrombadas. Ali estiterãõ tres dias sem fazerem mais que dar na nao, desfazendoa por cima toda, & fazendolhe por baixo algũs rimbos. E porque se lhe acabaraõ as munições, recolherãse pera hũa enççada da mesma ilha, em quanto fossem buscar outras, porque dom Garcia logo mandou cõ muita pressa. Estando n'esta enççada mandou dom Garcia a Martim Correa, & a Cachil Daroes, que fossem queimar hũ lugar de Mouros que estaua sobre hum teço, a onde Martim Inhegues mandou por algũs Castelhanos a rogo d'el Rey, porque se receou d'aquillo. Partidos elles pera o lugar, derãõ n'elle hũa madrugada, & o queimarão,

marão, & assolarão. Os Castelhanos em sentindo os nossos sairão-se fora do lugar, & embrenharão-se em hum mato perto, d'onde ao sair dos nossos do lugar lhes a tirarão muitos tiros, de que hum quadrello deu a Martim Correa abaixo da orelha, de que cayo como morto, & foi recolhido: dom Garcia desgostoso recolheose. Os Castelhanos ficaraõ tão vfanos & soberbos, que dizião aos da terra, que os Portugueses fugiraõ d'elles, & que não estariaõ n'aquella fortaleza mais que em quanto elles quisessem: & todavia a villa em que elles estauão ficou assolada, & a nao da bataria tão aberta & destrocada, que se foi ao fundo: o que elles sentiraõ muito, por lhe não ficar outro nauio, & perderaõ o orgulho com que estauão, & ficaraõ esperando por recado de Espanha. Dom Garcia Anriquez, negociou hum junco, em que mandou Martim Correa, & Manoel Lobo a Malaca a pedirem soccorro contra os Castelhanos, que partirão em Janeiro do anno de vinte & sete, & logo o Mayo seguinte chegou áquella fortaleza dom Jorge de Meneses dos Papuas onde o deixamos, que trazia muito pouca gente por lhe morrer a maior parte por aque llas ilhas por onde invernou. Dom Garcia lhe entregou a fortaleza. Tanto que Martim Inhegues soube de sua chegada o mandou visitar, & a voltas disso lhe

mandou fazer queixume de dom Garcia, que nunca quisera com elle se não guerra, & que lhe metera a sua nao no fundo: pedindolhe quisesse correr com elle em amisa de, pois eraõ Christãos, & quasi naturaes, & vassallos de dous Reis tão amigos & parentes. Dom Jorge lhe mandou dizer que folgaua muito de ter chegado a tal tempo, porque esperaua de o seruir, que lhe pedia, que pois estaua sem nao, que se fosse pera aquella fortaleza, onde o agasalharia, & seruiria, & lhe daria embarcaçõ pera se irem pera a noua Espanha, ou pera Castella. A isto não diffirio elle nada: o que visto por dom Jorge, mandoulhe fazer protestos, & requerimentos, pello Alcaide mor, na forma dos que lhe dom Garcia tinha feitos: & depois de passarem muitos recados de parte a parte, vierão a concluir em tregoas, que se assentaraõ ate lhe vir recado de Portugal & de Espanha: & sempre os Castelhanos se passaraõ pera a fortaleza, se el Rey de Tidore lho não estoruara. Duraraõ estas tregoas pouco porque logo se quebraraõ. Neste tempo faleceo el Rey Bayano, que estaua reteudo na nossa fortaleza, & estando ja pera morrer, lhe deu o capitão licença pera se ir pera sua casa, onde logo faleceo, & o pouo aleuantou por Rey Cachil Dayalo seu irmão, que dõ Jorge também recolheo na fortaleza, & como nestas exequias funebres

bres fazem estes grandes excessos, & durão muitos dias, ajuntando-se a ellas muita gente, faltarão pera isto mantimentos, & Cachil Daroes Regedor do reino mandou ao Moro algũas embarcações a buscalo. Vindo estes navios de la, lhes sayo Cachil Rade Regedor de Tidore, & as tomou, & catiuou todas as pessoas que nellas vinhão. Tanto que isto se soube, determinou Cachil Daroes de se desafrontar, & pediu ao capitão dom Jorge algũa gente que lhe deu: & partiu do hũa noite com hũa boa armada, chegarão a Tidore de madrugada, & desembarcarão em hũa parte fora dos fortes dos Castelhanos, & derão na cidade aque puserão fogo, em que ardeu a mor parte, sem os Castelhanos lhe poderẽ valer, & os nossos se recolherão muito a seu salvo: com isto ficarão quebradas as treguas, & não por culpa dos nossos, (como dizẽ alguns escritores Espanhoes) E deixalosemos aqui, & daremos conta das cousas que neste tempo soçederão em Malaca. ¶ El Rey de Lobu na costa de Camatra, era hum mouro que corria em grande amizade com os capitães de Malaca, & de sua terra yão áquella fortaleza comprar, & vender, & o mesmo fazião os mercadores Portugueses a Lobu, sem nunca n'elle, nem nos seus acharem engano, nem falsidade. Soçedeo neste mesmo tempo, depois de Pero Mafsa,

renhas embarcado pera Goazir a, quelle porto hum navio de Portugueses a fazer seu resgate, os da terra, ou fosse por cobiça, ou pello que quer que fosse, matarão todos os que yão nellẽ. Disto foi lorge Cabral capitão de Malaca logo auisado, & querendo tomar satisfação d'aquelle negocio, mandou Aluaro de Brito por capitão de hũa galé, com setenta homẽs, pera se ir por sobre aquelle porto, & tomar todas as cousas que saíssem & entrassem n'elle. Esta galé foi a Lobu, onde os da terra matarão todos os Portugueses d'ella, & a tomarão, se se saber o como. Estas novas forão a Malaca que lorge Cabral sentio muito, assi pella perda, como pella afronta, mas dissimulou por não ter navios, nẽ gente pera se ir satisfazer. Estando com esta magoa chegou poucos dias depois ao porto de Malaca Antonio de Brito que vinha de de Banda como atras dissemos (posto que Castanheda diz que era Martin Correa, o que foi erro, porque isto soçedeo no tempo em que elle estaua ferido em Maluco do quadrelo, & Antonio de Brito deixamolo partido de Banda.) Este fidalgo foi bem recebido de lorge Cabral, que estaua com a magoa fresca, & lhe pediu, quisesse satisfazer aquella afronta, o que elle aceitou de boa vontade, & armãdo algũas Lancharas, mandou embarcar dessa pouca gente hũa

uia, & com a que Antonio de Brito trazia pretez cento & vinte soldados & fazendose a vella atraueſſou a outra coſta de noite, & foi demandar o porto de Lcbu, ſem d'elle terem viſta da terra liſendo paſſado o quarto da Modorra, embarcouſe nos nauios ligeiros porque ya na ſua nao, & en trou pello rio, & ſem ſer ſentido deſembarcou na cidade, mandandolhe primeiro que tudo por o fogo por algũas partes, & como era de madeira & palha, ateouſe em toda com tao grande eſtrondo, & terremoto, que foi couſa eſpantofa. Como isto tomou todos repouſando & deſcuidados, não fizeram mais que ſaltar fora das camas, & fugir pera as ruas, onde acharão os noſſos que não fazião mais que matar, & andar, não perdoando a couſa algũa, fazendo tamanha deſtruição, & temando tão cruel vingança da afronta paſſada, que ficou perpetuamente por memoria naquelle cidade. Depois de deixarem tudo poſto a ferro, & a fogo, embarcarãoſe muito a ſua vontade, & tomarão a galé que eſtaua no rio com toda ſua artelharía, & outras muitas embarcações, & pondo o fogo a outra copia d'ellas que eſtauão em eſtaleiro ſe forão pera Malaca, onde forão recebidos com triumpho. Jorge Cabral ſabendo de Antonio de Brito do eſtado em que Maluco eſtaua, deſpedio logo duas nauetas, & hum

junco, cheios de mantimentos & munições, & dous mil cruzados em roupas, & cem homens Portugueſes pera ir de ſoccorro. A capirania d'eſtas vellas deu a hum fidalgo chamado Gonçalo Gomez d'Azeuedo. Eſte ſoccorro partio na eſtrada de lanceiro de vinte & ſete, quaſi no meſmo tempo que de Maluco partio Martim Correa a pedir ſoccorro, & da jornada d'ambos adiante daremos rezaõ.

CAPITULO V.

*De como dom Simão de Meneses ſoltou Pero Mascarenhas, & dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz, & da armada que eſte anno de vinte & ſete partio de Portugal, & de como duas nao d'ella ſe perdero na illa de ſão Lourenço.*



**ORNANDO** a continuar cõ as couſas dos dous Governadores, q deixamos com a reſpoſta que Lopo

Vaz deu aos requerimentos de Pero Mascarenhas, com que chegou Mem Vaz a Cananor, & tanto que foi viſta por Pero Mascarenhas, & que leu as cartas dos fidalgos que ficauão presos, bem vio que Lopo Vaz queria leuar aquel le negocio por força & ajuntando ſe com dom Simão, mandou cha-

mar o feitor e scriuaes, & mais officiaes, & os casados, & perante todos fez Pero Mascarenhas hum protesto a dom Simão, mandando lhe ler os que mandara fazer a Lopo Vaz, & a resposta que deu a elles, & mandou a Mem Vaz que recitasse ali tudo o que passara, & o modo de como fora a prisão d'aquelles fidalgos. Depois de tudo isto notificado lhe requereo da parte d'el Rey, que pois Lopo Vaz se não queria por com elle a direito, antes mostrava usar de força, que o reconhecessem a elle Pero Mascarenhas por Governador da India, conforme àquella socessão d'el Rey, & auto da posse que fora dada n'aquella fortaleza, mandandolhe ler tudo n'ouamente, & que pois Lopo Vaz não queria justiça que pera isso tinha el Rey os fidalgos como elle na India, pera não consentirem cousas feitas contra seu serviço. Dom Simão ficou de todo escandalizado do modo de Lopo Vaz, & logo mandou tirar os ferros a Pero Mascarenhas, & o levou a igreja, & presente o pouo todo mandou ler sua socessão, em que elle socedeo por morte de d'õ Anrique de Meneses, & o auto da entrega da governança, q' foi feita a Lopo Vaz, ate sua vinda de Malaca, & todos os mais que foraõ feitos, & das resistencias que lhe Afonso Mexia fez em Cochim, & todas as mais cousas passadas a te aquelle

dia. Depois de tudo lido, disse Pero Mascarenhas alto que todos ouiraõ, tudo aquillo senhores vos foi notificado pera que saibaes quaõ injustamente fui injuriado, prezo, & mal tratado, como se eu fora algum malfetor, & que quisesa entregar a India aos mouros, sobre a merce que me fez el Rey da governança da India, pellos muitos, & m'uy grandes serviços que nella, & em outras partes lhe tenho feitos, & agora por remate de todos, com lhes segurar Malaca com a tomada de Bintão, cuidando que vinha receber o galardão d'elles, fui espancado de Afonso Mexia, preso em ferros de Lopo Vaz, cousa tão fea, que ate os mouros, & gentios de todo o Oriente se escandalisaõ disso. Afonso Mexia, que por razão de seu officio era obrigado a favorecer o serviço d'el Rey, & não consentir a Lopo Vaz fazerme tamanha força, o fez tanto ao contrario, que como meu inimigo capital ordio todas estas dissensoes, com querer dar entendimento à carta d'el Rey, differente do que era sua tenção, e tem com isso posta a India em bandos, & diuisões, & em perigo de se perder: & Lopo Vaz o ajuda por sua parte e se não querer por comigo a direito, & por não ir a requerer minha justiça (por saber q' a tenho) me impedio a entrada de Goa, mã dádome preso em ferros, como vistes, pera esta fortaleza, como se eu

I      preten.

pretendera entregar o estado da India ao Turco, & publicamente diz que por armas se ade sustentar n'aquelle lugar, & assi parece que quer nellas por sua justiça, pois prende & maltrata a todos, que por minha parte lha requerem, & agora com a prisão d'aquelles fidalgos que são os principaes que el Rey tem na India, ficou tão v'fano, que segundo tenho por cartas, estaa apostado a vir cercar esta fortaleza, & prender o senhor dom Simão, que a mim ja o tem feito em tempo que ha tão certas nouas de galés de Rumes. Todas estas cousas são muy claros sinais de homem aleuantado, & que lhe da pouco, assi da prouisaõ d'el Rey, como de tão honrados vassallos como tem neste estado, & a todos os que não são seus parentes, & criados, parece mal o modo de como procede neste negocio. Pello que senhores vos requero a todos os que presentes estaes, & de nouo o torno a fazer ao senhor capitão, & officiaes da justiça, & fazêda d'el Rey, que vista a contumacia de Lopo Vaz, & como quer vsar de força, & não de justiça (pois trabalha tanto por eu não chegar com elle a direito, sobre a governança da India, que el Rey me tem dado primeiro q' a elle,) q' todos me ayaes por vosso Governador, & me entreguis a India, por vossa parte, pois todos ja me obedestes, pera que com esse fauor, & cõ outros que

espero possa constringer a Lopo Vaz, a se por comigo a direito, pera que fique a governança a cuja for, porque não pretêdo outra cousa mais, que paz, & quietação da India, porque se não perca, vindo a ella a armada dos turcos. E torno de nouo a requerer, & a vos notificar, que consintaes nõ que vos peço, & quando não, protesto d'el Rey volo estranhar, & de lhe dar des conta dos males que socederê, & de auer por vossas fazendas, todas as perdas & danos que disso receber. De tudo isto que tenho dito vos tabaliaõ me dareis hum estromento com suas repostas, ou sem ellas, & calouse. Todos os que presentes estauão a hũa voz disserão, que não tinha necessidade de cousa algũa, que elles o conhecião por seu Governador, & que como a tal estauão prestes pera lhe obedecerem, & logo se fez hum auto disso em que todos se assina- raõ, & dom Simão de Meneses o assentou na cadeira, & lhe deu a menagem da fortaleza em suas mãos, como a Governador da India, em nome de el Rey de Portugal, de que tudo se fizeraõ papéis, & o Governador se agasalhou na fortaleza com dom Simão, correndo com as cousas como Governador. E posto q' o Castanheda não declara se el Rey de Cananor o ouue por Governador, & o tratou, & visitou como esse, quanto a nos dõ Simão lho fez primeiro a saber como

como o fazia a todas as cousas que socedião, pella pontualidade com que corrião com elle em amidade. As nouas d'isto chegarão logo a Cochim, que cauzaraõ em todos grande aluoroço, & Afonso Mexia ficou sobrefaltado, porque ja lhe não vinha bem governar Pero Mascarenhas, pellas afrontas que lhe tinha feito, de que recca-uã que se vingasse. O veraõ entrou logo, & de Cochim & Coulaõ se vierão pera Pero Mascarenhas algũs capitaães de nauios, & outras muitas pessãoas, & lhe derão a obediência, cõ o que elle ficou cõ mais cõfiança de Lopo Vaz se por cõ elle a direito, & quãdo por aqui não pudesse leuãr este negocio ao cabo, aueria q̃ não era Deos seruido d'isso, & tratou de não lhe ficar couza algũa por fazer. E porque da carta de Christouão de Sousa (que a-tras dissemos) entendeu que auia sua prisão por injusta, quis darlhe cõta do estado em que ficaua, pera ver se o podia grangear pera o ter de sua parte: por que como era hũ dos principaes fidalgos da India, muito aparentado, & rico, & esta-ua certo penderem todos a sua parte d'elle, cõ o que ficaria sendo sua justiça mais certa, logo despe-dio hum nauio ligeiro pera Chaul em que foi Francisco Mendez de Vasconcellos com cartas pera elle & procurações bastantes pera o q̃ fosse necessario, & os tressados dos autos de como ficaua obedeci-

do por Governador, pedindolhe q̃ requeresse a Lopo Vaz, que se possesse cõ elle a direito, & quando o recuzasse, que lhe obedecesse a elle como tinha feito dom Simão, pois elle era o que queria justiça pera paz & sossego de toda a India: & mandou outro requerimẽto a Lopo Vaz, assi por sua parte, como pella de dõ Simão, em que lhe requerião soltasse os fidalgos que tinha presos, escreuendo a todos cartas de offerecimẽtos, & esperanças de cedo serem soltos. Francisco Mendez chegou a Goa, & deu os requerimentos que leuaua na mão do Secretario, & as cartas aos fidalgos. O Secretario leuou os papeis a Lopo Vaz, & por elles soube como Pero Mascarenhas ficaua solto, & obedecido por Governador, & brauejando sobre isso, caindo no erro que fizera em o confiar de ninguem, reçoendo que lhe entrasse hũ dia de supito em Goa, o que se ria sua perdição: porque sabia de certo, que em pondo ali os pés, lhe auião de acodir todos os fidalgos. Pello que despedio Simão de Mello em hũa galeota, & hum bargantim pera se ir por em Goa a velha, porque não entrasse por aquella barra: era isto ainda entrada de Agosto, & poucos dias logo depois chegaraõ à barra as duas naos da inuernada do anno passado, de q̃ erãõ capitaães Vicete Gil, & Antonio d'Abreu, q̃ surgiraõ aos dezaseis d'aquelle mes, & desēbar

cando forão ao Governador, que lhes deu conta das cousas dantre elle & Pero Mascarenhas, & lhes mostrou as socelloes, assi hũas como outras, & todos os mais papeis, sobre o que lhes pediu seus pareceres, rogandolhes, que liuremente lhes dissessem se era por virtude d'aquellas prouisoões verdadeiro Governador da India, & não se contentando com aquillo lhes deu juramẽto dos santos Evangelhos. Os outros como não tinham mais informação; que aqne lhe elle mesmo deu, & ostomou depressa pera que logo lhe respõdessem, differão, que pello que lhes tinha dito, & por aquelles papeis, estaua de muito boa posse. D'isto mandou fazer hum termo em que ambos se assinarão. Passado isto, aos seis de Setembro, chegarão a barra duas naos do Reino, de cinco que tinham partido, de que era capitão mór Manoel de Lacerda, que por culpa do seu piloto varrou na ilha de São Lourenço, & o mesmo fez outra nao que o seguia, de que era capitão Aleixos d'Abreu, que ambas juntas varrão na baya de Santiago, que jaz da banda do ponente, em vinte grãos & meyo: & foi em parte que se saluarão todos em terra: & por se segurarem da gente d'ella, ordenarão hũas tranqueiras em que se recolherão com algũas armas que saluarão, & com as cousas que tirarão das naos, & que de-

pois o mar trouxe a terra, cõ o que se ficarão sustentando miseravelmente, comutando cõ os da terra (que era muito falta de mâtimentos n'aquella parte) algũas cousas poucas, deixandose ficar ali esperando que passasse algũa nao a que fizessem sinal pera os tomari. Deixalosemos aqui ate tornarmos a elles. ¶ Das outras duas naos que chegarão a barra; erão capitaes Baltezar da Sylua, & Gaspar de Paiva, em que vinhão embarcados dom João Deça, cunhado de Lopo Vaz de São Payo, que vinha com a capitania de Cananor, após dom Simão; & Francisco Pereira de Berredo com a de Chaul. Estes fidalgos forão mũy bem recebidos de Lopo Vaz, & lhes mostrou os autos, & papeis, & deu conta de suas cousas, como fez aos capitaes da inuernada: & perguntandolhes o que lhes parecia, differão que estaua de boa posse, dandolhe pera isso suas rezoes, de que elle mandou fazer hum termo assinado por elles. Depois d'isto ja no fim do mes chegou a Goa outra nao que faltaua, de que era capitão Christouão de Mendocça irmão de dona Ioana duqueza de Bargarça, filho de Diogo de Mendocça que vinha prouido da fortaleza de Ormuz, na vagante de Diogo de Melto. Este anno de vinte & sete foi mũy trabalhoso, de grandes terremotos,

& tre-

& tremores de terra em Lixboa, de que cayó a mor parte d'aquella cidade, & ouue grãdes danos, mortes, ruinas, destruiçõs, & andaua a gente toda tão affõbrada, que viuião pellos campos, & desertos, & foi taõbem o sacco de Roma pelo Duque de Borbom.

## CAPITULO VI.

Da armada que o Turco Soleimão mandaua contra os Portugueses, & das differenças que ouue entre os capitães, & de como mataraõ o General, & a armada se desfez.



**TURCO** Soleimão, filho de Cely, que socedeo no Imperio Othomano, os

anos do Senhor de mil, quinhentos, & dez, o mesmo dia que o inuenciuel Emperador Carlos quinto foi coroado em Aquisgrano: o que parece ordenou Deos nosso Senhor pera enfrear a soberba d'oquelle barbaro, que tanto que tomou posse do gouerno, & começou a sentir o pezo do Imperio, entre as cargas que lhe carregarão muito foi ade nossas armadas, que todos os annos lhe entrarão pello estreito do mar roxo, fazêdo por elle grandes danos, destruindolhe seús vassallos, & impedindolhe a nauegação, & roma-

gê da sua casa da abominação de Mafamede, com o que o commercio & rendas d'aquelle estreito estauão totalmente perdidas, sendo sempre as mais importantes que os Imperios Romano, & Egyptio tiueraõ, pella grossidão de suas entradas, & continuação de muitas naos, que de todas as partes do Oriente yão aquelles portos, carregadas de muitas & ricas fazêdas, que rendo acodir a estas cousas, tinha os annos atras passados mandado pera isso ordenar hũa grossa armada no porto de Suès, pera mandar a India contra os Portugueses, pera o que se leuou hũa grande soma de madeira dos montes negros, & dessas partes de Satalia, muito ferro, cordoalha, carpinteiros, ferreiros, mestres de galês, & todos os mais officiaes d'ellas, o que tudo foi leuado em muitas naos por vezes ao porto de Alexandria, a y se desembarcarão, & em barcas forarãõ leuados pello Nilo acima ate o Cairo, onde se carregarão em Camelos, & por espaço de vinte & quatro legoas de terra deserta, & sem agoa, foi tudo passado a Sues, cõ despensas mûy excessiuas, onde se começarão armar as vazilhas, & galês, em q̄ gastarão cinco ou seis annos, pella incõmodidade do porto: porque ate a agoa que auião de beber os officiaes, se leuaua em camelos de muito longe, & pella mesma maneira todas as mais cousas que eraõ necessarias, que tudo

ali chegaua à cistta de grande forma d'ouro: porque como o Turco entrava neste negócio com o zelo de sua religião, pera desempedir aquella romagem da casa de Mecca, tinha mandado se gastassem todos seus thesouros, & assi a poder d'elles se armaraõ setenta & seis velas, de todas as sortes, que se acabaraõ este anno, nomeando pera General d'esta empreza, a Soleimão Baxa Governador do Cairo, homem de grande conselho & esforço, dandolhe gente, dinheiro, munições, & artilharia, tirando tamanho cabedal de si, sem embargo de andar occupado contra el Rey Luis de Vngria, que com demastado esforço, mas pouco conselho, lhe apresentou aquella batalha entre Buda & Belgrado, em que foi morto & desbaratado. Deu o Turco por regimento ao Baxa que fizesse primeiro que tudo hũa fortaleza na ilha de Camaraõ, porque não tentasse el Rey de Portugal, como ja fizera, mandar fazella ali, & que depois se passasse a India, & lançasse d'ella os Portugueses. E querendo honrar por este negocio em que o occupaua lhe deu o cargo de Baxa de sua camara, que he o mais a que se pode chegar, mandando com elle Escander Can, por seu lugar tenente, & mil janissaros da sua guarda, homens escolhidos, em que entravaõ Mostafa Beran, sobrinho do mesmo Baxa, filho de sua irmã. Toge Ca-

far natural de Otranto, que ja na armada de Mir O Cem, (que o Viso Rey dom Francisco d'Almeida desbaratou, & em Dyo fora por capitão de hũa galé) homem de Ardis, & inuencões, porque veio a valer muito, & a este tempo era the soureiro do Cairo, este trazia sua molher, & hum filho ja homem, chamado Maarran, (que depois se chamou Rume Can, como em seu lugar diremos,) & duas filhas mais hũa casada com Afete Can, homem tão façanhoso de corpo, & forças, que por ellas foi depois chamado Tygre do mundo, de que algũas vezes auemos de falar. Vinha mais nesta enuolta Mostafa Carmany Elaracen, que depois foi senhor de Baroche, & Acem Lan casta Cherques, que depois teue no reino de Cambaya o titulo de madre Maluco, com quem pello descurso da historia auemos de continuar muitas vezes. E na entrada d'este veraõ em que andamos partito o Baxa de Sués com esta potente armada, cuja fama atroou o mundo, com que os mouros da India andauaõ aluoroçados, cuidando que nossas cousas eraõ acabadas de todo. O baxa foi tomar a ilha de Camaraõ, onde com muita pressa pos as mãos a obra da fortaleza, que acabou por todo mes d'Agosto, & prouendoa de gente & munições, se embarcou pera passar a India: mas quis Deos nosso Senhor que na boca do estreito lhe dessem

os leuantes de rosto tão rijos, que tornarão a voltar pera d'entro, & tomando conselho sobre o que farião, assentouse que fossem esperar os ponentes de Abril em Cöbit Sarif, porto do reino de Zabit, na terra de Arabia, da outra banda da ilha de Camaraõ, aonde desembarcaraõ em terra, & armaraõ suas tendas: & porque ficauão ociosos todo aquelle tempo, determinou o Baxa de conquistar aquelle reino marchando contra a cidade de Zebit dez legoas pello Sertão. Sendo aquelle Rey, que se chamaua Soltão Hamede, auisado da potencia do Baxa, largando a cidade, fugio bem pera o Sertão, ficando a cidade só, que seus moradores tão bem se quiserão segurar. O Baxa entrou n'ella, & mādou lançar pregoes pellas aldeas vizinhas, pera que todos os da cidade se tornassem liuremente pera suas casas, prometendolhes honras & faouores, com o que acodirão logo. O Baxa proueo aquella cidade de guarnição, pondo n'ella por Governador a Mir Escandér, ficando ali esperando a mdução, pera passarem a India. Mas como Deos nosso Senhor tinha os olhos n'ella, & a queria guardar & defender, pera que por toda ella fosse dilatada sua sanéta fé, ordenou aquellas cousas de feição, que se desfez á armada, porque se passara à Índia n'aquelle tempo de tantas diuisões, sem duuida se perdera de todo. E foi a

cousa desta maneira. Antre o Baxa & Mir Escandér, começaraõ a auer algũs arrufos no principio, ainda que pequenos, que crecerão, & se vierão a acender por esta maneira. Tiueraõ os laniçaros queixas do Baxa, ou sobre as prezas de Zebit, ou sobre a paga, de que elle fez pouco caso, & como sabião o desgosto que Mir Mostafa tinha do Baxa, tratarão com elle em segredo de o matarem, o que fizeram, dando hum dia de supito nas suas tendas que roubaraõ, & escalarão. Mostafa sobrinho do Baxa vendo o tio morto, recolheose as suas galés com os laniçaros de sua valia, em que entrauão os que acima nomeamos, que eraõ capitaes das galés, & se apoderou do thesouro, & tratou de se fazer cabeça da armada, solicitando a gente pera o seguirem na jornada da India, a que o tio ya enuiado, prometendolhes grandes prezas, & riquezas, de que todos zombarão, porque yão muito desgostosos naquella jornada, por ser contra Portuguezes cuja fama das vitorias que cada dia tinhão na India, os trazia assombrados, o que visto por Mostafa com os capitaes de sua valia, q̄ eraõ cinco, se foraõ em suas galés pera outro porto, leuando nellas quatrocentos turcos, a mor parte d'elles escrauos que foraõ do Baxa, & como tiueraõ tempo, & em Abril, se passaraõ a Xael, de que adiante falaremos. Os mais capitaes

taes das galés vendose sem cabeça embarcados nellas se tornarão pera Sués, onde as vararão, levando noua ao turco do successo que em extremo sentio, porque lhe custou aquella jornada hũa grande soma d'ouro, ficando Mir Escander em Zebit com muitos turcos que cõ elle quizerão ficar, & logo se apeli- dou Rey. Fernão Lopez de Castan- heda, & Petro Mapheo, dizê que Mostafa & Cogeoçar mataraõ o Baxa, & que se forão pera Camba ya, no que forão mal informados, porque esta verdade nos a aueri- guamos com Caracen; hum des- res lançeros estando por capitão de Baroche, com que conuersa- mos n'aquella cidade por ser ho- mem muito amigo dos Portugue- ses: & depois que nos foi encomen- dada esta historia o tornamos a re- tificar com hum mouro Arabio chamado Benãoder, que n'este tẽ- po estaua em Adem, & nos contou nesta cidade de Goa todas as parti- cularidades d'esta jornada, de que não fazemos menção, mais que das cousas substanciaes que serue- pera a nossa historia. As nouas d'es- te successo chegarão a Chaul, entra- da de Setembro por algũas naos de Meca, que àquelle porto forão, cõm que Christouão de Sousa fi- cou desalinado, & logo as enuiuou a Lopo Vaz. Pouco depois chegou àquella fortaleza Francisco Men- dez de Vasconçellos, com as cartas de Pero Mascarenhas, dõ Simão,

autos, & mais papeis que leuaua; por que soube ficar Pero Maf- carenhas obedecido por Gouverna- dor em Cananor, apresentando- lhe, & notificandolhe com hum ta- balião o mesmo Francisco Men- dez hum protetto, & requerimen- to por parte de Pero Mascare- nhas, em que requeria a elle Chris- touão de Sousa que lhe obedeces- se, & conhecesse por Governador da India, conforme a successão d'el Rey. que se abrio por morte de dõ Anrique, ja que Lopo Vaz queria vsar de poder, & não se queria por com elle a direito, protestando de auer por lle Christouão de Sousa (não lhe querendo obedecer) to- das as perdas & danos que disso re- cebesse, & de dar conta a el Rey d'aquelle negocio, & elle lho es- tranhar & castigar, por consentir a Lopo Vaz vsar de força. Christo- uão de Sousa vendo aquillo, cha- mou a conselho o feitor, Alcaide mor, fidalgos, & caualeiros que ali se acharão inuernando com elle, que eraõ muitos, & lhes deu conta d'aquelle negocio, & da prizão dos fidalgos, & do escandalo que antre todos auia d'ella, & de Lopo Vaz querer vsar de força & poder, & não se querer por a direito com Pero Mascarenhas, mostrandolhe todos os requerimentos, & protes- tos, & todos os mais papeis pedin- dolhes, que lhes dissesem o que mais lhes parecesse cumpria ao seruiço d'el Rey. Visto por todos muito

muito bem assentaraõ que obedecesse a Pero Mascarenhas por Governador da India, com declaração, que a todo tempo que Lopo Vaz se quisesse por a direito com elle, tornasse a coufa, a ficar deuoluta até se aueriguar por justiça, a qual d'elles pertencia a governança, & que logo se auia de acudir aquillo, antes que Lopo Vaz adquirisse maiores forças, com que se quisesse sustentar n'aquelle lugar por armas, dando pera isso muitas rezões, com que Christouão de Sousa determinou obedecer a Pero Mascarenhas, mandando fazer hum auto de tudo o que se ali assentou, com que se assina- rão todos os que se acharão n'aquelle parecer, com declaração, que se notificasse a Lopo Vaz, que se pusesse a direito com Pero Mascarenhas; & que entrão se julgasse qual era o legitimo Governador: & assi logo começaraõ a nomear Pero Mascarenhas por esse, escreuendolhe Christouão de Sousa pello mesmo Francisco Mendez de Vasconcellos, de como ficaua obedecido por Governador, mandandolhe o tressado do auto que se fez. O mesmo escreueo a Lopo Vaz, de que elle se tomou muito, despedindo logo Antonio da Sylueira com hũa armada a Chaul, dandolhe por regimento que requeresse a Christouão de Sousa, que lhe entregasse a armada que tinha em Chaul, mandando em-

barcar com elle Francisco Pereira de Berredo pera o meter de posse d'aquella capitania, de que era prouido por elRey. Antonio da Sylueira chegou a Chaul, & à barra lhe mandou Christouão de Sousa requerer que não entrasse d'entro, porque não auia de obedecer a nenhum mandado de Lopo Vaz, porque só a Pero Mascarenhas conhecia por Governador da India, que se se quisesse ver com elle, que elle yria em hum catur, & que viesse elle em outro ao meyo do rio, onde se ajuntariaõ, & a y falarião, & assi se fez. Antonio da Sylueira lhe notificou o regimento de Lopo Vaz, aque Christouão de Sousa respondeo, que lhe não auia de obedecer, porque tinha mandado em contrario do Governador Pero Mascarenhas, & que não auia de entregar aquella fortaleza a ningem, se não por prouisaõ sua, sobre o que hum & outro fizeram seus protestos, & requerimentos, & Francisco Pereira outros contra Christouão de Sousa, pelos ordenados da capitania, & de tudo tiraraõ seus autos, & instrumentos & papeis.

CAP.

CAPITULO VII

De hum assinado que Antonio de Miranda d'Azevedo, deu a Pero Mascarenhas de lhe obedecer, & do que assentaraõ o mesmo Antonio de Miranda, & Christouão de Sousa sobre as cousas dantre os Governadores.



ANTONIO de Mirãda d'Azevedo, capitão mor do mar, que inuernou em Cochim, tanto que foraõ quinze de Setembro, que o tempo lhe deu lugar negociando sua armada, deu a vela pera Goa, tomando Cananor, pera prouer aquella fortaleza do que tiuesse necessidade, & surgindo na baya, lhe mandou o Governador Pero Mascarenhas fazer hum requerimento, aque foi dom Simão em pessoa com hum tabalião, em que lhe requeria da parte d'elRey, que pois o mesmo dõ Simão, & Christouão de Sousa, com a maior parte dos fidalgos da India o tinhaõ auido, conhecido, & obedecido por Governador, por virtude de sua soçessão, fazendo elle primeiro tantos protestos & requerimentos a Lopo Vaz (que indiuidamente se apellidaua Governador naõ osendo elle se não em sua ausencia, por que a soçessão em que elle soçeedo não podia ser aberta, tendose

ja usado da sua,) & que elle Pero Mascarenhas por paz, & sossego da India, quera por suas coufas em justiça, o que Lopo Vaz não quera consentir, se não usar de força; que pois elle requeria justiça, diuia elle Antonio de Miranda, como capitão mor do mar obedecerlhe, & entregarlhe aquella armada, pera a tornar a receber de sua mão, porque assi podia ser que se mouesse Lopo Vaz a se por com elle a direito quando se visse sem armada, que elle não quera mais, senão que se julgasse qual delles auia de ser Governador da India; porque se o era Lopo Vaz, elle Pero Mascarenhas se quera ir pera o reino, a dar rezão de si a elRey, porque d'outra maneira daria ma conta de si. E quando elle Antonio de Miranda lhe não quizesse obedecer, que elle protestaua de a uer por elle seus ordenados, & de elRey o castigar como lhe parecesse justiça, & o caso requeria. Antonio de Miranda vendo as justificações de Pero Mascarenhas, & que tudo o que requeria era justiça, de que Lopo Vaz fugia tanto, respondeo ao requerimento, que por hora elle não podia fazer mudança de si ate se não ver cõ Lopo Vaz, & saber d'elle sese quera por a direito com elle, & que não o querendo fazer então lhe obedeceria a elle Pero Mascarenhas, & o aueria por Governador. Com esta resposta tornou dom Simão a Pero Mascarenhas.

Mascarenhas, que não ficou satisfeito d'ella, & todavia tornou a mandar pedir por dō Simão, que lhe desse hum asinado d'aquillo que prometia, sobre o que debateo com dom Simão, & por fim ouue de o conceder, que continha o seguinte. Digo eu Antonio de Miranda d'Azeuedo capitão mor do mar da India, que eu me obrigo ao senhor Pero Mascarenhas de fazer com o senhor Lopo Vaz de saõ Payo, que hora he Governador da India, que se ponha a direito com elle (que taõbê pretêde se lo,) sobre qual d'elles deue de ficar com o governo, & não querêdo elle por se a juizo, por este dou minha fé, & faço preitomenagem ao dito senhor Pero Mascarenhas, de me ir pera elle, & lhe obedecer, como a verdadeiro Governador. Feito & asinado por mim aos dezasete de Setembro, de mil, quinhentos, vinte & sete. Dado este asinado soltou a vela pera Goa, onde chegou em breues dias & vendose com o Governador lhe deu conta de tudo o que passou com Pero Mascarenhas, & do asinado que lhe deu, dizendolhe que pois Pero Mascarenhas não requeria mais se não que se pufesse com elle a direito sobre qual d'elles auia de ser Governador, que parecia querer usar de força, não o querer elle consentir: que se lhe parecia que tinha justiça deuia de o satisfazer, por se quietar, & se acabarem tan

tas diuisões antre todos os fidalgos. Lopo Vaz lhe estranhou muito o que tinha feito, affirmandolhe que se não auia de por em direito com Pero Mascarenhas sobre a merce que lhe elRey fizera; & que bem se podia tornar pera elle como se lhe obrigara, por que não faltaria a quem dar a capitania mor do mar da India. Antonio de Miranda se desculpou, certificandolhe, que não dera aquelle asinado com tencão de o comprar, senão por se liurar de Pero Mascarenhas, pello ver tão danado, que receou algum desmancho. Lopo Vaz esbrauejou, & disse a Antonio de Miranda, que logo se partisse pera Chaul: dandolhe por regimento, que tomasse a armada que la estaua, & fizesse meter de posse d'aquella fortaleza a Francisco Pereira de Berredo. Não faltaraõ homens amigos de nouidades, que aconselhassem a Lopo Vaz, que prendesse Antonio de Miranda, & que lhe tirasse a armada, o que polla ventura seria mais por cada hum d'elles a pretender, que por verem que auia pera isso rezaõ. Lopo Vaz dissimulou aquelles conselhos, por não fazer com isso mor qnião nos homens, porque não lhe vinha bem escandalizar tantos. Antonio de Miranda chegou a Chaul, onde ainda achou Antonio da Sylveira, que lhe deu conta do que tinha passado com Christuão de Sousa, elle lhe pe-

dio

dió se detinhesse ate se ver com elle; porqué ja se leiuua pera dar a vela. E logo mandou recado a Christouão de Sousa, que importaua ao seruiço d'elRey verense; ao que lhe respondeo, que se era pera lhe entregar a armada, & capitania da fortaleza, que ja tinha respondido sobre isso a Antonio da Sylueira, & com isso lhe mandou fazer hum requerimento pellos officiaes, em companhia de todos os fidalgos, que ali auia, em que dizia: que visse bem a força que Lopo Vaz, & Afonso Mexia fazião a Pero Mascarenhas, em lhe tomarem a gouernança da India; sem se querer Lopo Vaz por com elle em direito, sobre a qual d'elles pertencia, que lhe requeria da parte d'elRey, como a pessoa tão principal na India, & capitão mor do mar, fizesse com Lopo Vaz, que não vvasse naquelle negocio, de poder absoluto, & que consentisse ficar em direito & justiça, pera se fazer aquem a tiuesse, & que em sua mão estaua determinar se este caso, & acabarensse todas as discenções que auia na India. De tudo que lhe notificaraõ se fez hum termo assinado por todos aquelles fidalgos. Antonio de Miranda respondeo, que elle se iria ver com elle a fortaleza, como logo fez, indo só, & ambos em segredo praticaraõ sobre aquellas cousas, & por fim vierão a concluir, fizessem com Lopo Vaz, que se possesse a direito com Pero Mascaren-

has, fazendo ambos tius apontamentos, sobre o modo que se nissoteria, que era o seguinte. ¶ Que se julgassem aquellas differenças de entre ambos os Governadores por sete juizes, que elles elegerão logo, & fizeraõ d'elles hum rol assinado por ambos; pera ficar em suas mãos, em segredo, sem pessoa alguma saber quaes eraõ, & que se não descobrião se não a hora que os chamassem pera a sentença, os quaes logo nomearaõ, que eraõ Antonio de Miranda, dom Ioão Deça, Francisco Pereira de Berredo, Bakesar da Sylua, Gaspar de Páua, Frey Ioão Dalui, da ordem dos menores, Frey Luis da Vitoria, da ordem dos pregadores ambos letrados. Nesta eleicão se começou logo a tomar a justiça a Pero Mascarenhas, porque todos aquelles juizes tirando aquelles frades tinham dado assinados a Lopo Vaz de como elle era verdadeiro Governador, & bem o entenderão elles, mas trataraõ de quietar por ali a Lopo Vaz; porque ainda que se desse por elle a sentença, ja estaua deposse da gouernança, & Pero Mascarenhas ainda que por entaõ lhe tomassem o direito, depois lhe ficaria resguardado pera elRey o satisfazer, porque so trataraõ estes fidalgos de apaziguar a India. Christouão de Sousa não quis que elle, nem fidalgo algum seu parente entrasse na conta dos juizes, por que não ficasse Lopo Vaz tendo

pejo nelles: porque tudo aqui se trataua a seu gosto. Os apontamētos que se auião de publicar eraõ estes. Que Antonio de Miranda daria hum asinado a Christouão de Sousa tal como o que dera a Pero Mascarenhas, & outro em que se obrigasse a elle Christouão de Sousa, pera poder ir a Goa em sua companhia, & falar seguramente com Lopo Vaz, sem perjuizo de sua fazenda, parentes, & amigos, pera que liuremente lhe podesse requerer, o que lhe parecesse seruiço d'elRey, sem enteruirem palauras fora da materia: & que chegando todos a Goa, ficaria a armada fora da barra, & Antonio da Sylueira genro de Lopo Vaz d'entro nella, em refens, em poder de pessoas de cõfiança, & a armada entregue a hum fidalgo que daria a menagem a elle capitão mor: & que declarasse que sendo caso, que Lopo Vaz prendesse a elle Christouão de Sousa, que em tal caso o que ficasse na armada, se fosse com toda ella pera Pero Mascarenhas, & que lhe obedecesse como a Gouvernador: & que Christouão de Sousa daria hum asinado asy por elle, como por todos os fidalgos que estauão com elle, em que se obrigassem a obedecer a elle Antonio de Miranda com toda a armada que em seu poder tinha ate chegarem a Goa; & que não querendo Pero Mascarenhas consentir no q̄ elles tinhaõ ordenado, se fossem

todos pera Lopo Vaz, & lhe obedecessem, sem mais ser ouuido. Pero Mascarenhas, & que o Alcaide mor que ficasse em Chaul, prometeria taõbem de entregar aquella fortaleza a Lopo Vaz pella mesma maneira: & que consentindo ambos os pretendores, que se pusesse sua causa em direito: que antes dos iuizes pronunciassem nella cousa algũa, prometerião ambos com juramento, que o que d'elles ficasse no gouerno, não entenderia na pessoa, fazenda, parentes, amigos & criados do outro, nem desfaria o que outro tiuesse ja feito ate entaõ, & a qualquer d'elles que nisto não cõsentisse lhe desobedecessem. E que tanto que ambos chegassem a Goa serião logo soltos Eitor da Sylueira, & os mais fidalgos que estauão presos, que taõbem prometerião de guardar o que ali determinauão: & que este negocio se determinaria em Cochim, onde se ajuntarião ambos os pretendores, & que em partindo Lopo Vaz de Goa desistiria da gouernança, & iria como pessoa priuada em poder de Antonio de Miranda, & que chegando a Cananor, se entregaria taõbem de Pero Mascarenhas, & que Lopo Vaz ficaria entregue a Christouão de Sousa, ou a dõ Simão de Menezes, pera q̄ o leuasse nos nauios em q̄ fossem, que alem do seguro q̄ Antonio de Miranda auia de auer pera Christo

uão de Sousa do Governador, lheria outro do capitão & vereadores da cidade de Goa, que jurarão que não guardando Lopo Vaz o seguro obedecerão a Pero Mascarenhas. Esta pautta se leu a todos os que estauão na fortaleza, & Christouão de Sousa lhes disse a causa porque a fizera, requerêdo que lha ajudassem a por em effeito, & de tudo se fez termo em que todos se assinarão, feito por Gaspar Afonso tabalião em quatro de Outubro de mil, quinhentos, & vinte & sete annos.

CAPITULO VIII.

*De como se mostrou a pautta a Lopo Vaz, & de como jurou de a comprir, & se partio pera Cochim, aonde se auia de julgar a contenda, & do que passou em Cananor com Pero Mascarenhas.*



**O**NCLVIDO isto, que foi o melhor modo que pode ser pera a quietação da India, partirão todos aquelles fidalgos pera Goa, ficando a fortaleza de Chaul entregue a Aluaro pinto Alcaide mor d'ella. Chegados a Goa, foise Antonio de Miranda ver com o Governador, & perante o Licenciado Ioão de Souro Ouvidor geral,

& o Secretario Antonio Rico, lhemostrou a pautta, dizendolhe que fizera aquillo por comprir assi ao seruiço de Deos, & d'elRey, & se euitarem grandes males, que estão ordenados: & q' pellos muitos protestos que em Chaul lhezerao consentira naquillo, muito contra sua vontade: por que bem sabia que elle era o verdadeiro Governador, & que pera sua justiça trabalharia que os juizes tostem sem sospeita, & sete semente, pera terem menos que apurar. O Governador ficou sobresaltado com aquillo, dizendolhe que elle tinha a culpa, pois se fiara mais d'el le depois que dera o assinado a Pero Mascarenhas, & que se cuidara que fizera aquillo por euitar males, que agora ficauão elles mais prenhes: & querendolhe Antonio de Miranda dar mais rezoês, lhas não quis ouuir, dizendolhe que ja que assi era, entendesse que os juizes não auião de ser mais de sete como lhe tinha dito, o que lhe elle certeficou que não serião mais. E porque vio Lopo Vaz tão acezo, & cheio de paixão, sem embargo do juramento que tinha feito lhe descubrio os juizes que estauão declarados, com o que Lopo Vaz se desapaixonou, ficando muiy defaliuado, & lhe pediu lhe desse hum assindo feyto de serem juizês aquelles que lhe tinha dito, que lhe elle deu, em que se assinarão o Ouvidor geral,

& o Secretario. Lopo Vaz mostrou apauta a Pero de Faria, & a seus amigos, que lhe aconselharão consentisse nella, porque não o fazendo se alcuantariaõ todos contra elle, & perderia o direito que tinha na governança, & o mesmo lhe disserão os vereadores, aquem deu cõta d'aquelle negocio: & por fim de tudo disse a Antonio de Miranda que consentia na pauta, mas que a via de ir como Governador até Cananor, & que a honra de Afonso Mexia fosse guardada, & que julgandose o negocio por Pero Mascarenhas não o tiraria dos officios que tinha, do que Antonio de Miranda foi contente, & lhe passou disso seu assinado. Pello que logo se soltaraõ os prezos, & passou seguro a Christouão de Sousa para poder entrar em Goa, por que até então estaua na barra (onde foi avisado que Lopo Vaz tratava de o prender, & o mesmo a Antonio de Miranda) & deixou se ficar fora sem querer entrar d'entro. Pello que assentou cõm Antonio de Miranda, que dissessem na aguada hũa missa, & que nella tornassem a reterficar o juramento que tinhamõ feito, & de nouo se obrigauão a Lopo Vaz ir até Cananor por Governador, & assina segurança de Afonso Mexia, o que juraraõ de nouo alcuantandose a hostia, estando presentes por parte de Lopo Vaz Dom Ioaõ Dêça, & o Secretario, que de tu-

do fez hum assento, em que se declarou, que tanto que Lopo Vaz chegasse a Cananor se desembarcaria do galeão saõ Dinis (por ser tão poderoso que só com elle poderia pelejar com toda a armada da India) & que como reitendo se entregaria a Antonio de Miranda na sua galé, do que Lopo Vaz foi contente, & o jurou estando em saõ Francisco, ao levantar do santo Sacramento, fazendo algũas declarações & protestos que lhe conuinhaõ. Aos vinte & dous dias de Outubro se embarcaram todos, & chegaram a Cananor aos seis de Nouembro: & desembarcando Christouão de Sousa, & Antonio de Miranda, forão dar conta a Pero Mascarenhas de tudo o que era passado, dizendo, lhe elle que tudo consentiria por pacificação da India, posto que tinha entendido, que todos tratauão de lho tomarem seu direito, por que ja Antonio de Miranda tinha descoberto o segredo dos juizes a Lopo Vaz como vira por hũa carta sua que ouuera as mãos por suas intelligencias, escrita ao veador da fazenda, em que lhos nomeava, & antre elles a Frey Ioaõ Dalui, que lhe tinha prometido de votar por elle, mostrandolhe logo a mesma carta, do que Antonio de Miranda ficou atalhado. Pero Mascarenhas lhe requereu, que se lançasse fora Frey Ioaõ Dalui, pois era suspeito, & de

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

clarara sua tenção, & que em seu lugar entrasse Christouão de Sousa: & que bem podia ser hum dos juizes pois o era elle Antonio de Miranda taõbem; mas Christouão de Sousa se escusou com dizer que Lopo Vaz o tinha por mais fõs peito que a todos: pelo que em lugar de Frey Ioão Dalui, nomearaõ aquelles fidalgos em segredo entre si cinco juizes mais, que foraõ Lopo d'Azeuedo, Antonio de Brito, que fora capitão de Maluco, Nuño Vaz de Castel Branco, Tristaõ Dega, & Bastião Pirez Vigairo geral da India: o que se fez sem embargo de Antonio de Miranda ter dado o assinado que dissemos a Lopo Vaz de não serem mais de sete: assentado isto ao outro dia estando todos a missa, virando se Bastião Pirez Vigairo geral com o santo Sacramento nas mãos pera o pouo, jurou Pero Mascarenhas de cumprir a pautã, em que auia por bem, que ficando Lopo Vaz por Governador o padesse mandar preso pera o reino; & o mesmo juraraõ todos os do seu bando; de que se fez termo assinado por elles. Acabado isto, mandou Pero Mascarenhas chamar o Secretario, & fez hum termo em que declaraua que os juizes deputados não auiaõ de pronunciar mais na causa, se não qual d'elles ambos auia de ficar por Governador, por que enjaõ

ra a governança por direito, só el Rey com os seus desembargadores o auiaõ de determinar: no que claramente deu a entender pella suspeição dos juizes, que auia de ter sentença contra si; mas não podia al fazer se não cõsentir no que estaua ordenado, & queria que lhe ficasse aução pera requerer a el Rey sua justiça. Acabado isto em barcou se Pero Mascarenhas no galeão de Christouão de Sousa, & Antonio de Miranda se passou ao galeão saõ Dinis, pera tomar entrega de Lopo Vaz, sendo obrigado o mesmo Lopo Vaz passarse pera a sua galẽ, como estaua assentado na pauta, & jurado por todos, do que se Pero Mascarenhas agrauou, dizẽdo a Christouão de Sousa, que ja se quebraraõ os contratos que estauaõ feitos, pois Lopo Vaz se não queria sair do galeão saõ Dinis nem desistir do mando & governo, & leuaua ainda bandeira na galẽa, como Governador; sobre isto mandou Christouão de Sousa outro recado a Antonio de Miranda, que requereõ a Lopo Vaz se mudasse a sua galẽ, como estaua assentado, o que elle não quis fazer, do que se todos escandalizaraõ, & começou a auer oniaõ de nouo, o que visto por Lopo Vaz, mandou dizer a Pero Mascarenhas por dom Ioão Deça, que pois a causa se auia de averiguar em Cochim sem elles estarem

estarem presentes que o bom fe-  
ria ficarem n'aquella costa com a  
armada repartida, fazendo guerra  
ao Camorim; & defendendo que  
não mandasse suas naos a Meca,  
por não leuarem a pimenta que fa-  
zia a bater na d'el Rey, & que só os  
juizes fossem a Cochim, & que de  
pois de dada a sentença lha man-  
dariao notificar. Isto cometeo Lo-  
po Vaz por que ouue que se o ne-  
gocio ficaua em Afoñso Mexia,  
que era cabeça em Cochim que  
elle ordenaria com que se desse a  
sentença por elle, o que Pero Mas-  
carenhas entendeu muy bem, &  
respondeo que não vinha bem a  
nenhum d'elles, porque o que ti-  
nesse sentença contra si, se auia lo-  
go de embarcar pera o reino, pe-  
ra o que era necessario: estar em  
Cochim pera se negociar, mandan-  
do-lhe requerer que se fuisse do ga-  
leao saõ Dinis, sobre o que se pal-  
faraõ alguns dias, sem Lopo Vaz  
querer desirir a seus protestos: a-  
que acudio Christouão de Sousa,  
& pedio por merce a Pero Mascarenhas,  
que deixasse ir Lopo Vaz  
a onde quisesse, porque nisso ya  
pouto, pois os juizes auiaõ de jul-  
gar a causa, & não os galeoes,  
com o que ouue de o consentir;  
& dando ambos os pretensores a  
vela, despararaõ cada hum seu ti-  
ro, a cujo final, os homens, que pe-  
ra isso tinhaõ nas gaeas, tiraraõ  
as bandeiras juntamente, pera  
que se entendesse, que por aquel-

le final desistiaõ ambos do man-  
do, & governo, & que ate se jul-  
gar a causa ficariaõ como pessoas  
privadas, & ao tirar das bande-  
iras proteitaraõ ambos, que não  
desistiaõ da posse que tinhaõ. Fei-  
to isto Antonio de Miranda en-  
tregou Pero Mascarenhas a Chris-  
touão de Sousa, pera no galeao  
saõ Rafael em que ya, o leuar a  
Cochim, & la lho entregar, & el-  
le tomou entrega de Lopo Vaz, fi-  
candõ entao como capitao mor  
que era da India, a primeira pes-  
soa della, & ambos os governa-  
dores debaixo de seu poder. E sen-  
do eu moço, seruido a el Rey do  
Ioão, na guarda roupa, ouui di-  
zer aquelles fidalgos velhos, d'a-  
quelle tempo, falando nestas cou-  
sas, que dissera el Rey, que Anto-  
nio de Miranda não sonbera Ter  
Gouernador da India. E em hũa  
fala que o mesmo Antonio de Mi-  
randa lhe fez sobre seus seruiços,  
dizem que lhe respondera el Rey,  
que de hũa só cousa se não ouue-  
ra por bem seruido d'elle, que fo-  
ra não lhe mandar presos Lopo  
Vaz, & Pero Mascarenhas depois  
de os ter em seu poder: o que elle  
bem podera fazer ficando gover-  
nando a India com titulo de  
capitao mor, ate el Rey  
aprouer como to-  
go fez.

CAPITULO IX.

*De algũas defauenças, que ouue em Cochim entre os Governadores, & de como se acrecentaraõ mais dous juizes por parte de Lopo Vaz, & do que mais passou.*

**S**URTOS todos no porto de Cochim, foi Antonio de Miranda a terra, & deu conta a Afonso Mexia do que era passado mostrando-lhe apauta, & todos os mais papeis que estauão feitos antre os Governadores, de que Afonso Mexia tomado disse, que tal não auia de consentir, pois se tratara tudo aquillo sem sua authoridade, sendo a segunda pessoa do estado, em cargo, que a elle auia el Rey de estranhar mais aquellas cousas que a todos elles. E com quantas rezoões Antonio de Miranda lhe deu, não o pode mouer a coisa algũa, por que era homẽ mūy aferrado a seu parecer. O que sabido por Pero Mascarenhas & pellos de sua valia, requererão a Antonio de Miranda, & a Christouão de Sousa, que pois Afonso Mexia não queria jurar a pauta, nem consentir n'aquellas cousas, que eraõ pera paz, & sossego do estado, (no que se queria mostrar parte & claramente suspeito a suas cousas,) que se não de

determinasse aquelle negocio em Cochim senão em Couilão, que era d'ali hum dia de caminho. E entendendo elles que Lopo Vaz não auia de querer, por terem sabido, que toda sua esperança estaua no Afonso Mexia, porque quanto ao direito estaua d'elle bem duuidoso, como na verdade estaua se não tomaraõ taõ claramente a Pero Mascarenhas, todos quantos ordiraõ aquella tea; & como elles estauão apostados a fazerem em tudo a vòntade a Lopo Vaz, & acabar se ja aquella contenda, fizeram com Pero Mascarenhas, que deixasse sentenciar aquelle negocio, posto que Afonso Mexia não assinasse apauta: o que elle consentio, porque não viesse aquelle negocio as armas pera mais justificação sua pera com el Rey. Com isto se foraõ a terra Antonio de Miranda, & Christouão de Sousa, & se recolheraõ no mosteiro de santo Antonio pera nomearem os juizes, insistindo Christouão de Sousa em se lançar fora Frey Ioão D'Alui, & que em seu lugar se metessem os que ja estauão declarados, no que não quis consentir Antonio de Miranda ate o fazer a saber a Lopo Vaz, que tomou muito mal a mudança que se queria fazer nos juizes, & disse bradando alto, que ja não podia sofrer mais, & que bem escusado fora enganaremno, & trazeremno assi de Goa, que elle tinha disso a culpa, & que  
a elle

a elle Antonio de Miranda, & a todos os mais espetaria em hum pao: & que se fossem logo pera Pero Mascarenhas, porque se não quisesse consentir no que estaua assentado, nem elle consentia em algum dos juizes, nem se queria por a direito com pessoa algũa, que elle n'aquelle galeão pelejaria contra todos, & que a ventura diria quem era o Governador, & que elle Antonio de Miranda daria conta a Deos & a elRey de todas as desauenturas que socedeffem, pois elle só fora a causa d'ellas. Antonio de Miranda afrontado d'aquellas palauras lhe respondeo, que elle não enganaua a ninguem, antes tinha feito o q̄ diuia ao seruiço de Deos & d'elRey, & bem, & quietação d'aquelle estado, que elle se queixaria a seu Rey das injurias que lhe ali dizia, & que elle era o que não queria rezão nem justiça, desentoándose em palauras que se não ouuiraõ bem com a grande reuolta dos que se meteraõ em meyo: & assi apaixonado & blasonando se sayo do galeão, & se passou ao de Pero Mascarenhas. Sabendo elle o que passaua lhe requereo que por virtude da pauta, & juramentos feitos (pois Lopo Vaz quebraua as condiçoẽs d'ella, & não consentia nos juizes) que o ouesse por Governador, conforme aos assentos que estauão feitos, sem mais ser ouuido Lopo Vaz, & o mesmo requerimento lhe fizeraõ os fi-

dalgos que ali estauão. Antonio de Miranda disse que lhe obedecia, mandando fazer hum auto, que pois Lopo Vaz quebraua os contratos, & juramentos feitos, que auia Pero Mascarenhas por legitimo Governador da India, & logo lhe entregou todã a armada que tinha a seu cargo, que era a gale bastarda em que estaua Eitor da Sylueira, & a nao de Nuno Vaz de Castel branco, duas carauelas de que eraõ capitaes Vicente Pegado, & Ioão de Sá, hum galeão de que era capitão Simão de Mello, que n'aquelle tempo não estaua nellê, & alguns nauios de remo, & o galeão são Rafael, em que estaua o mesmo Pero Mascarenhas. Com Lopo Vaz ficaraõ os galeões são Diniz, & são Luis, de que era capitão Martim Afonso de Mello luzarte, & o Camorim em que estaua Ioão de Mendocça, & as galês de Ruy Pereira, & Antonio da Sylueira, a carauela de Fernão de Moraes, & muita fustalha, que estaua no porto de Cochim: & assi se apartou Pero Mascarenhas com a sua armada a hũa parte pondose em ordem de peleja, o mesmo fez Lopo Vaz pera aueriguarê aquelle negocio por armas, como ja acõteceo antre Augusto, & Marco Antonio, sobre o Imperio de Roma, leuando todos sua artelharia, & assacalando suas armas, como se cada hum d'estes Governadores ouuera de pelejar com Rax Soleimão se pas-

se passara a India. A gente ordinaria de Pero Mascarenhas bradava por batalha, dizendo que ja não era rezaõ soffrer tanto a Lopo Vaz, de sorte que tudo era lhua confusão, & barbarisse que metia medo, & espanto, porque segundo o poder de ambos estava igual, não podera deixar de aver a mor desaventura do mundo, porque estava certo não se apartarem sem a Victoria de algũa das partes: & affiõ que ficasse com o Imperio do Oriente sobre que contendião, avia de ser em estado que muito facilmente o poderia logo perder, porque o Camorim com todos os Reys do Malabar estavaõ a mira com grande armada, pera mandarem dar no que ficasse, & sollicitaõ os Reys de Cananor, & Coulaõ, pera se alenantarem logo contra aquellas fortalezas, & tudo se perdera se Deos o não atalhara: Os protestos corrião apressados de parte a parte, descarregando hum sobre outro toda a culpa dos danos que socedessẽ Antonio de Miranda sentio se muito culpado, em ter descoberto a Lopo Vaz os juizes, porque da y naceo todo o mal, & foi contra o juramento, &

& obrigaçãõ que tinha: porque se ostiueira em segredo, nem Lopo Vaz soubera quem avia de julgar a causa, nem ouvera mais que esperar sentença, porque a hora que se nomeassem, sem se bulirem dali, se avia de determinar o negocio, & por evitar tantos danos & desaventuras, dizem que mandara dizer em segredo a Lopo Vaz, que lhe dava sua palatra de votar por elle, por isso que se quietasse, como fez por conselho de Alonso Mexia: & mandando chamar Antonio de Miranda, pediu lhe perdão das palavras que lhe dissera, & depois de reconciliados fez hum termo em que consentia nos juizes, & a requerimento de Pero Mascarenhas, se mudou do galeão saõ Dinis a naõ saõ Roque, & foi entregue a Antonio da Sylveira, & Pero Mascarenhas se mudou a naõ frol de la mar entregue a Diogo da Sylveira; & ambos juraraõ de os entregar a Antonio de Miranda quando lhos pedisse. Com isto se foraõ a terra Antonio de Miranda, & Christouão de Sousa, com todos os fidalgos, pera homearem os juizes.

# LIVRO III. DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*Dos juizes que se acrescentarão de nouo,  
& de como se deu a sentença por  
Lopo Vaz de São Payo, & de como  
Pero Mascarenhas se embarcou pe-  
ra o Reino.*

**R**ECOLHIDOS Christouão de Sousa, & Antonio de Miranda em santo Antonio hum dia pela manhã, nomearão os juizes que temos dito, estando na capella da igreja, onde logo se disse hũa missa, & aléuantando o santissimo Sacramento jurarão os juizes, de bẽ, & verdadeiramente julgarẽ aquella contenda, & o Secretario que auia de tomar os votos, raõbõ jurou de ter em segredo, os taes votos q os juizes lhe auião de dar por seus asinados, & q os não mostraria senão a elRey em Portugal. Están do ja a cousa desta maneira, apparetou Antonio de Miranda a Christouão de Sousa, & lhe disse, que elle queria acrescentar mais dous juizes, que eraõ Frey Ioão Dalui, & Bras da Sylua d'Azeuedo, o que

lhe Christouão de Sousa estranhou, debatendo com elle muito, ate que lhe prometeo se o consentisse de dar seu voto por Pero Mascarenhas, & que o mesmo entendia que auia de fazer dom Ioão Deça, porque a justiça estaua muito clara por elle, & que não fazia aquillo se não por pacificar & satisfazer a Lopo Vaz, & por quietação da India, & tantas cousas lhe disse sobre isso que o consentio, sem dar cõta a Pero Mascarenhas, que todos andauão a lhe tomar o que era seu: & certo que pareceo cousa escandalosa a deste religioso Frey Ioão Dalui, querer se quasi por força meter neste negocio, tanto, que a primeira vez que Pero Mascarenhas teue pejo nelle, logo se ouuera de lançar de fora, & seguindo a instancia com que Lopo Vaz insistia em o meter por juiz parecia que lhe tinha prometido sentença, ou o seu voto sem que se mostraua ser bem suspeito, pois se affirmaua que descobria sua tenção contra a obrigação de sua profissão, de que se os religiosos anião muito de afastar, porque seu officio he rogar a Deos pela conseruação dos reinos, & das republicas, & deixar o gouerno dellas, a quem

quem os Reis as encomendão, que são capitaes, & caualeiros que cõ as armas defendem os estados, & os dilatão ganhando fama perpetua, & gloria eterna, pelejando pella fé de Christo, que os bõs religiosos ganhão com orações, & lagrimas. E deixando esta materia tornando as cousas dantre os dous Governadores. Christouão de Sousa, & Antonio de Miranda, deraõ juramento a Afonso Mexia, & a dom Vasco Deça, que entregarião aquella fortaleza de Cochim, a qualquer dos dous, por quem se julgasse a governança, o que elles fizeraõ com condiçãõ, que jurassem todos os que ali estauão, que dando se sentença por Pero Mascarenhas, tomauão sobre si a elles, & Ayres da Cunha capitão de Coulaõ, a Pero Vaz trauassos, & a Diogo Sancho, & aõs moradores de Cochim, assi suas pessoas, como fazendas, & lhe fizessem dar a elle Afonso Mexia embarcaçãõ pera o reino, & que õ não obriggassem a ficar na India, o que elles juraraõ juntos, & apartados os juizes, deixou se ficar d'entro cõ elles Christouão de Sousa, sem embargo de não querer ser hum d'elles, o que lhe Antonio de Miranda estranhou, pedindolhe se fuisse pera fora, & tendo elles assentado ambos que estarião adespacho, o que Christouão de Sousa não quis fazer, sobre o que altercaraõ rezões, & se atearaõ em palauras,

aque os juizes acudiraõ metendo-se em meyo: & em fim Christouão de Sousa se sayo pera fora, entendendo mûy bem que se queria roubar a justiça a Pero Mascarenhas, & ficou mûy triste, & arrependido dos dous juizes que deixou acrecentar de nõuo, & vendo que a cousa toda ficaua à vontade de Lopo Vaz foisse embarcar & entrando no galeão de Pero Mascarenhas, chegando a elle mûy agastado disse, sus façamos alforges & partamos, que tudo he por demais, & calouse pello juramento que tinha. Bem entendeu Pero Mascarenhas que tudo ficaua sobornado por parte de Lopo Vaz, mas como não queria mais que paz, & quietaçãõ, deixou julgar o negocio como quisessem, porque bem sabia que elRey lhe faria justiça. E querendo os juizes entrar na materia que leuauão ja bem estudada, por parte de Lopo Vaz, chegou dom Vasco Deça, & Simão Caciro, procuradores d'ambos os pretendores, & offeretaraõ suas rezões, & apos elles entrou o procurador da cidade, com hum requerimento dos vereadores, em que lhes pediãõ da parte de Deos & d'elRey, que não julgassem a governança por Pero Mascarenhas, porque se õ fazião, jurauão de despoouar a cidade, & passarêse a terra dos mouros, offercendo pera isso huã rezões mûy compridas q por taes as deixamos, em que apon

taião muitas cousas contra Pero Mascarenhas, porque dizião não poder ser Governador. Fechados os juizes começaraõ a debater a materia em que gastaraõ parte do dia & da noite, em que os casados todos de Cochim andaraõ pellas ruas em procissoes descalsos, com suas molheres & filhos, pedindo a nosso Senhor os liurasse de Pero Mascarenhas governar, porq̄ receauão q̄ sendo Governador se vingasse de todos pella resistencia que lhe fizerão. Vistas pellos juizes as soccoes ambas, os autos das posses, & juramentos, & as rezoes de parte a parte, & depois apartados de dous em dous, discutiraõ a materia, & puferaõ suas tençoës em escrito, & asinandose nelles os deraõ ao Secretario, que depois de os ter todos os apurou, tomando os votos achouse mais hum por Lopo Vaz de saõ Payo, que segundo ouuimos dizer a hum fidalgo honrado, & muito velho na India, foi o do padre Frey Ioão Dalui. Sendo vencidos os votos por parte de Lopo Vaz, pronunciarão os juizes a sentença nesta forma. Vistos estes autos, & o que por elles se mostra julgamos por nossa definitiua sentença, que Lopo Vaz de saõ Payo seja Governador nestas partes da India, & que Pero Mascarenhas se embarque pera o reino, dando selhe embarcação cõ forme a sua pessoa, & quanto aos ordenados fique pera elRey os jul-

gar como lhe bem parecer, & assi todo o mais que cada hum quizer requerer. E asinados todos os juizes publicouse logo a sentença, q̄ foi dada aos vinte & hum de Dezembro. Tanto que se publicou, embarcaraõse em hum bargantim Antonio de Miranda, dõ Ioão Deça, Bras da Sylua, Tristão Deça, & foraõ a nao de Pero Mascarenhas, que estaua com Christouão de Sousa, & dom Simão de Meneses, & presentes todos lhe notificou o Secretario a sentença q̄ Pero Mascarenhas ouuio cõ hum rosto muito seguro, sem fazer mudança em cousa algũa, & depois de a ouuir não disse mais se não que elRey lhe faria justiça, dali se foraõ a nao de Lopo Vaz; & lha publicaraõ taõbem, que a ouuio com bem diferentes exteriores de Pero Mascarenhas, porque logo nelle & nos seus se enxergou mûy sobeja alegria, dando publicamente os agardcimentos aos juizes, & pedindo perdão a Antonio de Miranda: & porque aquillo era ja de noite, a passaraõ toda no seu galeão em bailos, & tangeres; & pella menhá embarcandose o Governador em hum bargantim, foi correndo todos os navios da armada, pera segurar os fidalgos, que foraõ do bando de Pero Mascarenhas, porque receou que se quisessem ir pera o reino, & com todos se recõciliou, apazigou, & quietou. Dali se foi a terra onde foi recebido da

do da cidade com paleo & grandes festas, dando logo ordem à carga das naos . Pero Mascarenhas não se desembarcou, antes ficou sempre no mar, mādando fazer preses as cousas necessarias pera sua embarcação : & sendo quinze de Janeiro se embarcou, entregue por mandado do Gouernador a Antonio de Brito que ya rico de Maluco, & era hum fidalgo mniço honrado, que depois de ser em Portugal casou com hũa irmã de Martin Afonso de Sousa, que depois foi Gouernador da India, de quem teue hũa filha que casou com dom Ioaõ da Sylua conde de Portalegre, de quem elle não ouue filhos. Primeiro que Pero Mascarenhas se embarcasse mandou citar Lopo Vaz pera em Portugal requerer contra elle a governança da India, assi pellos ordenados, como por todos os prois, & percalços. Castanheda diz, que depois ouuera sentença contra elle pellos ordenados, & o mesmo diz Petro Maphco, q̃ o segue & acrecenta mais, que fora condenado o mesmo Lopo Vaz, em vinte mil cruzados, que era o ordenado de dous annos, que governou depois de abertas as soccessões que vieraõ do reino. Ioaõ de Barros se nos não lembra mal, diz, que foi aleiue que Castanheda aleuantou a Lopo Vaz, & parece me que diz mais, q̃ buscara os cartorios pera ver esta sentença, & que em nenhũa acha-

ra. Pero Mascarenhas foi bem recebido d'elRey, que teue sempre muita conta com suas cousas, & lhe deu a capitania de Azamor, & depois de estar ali algũs annos vindo pera o reino perdeose em hũas carauelas. Foi este fidalgo filho segundo de Ioaõ Mascarenhas, & neto de Nuno Mascarenhas, irmão do capitaõ dos Ginetes, Fernão Martins Mascarenhas: foi casado com dona Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que ouue duas filhas, dona Catherina Pereira Barreta, molher de dom Ioaõ de Castel branco, filho do Conde dom Martinho, & dona Elena Mascarenhas, que casou com dom Pedro Mascarenhas, que foi por Embaixador a Roma, & depois por visorrey da India. Teue mais dous filhos bastardos, Ioaõ Mascarenhas, & Ieronimo Mascarenhas, foi natural da villa de Loule, no Algarue. Depois d'estas differenças (porque não oueſſe outras na India) mādou elRey dom Ioaõ hum regimẽto, em que diz, que abrindose as soccessões da governança da India, se o que nellas socedesse não esteueſſe desde cabo de Comorim ate a ponta de Dio, não se esperasse pela tal pessoa, & se abrisse a outra soccessão (o que ja aconteceu quando socedeo dom Diogo de Menezes, como em seu lugar diremos.) Lopo Vaz, depois de despedir as naos pera o reino, tendo ja sabido que a armada dos turcos se tornara

para a recolher a Sues, tratou de a ir buscar, & queimar n'aquelle porto, o que pos em conselho, & foi contrariado de todos, por causa da armada que o Camorim tinha feita, assentandose, que se mãdasse o capitaõ mor áquelle estreito a saber a certeza d'ellas, & que não vindo pera o anno Governador do reino, então as poderia ir buscar com mais poder & cabedal. Assentado isto, despedio logo Antonio de Miranda com seis galeões & hũa carauela, hũa galé, dez navios de remo, em que yão os capitaes seguintes. No galeão são Dinis, elle. Fernão Rodriguez barbas no galeão são Rafael. Antonio da Saylua no Reys Magos. Ruy Vaz Pereira no galeão são Luis. Anrique de Macedo no Camorim grande. Lopo de Mesquita no pequeno. Ruy Gonçalvez na carauela bicha Ruy Pereira na galé bastarda. Nos navios de remo Francisco de Vasconcellos. Pedro Celas, Francisco Alvarez, & outros. Yrião n'esta armada mil homens d'armas deu esta armada a vela, quasi juntamente com as naos do reino. Logo poucos dias depois mandou o Governador seu sobrinho Simão de Mello as ilhas de Maldina, esperar as naos de Meca, & leuou hum galeão, hũa carauela, & dous ou tres navios de remo, & de sua jornada adiante diremos. Em quanto o Governador fica em Cochim, entendem

do em algũas cousas necessarias, tornaremos as de Maluco que nos chamão.

## CAPITVLO II

*Do que passou dom Iorge capitão de Maluco, com dom Garcia Anriquez, sobre certos apontamentos que leuaua, & de como mandou a Malaca pedir socorro, & prendeo dom Garcia em ferros.*



TRAS temos dado conta das cousas que em Maluco socederão com a chegada de dom Iorge, & de como ficou correndo em tregoas com os Castelhanos. Vindo a moução em que dom Garcia se quis embarcar pera a India, lhe mandou dom Iorge notificar, que se fosse pella via de Borneo, conforme a hum regimento que leuaua de Pero Mascarenhas, porque desejava de se fazer sempre aquella derrota, por ser mais apressada, que a que se fazia por via de Banda: que por ser mais apressada, mandou Antonio de Miranda de Brito, sendo capitão de Maluco descobrir o anno de vinte & tres, por Antonio d'Abreu seu parente, que foy o primeiro que por

a dom Garcia, & que se viesse meter na fortaleza. Dom Garcia zombou do Ouuidor, ao q̄ atodiô dô lorge a repique de sino, negociando-se pera o ir prender, mandando diante o Alcaide mor a lhe requerer q̄ se fosse pera a fortaleza. Dom Garcia estava cõ quarentã homẽs postos em armas: dandolhe o Alcaide mor o recado, dizendolhe q̄ dom lorge ya por caminho, que auia de escusar pendẽsas: respõdeo, que se elle la fosse, que elle o sairia esperar fora, sabido por dô lorge mandou a seitar algũas peças d'artelharia nas casas de dô Garcia pera lhas detribar, mandandolhe fazer primeiro notificação pello Alcaide mor, & por Tristaõ Vieira, q̄ era amigo de dom Garcia, que lhe disse tantas cousas, q̄ se sayo só de casa, & chegando a fortaleza disse a dô lorge, eis me aqui, que me que reis? Dô lorge lhe tomou a mensagem, & mandou fazer de tudo hũ auto pello Ouuidor, ficando na fortaleza alguns dias preso, em que o Rey de Ceilolo por parte dos Castelhanos, começou a fazer guerra aos noĩsos cõ armadas pello mar, dando nos lugares d'el Rey de Ternate. Dom lorge acodio com algũas Corocoras que mandou em busca dos inimigos. Visto por todos os da fortaleza a guerra trauada, pediraõ a dô lorge soltasse dom Garcia, que era hũ fidalgo tão honrado, & que acabara de ser capitão d'aquella fortaleza, & que os mou

ros andauão escãdalizados de ver entre elles aquellas discẽsoes: mas como dom lorge estava teimoso, disse que assi preso o auia de mandar a India: com o que dom Garcia lhe mandou requerer que o soltasse, & quando não, que o prendesse em ferros, se não que se auia de ir pera sua casa, (isto lhe mandou dizer porque sempre cuidou que dom lorge não quisesse chegar com elle ao cabo) mas dô lorge que estava com sua paixãõ lhe mandou lançar hum bom grilhaõ, com o que os amigos & criados q̄ feriaõ perto de çincoenta, se amotinaraõ, tratando de o ir tirar da fortaleza, mas não poderãõ: pello que se determinaraõ de se irem para hum lugar forte do Sertaõ, do que deraõ conta a Cachil Daroes, pera de la mãdarem requerer a dô lorge soltasse dom Garcia, se não que se passariaõ pera os Castelhanos: Estes tratos descubrio hum d'elles a hum Fernão Baldaya, por saber que o auia de dizer logo a dom lorge, como fez: pello que de terminou de prender os principaes da conjuraçãõ, aque acodio Simaõ de Vera, & oũtros, dizendolhe, que melhor seria soltar dom Garcia, & dissimularse tudo, como logo fez, -fazendose amigos, & rompendo - as deuaõs ficaraõ correndo em amizade.

CAPITVLO III

De como os de dom Garcia, o induzi-  
rão, que prendesse dom Iorge, & de  
como o fez, & se meteo na  
fortaleza.



S amigos de dom Garcia, & todos os que pretedião ir com elle pera a India, não ficaram satisfeitos des

tas amizades, requeando que se durassem ate se embarcar, não leuasse todos, nem era rezão: porque ficaria a fortaleza só. Pello que começaram a semear nouas zizanias, persuadindo a dom Garcia, se não tivesse de dom Iorge, que por derradeiro era amigo reconciliado. Tanto lhe dixerão d'isto, que fizeram com elle andasse com o olho sobre o hombro, começando a andar acompanhado dos induzidores. Por outra parte, alguns que se mostrauão familiares de dom Iorge, o auisauão, que não se fiasse de homem a quem tinha escandalizado, porque a todo o tempo que pôdesse se auia de satisfazer: & que sabião que dom Garcia daua muitos auisos aos Castelhanos, & trabalhaua tudo o que podia por Cachil Daroes se aleuantar contra a fortaleza, & que prouocaua os Ternateses ao o

diarem. E não parando aqui o negocio, soccedeo vir elRey de Bachão a nossa fortaleza a negocio, & tendo suas estancias fora hũa noite deraõ hums poucos nellas, & matandolhe quatro ou cinco homens, ferindolhe muitos, tudo a fim de o omizarem com dom Iorge. Ao outro dia indo elRey a fortaleza a fazer queixas d'aquillo, lhe sairão Tristão Vieira, Afonso Gentil, & Luis Diaz (que dizião foraõ os da alhada) & como sabião ao que ya o tirarão disso, afirmandolhe que dom Iorge lhes mandara fazer aquillo, em vingança da morte de certos Portugueses que em Bachão mataraõ a seu irmão dom Tristão de Menezes, & dos juncos, & crauo que lhês tomaraõ, como na terceira Decada se conta, o que tudo foi facil a elRey de crer, & deixou d'ali por diante de ir a fortaleza, & esteue de todo pera se conjurar com Cachil Daroes, & darem de sobre salto na fortaleza, & tomaremna: mas ordenou Deos que fosse dom Iorge auisado d'este negocio, & de todas as mais cousas em que o culpauão, de que logo mandou tirar hũa deliça, em que se acharão culpadas as pessoas que aqui ma nomeamos, & outros que foraõ auisados, & se acolherão pera o mato: pello que dom Iorge se vio com elRey de Bachão, & lhe contou as cousas como passaraõ, com o que ficou desaliuado,

CAPITULO IIII.

Do que fizeram os amigos de dom Jorge, sabendo sua prisão, & das cousas que socederão ate o soltarem: & do que aconteceu aos que dom Jorge tinha mandado a Borneo.



O repique do sino que o moço fez, acodio o feitor, que pousava fora, & outros Portuguezes cõ armas, sem saberem o que aquillo era, & achando as portas fechadas, cuidando ser traição; começaram alhe dar vaiués, & outros trizerem escadas pera sobirem por ellas, fazendo hũa grande matina-da. Aqui acudio dom Garcia ao muro, vendo aquelle aluoroco, & lhes disse: Senhores affogegai, que a fortaleza está por elRey de Portugal, & todos somos seus vassallos. & por desejar a paz & sossego d'ella fiz este negocio, contando-lhes tudo o que passava, com outras cousas que mais acrescentou: por isso vos peço que aiaes por bê o que tenho feito, & d'esta fortaleza eu tomo entrega, & d'ella darei conta a elRey, & ao seu Governador da India. O feitor por se achar culpado n'aquelle negocio, em lhe descobrir a velhacaria do negro, com muita paixão interrompeo a fala a dom Garcia, queixandose

d'elle a grandes brados, & destemperandose bem em palauras. Dom Garcia lhe pediu se recolhesse, & que corresse com seu officio; que da prisão de dom Jorge elle daria conta a elRey, com o que todos se recolherão, por não auer ali que fazer. Não tardou muito o Alcaide mor, & os mais amigos de dom Jorge, que eraõ idos ao banquete, & sabendo o que passava, foi a sua paixão tão grande que trataraõ de entrar a fortaleza, & soltar dom Jorge, & assi se armaraõ, & foraõ demandar a fortaleza com escadas, machados, & outros petrechos pera quebrarem as portas, começando de sobir ao muro. A isto acudio dom Garcia com os da sua valia, & antre todos se começou hũa grande briga. ElRey de Bachaõ com muita gente acudio logo por parte de dom Garcia, com dissimulação, mostrando que vinha apaziguar, & trazia hũa adarga embraçada, & hũa lança nas mãos, requerêdo ao Alcaide mor, & a os mais que se recolhessem que aquelle negocio não se auia de fazer por armas: & que pois todos eraõ naturaes & vassallos d'elRey de Portugal, entendessem que não era seu seruiço a venturarem se tan toshomens por hum só, podendo se pacificar tudo sem tanto dano, como se ordenava, que o tempo curava tudo, que não se cansassem que aquillo se acabaria em bem de dom Jorge, com isto se recolhe

raõ todos muito tristes. Estas no-  
 uas corretoõ logo por aquellas i-  
 lhas ate chegarẽ a Cachil Daroes,  
 que andauã d'armada. Os amigos  
 & criados de dom Iorge, que com  
 elle andauão, que eraõ quasi todos  
 os que tinha, em as sabendo logo  
 lhe requereraõ que se fosse pera  
 Ternate, pera iacudirem àquellas  
 couças, o que Cachil Daroes fez.  
 O Alcaide mor em chegando a ar-  
 mada a juntou todos os amigos da  
 obrigação de dom Iorge, que com  
 elle andauão, que serião quarenta,  
 determinou de o ir soltar, & quan-  
 do o não podesse fazer passarense  
 todos pera os Castelhanos, que se  
 gloriauão d'este soccesso. N'isto os  
 fauorecia hum irmão d'elRey, cha-  
 mado Cachil Viaco (hum dos sete  
 bastardos que Bolufe reue,) que e-  
 ra grande amigo de dom Iorge, &  
 amigo de Daroes, por lhe entender  
 suas velhacarias. A primeira cousa  
 que o Alcaide mor fez, foi impedir  
 hũa deuassa que dom Garcia tira-  
 ua de dom Iorge, em que testemu-  
 nhauão todos os da conjuração  
 de dom Garcia, vindo com embar-  
 gos a ella, protestando por parte  
 de dom Iorge, de lhe não perjudi-  
 car. Os da parte de dom Garcia,  
 taõbem se ajuntaraõ contra aquel-  
 le bando, de que era cabeça o Al-  
 caide mor, tratado de o matarem,  
 porque os outros todos sem elle  
 não farião cousa algũa. Aos da par-  
 te contraria fauorecia elRey de  
 Bachaõ, & ficaua o partido muito

de ventagem, pello que o Alcaide  
 mor tratou com Cachil Viaco, de  
 se irem todos os de seu bando pe-  
 ra a Serra, & de la requererẽ a jus-  
 tiça de dom Iorge, & quando lha  
 não quisessem fazer, passarẽse aos  
 Castelhanos. O Viaco se foi com  
 elles pera os agazalhar la, posto q̃  
 nisso ouue algũas differenças com  
 os da terra, por não leuarem licen-  
 ça de Cachil Daroes, que era rege-  
 dor do reino. Da Serra começaraõ  
 a fazer seus requerimentos, assi a  
 dom Garcia que soltasse dom Ior-  
 ge, como a Pero Botelho capitaõ  
 do nauio, em que dom Iorge foi  
 de Malaca a Maluco, pera que se a-  
 juntasse com elles, pera soltarem  
 dom Iorge, ao que lhe não diffi-  
 riaõ: & vendo que seus protestos  
 não aproueitauão, mãdaraõ hum  
 Embaixador a elRey de Tidore, &  
 a Fernão de la torre, que lhes deu  
 conta de tudo o que era passado.  
 Pedindolhe da parte do Alcaide  
 mor, & dos mais, mandasse reque-  
 rer a dom Garcia, soltasse logo dõ  
 Iorge, & que quando o não quises-  
 se fazer lhes dessem licença pera se  
 passarẽ pera elles. ElRey, & o Cas-  
 telhano, tomaraõ muito mal as  
 cousas que dom Garcia tinha fei-  
 to: & logo lhe mandaraõ fazer hũ  
 grande requerimento sobre aquil-  
 lo, protestando de dar conta a el  
 Rey de Portugal, de todas as per-  
 das, & danos, que da prisão de dõ  
 Iorge socedesssem: Com este reque-  
 rimẽto ficou dõ Garcia atalhado,

por

por que bem vio, que se elles insis-  
tião em fauorecer dom Iorge, que  
lhe darião trab alho, & lhe farião  
guerra, & receou muito aquella  
catiga: & respondeo ao requerim-  
mento, dando-lhe muitas rezoês so-  
bre a prisão de dō Iorge, & rogou  
a Cachil Daroes, que logo se fosse  
com o Alcaide mor, & com os ou-  
tros à Serra, & dissimuladamente  
foubesse dos que la estauão, sua de-  
terminação, & se visse que toda-  
uia insistião a se passarem a Tido-  
re, os segurasse. Cachil Daroes o  
fez assi, vendose com elles lhes es-  
tranhou, orque fizerao, porque dō  
Garcia era seu amigo, & não auia  
de bolir com elles, ao que lhes res-  
ponderão, que não querião cousa  
algũa delle ate não soltar dom Ior-  
ge, & que foubesse certo se o não  
fazia, que se auião de passar aos  
Castelhanos, & que dom Garcia  
daria conta a Deus & a el Rey, dos  
males que disso socedessem. Estan-  
do n'estas praticas, chegarão as Co-  
rocoras de Tidore, que Fernão de  
la Torre mandaua, em fauor do  
Alcaide mor com alguns Castelha-  
nos, & Tidores, & da praya lhes  
mandarão dizer, que esperauão  
por elles. Este recado lhes derao  
presente Cachil Daroes, cō o que  
se aluorocarao fazendose prestes,  
pera se irem embarcar. Visto por  
Daroes sua determinação, lhes pe-  
dio que se não abalasssem ate elle  
ir falar com dom Garcia, & que fa-  
ria com elle que soltasse dom Ior-

ge, elles lhe differaõ, q̄ esperarião  
aquelle dia: mas que se logo o não  
soltaua, se auião de embarcar. Da-  
roes se foi mūy apressado a dom  
Garcia a quem deu conta do nego-  
cio, acrescentado, que se passauão a  
Tidore lhe farião todõs guerra aq̄  
elle não poderia acudir, assi pella  
pouca gente que tinha, como pella  
falta de mantimentos, & que so-  
bre tudo se não poderia ir d'aquel-  
la fortaleza (porque sua determi-  
nação era embarcar-se & leuar cō-  
sigo dom Iorge,) & desistindo de  
sua teima tratou de sua soltura,  
metendose em meyo Cachil Da-  
roes, que foi falar com dom Iorge,  
com quem depois de gastar com  
elle alguns dias em rezoês sobre o  
compor com dom Garcia o veio a  
render, assentando com elle que o  
soltasse, & o tornasse a sua posse,  
& que elle lhe desse o nauio de Pe-  
ro Botelho pera se ir pera a India,  
& lhe deixaria leuar os da sua va-  
lia com suas fazendas, & que se  
rompesssem todos os papeis que  
de parte a parte estiuesssem feitos,  
o que tudo se auia de jurar por am-  
bos, & que depois de dom Garcia  
ido pera Talangame com todos os  
seus, Simão de Vera Alcaide mer  
soltaria dom Iorge. Assentado isto  
com dom Garcia, mandou embar-  
car sua fazenda, & assi todos os  
mais. Primeiro que se saisse da for-  
taleza, mandou encrauar a arte-  
lharia, porque lhe não a tirassem  
com ella, & partiose pera Talanga-  
me,

me, deixando a fortaleza entregue a alguns casados. Logo se vierão os da terra & soltarão dom Iorge cõ grande prazer de todos, mas nenhum seu, pellas afrontas que lhe tinhaõ feito. E logo mandou de nouo fazer autos de tudo pello Ouuidor, & tirou hum estromento, de como no tempo de sua prisão, se apoderaraõ os Castelhanos da ilha de Maquise, por não auer quem lha defendese, no que el Rey de Portugal recebera notauel perda, mandando fazer requerimentos a Pero Botelho, que se fosse pera a fortaleza, porque tinha muita necessidade do seu nauio, por causa da guerra dos Castelhanos, aque não podemos negar o primor com que correaõ com estas cousas: por que bem puderaõ elles atiffalas de feição que lhes ficara aquella fortaleza nas mãos. Sobre estes requerimentos de dom Iorge, tornou a auer nouas reuoltas, & por fim de tudo dom Garcia se embarcou no nauio de Pero Botelho, & de tudo tirou dom Iorge instrumentos, & fez suas reclamações, dizendo que consentira em tudo por remir sua vexação, fazendo hum auto contra dõ Garcia, em que otauia por aluantação, a elle, & a todos os que com elle yaõ: & tudo mandou a Malaca, por hum Vicente da Fonseca, pera que chegasse juntamente com dõ Garcia, & de suas viagens adiante daremos rezão; & concluiremos

agora as cousas de Maluco, com a jornada de Vasco Lourço, & dos outros que dom Iorge despedio pera Borneo, como atras temos contado: que tomando sua derrota, em que passaraõ muitos trabalhos, & perigos, & cansados, & enfadados da viagem, foraõ to mar a cidade de Borneo, onde acharaõ hum junco, de que era capitão hum Afonso Pirez, que ya pera Maluco, que era muito conhecido d'aquelle Rey, & como vio os Portugueses lhos leuou, & elle lhes fez gasalhado, dizendolhe elles, que não vinhaõ a mais que a visitalo da parte do capitão de Maluco, que lhe mandaua pedir, quisesse ter com elle paz, & amisade, & que corresse antre ambos trato, & comércio, do que el Rey folgou muito, dando os agradecimentos a dom Iorge d'aquella vontade: Vasco Lourenço lhe apresentou as peças que leuaua, & abrindose o pano de Raz, em que estaua afigurado o casamento d'el Rey de Inglaterra, com a tia do Emperador, (estaua el Rey muito pello natural, com suas vestiduras reaes, cetro, & coroa, & outras figuras a roda.) Vendo el Rey cousa taõ desacostumada, perguntou o que era aquillo, & dizendolho, sospeitou ser engano, & que os nossos eraõ feiticéiros, & que aquillo eraõ figuras encantadas, que lhe querião meter em sua casa, pera de noite o matarem, & lhe tomarem o reino:

& muito

& muito toruado disse, que lhe tirassem logo aquillo d'ali, & que se fossem os nossos do seu porto, que não queria em sua terra outro Rey senão elle, & que se ali estiuesssem mais que os castigaria. Os nossos se virão asscembrados. Afonso Pirez, & alguns mouros, quiseraõ tirar a elRey aquella imaginação, mas não poderaõ, & Afonso Pirez se tornou pera Malaca, indo com elle Vasco Lourenço, & os mais se tornaraõ na Corocora pera Maluco, aonde chegaraõ a saluamento. Este anno indo hum Gomez de Siqueira por mandado de dom Iorge, buscar mantimentos pellas ilhas de Mindanao, desgarrando com o tempo descobriu muitas ilhas juntas, em noue pera dez graos do Norte, que d'elle se chamaraõ as ilhas de Gomez de Siqueira.

CAPITVLO V.

*Das cousas em que o Governador proueo, em quanto esteve em Cochim, & das armadas que despachou pera fora, & da grande victoria que dom Ioaõ Deça ouue de hũa armada de Calecut, & de como Christouão de Mendoca foi entrar na fortaleza de Ormuz, & da morte do Guazil Rax Hamade.*



**D**EIXAMOS o Governador em Cochim, depois de despedir as naos pera o reino, com quem

he necessario continuemos. A primeira cousa que fez foi despedir dom Ioaõ Deça, pera capitaõ mor do Malauar, com hũa galé, & dezaseis nauios, com regimento que como se acabasse o vèraõ, fosse tomar posse da capitania de Cananor, por eomprir seu tempo dõ Simão de Meneses. E por ser ja chegado Francisco de Mello, com o recado do successo da Sûda (que elRey encomendaua tanto, que hũ dos principaes pontos do regimento do Conde Almirante, quando veyo por visorey, era, q̄ logõ maddasse fazer aquella fortaleza.) Sabendo o modo de como Francisco de Sá ficaua em Malaca com a mor parte da gente morta, cometeo a Martim Afonso de Mello Iuzarte, irmão de Garcia Iuzarte de Vora, fidalgo de muitas partes, pera ir a Malaca ajuntarse com Francisco de Sá pera irem fazer aquella fortaleza. E o que diz Castanheda, que o Governador mandaua a Martim Afonso ir fazer esta jornada, & que elle que se escusaua por ser aquella impreza de Francisco de Sá dada por elRey, & mais estando o outro lá em caminho, auemolo por duuidoso, por que nẽ o Governador auia de tirar, a hum fidalgo

fidalgo tão honrado a empreza que tinha nas mãos, pois não deixou de a acabar, se não por falta de gente: nem Martim Afonso auia de aceitar tal jornada, porque nem auia de ir debaixo da bandeira do outro, nem o outro auia de consentir igual com elle. Mas o que disto podemos alcançar he, que andando o Governador ordenando mandar gente a Francisco de Sá, chegou hum Embaixador d'elRey da Cota, vassallo d'elRey de Portugal, a pedir ao Governador da parte d'elRey lhe soccorresse, porque o Madune seu irmão lhe queria tomar o reino, com o fauor & ajuda do Camerim: que lhe tinha mandado hũa grossa armada, com que o tinha em muito aperto. O Governador pondo a aquellas cousas em conselho, assentouse que se diuia soccorrer áquelle Rey com muita presteza: ao que o Governador despedio o mesmo Martim Afonso de Mello com onze velas, em que entrava hũa Galé real, & hũa Galeota, & os mais nauios de remo, de cujos capitaes não achamos os nomes, mais que a tres, Thome Pirez, Duarte Mendez de Vasconcellos, & Ioaõ Coelho: dandolhe o Governador por regimento, que passasse a Ceilão soccorrer aquelle Rey, & que d'ali se fosse inuernar a costa de Choramandel, & em Agosto fosse a Malaca, & entregasse a armada a Francisco de Sá, lançan

do fama que auia de ir no verão as prezas á costa de Pegu, porque estava a viagem da Sunda tão descreditada, que não auia soldado, que quisesse receber soldo pera la; & d'esta maneira pella fama que se lançou se embarcaõ quatrocentos homens. Partido Martim Afonso, despedio o Governador Pero de Faria, pera ir entrar na capitania de Malaca, porque desejava o Governador de tirar Iorge Cabral, que estava prouido por Pero Mascarenhas, & foi em hum Galeão: & em sua companhia mandou o Governador Simão de Sousa Galuão, filho de Duarte Galuão, pera ir entrar na fortaleza de Maluco, & tirar dom Iorge de Meneses, que era do bando de Pero Mascarenhas, & lhe deu hũa Galé em que foi com setenta homens, & com elle dó Antonio de Crasto, que ya prouido da capitania mor d'aquelle Archipelago, & da Alcaidaria mor da fortaleza. E assi mandou o Governador outro Galeão entregue a Pero de Faria, cõ cento & cincuenta homés, pera la o dar a Francisco de Sá pera a jornada da Sunda: pera que com a gente, & armada que Martim Afonso auia de leuar, fosse fazer aquella fortaleza. Assi despachou o Governador a Christouão de Mendoça pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, a quem deu hũ Galeão, hũa Carauela, & dous Bargantins, em que mandou muitos

prouimentos pera aquella fortaleza, & muita fazenda d'elRey pera se la vender ( porque neste tempo não tratauão os Governadores, nem tinhão o dinheiro d'el Rey debaixo de suas camas, antes o meneauão em proveito da fazenda d'elRey, & não no seu ) Esta carauela & bārgantins yão deputados pera guardarem aquelle estreito. Com Christouão de Mendoça foi embarcado Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, que Manoel de Macedo trouxe preso, como atrás dixemos, que ya liure de todas as culpas que lhe puserão: & porque era mortalissimo inimigo de Rax Hamede, que ficou em seu lugar, chegando a Mascate ordenou, por recado que diante mandou, com que o matassem, nõ que dizem que foi culpado elRey, pello grande medo que tinha do Xarrafo. Partidos todos estes capitães, de cujas jornadas adiante daremos rezão, o Governador se foi pera Goa, ficando dom loão Deça na costa do Malauar, continuando na guerra contra os Mouros, & tendo auiso que em Mangalor estaua hũa armada do Camorim, foi àquelle porto, & não a achando deu n'aquella cidade, & a queimou, & abrazou; & voltando pera o Malauar, encontrou sesenta Paraos, que era a armada de Calecut, de que era capitão hum valente mouro chamado Chinacotiale,

que vinha de proposito buscar a nossa armada pera pelejar com ella. Dom loão tanto que os vio chegou os nauios à Galé, rantos de hũa parte como da outra, & encadeandose, & preparandose pera pelejar com os imigos, que a foraõ comerer com muito grande determinação. Dom loão tinha a artelharia dos seus nauios muy bem carregada, & deixando chegar perto os imigos de raõlhe aquella primeira surriada, de que lhe meterão algũs no fundo, & baralhandose todos, começou hũa aspera batalha, que foi da nossa parte muy bem pelejada, & muito arriscada; por serem os imigos tão diferentes em numero de nauios, & gēte, que auia dez pera hũ. Hum capitão de hũ nauio aque não achamos o nome, ferrou cõ Chinacotiale, & abordados ambos pelejaraõ cõ muito valor, matandolhe muitos dos imigos, & quis Deos que dessem no mouro duas espingardadas, de que cayo, trazendo ja duas cotiladas muy grandes. Os do seu nauio em o vêdo cair logo se lançaraõ ao mar. Dom loão Deça fez nesta jornada o officio de muito bom capitão, & de valente soldado, pelejando, & governando com muito valor, & prudencia. O capitão que rendeo Chinacotiale, logo lhe tirou a sua bandeira da quadra, & a abateo. Correndo a noua pella armada q̄ era morto, logo se pos e disbarato, & su.

& fugida, ficando todavia em poder dos nossos, quarenta navios. Forão mortos dos Mouros mil & quinhentos, & quasi outros tantos catiuos. Chinacotiale, que ainda estaua viuo, foi leuado a dom João Deça, que o estimou muito, & se recolheo a Cananor, com perda de vinte homens, & muitos feridos, que mandou curar muy bem: & em Chinacotiale mandou ter grande resguardo, por ser Mouro muito principal. E porque ja era o verão gastado, desfarmou os navios, mandando a Galè pera Cochim, em que foi dom Simão, que lhe entregou a fortaleza. Com esta perda ficarão os Mouros muy quebrantados, porque alem d'ella, lhe custarão outros vinte Paraos, que se lhe tomarão por vezes, em que lhe matarão tãobem mais de mil homens. Chinacotiale sarou de suas feridas, & tratou de seu resgate, que se veio a concluir em dar doze Portugueses, dos que estauão catiuos em poder do Camorim, & quinhentos cruzados em dinheiro, de que logo fez entrega, & cõ isso jurou em sua ley, & deu fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portugueses. & com isto se cerrou este inuerno.

## CAPITVLO VI.

*Do que aconteceu a Antonio de Miranda no estreito do mar roxo, & das prezas que fez.*



OR QVE ha muito, que deixamos Antonio de Miranda d'Azeuedo partido do mar roxo, será rezão que continuemos com elle. Partido de Goa (como dissemos) foi seguindo sua derrota ate o cabo de Guardafui, tendo hũa grande tormenta no caminho, & chegando a monte de Felix, repartio a armada em tres partes, mandando tomar as paragens, que as naos costumauão ir demandar, pera buscarem o estreito. Alli se deixarão andar ao pairo, por não poderem surgir, por ser aquelle mar de muito fundo. E andando em hũa das paragens Anrique de Maçedo, com outros dous navios, hum dia pella manhã ouue vista de hum Galeão muy fermoso, que vinha muy profpero de gente, & artelharia, & o navio em si muito grande, & possante. Os Mouros que yão confiadoss na força do navio, & na muita gente, vendo os nossos os forão demandar. Anrique de Maçedo deu hũ bolso de vela, & prepa-

rouse, pondose em armas pera o esperar, o Galeão o foi inuestir. A este tempo estaua só Anrique de Macedo, porque os outros nauios tinhão-se apartado. Inuestidos os Galeões deitarão logo dentro seus arpeos começandose a trauar hũa muito cruel batalha, porque os mouros eraõ mais de trezentos brancos, & a mor parte d'elles Rumes. Os nossos trabalhauão d'entrar no Galeão dos inimigos, & elles o mesmo por se baldearem no nosso, sobre o que fizeram grandes caualarias, lançandose de parte a parte muitas panelas de peluora, lanças de fogo, & outros arremessos mortaes. O vento acalmou, ficando as velas aos pés dos mastos, & como de quando em quando daua hũas lufadas, com que se sacudiaõ as velas, acertou de dar hũa lança de fogo na do nosso Galeão, ateadose nella o fogo, & dando a lufada de vento, quis Deos que ao leuantar da vela fosse com tanta força que sacudisse a lança de fogo no Galeão dos inimigos (que ainda estaua ardendo) & dando na vela grande tomou fogo, que ateou taõ brauamente, que foi forçado aos nossos, por se não quemarem cortar a balroa, & acodirem ao fogo, que andaua nas suas velas, que apagaraõ com muito trabalho. Na nao dos mouros foi o seu crecendo defeição, que se apoderou de toda ella, com tan

ta braueza, que por não terem outro remedio se lançaraõ ao mar. Neste tempo chegaraõ os dous nauios da companhia de Anrique de Maçedo, que ao tom das bôbardadas acudiraõ, & vendendo o negocio d'aquella maneira lançandose aos bateis foraõ a pescaria dos Mouros, que andauão no mar, matando n'elles a sua vontade, & catiuando alguns que lhes melhor pareceraõ. Os mais Galeões que andauão pellas outras paragens, vieraõ lhe cair nas mãos per vezes vinte vellas em que entravaõ oito naos grossas carregadas de fazendas, & posto que ouue algũa defensão, foraõ logo rendidas. E como foi tempo de se recolherem, foisse o capitão mor a Caixem esperar por toda a armada por lhe ter dado regimento que ali se ajuntassem com elle, como fizeraõ todos. Estando ali o capitão mor teue auiso que ainda se esperaua por algũas naos do Achem. Pello que deixando ali parte da armada, & Ruy Pereira quadrilheiro mor pera vender as fazendas das naos, elle com alguns nauios se foi a monte de Felix a esperar estas naos, que por tardarem muito, se tornou pera a armada, & foi tomar Adem, onde achou Ruy Pereira que ali viera a chamado dos regedores: que sabendo estar a nossa armada em Caixem, como corrião cõ nosco em amizade, mãdaraõ lhe pedir soccor

rô contra os Turcos, que andauão pella terra d'entro destroindolhe o reino, & elRey não estaua entã na çidade. Chegando Antonio de Miranda ao porto, mandou fazer aos governadores seus offerecimentos, que estaua prestes pera fauorecer, & ajudar elRey, contra seus inimigos, o que elles estimaraõ muito, mandandolhe agradecimentos, & alguns refrescos. E por que os Turcos souberaõ logo ser a li chegada a nossa armada, recolhe raõse, & desapressaraõ a terra. Estes eraõ os da companhia de Mostafa, sobrinho do Soltaõ Soleimão, que (como dissemos) se aleuantou com as cinco galès: que depois que soube ser a armada recolhida pera Sués, se foi pera Camaraõ, ou pera hũa enccada que esta na boca do estreito da banda de Arabia, donde com o fauor d'elRey de Xael, pretendeo Mostafa conquistar aquelle reino. Antonio de Miranda soube das Gales, que estauaõ na boca do estreito, mas naõ de serem cinco, & cuidou que era toda a armada: & não tendo ali mais que fazer deu a vela, & foi tomar Zeila, com tençaõ de destruir aquella çidade, que achou despejada, & lhe mandou por o fogo, em que toda se consumio. E por ser tempo de se recolher a inuernar o fez, & foi tomar Mascate, onde deixou os nauios grossos, & por capitaõ mor Antonio da Sylua, & elle com

os de remo: se foi inuernar a Ormuz.

## CAPITULO VII

*De como Simão de Sousa Galuão, que se foi pera a Maluco, foi com tempo forçado a tomar a barra do Achem, & da grande & espantosa batalha que teue com hũa armada sua, em que foi morto, & a Galé tomada.*



## A R T I D O

Pero de Faria de Cochim, com toda a mais companhia, de que atras demos rezão, apartouse no golfo de Nicubar, a Galé de Simão de Sousa, com hum tempo que lhe deu muito grosso, com que foi correndo com velas pequenas, abatendo toda artelharia, porque o comiãõ os mares, vendose muitas vezes perdidos, & alagados: mas como Deos os tinha guardados pera outra morte mais gloriosa, largou o tempo, estando ja sobre a barra do Achem, onde elle os leuou ja taõ cansados todos do trabalho passado, que naõ podião com sigo. E sabendo aonde estauaõ, trabalharaõ por se afastarem d'aquella costa, por saberem que aquelles mouros, eraõ os mores

inimigos que na India tinhamos, mas o tempo lho não deixou fazer por ser o vento trauesia. Os da terra tanto que viraõ a galé, mandou elRey visitar o capitão d'ella com muito refresco, & dizerlhe que folgaua muito de o ver n'aquelle seu porto, porque desejava de tratar amizades com os Portugueses, que lhe pedia quisesse entrar pera d'entro, adonde estaria mais seguro, & seria melhor prouido, porque desejava de se ver com elles, & que se quisesse que o mādaria pellas suas Lancharas meter pera d'entro. Si. Dão de Sousa que era homem prestatado, & sabia a malicja d'aquella gente, mādou lhe agradecer aquella merce, escusandose de não aceitar seus ofrecimentos, porque ya muito apressado, & que logo auia de nauegar. ElRey como sua tenção era danada, quando vio que por comprimentos o não podia levar, mandou de noite embarcar mil homens em vinte Lancharas, & a hum seu capitão, que lhe trouxesse aquella galé pera d'entro, (o q̄ teue par facil, porque ja sabia o modo de como estaua destrocada, porq̄ o presente, & recado, foi mais pera espiar, que por cuidar q̄ aceitassem os nossos, seus comprimentos.) Prestes as Lancharas mandou elRey diante hum Calaluz, & ellas apos elle, que chegou à Galé, & disse a Simão de Sousa, que todavia lhe tornaua elRey a pedir quisesse recolherse d'entro, porque

seguiu

14

o tempo não cassaua, & que pera o reuocarem lhe mandaua a quellas Lancharas, (o que fez elRey por se os nossos descuidarem.) Simão de Sousa tornou se a escusar, & vindose as Lancharas chegando, vido n'ellas tanta gente, tomaraõ de presa armas. Os Achens, tanto que forão perto arremeteraõ a Galé, com grandes gritas, & alaridos, & acertaraõ a roda. Hum fidalgo que ali ya, chamado Manoel de Sousa, foi tão acordado que remeteo a hum falcão, que ya em cima ja ceuado, & o apontou nas Lancharas, pôdo lhe fogo, & foi taõ bẽ encaminhado o pelcuro, & hũa roca de pedras que leuaua, que dando em meyo d'ellas matou muita gente, desaparelhando algũas, as mais começaram de longe a combater os nossos, dandolhes fermosas saluas de espingardaria; algũas d'ellas, em que vinha o seu capitão mor ferraraõ a Galé por popa, por onde se lançou d'entro hum mūy grande numero d'elles, a pezar de quantos golpes lhes deraõ os nossos cõ que lhes derubaraõ muitos. D'entro na Galé se atecu brauissimamente a briga, com os d'aquella parte, por que como todos os mais estauão repartidos por partes, nenhum largou a sua, porque por todas estauão bem apertados dos inimigos. Simão de Sousa que com poucos ficou de fora, pera soccorrer aonde ouuesse necessidade, acodio a popa, & remeteo com os inimigos com

tamanha

tamanha furia, que matando algũs os letiou de arrancada ate o toldo, aonde apertou com elles de feição que os fez lançar ao mar, com grã de dano seu. A batalha por todas as partes estaua muito arriscada; porque os imigos eraõ muitos, & muito determinadamente comeriaõ a entrada da Galé, com muitos, & amudados tiros. Os nossos vendo que a saluação estaua só em Deos, & no esforço de seus braços, fizeraõ todos tamanhas marauilhas, que pasmaraõ os imigos, de que ja eraõ mortos mais de trezentos. Os mais desconfiados de entram a Galé, & admirados da valentia d'aquelles homens, que pareciaõ leões famintos, afastaraõ se para fora, & recolheraõ se d'estroçados, & desbaratados, ficando dos nossos dous mortos, & mais de vinte & cinco feridos, sendo por todos os que yão na galé, setenta. Simão de Sousa mandou curar os feridos muy depressa, porque bem entendo que auia de ter mayor trabalho, porque o tempo pera nenhũa parte o deixaua caminhar, & sobre à marra estaua soffrendo sua inportunação, receoso taõbem de dar a costa. As Lancharas entradas d'entro, indo o capitão a elRey lhe perguntou pela Galé, elle lhe contou o que vio. ElRey apaixonado caualgou em hum Elefante, & mandou chamar o seu capitão mor, & lhe jurou por Mafamede, que se lhe não trazia aquella Galé, que o

auia de espedaçar com aquelle Elefante, mandado lançar mais Lancharas ao mar, com que presez cincoenta, em que embarcou dous mil homens & todos foraõ demandar a Galé. O capitão da armada despedio diante hũa Lanchara cõ hũa bandeira de paz pera seguirar os nossos, que chegando a borda da Galé, falou hum homem em Portugues & perguntou pello capitão, dizendo que elRey estaua muy agastado, sendo taõ amigo de Portugueses, & desejando de lhes fazer honras, & galardoados, naõ os querem aceitar d'elle: que lhe fazia a saber, que aquelle capitão que cõ elle pelejou estaua prezo, porque o agrauou & offendeo, em lugar de o servir como lhe elle tinha mandado, & pera que visse o castigo q por isso lhe queria dar, lhe pedia entrasse pera d'entro pois naõ auia tempo pera fazer sua viagem. Alguns foraõ de parecer, que deuião aceitar aquelles comprimétos, que pella ventura seriaõ verdadeiros, porque elles ja naõ estauão pera mais, & que naõ podia auer tamanha maldade em hũ homem que tinha nome de Rey, que tratasse mal os homens, que o buscavaõ de paz, & confiados em sua palavra, entravaõ em seu porto. Simão de Sousa lhes disse que se não fiassem d'aquillo que diziaõ. porq aquelle barbaro era o mais cruel, falso, & fementido mouro que auia em toda a India, & que entedessem que

se os

se os acolhia, os auia de martyri-  
zar; que muito melhor lhes era,  
pois auiaõ de morrer, ser antes cõ  
as armas nas maõs, vingando bem  
suas mortes; & que quando não  
podessem saluar as vidas, o farião  
as almas, que Deos por sua miseri-  
cordia lhes receberia; pois acaba-  
uaõ pelejando por sua tanta fé. A-  
nimados todos cõ estas palauras  
differaõ que o seguirião em tudo,  
& logo se puzeraõ em armas. O  
capitaõ mor da armada fez aquel-  
la diligencia, tanto por recear acon-  
tecerlhe outro desbarate, qual o  
passado, quanto por lhe encomen-  
dar elRey muito, que lhe leuasse  
todos aquelles Portugueses viuos,  
do que elle ya desconfiado, porq̃  
bem sabia, que elles não se entre-  
gauão a ningem, se não despedaça-  
dos. E vendo que os não podia le-  
uar por comprimentos, inuestio a  
Galé por todas as partes com ta-  
manho estrondo, que poderaõ es-  
pantar muitos homens, & muitos  
nauios, dando muitas, & muy apres-  
sadas saluas de artilharia, & de ar-  
cabuzaria: mas os nossos como es-  
tauaõ determinados a morrerem,  
postos em seus lugares, rebateraõ  
os inimigos, que querião entrar a Ga-  
lé; dando cõ hũa foma d'elles ao  
mar bem escandalizados: mas co-  
mo as Lancharas eraõ muitas, &  
os inimigos tantos, que no lugar dõ  
de cayaõ dez, se punhaõ trinta.  
Apezar dos golpes dos nossos en-  
traraõ huns poucos na Galé que

logo foraõ atassalhados; por que  
naõ achauão homens, senão leões,  
que remetiaõ com elles aos dentes  
pera os comerem: fazendo aquel-  
les poucos & cansados homens ta-  
manhas caualarias, que de cada hũ  
d'elles se poderaõ encher muitos  
capitulos, quanto mais de tantos,  
que nos abreuíamos n'este peque-  
no, por nos faltarem palauras pera  
os engrandeçer, como merecem.  
Os que estauão feridos do dia dã  
tes como homens escandalizados,  
naõ dauão golpes que não cortas-  
sem pernas, braços, cabeças pelo  
meyo, naõ lhe dando cousa algũa  
de se lhes renouarem as feridas cõ  
outras de nouo, que o furor lhes  
naõ deixaua sentir. E posto que  
(como dissemos) todos fizeraõ tan-  
to, Simão de Sousa, & Manoel de  
Sousa, andauão taes, & taõ encar-  
nissados dos inimigos, fazendo tão  
espantosas facanhas, que deixauão  
muitos mouros de pelear pellos  
olhar, porque não podiaõ crer, cõ  
o verem, que em braços humanos  
auia tantas forças, nem em homẽs  
mortaes taõ pouco receo da mor-  
te: porque onde elles viaõ mor pe-  
rigo, ali se arremessauão, cortan-  
do, ferindo, & destroindo tudo a-  
que chegauão. Durou isto tempo  
de quasi tres horas, em que os nos-  
sos assi os escandalizaraõ, que se  
começaraõ a alargar da Galé, fican-  
do todos taes que se não podião  
menear, sendo ja a alguns mortos,  
& todos os mais feridos em mui-

tas partes. Indose ja os Mouros afastado, pasmados do que viraõ, permittio Deos, que se desferro-lhaffe hum mouro que andaua a banco na Galé, que se lançou ao mar, & foi ferrar hũa Lanchara, in do ja afastada, & disse aos Achês, que porque deixauão aquella Galè, que os mais dos Portugueses eraõ mortos, & todos os outros tão feridos, que não escaparião. El Rey que estaua da terra vendo a briga, não fazia senão ceuar os seus com mais gente: & vêdo afastar as Lancharas, lhes mandou outras de refresco, com o que tornaraõ a voltar, & inuestirão a Galè, não achando os nossos no estado em que o Mouro lhes pintou, se não tão viuos & espertos, como da primeira vez; & postos em defensão da Galè, pelejando como desesperados, fazião nouas façanhas: mas como o partido era tão desigual, & muitos dos inimigos que vinhão de refresco, apertarão tanto que entrarão a Galè, não sendo mais os que podessem pelejar que Simão de Sousa, Manoel de Sousa, dom Antonio de Crasto, Antonio Caldeira, & Iorge d'Abreu, todos homens fidalgos (que tinham feito obras memorauéis, & dinas de se recitarem por espanto,) que todos tinham mortalísimas feridas. E como estes que entraraõ de tropeleirão mais de trezentos, forão leuando estes fidalgos ate o pé do masto, fazendo todos cousas façanho-

fas. Aqui pregarão as mãos com hũa frecha a dom Antonio de Crasto, na hastia de hũa chussa có que pelejaua, que tinha enfiada nas barrigas de mais de quarenta d'aquella feita: & com as mãos encrauadas, pelejou hum pouco como hum leão, mas com as forças das pancadas, se lhe foi tanto sangue, que cayo morto. Os outros ficaram tendo o impeto aos inimigos, matando n'elles como se forão mosquitos: & tão grande medo lhes tinham todos, que não ousando chegar a elles, de longe os combatião com lanças, & dardos dar remesso, de que hum deu pellos peitos a Simão de Sousa, que rompendolhe as armas o passou de parte a parte caindo logo morto. Aqui acabarão de morrer em seruiço de Deos & d'el Rey, quatro filhos de Duarte Galuão, Iorge Galuão, Manoel Galuão, Ruy Galuão, & este esforçado caualeiro Simão de Sousa Galuão, que veio ter o fim tão peculiar a elle. Os tres q ficaram estauão ja em estado que de não poderem menear as armas se renderão, ficando os inimigos senhores da Galè, em que acharão ainda vinte & cinco dos nossos viuos, estirados, & cheos todos de muitas feridas. Esta foi a mayor, & mais bê pelejada briga no mar (com tão grande desigualdade) q lemos, nem ouuimos, & certo que se podera este socesso contar entre os casos famosos do mundo, & muito

muito mais pera louuar & engrandecer, que o d'aquelles He-  
roas que acompanharão a Iafão,  
que as fabulastanto louuaraõ &  
aleuantarão. Os Mouros magoa-  
dos de verem ali tantos parentes,  
& amigos seus mortos, das maõs  
dos nossos, quiferaõ vingarfe, nos  
que ainda estauão palpitando,  
mas acodio a isso o seu capitão,  
que lhos tirou das maõs, porque  
desejou muito de os leuar assi vi-  
uos. ElRey esteue vendo como  
entraua a Galé, & desembarcan-  
do o capitão, mandando leuar os  
nossos as costas dos seus (por que  
se não podião bolir) lhos apresen-  
tou. ElRey por dissimular sua  
maldade mostrou pezarlhé de os  
ver taõ mal tratados, & sentio a  
morte de Simão de Sousa: & man-  
dando recolher os feridos, pera  
que os curassem, lhes disse, que  
como sarassem, elegeffem entre  
si hum, pera que fosse a Malaca  
dizer ao capitão que mandãffe  
buscar a Galé, & aos mais com-  
panheiros, porque desejava mui-  
to de ter paz & amifade com os

Portugueses: mandando ter  
d'elles muito bom cuidado,  
porque queria ver, se  
com aquelles podia  
caçar outros.

CAPITULO VIII.

*De como Gonçalo Gomez D'azeuedo,  
que ya pera Maluco chegou a Ban-  
da, & do que ali passou com dom  
Garcia Anriquez; & de como che-  
gou a Tidore Alvaro de Sayuedra  
Ceron, que partio da noua Espanha,  
& do que aconteceu a dom Iorge  
com elle.*



**PARTIDO**  
de Malaca, Gonça-  
lo Gomez d'Aze-  
uedo, com o soc-  
corro pera Malu-  
co, como atras có-

tamos, foi com bom tẽpo tomar a  
ilha de Banda, onde achou ainda  
dom Garcia Anriquez, que esta-  
ua com trãqueira, & em terra; que  
o recebeo bem, & se agafalhou em  
outra tranqueira que mandou fa-  
zer, pera onde se passou Manoel  
Falcão, porque desejava de se tor-  
nar pera Maluco, & soldarse com  
dom Iorge, dandolhe conta de tu-  
do o que era passado antre aquel-  
les dous fidalgos, de que elle ficou  
mũy escandalizado de dom Gar-  
cia. Poucos dias depois chegou Vi-  
cente da Fonsca, que ya pera Ma-  
laca, com as cartas de dom Iorge,  
com os autos & papeis contra dõ  
Garcia, & foi agafalharse cõ Gon-  
çalo Gomez, aque taõbem contou  
ao que ya pera Malaca, requeren-  
dolhe que prendesse dom Garcia,  
do

do que se elle escusou, mas disse que lhe tomaria o nauio, por ser da obrigação da fortaleza. Isto se começou logo a romper, o que dō Garcia não pode crer. Tanto que foi tempo de ir pera Maluco, foi-se Gonçalo Gomez despedir de dō Garcia, que foi com elle ate a praya. & embarcado nos bateis chegou as naos, & prepassando pella de dom Garcia, lhe meteo d'entro Ruy Figueira com alguns Portugueses, que fez logo levar a amarra, & deu à vela juntamente com Gonçalo Gomez. Dom Garcia q̄ andaua sobre auiso, & tinha ja ensayado o mestre do que auia de fazer, & estaua prestes com alguns bateis, em que logo se embarcou, foi demandar a nao que ficaua detras por artificio do mestre, que deu com ella por dauante. Vendo Ruy Figueira vir os bateis, entendeu o negocio, & capeou a Gonçalo Gomez que ya diante, que voltou, & vendo ir os bateis lhes atirou com hum camelo, que foi dar em hũ d'elles, em que ya Manoel Lobo, & lhe matou algũs remeiros. Ruy Figueira acodio as velas, & as fez preparar, & tornou a nao a seu caminho, com o que dō Garcia se tornou muito triste, & magoado, auendo aquillo alem de perda, por afronta mūy grande. As naos foraõ sua derrota; em que os deixaremos, por continuar com dom Jorge. ¶ Depois de dom Garcia embarcado, ficou continuan-

do na guerra contra os Castelhanos, aquem os Reys de Tidore, & Geilolo, fauoreciã, & ajudauã: lançando suas armadas no mar, com que defendiã os mantimentos que yão pera a nossa fortaleza, como que a puserã em muito grande aperto. E pera por os nossos em mor cuidado, chegou a Tidore hum nauio de Castelhanos, de que era capitão Aluaro de Sayauedra, que tinha partido da noua Espanha por mandado de Fernão Cortes, cujo parente era, porque se lhe offereceo a descobrir d'ali Maluco. Partio dia de todos os santos do anno de mil quinhétos, & vinte sete, com tres nauies, de que desapareceraõ dous, sem se saber onde, nem como. Este chegou a saluamento, pera dar tantos trabalhos àquella fortaleza, & foi o primeiro nauio que da noua Espanha nauegou pera Maluco, & pos no caminho tres mezes pellas grandes correntes d'agoas que achou per antre aquellas ilhas em seu fauor. Foi este soccorro muito festejados dos seus, & ainda mais o estimaraõ, por saberem a nauigação d'aquellas ilhas pera a noua Espanha, porque assi podiã breuemente ser soccorridos: & assi ficaraõ taõ soberbos, que ouueraõ que tinhaõ pouco que fazer, em tomarem a fortaleza. E logo os Reys de Geilolo, & Tidore, negociaraõ suas armadas pera irem tomar a ilha de Moutel, que era d'el Rey

Rey de Ternate, do que forão auisados os seus sangajes, & moradores, & mandaraõ pedir soccorro a Cachil Daroes: dom Iorge mandou em sua cõpanhia Fernão Baldaya por capitão da Galeota noua que ja estaua acabada, & lhe deu trinta & cinco Portugueses, & regimento a Daroes, que andasse no mar da ilha de Moutel, pera adẽ Maquiem, & que fizessem aos inimigos toda a guerra que podessẽ. Desta armada foraõ os Castelhanos auisados, & Fernão dela Torre despedio logo Aluara de Sayuedra na Galeota noua que taõbẽm fez, com quarenta Castelhanos, & no caminho de Moutel se encontrou com Fernão Baldaya, que ya apartado de Cachil Daroes, & como ambos eraõ esforçados caualeiros, logo se cometerão, desparando primeiro sua surriada de bombardadas. E inuestindo se começaraõ hũa mũy trauada batalha, & nos primeiros encontros mataraõ Fernão Baldaya, cõ oito Portugueses, os mais (que era gente muito coitada) logo se renderão aos Castelhanos, tanto que se viraõ sem capitão. Sayuedra se recolheo com a Galeota leuando cinco mortos, & todos os mais feridos, & em Tidore foi recebido com muita festa, & affirmauão os homens de Maluco, que ouueraõ os Castelhanos esta vitoria por culpa do nosso Condestabre, porque não meteo pelouro no camello da

cõxia, ou por esquecimento, ou peitado. Este roim socesso sentio muito dom Iorge, porque lhe não ficauão na fortaleza mais de cincoẽta Portugueses. Cachil Daroes auendose por taõ afrontado d'aquelle caso soceder estando elle ausente, de anojado deixou a armada em Moutel, & se foi a Ternate. Foi isto aos quatro de Mayo, & aos oito quando os nossos estauão mais desconfiados, chegou Vicente da Fonseca, (que se tornou com o soccorro que achou em Banda,) & deu nouas ao capitão da vinda de Gonçalo Gomez d'Azcuendo, & do que passara com dom Garcia. Fernão dela Torre, tanto que soube do soccorro, determinou de o mandar esperar ao caminho, & armou pera isso as duas Galeotas, & hum Bargantim, em que mandou embarcar Sayuedra com cento & vinte homens. Gonçalo Gomez vindo sua derrota chegou a ilha de Bachaõ, & viose com aquelle Rey, de que soube o estado em que a nossa fortaleza estaua; & deixando ali Manoel Falcão, ate que o saneasse com dó Iorge, foi seguindo sua jornada. E indo na volta de Ternate, ouue vista da armada Castelhana, que logo conheceo, & mãdou embandeirar o seu nauio, por lhe mostrar o aluoroço que tinha de se encontrar com elles, porque vissem o pouco que os receaua, & pondose em armas cõ ambos os nauios juntos, tocando seus

seus instrumentos de guerra os foi demandar. Sayuedra vendo tanta confiança, foi passando de largo, tocando as trombetas, como que o saluava. Gonçalo Gomez, sem fazer caso mais d'elles foi surgir em Ternate, no porto de Talangame, & d'ali se passou a fortaleza onde foi mūy bem recebido de dō Iorge, que logo lhe entregou a capitania mor do mar, & a Alcaldaria mor da fortaleza; & sabendo de dom Iorge o dano que tinha recebido dos Castelhanos, pareceo-lhe bem tratarem de pazes, & assi o aconselhou a dom Iorge, pelo que enuiou hum caualeiro honrado a Fernão de la Torre, mandandolhe dizer, que sempre desejara de ter com elle paz & amizade, assi por serem Christãos, como por vassallos do Emperador, tão liado em parentesco com el Rey de Portugal, & que ja agora podia cuidar, que não cometia aquellas amizades por necessidades que tiueffe, pois estaua com soccorro fresco; mas porque lhe parecia seruiço de Deos, & d'el Rey estarem amigos: que se quiseffe aceitar as pazes, com aquelles apontamentos que lhe mandaua, que estaua prestes para as fazer: se não que de todas as perdas, males, & danos, que da guerra socedeffem, daria conta ao Emperador. Fernão de la Torre recebeu bem a Iorge Goterres (que assi se chamaua aquelles

le caualeiro.) & vio os apontamentos que erão os seguintes. ¶ Que dom Iorge era contente de fazer pazes com os Reys de Tidore & Geilolo, por amor de Fernão de la Torre, & que lhe daria hum Castelhana que la estaua catiuo do tempo de dom Garcia, & que Fernão de la Torre lhe auia de dar todos os Portugueses que foraõ catiuos na Galeota, & tornarlhe a metade da ilha de Maquiem, & que não ajudaria aquelles Reys contra elle: & q os Portugueses & Castelhanos que se passasse de hũa parte pera outra, não sendo por caso crime, se entregassem: & o mesmo os escrauos: & que Cachil Daroes, & el Rey de Bachão, não farião mais guerra aos Reys de Tidore. Fernão de la Torre consentio em tudo, somente na restituição da metade da ilha de Maquiem, porque dizia que era ja do Emperador, & sem sua licença o não podia fazer. Iorge Goterres respondeu, que pois assi era, que ficasse como dantes. E despedindose d'elle se foi pera Ternate, ficando a guerra aberta. Vendo dom Iorge que Fernão de la Torre estaua alterado, determinou de lhe fazer toda aque pudesse, em que sobre esteue porque entendeu em Gonçalo Gomez d'Azenedo capitão mor do mar, que mais folgaria de fazer crãuo, que guerra: & que pellos poderes que deuua o não podia obrigar a cousa algũa. E por

por acudir a hũa briga de Amoucos que em Malaca ouue, que elle apazigou com morte de oito.

CAPITULO IX.

*Do que aconteceu a Antonio de Mirãda que inuernou em Ormuz, & de como Diogo de Mesquita foi catiuo da armada de Cambaya, & foi metido em hũa bombardã, pera que se fizesse mouro, & da grande constancia que teue. E de como esta armada pelejou com Anrique de Macedo, & da brava batalha que tineraõ.*



**R**ECOLHIDO como atras dissemos, Antonio de Miranda d'Azeuedo pera Ormuz, com as prezas que tinha tomadas, mandou vender toda a fazenda das naos que tomou, em que se fizerão sessenta mil cruzados: pagou aos soldados, & deu lhes mesas. Como entrou Agosto fôisse a Mascate, & negociou a armada toda, com que se fez á vela, pera ir esperar as naos de Meca, (que auião de ir pera Cãbaya) na paragem da ponta de Dyo, onde todas vão demandar. E fazendo sũa jornada, tanto que deu na costa da India, achou o tempo tão grosso, que não se atreueo andar ao paio, porque o comião os mares. E fazendo sinal a frota

fôisse na volta de Chaul, pera onde todos o seguirãõ. Somente Anrique de Maçedo, & Antonio da Sylua, que se deixaraõ ficar na paragem de Dyo, por sofrerem melhor o paio. Os da armada de Antonio de Miranda yaõ trabalhados, o Camorim pequeno de que era capitaõ Lopo de Mesquita, desuiuuse da armada, & os ventos & agoas o leuaraõ a enxada de Cambaya, com mares que os comião: onde quis a fortuna que encontrasse hũa nao de mouros mûy bẽ artelhada, que trazia duzentos homẽs de peleja, q̃ taõ bẽ ya correndo com tempo, leuando hum bolso de vela, com que ya de mandando Surrate. Lopo de Misquita posto que não tinha mais de trinta soldados, armouse, & dãdo o traquete foi demãdar a nao, & a inuestio, & da primeira pancada que lhe deu se lançaraõ dentro Lopo de Misquita, & Diogo de Misquita seu irmaõ com alguns vinte soldados, que foraõ recebidos dos imigos com mûito esforço, travandose dentro hũa bem fermosa batalha. As naos como estauãõ asidas hũa da outra dauãõ tamanhas pancadas, com os mares que craõ banzeiros, que abriãõ por algũas partes, por onde começaraõ a fazer muita agoa: & sempre se desfizera hũa com a outra, se com a força não quebrara a balroa com que estauãõ prezas, com o que se

apar-

apartaraõ cada hũa pera sua parte, ficando Lopo de Mesquita com os seus pelejando na nao dos inimigos com muito valor, ferindo & matando nos mouros cruelmente. Os do Galeaõ não poderaõ tornar a ferrar a nao, & foilhes forçado (pella muita agoa que faziaõ) dar a vela pera Chaul. Os que ficauão na nao vendo que sua saluação estaua em seus braços depois de Deos, determinaraõ de se liurar por elles, pelejando como leões famintos, fazendo tamanha destruição nos mouros, que depois de terem os mais d'elles mortos, & os outros feridos, entregaraõselhe, ficando os nossos taõbem com muitas feridas. A nao com a muita agoa que fazia yase ao fundo, aque os nossos acudiraõ, huns as bombas, ontros a tapar os buracos, mas a coufa ya em crescimento: pello que Lopo de Mesquita mandou a seu irmaõ Diogo de Mesquita, que se metesse no batel com alguns Portugueses com elle, & mandou meter muitos caixoës d'ouro & prata que a nao trazia. porque se se ella fosse ao fũdo, se saluasse aquillo, & não deixou de trabalhar por vencer a agoa. Os do batel auendo que a nao, não poderia deixar de se ir ao fundo, receandose que os sorueffe com ella, & que os outros se quisessem meter no batel, que era pequeno, o que seria causa de se perde

rem todos; afastaraõse da nao, & deraõ a vela, sem Diogo de Mesquita (que gritaua tal não fizelles) lhe poder valer; & foraõ gouernando pera Chaul, fazendolhe Diogo de Mesquita seus requerimentos, & pedindolhe que o posessem na nao onde ficaua seu irmaõ, de que lhe a elles deu muito pouco. Lopo de Mesquita que ficou na nao có outros tantos como yão no batel, que serião oito, ou dez; tão to trabalharaõ ajudados dos mouros, que tomaraõ algũas agoas por partes, com que ficou a nao pera poder gouernar, & deraõ a vela pera Chaul, onde ao outro dia surgio, achando ja ali Antonio de Miranda, que soube do que passaua, & ficou muito agastado pellos do batel, que se não sabia d'elles. A fazenda d'esta nao se tirou, & vñdeo, dandose as partes aos soldados, & ficaraõ a elRey forros mais de sesenta mil pardaos, a fora o ouro & prata que ya no batel, que montaua mais. Os do batel, que tomaraõ o caminho de Chaul, quis Deos pagarlhes sua desumanidade, (porque não cuidẽ que ha quẽ possa fugir a seus castigos.) E assi foraõ dar com a armada de Dyo, que ja andaua fora, que serião trinta & tres Galeotas, mũy bem pertrechadas, de que era capitão mor hum valente mouro chamado Alixà. Este vendo o batel, se foi a elle & o tomou, recolhẽdose com

hũa preza, taõ folgada & que aos nossos custou tanto: & fazendose na volta de Dyo, encontrou com o Galeão de Anrique de Maçedo (que como ja dissemos se deixou ficar com o de Antonio da Sylua n'aquelle paragem, de quem se tinha apartado com o tempo.) Alixa vendo o Galeão, o rodeou com sua armada, começando a bater com sua artilharia, de camelos, & falcoes de metal, de q̄ trazia muitos. Anrique de Maçedo negociou muy bem o seu Galeão, repartindo o trabalho d'elle pellas pessoas de mais confiança, & recebeo os inimigos com muito animo, dando-lhes suas saluas cõ a artilharia que trazia lestes: com que lhes desaparelhou muitas das fustas por cima, porque como o Galeão era alterado, passauão lhe os mais dos tiros por alto, por serem as Galeotas refreitas, que se metião debaixo da sua artilharia, batendo o Galeão ao lume d'agoa, por onde lhe abrião muitos rombos, & se ouuera de ir ao fundo, senão fora a muita diligencia de Anrique de Maçedo, que acodia a tudo com muita preteza, mandando tapar os buracos com colchas, colchoes, & com outras confas. A bataria dos inimigos era cada vez maior; & o Galeão era ja todo desaparelhado, os mastos quebrados, as obras de cima desfeitas, de sorte que ficaua razo, & os nossos no conues descubertos a seus tiros, sem deixarẽ

seus lugares, pelejando todos com muito valor. Anrique de Maçedo corria o Galeão de popa a proa, animando, & esforçando os seus, tẽdo embaixo algũs homens de muito recado com eserauos, & marinheiros, pera acudirẽm aos buracos que se abrissem. Todos este dia mereceraõ hum grandissimo louvor porque com andarem feridos de rachas, & frechadas. por hũa parte pelejauão com suas escingardas, com que tinhaõ mortos muitos dos inimigos, & por outra ajudauão a bornear as peffas da artilharia, fazendo os mais d'elles o officio de bombardeiros; carregando as peffas, & a tirando cõ ellas, como se toẽa a vida o visaraõ, sofrendo & pelejando, como homens que se viãõ taõ destroçados, & perdidos, & que querião veder muy bem suas vidas. Alixa vendo o Galeão todo arrazado, determinou de o abaltoar, & entrar, o que cometeo com grandes gritas, mas custou-lhe caro este acometimento, porque achou nos nossos tal resistencia, que com morte de muitos os fizeraõ afastar: & assi por outras algũas vezes que os tornaraõ a cometer. Durou esta briga quasi oito horas, sendo cada vez mais cruel, & apertada; estando os inimigos admirados, do trabalho que os nossos tinhãõ sofrido, & do nouo animo com que cada vez que os cometiãõ, os achauãõ. Estando neste risco, & o Alixa determina-

do

do de os não largar até os render, soccorreos Deos com a chegada do Galeão Reys Magos, de que era capitão Antonio da Sylua, que acodio ao tó das bombardadas, & vinha com as velas dadas, & postos em armas, & vendo o nosso Galeão tão piadoso, deu graças a Deos pela merce que lhe fizera em o trazer aquelle tempo, & pera alegrar a todos mandou com muito aluoroço tocar as trombetas, q̄ começaraão a tanger, alegraiuos, alegraiuos, que aqui vê os tres Reys Magos. Chegando às Galeotas, metose em meyo d'ellas, & as começou auarejar com sua artelharia, em que fez mūy bom emprego. Alixá tanto que vio o soccorro, tomando o remo em punho se foi fazendo, & Antonio da Sylua seguindo as bombardadas. fazendolhe o Alixá sempre rosto, com algūas Galeotas, & tirandolhe taõbem muitos tiros, de que quis a desauentura que acertasse hum Antonio da Sylua, de que cayó morto, não perigando outrem no seu Galeão. Os seus foldados ficaraão muito tristes, & voltaraão pera o outro Galeão. E sabendo Anrique de Maçedo tamanho desastre o sentia em estremo: & porque o seu Galeão não tinha mastos, deu lhe os Reys Magos hūa toa, & com muito trabalho o pos em Chaul, tão destrocado que não aparecia mais que hum pequeno de casco sobre a agoa: & assi aparece ainda

oje nas varandas da igreja das chagas em Goa, onde está esta baralha pintada, & cada anno se renoua por memorauel. O Alixá se foi recolhendo pera Cambaya, onde chegou, & apresentou ao Solcão Badur os catiuos, com que elle folgou muito. E como era fraco, & cruel, (coufas que sempre andão juntas.) & sobre tudo malissimo, mandando levar aos Portugueses diante de si, os persuadio a se fazerem mouros, apertando muito cõ Diogo de Mesquita, que soube ser homem fidalgo, & grande caualeiro, do que elle sempre zombou, cõ lhe fazerem muito grandes promessas, & mimos. E vendo que por aqui o não vencia, o quis fazer por tormentos que lhe mandou dar, de quem se elle moueo menos; o que visto pello tyranno, mandou levar hūa bombardada muito grossa, & o mandou meter nella, estando elle presente, a quem o caualeiro de Christo com grande constancia disse, faze cruel o que quiseres, que eu por nenhum temor da morte, ei de deixar a fé de meu Senhor I E S V Christo, pella falsa & mētirosa ley de Mafamede: manda por o fogo, que a morte he breue, & eu gozarei dos bens eternos que se não acabão. Tomára que o tormento fora mayor, & mais cruel, & comprido, pera mostrar o gosto com que desejo de passar todos pella honra de meu Deos. Pasimado o Badur d'aquelle animo & cõ  
stancia,

ftancia, o mandou tirar da bombardarda. Os mais compainheiros cõnencidos d'aquella firmeza, não ouue em algum d'elles, a quem promeffas, & ameaffas mudaffem, & foraõ todos metidos em hũa cruel prizaõ, donde depois fairaõ com honra, porque Deos não defempara os feus feruos. E de Diogo de Mesquita sabemos que lhe deu el Rey dom Ioaõ só por isto, as fortalezas de Cofala, & Mossambique como em outro lugar se verá.

CAPITULO X.

*Do que aconteceu na jornada a Martim Afonso de Mello Iufarte: & de como se perdeu na cõsta de Bengala, & dos grandes trabalhos que passou ate ser catino.*



OM todos os q̃ no cabo do veraõ partiraõ pera fora, temos continuado, fomite com Martim Afonso de Mello, que guardamos pera este lugar, por não contarmos suas cousas por pedaços. Partido este capitão de Goa, foi tomar a ilha de Ceilaõ, como leuaua por regimẽto, pera soccorrer àquelle Rey da Cota, que estaua ja desapressado da armada de Calecut. Porque tanto que teue rebate da nossa, logo se recolheo: & o Madunc leuã-

tou o cerco que tinha posto ao iramão. E porque a causa d'esta guerra, & a origem d'estes Reys, adiante em principio da quinta decada damos rezaõ, por nos parecer ali melhor lugar, o deixamos agora. Estimou aquelle Rey da Cota este socorro muito, & ficou mais obrigado ao seruiço d'el Rey de Portugal, cujo vassalo era. Martim Afonso não tendo ali mais que fazer deu a vela, & passou os baixos a outra banda, & foi inuernar a Palearate, onde mãdou desarmar os nauios, & concertalos, & alimpalos muito bem, pera na entrada de Agosto seguir sua jornada pera Malaca. O segredo d'ella não pode estar tão cuberto, que se não viesse a romper pellos soldados, de que ficaraõ taõ enfadados (cuidado que yaõ as prezas) que se amotinaraõ, & alteraraõ, chegando a a cousa a tanto, que trataraõ de queimar a armada, pello auorrecimento que tinhão todos a jornada da Sunda: & assi lhe puseraõ fogo, a que Martim Afonso acodio, & quis Deos que o apagassẽ, sem nunca se saber donde lhe veio. Vin do Agosto, embarcandose Martim Afonso, deixaraõ se ficar na terra muita parte dos feus soldados, & elle foi seguindo sua jornada. E por ter nouas que na costa do Pegu andauaõ algũas fustas de Rumes a foi demandar, & surgio na ponta de Nagramale, onde se deixou estar, por ver se vinhaõ as fustas

tas dos Rumes dar com elle. Aqui lhe deu tamanho temporal que não podendo sofrer a amarra, leuã taraõse, & foraõ correndo com os traquetes por onde cada hum pode. Ao outro dia achouse Martim Afonso sem os nauios, & como a tormenta ceffou, tornou a voltar pera Negramale aos esperar. E nauegando per antre hũas ilhas deu a Galè em hum baixo onde logo adornou. Castanheda diz que era Caruela, mas nos liuros velhos dos prouimentos das armadas de este tempo, achamos nomeada Galè, que n'aquelle tempo eraõ carracas, na grandeza, & no pezo, & não se remauaõ mais que pera se reuocarem. Martim Afonso teue talento, que por sentir reboliço na gente pos cobro na bateira, & mãdou meter n'ella Andre de Soufa, mandandolhe que se afastasse, & não deixasse meter pessoa algũa d'entro: porque tratou de ver, se os podia salvar em Iangadas, que logo mandou ordenar, de paos, tanças, & remos. E por ser de noite efcura, & medonha, com as pancadas acabou a Galè de se abrir, ficando alguns pedaços grandes no secco, em que os Portugueses se deixaraõ estar, fazendo se prestes alguns pera se lançarem ao mar, ao que lhes foi a mãõ Martim Afonso, esforçandoos, & animandoos, affirmandolhes que com o fauor diuino, elle trabalharia por salvar todos. E chamando a bateira meteo

se n'ella, & recolheo hum & hum, os que elle chamou, & depois de se encher, ficando só seis Portugueses, & os escrauos todos se afastou, por recear que se os tomava se perdessem, ficando os da Galè pedindo misericordia, com palauras piedosissimas, que cortaraõ bẽ a Martim Afonso, mas não pode fazer outra cousa, prometendolhes, que tanto que lançasse aquella gente nũa terra que apparecia, tornaria auoltar por elles. E foraõ remando cõ muito trabalho até chegarẽ a hũa ilha, distancia de hũa legoa de caminho. E por ser de noite, & o mar fazer grandes escarceos, temeo chegar se a terra, & lançou dous marinheiros a nado, pera verem se auia ali praya ou penedia, que não tornaraõ mais; nem se soube o que foi d'elles, pello que tornou Martim Afonso a voltar pera a Galè, & tomou os Portugueses que nella ficaraõ, & tornou se pera a terra, onde tomou conselho sobre o que faria, & assentou de se ir de longo d'ella ate a Racão, persuadindo, & esforçando a todos, a sofrer os trabalhos da fome, & sede, porq̃ não leuauão mais que hum pouco de biscouto que puderaõ salvar, sem agoa algũa, & todo aquelle dia por causa da sede não quiferaõ comer. E indo seu caminho ouueraõ vista de hũa aldeia afastada da praya. Martim Afonso mandou à terra hum homem fidalgo chamado Francisco da Cunha, & com elle hum

hũ Ioão fialho, pera irem a aldeaver se lhe queriaõ dar agoa, & chegados a terra foraõ catiuos dos naturaes, que a vista dos noslos os leuaraõ amarrados. E porque o vento & o mar crecia, & elles estauaõ sem agoa, & auia dous dias q̃ naõ beberaõ, requereraõ todos a Martim Afonso, que os lançaſſe em terra, porque antes queriaõ ser catiuos, que morrerem a sede. Martim Afonso trabalhou de os tirar d'este proposito, com os persuadir a sofrerem mais hum dia de trabalho a té chegarem á Racão,) que era terra onde os Portugueses yão todos os annos cõmutar, & vender) mas elles sem ter respeito a cousa algũa se puſeraõ em desembarcar, o que Martim Afonso sentio muito, & fez grãdes extremos. Viſto este caso por alguns fidalgos caualeiros, como Simão Ferreira, Andre de Souſa, Gonçalo de Mello, Nuno Freire, & outros dous caualeiros, lançaõse da parte de Martim Afonso, & fizerãõ com os mais, que desistiffem de seu proposito, & que se fossen ate Racão, & que permitiria Deos, que achassẽ alguns dos nauios de sua companhia, & assi forãõ correndo a costa. Os dous que ali ficaraõ, forãõ depois reſgatados com Francisco da Cunha, que viueo depois muitos annos no Algarue caſado. Obarel foi de longo da terra a te darem em hum ribeiro que ſaya ao mar de agoa doce, de que mãdou Mar-

tim Afonso encher hũa jarra, ao q̃ foraõ Diogo Pirez Deça, & Nuno Fernandes Freire, com outros dous companheiros: porque Martim Afonso sempre ſe guardou de chegar a terra, porque ſe naõ ſaiſſe todos, pello risco aque ſe poriaõ. Ali foi ter com elles hũ negro dos naturaes, com hũa panela pequena de arroz cozido que lhe reſgata raõ, com que ſe recolheraõ pera a embarcaçaõ, aonde ſe repartio por todos; & como eraõ perto de ſesenta peſſoas, coube a cada hum ſeu bocado, & com eſſe pouco de biscouto que tinhaõ, como tiueraõ a goa ficaraõ ſatisfeitos, & foraõ ſeu caminho com prouiſaõ na jarra, que era pequena; de que ſe naõ daua mais raçaõ, que quanto ſe podia molhar o padar tres vezes ao dia. Com eſtes trabalhos chegarãõ a Racão, & tomarãõ dous ilheos que estauãõ a entrada, onde acharãõ logo na praya dous ſacos de biscouto todo molhado, & hum caixãõ com alguns guingoõs d'entro, & pareceolhes que ſeria d'algum dos nauios de sua companhia. N'estes ilheos acharãõ agoa roim, & ſalobra, & hũas fauas como as noſſas, hũas verdes, & outras ſecas, de que algũs comeraõ, & no meſmo instante lhes deu hũas deſinterias, aque na India chamãõ corruptamente, mordexim, auendose de chamar morxis, & a que os Arabios chamãõ ſachaiza, que he aquillo que Rasis chama ſaida: que he

he hummal que em vinte & quatro horas mata: cujos effeitos são ficar logo o pulso submerso, muito delgado, com hum suor frio, com grande incendio por d'entro, & se de grandissima, os olhos muy sumidos, grandes vomitos, em fim deixa a virtude natural tão derribada, que parece hum homê morto, como todos os que comeraõ as fauas ficaraõ. Martin Afonso acodio a este negocio, defendendo aos outros que as não comesse. E porque não avia com que remediãr os pacientes, ficaraõ deitados por essa praya, esperando pella hora em que espirassem. Martin Afonso anojado de ver dez, ou doze cõpanheiros n'aquelle estado sem lhe poder valer, toda a noite passcou, & o mesmo fizeraõ os saõs. E andando Nuno Fernandez Freire, & Francisco Mendez de longo da praya, porque fazia luar, vigiãdo se viaõ algũa embarcaçaõ, virãõ sair da agoa hũa grande tartaruga, & baqueandose, foraõ muy escondidamente apos ella, ate a uerem recolher em hũa parte onde tinha os ouos, & chegando a ella a tomaraõ com trabalho, & acharaõ duzentos ouos, que com muito aluoroco levaraõ a Martin Afonso que os estimou muito, & logo mandou escalfar as gemas em hũa bacineta de latão, & por acerto ya no batel, & elle cõ a sua mãõ os foi dar aos doentes, que estauãõ rães, que não sentiãõ

couisa algũa, & a tartaruga, fazendo em pedacos a mandou cozer em hum capacete, de que todos comeraõ com esse pouco biscouto que tinhaõ. Com isto cobraraõ os doentes algum alento. Ao outro dia tomaraõ outra tartaruga com outra soma de ouos, que se deraõ aos doentes, & com isto saraõ sem perigar algum; nõ que se cõmprio bem aquelle nosso adagio antiguo (que aquê Deos quer dar a vida, a agoa da fonte lhe he mesinha) Ali estiueraõ tres dias, & Martin Afonso se embarcou cõ determinaçãõ de passar a Chatigãõ, porque ya ali hum companheiro que ja estiuera n'aquelle cidade, & nauegando pera lá, foraõ tomar a praya de hũa cidade chamada Suguriã, de que era senhõr hum mouro chamado Codauascan. Ali estiueraõ tres dias comêdo palmitos de que avia muitos. Codauascan foi logo auisado de sua chegada, & desejou de os auer, por se ajudar d'elles em hũa guerra que tinha contra hum vesinho: & mandou a isso hum capitãõ cõ duzentos homêes que os tomaraõ, sem os nossos lhes poderem fugir, leuandoos soltos com muitas promessas de honras & merce. Codauascan os recebeu muy bem, consolandoos de seus trabalhos, & que fizessẽ conta que estauãõ em Portugal, porque tudo se lhes daria de que tiuessẽ necessidade, & que elle lhes prometta de os mandar

mandar pera a India; & deu cuidado a pessoas de recado que os agasalhassem; mandandoos logo vestir, por que yão quasi nus. Ao outro dia que isto passou, chegaram áquella barra duas fustas da companhia de Martim Afonso, de que eraõ capitaes Duarte Mendez de Vasconcellos, & Ioão Coelho, que souberaõ de huns pescadores, como ali tinhaõ chegado huns poucos de Portugueses que estauão na cidade; pello que lançarão em terra hum negro em traje dos naturaes pera ir saber que eraõ, que falou com Martim Afonso, & sabendo dos seus capitaes, ficou muito aluorçado, & foise logo a Codauascan, & lhe pediu licença pera se ir, lembrandolhe a promessa que lhe fizera. Codauascan lhe disse, que lhe não negaria irse pera a India como lhes prometera, mas que por então tinha necessidade de sua ajuda pera contra hum vesinho seu; & que mandasse recado aos capitaes dos nauios que se deixassem estar, que elle os mandaria prouer de tudo. Martim Afonso os mandou auisar do que passaua, pedindolhes se deixassem ficar, como fizeraõ, mandandolhes elRey dar mantimentos, & logo se partio pera a guerra, dando armas aos nossos, que leuou pera guarda de sua pessoa. E vindo a batalha com o imigo, fizerão Martim Afonso, & os companheiros tam manhas cavalarias, q' elles sóz des-

atruasari

baratarão os imigos. & Codauascan lhe tomou a sua cidade, & terras, & recolheose vitorioso. Martim Afonso lhe pediu que pois o tinha seruido no que queria, o deixasse embarcar nos seus nauios, que os esperauão por seu mandado: mas como todos os mouros não amão a Christão, se não por necessidade, ou interesse, lhes disse, que se resgatassem, & que então os soltaria. Martim Afonso ficou muito enfadado dizendolhe, que com que se auia de resgatar se estava ali perdido como elle via: que pusesse elle o preço ao resgate de todos, & mandasse com elle hum homem, que no primeiro porto de Portugueses lho daria, sem lhe falar hum real. Codauascan zõbou d'aquillo. Vendo Martim Afonso & os mais aquella tyrannia, determinarão de fugir, pera o que mandarão recado aos capitaes das fustas, pello mesmo negro que lho trouxe d'ellas, em que lhes pedia que em hum certo dia (que lhes limitaraõ) mandasse pello rio acima algũas almadias, a te hum certo lugar pera os recolher. Vindo a noite a prazada sairão de casa, porque não tinham guardas, & espalhados forão demandar o lugar das almadias, que era d'ali a quatro legoas. O caminho era muy roim, & comprido, em que se perderão alguns, que não tiuerão outro remedio se não tornarse pera a cidade, onde entraraõ ainda de noite, & acham-

& achando que não forão sentidos se deitaraõ nas suas camas, pera diffimulaçãõ, & antre estes era Diogo Pirez Deça hum d'elles.) Martim Afonso cõ os mais foraõ por diante, & como o caminho era pestifero, tardaraõ tanto, que lhes amanheceo nelle, & foilhes necessario embrenharêse. Ao outro dia soubese de sua fugida, & mandou Codauascan leuar perante si Diogo Pirez Deça, & os mais, a que perguntou pellos cõpanheiros, elle lhe disse que não dera fé de cousa algũa, nê os achara menos, se naõ pella menhá quando acordara. Codauascan despedio logo quatro cêtos homês a pos Martim Afonso, & apellidando a terra forão dar com os nossos embrenhados, & os tomaraõ. Martim Afonso disse ao capitão (cuidando que Codauascan lhes mãdasse fazer algũ mal.) que elle só tinha a culpa d'aquella fugida, & não seus companheiros, por que como seu capitão os leuava, que se merecia castigo, que a elle só se desse. O mouro lhe disse q não se perturbasse, por que não a uia culpa em pretêder sua liberdade, que Codauascã não deixaria de lhe fazer muitos gafalhados, & de cõprir a palavra que lhe tinha dada. Estando n'estas praticas, chegarão algũs Bramenes, & peitaraõ aquelles mouros, pera que lhes desse hũ dos Portugueses pera o sacrificare a seus idolos, por que lhe tinham feito prometimêto, que se lhos de

parauão, de lhe sacrificarê hũ d'elles. Hũ capitão dds mouros lhe entregou hũ Gõçalo Vaz de Mello, q nas guerras passadas tiuera hũas palauras em, q afrontara o mouro, por que se quis vingar d'elle. Martim Afonso prometeo por elle grã de resgate, mas não pode acabar com elles cousa algũa, & logo ali a vista de todos o degolaraõ, mostrãdo grandes actos, de Christão, & muita firmeza na fê de Christo. Do sangue d'este, & de outros muitos martyres, estão todas as prayas do Oriete banhadas, pello que ainda ha Deos de permittir, que por todas ellas se vejaõ tēplos leuandados, onde elle seja venerado, & louuado. Martim Afonso ficou muito triste do caso, & assi foi leuado cõ os mais a Codauascan, que o tornou a mãdar pera sua casa, como dantes sem mais prizão, dandolhe todo o necessario. Vendo Martim Afonso que este negocio não tinha remedio, escreueo aos capitaes das fustas tudo o que lhe tinha acontecido, mandaudolhes hũa carta pera o Governador, em que lhe pedia os mãdasse resgatar (como depois fez, mandando a isso hum mouro chamado Cogeçabadim, que os trouxe a Goa, ja em tempo de Nuno da Cunha.) Dos mais nauios da armada de Martim Afonso, não achamos em lembrança o que foi d'elles, nem Castanheda o diz; mas quanto a nos, a mor parte d'elles se perderaõ.

LIVRO V. DA QVARTA DE-  
CADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

*De como el Rey dom loão mandou por Governador da India Nuno da Cunha, & do que lhe aconteceu na jornada.*



**P**ELLAS naos do anno de vinte & seis, que chegarão da India em Agosto de vinte & sete, de que erão capitaes Tristão Vaz da Veiga, Francisco D'anhaya, & outros: teue el Rey dô loão nouas das differenças d'antre Pero Mascarenhas, & Lopo Vaz de são Payo: & assi mesmo por via de Veneza as teue da armada que o turco fazia, & mandaua ordenar, pera passar à India. E sendolhe necessario acudir àquellas cousas com hũa grossa armada, elegeo pera Governador da India Nuno da Cunha seu veador da fazenda, pessoa de muita confiança, & em quem concorrirão as partes, que o cargo requeria: ordenandolhe onze naos, & quasi ou mūy perto de quatro mil homens. Correo logo a fama, & por ser armada contra turcos, aco-

dirão muitos fidalgos & caualeiros a corte a se offereceré a el Rey, despachandoos, & fazédolhes merces a todos: mandando dar tanta pressa a armada, que quando foi em Março, estaua toda posta em Bellem, onde el Rey foi estar algũs dias pera despachar muitas cousas. Ali deu a Nuno da Cunha grã des regimentos, cujos principaes pontos erão, que logo fizesse hũa fortaleza na ilha de Dyo pera segurança da India, pera os Turcos não virem ali ter receptaculo, por que darião grande oppressão ao estado. E que assi mesmo fizesse outra no reino do Camcrim, na parte que lhe melhor parecesse, pera ter enfreado aquelle Rey, & pera credito do estado, em lugar da outra que dom Anrique largou em Calecut: & que lhe mandasse preso Lopo Vaz de são Payo, & lhe fizesse inuentairo de sua fazenda, que fosse em mãos de pessoas abenadas. Que se os Turcos passassem a India, ajuntasse todo o poder, & se posesse na barra de Goa, ao mar, ate saber aonde yão demandar, & que depois de saber onde os tinha seguros, fosse pelear com elles: & outros da fazenda, & justiça que não são da nossa  
histo.

historia. Embarcados todos, & a armada prestes pera dar á vela, faltoulhes o tempo, por onde não pode sair pera fora, se não aos dez e oito, em que Nuno da Cunha se fez á vela com onze naos, de que eraõ capitaes, elle que ya embarcado na nao Rosa: Simão da Cunha copeiro mor d'elRey, em santa Maria do Castello. E Pero Vaz da Cunha estribeiro mor d'el Rey irmãos do Governador na nao santa Caterina. Dõ Fernando de Lima, em santa Maria do Espinho, Francisco de Mendocça, em santa Maria de Monsarrate. Antonio de Saldanha, em santa Maria dajuda. Garcia de Sá, na nao Victoria, & ya provido da capitania de Malaca. E dom Francisco Deça, João de Freitas, Bernardim da Sylueira, Afonso Vaz Zambujo. N'estas naos mandou elRey duzentos mil cruzados em Portugueses & outras moedas pera as necessidades da India, & pera a carga: que yão repartidos por todas as naos. Seguindo sua derrota indo todas em conserua, na volta das canarias, a nao de Simão da Cunha que ya por popa da de João de Freitas, por se não querer desuiar o seu piloto (q̄ nisto são todos muy teimosos) lhe deu duas pancadas tamanhas, que logo a abriu em dous pedaços, & por leuarem o esquife em cima se lançou com muita pressa ao mar onde se

meteo João de Freitas com algũs que poderaõ sobrer o q̄ ouue muitas cutiladas, & mortes: & se foraõ pera a nao de Simão da Cunha q̄ logo amainou sentindo bẽ aquelle defastre, & mandou lançar o batel fora pera recolher a gẽte, que andaua ja a nado, õde pereceraõ muitos: entre estes foi hũ homẽ casado que na nao ya cõ sua molher, & tres filhas moças, que vendo a nao aberta, abraçandose todos cinco, cõ hũ pranto piadosissimo, & gritos que penetrauaõ os ares, afiliados todos se foraõ com a nao ao fundo, expectaculo, que fez arrebentar a todos em lagrimas, com ter cada hum bem que chorar sua defauctura. Socedeo isto as dez horas do dia, & foi taõ supito, que as outras naos que yão a vista não souberaõ de cousa algũa, se não quando viraõ submergir se a nao debaixo do mar, & acudindo todos com esquifes fora saluaraõ ainda muitos, & afogaraõse cento & cincoenta pessoas. Nuno da Cunha sentio em estremo este roim socesso, & seguindo sua viagem foraõ todas as naos, (tirando a de Bernardim da Sylueira que se apartou) tomar a ilha de Santiago, onde fizeraõ agoada, & se proueraõ de mantimentos, em duas Carauelas que yão carregadas d'elles pera isso. Dali as despedio Nuno da Cunha cõ cartas pera elRey, em que lhe daua cõta do socesso da viagem a te li. E

romando sua derrota, deiraõ na costa de Guine, onde acharão grandes calmarias: & por a nao de Antonio de Saldanha ir muito zorreira, & andar taõ pouco, que toda viagem foi Nuno da Cunha sem velas de gauea por esperar por elle, lhe requereraõ os pilotos que a deixassem, porque melhor era perder hũa nao viagem, que todas. Nuno da Cunha mandou d'isto recado a Antonio de Saldanha, & que trabalhasse por arrumar a nao, & compassarse, por que lhe era necessario adiantarse, por não perder viagem. Antonio de Saldanha lhe mandou dizer, que se fosse muito em bera, que elle trabalharia tudo o q̄ podesse por ver se auia remedio no andar da nao. Cõ isto deu Nuno da Cunha com as outras naos os traquetes, & em pouco tempo desaparecerão. Antonio de Saldanha ficou triste, & todos os da nao, por se verem ali ficar sós. Ya com elle embarcado o pay de Fernão Lopez de Castanheda, que elRey manda na a India, pera escrever os feitos d'aquellas partes: porque foi Rey que se não contentou de pagar a seus vassallos os muitos seruiços que nellas lhe fizeraõ, com outras muitas honras & merces, mas ainda com lhes ordenar, que viuessem perpetuamente por fama na escriptura. Este homem andou na India quasi dez annos, correndo a maior parte d'ella, a té che-

gara Maluco, escreuendo as coulas d'aquelle tempo muy diligentemente, que recopilou em dez liuros, acabando o seu decimo cõ o Governador dom loão de Castro. Este volume nos dixerão algũas pessoas d'inas de fé q̄ elRey dõ loão mãdara recolher, a requirimento de algũs fidalgos que se acharaõ n'aquelle raro & espátoso cerco, porq̄ falaua nelle verdades. A estes, & a outros riscos se poem os escritores que as escreuem, em quanto viuem os homẽs de quem o fazem; & por isso com menos receio escreuemos as couzas passadas (como elReynos mandou) que as presentes, q̄ taõbẽ temos escritas, & assi em hũas, como em outras, nẽ por respeito, nẽ por temor deixaremos de as falar: & posto que taõ bem em algũ tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro vira em que se ellas manifestem. E tornando a Antonio de Saldanha; os officiaes da sua nao andaraõ vendo donde nacia o defeito d'ella, mudando hũas vezes a carga a prea, outras a popa, andando com os mastos, ora a ré, ora auante, & tantas couzas d'estas fizeraõ a te lhe acertarem o compasso; & começou a nao a andar d'ali por diante muito differentemente, & seguindo sua derrota, encontrou com a nao de dõ Francisco Deca, que se festejaraõ bem, acompanhando se sempre a te irẽ na volta do cabo de boa esperãça, onde

onde encontrarão as naos de Nuno da Cunha, de Pero Vaz da Cunha, de dom Fernando de Lima, & de Afonso Vaz Zambujo, porque todas as mais erão espalhadas, indo cada hũa seguindo sua derrota, que logo contaremos. Nuno da Cunha tanto que conheceo as naos, foi o seu aluoroço mūy grande, & chegados à fala souberão o que lhes tinha acontecido, & assi todos juntos forão demandar o cabo. No rosto d'elle, a seis de Julho, lhes deu tamanho temporal, que não podendo sofrer o pairo, por serem os mares mūy grossos, & cruzados, foraõ arribando em popa com pequenos bolsos de vela, saluo Antonio de Saldanha que por ter nao noua, pode sofrer o trabalho: dos mais foi cada hũ correndo por onde melhor pode. Ao outro dia acalmou o vento, & Nuno da Cunha, & dom Fernando de Lima vindo à fala sobre o que fariaõ, assentaraõ que fossem por fora da ilha de são Lourenço, por que era ja tão tarde que por dentro não podiaõ passar a India. E seguindo seu caminho, estando ja do cabo pera dentro, foraõ governando a les nordeste, pera se deitarem por fora da ilha: onde os deixaremos por continuar nos com as outras naos. ¶ Dom Francisco deca, Francisco de Médoça Afonso Vaz Zambujo, depois de passada a tormenta dobraraõ o cabo, & tomarão o ca-

minho por dentro, & foraõ demandar Mossambique, por irem faltos de agoa, & mantimentos; & chegando aquelle porto ao entrar da barra, a nao de Afonso Vaz Zambujo deu na ilha de são Jorge, onde ficou pera sempre saluandose toda a gente: & por ser tarde ficaraõ ali inuernando. Bernaldim da Sylueira, que ao sair do Reino se apartou logo, foi seguindo sua derrota, passando alguns temporaes, que lhe deraõ muito trabalho, & depois de dobrar o cabo de boa Esperança, indo demandar Mossambique, foi o seu piloto encalhar no parcel de Cofala, onde se perdeu, afo-gandose muita parte da gente, & a outra mais que se saluou em terra, foi morta pellos Cafres, o que depois se soube por algũs da terra.

## CAPITULO II.

*Do que socedeo as mais naos da companhia do Governador Nuno da Cunha, & de como elle se perdeu na ilha de são Lourenço, & do que aconteceu a gente da compan'ia de Manoel de Lacerda.*



A temos dado relação do successo de cinco naos, agora continuaremos cõ as mais, & como esta viagem foi desastrada, & teue varios successos, he necessario que relate-mos todos: & assi o faremos agora do que aconteceu a nao de Garcia de Sá, & a de Antonio de Saldanha, que de toda esta armada, ellas vos passarão a India. A nao de Garcia de Sá, depois que fez sua ayoada na ilha de Santiago, logo se apartou da conserua, & foi seguindo sua derrota, achando no rosto do cabo o mesmo tempo que as outras, com que esteue de todo perdida. Passado o cabo foi tomãdo o caminho por fora, padecendo muitas fomes, sedes, & infortunnios, de que lhe morreo muita gente, & chegou a estado, que não auia na nao mais de hũa pipa d'agoa, mas foi em paragem que ao outro dia ouue vista da costa do Malauar, como a diante diremos. Antonio de Saldanha depois de passada a tormenta, que elle esperou ao paio, foi seu caminho a te dobrar o cabo, achando muitos temporaes, & contrastes, que lhe derão bem de trabalho. E passando à vista da ilha de São Lourenço, na paragem do rio de Santiago, onde estava a gente das naos de Manoel de Lacerda, & de Aleixos d'Abreu, que se ali perderão o

anno passado, como dissemos, onde todos tinham padecido grauissimas fomes, & trabalhos, esperando que Deos os soccorresse com algũa nao que por aquella paragé passasse, pera lhe fazerem sinal, encomendandose ao mesmo Deos em seus corações, pedindolhe os tirasse d'aquella terra: & como suas esperanças estauão em elle trazer por ali algũa nao, não tirauão os olhos do mar, onde de continuo os estendião, por verem se vião velas, & acertando de verem esta de Antonio de Saldanha, em todos fez grande aluoroço, parecendo-lhes que ja estuão remidos. E porque ya anoitecendo fizeram grandes fogos em cruces, pera por elles mostrarem aos da nao, que estava ali gente perdida: que forão logo vistos de todos, & bem entenderão que erão Portugueses os que lhe fazião aquelle sinal, & tomando os traquetes, puserão se de noite a trinca. Como amanheceo forão na volta da terra a que não ou saraõ de chegar por não ser sabida, esperando que da terra lhes viesse algum em algũa almadia cõ recado do que era: & assi afastandose denoite da terra, & tornando a ella de dia, andarão ali oito, sem se determinarem a mandar o esquife, a saber d'aquella gente, & no cabo dos oito dias dandolhes hum tempo rijo desaparecerão. Os da terra ficarão desconfortadissimos, tanto que deixaraõ de ver a

nao, & tomando conselho sobreo que farião, assentaraõ que se passassem a outra banda, assi porque la terião mais mantimentos, como por serem por la as naos mais côtinuas, & poderião ser vistos d'alguãs que se dispofessem a tomalos, ou pella ventura acharião alguma embarcação da terra, em que se podessem passar a Cofala, ou a Mossambique, fazendo dous esquadroes em que aueria trezentas pessoas, tomaraõ o caminho do Sertão, ficando ali hum mancebo doete por não poder seguiolos. Estes homẽs todos desapareceraõ neste caminho, & ate oje se não soube d'elles cousa alguma: por onde parece que foraõ mortos pellos da terra; porque aquelles do Sertão são barbarissimos, sendo o remate de todos seus trabalhos, outros tanto maiores, como forão os que lhes custarão as vidas. Vejaõ agora os Reys se ha na vida coufa com que se satisfaçaõ tamanhos trabalhos como seus vassallos passaõ n'esta conquista da India: & que preço ha com que se pague hum so risco da morte, quanto mais tantos quãtos são os em que cada dia se vem, no mar tanta tormenta, & perigos, na terra tanto risco entre pelouros, & fogo: comendo mal, dormindo peor: pelejando todas as horas por honra de seu Deos, & de seu Rey. Por onde auião de trabalhar, que os homens que fossẽm repartidores dos galardoes, fossẽm

aquelles que tem visto & experimentado os mesmos riscos, & trabalhos, por que dem com compaixão, & não taxem có escaceza, tendo mais respeito aos merecimentos dos homens, que a pretençaõ que muitos tem, de quererem valer com os Reys, por hum muito mal entendido meyo, como o de quererem acrecentar em sua fazenda: porque nunca ella cresce mais, que quando justamente se pagaõ merecimentos. Antonio de Saldanha foi seguindo sua derrota, com tantos trabalhos, fomes, sedes, que lhe morreraõ sesenta homens, & lhe adoeceraõ quasi todos, indo mais de hum mes a quartilho de agoa por dia a cada pessoa. E em fim de todos estes trabalhos, auendose cada dia por perdidos, foraõ a ferrar a costa da India, como adiante diremos. ¶ E tornando a Nuno da Cunha, & Pero Vaz da Cunha, & dom Fernando de Lima, depois de passada a tormenta, foraõ sempre em companhia, com roins tempos, & com calmarias que lhe deraõ, & com muito trabalho foraõ ferrar terra na ilha de saõ Lourenço, na paragem do rio de Santiago ja no fim de Outubro, onde lhes foi forçado surgirẽ pera fazerem agoada, de que yão muito faltos. O Governador Nuno da Cunha mandou o esquite a terra, pera verem a onde auia agoa, & sendo na praya, acodio a elle aquelle mancebo que a-

tras dissemos ficara da companhia de Manoel de Lacerda por doente, (que parece que ordenou Deos ficar ali pera se salvar.) Este tanto que vio o batel em terra, remeteo aos que yão n'elle como doudo abraçandose com todos, chorando com prazer de os ver; & elles de dó de o verem d'aquella maneira arreventarão todos em lagrimas, & soluffos: & tomando no batel o leuaraõ a Nuno da Cunha, a cujos pés se lançou, contandolhe sua defauctura, & a perdição d'aquellas duas naos; & como auia mes & meyo que Manoel de Lacerda, & Aleixos d'Abreu, com todos os da sua companhia, se pártirão d'ali desesperados de poderem ali vir naos taõ cedo. Nuno da Cunha sentio muito a defauctura d'aquella gente, & ouuelle por mo fino em não chegar a tempo que os podera salvar a todos, mandando a seus criados que agasalhassem bem aquelle moço, & o curassem: que depois viueo muitos annos casado em Goa, & foi meirinho. Nuno da Cunha & os mais capitaes, mandarão fazer agoada em abastança. E auendo quatro dias que ali estauão, deulhes hum temporal traueffão taõ rijo, que a nao de Nuno da Cunha, que estaua sobre hũa so ancora, começou a cassar pera a terra, & largando outra que deu sobre pedra, foi logo cortada, & o mesmo fizeraõ outras a té seis, que todas forão trin-

çadas do rato (falando ao modo marinheiro.) De maneira que foia nao encalhar em terra sobre hũa areal, a onde se encheo de agoa a te a cuberta debaixo da ponte. As outras duas naos quis Deos que tiueraõ amarras de Cairo, que se não cortarão, & poderão ter, & sofrer o tempo, estando poreu muito arriscadas. Estauão a este tempo os bateis em terra fazendo agoada, & querendo acodir a nao, não poderaõ sair pera fora, porque o vento fazia na boca do rio muy grandes escarceos. A gente da nao ficou toda sobre os castellos, & na ponte, onde estiueraõ a te o outro dia, andando Nuno da Cunha toda a noite vigiando, & mandando tirar acima o cofre do cabedal, & algũas cousas, que mais poderaõ: porque se não perdesse tudo. Ao outro dia acalmou o vento, & vieraõ os bateis, em que o Governador mandou embarcar o cofre, & a mais fazenda que pode, & a artelharia que ya por cima: & depois de ter recolhido o q auia elle se passou cõ parte da gête pera a nao de seu iũaõ Pero Vaz da Cunha, & a outra mandou pera a de dó Fernão de Lima. D'ali se fizeram a vela, cõ tenção de se irem por d'entro de Mossambique, tomando aquella derrota, em que os deixaremos, por continuarmos com as cousas, que n'este tempo so cederaõ na India, por guardarmos a ordem dos tempos.

## CAPITVLO III

*De hũa armada nossa que partio de Cochim, & se perdeu no rio de Chatuá: & de como o Governador Lopo Vaz de saõ Pajo partio pera Cochim, & desbaratou hũa grande armada do Camorim.*



**F**ONSO Mexia veador da fazenda, que estava em Cochim foi avisado que o Camorim fazia algũas naos prestes pera mandar a Meca, carregadas de pimenta, que tinha a carga, em diferentes rios, & querendo impedir que não saíssem pera fora, armou com muita pressa treze uamos de remo, a cujos capitaes não achamos os nomes, & a oito de Setembro se fizeram à vela, & indo pera a costa de Calecut, deulhes hũa tormenta, a que chamão a vara de Choroman del, taõ grossa & grande, que deu com todos os navios a costa, no rio de Chatuá, sem escapar hum só, afogandose a maior parte dos nossos, & os que se salvarão em terra, d'elles foraõ mortos pella gente d'ella, & d'elles catiuos. O Camorim ficou sobetbissimo com este successo, & mandou com muita pressa preparar hũa grossa armada, ajuntando todos os seus navios de seus portos, pera sairem a

dar guarda as naos que avia de lançar fora em fim de Setembro. Os mouros de Cananor que estavaõ de pazes, com esta desaventura começaraõ se a alterar: de tudo foi logo o Governador Lopo Vaz avisado, & com muita presteza despedio Simão de Mello em hũa Galeão, & seis Fustas pera guarda d'aquella costa, & elle se ficou preparando pera acudir a ella em pessoa, primeiro que os mouimentos dos mouros de Cananor fossem por diante, esperando por Antonio de Miranda, que sabia que estava em Chaul, que não tardou muito. O Governador o recebeu muito bem, pedindolhe ficasse em Goa descansando dos trabalhos, & elle se fez a vela com seis Galeões, indo elle embarcado em saõ Dinis, & dos outros erão capitaes, Eitor da Sylueira, Fernão Rodriguez Barbas, Lopo de Mesquita, Anrique de Macedo, & Antonio de Lemos da Trofa, aque deu o Galeão Reys Magos, que foi de Antonio da Sylua, que as Galeotas de Dyo matarão. Leuava o Governador mais sete Fustas, de cujos capitaes não achamos os nomes de mais que de dom Tristão de Noronha. E fazendo sua jornada tanto auante como monte Deli, achou Simão de Mello com sua armada, de que snube, como dom loão Deça capitão de Cananor lhe mandara recado, que em Tremapatão estava hũa frota do Camorim de cento & trin-

& trinta velas, sesenta Paraos bem artelhados, & as mais naos & Paqueis de carga que yão pera Meca carregadas de drogas, & que os Paraos lhe yão dando guarda. D'esta frota era capitão hum mouro, natural do reino de Tanor chamado Cotiale, auido entre elles por homem santo, que aquelle verão passado tinha vindo de Meca, de se offerecer à casa do seu sancarraõ. Tanto que o Governador soube esta noua, auendo conselho com aquelles capitães, assentou se, que se lancassem ao mar defronte de Cananor, que ali auia a frota de ir dar com elles, porque se os tomassem a terra auião todos de fugir d'ella. O Governador mandou às Fustas de longo da costa, vigiar a armada imiga, & tanto que foi noite, surtiu com os Galeoës, & mandou Serqueira o Maluar no seu nauio, que era muito ligeiro, espiar os imigos, & saber que derrota tomauão. Cotiale sabendo que Simão de Mello estaua à monte Deli, não tendo ainda nouas do Governador, determinou de ir pelejar com elle, & tomalo, & voltar sobre a fortaleza de Cananor & comete-la, auendo que seria facil leualá nas mãos, & vinha com toda aquella frota, que cobria o mar a vela. O Serqueira em a vendo voltou ao Governador, & lhe deu denoite a noua, & logo se preparou pera pelejar com elle, mandando recado aos Galeoës, pera que se fizessem

prestes. Coriale de madrugada, ou ue vista da armada do Governador, & cuidando que era Simão de Mello, assi a vela como ya a foi de mandar. Os nossos vendo tamanha frota ficaraõ embaraçados, porque tudo o que vião em tanto nauio, era multidão de gente que os cobria, muita & grossa artelha-ria que por suas proas apparecia, & muitas & bastas armas de todas as sortes que reluzião, muitos & muito differentes instrumetos de guerra que vinhão tocando: em fim tantas carrancas, & ameassos de morte, que podera espantar outra muito maior armada que aquella. O Governador chamou asi os capitães, & lhes disse, que elle auia de pelejar com os imigos, que se fizessem prestes. Alguns dos capitães lhe disseraõ que parecia temeridade, que o bom seria ajuntarem se os Galeoës, & encadearem se, & fazerem se fortes pera se defenderem se os imigos os fosssem cometer. Outros foraõ de parecer que pelejassem, porque os nauios imigos erãõ resteiros, & q̄ forçado auião de receber muito dano. E baralhando se o negocio em porfias, chegou Serqueira o Maluar, & como era inuito esforçado, & sabia bem da guerra d'aquella costa, & conhecia aquelles mouros, disse ao Governador: Senhor que esperais que vagar he este? Porque não cometeis aquelles imigos que vem chegando? Porque assi he muito

peor, que como são muitos & se vos sentirem receio, aõ vos de fazer dano. Cometei os imigos que vem espalhados por hũa ilharga daquellas com as fustas, & primeiro que os outros lhe acudão, os desbaratareis, & chegarão os Galeões com a tormenta de sua artelharía, & tudo farão franco. Ao Governador pareceolhe bem, & levantandose disse, ora sus ei de pelear, a elles com o nome de I E S V S, & quem quizer acõpanhar o seu Governador, & a bandeira de seu Rey, sigame. E tomando hũa espingarda as costas saltou em hũa Fusta de que era capitão Ioão Fernandez o taful, valente soldado, & dos do seu Galeão saltarão com elle Ruy Vaz Pereira, Dom Sancho Manoel, Ioão Rodriguez Pereira, Bras da Sylua d'Azeuedo, Garcia de Mello, Duarte Coelho, Fernão da Sylua, Nuno Pereira, Andre Casco Deuora, Manoel de Brito Cabral, Francisco de Bairos de Paiua, & outros fidalgos & cavaleiros. Embarcado o Governador, achouse com treze fustas, porque aquella hora lhe chegarão tres de Cananor, cheas de muita & boa gente, cujos capitaes eraõ, Francisco Mendez de Braga, Martim da Sylua, & Jorge Vaz, que dom Ioão Deça lhe mandava de socorro: porque tanto que teue vista da armada do Governador, & vendo arrancar a do imigo da terra, despedio os navios. De todos fez o Go-

uernador duas batalhas, ou allas, dando hũa a Simão de Mello, a quem encomendou a dianteira, & com elle Lopo de Mesquita, & Fernão Rodriguez Barbas, nos barteis de seus Galeões, & nesta ordẽ foraõ demandar os imigos que vinhão espalhados, & os cometerão por hũa ponta, dandolhes a primeira salua de bombardadas, de que destroçarão alguns, & sem quererem inuistir, tornaraõ a meter cargas nos falcoes & derão outra surriada, com que taõbem meteraõ alguns no fundo. Sete navios dos nossos inuistiraõ logo com outros tantos dos imigos; sendo os primeiros que ferraraõ, Serqueira Maluar, Francisco Mendez de Braga, & Martim da Sylua todos de Cananor. E deitando logo nos imigos hũa soma de panellas de poluora, os abrazaraõ de todo. O Governador com o seu terço, chegou taõbem àquella quadra, & deu sua salua de que desbaratou muitos, & ferrou com outros com muito animo, sendo elle dos primeiros que os inuistiraõ, & tal pressalhes deu, que rendeo toda aquella quadra, primeiro que Cotiale lhe soccorresse. Os Galeões yã em meyo da armada, ficandolhe toda a imiga descuberta, com que tiueraõ lugar pera jugarem cõ sua artelharía, & como a armada vinha muito estendida, & a nossa pelejava em hũa das quadras, empregaraõ seus tiros de maneira, que mere-

meterão muitas naos no fundo. Os nossos tinhaõ ja axorados mais de vinte nauios ; & vendo os mais tamanho dano, começaraõse a desmandar & recolher pera a terra. Andaua ja n'este tempo, o mar coalhado de corpos mortos, & os Galeoës ja baralhados cõ as naos imigas. Durou isto a te o meyo dia que auiração começou a ventar, com que os imigos deraão a vela, & se foraõ fugindo pera a terra. O Governador os não quis seguir, por que estaua com algũs feridos, & todos cansados: & contentouse com a vitoria que lhe Deos tinha dado, que era tamanha, que ficaraõ dos nauios imigos, antre metidos nõ fundo, & tomados, trinta & çinco: & foraõ tomadas çincoenta pessas de artelharia; & mouros antre catiuos & mortos, foraõ dous mil, sem da nossa parte auer mais que algũs feridos: o que pareceo milagre; pella multidão das frechas, & pelouros grossos, & meudos, de que os nauios todos estauão encrauados. E o mar parecia de cor de sangue. A armada imiga que ya fugindo, ya tal & cõ tamanho medo, que algũs nauios vararaõ na primeira terra que acharaõ, sem irem buscar rios, ou barras. Foi esta grande vitoria de fronte de Cananor, cuja praya estava cuberta de mouros, esperando ver o desbarato dos nossos: & vendo a presteza com que os seus com tamanha armada foraõ dis-

baratados, ficaraõ pasmados, & em todo o Maluar se fez hum geral pranto; porque poucas casas ou ue em que não faltasse marido, filho, ou irmão. Isto quebrantou tanto a todos, & atemorizou o Camorim de feição, que receando que el Rey de Cochim, com o fauor do Governador Lopo Vaz lhe tomasse Cranganor, despedio com muita pressa o Principe herdeiro pera ir segurar aquella fortaleza. O Governador parecendolhe, que Cotiale se quisesse desafrontar, & que ajuntasse pera isso mais armada, como estaua com a mão leue da vitoria, deixouse estar dous dias esperando por elle, & vendo que não vinha, determinou de ir por todos os rios em que os seus nauios auião de estar recolhidos, pera os acabar de abraçar, & assolar: mandando diante Simão de Mello, que leuou consigo o Serqueira por espia, porque sabia todos aquellas rios; & achando em hum d'elles doze Paraos varados, entraraõ de madrugada de supito, & puseraõlhe fogo, em que todos arderaõ. E desembarcando Simão de Mello em terra, cortaraõ todos os palmares que auia ao derredor da pouoação, a que taõbem se deu fogo. Dali se passou ao rio de Chatuá, onde a nossa armada se perdeu, pera dar hum castigo a seus moradores pella morte que deraõ aos nossos, & entrando nelle de madrugada, queimaraõ quatorze Paraos,

Paraos, que estauão varados, & a pouoação, com morte de muitos mouros: & assi foraõ destruindo outros lugares a te chegarem a Cranganor, onde acharaõ hũs nauios nossos, em guarda d'aquelle rio, que Afonso Mexia tinha mandado, depois que soube, que o Principe de Calecut era chegado, pera defenderem apagassem d'aquelle rio aos seus.

### CAPITULO IIII.

*De como o Governador Lobo Vaz de  
saõ Payo destruy o Arel de Porca:  
& da armada que do reino partio,  
& do que lhes aconteceu na jornada  
a te chegar a Cochim.*



**H**EGANDO o Governador a Cranganor, lembroulhe que tinha adiante o Arel de Porca, que auia vinte annos, viuia a despeito do estado, recolhendo muitos ladroes, & lançando outros de seus portos, que fazião muita guerra a os Portugueses, & lhe tinha dado muitos trabalhos: sem Governador algum o poder castigar, tendo por isso cobrado tamanho bico, que publicamente deitaua armadas fora, que correndo a costa a té a de Choromandel, roubauão os Portugueses, com o que se tinha feito poderoso, & rico. E pellos des-

cuidos dos Governadores, de pobre pescador se fez senhor de terras, & estados, & imigo declarado da India, o que se lhe dissimulou, pello muito perigo, & pouca hõra que se ganhaua, cõ o quererẽ destruir: & tinha feitos tantos danos por estar bãdeado cõ o Camorim, que quando o Governador d'om Anrique estaua em cõcerto de paz cõ elle, a primeira cousa que lhe pediu foi que lhe entregasse este Arel. E isto não foi so agora, por que inda depois nossos descuidos deixaraõ crescer de nada imigos, q̄ deraõ bem de trabalhos ao estado, como polo discurso da historia apontaremos: o que naceo dos Governadores da India estarem com o olho em seus respeitos particulares, & com o tento em se lhe virá soçessor, ou naõ a quem como chegaua lhe lançaõ (como la dizẽ) o gato nas barbas: & disto tem nacido todas as miserias da India. E certo que parece hum jogo de do-chelo viuo, que de maõ em maõ se vai apagando hum pouco: & praza a Deos que o não faça de todo. E deixando esta materia. Lopo Vaz de saõ Payo como ya victorioso, não quis deixar arrefecer sua fortuna, & determinou de dar hum castigo a este Arel, porque não viuesse taõ folgado. E dando rebate aos capitães pera que se fizessem prestes, mandou a Simão de Mello, que com a gẽte dos nauios de remo leuasse adian-

teira, & elle com toda a mais dos Galcoês a retaguarda. E chegando de madrugada sobre aquella barra, desembarcarão todos em terra em dous batalhoês, de quatro centos homens cada hum: & Simão de Mello sem ser sentido entrou a pouoção, & deu nas casas do Arel, que eraõ de madeira, pondolhe logo o fogo por muitas partes, que começarão a arder cõ grande braueza. O Arel escapou por de saltre, & queimoufêlhe a molher & mais familia, & a pouoção foi metida a ferro, & a fogo, & lhe tomaraõ trezêtos Paraos, mûy bem feitos, & muitas peffias de artelharia de bronfo, falcoês, berços, & dous camellos, hû de metal, & o outro de ferro, & lhe cortaraõ todos os palmares que poderaõ, de sorte que ficou destruido de todo. Feito este negocio q̃ foi muito honrozo, embarcaraõse os nossos a seu saluo, & ao outro dia êtraraõ em Cochim, onde o Governador foi muito bem recebido. Foi isto aos dezafeis d'Outubro, & aos dezaete chegarão as naos de Garcia de Sá, & de Antonio de Saldanha cõ muita gête menos, & todos os mais doentes, que o Governador mãdou desembarcar, & curar muito bem, & festejou aquelles fidalgos muito. D'elles soube como Nuno da Cunha era partido por Governador com hûa grossa armada, & que não sabião d'elle, mas que conforme ao tempo que se tinhaõ apar-

tado, pois o não achauão na India, que não poderia ja aquelle anno vir a ella. O Couernador se deixou ficar a te quinze de Nouebro esperãdo por elle, pera se embarcar pera o reino, se elle viesse: & vendo que tardaua, affirmãdolhe que estaria em Mossambique, despedio em busca d'elle, hum Bastião Freire em hûa naueta com regimento, que tomasse a costa de Melinde, o mais acima que podesse, pera Guardafui, & que dali fosse descurrendo por ella abaixo a te Mossambique, pera ver se auia algûas nouas do Governador Nuno da Cunha. Bastião Freire se fez a vela a vinte de Nouembro; & de sua viagem adiante daremos rezão. O Governador ficou despachando as naos pera o reino, & depois de tomarem a carga as fez a vela entrada de janeiro de vinte <sup>Ar</sup> & noue, em que com o fauor diuino entramos, & não achamos lembrança algûa, de quem foi por capitão d'ellas: por que os q̃ trouxeraõ ficaraõ na India. Partidas as naos, o Governador se embarcou, & foi correndo a costa do Malauar, na ordem que leuou quando foi pera Cochim; mandando diante Simão de Mello com a fustalha, & o Serqueira por espia, que entrava todos os rios, & tomava fala donde auia Paraos: & sabêdo que em Marabia (que he hum rio do reino de Cananor) estauão recolhidos quatorze nauios de Cale

cut, dando rebate a Simão de Mello, (que de madrugada entrou a quella rio) pos fogo a todos, por se não embarçar em os tirar, tendo húa muita arrezoadá briga cõ os da terra, que acodiraõ aos defender (por estarem a mor parte d'elles abicados em terra) em que os nossos saltaraõ, pera os queimarẽ à sua vontade: & depois de feitos em cinza, se embarcaraõ a seu saluo, & se foraõ pera o Governador que chegou a Goa, & mandou ordenar húa armada grande, em que mandou Antonio de Mirãda pera o Malauar, de cujos capitaes não achamos nomes, somente Christo uão de Mello que ya em húa Galé, & Francisco de Mello em húa Galeota, & do que lhes aconteceo, adiante daremos rezão.

CAPITULO V.

*De como o Governador Lopo Vaz de São Payo foi auisado de húa armada de Cambaya que andaua fora, & de como a foi buscar, & pelejou com ella, & a desbaratou de todo.*



VENDO poucos dias q̃ o Governador era chegado a Goa, lhe veyo hum recado apressado de Francisco Pereira de Berredo capitão de Chaul, em que o auisaua, como

ficaua a armada de Cambaya, sobre aquelle porto, & que receaua o quizessem cometer, & que lhe podia acontecer hum desastre, pella pouca gente com que estaua. O Governador como tinha inda os Galeoës no mar, mandoulhes metter mantimentos & muniçoës, & negociar as Fustas que auia com muita breuidade: & começoũse a embarcar contra parecer de todos os fidalgos & capitaes: por dizerem que era discredito do estado ir a pessoa do Governador da India, buscar hum capitão d'elRey de Cambaya, o que podia fazer outro capitão com o mesmo poder que elle leuaua, & deixar se ficar em Goa por opiniaõ do estado: porque sempre se auia de cuidar, antre os imigos, que ficando elle, ficaua mais cabedal. O Governador por cima de todas as rezões se embarcou & se fez a vela entrada de Feuereiro, leuando cinco Galeoës, duas Galés, & quarenta & quatro nauios de remo. Os capitaes que foraõ n'esta jornada, nos Galeoës & Galés foraõ: Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Eitor da Sylueira, Simão de Mello, Anrique de Maçedo: & os capitaes das Fustas, adiante nomearemos os mais d'elles. Dando a vela, despedio Eitor da Sylueira com todos os nauios de remo, pera que fossẽ cingindo a ribeira, & elle cõ

os Galeões & Gales se forão mar. Chegando a Chaul não achou os inimigos, pello que despedio hum nauio ligeiro a espialos: & elle com toda a armada surgio a hum ilheo, que esta hũa legoa ao Norte d'aquella barra. Alixá capitão mór da armada de Cambaya, estava com toda ella (que eraõ sesenta & quatro Galeotas) metido no rio de Bombaim; & sabendo da armada do Governador despedio treze Fustas, pera que fossẽm auer vista d'ella. E o dia que o Governador surgio no ilheo, lhe apparecerão a balrauento, estando Eitor da Sylueira a terra com as Fustas surtas. Os inimigos depois de notarem tudo, chegarão se ao Governador a tiro de falcão, & lhe derão hũa boa salua. Eitor da Sylueira tanto que os vio, arrãcou donde estava apos elles, que como o virão se forão recolhẽdo. O Catur que o Governador tinha mandado a espial os inimigos, chegou o mesmo dia & lhe disse, como todos estauão metidos em hũa enceada na boca do rio Bóbaim, o que sabido pello Governador, chamou todos os fidalgos & capitães a conselho, & lhe disse, que lhe parecia bê fazerẽse na volta de Dyo, porque auia de estar fraca aquella fortaleza, & sem gente, por que toda andaua na armada, & que seria muito facil tomarẽna; & que os de dentro quando o vissent sobre aquella barra auião de cuidar, que

deixaua a sua armada desbaratada, & que sem duuida o naõ esperarião, & lhe largarião a fortaleza: & que depois se buscarião os inimigos. Antonio de Saldanha, & Garcia de Sá, que votaraõ primeiro, disserãõ que lhes não parecia bem aquillo, que muito melhor seria ir buscar aquella armada, & pelejar com ella, & que depois de desbaratada se poderia fazer o que elle dizia: mas que assi, vendo Alixá que desaparecia, cuidaria que lhe fogião, & cobraria animo, & voltaria sobre Chaul, que lhe seria taõ facil de tomar, como elle o fazia a Dyo, & que seria muito grande perda, & afronta; que se não podia sospeitar que estiuẽse Dyo taõ desaperebido, que se podesse tomar com a facilidade que dizia. E que taõbem lhes não parecia bem ir sua pessoa buscar as Fustas de Cambaya; que se deixasse ali ficar, & mandasse hum d'aquelles fidalgos a aquelle negocio, & que todos o acompanharião, & que isso bastaua pera os inimigos, & seria maior credito, & reputaçãõ dizerse, que hum capitão disbaratara tamanha armada, que não, que a pessoa do Governador se achãra nisso. Cõ este parecer se forão todos os mais capitães. O que visto pello Governador, deulhe a desconfiança de cuidar, que cada hum pretendia aquella honra pera si, & tomarlha a elle, & disse, que elle auia de ir  
pelejar

pelejar com os imigos, & que que o quisesse acompanhar o fizesse: & despedio dali Eitor da Sylueira, que fosse com as Fustas todas diante a porse na barra, & o Governador a sua vista hum pouco ao mar foi demandar o rio de Bombaim. Esta noite se viu húa cousa no ceo marauilhosa, que foi hum sinal branco & luzente, comprido, a feição de espada larga, que corria do Noroeste a Sueste, & ficava com a ponta pera a parte em que estava Dyo. Os mouros notaraõ isto a roim sinal. A estes cometas chamão os Gregos Xiphia, por que xiphos he o mesmo que espada: & os que escreuem d'estes cometas, dizem que são de cor luzente, & que acabaõ em ponta, como esta tinha, que era aquella que caya sobre Dyo. O Governador amanheceo sobre Bombaim, aos seis de Feuereiro, que foi ao outro dia logo, em que cayo dia de cinza, & ouueraõ vista da armada do imigo, que estava na ponta d'aquella barra. O Governador meteose em hum nauio ligeiro, & foi correr as nossas Fustas, & fez a todos húa muito breue fala, pôdolhes diante suas obrigações, facilitandolhes a vitoria, affirmandolhes que estava só no cometimento: que lhes mandava da parte d'elRey, que nenhum nauio tirasse bombardada so pena do caso maior ao tempo do come-

timento, por que se não estoruassem os marinheiros, que os aferrassem primeiro, & que ganhassem a quella honra a espada, porque asfiliaria a vitoria mais termoza, & ao primeiro que inuestisse nauio lhe prometeo cé cruzados, & o nauio, tirando artelharia, encomendãdo a dianteira a Eitor da Sylueira, que pos todos os seus nauios em ordem. O Governador receando que os imigos lhe fugissem pera o rio de Bandora, que estava diãte mealegoa, mādou a hum capitão, que tanto que a batalha se trauasse, fosse com oito nauios (que lhe nomeou, & a quem mandou recado) & tomasse a boca d'aquelle rio. Eitor da Sylueira escolheo os melhores nauios pera a dianteira, de que eraõ capitaes, Diogo Coelho, Gaspar Paes, Francisco Alvarez, João Rodriguez o Chatim, Pedralvarez de Mesquita, Antonio Correa, Lourenço Botelho, Christouão Lourêço Carracão, o Calafate de Chaul, Diogo Quaresma, d'Alcunha o Malu, Pero Barriga, Antonio Colaco, Christouão Correa, Jorge Diaz, & Antonio Fernandez: com este yão embarcados estes fidalgos, Christouão de Mello de são Payo, sobrinho do Governador, dom Francisco de Crasto, Iqaõ Pereira, Manoel Rodriguez Coutinho, Andre Casco, Frácisco de Barros de Paiua, Luis Coutinho, Duarte Coelho, João de Mello, Antonio Barbudo, João da

Sylueira, Manoel do Carualhal, Nuno Pereira, Lançarote D'alpoem. De todos os nauios de remo fez o Governador tres batalhas, & nas duas yão as duas Galés, & pera as Fustas se passaraõ todos os fidalgos, & capitaes da armada; & assi nesta ordem foraõ demandar o rio. Alixá vendo ir os nossos nauios os fayo a receber com grande determinação, & chegando a tiro de bombardas, deraõ sua salua sem os nossos fazerem caso d'ella; com choverem sobre todos os nauios, nuens de pelouros, & passando os nossos polo meyo de todos estes perigos, & bombardadas, os foraõ aferrar, dandolhes ao mesmo tempo a sua surriada, de quelhes mata raõ muitos, inuestindoos logo. E o primeiro que pos a proa em hũa Galeota muito fermosa, foi Antonio Fernandez, com quem yão em barcados os fidalgos, que acima nomeamos: onde se baldeou logo Francisco de Barros de Paua, que ya no esporaõ, & da pancada que a Fusta deu, tornou a recuar pera fora, ficando elle só dentro sobre apostica que era de apellação, onde se defendeo com muito valor de muitos que o cometeraõ. A Fusta tornou logo aferrar a Galeota, & os nossos trabalharaõ pola entrar, mas foilhes mūy bem defendida, ficando Francisco de Barros, em grande aperto, porque carregauão sobre elle muitos tiros & golpes, de que se defendia com muito tra

balho. Os nossos trabalhauão pelo soccorrer, comerendo a entrada sobre o que se fazia hũa muito aspera batalha. porque os inimigos erãõ muitos. Estando a cousa mūy baralhada, acertou de cair da meagauia da Galeota dos mouros hũa panella de poluora na mesma Galeota, do masto à popa, que quis Deos, desse em outras, que todas tomaraõ fogo, com que a Fusta arrebentou, deitando por esses ares, a todos quantos nella auia. Francisco de Barros quis sua ventura que caisse d'entro na nossa Fusta ferido de hũa zargunchada. Ficaraõ mais feridos João Pereira de hũa frechada no rosto, dom Francisco de Crasto de hũa pedrada na cabeça. Eitor da Sylueira que foi dos primeiros que abalroaraõ, trabalhou por chegar a Galeota do Alixá, mas por estar na retaguarda, aferrou em outra que logo axoreu & o mesmo fizeraõ os mais capitaes cada hum a sua, apertando tanto com os inimigos, que os fizeraõ lançar ao mar depois de mūy bem escalaurados. Alixá vendo o estrago dos seus, mudouse a hum nauio pequeno, & tomando o remo foisse acolhendo. Os mais da sua companhia vendo ir, trabalharaõ por se salvar: & seguindoos os nossos, os foraõ alcançando, & axorando, ficandolhes d'esta feita nas mãos, quarenta & seis Galeotas, em que se tomaraõ oitenta bõ bardas grossas, & outras miudas & das

& das outras foraõ queimadas tres. Das quinze que escaparaõ, recolheo Alixá sete, com que se foi pello rio d'entro, ate Tana, as outras se meteraõ pello rio de Nagotana, onde foraõ tomadas pella gente do Melique Rey de Chaul. Venço se esta batalha sem custar da nossa parte, mais que hum homem que cayo ao mar. Perderão se dos inimigos antre mortos & catiuos, oito centos homens brancos Turcos Rumes, & mais de duzentos bombardeiros, & da gente da terra, mais de dous mil. Foi cousa milagrosa, que o cometa com ser dia claro sempre appareceo no ceo ate aquella hora que se a batalha véceo, que se escondéo. O Governador Lopo Vaz de saõ Payo, deu muitas graças a Deos, por tamanha merce, & armou muitos caualeiros: & pondo em conselho dos capitães se voltaria pera Dyo, com tamanha vitoria, cuja fama auião de ter os inimigos, espantados, & atemorizados, foraõ muitos de parecer que si, mas Garcia de Sá, & Antonio de Saldanha foraõ do contrario, antes lhe requereraõ da parte d'el Rey que não roubassem a honra a Nuno da Cunha, que vinha só aquelle negocio, pedindo ao Secretario que lhe desse instrumento d'aquillo, & o Governador taõbê lhe pediu outro, de como quísera cometer aquella jornada, & que os seus capitães lha estrouaraõ. E certo que se entendeo que se vol-

tara a Dyo, tomara aquella fortaleza, segundo todos ficaraõ quebrantados, com a perda de tamanha armada, em que elles tinhaõ toda sua força & cabedal. Vendose o Governador contrariado, determinou de ir dar em Tana, & destruir aquella cidade, pera dar hum sacco grande a sua gente, por irem cheios de honra, & de proveito, & caminhando com todas as fustas pello rio d'entro, lá nos passos que saõ perigosos, deu em seco toda a armada, onde ficou aquella maré a risco de se perder, urabando todos a te lhes rebentar o sangue das mãos. A alguns capitães que ficaraõ em nado, deu selhes pouco do trabalho em que o Governador estava por que como esperauão por outro nouo, ja lhes não tinhaõ muito respeito. Como a mare tornou a encher, aluanta-raõ se os nauios do seco, & sayraõ se pera fora. O Governador por não experimentar outra desobediencia, & por ser ja fim do verão, determinou de se ir pera Goa, deixando Eitor da Sylueira com vinte & sete nauios de remo pera ficar na costa de Cambaya, fazendo toda a guerra que podesse, & elle se recolheo a Chaul, & da li a Goa.

CAPITVLO VI

*Da guerra que Eitor da Sylueira fez na costa de Cambaya; & de como destruyxo a cidade de Bacaim, & as villas de Tana, Bombaim, & outras: & do que o Governador Lopo Vaz de saõ Payo fez em Goa, & do que aconteceu no Malauar.*



ARTIDO o Governador Lopo Vaz de saõ Payo pera Goa, determinou Eitor da Sylueira, de ir

tomar hũa fortaleza afastada da agoa duas legoas por aquelle rio de Nagotana d'entro: em que estaua hum capitaõ d'elRey de Cãbaya, com seiscentos homens de caualo, & dous mil de pé, & indo demandala não pode chegar a ella, por que o esteiro que entraua a te la era baixo, & de pouca agoa, mas desembarcando onde pode chegar a armada, queimou seis pouaçõs muito grandès que auia n'aquella parte em que desembarcou. O capitaõ que estaua na fortaleza, soube de como os nossos andauão em terra, & acodindo cõ toda a gente que tinha, foi a tempo, que os nossos tinhaõ ja tudo feito, & se começauão a embarcar. Os de caualo que yão diante remeterão a elles, cõ grandes gritas, & apupadas, chamãdelhes nomes,

Eitor da Sylueira que ainda estaua em terra, foilhe forçado fazer rosto aos imigos, pera terem os seus tempo de se embarcarem: & tomãdo cem espingardas teue lhes o encontro, derribandolhes alguns, cõ que os fizeraõ parar. Hum soldado dos nossos, homem não conhecido, & sem nome, (a que muito deseiamos de o saber, pera lho dar mos muito honrado nesta historia,) adiantandose hum pouco cõ hũa lança & rodela, esperou hum mouro de caualo a pé, que des que vio nelle romper seu encontro, com a lança alta, o soldado correo a sua, & o tomou por debaixo do braço da lança, & passando o todo de u com elle no chaõ: & ainda não estaua bem n'elle, quando ja o soldado (que lhe leuou logo as redeas do caualo na mão) saltou em cima com muita ligeireza, & ar: & enrestando a lança, voltou a outro de caualo que remetia cõ elle, & o leuou pellos peitos, dando com elle de pernas acima, muito mal ferido, a que os nossos de raõ hũa grande apupada, & logo surriada da espingardaria. O soldado em derribando o mouro, remeteo ao caualo & o tomou, pellas redeas, & com muita confiança se vio recolhendo pera Eitor da Sylueira, caualgado em hum, & com outro a destro: & chegando a elle lhe pedio o armasse caualeiro, o que elle logo fez assi como estaua. Lou ue agora Liuiu o seu Marco Corvino,

uino, por matar hum Francès em defaſio, por cujo feito lhe mádou Oétaviano Auguſto alevantar eſtatua em meio de ſeus apoſentos. Engrandeça o ſeu Torquato pello colar que tomou a outro, que eu não farei mais que contar ſingelamente eſtes & outros feitos ſemelhantes, mais dinos de eſtatuas, que os dos ſeus Romanos. Mas o tépo que deixo de gaſtar em ſeus louvores, gaſtarei em eſtranhá-lo o deſcuido dos Reys neſta parte, que a eſtes raes, nem com eſtatuas, nem com paõ ſatizfizerão nunca ſeus feitos: pello que muitos, & muito valeroſos caualeiros, que obrarão façanhas dinas de memoria eterna, eſtão oje tão poſtos em eſquecimento, que a te os nomes ſe lhes não ſabem, como a eſte noſſo caualeiro, que por eſte feito não teue mor galardão, que em quanto Lopo Vaz governou depois d'iſto chamou-o ſeu caualeiro, & telo na igreja apar de ſi em pé: & depois que acabou, pode bẽ ſer que o acabaffe taõ bẽ a fome. ¶ E tornando a Eitor da Sylueira, com aquella boa ventura do ſoldado carregou ſobre os inimigos, & o fez afaſtar, & elle & todos, ſe embarcaram a ſeu ſaluo, & ſe tornaram a ſair do rio. Dali foram pella coſta acima, a te a cidade de Bacaim do reino de Cambaya, & chegando a quella barra, mandou Eitor da Sylueira ſondala, & reconhecer o ſitio da cidade por Chriſtouão Correa,

capitão de hum Bargantim, que ſoi entrando pello rio, & notou que antes de chegar a cidade, eſtaua hũa tranqueira de madeira de duas faças entulhada com tres baluartes grandes & fortes, em que auia ſeſenta peſſas de artelharía: & por hũa almadia que tomou ſoubestar Alixá capitão das Galeotas, que depois de deſbarata do, ſe recolheu àquella cidade, & a fortificou, com receio que o Governador foſſe dar nella: & ajuntou tres mil homens de pé, & quinhentos de cavallo que conſigo tinha. Informado Eitor da Sylueira, de tudo, poſ em parecer dos capitães ſe daria na tranqueira, em quanto o conſelho durou, os ſoldados da armada todos bradaram que deſſem na cidade, & conſeſe que ſe deſſe, & negoceando ſe pera de madrugada deſembarcarem, tanto que rompeo a alua, entraram os noſſos pello rio d'entro, & chegando a tranqueira, que eſtaua eſtendida de longo da praya, em que auiam de deſembarcar pera cometerem a cidade, puſeram os proizes em terra por meyo de muitas, & muy amiudadas bombardadas, que lhes a tiraram dos baluartes: & os primeiros que saltaram em terra, foram duzentos Canarins, que ficaram na armada de que era capitão Malu, mocadão mor dos marinhãos, que Eitor da Sylueira lançou diante pera quebrarem nelles, aquella primeira ſurriada dos

inimigos,

inimigos, que deu por antre elles sem lhes fazer dano. Eitor da Sylueira desembarcou muito a su vôtade, mandando diante hum capitão com hũa companhia pera cometer as tranqueiras, & elle com a bandeira de Christo, & toda a mais gête foi na retaguarda. Chegados os nossos a tranqueira, a cometeraõ com muito animo, achãdo os de dentro postos em defençaõ, antre quẽ se arrou hũa muito crespa briga, de que os de dentro ficaraõ de ventagem, porque de cima lançauãõ sobre os nossos toda a cousa que achauãõ, de paos, pedras, fogo, poluora, & todos os mais instrumentos mortaes; os nossos sem temerem cousa algũa destas as espingardadas fizeraõ afastar os mouros d'alguns lugares, com morte de alguns, com o que outros muitos ajudados huns dos outros caualgaraõ pellos lugares vazios a tranqueira, & de cima apelidaraõ Portugal, Portugal. Os mouros vendo os nossos em cima largaraõ tudo, & se recolheraõ a cidade, a te onde os nossos os seguirãõ entrando de volta com elles. Alixá não estaua na tranqueira, porque entendendo, que se os nossos desembarcassẽ a auiação de caualgar, foise por em fillada fora da cidade, porque quando os nossos a cometessẽ lhes laissẽ, & os desbaratassẽ. E assi foi, que indo os nossos no alcanse dos seus, a te a cidade, arrebentou da cillada

com a gente de caualo, & detras toda ade pẽ, & foi demandar os que entrauaõ na cidade. Eitor da Sylueira que estaua fora, vendo os inimigos tocou a recolher, & ordenou hum esquadraõ com toda espingardaria a roda, ajuntando todos assi, que logo voltaraõ tanto que sentiraõ os inimigos, & assi se pos com proposito de pelear com elles. Alixá cuidou que os nossos fugiaõ, vendoos recolher ao esquadraõ, & os foi seguindo a te chegar a Eitor da Sylueira, que os de caualo foraõ cometer cõ grande determinaçaõ, cuidando que rompessẽ o esquadraõ: os nossos desparando sua arcabuzaria, derribando muitos, fizeraõ voltar os mais: porque os caualos com o estrondo, espantados voltuaõ pera tras rompendo os seus de pẽ, que vinhaõ chegando, & assi huns & outros se desbarataraõ, deitando a fogir, & sem pararem na cidade se foraõ recolhendo huns pera a serra, outros pera outras partes. Os nossos naõ os quiseraõ seguir por estarem cansados, & mandandoos espiaõ, sabendo que desempararaõ a cidade, a entraraõ, & saquearaõ, roubando muita fazenda, ouro, & prata, porque estaua rica & prospera: & depois de se fartarem bem lhe puseraõ fogo em que toda ardeio. Eitor da Sylueira esteue sempre a porta, com a bandeira de Christo, & tocando a recolher foi se a tranqueira, & mandou embarcar

car toda a artilharia d'ella, & pose  
raõ fogo a tudo, que ardeo a te os  
aligeçes. No rio tomaraõ tres Tau  
rins carregados de madeira mÿy  
fermosa, que logo mandou pera  
Goa, que o Governador estimou  
pera o concerto das armadas. Os  
Tanadares vezinhos ficaraõ disto  
rão amedrõtados, q̃o de Taná má  
dou offerecer a Eitor da Sylueira  
quatro mil pardaos de pareas cada  
anno, q̃ lhe elle aceitou de que se  
fizeraõ papeis, que não appareçẽ,  
nem saõ necessarios: porque o di  
reito senhorio destas terras ficou  
depois melhor, pella doação, que  
o Soltão Badur Rey de Cambaya  
fez d'ellas aos Reys de Portugal,  
como adiante diremos. Eitor da  
Sylueira deu outra volta pella en  
ceada de Cambaya, & desembar  
cou em alguns lugares que destru  
io. & abrazou, & como foi tempo  
se recolheo a inuernar a Chaul.  
O Governador tanto que chegou  
a Goa, despachou Garcia Deça, pe  
ra ir entrar na capitania de Mala  
ca, mandando prouimentos pera  
Maluco: & pera Ormuz mandou  
tres Galeoẽs carregados de fazen  
da d'el Rey, de que eraõ capitaẽs  
dom Francisco Deça, Antonio de  
Lemos, & Lopo de Melquita. An  
tonio de Miranda sabẽdo no Ma  
lauar onde andaua que no rio de  
Chale, estaua hũa nao carregada  
de pimenta, entrou d'entro, & a to  
mou, & tirou pera fora, & a man  
dou a Cochim, & queimou aquel

la pouoaçaõ, & quatro Paraos que  
estauaõ varados, & tomou outros  
quatro que estauaõ no rio: & de  
pois d'este soccesso, andando corrẽ  
do a costa, socedeo andar Christo  
uão de Mello ao longo da terra cõ  
a sua Galé, & seis nauios mais, &  
Antonio de Miranda ao mar d'el  
le, não sabendo os mouros do ca  
pitão mor, & vendo aquella Galé  
& poucos nauios de longo da ter  
ra, armaraõ cincoenta Paraos, & o  
foraõ demandar. Christouão de  
Mello tanto que ouue vista d'elles,  
foise remando pera o mar, assi  
pellos afastar da terra, como pera  
chegar ao capitão mor. Os imigos  
cuidauão que lhes fogia, & foraõ  
no seguindo, a te auerem vista do  
capitão mor, que vendo aquella ar  
mada ir apos a nossa, como tinha  
obalraueõto, dãdo a vela descarre  
gou sobre elles, & o mesmo fez  
Christouão de Mello. Os imigos  
vendo o capitão mor ficaraõ em  
baraçados, & voltaraõ pera a ter  
ra: Christouão de Mello que lhes  
ficou mais perto, lhes chegou com  
seus nauios, & pondolhes as proas  
os foi axorando ficandolhes nas  
maõs, quatorze nauios, & os mais  
por ligeiros escaparaõ. Esta vito  
ria foi a derradeira deste veraõ, &  
Christouão de Mello se reco  
lheo a Goa, & Antonio de  
Miranda a Cochim.

CAPITVLO VII.

De como Christouão de Mendouça, capi-  
tão de Ormuz mādou Antonio Ten-  
reiro por terra ao reino, com as nouas  
das Gales, & da jornada que este  
homem fez pello deserto de Arabia,  
& de como chegou ao reino, & el  
Rey mandou Manoel de Maçedo a  
Ormuz a prender Rax Xarrafo.



**A** TRÁS temos  
dito, como Chris-  
touão de Mendou-  
ça foi entrar na  
capitania de Or-  
muz leuando em  
sua companhia Rax Xarrafo, que  
como era homem alterado, & so-  
berbo, tornou logo a vsar de sua  
natureza, & a se levantar contra  
el Rey, reuoluendo aquella cidade,  
& tyrannizándoa, pello que deixa-  
uão as Casilas de vir a ella, & a al-  
fandega a render menos. E porque  
no mesmo tempo em que chegou  
a Ormuz, socedeo o caso de Rax  
Soleimão, por que se desfez a arma-  
da, que era saida contra a India,  
pareçcolhe a Christouão de Men-  
douça obrigação auisar el Rey de  
tudo: e screuêdo lhe assi isto, como  
as cousas de Rax Xarrafo: & ele-  
geo pera esta jornada, hum Anto-  
nio Tenreiro, natural de Coim-  
bra, homem nobre, que ja fora cõ

Baltesar pessoa ao Xequê Ismael,  
donde tomou o caminho pera Je-  
rusalem, & foi prezo pellos Tur-  
cos, cuidando ser espia, & leuado  
ao Cairo, onde foi depois solto, &  
dali passou a Chipre: & por hum  
caso que lhe naquella ilha aconte-  
ceo, se tornou pera a India: & des-  
embarcando em Trypoli atraues-  
sou o deserto, & foi ter a Bassora,  
& day a Ormuz, onde auia pouco  
que era chegado desta jornada. Es-  
te homem sabia bem a lingua Tur-  
quesca, & Persica, & pello muito  
que importaua leuar-se recado a el  
Rey, aceitou a jornada, & a vinte  
d'este Setembro passado partio de  
Ormuz pera Bassorá, a te onde  
pos quarenta dias, por causa dos  
ventos que achou contrarios. Nes-  
ta cidade se deteu vinte dias, por  
que não achou ja a Casila que ya  
pera Damasco, & o Xequê que era  
nosso amigo o não queria deixar  
atrauessar o deserto só, nem dar-lhe  
pera isso guia: & foi tão importu-  
nado d'elle, que lha ouue de con-  
ceder. E comprando duas camelas  
de leite, hũa pera elle, outra pera o  
Piloto, prouendose de mantimen-  
tos, de tâmaras, biscouto, farinha,  
algũa carne de fumo, & odres de  
agoa; partiraõ entrada de Nouem-  
bro d'este anno de vinte & oito,  
depois de meia noite, porque não  
fosse visto. Caminhando o que  
restaua d'ella, ao outro dia se me-  
teraõ por aquelle espantoso deser-  
to por onde tudo o que alcança-

uaõ com os olhos, erãõ nuuês, & ferras de areas, soltas & mouodicas, que com qualquer vento eraõ leuadas d'hũa parte pera a outra, como fazem as ondas do mar cõ grandes tempestades: naõ encontrando por todo o caminho, senãõ vffos, tygres, leoês, lobos, & alimarias brauas, de que Deos sempre os guardou, gouernandose o Piloto pella estrella do Norte de noite, & de dia por algũas balifas que os caminhantes tinhãõ postas em paragens que os ventos as naõ podem sem arrancar; & assi caminhauãõ vinte & cinco legoas por dia, dormindo em cima das camelas, onde taõbem comiaõ, sem se desferem, assi por amor das alimarias brauas & feras, como por se não enterrarem, & sumirem n'aquelle mar de areas: dando a cada camella hũa quarta de farinha hũa vez ao dia, & algũa pouca de agoa, & cada quatro cinco dias, as fartauãõ d'ella em charcos que a paragens auia, em partes duras, & secas, em que as agoas do inuerno se recolhiãõ. E em certas paragens como estas se achãõ alarues, grandissimos ladroês, que viuem de saltar as Casilas. Ao derredor d'estes charcos se criãõ alguns cardos brauos de que as camelas comiaõ. Antonio Tenreiro foi cometido duas vezes das alimarias, de que Deos, & a ligeireza das camelas o liuraraõ. E hũa madrugada fogindo à redea solta de dous leoês, cor

rerãõ d'aquella feita duas legoas, ficando a camella de Antonio Tenreiro manca de hum pé, dum estrepe que se lhe meteo, & foilhe forçado detetse, deçerse, & tirarlho, & curalo como pode, & d'esta feita esteue tres dias se caminhar, no cabo d'elles tornaraõ a sua jornada, padecendo grandes fomes, sedes, & medos: & a cada oito dias achauãõ aquellas partes secas em que se refaziãõ de agoa ainda que roim, & em cada hũa d'ellas se detinhãõ hum dia, por dar folga as camellas. Em duas partes destas acharãõ dous castellos arruinados, onde ja se agafalharaõ Alarues; & a cabo de vinte & dous dias de caminho, chegaraõ a hũa pequena villa acastellada, cercada de muro & taipas grossas, & pouoada de Alarues, na entrada d'ella estaua hũa fermosa fonte, de que regauãõ suas sementeiras, & por derredor auia alguns palmares de tamaras. Aqui acharãõ hũa casila ja de caminho pera Damasco, em que se meteo Antonio Tenreiro, despedindo d'ali o piloto, tendolhe bẽ pago seu caminho. Este dia que partio a casila, foraõ dormir a outra fortaleza perto, & d'esta a quarta legoas sairaõ do deserto, & entraraõ pellas terras de Alepo, cidade grande de Suria, cercada de muros, prospera de tudo, pouoada de muitos & mûy ricos mercados, que alguns presumem que fosse edificada das reliquias da muito

antiga Hierapoly, de Alepio pre-  
 feito do Emperador Iuliano, &  
 que d'elle tomou o nome. Mas o  
 Bispo dom Ambrosio, penitencia-  
 rio que foi do Papa Iulio tercei-  
 ro, que veio à India por Turquia,  
 & Arabia, & esteue nesta cidade  
 de Goa, no conuento de são Do-  
 mingos, de cuja ordem era, ho-  
 mem douto nas letras diuinas, &  
 nas lingoas Chaldea, & Arabia,  
 disse que quando Deos liurara A-  
 brahaõ de Vr cidade dos Chal-  
 deos, fora ter a Alepo cidade ca-  
 beça de Suria: & como trazia mui-  
 tos gados, & era homem de gran-  
 de charidade, estando aqui apo-  
 sentado, daua cada dia aos po-  
 bres do leite de seus gados, & ti-  
 nhaõ ja esta ração por tão ordi-  
 naria, que acodiaõ pella menhá,  
 aos criados de Abrahaõ, & lhe  
 perguntauão, Ielep, que na lingua  
 Chaldea quer dizer, ordinastes  
 ja: E que daqui ficou este nome  
 a esta cidade: & que os mesmos  
 Arabios doutos de Alepo, que as-  
 si õ tinhaõ em suas escrituras, &  
 que sem duuida esta cidade fora  
 habitada & senhoreada de Abra-  
 haõ. Isto contaua elle aos padres  
 de são Domingos, de quem o nos  
 soubemos. Este Bispo morreo em  
 Cochim indo se embarcar pera o  
 reino, & segundo a nossa lem-  
 brança, em tempo do Conde do  
 Redondo. Aqui n'esta cidade se  
 deixou ficar Antonio Tenreiro,  
 pera esperar por hum Venezeano

chamado Miçer Ándreas, pera  
 quem leuaua cartas, & letras, pe-  
 ra lhe dar dinheiro, & auiamen-  
 to, pera passar a Europa: que era  
 ido a Constantinopla, & ficou es-  
 perando por elle: & taõbem por-  
 que o inuerno era grande, & de  
 grandes neues, esteue aqui trin-  
 ta dias, a te vir Miçer Andreas,  
 que o auiou, & se meteo em hũa  
 cafila que ya pera Tripuli de Su-  
 ria, onde se embarcou, & foi ter  
 a Chipre, & d'ali se passou a Ve-  
 neza, passando muito grandes tra-  
 balhos, & tormentas, & tomando  
 o caminho por terra, chegou a  
 Portugal pouco depois de ser par-  
 tido Nuno da Cunha pera a In-  
 dia. ElRey estimou muito as car-  
 tas de Christouaõ de Mendoça,  
 & as nouas das Gales serem desar-  
 madas: & por saber que por ter-  
 ra & em espaço de tres mezes, po-  
 dia ter recado de Ormuz, porque  
 não pos este homem no caminho  
 ordinario mais: que todo o outro  
 tempo, foraõ detenças, por impe-  
 dimentos que lhe socederaõ. Es-  
 ta viagem & chegada de Antonio  
 Tenreiro pos grande espanto no  
 reino, por ser o primeiro que a co-  
 meteo só com hum piloto. Soc-  
 deolhe no cabo de todos estes tra-  
 balhos, que o primeiro dia que  
 chegou ao reino, que esteue com  
 elRey a té bem de noite, dandolhe  
 nouas da India, saindo dos estaos  
 onde elRey poufaua, pera ir des-  
 cansar, indo vestido em hum al-  
 berno,

bernoz, que todo o caminho leuou; saltaraõ com elle no roçio, & lhe deraõ dezafete, ou dezoito cutiladas, & estocadas, de que o deixarão por morto, & foi dali leuado & curado. Soubeo logo el Rey, mandou ao seu Sururgião mor, que o curasse como sua pessoa, & que se inquiresse aquelle negocio, sobre que as justicias fizeraõ mûy grandes diligências, sem se alcançar cousa algũa, nem elle sospeitou nunca donde lhe aquillo podia vir. Viueo este homem depois; mas ficaraõlhe algũas fontes que lhe purgauão em que trazia canudos de prata. Aposentouse em Coimbra, onde casou, & viueo de tenças & comedias, que lhe el Rey deu. El Rey pollas nouas que teue das inquietações do Guazil, vio que lhe era necessario acodir as cousas de Ormuz primeiro que Rax Xarrafo acabasse de as danar: pera o que mandou ordenar hũa nao pera partir em Outubro, pera a India, porque determinou de mandar prender Rax Xarrafo, & leualo pera o reino: & este negocio encarregou a Manoel de Maçedo, que chegou da India nas naos da viagem, depois do Tenreiro chegar pello ter por homem determinado pera todo o negocio, & lhe deu por regimento que fosse tomar Ormuz, & como entrasse do estreito da Persia pera dentro abrisse humt regi-

mento que leuaua, & que fizesse o que lhe nelle mandaua, por que nem d'elle quis fiar aquelle negocio, por se não vir a romper. Esta pressa & segredo meteo em confusão Tristão da Cunha, pay de Nuno da Cunha, por que fez todas as diligências possiueis, por saber ao que ya Manoel de Maçedo, sem nunca o poder alcançar. Pello que escreueo hũa carta por elle ao filho, que continha estas palauras. Filho Nuno, la vay hum mancebo em hũa nao mûy apressado, por mandado d'el Rey, nunca pude saber ao que vay, deixalhe fazer tudo o que lhe el Rey manda, sem lhe ires a maõ a cousa algũa, manda pimenta, & deitate a dormir. Haste de saber, que Tristão da Cunha, a todos os seus filhos nomeaua pellos nomes & sobrenomes, & lhes falaua por vos: *Se* a Nuno da Cunha com ser o mais velho, veador da fazenda d'el Rey, do seu conselho, & Governador da India, nunca o nomeou se não por Nuno, & não lhe falou se não por tu. Manoel de Maçedo deu à vela em Outubro, & de sua viagem adiante daremos rezão.

Q 2 CAP.

CAPITULO VIII.

*Das cousas que acontecerão em Malaca a te chegar Garcia de Sá, & dos ardis de que o Achê usou com Pero de Faria, por ver se podia colher em seu porto algum nauio; & de outras cousas que mais passarão.*



O M a tomada da Galé de Simão de Sousa, como atras temos contado, ficou o Achem muito soberbo: & como era malíssimo, & falso, pareceolhe que podia a conta d'aquelles Portugueses, que tinha catiuos, colher n'aquelle porto algum nauio nosso, pera o tomar. Pera isso determinou de usar de ardis, & machas, com o capitão de Malaca; como logo diremos. Andaua elle n'este tempo em guerra com elRey Dariu, que era nosso amigo, & como esse tinha mandado a Malaca a pedir soccorro ao capitão, do que logo o Achem foi auisado, & receou que com o nosso soccorro lhe desse aquelle Rey grandes trabalhos: pelo que determinou de atalhar, & estoruar o soccorro que mandaua pedir. E tomando hum dos Portugueses catiuos da Galé de Simão de Sousa, chamado Antonio Caldeira, com outro companhei-

ro, & lhes deu hum Bantim, mandandolhes que fossem a Malaca, & dissesse da sua parte ao capitão, que elle desejava muito de ter com elle paz & amizade, & que pera principio d'ella lhe queria dar todos os catiuos Portugueses, & a Galé, com toda a sua artelharía, & a que tomara na fortaleza de Pacem, & ade húa nao nossa que dera a costa, & que bem podia má dar logo por tudo. Chegado este homem a Malaca (estando naquella cidade o Embaixador d'el Rey de Arù, com promettimentos da ajuda que pedia.) E dando recado ao capitão Pero de Faria, que o grangeou muito; parecendo-lhe que Deos lhe abria o caminho, pera auer aquellas cousas em que ganhaua mais que no soccorro d'elRey de Arù, que ja negoceaua, tendo cometida aquella jornada a Diogo de Macedo capitão mor do mar de Malaca, que estaua com toda a armada que tinha no mar, pello que determinou de a recolher, & fazer pazes com o Achem. Isto não pareceo bem a Martim Correa, que conhecia a maldade d'aquelle Rey: & disse a Pero de Faria, que tanto offerecimento parecia inuenção, que aquillo era mais espiar a fortaleza, que cometer pazes, & ver se daua soccorro ao Rey de Arù, pera o fazer sobre estar nelle: por que bem sabia elle a gran de causa que auia pera estarem escar-

escandalizados d'elles, pella toma da da Galé: & que forçado se auia de tratar de satisfação & vingança por todas as vias, que elle auia de temer, & arreçar, que a mor que por então se podia tomar d'elle, era dar-se ajuda a elRey de Arú, pera o poder desbaratar, & que entendessem que mouros não cometião nunca pazes, se não por interesse, ou necessidade, & que esta não tinha elle agora por parte dos Portugueses, mas que receaua tela se manasse armada contra elle ao Arú: & que tantas promessas juntas, sem ver ainda o flagello sobre si, era cousa que da ua bem a entender sua tenção. Estas rezoês parecêraõ bem a Pero de Faria, & disse a Antonio Caldeira perante o mesmo Martim Correa, o que lhe elle tinha dito, pedindolhe que lhe dissesse o que sospeitaua, & se se podia arreçar serem aquillo inuençoês do Achê? Antonio Caldeira lhe disse, que o que entendia eraõ tamanhos desejos no Achem de pazes, que sem duuida daria tudo o que tinha offerecido: & quanto a elle em nenhũa forma deixaria de se tornar pera elle, pella vontade que sentia pera com todos os Portugueses, & por que lho prometera, que lhe desse reposta, por que logo auia de voltar. Com esta confiança d'este homem ficou Pero de Faria mais crentê que o Achem lhe falaua verdade. Pello que determinou

de aceitar as pazes, por que desejaua de auer as mãos os Portugueses, & tanta artelharia como lhe offerecia, pello que o despachou logo, & escreueo ao Achem que aceitaua sua amizade, em nome d'elRey de Portugal, & que dali por diante o auia por amigo, & que como a esse o ajudaria em tudo o que lhe fosse necessario, & que logo mandaria pellos Portugueses, & mais cousas, & que não fauoreceria elRey de Arú, & que logo mandara recolher a armada que pera isso tinha prestes, & mandou com este homem hum casado de Malaca, que sabia a lingua Malaya, com procuraçoês bastantes pera assentar as pazes com o Achem, mandandolhe por elle algũas peças, & brincos. Estes homens foraõ tomar hũa ilha na costa do Achem, que era pouuada de mouros, que vendo os dous Portugueses sós os mataraõ. O Embaixador de Aru que estaua em Malaca, esperando pelo soccorro, despedio Pero de Faria com desculpas perá elRey, de lhe não mandar soccorro, por que pera auer aquellas Portugueses, & mais cousas que o Achem offerecia, lhe era assi necessario: mas que elle era seu amigo, & assi o mostraria em todas suas cousas que lhe comprisssem. Com esta reposta se foi o Embaixador descontente, & se embarcou sem se despedir de Pero de Faria, de que elle ficou hum

pouco pejado, porque desejava de poupar a amizade d'este Rey, porque era muito fiel amigo; pello que logo despedio Fernão de Morais, que ali estava por capitão de hum Galeão, pera se ir ver com aquelle Rey, & temperalo, & darlhe satisfações das causas, por que então o não ajudara contra o Achem. Fernão de Morais chegou ao porto de Aru, poucos dias depois do Embaixador, & como elRey estava tomado de Pero de Faria, mandou que nenhũa pessoa fosse abordo do Galeão. Fernão de Morais esteve quatro dias sem vir recado da terra, pello que entendeu que naçia aquillo do agravo d'elRey, & como era homem de muito animo; muito arriscado, contra o parecer de todos se meteo em hum Balaõ com alguns criados & foi a terra, & caminhou pera os passos, & entrando muito confiado aonde estava elRey, lhe fez sua cortesia: elRey vendo aquella confiança o agazalhou com bom rosto: Fernão de Morais lhe deu todas as satisfações que pode, & os respetos por que Pero de Faria o não ajudava por então contra o Achem, & que quanto as obrigações que lhe tinhaõ, essas lhe não podião negar, porque bem sabião, quão leal amigo fora sempre do estado. ElRey pareceo por então que ficava defaliuado com o que lhe elle disse, mas era ao con-

trario, por que o escandalo que d'então tinha, era tal, que determinou de prender a Fernão de Morais, & tomarlhe o Galeão, mas quis por então dissimular a te ver o que soçedia a sua armada, que auvia poucos dias era partida a Paçê, a buscar a do Achem: por que se viesse com vitoria, então faria o que determinava, & quando não, pella necessidade dissimularia: & por esta razão deteu Fernão de Morais oito dias, sem no Galeão se saber novas d'elle, & o tinhaõ ja por morto, & estiueraõ algũas vezes pera se irem pera Malaca. Passados estes dias chegou a armada d'elRey que teue có a do Achem hũa grande batalha, de que se apartaraõ sem vitoria de nenhum: esta armada trazia outro Portugues dos que estauão no Achem que o mesmo Rey tornava a mandar a Pero de Faria, porque lhe tardava o recado de Antonio Caldeira, & lhe mandava por este dizer, que mandasse logo buscar a Galè, & Portugueses, & artelharía, este Portugues foi tomado em hum Balaõ. Vendo elRey a armada sem vitoria, lançando suas contas, vio que lhe não vinha bem quebrar com os Portugueses, porque pella ventura os aueria ainda mister, ou ao menos por que se não juntassem com o Achem, pello que largou Fernão de Morais, & lhe deu o Portugues. Fernão de Morais chegou ao Galeão, onde achou todos def-

desconfiados d'elle, & fazendose a vela pera Malaca, deu conta a Pero de Faria, de tudo o que lhe succedeo. Os Reys ambos como eraõ mouros ouue pouco que fazer, em se concertarem fazendo pazes, com coçegas que ambos tinham hum do outro do fauor dos Portugueses. E como o Achem se vio desapressado, não quis mais nada de Pero de Faria, que sem duvida se acodira, com hũa armada àquelle negócio, ouueralhe de entregar tudo, ao menos a Galé, & os Portugueses, porque receara q̃ não o fazendo, se fosse ajuntar cõ elRey de Aru, & o destroissem. E assi se perdeu esta occasião, & os Portugueses morrerãõ em cruel catiueiro.

### CAPITULO IX.

*De como elRey do Achem, tomou por engano hum Galeão de que era capitão Manoel Pacheco, & de como foraõ descubertos hũs tratos que Sinaya de Raya (hely de Malaca) trazia com o do Achem, & de como foi morto.*

**N**ESTE tempo chegou Graçia de Sá, àquella fortaleza, & tomou posse d'ella, do que logo foi auisado o Achem, & ouue que com o capitão nouo faria melhor seu

negocio. E porque de ambos os recados que tinha mandado a Malaca, não tinha reposta algũa, né sabia o que se la tratava, mandou hũ homem seu àquella cidade em muito segredo a saber do Bandora Sinaya de Raya (com que tinha intelligencias secretas) o que se la praticava sobre as offertas que mandara fazer, & que gente aueria na fortaleza, porque desejava de a tomar. Este homem se vio com Bandora, que lhe deu conta de tudo o que Pero de Faria passara com Antonio Caldeira, & como seguro em sua amizade mandava fazer pazes, & buscar os Portugueses, & que sempre segunda-ra, se não chegara Garçia de Sá. Com este recado despedio o Achem logo hum Embaixador a pedir pazes, & chegado àquella fortaleza, desembarcou em cima de hum elefante com grande acompanhamento que trazia, & foi correndo a cidade de fora, com hum prato de ouro nas mãos em que leuava a carta, que o Achem escreuia ao capitão, & diante d'elle ya hum homem, como Rey d'armas que ao som de algũs estromentos ya gritando, & publicando alto, que elRey do Achem mandava cometer pazes, & amizades aos Portugueses. (Esta ordem guardava em todas as que cometia,) & assi foi leuado ao capitão, que o recebeu com aparato. Elle lhe deu sua embaixada, cuja

cuja conclusão foi desculparse do que fora feito a Simão de Sousa na sua barra pellos seus sem o elle saber, & que estava prestes pera emendar aquelle agrauo, assi em castigar os culpados, como em restituir a Gale, Portugueses, & arrelhariã: & que lhe pedia correspondem em amizade, & commercio; & que seguramente podião os Portugueses ir & vir a seu porto, comprar & vender, sem receberem agrauo algum. Garcia de Sá ouuiu tudo muito bem, não lhe parecendo que podesse auer tamanho fingimento & maldade, em homem que tinha titulo de Rey, cuja obrigação era, guardar verdade & justiça. E azeitandolhe as offeras negocioou hum casado, que mandou em companhia do Embaixador, com procurações & apontamentos, pera concluir as pazés com o Achem. Chegados à quella cidade, foi o nosso recebido d'elRey com muitas honras, dandolhe peças a elle, & a todos os que cõ elle yão. E praticando nas pazés lhe concedeo tudo o que leuaua por apontamentos, como que se não queria desconcertar no preço, pera ver se podia effectuar seus concettos. Assentadas as pazés, mandouas pregoar por toda a cidade, com grandes solennidades. Feito tudo isto despedio o nosso Embaixador, com mostras d'amor, & amidade. E embarcado na barra, de noite foi saltado &

morto, elle & todos, & o Balaõ sumido por mandado d'elRey, em tanto segredo, que nunca se soube, & Garcia de Sá presumio que se perderiaõ no mar. O Achem foi logo auisado de tudo por Sinaya de Raya, que lhe mandou dizer, que nada sospeitauão, antes o capitão estava muito satisfeito das honras que elle fizera ao seu Embaixador, com o que o Achem despedio logo outro Embaixador a Garcia de Sá com o pezame do desaparecimento do seu, que lhe pedia mandasse confirmar as pazés, por algum homem honrado, ja que o outro se perdera com os papeis, & capitulos d'ellas. Garcia de Sá enganado com estas mostras, mandou fazer prestes hum Galeão, & Manoel Pacheco pera ir n'elle, auisando alguns da maldade d'aquelle mouro, que elle nunca cuidou, que ouuesse tanta em nenhum peito humano, como ouue n'este. Negoceado Manoel Pacheco, embarcaraõse com elle mais de oitenta Portugueses mercadores com muitas fazendas, pello proveito que esperauão d'aquelle nouo commercio. Sinaya de Raya, auisou logo ao Achem aconselhandolhe que tomasse o Galeão, por que depois seria facil ir tomar aquella fortaleza, pella pouca gente com que ficaua, por que amor parte della ya nelle. Manoel Pacheco foi tomar a barra do Achem, & andando aos bordos

bordos lhe fairsão muitas Lancharas, poucas, & poucas que o forão demandar, como que yão de paz; & assi carregaraõ tantas que pareceo mal a alguns, que disse- raõ a Manoel Pacheco, que bom seria precatarêse, & armarêse, que aquillo era algũa manha do Achem. Ia no Galeão auia alguns Achens, & derredor d'elle muitas Lancharas, que vendo a confian- ça dos Portugueses arremessaraõ- se dentro, & remeteraõ com el- les, & primeiro que tomassem ar- mas foi morto Manoel Pacheco, & os mais d'elles: & todos os ou- tros forão tomados as mãos, sem escarpar hum só. O Galeão foi leuado d'entro, & entregues os Portugueses a elRey, que logo os fez matar a todos, & aos que la ti- nha, & com isto mandou dizer a Garçia de Sá, que lhe agradecia muito o Galeão que lhe mandara, que lhe não faltava mais que hũ Bargantim que la tinha, que lhe rogava lho mandasse, se não que çedo o iria tomar. Garçia de Sá vendo tamanho engano & malda de ficou pasmado, & parecia que queria arrebentar de pezar, do que lhe tinha aconteçido. Sinaya de Raya, mandou dizer ao Achem que mandasse hũa armada, que elle compriria a palavra que lhe tinha dado, de lhe entregar aquel- la fortaleza, o que o Achem fez, mandando setenta Lancharas com tres mil homens, que forão

dar vista a Malaca. Garçia de Sá, com essa pouca gente que tinha se fechou na fortaleza, tendo gran- de guarda, & vigia nella. Os Achens andaraõ por aquella costa, aguardando recado de Sinaya de Raya: & permitio Deos pera e- uitar tamanho mal, que saissem hum dia em terra, & se pufessem ao longo de hum tanque, que cha- mão d'elRey, a comerem, & bebe- ré os Achens cõ os Malayos, de Si- naya de Raya, & foi o bāquete de feiçaõ que ficaraõ os Achens be- bados, & contaraõ aos Malayos, todos os tratos que seu amo tra- zia com o seu Rey. & de como ti- nha ordenado hum domingo (es- tando o capitaõ com todos os ho- mens na igreja) ter leuado hum camello que estava de frente da porta principal, & borneado pe- ra d'entro, & darlhe fogo, com que matasse todos, & abrirlhes as portas da fortaleza. E assi lhe contaraõ da morte do Embaixa- dor, & de Manoel Pacheco Reco- lhidos daqui, inspirou Deos no coração de hum Malayo d'aquel- les, que se fosse logo a fortaleza, & contou ao capitaõ tudo o que ou- uira, de que Garçia de Sá ficou sob- resaltado, & escondendo o Mala- yo, mandou chamar Sinaya de Raya, que logo foi com hum en- teado seu chamado Tuão Mafa- mede, & recebendoos bem reco- lheose com Sinaya pera cima onde tinha homens que o tomarão, & deraõ

deraõ com elle d'hũa janela em baixo, onde se fez em pedaços, por que cayo de altura de cinco sobrados. E vindo pera baixo, disse a Tuão Mafamede o que fizera, & o porque: ao que lhe elle respondeo, que se tal era que fizera muito bem. Garcia de Sa o seguiu, & lhe disse, que seruisse el Rey de Portugal, que elle lhe fariã muitas honras & merces, & que se recolhesse, & quietasse, mandandoo acompanhar a te sua ca-

sa; & fez merce ao Malayo que lhe descobrio a traiçaõ, que teue em segredo, sem se saber que veyo d'elle. Logo correo a noua da morte de Sinaya, pello que os Achens se recolheraõ, & o seu Rey ficou mûy magoado do soçello. Tuão Mafamede assombrado do que vira logo desapareço com molher & filhos, & se passou a Viantana, onde estaua o Rey que Pero Mascarenhas desbaratou em Bintaõ.

LIVRO VI DA QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

*Do que aconteceu ao Governador Nuno da Cunha, depois que partio da ilha de são Lourenço, a te chegar a Mombaça.*



ARTIDO

Nuno da Cunha como a tras disse mos, có a outra nao da ilha de são Loureço por dentro, sendo na altura da ilha Zã zibar, sentiraõ terra indo nauegado de noite, pello q surgiraõ logo. E tanto que amanheceo viraõse cercados de ilhas, & restingas, sem

poderem entender por onde ali entraraõ, nem verem por onde podião sair: por q de todas as partes rebentava o mar em flor; & certo que foi cousa milagrosa naõ se perderem, por que o boqueiraõ por onde ambas as naos entraraõ era taõ estreito, que quasi se naõ enxergaua. Nuno da Cunha mandou Manoel Machado seu capitão da guarda no esquife com alguns companheiros, pera irem a terra ver se podião tomar algũa pessoa que lhes desse rezão donde estauão, & se saberia tirar d'ali as naos; porque os Pilotos estauão pasmados, & areados. Manoel Machado chegando a terra vio hũa

húa pouoação ao longo da agoa, & querendo desembarcar, acodi-  
raõ os negros com frechas & paos  
rostandos, & carregando nos nos-  
sos os fizeraõ embarcar com mor-  
te de hum grumete, & dous feri-  
dos. O Governador ficou enfada-  
do, & mandou seu irmão Pero  
Vaz da Cunha com algũa gente  
d'armas pera dar na aldeia, indo  
com elle vinte & cinco compa-  
nheiros todos fidalgos, & caualei-  
ros: & chegados a pouoação lhe  
fugiraõ os negros pera o sertão, &  
os nossos entraraõ n'ella sem acha-  
rem pessoa viua: de que Pero Vaz  
agastado disse aos companheiros,  
que bem vião os riscos em que es-  
tauão aquellas naos, & que se não  
ouuesse algũa pessoa da terra as  
maõs, pera os tirar d'ali, que perece-  
rião todos. Que era de parecer fi-  
casseim ali algũs companheiros em-  
brenhados, por que como fosse noi-  
te forçado se auiaõ os negros de tor-  
nar pera a pouoação, & que entãõ  
se poderia tomar algum desman-  
dado, & que como fosse noite elle  
tornaria cõ o batel a praya, pera  
os recolher & favorecer, porque  
nisto ganhauão muita hõra, & cor-  
rião pouco risco: & ainda que cor-  
ressem muito, em que negocio se  
podia arriscar a vida melhor que  
n'aquelle? A isto se lhe offereceraõ  
dous mancebos fidalgos, irmãos, fi-  
lhos do Abade de Pombeiro Ioaõ  
de Mello, chamados Diogo de Mel-  
lo, & Tristaõ de Mello: o que Pero

Vaz da Cunha eslimou muito, por  
ver nelles o animo tãõ que se lhe of-  
fereçeraõ, & ouue que farião tudo  
muito bẽ feito, louuandoos, & en-  
grandecendoos cõ palauras muiy  
honradas, & lhes disse, que tanto  
que fosse noite (por que era isto  
ja sobre a tarde.) elle se viria por  
no mesmo lugar com o batel, pera  
os recolher, & assi se deixaraõ fi-  
car. Estes fidalgos, & hũ criado seu  
chamado Ioaõ Rodriguez, cõ espa-  
das & rodellas se embrenharaõ  
ali, perto da pouoação, & o batel  
se tornou pera a nao: & tanto que  
anoiteceo voltou logo pera a terra,  
& se pos no mesmo lugar, prestes  
pera recolher os nossos. Os negros  
tanto que viraõ recolher o batel,  
& que anoitecia, tornaraõse pera  
a pouoação. Os nossos que esta-  
uão embrenhados, sentindo que  
ja vinha gente pera a pouoação fi-  
zeraõse prestes, & quis Deos que  
viessse dar com elles hum mouro ve-  
lho, a quem arremetendo Diogo  
de Mello o leuou nos braços, tapã-  
dolhe logo a boca pera que não  
gritasse, & assi nos ares foi leuado  
a praya, & embarcado no batel q̃  
estaua muito prestes. E tomando  
o remo na mão se foraõ caminho  
da nao, & apresentaraõ o mouro a  
Nuno da Cunha q̃ lhe mãdou di-  
zer que não ouuesse medo, que  
não queria saber mais d'elle se  
não, se auia remedio pera tirarem  
d'ali aquellas naos. O mouro lhe  
mandou dizer, que sua dita fora  
muito

muito grande em o tomarem, por que elle só em toda aquella costa lhe podia ser bom n'aquelle trabalho, porque era o Piloto milhor, & mais antigo que todos d'ella. Nuno da Cunha recebeo aquillo como merce da mão de Deos; & sabendo como Diogo de Mello o tomará, o abraçou muitas vezes, dizendolhe tantas palauras, & de tantos lououres, que causaraõ enueja a todos os da nao, prometendolhe satisfação d'aquelle seruiço que fizera a elRey, que fora muy grande. Nuno da Cunha fez muitos mimos ao Piloto, & o mandou agasalhar, tendo vigia n'elle, que não se acolheffe de noite; & ao outro dia tirou as naos fora d'aquelles baixos, por hũ canal taõ estreito que era medo velo, & as leuou a ancorar na barra de Zanzibar. O Governador lhe mandou pagar muito bem, & darlhe muitas peças, com que ficou taõ satisfeito, que se offereceo leualo a te Mombaca, aonde se assentou que fosse inuernar, porque ja não podião passar a India. Em Zamzibar este ue Nuno da Cunha alguns dias tomando refresco, & por ter nas naos duzentos doêtes, os mandou desembarcar em terra, pera se ficarem curando ali, deixandolhes todos os prouimentos necessarios, & por capitaõ d'elles hum fidalgo chamado Alcixos de Sousa Chichorro, que com muito gosto por seruiço de Deos & d'elRey quis

ficar com elles. Dali se partio o Governador pera Melinde onde se vio com elRey, de quẽ foi muito bem recebido & agasalhado. A qui neste porto estaua Diogo Botelho Pereira capitaõ de hũa nao que tinha partido do reino por mandado d'elRey dom Ioaõ, em busca da gente da nao de dô Luis de Meneses irmão do Governador dom Duarte de Meneses, que desapareceo indo pera Portugal, & se presume deã a costa na paragem do cabodas correntes, ou por aquella costa toda, & que a gente toda estaua em terra, por que em Portugal differaõ algũas naos, que por aquella paragem lhes fizeraõ dencite fogos em cruces, que parecia de gente Portuguesa que se por ali perdera: auendo que não seria outra se não a da nao de dô Luis de Meneses, de que Diogo Botelho não achou sinaes, nem nouas algũas. D'elle soube o Governador o successo da sua viagem. Daqui de Melinde mandou recado a elRey de Mombaca, a pedirlhe licença pera ir inuernar no seu porto, por que em Melinde não podia ser por que era costa braua, & no inuerno perigosa, elRey de Mombaca como era mouro desconfiado, pareceolhe que aquillo era inuençaõ do Governador, para lhe tomar sua cidade, & mandouelhe escusar: de que o Governador se tomou muito, & assentou de o castigar, pois o não queria agasalhar,

por que taõbẽ não podião as naos inuerner em outro porto, se não naquelle. Desta determinação deu cõta aos fidalgos, & a elRey de Melinde, que lhe pera isso offereceo oitocentos mouros: & fazendo o Governador a lardo da gente que tinha, achou oitocentos homens, com os da nao de Diogo Botelho Pereira, gente mûy limpa, & mûy lustroza. E mandando elRey de Melinde negociar hũa naueta sua, pera nella, & na nao de Diogo Botelho Pereira se embarcarẽ os oitocentos mouros. E despedindose o Governador d'elRey, se fez à vela pera Mombaca, a onde chegou ao outro dia pella menham, & surgiõ da banda de fora.

## CAPITULO II.

*Decomo Nuno da Cunha, tomou a cidade de Mombaca, & das cousas que lhe acontecerão em quanto esteve nella.*



DEPOIS do Governador Nuno da Cunha estar surto em Mombaca da banda de fora, mandou sondar a barra por seu irmão Pero Vaz da Cunha, que o foi fazer em hum batel com alguns fidalgos, que o acompanharaõ, & foi entrãdo no canal, onde acharaõ a agea bastante pera as naos. Na entrada

da barra no mais estreito viraõ hum baluarte de pedra, que tinha oito bombardas, com que a tiraraõ ao batel, sem lhe fazerem nojo, & passaraõ auante a te de frente da cidade, onde acharaõ melhor surgidouro. Ali lançaraõ ferro & fizeraõ sinal a Nuno da Cunha, que tanto que a viração ventou, mandou dar a vela, & entrando pella barra foi surgir a onde o batel estava, tirandoihes do baluarte muitas bombardadas, sem o Governador querer que lhe tirassem algũa, por lhes dar a entender que queria amidades, & esperou aquelle dia & noite, por ver se mandaua elRey ter com elle algum comprimento, por que desejava de inuerner ali de paz. O Rey de Mombaca auendo conselho cõ os seus, assentou de se não fiar dos nossos, & de lhes despejar a cidade, porque depois de passado o inuerno a y lhe tornaua a ficar: & assi o fez logo de toda a fazêda, molheres, & mininos, que mandou levar day a hũa legoa, ficando nella só a gête que podia pelejar. Nuno da Cunha vendo que lhe não vinha recado, determinou de desembarcar em terra, & mandou a seu irmão Pero Vaz da Cunha de noite, a reconhecer o sitio da cidade, & onde auia melhor desembarcação. Pero Vaz da Cunha se foi no batel com alguns Portugueses, & chegouse bem a praya, que foi costeando & notãdo mûy bê

seu sítio. E como os mouros tinham grandes vigias, foi logo sentido, & lhe a tiratão frechadas, de que lhe feritão alguns companheiros. Pero Vaz depois de notar muy bem tudo, tornou-se pera a nao, & deu conta a Nuno da Cunha do que viu, affirmandolhe, que toda a face da cidade era hũa praya em que se podia desembarcar, mas com a agoa pella cinta. E estando se se determinarem na desembarcação, veyo da cidade hum mouro fogindo a nado pera a armada, que foi tomado por hum batel, & levado ao Governador, que o recebeu bem, por que esperava de se informar d'elle de tudo o que avia na cidade; & dando-lhe conta do que se tratava; lhe disse o mouro, que era muyto perigoso o desembarcar na praya, por que pella detença que a gente faria em chegar a terra, se arriscava a serem todos mortos as frechadas, de que elles se não poderiam guardar: porque avião de ir metidos pella agoa, & enuazados, pera se não servirem da espingardaria mas que era de parecer, que desembarcassẽ abaixo da cidade, junto de hũa mesquita em hũ lugar que elle amostraria, onde os baceis podião sem trabalho por as proas em terra, por ser alcantilada. E disse mais, que na cidade avia mais de tres mil homens de peleja, & que não tinha mais que hũa estancia fora de hũa das por-

tas com cinco bombardas de ferro: & que o bombardeiro era hum Portuguez arrengado, & que entre todos era tamanho o medo, que lhes parecia que em os Portuguezes pondo o pè em terra, avião de desemparrar tudo. Com isto resumiose Nuno da Cunha em desembarcar na parte em que o mouro dizia, mandando agasalhar muy bem, & ter a bom reçado, pera lhes servir de guia, & ordenou que fosse ao outro dia, dando a diã teira a Pero Vaz da Cunha seu irmão, com seis centos Portuguezes, em que entravao duzentos espingardeiros, de que era capitão Fernão Coutinho (que depois foi a Portugal por terra & fes em Lisboa a quinta que esta junto a igreja dos Anjos) com quem avião de ir mais trezêtos mouros de Melinde. Passaraõse pera Pero Vaz da Cunha, Manoel de Albuquerque, que ya na nao com o Governador, Diogo de Mello, & João de Mello. Nuno da Cunha, & dom Fernando de Lima, & Diogo Botelho Pereira, com toda a mais gente na retguarda. E pondo as cousas necessarias em ordẽ, ao outro dia tanto que foi manhã metidos nos bateis, & nos esquifes, & em algũas embarcações pequenas dos mouros, foraõ demãdar o lugar da Mesquita, onde o mouro de Melinde os guiou: & pôdo as proas em terra saltarãõ os nostros nella, sem acharẽ resistencia, & a som de tambo-

tambores & pifaros, & as bandeiras desenroladas, forão marchando em muito boa ordem pera a cidade pella parte onde estaua a estancia com artilharia, cujo bombardeiro (que como dissemos era Portuguez) disparou algũs tiros, que não fizeraõ nojo algũ nos nossos, & logo largou a estancia cõ todos os mouros que n'ella estauão, & se recolheraõ a cidade onde estaua elRey: que vêdo a determinação dos nossos a alargou de todo, recolhendose pera o Sertão. Os da dianteira entraraõ nella sem acharem resistêcia algũa. Nuno da Cunha tanto que se vio na cidade, por que era muito grande, mādou cortar muita parte d'ella, & fazer logo tranqueiras, valos, & cauas, em q̃pos capitaes com soldados, de modo que ficaraõ em hũa parte d'ella muito seguros. O Governador a posentouse nos paços d'elRey, fortificados, & postas guardas, comecaõ a buscar as casas, & cauar chaõs, aonde se achou muito dinheiro, de que alguns ficaraõ muy ricos. O Governador mandou dõ Rodrigo de Lima, irmão de dom Fernando de Lima, com alguns cem Portuguezes que fosse tomar o baluarte da barra, que foi cometido & entrado, & mortos os mais dos mouros a espada, & todos os outros catiuos, ficando alguns dos nossos feridos, em que entrou dõ Rodrigo de Lima de hũa frechada cruada, de que morreo day a

algũs dias, & a artilharia foi tomada. Feito isto por ser ja fim de Dezembro, despedio o Governador pera Portugal o nauio de Diogo Botelho Pereira, por quem escreueo a elRey todas as cousas acontecidas a te entãõ: com quem se embarcaraõ alguns homens que acharaõ muito ouro, dinheiro, & ambar, no sacco da cidade. Diogo Botelho Pereira chegou a Portugal a saluamento no lunho seguinte, de quem elRey soube as nouas da India, & da jornada de Nuno da Cunha. Os de Mombaca estauão fortificados mealegoada da cidade, donde todos os dias vinhaõ correr aos nossos, de dia, & de noite, com quem tinhaõ algũas brigas muy açezas, por que se vieraõ a desauergemhar tanto, que etrauãõ pella cidade, & cometiãõ os nossos em suas estancias, taõ continuos, que os traziãõ desueldos, & quebrantados. E hũa vez lhes sayo dom Fernando de Lima com tanta pressa, que não pode tomar hum capacete, & remetendo com os mouros lhe deraõ hũa frechada na testa, aque elle disse alto, amores de minha mulher: & apertando com os mouros os fes fugir. O Governador estaua afrontado com os continuos rebates dos mouros, & porq̃ não sabia o modo de como estauãõ fortificados, né quantos eraõ pera mandar n'elles, dissimulaua, desejando em estremo de tomar algũa lingoa

pera se informár da verdade, o que entomendou a Diogo de Mello (pella confiança que delle ficou tendo do soçello passado de Zanzibar) que lhe prometéo que elle lha traria, & offereçese pera ir com elle Christouão de Mello, & dous homens de sua obrigação. E de noite se fairo da cidade com armas ligeiras, & se forão lançar em Silada perto do Afrayal dos mouros. Ali forão dar com elles alguns aquent os nossos fairo, & Diogo de Mello se liou com hum, que deu tamanhos brados, que forão unidos no seu Arrayal, donde ouue grande aluorço. Diogo de Mello quisera lançar o mouro as costas, mas era tamanho, & tão gordo, que quasi o não podia suspender, nem com os outros o ajudarem. E porquẽ d'ali a cidade era mea legoa, & elles sentiraõ os mouros que acodiaõ, matou Diogo de Mello o mouro, & lhe cortou hum braço, com que se recolheraõ, pera testemunha do que fizeraõ, & a mea noite chegaraõ a cidade, & por acharem Nuno da Cunha dormindo, deu Diogo de Mello o braço do mouro ao seu camareiro, pera que lho desse pella menhá, & se recolheo como se não fizera cousa algũa. Tanto que amanheceo, o Camareiro em acordando o Governador lhe deu conta do que passaua, & lhe mostrou o braço. O Governador mandou chamar Diogo de Mello, & abra

çou com palavras mûy honradas, mas elle mostrando estar magoadado do pouço que fizera, se lhe offereçeo pera ir tomar outra espia, de que não ouue neçesidade, por que os mouros ficaraõ d'aquelle soçello tão escaldados, que nunca mais tornaraõ a inquietar os nosos, & assi ficaraõ quietos. Mas comecaõ a adoçer muitos, por ser a terra mûy doentia. E em quanto ali estiueraõ, que foi a te fim de Março, morrerã trezentos & setenta Portugueses, em que entrou Pero Vaz da Cunha, que o Governador sentio muito, por ser fidalgo de muitas partes & calidades, pollo que (alem de irmão) o amaua muito, & era bem quisto de todos. Foi este fidalgo casado com dona Britiz filha de Andre de Sousa senhor de Miranda, & Alcaide mor de Arronches, de quem ouue Andre da Cunha, & Ieronimo da Cunha. & ella por morte de seu marido se meteo freira na Madre de Deos de Lixboa.

CAPITULO III.

Decomo o Governador Nuno da Cunha foi a Ormuz, & de como Manoel de Macedo chegou aquella fortaleza, & prendeo Rax Xarraso, & de como se aleuantou o Guazil de Barem, & de como Nuno da Cunha mandou contra elle, seu irmão Simão da Cunha.



**A**NTO que começaram a ventar os ponentes, que de ordinario entraõ de quinze de Março por

diante, os capitães das naos do reino, Simão da Cunha, dom Francisco Deça, Francisco de Mendoga, que estauão em Mossambique, vêdo que Nuno da Cunha não era chegado, auendo seu conselho assentaraõ de iré pella costa de Mehinde adiante a te Mombaca, a ver se auia nouas d'elle, & quando não, passarem a India. E assi se embarcarão com quatrocentos homens menos, que lhes ali morreraõ de enfermidades. E dando à vela forraõ por fim do mes de Março tomar Mombaca, a onde acharaõ o Governador, que todos festejaraõ muito, & sorgiraõ da banda de fora, indo com elles Aleixos de Sousa, que em Zanzibar se embarcou com os que escaparaõ. O Governador estimou muito sua vinda, & os mandou meter pera d'entro, & recebeu o irmão, & todos os mais fidalgos com grande alegria, porq̃ os tinha por perdidos, & recebeu q̃ o fosse a Antonio de Saldanha, & Garcia de Sâ, de quem nenhũa pessoa daua nouas. E sentio muito a perdição da nao de Afonso Vaz Zambujo, & de Bernardim da Sylueira de que ja em Mossambique se sabia. E tomando cõselho com os Pilotos, se poderia ainda passar a

inuernar à India, assentaraõ todos que era muito tarde. Pello q̃ ouue por melhor ir esperar a Ormuz à moução, que era é Setebro por lhe não acabar de morrer ali toda a gente, por ser a terra muito doctia. E fazendose prestes pera se embarcar, chegou o nauio de Bastião Freire, (que como dissemos o Governador Lopo Vaz de saõ Payo despedio de Cochim, pera ir por toda aquella costa saber nouas de Nuno da Cunha,) que elle recebeu muy bé, & vio as cartas q̃ lhe leuaua de Lopo Vaz de saõ Payo, por onde soube o estado das cousas da India. E porq̃ o nauio era pequeno, o despedio logo cõ outras pera Lopo Vaz, em q̃ lhe daua cõta de sua jornada, & lhe pedia, lhe tiuesse toda a armada prestes, porq̃ lhe era necessário embarcar se logo. Este nauio chegou a Goa ja em Mayo, & Bastião Freire deu as cartas a Lopo Vaz, q̃ em estremo festejou as nouas de Nuno da Cunha, porq̃ andaua ja entre os mouros hũ aluoroço grande, pello auerem por perdido. E logo mandou dar grãde auiamêto a armada. O Governador Nuno da Cunha tanto que despedio Bastião Freire, deu a vela pera Ormuz, & com vento prospero chegou a Mascate onde deixou os doentes que eraõ muitos, & cõ a nao de Simão da Cunha, em q̃ elle ya, & a de dô Fernãdo Deça, passou a Ormuz, deixando ali os mais nauios, & em poucos

diã chegou àquella fortaleza, onde foi muy bem recebido de Chrisrouão de Mendouça, Rey & Guazil, & se aposentou na fortaleza, onde começou a correr cõ as cousas d'entre o Rey & Xarrafo, que estauão differetes, apaziguãdoas, & mandando tirar de uassas em segredo, porque determinaua de castigar quem tiuesse culpa. E assi o deixaremõs agora, por cõtinuarmos com Manoel de Macedo que deixamos par tido do reino: que se guindo de sua derrota, sem achar cõtrahe algum, embocou o estreito da Perha, & tomou agoada de Tui, a que comummente chamamos de Teiue, vinte & duas legoas do cabo Rosalgate pera d'entro, onde achou nouas de ser Nuno da Cunha passado pera Ormuz; & ahrindo ali seu regimento, achou nelle, que lhe mandaua el Rey que fosse prender Rax Xarrafo, & lho leuasse para o reino: o que fizesse sem alteraçãõ algũa. E receando que se chegasse a Ormuz cõ a nao, lhe quiselle Nuno da Cunha ritar a honra de prender o Guazil (por ser cousa que lhe el Rey tanto encomendaua no seu regimento) degeratinou de ir em segredo, se dar conta disso ao Governador. E tomãdo hũa Terrada ligeira embarcouse nella, com algũs de que se confiou, mandando ao capitão q̃ deixou que se fosse apos elle. E p̃do se ao caminho com muita pressa, chegou a Ormuz hũa menhã

muito cedo; & desembarcãdo sem se dar a conhecer a ninguẽ, da praya despedio hum homem, cõ hũa carta pera o Governador, em que lhe requeria da parte d'el Rey, que tanto que aquella visse, mandasse gente a casa do Guazil, porque cõpria assi a seu seruiço, & elle se foi a casa do Xarrafo, & sabendo que estaua com el Rey foi-la, & entrou com elle. O Guazil em o vendo o conheceo, & o abraçou, & recebeu com grandes gosalhados, por que era muito seu amigo. Manoel de Macedo lhe disse, que el Rey de Portugal trataua de o mandar leuar prezo, pera o reino, & que elle se offerecera pera isso, porque não fiaua o bom tratamento de sua pessoa, se não d'elle proprio; & ja que el Rey o auia de mandar leuar, folgasse que antes fosse por elle que por outrem. O Xarrafo ficou embaraçado com cousa tão supita, & não imaginada d'elle. O homem que leuou a carta a Nuno da Cunha, lha deu, & estando lendo chegou Simão da Cunha & lhe disse, que Manoel de Macedo tinha prezo o Rax Xarrafo, & que andaua ja reboliço na cidade. Nuno da Cunha ficou sobrefaltado, & lhe mandou que fosse muito depressa tomarlhe Xarrafo, & que lho leuasse à fortaleza. Si não da Cunha acompanhado de muitos homens entrou em casa d'el Rey, & tomou o Guazil a Manoel de Macedo, sobre o que riueraõ algũas

gũas palauras. E o leuouia fortaleza, onde foi metido na torre da menagem, & logo lhe escreuerã sua fazenda, ficando el Rey de Ormuz muito afôrado d'aquelle negocio acontecer em sua casa, & em sua presença. Nuno da Cunha escandalizado de Manoel de Macedo cometer negocio tão importante, & arriscado sem lhe dar conta, o mandou prender, com cor de dizer, que o fazia pera abrandar el Rey de Ormuz, & quietar a cidade que andaua reuolta, por ser Xarrafo a segunda pessoa do reino, & muito poderoso, & aparentado. As nouas d'esta prizão chegarão a Barã, onde estaua por Guazil Rax Bardadim, cunhado do Xarrafo, a quem disserão como fora prezo em casa d'el Rey, auendo que fora em consentimento d'isso, pellas differenças que tiuerão pello que se aleuantou com aquelle reino de Barem, que rendia a el Rey de Ormuz, quarenta mil pardaos cada anno. Isto foi logo sabido por el Rey, & requereu a Nuno da Cunha que pois elle era vassallo d'el Rey de Portugal, & pagaua sesenta mil pardaos de pareas, que o tornasse à restituir a posse de Barem, se não que seria forçado a bater nas pareas os quarêta mil pardaos que aquelle reino lhe rendia, por que lhe não ficaua donde as poder pagar. Nuno da Cunha pos este negocio em conselho com o capitão de Ormuz, & mais fidalgos da

armada, que ficarão repartidos em diferentes opinioes. Por que hũs dizião que mais importaua ir fazer fortaleza em Dyo, como el Rey mandaua, que todas as outras cousas da India, o que se podia fazer entã mais facilmente por quão destruido ficara o reino de Cambaya como desbarate, & perda da sua armada (de que ja ali auia nouas,) & que indo ou mandando a Barem, pella ventura socederião las cousas de feição, que lhes seria forçado deterse, & não poder partir tão cedo pera a India, a que era necessario acodirse, & que as cousas de Barem, se poderião fazer depois mais de vagar. Outros forão de parecer que se não dissimulasse porentão com aquelle negocio pella obrigação que el Rey de Portugal tinha de sustentar aquelle Rey em seu reino, como seu vassallo que era. E que o negocio de Barem muito melhor se faria estãdo elle n'aquella fortaleza, em que os mouros tinhaõ os olhos, & estauão tão atemorizados, que não auião de bulir consigo, com o receio do castigo: & que se entendia d'aquelle Guazil, que se visse la armada, logo auia d'entregar aquella fortaleza, & reino: o que depois não faria, antes, cobrarã animo, com ver que estando elle n'aquella ilha, lhe dissimulaua suas cousas, & que o negocio de Dyo a todo tempo se faria, que o bom era segurarẽm, quarenta mil pardaos de

de renda que el Rey de Portugal tinha n'aquelle reino, por que não se podia deixar de descontar àquelle Rey, aquelles quarenta mil pardaos que Barem lhe rendia em quanto estiuessse aleuantado. Com este parecer se foi Nuno da Cunha, que logo despedio seu irmão Simão da Cunha, em hum nauio de hum lorge Gomez mercador, & dom Fradisco Deça no Galeão de Manoel de Macedo, & dom Fernando Deça, no seu, & Manoel d'Albuquerque em outro que ali estava, & Lopo de Mesquita no Camorim pequeno, & Aleixos de Sousa em hũa naueta, & Tristão de Taide, que com elle vinha do reino, em hũa Fusta. E nestas embarcações yão quasi quinhentos homens, os mais d'elles fidalgos, & criados d'el Rey. Leuaua Simão da Cunha per regimento, que recolhesse a si Belchior de Sousa, que andaua com seis nauios de remo, por capitão mor, d'entro no estreito, dando guarda as Terradas que vinhaõ de Bassora pera Ormuz. Era este Belchior de Sousa Tauares Alcaide mor q' foi de Portalegre, & Assumar quem el Rey tirou aquellas Alcaidarias, por hum agrauo que d'elle teue, & lhe deu a renda do peixe de Aueiro, que então rendia pouco, & oje importa muito, que anda em seus netos. E dando esta frota a vela entrada de Setembro, achando os ventos contrários, andaraõ as voltas algũs dias,

com muito trabalho, a te lhes entrar tempo com que chegaraõ a Barem, saluo o Galeão de dom Fradisco Deça, que por ser roim de vela, não pode passar. Surtos em Barem, acharaõ ali ja Belchior de Sousa Tauares com a sua armada, que tanto que soube do aleuamento d'aquelle Guazil, dando de mão a todos os negocios partio de dentro do rio Eufrates, onde se ajunta com o Tygres (que foraõ os primeiros nauios nossos que ali chegaraõ) onde estava esperando hũa cafila que auia de vir de Bagadã, que nos chamamos Babilonia, por aquelle rio abaixo: & foile deitar sobre aquelle porto, defendendo os mantimentos, & fazendo he toda a guerra que pode: que lhe deu relaçaõ a Simão da Cunha (que leuaua poderes do Governador) do estado em que as cousas d'aquella terra estavaõ. E foi de parecer que logo se desembarcasse, & se comettesse a fortaleza, por que a terra era muito doentia, & em poucos dias lhe auia de adoecer toda a gente, o que Simão da Cunha determinou de fazer logo, começando a por em ordem as cousas necessarias para isso.

CAPITULO IIII.

De como os nossos desembarcaõ em Barem, & dos partidos que o Guazil mandou cometer, & de como lhe baterão a fortaleza, & das espantosas febres que em todos os Portuguezes deraõ, & se embarcaõ. E de como faleceo Simão da Cunha de nojo.



VERTA a nossa armada defronte de Barem, Rax Bardadim, posto que estaua na fortaleza, com muita gente de guarnição, artilharia, munições, & mantimentos, & quasi que estaua atrepido do que tinha feito: porque qualquer mal que socedesse aos Portuguezes o auia de pagar Rax Xarráfo seu cunhado, pello que mandou logo a levantar sobre hum baluarte hũa grande bandeira branca em sinal de paz; que vista por Simão da Cunha mandou a terra hũa lingoã a saber de Rax Bardadim o que queria. Elle lhe mandou dizer, que não se leuátara se não pella prizaõ de seu cunhado, de que el Rey de Ormuz fora em consentimento, pois o deixara prender estando em sua casa: mas ja que o Governador da India entreuinha n'aquelle negocio, & el Rey de Portugal o má-

dara fazer, que elle como seruidor, & vassalo leal, queria estar a obediencia do Governador da India que estaua em seu lugar, & por tudo o que elle capitaõ mor ordenasse. Que se queria aquella fortaleza elle lhe largaria liuremente, & se iria com sua molher & familia pera outra parte, deixando aquella ilha liure & desembargada a el Rey de Ormuz. Simão da Cunha vendo a justificação de Rax Bardadim, quisera logo concluir com aquelle negocio, & aceitar a fortaleza, pois lhe dauão sem custo, nê trabalho. Mas os capitaes & fidalgos da armada lhe contrariaraõ sua tenção, dizendo: que não era bem ficar aquelle mouro sem castigo de suas culpas, & que ao menos lhe aceitassem a fortaleza, cõ se sairem d'ella, cõ só suas pessoas, deixando suas fazendas nella, que isso foi o porq̃ lhes pareceo mal. Porque a cobiça do sacco d'aquella fortaleza, (que cuidaõ que era muito grosso) lhes não deixaua entender bem o que se lhe offerecia na entrega d'ella, sem lhe custar golpe de espada, nem experimentar as febres peçonhentas d'aquella terra, que em breues dias fez tal estrago nelles, que escaparaõ poucos, (que estes foraõ os fruitos que colhieraõ de sua cobiça.) Mas nem com tudo ouuera Simão da Cunha de engeitar os partidos, se elles não disseraõ, publicamente, que de medo o fazia,

E dan-

E dandolhe a desconfiança (coufa muito alheã de capitaõ valeroso, & prudente, porque este he o imigo mais forte & poderoso, q' todos os cõ que pelejão, de cujas maõs cada dia se vem sair desbaratados, & perdidos!) Entendendo mûy bem que ya contra sua obrigaçõ, em se deixar entrar d'aquellas desconfianças, mandou dizer a Rax Bardadim, aquillo que aquelles capitaes votaraõ: & dandolhe a lingua o recado, como elle era homẽ valeroso, & que não mandara cometer aquelles partidos por medo, se não por segurar a vida de seu cunhado Rax Xarrafo, mandou logo armar junto da bandeira branca, outra vermelha (que era sinal de guerra,) & disse a lingua, que aquella era a reposta que lhe daua, & que escolhesse o capitaõ mór d'aquellas duas bandeiras qual quisesse. Dada a reposta a Simão da Cunha, vendo a resoluçõ de Bardadim, por lhe requererem todos os capitaes que accitasse guerra, & não estiuelle em mais comprimentos, começou a desembarcar a gente em terra, sem auer resistencia. E pondose em lugar de bataria, mandou fabricar suas trincheiras, & vallos, & fazer suas cauas a roda, & pos algũas peças d'artelharia nos lugares donde auia de bater a fortaleza prouendo as estancias dos capitaes & soldados, & começou a por as maõs a obra, & dar bataria todos os dias. Rax Bardadim não

bulio consigo a te os primeiros tiros. E vendo que o batião, mādou tirar a bandeira branca, & deixar a vermelha, por mostrar aos nossos que lhe daua pouca da guerra, & porem não tratou mais que de se defender, & reparar: por que qual quer roina que se fazia no muro, era logo tapada & concertada taõ depressa, que quasi se não enxergua. Os nossos continuaraõ a bataria, & como leuauão pouca poluora, foifelhe acabando, do que Simão da Cunha andaua bem descontente, & agastado, pello pouco que tinha feito, & em não accitar a fortaleza como lha dauaõ. E logo despedio hum nauio ligeiro cõ cartas a Nuno da Cunha, em que lhe daua conta do que era socedido, pedindolhe poluora, & munições. Este nauio foi e poucos dias por lhe seruir o tempo, & dando as cartas ao Governador Nuno da Cunha que vendo as cousas como corraõ, ficou muito apaixonado dos capitaes, que foraõ causa d'aquella desordem: & logo tornou a despedir o nauio cõ tudo o que lhe pediraõ; escreuendo a Simão da Cunha o erro que tinha feito. E pello vento ser contrario foi muito deuagar. Os nossos estauão esperando por elle sem fazerem cousa algũa, por não terem munições, o que foi entendido dos muros da fortaleza, que de cima dos muros todas as noites dauão aos nossos grandes matracas, zomban

do & escarnecendo: dizendolhes, que pois os não quizerão deixar ir a elles da fortaleza, que auião ali todos de ficar. E assi foi, porque de raõ logo as febres n'elles (por ser chegada a moução d'ellas) de q̄ começaraõ a morrer muitos. Rax Bardadim mandou dizer a Simão da Cunha, que pella obrigação q̄ tinha aos Portugueses, lhe aconselhaua, que se fosse logo d'aquella terra, por que era chegada a monsaõ das febres, de que todos auião de adoecer, & morrer. E que podia ser, que quando o quisesse fazer, não podesse. Este conselho q̄ era mais de amigo, que de inimigo, não quis Simão da Cunha aceitar por então; & ainda com verem a doecer tantos, dizião os capitães (que fizeraõ fazer aquelle desatinho a Simão da Cunha,) que aquelle recado era de homem que estava com medo, & que desejava de os ver fora da ilha; mas como o monro falaua verdade, & os aconselhaua bem, viraõ logo que não era medo: porque carregaraõ as febres de feição, que quando chegou o irauio de Ormuz, eraõ ja mortos muitos, & todos os mais estauão enfermos sem se poderem aluantar: do que Simão da Cunha andaua enfadadissimo, & receua que sabendo Rax Bardadim, fuisse a dar nelles: mas elle como entedia que as febres os auião de consumir, deixou se estar, sem lhe querer fazer outro dano. Si-

mão da Cunha mandou fazer outra estancia perto do mar, pera onde mandou passar os enfermos, porque os ares d'elle eraõ mais saudios, & foi continuando com a bataria taõ fortemente, que lhe derubou hum lanço do muro todo: por onde quisesa cometer a fortaleza, mas hão achou mais que trinta & cinco homẽs saõs, de que ficou taõ anojado & triste, que pôdo os olhos no cõ, leuando as maõs disse: Senhor quão pouco vos cuitara dardes me cem homẽs saõs, (porque sem duuida se os tivera entrara aquella fortaleza.) & vendo quão mal lhe tinha soccedido tudo, não quis acabar de se perder, & leuou mão d'aquelle negocio, mandando embarcar os doentes, & artelharia, o que fez cõ muito trabalho, por não auer saõs mais que trinta & cinco homẽs, (como dissemos) que a força de braço, & com lhe arrebentare as maõs em sangue, a embarcaraõ primeiro, & depois os doentes, porque eraõ muitos, & por não poder ser menos lhe atauão cordas nos pès, com que os leuauão a rastos a te a borda da agoa, aonde os marinheiros os recolhiã nos baceis. Foi este hum dos mais piadosos espectaculos que se nunca viraõ, porque os gemidos, gritos, suspiros, & magoas que dizião os tristes dos enfermos, vendo se leuar a rasto, fazião arrebentar em pezar, & lagrimas, a todos os que os viaõ. Neste trabalho

107  
 QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

trabalho ajudaraõ aos nossos hús poucos de mouros do Xequé de Angão, que sempre acompanhou Simão da Cunha, que depois de embarcado tudo, o fez elle por deradeiro, com tanta dor & magoa d'aquella desaventura, que parecia, que queria morrer de paixão. Chegando a bordo da nao, foi o mestre d'ella a lhe dar a mão, & elle lhe disse: mestre hũa cousa vos aconselho; que quando ouuerdes de fazer algũa de vossa honra, não tomeis o parecer de ninguem, se não o uosso. E dando a vela toda a armada foi seguindo sua jornada, lançãdo todos os dias ao mar, quinze, ou dezoito homens que morrião de febres. Simão da Cunha com sua paixão, & nojo, se meteo na camara, sem querer falar cõ pessoa algũa, auorrecido da vida, dando laltimosos ays, & sospiros, & assi se foi consumindo de tristeza de feição, que aos noue dias morreo, (sem ter febre, nem outra enfermidade algũa) com grande dor, & sentimento de todos: & assi morreraõ no seu nauio setenta homens, ficando só dous ou tres saõs. E chegou o negocio a estado, que não podião marear as velas, & andaua o Galeaõ a vontade dos ventos: & sem duuida se perderaõ, se Deos nosso Senhor não trouxera Fernão D'alvarez Sarnache (que ali andaua em hũa Terrada,) que auendo vista da nao a foi demandar, & vendoa taõ des-

troçada se meteo d'entro nella cõ os seus marinheiros, & a foi mareando a te Ormuz, a onde surgiu. Nuno da Cunha soube do desastrado fim d'aquella jornada, & morte do irmão, coufa que muito o cortou, & recolhendose muito anojado & triste, mãdou desembarcar seu corpo que ya na nao, pera lhe darem sepultura: & foi acompanhado d'el Rey com do, conforme a seu costume, & assi de todo o mais pouo d'aquella fortaleza: & juntamente foi leuado com elle em outra tumba o corpo de Frãçisco Gomez filho do Bispo do Funchal, que era falecido do dia dantes. Os mais nauios da armada forãdo depois chegando huns diante dos outros taõ destrozados, que quasi não tinhaõ quem os gouernasse. E os que escaparaõ por entraõ das febres que não morreraõ logo, duraraõ depois pouco: por que as febres de Bareim, onde chegaõ tarde ou cedo mataõ, & muito poucos escapaõ: & juntamente com ellas se sospitou, que foraõ os nossos ajudados mais depressa com peçonha que lhe lâçaraõ nas agoas. E por aqui se verá quantos erros naçem de hum só, principalmente dos da guerra, que nunca tem emenda: por que não só soçedeo deste tantas mortes & desaventuras, mas ainda fez perder a Nuno da Cunha a moução de Agosto, em que lhe releuaua passar a India. E por ser entrada de Outubro,

bro, deu expediente as cousas d'aquelle reino, mandando entregar o Guazil a Manoel de Macedo, pera o leuar prezo pera o Reino que se embarcou com muitos criados, muita fazenda, grande & rico seruiço de sua casa: escreuendo o Governador a elRey por Manoel de Macedo o soçello de sua jornada a te entaõ: & mandandolhe as deuaças que tirou de Rax Xarrafo. O cargo de Guazil deu a Xequeraxete, que o fora de Calaiate, & Mascate, pellos mereçimentos de sua pessoa, & grandes seruiços que tinha feito a elRey de Portugal, nos aleuantamentos de Ormuz cõtra os nossos, em tempo do Governador Diogo Lopez de Siqueira, defendendo todos os Portugueses que estauaõ em Mascate, que elRey de Ormuz mandaua matar, dando com elles batalha a Rax Delamixa, irmão de Rax Xarrafo (que aquelle negocio foi) onde o matou & desbaratou os mourõs de Ormuz; sendo de sua propria ley & naçaõ, por guardar lealdade, & fidelidade aos Portugueses que estauaõ debaixo de sua proteiçaõ: feito certo notauel, & dino de ser engrandecido & louuado em toda a escritura, mas mal satisfeito depois a seus filhos, como em seu lugar diremos. Nuno da Cunha passou a Xequeraxete: carta do cargo de Guazil de Ormuz em nome d'elRey de Portugal. E porque em hũa deuaça que mãdou tirar

sobre a morte de Rax Hamede (de q̄ atrás demos cõta) achou culpado elRey de Ormuz, o cõdenou e quarêta mil pardaos mais de pareas, cõ que ficaraõ cẽ mil cõ os se senta q̄ dâtes era obrigado a pagar & deixou prouisaõ ao capitãõ da fortaleza Christouão de Médoça, feita e vinte & sete de Agosto, d'este anno de vinte & noue, em q̄ lhe mãdaua, q̄ no rēdimēto daquella alfandega, se entregasse de toda a cõtia acima declarada. Esta he a rezãõ d'estas pareas, & não aque da Fernão Lopez de Castanheda, no seu setimo liuro, onde diz, q̄ Nuno da Cunha lhe acreçentou mais a elRey de Ormuz, quarenta mil pardaos de pareas por lhe tornar a sua obediencia a ilha de Barem, o que elle não fez: & nos temos em nosso poder na torre do Tombo, o tresslado d'esta prouisaõ, & contratos. E por que Belchior de Sousa capitãõ mor do estreito, tinha seruido mūy bẽ, & o Governador pellas partes que tinha se lhe affeioou, lhe deixou hũa prouisaõ em segredo, em que mandaua, que faleçendo o capitãõ de Ormuz, lhe soçedesse elle n'aquella fortaleza: & despedindose d'elRey & capitãõ, se embarcou, indo em sua cõpanhia os Galeoës de dõ Fernão de Lima, & de dõ Francisco Deça, & de Frãcisco de Médoça, & o nauio de Jorge Gomez. E passãdo por Mascate, tomou & leuou cõsigo os mais nauios que ali inuernaraõ.

E dos doentes que ali ficaraõ falecerão muitos, & com toda a armada junta foi na volta da India. Leuãua cõsigo o corpo de seu irmão Simão da Cunha, pera o enterrar em Goa, onde lhe fez hũa capella dentro nã se. Foi este fidalgo trinchante d'el Rey dom Ioão, & comendador de São Payo, & de Torres Vedras: foi casado com dona Isabel de Meneses, filha de Ruy Gomez da Grã, Governador da casa da Excelente senhora a Raynha dona Ioana, de quem ouue estes filhos: Tristaõ da Cunha da Grã, & Ruy Gomez da Cunha, & dona Antonia de Meneses, que casou com Didgo Lopez de Soula Governador de Lixboa.

CAPITULO V.

Do que dom Iorge de Meneses capitão de Maluco passou, com Fernão de la Torre, & da victoria que dom Iorge de Crasto ouue de hũa armada de Gellolo.

**P**RIMEIRO q̃ entremos nascoitas deste veraõ, fera rezão que demos conta, das q̃ socederaõ em Maluco este passado; por que daqui por diante seguiremos esta ordem, que fera no tempo do inuerno darmos rezão d'ellas, pellas não misturarmos com as outras, nem

as cõtar por pedaços. e Deixamos as cousas de Maluco, em os nossos Portugueses, & os Castelhanos ficar em guerra declarada, & assi todo este tempo a te gora passaraõ fazendo algũas vezes tregoas, que se concediaõ de parte a parte, cada vez que se pediã, porq̃ não fazia mais o que queria paz, que aleuantar hũa bandeira branca, & logo conuersauaõ, comunicauaõ, & se visitauaõ: & como se enfadauã, tirauã a bandeira, & tornauã-se a recolher. Mas de todas as vezes que se comunicauã, sendo Fernão de la Torre hospede de dom Iorge, & dom Iorge seu, nunca elle lhe quis dar os Portugueses, que tinha o seu poder, pedindolhos elle muitas vezes. Eitãdo as cousas neste estado, hũa noite quasi no fim do quarto da prima, foraõ ter a nossa fortaleza dous Castelhanos, q̃ foraõ tomados pellas vigias, em tempo que estauã de tregoas quebradas, & foraõ leuados a dom Iorge, que os mandou prender, pellos auer por de mão titulo, por não leuãre carta, né recado do seu capitão. Sabido este negocio por Fernão de la Torre, mãdou hũa embaixada a dom Iorge, cõ tamanho aparato, como se fora de hum grande Principe, no que se vio que era homem muito vaõ: por que o Embaixador ya ricamente vestido, & acompãhado de muitos, & diãte delle, por teiros, farantes, & hũ Rey D'armas desbarrerado: & affectados lhe deu sua

sua embaixada, cuja substância era: espantar-se muito de lhe prender os seus homens sendo tão costumado entre elles & os Portugueses irem folgar huns com outros, que lhe pedia por merce lhos mandasse soltar, porque elle taõbem o saberia servir. Dom Iorge ouviu a embaixada muito graue, & disse que logo lhe responderia, & o mãdou agasalhar, fazendolhe muitas honras, & o entreteue dez, ou doze dias, sem lhe responder, mandandolhe todos os mimos & iguarias. E hum dia lhe mandou hum pastel, em que yão hum cão pequeno, & hum gato, viuos: & o recado era, que pois aquelles dous animaes sendo tão contrarios de sua natureza, cabião em hum tão pequeno lugar tão pacíficos, porque o não estauão assi os Castelhanos com os Portugueses, auendo pera isso tanta rezão: assi por serẽ Christãos, & estarem entre infieis, como por serem vassallos de dous Principes tão liados em parentesco, & amizade? O Embaixador abrindo o pastel vendo o cão & gato, lhe mandou perguntar, por qual d'aquelles dous animaes entendia os Castelhanos? Dõ Iorge lhe mãdou dizer que pello gato, que a te gora arranhara, mas que o cão auia de morder dali em diante. O Embaixador dissimulou, & apertou pella reposta, que lhe dõ Iorge deu, desenganandoo, que lhe não auia de dar os Castelhanos, se não depois

que lhe desse os Portugueses. Despedido o Embaixador, ficou Fernão de la Torre mûy afrontado do desprezo com que dom Iorge tratara a sua embaixada. Pouco depois disto chegou dom Iorge de Crastõ, que vinha de Malaca, com socorro de gente, roupas, & monicoes, que ya em hum lunco, & em sua companhia Iorge de Brito, por capitão de hũa Fusta. Foi este socorro muito festejado, & temido dos Castelhanos, que ja não ouzauão de falar. E porque soube dom Iorge de Meneses, que na costa de Moro, andaua hũa armada d'aquelle Rey de Geilolo, fazendo guerra nas terras & portos d'el Rey de Ternate nosso amigo: mandou negociar as Corocoras que pedio a Cachil Daroes, & na Fusta que veio da India, em que mandou dom Iorge de Crastõ, cõ cincoẽta homẽs & a gẽte d'el Rey: & encõtrandose a nossa armada cõ a do inimigo a inuistio, trauãdose hũa muito aspera batalha, de parte a parte, em que dom Iorge mostrou bẽ seu esforço, & conselho, & por fim do negocio, ficaraõ os inimigos destrocados, & desbaratados, com morte de muitos, & perda de algũas Corocoras que lhes tomaraõ, & as que escaparaõ foraõ bem destrocadas. Cõ esta vitoria (que quebrantou bẽ aquelle Rey) se recolheo dõ Iorge pera Ternate, onde foi mûy bẽ recebido. Gõçalo Gomez d'Azeuedo, & Lionel de

Lima trataraõ de feir pera Malaca, querendo leuar consigo alguns homens, a que dom lorge de Meneses acodio, & os tomou com muito trabalho, & com lhes dar do seu dinheiro pera os contentar, & elles se foraõ com alguns criados seus. E por que receua o capitaõ dom lorge que os Castelhanos tiuẽsem qedo socorro da noua Espanha, & os prouimentos q̃ lhes vieraõ que se fõsem gastado: despẽdio dom lorge de Crasto nõ lico pera ir a Banda, esperar quaes quer nauios de Portugueses que ay fõsem ter, ou d'elRey, ou de partes & lhes tomasse os prouimentos q̃ lhes achasse, comprados, ou a paraido, & que a todos os Portugueses que ali achasse, requeresse da parte d'elRey que fõsem socorrer aquella fortaleza, & lhes tomãse os nomes a todos, & que nõ querẽdo vir, os mandasse ao capitaõ de Malaca, & ao Governador, pera os castigar. Dom lorge deu a vela pera aquella ilha, & de sua jornada adiante daremos rezãõ.

CAPITULO VI.

Da armada que este anno de vinte e noue partio do reino, & de como Lopo Vaz de saõ Payo se embarcou pera Cochim, & Nuno da Cunha chegou a Goa, & partio logo pera Cochim: & de como prẽdeo Lopo Vaz de saõ Payo em ferros.



OM as nouas q̃ Lopo Vaz teue do Governador Nuno da Cunha, mandou dar muita pressa a toda a armada, pera a achar no mar quando viesse, como lho pedia na sua carta, mandando recolher muitos mantimentos, & fazer muita poluora, & todos os mais pe-trechos de guerra: & tudo tanto a ponto, que quando foi por fim de Agosto, estava no mar a mais poderosa armada que Rey Christaõ tinha, como adiante diremos. E deu expediente a muitas cousas, & fez despachar pera fora pera os reinos do Decan, & Canara, dous mil caualos, dos que estavaõ em Goa, de que vieraõ a elRey oitenta mil pagodes, porque pagaua cada hum quarenta de direitos, que traziãõ mouros & outros mercadores dos portos da Arabia, & da Persia: a entrada de Goa saõ francos & libertos, mas ao sair pera fora pagãõ aquelles direitos. He esta cousa de caualos de tanta liberdade, que a nao que trouxer de dez, ou doze pera cima, nõ paga direitos de todas as mais fazendas que tras, por muitas & por muy grossas que sejaõ. Este costume & liberdade ficou do tẽpo dos mouros. E tendo Lopo Vaz de saõ Payo tudo muito prestes, chegaraõ a barra de Goa, dia de saõ

Bertho-

Bertholameu pella menhá, quatro naos, de que era capitão mor Diogo da Sylueira, que vinha prouido da fortaleza de Ormuz. Os mais capitaes erão Ruy Gomez da Grã, Ruy Mendez de Misquita, Anrique Moniz Barreto, que faleceo no mar; & trazia com si goudos filhos mininos, Ayres Moniz, & Antonio Moniz Barreto, que depois foi Governador da India. Teue esta armada tão boa viagem, que de quinhentos homens que trazia, só Anrique Moniz faleceo, & todos os mais vinhaõ taõ saõs, & bem despostos, que parecia, que auia quinze dias que partiraõ do reino. Lopo Vaz de saõ Payo recebeu mûy bem Diogo da Sylueira. Pouco depois disto chegou hum Embaixador de Melique Saca, senhor que foi de Dyo (de que em principio d'esta Decada demõs rezão, capitulo sete liuro primeiro, que tinha fugido pera Iaquete,) que vinha muito bem acompanhado; o Governador o recebeu mûy bem, & lhe ouiuo sua embaixada, cujo theor era, que se quisesse ir tomar Dyo, que elle se offerecia ao acompanhar por mar, & seu cunhado por terra com quinze mil de caualo. Lopo Vaz de saõ Payo lhe disse, que esperaua por Governador nouo, & que em seu nome aceitaua a offerta, mandandolhe dar casa, & todas as cousas necessarias, tendo guardado aquelle aluitre pera

Nuno da Cunha, & porque por horas esperaua por elle, não se quis meter em cousa algũa. E todauia vendo que tardaua, despedio as naos pera Cochim, pera tomarem a carga: & esperou a te a entrada de Nouembro: & vendo que não vinha foilhe neçessario embarcarse pera Cochim, assi pera dar auiaamento à carga, como pera se negoçar pera se embarcar pera o reino. E assi entregou toda a armada, com o Embaixador do Melique Saca ao capitão da cidade, a quem deixou cartas pera Nuno da Cunha, em que lhe daua conta de suas cousas, & lhe deixou hum rol da armada, mâtimétos, moniçoës, & artelharia, que na India lhe ficaua, de que tirou çertidoës dos officiaes, & assi se embarcou em hum só Galeão, deixando toda a armada negoçada de verga d'alto: deixandose retratado na casa em que estauão os mais Governadores, em paineis do seu ramanhõ: onde cõ mais rezão se podera por o retrato de Pero Mascarenhas, q̄ foi o verdadeiro Governador da India, como todos: mas descuidos Portugueses lhe roubaraõ esta hõra: posto que muito bem se pode dizer, o que disse Cataõ, quando vio tantas estatuas no senado, não estando elle antre ellas: (que mais queria que perguntassem, por que não tinha ali Cataõ estatuas, que não, porque puzerão ali estatuas a Cataõ?) Auêdo poucos dias que

era partido, chegou à barra de Goa, o Governador Nuno da Cunha, que logo desembarcou, fazendo-lhe a cidade hum muito grãde recebimento. E começou de dar auimento a muitas cousas de pressa, porque lhe era necessario chegar a Cochim. E como achou a armada no mar a ponto, despedio logo Antonio da Sylueira, com cinquenta & tres Fustas, de cujos capitães não achamos os nomes, em que yão noue çentos soldados: mandando-lhe que fosse pelas costas do Reino de Cambaya, & que fizesse toda a guerra que podesse. E em sua companhia despedio hũa Galé, em que mandou embarcar o Embaixador de Melique Sacá, a quem fez muita honras, & deu muitas peças, assi pera elle, como pera Melique Saca a quem escreuço, & pediu que se viesse ver com elle a Goa naquella Galé, pera tratarem sobre os negócios de Dyo. Esta Galé foi em poucos dias a laquete, & desembarcando o capitão d'ella com o Embaixador, viose com o Melique, & lhe deu a carta do Governador, & recado q̄ leuaua raõbem de palaura, dizendo-lhe q̄ leuaua aquella Galé muito bem negociada, pera elle se ir ver com o Governador. Respondeo-lhe o Melique, que se fosse elle embora, porque não queria que lhe fizessem como a elRey Xarrafõ (porque ja sabia que o leuauão prezopera o reino.) O Governador

despedio mais Eitor da Sylueira com quatro Galeoës, duas Carauelas, & quatro Fustas pera ir ao estreito do marroxo, & nisto gastou oito dias, & no cabo d'elles se embarcou, leuando consigo os nauios que lhe pareceraõ necessarios; & na costa do Malauar deixou Diogo da Sylueira por capitão mor com duas Galeotas, hũa Carauela, & seis Fustas, & de todos os capitães d'estas tres armadas não achamos os nomes, buscandoos nos nos liuros dos prouimétos d'ellas, que saõ todos estragados de andarem aos tombos pelas casas dos Escriuaes da fazenda. O Governador Nuno da Cunha chegando a Cananor, sorgio naquella barra, onde foi logo visitado de dõ loãõ Deça, capitão d'aquella fortaleza, & da parte de Lopo Vaz de saõ Payo, que ainda ali estaua: mandando-lhe pedir desembarcasse em terra, & que la lhe entregaria a India. Nuno da Cunha se lhe mandou desculpar, que a pressa que leuaua lhe não daua vagar, que lhe pedia muito se visse com elle no mar, porque tinha que falar com elle cousas do seruiço d'elRey. Lopo Vaz se embarcou logo em hum nauio de remo com Simão de Mello, Gaspar de Mello, & outros fidalgos seus parentes, & amigos, & foise ao Galeão onde Nuno da Cunha o recebeu bem, & ali presentes todos lhe entregou a India, de que tirou sua çertidão. E depois

pois de lhe dar rézão dos negocios todos, se despedio d'elle & se foi embarcar: & estando ja a bordo chegou Simão Ferreira, que o Governador trazia pera Secretario do estado, & lhe notificou da parte do Governador, que se embarcasse logo pera Cochim em sua côserua. Lopo Vaz ficou tomado do recado, por lhe não dar vagar a sair do seu Galeão, & lhe mandou dizer que o faria: & dali se foi meter no seu Galeão sem querer ir a terra. O Governador mandou logo lançar pregoês na fortaleza com trombetas, que toda a pessoa que quisesse acusar, ou demandar Lopo Vaz de saõ Payo por algũa cousa, fosse a Cochim, que la se lhe faria justiça. Isto sentio tão Lopo Vaz, que se lhe mandou queixar & dizer, que aquillo não eraõ pregoês, se não diffamaçoês, que quem tiuesse d'elle queixas, não tinha necessidade de o espertarem cõ trombetas. pera requerer sua justiça. Fazêdose a vela chegaraõ a Cochim, onde Nuno da Cunha mãdou pelo Ouvidor geral tomar a menagê a Lopo Vaz, & escreuer toda sua fazenda, aualiala, & depositala em mãos de pessoas abonadas pera a leuarem pera o reino: o que tudo soffreo Lopo Vaz com muita discricião & animo: & disse ao Ouvidor Geral quando o prendeo. Dizeis ao Governador que eu prendi; elle me prende, la virá quem o prẽda a elle, & assi ouuera de ser se

não faleçera no mar indo pera o reino, porque nas ilhas o esperauão com grilhoês, como em seu lugar diremos. Feito isto, mãdoulhe Nuno da Cunha notificar, que se embarcasse na nao Castello, que a uia de ser a derradeira de carga: mandandolhe elle pedir que fosse antes na nao saõ Roque, que partia primeiro, o que lhe elle não quis conceder: & assi se embarcou muito infamemente & com poucos gasalhados, não deixando embarcar com elle mais que dous criados pera o seruirem, & dandolhe de sua fazenda aquillo, que moderadamente lhe podia bastar, & a dez de laneiro se fez a vela, sendo a sua nao a derradeira. Nas ilhas Terçeiras achou hum nauicõ hũ Corregedor que lhe lançou hũs bê grandes grilhoês nos pés, & o leuou ao reino, & foi desembarcado em cima de hũa azemala, & leuado a vergonha pello terreiro do paço a te o Castello, onde foi preso, em companhia de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, que Manoel de Maçedo leuou. Ali esteue dous annos, muito auexado, & mal tratado. E porque os mereçimentos, sangue, & culpas que poseraõ a este fidalgo, se vem na fala que elle fez a elRey, nos pareceo bem polá aqui, porque he sustancial, & hũ sumario das cousas de seu tempo. E porque he muito grande, & relata os seruiços que na India fez, em quãto foi Governador, muito particu-

particularmēte os deixaremos; por que ficão contados nesta Decada: somēte diremos todas as mais coufas. E posto que este capitulo seia muito grāde, não pode ser menos, nē o podemos escusar por ser notavel: porque não sabemos se ha oje esta fala mais que em nosso poder, pello estrago que o tempo tem feito em todas as antiguidades. Mas pera aliuiio dos leitores o faremos por itens, como pousos em que se descanse.

CAPITULO VII.

*Que contém a fala que Lopo Vaz de  
saõ Payo fez a el Rey dom loão  
em rolação.*

**D**EPOIS de Lopo Vaz estar prezo no Castello dous annos, & o Procurador del Rey vir com libello contra elle, & elle com sua de feza, que lhe não receberaõ; mandando el Rey que se proçedesse cõtra elle regurosamente, & que lhe tirassem suas deuaças, alcãçou por via do Duque de Bargaça, que o pedia de merçe a el Rey, que o ouuisse em rolação: aonde se apresentou como reo, estando el Rey em mesa, cõ todos os Desembargadores; & posto em pé lhe fez esta fala.

Muito alto, & muito poderoso senhor, por certo, que eu ei esta por hũa das mores afrontas que tenho passadas, auer de defender cõ a lingoa, o que tenho ganhado pela lança com tanto trãbalho: & porque a lingoa eu a tenho pouco exercitada, & não sei como me ajudara n'este feito, encomendarme ei as verdades de que sempre usei. A principal rezaõ porque nosso senhor o vngio em Rey foi, pera fazer justiça, & dar a cada hũ o seu, & julgar com muita clemência & animo piadoso seus subditos: & com zelo, & amor de Deos os castigar, ou absoluer de seus erros. E se isto assi he, quanto mor obrigação tera de pagar seruiços, & mercimentos como os meus. ¶ Pello que muito excellente Principe lhe peço que lance de si todo o odio, & rancor, & tudo o que mais pode danar sua limpa tenção pera me ouuir, & julgar; porque fazendo assi, vsara do sceptro como Deos o manda, & eu serei certo de justa sentença: & os que mal informaraõ V. A. Deos auera por bem, que não fiquem sem castigo.

Agora quero dizer a V. A. os merecimentos de meu pay, & auos, inda que não sejaõ todos. Meu pay foi Diogo de saõ Payo, senhor de Ançiaes, Vilarinhos, da Castanheira, & Linhares, & de dous mil vassallos: seruiu nas guerras de Castella, com quatorze escudeiros, & quarenta homens de pé. Na batalha de

de Toro foi derribado & ferido, de feridas mortaes: & jouue aquella noite no campo, onde pella menhá o acharão meyo morto: & dito sera sabedor Fernão Vaz de São Payo, & não alego mais testemunhas porque as não ha d'aquelle tempo. Foi na tomada de Arzila, com cento & oitenta homens, em duas Carauelas a sua custa, onde foi feito caualheiro por mão d'el Rey dom Afonso o quinto. Meu auo era Ruy Lopez de São Payo, & minha auó Costança Pereira era sobrinha do Conde dom Nuno Alvarez Pereira, filha de seu irmão, & não nomeio mais de minha linhagē, porque bem sabida esta quão antigua he n'este reino. Meus auos em tempo d'el Rey dō Ioaõ de boa memoria, tomaraõ dez villas aos Castelhanos por força d'armas, com seus parentes, & amigos: que entregaraõ & obedecerã com ellas ao dito senhor, & remnas oje seus descēdentes. ff. Fernão Vaz de São Payo, seis, Ruy Lopez de São Payo, tres: a hũa se perdeo não por traição (que nunca em minha linhagem a ouue) mas por outras differenças Minha mãy foi dona Briolanza de Mello, filha de Ioaõ de Mello de Serpa, & de dona Breatiz da Sylueira, filha de Fernão de Sylueira Regedor & Coudel mor. Este Ioaõ de Mello meu auo, foi filho de Garcia de Mello de Serpa, Alcaide mor d'aquella villa. De seus honrados fi-

lhos não falo, porque notorio esta, nunca Principe no reino ajuntar gente pera guerras, & armadas, em que os Mellos não fossẽ dos principaes capitaes & caualeiros. E no tempo d'el Rey dom Ioaõ o primeiro, nomeado foi o graõ Martim Afonso de Mello, de que todos vimos.

Eu senhor, passada minha mocidade, & que fui pera tomar armas, logo me lancei a esse vso militar, em que el Rey vosso pay que santa gloria aia continuamēte me occupaua. Depois de andar em muitas armadas, de que aqui não falo, fui com o Conde Prior na armada de Turquia, & sai em Masar quebir, & fui dos derradeiros que me recolhi. Conto isto, porque n'aquella recolhida ouue muita desordem, afogandose, & perdendose muita gente, & eu fui dos derradeiros, que me fui recolhendo com bom tento, & recado, como disse-ra Ruy Barreto se viuo fora, com que me recolhi: & chegãdo a Corfu, andando passeando pella cidade, se ateou hũa briga, por se aleuãtarem todos contra os Portugueses, em que mataraõ setenta, ou oitenta: nesta reuolta me recolhi a hũa casa com quatro homēs, que foi combatida de muita gente, de que nos defendemos com muito trabalho, & perigo de nossas vidas.

Tornãdo a Portugal mandoume el Rey com o mesmo Conde

de Priora Tangere, a ònde serui dous annos; & fazendo o Conde hũa entrada em Alcaçere Quebir, fui eu dos corredores, & por Francisco Pereira Pestana, eu, & outros nos acharmos diante, chegando as portas de Alcaçere Quebir, fomos acalhados de oiteta mouros de cavallo, de que nos defendemos, matandonos hum dos companheiros, & a Francisco Pereira o cavallo, cõ lhe darem duas feridas, & a mim outras duas, & cõ me matarem tãõbhem o meu. Dali me vim a Portugal, donde me elRey logo mãdou a Alcaçere Seguer cõ dom Rodrigo de Sousa, onde estiue tres annos, por me mandar elRey que não me viesse dela escreuedomo, & encomendandomo cada anno. E na entrada que dom Rodrigo fez em Gualdião, fui eu por capitão dos corredores, & me achei ao pé de hũa serra, com quatro mouros de pé: matei hum, & os tres o fizeram ao meu cavallo, & ferirão me duas feridas mूंy grandes, & deraõ me hũa pedrada em hum pé de que o ouuera de perder, & disto saõ restemunhas o mesmo dom Rodrigo, & dom Antonio seu irmão.

Passados tres annos vim a corte, & tornou-me elRey a mandar a Alcaçere a onde estiue quatro annos, & tres d'elles serui de capitão por mandado d'elRey, & na entrada que fez dom Rodrigo, em que se encontrou com Almadarim

Alcaide de Tutuão, & por leuãr pouca gente, & todos os nossos virem espalhados começaraõ a fugir, & indo nesta desordem, disse a dom Rodrigo, que fizessemos volta, & morressemos com os rostos nos mouros, & não pellos pescoços como patos. Voltou dõ Rodrigo, & foi tão proueito isto, que logo os mouros afroxaraõ, & nos deixaraõ: & por çerto que se a volta não fora todos nos perderamos, & Alcaçere corria risco.

Dali me fui a Tangere a onde estiue outros dous annos, em que elRey de Fez çercou aquella çidade, neste çercõ pos dom Duarte de Meneses capitão suas estancias em que me não occupou, deixando-me de fora pera acudir a onde ouuesse neçessidade. Os mouros pegaraõ logo com o cubello do Bispo, que foi minado sem lho poderem estoruar: a esta neçessidade me mandou dom Duarte, & me meti no cubello com setenta homens, & os mouros nos combateraõ tãõ rijo, que nos deribaraõ hum lanço do cubello, por onde começaraõ de entrar: deitamos fora com morte de muitos, & grã de risco de minha vida, & foi tanta a pressa que nos deraõ, que de setenta & tantos homẽs que eramos ficamos çinco, & d'estes o mais saõ era eu, que fiquei com hũa espingardada por hum braço, & hũa setada na cabeça, & muitas infindas pedradas, & os que comigo esperaraõ,

peraraõ, foraõ estes, Diogo de Mel  
lo, Mestre sala da Emperatris . So-  
to mayor Galego de Tangere. Mar-  
tim Lopez d'Azeuedo; & Andre  
Pirez escriuaõ dos catiuos : E assi  
ferido estiuẽ no muro; sem nunca  
me ir a pouxada, ali me curaraõ, &  
fiquei a te os mouros aleuantarem  
o cerco. E alem dos que nomeei, se-  
ra boa testemunha Luis da Syluei-  
ra, que nos vio neste auto.

A Tangere me mandou el Rey  
chamar pera me mandar a India,  
dizendome que tinha la neçessida-  
de de minha pessoa, o que logo ac-  
ceitei, & fui sem partido algum, nẽ  
ordenado, (que eile depois me mã-  
idou la, sabendo o como o eu fer-  
uia) chegando a Goa achei Bena-  
starim tomado de mouros, & Goa  
cercada, & acodindo Afonso d'Al-  
buquerque pera ir buscar os mou-  
ros a Bonastarim, sairaõ elles pera  
lhedar batalha, & não a refusan-  
do o Governador, ordenou tres es-  
quadroẽs de toda sua gente, & in-  
doos demandar ouieraõ seu conse-  
lho, & tornaraõse a recolher a for-  
taleza. Afonso d'Albuquerque me  
mandou com a gente da sua bata-  
lha, q̃ me meteste na enuolta dos  
mouros, & visse se podia de mestu-  
ra com elles entrar na fortaleza, o  
que eu fiz adiantandome só, tanto  
que cheguei a porta. E quando o  
primeiro dos nossos chegou a mi,  
tinha eu ja seis feridas; & ali me lã-  
çaraõ muitas panelas de poluora,  
& outros materiaes de fogo com

que me queimaraõ estas barbas, &  
estas pernas, & o meu guião, & al-  
si ferido me recolhi com os derra-  
deiros, & certo que isto que fiz foi  
causa de se aquella fortaleza ren-  
der tão cedo. D'isto he boa teste-  
munha dom Garcia de Noronha,  
& Francisco Pereira Pestana, & lor-  
ge d'Albuquerque que se ali a-  
charaõ.

Fui a Adem com Afonso d'Al-  
buquerque, & sobindo àquella for-  
taleza por hũa escada me derriba-  
raõ com hum canto que me deu  
antre ambos os olhos, de que ain-  
da oje me sinto muitas vezes, a fo-  
ra outras pedradas que embaixo  
me deraõ, de que estiuẽ a mo-  
Testemunhas Dom Garcia de No-  
ronha, dom Ioão de Lima, & An-  
tonio Ferreira.

Entrando o estreito, de u A-  
fonso d'Albuquerque com o seu  
navio em seco: mandei sorgir a mi-  
nha nao, o mais perto que pude  
d'elle, contra vontade dos mais of-  
ficiaes, & no bätel foi a sua nao q̃  
me elle entregou, pedindome que  
a soccorresse se podesse, que elle se  
ya pera a armada, porque o tinhaõ  
por morto, o que eu fiz com mu-  
ta diligẽcia & trabalho, pellos ma-  
res serem grandes, lançando an-  
coras, leuando outras, indo eu sem-  
pre na proa do batel, por que os  
matinheiros não queraõ traba-  
lhar, & com hũa espada na mão  
lho fiz fazer. Ali fui mergulhado  
dos mares, & bebi muitas vezes

agoa salgada, & aprouue a Deos que saluei a nao com toda a gente & munições: & yão nella quatro centos homens. Disto serã boa testemunha dom Garcia de Noronha, & Antonio Ferreira.

Inuernamos em Camaraõ com muito risco, trabalho, & fome, & nos morrerã sete çentos homens. Dali nos tornamos pera a India, & deixoume o Governador na costa de Cambaya, onde tomei hũa nao de que veio a vossa fazenda oitenta mil cruzados, & outra carregada de marfim, & de outras fazendas, que montou quinze mil. E sabendo que em D'abul, estauão ou duas carregadas de especiarias pera irem a Adem, fui lá, & as pedi ao capitão da terra, & pellos bõs modos q̄ tiue, mas entregou cõ toda a carga, & artelharia, & tinhaõ dentro em si sete mil quintaes de gengiure, que logo esse anno veio perã o reino, & as naos pushe o fogo. E assi naquelle veraõ fiz seruiço a V. A. em que lhe dei çem mil pardaos de proueito. Testemunha disto dom Garcia de Noronha, & Antonio Ferreira.

O outro veraõ foi Afonso d'Albuquerque a Ormuz, & determinando de matar Rax Hamed: mouro que estaua alevantado com aquelle reino, & ordenando de se ver com elle com çertos capitães: escolheu Afonso d'Albuquerque dous, a Però d'Albuquerque, & a mim, a quem encarregou que o

mataassemos. E chegando o mouro a Afonso d'Albuquerque o tomei por hum braço, & lhe dei hũa punhalada pello coração, & desta d'outras que lhe logo deraõ foi morto: & com isto ficou el Rey vosso pay senhor d'aquelle reino sem contradicção, onde fizemos a fortaleza, andando todos com as padiolas as costas, & odia que folgauamos, estauamos armados. Testemunhas disto, os mesmos acima. Dali nos fomos a India: & sendo el Rey que Deos aya sabedor de meus bons seruiços me mandou Ormuz, ou Ceilão, qual eu quisesse, o que não ouue effeito por ser eu no reino, por que parti de la, no anno que Lopo Soares foi a India. No reino fui bem recebido d'el Rey, & me fez merçe de hũa comenda, & me mandou pagar tudo o que me era diuido na casa da India, dizendome que me não satisfazia meus seruiços, & q̄ me faria ainda merçe como veria. Depois em Almeirim me cometeo que fosse a China por capitão de seis naos, & que da vinda ficasse em Malaca por capitão tres annos, & por adoeçer não ouue effeito.

Depois me mandou chamar a Euora, & me disse, que determinaua mandar duas mil lanças a Africa, & por capitão d'ellas Rui Barreto repartidas em quatro partes, quinhentas em cada hũa, cometen dome com hũa d'ellas, & a Jorge

Barreto,

Barreto, & a dom Rodrigo de Craſto com as outras, o que não ouue effeito, pellos annos serem eſteriles. E ſempre eſte Rey moſtrou muitos deſejos de me ſatisfazer meus ſeruiços, de me honrar, & acreçentar: mas quis Deos & meus peccados, que faleceo, & ſe perdeo todo o meu bem, & eſperanças. E por V. A. não ter noticia d'ito, em começo de ſeu reinado me mādou prēder na coua, por ſair a eſtremar hū arroido (o que todos ſomos obrigados a acudir por ley deſte reino, ſob graues penas, a qualquer q̄ não acudir, aquē pedir voſſo ſoccorro, bradādo a que del Rey) no que bē ſe vio, não ſer V. A. ſabedor de quem eu era, nem de meus ſeruiços & trabalhos paſſados: pello que determinei de me tornar pera a India, a ſeruir de novo a V. A. por que ſe arrependeſſe do que me tinha feito, pellos bōs ſeruiços que lhe eſperaua fazer, como depois fiz.

Fui a India por capitaō de Cochim aō de eſtiue hū anno: os ſeruiços q̄ ali fiz V. A. o ſabe, pois me eſcreueo cartas de agradecimentos. E falecēdo naquella cidade o Conde Almirante, à hora de ſua morte me eſcolheo por Governador a te ſe abrirē as ſocçſſoēs, & os ſeruiços q̄ logo fiz ſaō eſtes. Deſpachei as naos do reino, em q̄ eſtaua o Governador dō Duarte de Meneses bē deuarar, & as naos que eraō cinco bē deſbaratadas. Deſpachei

hūa armada q̄ foi em buſca de dō Anrique de Meneses, q̄ ſocedeo na governança, por naquelle tēpo eſtar em Goa; & mādēi a iſſo quatorze velas. Pera o cabo de Guardafui taōbē deſpachei Antonio de Mirāda cō outra armada de ſete velas, & fez la prezas de trinta mil pardaos. Fiz outra armada pera as ilhas de Maldiuā de ſeis velas pera eſperarē as naos de Meca. Fiz outra pera Melinde, de hū Galeaō & dous nauios, & deſpachei quatro naos pera Ormuz: o q̄ tudo fiz de dia de Natal, a te vinte de Janeiro.

Por falecimento do Governador dom Anrique de Meneses, me elegeraō por Governador, & V. A. deue de ſer lembrado, que eu nunca talhe requeri, por mim nem por outra peſſoa: o Duque de Bargaça (que eu cuidaua que niſto me tinha algũa culpa, por rezoēs que pera iſſo auia) me eſcreueo hūa carta em que dizia. Pois el Rey meu ſenhor teue tanta lembrança de voſſa honra & fortaleza, por amor de mim Lopo Vaz que lho pagueis na meſma moeda. E eu por certo ſenhor, que trabalhei de o fazer, & aſſi o fiz de maneira, que eu eſtou bem ſatisfeito, que não ei inueja a nenhū Governador paſſado, preſente, nem por vir, fazendo ſempre muita verdade & juſtiça a voſſos amigos, & muita guerra a voſſos imigos. E não ſe podera com verdade dizer, que eu diſſimulaſſe

lasse nunca batalha, que comprisse a vosso seruiço, com poucos ou com muitos, assi como me achaua, assi me offerecia: & nestas batalhas & afrontas Deos seja louuado, em todas me deu grandes, & notaucis vitorias.

Aceitei a India estando desbaratada, & em grande risco de se perder, por ter conquista com tres Emperadores, & hum mūy poderoso Rey. ff. O Emperador de Alemanha, & Rey de Castella, sobre Maluco. O graõ Turco senhor de tres imperios. E o Rey de Calecut que taõbem he Emperador. E el Rey de Cambaya, que poem em campo setenta mil caualos acubertados, & dos outros innumeraveis, & de grande poder no mar, que a te o meu tempo, nunca foi desbaratado. E cuidõ que em aceitar a India desta maneira fiz a V. A. hum dos mores seruiços do mundo. E o primeiro que fiz foi emprestar de minha bolsa oito mil cruzados pera o gasto das armadas, por naõ auer dinheiro. E o primeiro veraõ fui a Bacanor sobre setenta & tantos Paraos a mor parte d'el Rey de Calecut, carregados d'especiarias, com mais de seis mil homens de peleja, & hum capitão d'el Rey de Narsingua, com vinte & cinco mil em seu fauor; & naõ tendo eu mais que mil & cento, desembarquei contra parecer dos capitaes, & lhe queimei

todos os Paraos, & lhe tomei muita artelharia, q̃ foi hũa das mores pãcadas, q̃o reino de Calecut teue.

E não se pode dzer que estiu ocioso o tempo que gouernei, antes o gastei todo em o seruir com a alma, & com a vida, & acho que fiz em todo o meu tempo, trinta & oito armadas, em que pessoalmente me embarquei em tres d'ellas. A primeira a que ja disse, quando desbaratei os Paraos de Bacanor. A segunda pera Ormuz, donde me mandaraõ chamar com muita pressa, por estar Rax Xarrafo aleuantado contra el Rey, com arrayaes formados, & Diogo de Mello em meyo; & concertei estas cousas que estauaõ muito arriscadas. A Terceira, quando desbaratei as Galeotas de Cambaya. Fizeraõse prezas em meu tempo, que valeraõ trezentos & setenta mil pardaos. Paguei os ordenados aos capitaes, & feitores, gastei muito dinheiro em reedificar as fortalezas todas sem tirar do cofre de V. A. hum só real, & tudo das mercadorias, prezas, pareas, dinheiro dos caualos, & rendas de Goa. E mandei a Cochim por vezes dinheiro pera as obras, por naõ bolirem no cofre, que foraõ mais de cincoenta mil pardaos.

V. A. se quis seruir de mĩ no gouerno da India, se lho eu requerer por adherencia algũa; somete pello meu bõ nome, & não deixei delho reque-

requerer, por cuidar que em mim não auia as calidades que cumprem aos Governadores, mas por que nunca fui tão esquecido de minha honra, nem tão mingado de juizo, que não tiuesse sempre representando diante de mim, que onde tão honrados capitães, & tão valentes caualeiros neste cargo perderão as vidas, honras, & fortalezas, & alguns d'elles arriscarão suas almas, eu não me auenturasse ao mesmo: & por isso quis antes seguir o exemplo Castelhana, que diz: Mas quero cardamos em paz, que polhos con agraz. V. A. como digo, se quis servir de mim na governança da India, & por certo que foi grande lembrança, & grande merçe: poreim prouera a Deos que nunca a eu vira em minha casa.

La lhe tenho dado conta de meus seruiços, agora lha darei de como deixei a India. Se V. A. bem olhar, achara que em meu tempo não veio capitão nem official da India rico, como soyão vir: pois este dinheiro que se fez d'elle em meu tempo, em que ouue mais prezas, & mais trato, que em nenhum outro? Por certo senhor que todo este dinheiro ficou no vosso cofre, & no vosso thesouro: por que as vossas fortalezas de pedra & barro, filas eu de pedra & cal, & com cauas chapadas de mar a

mar: por onde V. A. deue dormir seu sono descansado, & seguro. E mais tem em outro cofre trezentos mil cruzados, que lhe eu paguei de soldos. As cousas que deixo entregues ao Governador Nuno da Cunha, são as seguintes: Seis Galeoës, seis Carauelas, oito Gales reais, quatorze Galeotas, & cento & duas Fustas, & Bargantins, com toda sua monição (armada que nunca Principe teue toda sua propria.) Deixei em Goa cincoenta pipas de poluora de bombardarda, & duas d'espingarda. Em Chaul, quinze pipas de poluora de bombardarda, & duas d'espingarda. Em Cochim trezentos quintaes de poluora. Em Cananor vinte pipas de poluora de bombardarda, & duas d'espingarda. Os mantimentos que deixei jutos pera a armada são estes. Mil & quinhentos candis de trigo, & tres mil candis de arroz, seiscentas vacas viuas, queijos, manteigas, em a bastança, muito ferro, muita madeira, & muitos ferreiros, & carpinteiros, & isto em todas as fortalezas.

De como ficão os imigos lhe darei conta. No Emperador não falo, por que a V. A. darei essa conta, quando de mim a quizer saber. O graó Turco fica com suas armadas desbaratadas, pelas grandes & muito poderosas, cõ que todos os annos lhe mandei correr a terra do estreito de Mecca. E quando me entregaraõ a India

estauão suas armadas mūy pos-  
santes, com muita ouzadia con-  
tra nos, trabalhando por virem  
de maneira que nos botassem fora  
da India: o que tudo em dita de  
V.A. & com meu trabalho & as-  
tuçia se desfez.

O Camorim ao tempo que me  
deraõ a governança punha no  
mar quantos Paraos queria, o que  
na fim do meu tempo ja não po-  
dia fazer, por que todos lhe des-  
trui, & tomei, nem tinha artelha-  
ria, nem bombardeiros, que tudo  
lhe gastei, & desfiz, pello que ca-  
da dia pedia pazes.

O grande Rey de Cambaya,  
poderoso no mar, mais que todos  
os da India juntos, veja qual ficaua  
a minha partida, que lhe não fica-  
rião dez fustas.

El Rey de Bintaõ, eu por cer-  
to o destrui, & desbaratei com a  
armada & gente que mandei a Pe-  
ro Mascarenhas, encomendando-  
lhe, & pedindolhe, que se não vies-  
se de la, sem a destruir, o que elle  
fez mūy bem.

Em pago de todos estes serui-  
ços me prendeo Nuno da Cunha  
em Cananor, pella maneira que se  
sabê, mandando lançar pregoês in-  
fames contra mim. Em Cochim  
fui mal aposentado, nas piores ca-  
sas da cidade, nos esteiros antre os  
mortuos, o que muito senti, por  
ser contra a humanidade, & a fidal-  
guia, & em cidade onde me fize-  
raõ Governador de V.A. Ali me

mandou prender & tomarme toda  
a fazenda, que foi aualiada com to-  
da a desordê, como se eu fora trai-  
dor & mal feitor, sofrendo afron-  
tas & iniurias a meus imigos, que  
todas as noites me passauão pella  
porta com folias. D'ali me embar-  
caraõ com dous criados na pior  
nao da carreira, & que partio der-  
radeiro de todas, mādandome dar  
hũa camara debaixo da alcaçeuã,  
onde erã a estança dos grumeres,  
& negros, onde eu comia & dor-  
mia as chuvas, a te as ilhas Tercei-  
ras. Veja V.A. & ponha diante de si  
tamanho agrauo como este a hũ  
homem de minha qualidade, & i-  
dade, & de tantos & tão grandes  
seruiços, ser mandado em hũa tão  
enfadonha viagê, em hũa possilga  
de porcos: que por certo eu toma-  
ra antes muitas vezes de muito  
boa vontade a sepultura, que ver-  
me auexar por tantas & tão inju-  
riosas maneiras. E assi me man-  
dou entregar aquem me não ti-  
nha boa vontade, pera mais me  
martyrizar.

Chegando as ilhas Terceiras  
fui tornado a prender, & me le-  
uaraõ em ferros de que estiu pe-  
ra perder hũa perna, por que  
ma cortaraõ de feição, que me a-  
pareção os neruos. E chegando  
a esta cidade me mandou V.A. ti-  
rar cercado de belegins por meyo  
do terreiro dos seus paços, defendê  
do a todos os meus parêtes & ami-  
gos que não chegassẽ a mim, co-

mo se eu fora hum traidor ou malfeitor: & aquella vergonha paf sei, estando no terreiro toda a corte, & eu çercado de rapazes, & negros, & gente vil, que foraõ çem mil mortes. Fuy leuado ao Castello, onde me foraõ postas guardas, & defezas, como se se esperasse procederem de mim grandes crimes, não me consintindo ver nem falar çertos dias com meus parentes & amigos; nem a te o presente ver minha molher, que ha sete annos que está viuua de mim, por eu andar occupado no seruiço de V. A. & não a deixarem falar comigo, o que eu mais senti que todos os tormentos outros que me deraõ. Ora cuide V. A. se tanta deshumanidade se vsou nunca com homem de minha sorte, idade, & seruiços, n'este reino.

Processaraõ meu feito, contra toda a ordem de justiça d'estes reinos: assi que em mi se começaraõ a exercitar todos os novos costumes, & nouas leis, pera ser desonrado. Tiraõ meus inimigos por testemunhas, & esteue ao perguntar d'ellas Manoel de Maçedo, que descubertamente he meu inimigo. Fuy lançado de replica, & de outros termos que tinha de direito diuino, & humano. Ora veja V. A. o que me tem custado seu seruiço, & a hõra que me deu de Governador, que não sei homem que juizo tenha, que isto quisesse pello preço,

muitos frios, muitas calmas, muitas fomes & sedes, muitos riscos de minha vida, dando a comer meu sangue aos tubaroës no mar, aos adibes no reino de Fez, & as gralhas da India. De maneira que poucas conquistas tem V. A. onde se elle não derramasse: & não se pode presumir que possa mentir, por q̃ quem em sua mançebia não vsou de maos costumes, & fez sempre o que diuia, em sua velhiçe & no fim d'ella, não vsaria das meudezas que me poem, & mais tendo diante dos olhos taes pessoas.

Dom Duarte de Meneses, que em bem tenra idade desbaratou dous Alcaides mûy furiosos, & mûy guerreiros, seruiço mûy notauel & dino de perdaõ de grandes culpas: não lhe valeo nem seruiços do pay, nem dos auos, preço em carcere perpetuo, tomada a fortaleza Baliza era esta pera Lopo Vaz, não sendo inhabil se guardar.

Diogo Lopez de Siqueira, tantas vezes catiuo, & ferido, fugido por reinos estranhos, tomada sua fazenda, por merçe tornado ao reino & morreo, & assi Deos sabe de sua alma. Vi mais Afonso d'Albuquerque tantas vezes catiuo, & de tanto seruiço, que morreo quasi desesperado, dizendo mal, com elRey por amor dos homês, mal com os homês por amor delRey, acolhamonos a igreja: & morre Afõso d'Albuquerque

que cumpre a tua honra morreres, que nunca a elle lhe cumprio, coufa que tu não fizesses. E com estas palauras deu a alma a Deos, & que lhe não valeo a muita guerra que fez a mouros & gentios, & sua alma corre muito risco. Este bom velho mūy sabedor das cousas da India; muito vitorioso nella, a que todos os Gouveradores da India deuem ter acatamento, não por cometer maiores feitos dos que eu renho cometido, mas por os seus serem primeiro. Este costumaua a dizer, sabeis quão ma gente he a da India, que me pozerão que era puto, & prouaraõ mo; sendo elle tão honesto, que não dirá criado seu que algũa hora lhe visse a ponta do pé. Todo este mal & destruição dos Governadores todos, he causado por homēs baixos d'al mofaçe. Por certo senhor eu não sei como se desculpará, nēm que rezão dará, olhando aos homens com que V. A. começou meus negócios, que lhe não lembrava hũa cousa tão diuida como era dizer faibasse que homens são estes que se queixaõ dos Governadores: & se achar serem homens de bem, fazerlhes justiça mūy inteira, & achando serem viciosos, mandalos a cadeia, & não dar causa ao mau pera fazer mal ao bom.

E quantos fidalgos de mim testemunharaõ a V. A. foi por esta rezão. Eu estaua em Cananor onde me vieraõ buscar os Paraos,

(como V. A. em meus seruiços ou uiuio,) chamei a conselho estes fidalgos, que foraõ de parecer não pelezasse, aprouue a Deos que me pareço o contrario, & disselhes, que quem quisesse acompanhar o seu Governador, & a bandeira de V. A. se embarcasse comigo, o que elles não quiseraõ fazer, ficando nos Galeoēs olhando como eu pelezaua: & disto ficaraõ tão cortidos & enuergonhados, como era rezão; & auendo por certo que eu escreuia a V. A. o feito como passaua, de quem bem, ou mal fizera. O que eu d'elles escreui, V. A. o sabe mūy bem, que não se achará em carta minha escrever mal de nenhum fidalgo, se não requerer pera todos honras & merçes. Elles por me V. A. ter por sospeito, & me não dar credito, escreueraõ, & testemunharaõ de mim falsamente: & não temendo a Deos acquiriraõ a si outros fidalgos seus parentes, pera que os ajudassem a afirmar suas dañadas tençoēs. Esta ventagem com outras muitas a em mim, que o que disser delles ade ser na praça, & o que elles disserem de mim a de ser mūy escondido, porque eu falo verdade, & elles não.

De minha genealogia, ouça V. A. hũa cousa que me esqueço, de Vasco Pirez de saõ Payo meu quarto auo, que he dina de contar. No cartorio de Fernão Vaz de saõ Payo, se achou hum perdão que di-

zia afsi. Pellos seruiços que tenho recebidos de Vasco Pirez de saõ Payo, & esperamos de receber, lhe perdoamos a morte de quarenta escudeiros que enforcou na sua villa de Mos, com huns poucos de homẽs de pé. Veja V. A. que poucos poderiaõ ser de homẽs de pé, onde morrião quarenta escudeiros. Certo, mercẽmento deuia de ter tal vassallo, & necessidade deuia de ter elRey d'elle, pois tal perdaõ daua. E do grande Martim Afonso de Mello meu ayo, notorias saõ suas cousas. Se V. A. deste par de caualeiros tem, ou tiuer necessidade, aqui esta Lopo Vaz de Saõ Payo seu nero, (que trabalhou muyto pellos arremedar, & escusar,) que esta em muy boa idade, & em melhor disposiçaõ, & muy experimentado por mar & por terra; & por certo, elles me perdoaraõ, eu naõ lhes sinto ventagem se naõ nos bons galardẽes que lhes deraõ, porque, por cada seruiço, lhes dauão villas, jurdiçoẽs, rendas & horas: & a mim por cada hum me deraõ hum tormento.

Pella tomada das Fustas de Cãbaya, que nunca foraõ desbaratadas: taõ vitoriosas que nunca perderaõ hum remo, antes desbarataraõ per vezes muitos Galeoẽs de V. A. eu as venci & meti no fundo: em pago deste seruiço me mandaraõ prender. Pellos nauios que desbaratei defronte de Calecut, em que matei dous mil, & tantos

mouros; em pago d'isto me mandaraõ tomar toda a minha fazenda. Pellos Paraos que queimei em Bacanor, que eraõ a principal força de Calecut: por este seruiço me mandou V. A. embarcar em hũa nao no aposento dos grumetes. E por que subi pellos muros de Adem, donde me derribarãõ cõ hũa pedra, de que estiuẽ a morte: em pago d'isto me lançarãõ ferros, que me comerãõ a carne a teos ossos. Pello cubello de Tangere que defendi a elRey de Fez: em pago d'isto me mandou tirar V. A. a vergonha diante dos seus paços reaes. Pella destruiçaõ que fiz no Arel de Porca, & outros muytos seruiços, que aqui naõ digo: em pago d'elles me mandarãõ que seruisse, & partisse com os escriuaẽs & procuradores do meu dinheiro, que trazia ganhado com tanto trabalho, & com tanto sangue esparcido, pera me remediar a minha velhice, & pera criar meus filhos. Veja V. A. se hé bem desuiada esta paga, da que deu elRey dom Ioãõ de gloriosa memoria a meus auos.

A soma de meus seruiços saõ estes. Onze annos em Africa; & na India, & nas armadas que se fizeram neste reino, vinte & hum annos: naõ falo no tempo que andei na corte, que este ouue pello mais forte de todos, pella muita pobreza cõ q̃a sostinha. Fuy ferido cinco vezes, hũa em Alcaçere Seguer, outra em Alcaçere Quibir, outra em

em Benastarim, outra em Adem, & outra na ilha Terçeira, dos ferros que me V. A. mandou lançar. Em galardão disto, fuy prezo, aue-xado, & perguntaraõ contra mim testemunhas infieis, & meus imi-gos capitaes, & aconselhadores cõtra minhã honra, que foraõ na mas-sa de Pero Mascarenhas, & orde-naraõ diffamarem todos de mim, com darem mas informaçoẽs a V. A. falsas, & mûy contrarias da ver-dade, pello indinare m cõtra mim. E na India onde o serui de Gouver-nador, me foi tomada toda minha fazenda, & fiquei sem ella, de ma-neira que não tenho que comer, nem que dar a quem me defenda minha justiça, d'estes grandes agra-uos que me são feitos contra toda a justiça por ser sem culpa, & sem erro no seruiço de V. A. & pellos muitos & grandes que lhe tenho feitos, dinos de grandes merces, a que V. A. deue de respeitar, pello que deuo de ter muita esperança, de me restituir a minha honra, & de me fazer merces, pera exemplo dos que o bem seruem.

Ora senhor isto he feito, naõ po-de V. A. deixar de o remediar cõ muita clemência, & como excellen-te Principe, criado sobre nossos hombros, & nos criados com suas imigalhas, com dar sentença que seja dina de lhe bejar a mão, com descanso pera minha velhice, & pe-ra que possa criar meus filhos pe-ra o seruirem. Aqui acabou Lopo

Vaz sua fala, q̃ el Rey ouuiu mûy bem: & depois lhe foi recitando as culpas que delle tinha, hũa, & hũa: a que ya Lopo Vaz respon-dendo pella maneira seguinte. On-de está esta letra P. são perguntas, & o R. repostas.

CAPITULO VIII

*Das culpas que el Rey deu a Lopo Vaz de saõ Payo, & da sua repõsta a ellas.*

P.



OR que deixaf-tes regimento a Afonso Mexia, que não consen-tisse entrar Pero Mascarenhas em

Cochim?

R. Senhor, Cochim, & Goa, são duas fortalezas as prinçipaes da In-dia, & quasi iguaes. Estando Pero Mascarenhas em hũa & eu em ou-tra, craõ dous Papas em Roma, & fora causa de nunca se deslinda-rem estas differenças, & de muitas mortes de homens; & de pereçer muito o seruiço de V. A. & aproua disto he, que em nenhũa fortale-za deixei tal regimento, antes mã-dei aos capitaes que o recolhessem, & lhe fizessem muita honra, por-que não tinha receio de em ne-nhũa outra se fazer maõ recado, se não nesta.

Porque

P. Porque mandastes Pero Mascarenhas a Cananor, sem primeiro estar com elle a justiça, & de-reito?

R. Porque quando Pero Mascarenhas chegou a Goa, vinha com o coração ja danado, apelidando toda a India com cartas, & correios: & se entrara em Goa fora muito mor onião, porque elle vinha dizendo, que não queria mais, que por os pés em terra, atreuendose nos fidalgos que lhe escreuião ao caminho, & vinha fazendo taes estrondos, que ouue por muito seruiço de V. A. não o deixar entrar, né me por então com elle em justiça, a te primeiro não quebrar aquella fúria: & as mais rezões que pera isso tenho tragoas por instrumentos que mostrarei quando for tempo.

P. Porque jurastes de manter a promessa que antre vos & elle era posta?

R. Iurei a primeira vez por força, & a outra quanto por direito o deuisse manter: & assi o cumpri quanto com justiça deuia. E se o em algũa cousa quebrei, digamo V. A. que eu lhe darei a rezão disso.

P. Porque prendestes Pero Mascarenhas, sem primeiro vos pordes a justiça com elle?

R. Pero Mascarenhas quisera entrar em Cochim por força, pera prender os juizes, & o feitor, & assi logo prendeo os que lhe foraõ

ao mar publicar as prouisoões de V. A. & sobre isto determinou de fair em terra, com varas alçadas, & officiaes, & foilhe resistida sua entrada, como o eu tinha mandado, & recolheose ao seu Galeão, mandado logo a terra pregoar por traidores, capitão, veador da fazenda, & a todos os da cidade. E dali se foi a Cananor onde lhe foraõ cartas de muitos fidalgos, que viesse desconhecido, & se metesse no mosteiro de São Francisco, & que elles o ajudariaõ, quer tiuesse justiça, quer não, estas cartas tenho eu em meu poder: & por me recear disso mandei guardar as barras, cõ regimento aos capitaes, que se o tomassem desconhecido o prendessem, por euitar mortes & onioes, que com sua entrada estauão certas.

P. Por que rezão fostes a Ormuz?

R. Fuy chamado d'aquelle Rey, & por me escreuer Diogo de Mello, que estaua elle, & o Guazil em campo, hum em hum cabo da cidade, & outro em o outro, pera se darem batalha: & se eu não chegara, estaua aparelhado hum grande mal, & cõ minha ida não desemparrava a India: porque o tempo que punha no caminho, & la auia de estar encerrado, por causa do inverno, & tornaua de la em principio do veraõ, o que tudo fiz como cõpria ao seruiço de V. A. & tudo foi com conselho de vossos capitaes.

Que

P. Que presente vos mandou Rax Xarrafo a Calaiate, & porque fizestes tanta honra, a que vello leuaua?

R. Porque foi elle muito pera estimar em tal tempo, que era muita azoa, & refresco, vindo nos ja afada d'agoa, porque nos tomou muito ao mar, & ao mouro por se ir mandeyo embebedar, & folgamos todos com isso.

P. Porque destes licença ao Nacoda Xamerim, mercador da terra, que se foi de Ormuz?

R. Porque aos mercadores não se lhes deue estoruar suas idas pera onde quizerem, pois disso viuem, & ennobrecem as cidades: & mais me fora de estranhar impedirhe a ida pera exemplo. Mas eu me affirmo que lhe não dei tal licença, nem elle ma pedio.

P. Porque rezão poufastes com Diogo de Mello?

R. Porque todos os Governadores poufauão na fortaleza, aonde auia aposentos pera ambos, sem nos vermos hum ao outro.

P. Por que posestes Diogo de Mello a cabeceira de vossa mesa?

R. Por que Diogo de Mello era primo com irmão de minha mãy, & ficauame em lugar de tio, o mesmo era de minha molher irmão de sua mãy, & capitaõ d'aquella fortaleza: & mais era de oitenta annos. E sempre foi costume dos Governadores fazeremhe muitas horas a sua mesa. E eu podia hon-

rar quem quizesse, sem diminuir no estado da governança.

P. Por que deixastes ir de Ormuz tres mouros, que Rax Xarrafo degradou?

R. Porque Rax Xarrafo tinha alçada de V. A. pera matar, quanto mais pera degradar.

P. Porque não fizestes vir a Ormuz dous Iudeos que foraõ degradados por Rax Xarrafo, & porque os haõ ouuistes com justiça?

R. Porque os Iudeos foraõ degradados por fazerem moeda falsa, & mereceraõ queimados, & de raõlhes as vidas por aderenza, & foi mal feito: não os queimarem, porque eraõ onzeneiros.

P. Se tinheis poder pera tomar joyas a Reys & Principes?

R. Pois não tinha defeza disso, não me era tirado o poder, & se me algũas joyas deraõ, bem lhas paguem dobro: & se algũas tomei, V. A. as tem, & bem as pode tornar a seus donos.

P. Porque não falastes com el Rey de Ormuz de parte, pera saberdes d'elle se tinha algũas queixas d'alguem?

R. Eu falei com elle perante o Secretario Vicente pegado: & mais se me deuera estranhar falar com elle só.

P. Por que não fostes logo como chegastes ver el Rey de Ormuz?

R. Por que não he costume illo ver logo, que lhe aõde dar dous dias

dias pera se aperceber, que elle mesmo o quis assi, & o pedem. E illo ver logo assi temno por desatamento, & aõ que lhes desprezais suas honras, & festas, & eu naõ auia de ir la pera o escandalizar com costumes nouos.

P. Porque tirastes o cargo de capitaõ mor do mar de Ormuz a dom Antonio da Sylueira.

R. Eu naõ lhe tirey o cargo, antes o dei aquem V. A. o mandou dar. E quanto ao leuar comigo a India, foi, porque la auia muita guerra, onde os taes fidalgos como elle auiaõ de estar, & assi lho disse, que seria prouido conforme a sua pessoa.

P. Porque tirastes o Galeão a Manoel de Brito, & o destes a Fernão Rodriguez Barbas, criado do Marquez?

R. He verdade, porque dei a Manoel de Brito duas viagês em que fez muito proueito: & porque V. A. me encomendaua, que repartisse por todos o proueito. E porque Fernão Rodriguez he muito fidalgo, & muito bõ caualeiro, & criado de V. A, & muito pobre, & tinha muito bem seruido naquellas partes, & seu pay em Ceita, & seu auo em Aragaõ, com sesenta de cavallo, por mandado d'elRey dom Afonso: que era do conselho do mesmo Rey.

P. Por que mandastes embarcar Vicente pegado taõ depressa?

R. Elle me foi encampar o car-

go de Secretario; & porque me reuoluia toda a terra, lhe mandei que se fosse embarcar logo, por estar hum Galeão pera se ir, & da y a muitos dias naõ ouuera outra embarcaçãõ, por escusar escandalos: & taõbem porque naõ tinha muitos escudeiros, nem fato.

P. Porque tirastes Calayate a hum Pero de Queiros, & o destes a hum amo de Diogo de Mello?

R. O cargo he taõ pequeno, que naõ sou lembrado disso.

P. Porque destes hum Galeão velho a Francisco de Sá, em que se auenturaua a gente, & artelharia, que se perdeu com elle?

R. Dei a Francisco de Sá o que foi ordenado por elle mesmo, com os do conselho, dous Galeões, duas Galeotas, duas Carauelas, & cinco Bargantins: & eu pera o melhor auiar lhe dei esse Galeão pera elle la desfazer, & da madeira fazer a fortaleza da Sunda, com o tauoados sobrados, & com a pregadura, & pera isso foi primeiro visto por Christouão de Sousa, que o mandou correger em Chaul, & pelo mestre, & officiaes da ribeira: que todos affirmaraõ poder muy bem seruir aquella jornada. E eu lhe mandei dizer, que naõ mettesse mais que lastro, & seruidores, pera lhe darem a bomba se comprisse. E se o sobrecarregou, que culpa tenho eu?

P. Porque destes a Ioaõ Rodriguez Pereira criado do Du-

que

que hum Galeão?

R. Ioão Rodriguez he camareiro mor do Duque, & tinha muito bem seruido V. A. & por sua peſſoa, & por amor do Duque, & por bom exemplo, que o viſſem todos os criados dos ſenhores pera aſſi folgarem de ſeruir melhor V. A. & ſaberem que pera todos he a India.

P. Porque vendeſtes hũa nao em Ormuz, ſem andar em pregação?

R. Porque em Ormuz, ninguem compra mercadoria ſe não por mandado do Guazil, & eu o mandei chamar a minha caſa com todos os mercadores, & ali presentes os officiaes de V. A. capitaes, & fidalgos, a vendi: de que tudo ſe fez hum aſſento aſſinado por todos.

P. Por que deſtes de alças a ruina a Chriſtouão de Souſa da compra de duas naos?

R. Por que Chriſtouão de Souſa, comprou quarenta mil pardaos de fazenda, com dinheiro na mão, & por iſſo lha dei: reſpeitando a ſer eſtilo em couſas d'eſta qualida de fazerſe aſſi, porque de milagre ſe acha dinheiro junto, por que todos compraõ fiado, & da meſma fazenda vaõ pagando: & elle foi o que ficou pior do partido, com todas eſſas alças. Porque em que poder elle empreguar tanto dinheiro em hum anno, que não ganhara mais de trinta mil? E por eu ſer ſabedor, que a fazenda de prezas,

que fica em maõs dos officiaes, nunca V. A. come della bom bocado, que com ſuas contas & quebras deſfalece tanto que nunca luze, por iſſo o fiz, crendo que fazia hum grande ſeruiço a V. A. por não ficar a preza nas maõs dos lobos. E por que lhes eu tirei eſte bocado, ficaraõ elles taõ deſcontentes: que buscaõ modos de baixas vinganças, mas aos fidalgos & capitaes, pareceo muiy bem o que fiz. E tenho em meu poder hum termo diſſo aſſinado por todos.

P. Porque tiraſtes a nao a Martim Afonſo de Mello. quadrilheiro mor?

R. Eu o tirei de quadrilheiro mor, por que foi achado aboyando fazenda, & deitandoa ao mar, pello que foi logo prezo & condemnado em muira pena de dinheiro, & degredo. E mandei a nao o Ouuidor com toda a juſtiça, & iſto trago por autos.

P. Quanto dinheiro vos deu el Rey de Ormuz, & Rax Xarrafo?

R. Não me deraõ nenhum dinheiro, ſe não peças d'ouro & prata, que poderião valer tres mil cruzados, de que logo ouuieraõ ſeu retorno de minha fazenda, que bem valia o que me deraõ & mais.

P. Porque deſtes hũa ſentença contra Eſteuão Boccarro Alcaide mor de Ormuz, & logo a reuogastes?

R. Eſſe poder tinha eu de V. A. pera condenar & abſoluer, quando ſe of-

se offerecessem cousas que parecessem ser mais seu seruiço fazelo assi.

P. Porque fizestes com Diogo de Mello, q̄ emprestasse dinheiro a elRey de Ormuz pera pagar as pareas sobre hum traçado? E porque mandastes tomar a Diogo de Mello o traçado, que tinha d'el Rey empenhor do dinheiro?

R. Eu roguei a Diogo de Mello, que emprestasse dinheiro a elRey, por que sempre trabalhei por V. A. ser pago de suas diuidas: & se o elle ha por mal, perdoeme. E quanto alhie tomar o traçado, elle estava empenhado por outras diuidas, que elRey de Ormuz deuia a Portugueses, pelo que o mandei por em mão do feitor, a te elRey mandar satisfazer as diuidas.

P. Porque não mandastes vir Ioão de Santiago prezo como eu mandaua?

R. V. A. não me mandou que o prendesse, se não que lhe mostrasse hũa carta que sobre isso me escreueo, em que dizia lhe dissesse de sua parte, que folgasse de ir pera o reino, que V. A. lhe faria merce, & me encomendaua o entregasse a hũ capitão de hũa nao, que seguramente o leuasse: porq̄ lhe não fosse feita algũa sem razão, ou agrauo: & assi o cópri, & elle o accitou com boa vontade, & foisse a Narsingua a empregar o seu dinheiro em pedraria pera se

embarcar, & la foi roubado, & ain da fica prezo.

P. Porque tirastes o Galeão do rio de Chaul, que estava em guarda da pimenta?

R. Mandeyo leuar pera Goa pera se cócertar, porque era velho: & deixei na costa o capitão mer do mar com quinze velas, que nunca tantas ali andaraõ.

P. Porque não fostes, ou mandastes buscar os Rumes?

R. Eu senhor ouue conselho geral de cento & tantas pessoas, que votaraõ que não fosse aquelle anno. E o seguinte leuantaraõse os capitaes com as fortalezas: & não me fizeraõ mantimentos, nem enxarcias: & duraraõ tanto as pendenças de Pero Mascarenhas, que não tiue tempo pera me aparelhar: & com tudo mandei Antonio de Miranda com hũa grossa armada, que bastou pera espantar os Rumes: que fez prezas, que fottaraõ bom os gallos.

P. Porque leuastes a gente de Cochim pera Goa?

R. Porque comiaõ em Cochim os cruzados do cofre de V. A. & em Goa comiaõ do cobre: & por me parecer melhor que a gente fosse có o seu Governador, que elle ir só: & assi he bem que se faça.

P. Porque destes licença a Ioão Fosilhaõ Francés, que fosse a Perfia vender pedraria?

R. Eu senhor não tolhia aos mercadores vsarẽ de seu officio, & irẽ

& virem, pera onde fizessem seus proueitos: porque así as suas custas descubrirem terras, que não era pequeno seruiço de V. A. E mais elle tinha licença sua, & por seu aluara lha dei, por elle a não tomar por si.

P. Porque destes licença a Rax Xarráfo, pera ir a Meca?

R. Deilha porque a tinha do Governador dom Duarte de Meneses. E usou elle de muita cortezia em não pedir, que bem se podera ir sem ella.

P. Porq̄ perseguistes, & tratastes malos homẽs q̄ foraõ contra vos?

P. Informaõ mal a V. A. por q̄ tal não he, antes fiz tantos bẽs a todos os que estauão mal comigo, que os tornei meus amigos, pella ventagẽ & bõ tratamento que de mim receberaõ. E se algũ se queixou de mim, que o mal tratasse, eu darei a rezão porque o fiz.

P. Porque não quizestes ouuir a dom Antonio da Sylueira as cousas que vos queria dizer de nosso seruiço?

R. Defeso he em direito, que a restemunha que se conuidar, não seja ouuida, & elle era homẽ que tinha dito a outros que não queria que me reuoluessem a terra: & eu presumi que queria elle fazer o contrario. E se elle algũa cousa tinha pera me dizer, elle o dissera a V. A.

P. Por que não tiuestes a direito o Camareiro d'el Rey de Or-

muz, que foi degradado com outros mouros?

R. A justiça que aquelle Rey faz com o seu Guázil, não lhe deuem vossas justiças de it a mão, sem o elles pedirem, & requererẽ de vossa parte. E pois elles têm poder de degradar, & matar, ir lhes a mão he levantar a terra: & são onioes por cousas que não tocaõ a vosso seruiço. Quanto mais, que esse Camareiro merecera mor pena, porq̄ elle & dous Portugueses foraõ a furtar, & os Portugueses iusticeyos por ladroes; & melhor o fizera ao mouro se não olhara ao mais.

P. Porque destes em casamento a capitania de Goa a vossa filha cõ Antonio da Sylueira?

R. Eu não lha dei se não por elle ser mui bom fidalgo, que o merecia mui bem, por ter gastado na India mais que nenhum outro. E entãõ ninguem a merecia melhor que elle.

P. Porque destes Cochim a do Vasco Deça, & a não destes a outro de mais merecimentos?

R. Por que eu sabia que esse fidalgo seruiõ muito bem V. A. em Cafim, aonde gastou todo o seu casamento. Era casado, & com filhos; & eu tinha regimento de V. A. em que mandaua, prouesse os fidalgos. E auendo respeito a tudo, & a elle ter prouado ser muito parente dos Reys de Portugal, lhe dei isso, porque o merecia muito bem.

P. Porque desonraſtes Vicente Pegado, por vos dizer couſas que cõmpriaõ a noſſo ſeruiço?

R. Eu ſenhor nunca lhe vi dizer couſa que cumpriſſe a ſeruiço de V. A. mas ſempre a contrario, por que ſempre foi medianeiro em pendenças: & porque diſto o reprehendia muitas vezes, & de açoitãr tantos cõuites, que não era de ſeu cargo, dizia que o deſhõraua.

P. Porque prendeſtes os fidalgos que vos diſſeraõ, que vos puzeffeis em juſtiça com Pero Mascarenhas?

R. Prendios, porque elles meſmos foraõ em conſelho de eu prẽder Pero Mascarenhas, & elles foraõ os que me leuantaõ por Governador, & depois por peiras que lhes prometeraõ ſe tornaraõ a deſdizer, & iuraraõ outro por Governador, tendome jurado a mim. E por euitar mores onioẽs que clara mẽte ſe ordiaõ, em que não podia deixar de auer muitas mortes, ſe andaraõ ſoltos, os prendi.

P. Por que pagaſtes aos homens ſeus ordenados em cobre?

R. Eu ſẽpre os paguei como V. A. manda em ſeus regimentos, que ſe pague aõs quarteis, & ſe algũ dauã ſobejo, era por ſatisfazer aos homens, & os ajudar ao ſeruiço, como V. A. faz nas armadas deſte reino: que a muitos manda pagar quarteis adiantados, com fianças, por que ſem eſſas ajudas os homens perecem, & por iſſo fogem. E prou

ue a Deos que vos caiffe neſta culpa, & a elle prouueſſe que vos caiffeſem todos os Governadores, que não aueria na India tantos Portugueſes feitos mouros, que depois pelejãõ muito valentemente contra nos: & ençaõ aos mouros muitas couſas que não ſabiãõ: a fora a ſer o que fiz o mor deſcarga da conſciencia que a V. A. podia fazer. E tinha eu que eſſe era hum dos mores ſeruiços que tinha feitos, & pera me V. A. fazer muita merçe por elle.

P. Porq̃ fizefteſ merçe a Simão de Mello, de cento & trinta pardaõs?

R. Se foi feito merçe a eſſe fidalgo, a mi me parece q̃ ſeria de mor cõtia, por que mais merecia: por q̃ ſempre foi capitãõ, & deu de comer a muita gente: & algũas vezes foi capitãõ mor de armadas, em que ſempre deu de ſi muito boa cõtã. E eu a çerca das merces fui tão regiſtado, que em quatro annos poderia dar por mandado de V. A. trinta & dous mil cruzados (como ſe verá pello liuro do Secretario) & do meu caixaõ fiz merçe, de mais de quatro mil & quinhentos cruzados, por ſofter homẽs, q̃ muito mais mereciaõ.

P. Porque deſteſ a Simão de Souſa a Alçaidaria da Sunda, auendo na India outros homẽs de mais ſeruiço?

R. Ao tempo que iſſo dei a Simão de Souſa, não achaua homẽm que la quiſſe ir, & elle ſe

mancebo de grandes pensamentos, ficando o capitão mor com o outro em que levava a bandeira de Christo. Manoel de Sousa arre-meio com as tranqueiras, com grandes gritas, chamando por São tiago, descarregando sua arcabuzaria nos que a defendião, que por hum grande espaço fizeraõ braua resistência, mas não podendo sofrer mais o estrago que os nossos nelles fizeraõ, largando tudo se recolheraõ a cidade. Os nossos os foraõ seguindo, a te darem com as tranqueiras das bocas das ruas, & com aquella furia com que yão, pondolhe os peitos abalroaraõ por tudo a te as caualgarem, & entrarem a cidade, em que fizeraõ grandes estragos. Os inimigos como yão de vencida, não parando dentro, foraõ atrauessando por ella, & varando pella banda do sertão, ficando a cidade em mãos dos nossos, com todo o seu recheio. Antonio da Sylveira chegando a entrada da cidade, porque não acontecesse algum desarranjo fez alto com a bandeira de Christo, & tocou caixa a recolher, o que todos logo fizeraõ. E lançando espias fora, sabendo serẽ os inimigos recolhidos; & que tudo ficava despejado. entrou a cidade, mandando alguns capitães tomar as entradas d'ella pella banda do sertão, pera maior segurança, & mandou aos soldados que a saqueassem muito francamente, o que elles começaraõ a

fazer, entrando pellas casas que estauão maciças de fazendas, que escalaraõ, & roubaraõ as suas vontades. E foi o sacco taõ grosso de dinheiro, marfim, roupas finas, drogas, & outras mercadorias, que não bastaraõ os nauios pera a quarta parte delle; & tudo o que sobejou mãdou Antonio da Sylveira quemar na praya, como taõbem se fez a cidade, com todo o mais recheio, que era muito grosso, que toda ardeu com espantosos terremotos, & a artilharia das tranqueiras (que era muita) por não auer em que a embarcar, a mãdou o capitão mor lançar no pego do rio, que foi mui grande perda para os inimigos, por que era toda de bronzo. E assi se pôs o fogo a vinte naos que ali estauão, & a muitas Cotias carregadas de fazendas, mantimentos, & madeira: & foi o dano tal, que não perdoaraõ os nossos, a jardins, ortas, quintas muito ricas & frescas, que estauão ao derredor da cidade: o que tudo ficou taõ assolado, que não se enxergaraõ mais, que caruoões & cinza. Isto pos muito grande espanto & terror em todos os naturaes. Antonio da Sylveira como teue tudo assolado saio se pera fora com sua armada carregada de despojos, & foi correndo por toda a costa de Damão a te Agaçaim, dando em todos os lugares & villas com tanta presteza & crueldade, que parecia hum rayo assolador, que andava sobre as  
quellas

aquellas terras, queimando, destruindo, cativando hum grãde numero de gente, de que se chusmarão as nossas Galés. Em quanto estas cousas passaraõ, socedeo hũa desgraca mûy grande a Francisco Pereira de Berredo, capitão de Chaul: & foi que tendo o Tanadar de Chaul guerra com os capitaes d'el Rey de Cãbaya seus vezinhos, que lhe entraraõ por seus limites, & demarcaçoẽs, fazendolhe mûy grandes danos. Pello que lhe foi forçado socorrer se a Francisco Pereira capitão de Chaul, fazendolhe requerimentos, que pello contrato das pazes estava obrigado a lhe dar socorro & ajuda contra seus inimigos: que sem ter licença do Governador, ajuntando cento. & cincoenta de pe, & quasi vinte de cavallo, em companhia do Tanadar de Chaul com a sua gente, fortaõ buscar os inimigos dali a mais de hũa legoa, que eraõ mais de duzentos de cavallo, & dous mil de pe: que vendo os nossos serẽ taõ poucos, porque yaõ na dianteira, arremeteraõ com elles; & posto que nos primeiros encontrõs fizeraõ os nossos mûy grande resistencia, matando, & derribando muitos, todavia como o numero era taõ desigual, & de ventagem, & o Tanadar com os seus se pos logo em desbarate, ficando os nossos tendo o pezo da batalha, carregando o poder todo sobre elles, os romperãõ, & poseraõ em fugida, matando

muitos, salvandose Francisco Pereira com mûy grande trabalho & risco. Esta desgraca sentio tanto o Governador, que o mandou levar prezo pera Goa. Antonio da Sylveira, que estava no rio de Bombaim, tanto que soube deste negocio, que lhe logo chegou, acodio a Chaul com toda a armada, com cuja chegada os inimigos se recolherãõ. E por concluirmos com as cousas deste veraõ de Antonio da Sylveira: elle se deixou andar por aquella costa a resto do veraõ, fazendo cruel guerra a Cambaya, a tefer tempo de se recolher: a invernãr a Goa: aõde o deixaremos por continuarmos com Diogo da Sylveira capitão mor do Malauar. Andava este capitão por aquella costa fazendo guerra aos mouros, & vindose o Governador recolhendo para Goa, depois de dar expediente as naos do reino, deixou lhe hum regimento, que se fosse a Calcut ver com o Camorim, a tratar sobre o negocio das pazes, com que a Cochim o mandou a palgar. Diogo da Sylveira foisse por sobre aquella baya com toda a armada, & mandou visitar o Camorim, & saber delle o modo que queria ter nas pazes que mandara cometer ao Governador. O Camorim recebeu este recado mûy bem, mostrando grandes desejos de amizades, mandandolhe dizer que sua vinda fosse boa, que logo lhe responderia: & na verdade elle desejava

telharia, thesouros, moniçoës, & gente, & ambos entraraõ pellas terras de Adem fazendolhe toda a guerra que poderaõ, no que gastaõ este anno passado. E neste em que andamos, ajuntando exercitos de mais de vinte mil homês, tornaraõ a pôr cerco a Adem pella banda do sertão, onde fizeraõ seus vallos, & trincheiras, & affestaraõ a artelharia que Mostafa romou das Galês, & começaraõ a bater aquella cidade mûy rijamente, mandandolhe tomar os passos todos, por que lhe não podesse entrar cousa algũa de prouimentos, com o que puzeraõ aquella Rey em tamanho aperto, que sem duvida se perdera, se não chegara a aquella portõ a nossa armada, de que era capitaõ Eitor da Sylueira, que como atrás dissemos o Governador Nuno da Cunha despedio de Goa primeiro que se partisse para Cochim, que se foi por a môte de Felix, onde as naos que vão pela estreito de Meca vão demandar. Ali lhe vieraõ cair nas mãos algũas naos de mouros carregadas de pimenta, drogas, & roupas, que foraõ cometidas dos nossos navios: & posto que fizeraõ bem de resistencia, foraõ entradas, & assoladas, não deixando de custar sangue d'alguns que sairãõ bem feridos. E passando as fazendas aos Galeõs da armada, deixaraõ se andar naquella paragem a te fim de Março, em que se auiãõ de reco-

atados

lher a inuernar a Ormuz, como se uaua por regimento. E fazendose à vela com as naos de preza, chegãdo ao portõ de Adem surgiraõ, auendo seis meses que aquella cidade estaua de cerco. Sabendo Eitor da Sylueira o aperto em que estaua, mandou visitar el Rey, & dizerlhe, que por saber o trabalho em que estaua o vinha soccorrer com aquella armada, chea de muitos & valerosos soldados, todos com muito grande desejo de se arriscarem por seu seruiço a tudo: que el se estaua ali prestes pera o fauorecer & ajudar naquella guerra, & que estiuessa de bom animo, porq̃ elle o ajudaria a lançar os turcos fora da terra, por que seria muito grande dano de toda Arabia meterem pé em algũa parte d'ella, por que eraõ gentes infames, & crueis, & onde quer que chegauãõ vsauãõ grandes tyrannias, & não guardauãõ fe, nem pãlaura a pessõa algũa. Isto lhe mãdou dizer, por que se estiuessa aballado, pella necessidade em que estaua, a algũa cousa, o tirasse de sua determinaçãõ, com lhe representar os turcos de maneira, que lhe ficassem odiosos, & auorrecidos. El Rey que estaua medroso, & atemorizado, estimou muito os offercimentos de Eitor da Sylueira, mandandolhe muitos agardcimentos, & dizerlhe, que pois o soccorria em tal tempo, que elle por se não mostrar ingrato, se queria fazer vassalo d'el Rey de

Portu-

Portugal, com as condições que fossem justas, para lhe ficar assim a obrigação de o ajudar, & favorecer: que mandasse a elle hũa pessoa, para assentar as pazes, & contratos. Eitor da Sylueira mandou logo hum homem de recado, com apontamentos, & poderes, para assentar as pazes; que foi bẽ recebido. E praticando com elRey sobre aquelle negocio, concluirão os capitulos seguintes.

Que elRey de Adem se fazia vassallo d'elRey dom Ioaõ de Portugal, & de todos seus descendentes, com dez mil pardaos d'ouro de pareas cada anno, de que logo entregaria mil & quinhentos (como entregou) para com elles se fazer em Ormuz hũa coroa d'ouro para elRey, que se lhe mandaria nas primeiras naos, em prinicias d'aquelle tributo.

Que as naos d'elRey de Adem, & de seus mercadores, poderião liurementemente nauegar para todas as partes que quizessem, tirando para Meca, sem nossas armadas entenderem com ellas. E disto diz Castanheda que se fizeraõ papeis, que nos buscamos bem nos cartorios da India, de que não achamos rasto, nem no liuro do feitor desta armada, que todo corremos, nem no do feitor que entaõ era em Ormuz achamos carregados estes mil & quinhentos cruzados, onde era obrigação estarem receitados: por onde não sabemos onde está a yer

dade disto, mais que acharmolo em algũas lembranças de mão, & referido em Castanheda, que concorreo neste tempo, & não auia de escrever sem fundamento.

E tornando a nossa historia, os turcos tanto que ali viraõ a nossa armada, leuantaraõ logo o cerco, & se foraõ para Xael, porque não fossem os nossos tomarlhe a sua cidade. Eitor da Sylueira tanto que reue nouas disto, que lhas enuiuou elRey, mandoulhe pedir licença, & a despedirse d'elle, & deu a vela para Ormuz, deixando ali hum nauio de remo, para fazer arribar as naos aquelle porto, de que era capitão hum foaõ Carualho: ficando em Adem alguns Portuguezes, que se quiseraõ fazer mercadores. Chegou a armada a Ormuz onde inuernou, & quasi meyo do inuerno faleceo Christouaõ de Mendoça capitão d'aquella fortaleza, & socedeo Belchior de Sousa, por hũa prouisaõ que lhe deixou Nuno da Cunha. Partido Eitor da Sylueira de Adem, chegou aquelle porto hũa nao de Portuguezes carregada de fazendas, & como aquelle Rey tudo o que fez foi com medo, & necessidade, tanto que se vio desfombrado assi da nossa armada, como da dos turcos, quisẽ pagar dos mil & quinhentos pardaos que de ra, & lançou mão dos mercadores, & fazendas, mandando cortar as cabeças a todos. E assi to-

mou

mou o nauio de remo, & mandou matar todos os que nelle andauão.

CAPITULO XI.

*Das cousas que acontecerão em Maluco, entre Portugueses & Castelhanos, & de como dom Iorge de Meneses, os cercou na fortaleza de Tidore, & se derão a partido, com condiçã que se fizessem daquellas ilhas.*



**E**MOS deixado as cousas de Maluco em tregoas quebradas, antre os nossos, & os Castelhanos: que de trezentos que eraõ, ja não auia mais de cento, porque os mais gastou a terra, & as enfermidades cauadas das demasias a que se derão. Estes tornaraõ a reedificar & fortalecer os bastiaes & fortes, que Martim Inhegues fabricou sobre a baya d'aquella cidade, em que se recolherão, porque taõ-bem se não fiauaõ da gente da terra, tanto que se descuidassem. E como estauão ja despezos viuiã cõ trabalho: & estauão taõ enfadados, & não menos o estauão os nossos em Ternate, porque de nenhũa parte viaõ virhes soccorro, nem da India, nem de Malaca, estando com os olhos longos espe-

rando por dom Iorge de Crasto, pera ver se lhe trazia algum de Bãda; onde tinha ido: por que auiaõ que na India se não fazia conta d'aquellas ilhas. O que os tinha postos em muito grande desconfiança, porque totalmente estauão faltos de tudo, & na fortaleza não auia mais de cento & vinte homens. De maneira que assi os nossos, como os Castelhanos, estauão em hum estado taõ miseravel, que se os naturaes daquellas ilhas, quiserão entender nelles, facillissimamente poderaõ extinguir ambas aquellas naçoës. Mas como todos estauão com o olho no grande interesse que do comercio de hũs, & de outros tinhaõ, não selhes entrou nunca esta imaginaçã, antes parecia que por elle os amauão mais, do que se amauão Portugueses & Castelhanos, sendo de hũa mesma lei, & taõ conjuntos per natureza, & parentesco, que quasi eraõ hũs: & cada Rey d'aquelles estaua taõ cioso do que tinha em seu reino, que auiaõ que os ares lhos furtauão. Neste tempo chegou dõ Iorge de Crasto (que como atras dissemos foi a ilha de Banda, ver se achaua algũs nauios nossos, pera tomar algũs prouimentos & gente,) que nada trouxe, porque alguns que achou de mercadores Portuguezes, zombaraõ d'elle, & não lhe quiserão dar suas fazendas, por quã mal os visos Reys, & capitaes pagauão as que lhe dauão.

uaõ, pera suas necessidades. Em quantõ esteue em Bãnda, elRey de Tidore mandou alguns homens seus em companhia d'alguns Castelhanos aquellas ilhas, a solicitar o commercio, & amizades d'ellas, pera elRey de Castella, engracendolhe seu estado, grandeza, & poder, & abatendo no de Portugal, & quasi que tiuerrõ conuêcidos todos aquelles Bandezes a seguirem a parte de Castella: o que não bastou com o Rey de Bachaõ (com que meteraõ muito cabedal neste negócio,) pera deixar o seruiço d'elRey de Portugal, & amizades dos Portugueses, o que fez ao côtrario do Rey de Geilolo que se lançou a parte de Castella, & os fauorecia na guẽrra côtra os Portugueses. Socedeo neste mesmo tẽpo arribar a nao de Alvaro de Sayuedra, que atras deixamos partido de Tidore pera a noua Espanha, carregada de crauo, que por infortúnios que no mar teue, & enfermidades que deraõ em todos, faleceo elle, & a mor parte da gẽte, & a nao cõ poucos que lhe ficaraõ, tornou a arribar as ilhas de Maluco, & não pode tomar se não o porto de Camafo, da ilha do Moro. Disto foi logo dô Iorge de Meneses capitãõ de Maluco auisãdo, & armãdo algũas Corocoras & nauios, q̃ auia na fortaleza, ébarcandose cõ algũs Portugueses, & Cachil Daroes com trezentos Ternates, deu confiço no porto de Camafo, onde os

Castelhanos estaũõ perdidos, & desbaratados q̃ logo se entregaraõ a dô Iorge, & elle os trouxe cõ suas fazêdas pera a fortaleza; onde os mãdou curar, & agasalhar muito bem, mandando Fernão de la Torre pedirhos, a que elle não respondeo a proposito. Isto conta o clérigo Francisco Lopez de Gomara na sua historia das Indias, & de Mexico, fol. 282. por bem diferente maneira, & muito fora da verdade: porque diz, que dom Iorge catiuou esta gente em Malaca, onde ella fora ter, & que dous annos tiuera todos em carcere, em que morreraõ dez Espanhoes, sendo a verdade o que temos cõtado; & dô Iorge de Meneses, tratou taõ bem estes Espanhoes, como se foraõ proprios natuaes: nem elles d'aquella arribada foraõ a Malaca, nem foi dom Iorge de Crafo o que os reteue, se não dom Iorge de Meneses; & o reuerendo padre foi mal informado, ou teue pouco escrupulo de aleuãtar aos Portugueses este aleiue. Quasi nesta mesma conjunçãõ se trauaraõ alguns senhores da ilha do Moro em guerra huns com os outros, ao que acõdio elRey de Tidore, & seu irmão Cachil Radé com sua armada, a fauorecer os seus aliados & amigos contra os dos Portugueses; & em sua companhia mandou Fernão de la Torre cincoenta Castelhanos, pera que vissem aquelles Reys, cõ quem estaua cõfederado,

o como acodião à fauorecellos. Disto foi logo apiffado dom Iorge de Meneses, & sabendo que em Tidore, não ficariao mais que quarẽta, ou cincoenta Castelhanos, determinou de dar naquella ilha, não descobrindo a pelloa algũa sua teção, & fez prestes algũas embarcações, pedindo a Cachil Daroes, que o acompãhaffe cõ suas Corcoras, porq̃ determinaua de ir pelejar cõ a armada de Tidore, & de Geilolo, que andauão fora, o que elle fez cõ a melhor gente que tinha. E dom Iorge de Meneses entregando a fortaleza a Gomez Aires com vinte Portugueses, embarcouse, leuando todos os mais de Ternate, cuidando todos que ya buscar o imigo. E sem dar conta a ninguem de sua tenção se fez na volta de Tidore, onde chegou de madrugada, & desembarcando em terra sem ser sentido, cometeo à cidade; onde não achou quem lha defendesse, mandando logo por a ferro & a fogo tudo. El Rey que era moço, com alguns que o seguiraõ, acolheose pera a serra, & esteve muito perto de ser catiuo. Dõ Iorge não se sayo da cidade a te a deixar toda assolada, & feita cinza, & como não teue que fazer, foi por cerco ao forte em que estariaõ os Castelhanos; aquem mandou requerer que se entregallem, que elle os deixaria ir livremente, saõs, & saluos com suas armas, & fazendas, & não quisessem

quẽ terras de gentes taõ barbãras como aquellas fossẽ banhadas com sangue Christão: & que era mûy grande escandalo pera todo o mûdo, sendo d'hũa mesma ley, & quasi naturaes, estarem rãõ diuidos, & tomarem armas huns contra outros, em meyo de imigos que desfejauão de lhes beberẽ o sangue: que o Emperador não se auia d'auer por seruido disso, nem do direito d'aquellas ilhas ficar nas armas, se não na rezaõ, & na justiça. A este recado respõdeo Fernão de la Torre cõ palauras mûy soberbas & arrogantes: pello que dõ Iorge mandou desembarcar algũas peças d'artelharia, & assetalas na parte que lhe melhor pareceo, & mandou bater o forte, & ordenar escadas pera lhe dar assalto: o que visto por Fernão de la Torre, mandou pedir seguro a dom Iorge pera se ver com elle, que lho mandou: & logo veyo acompanhado d'alguns poucos. Dom Iorge o sayo a receber fazendolhe grandes honras, & galhardos, & praticando sobre estas coufas, auendo altercação de parte a parte, vieraõ a se concluir em paz entre ambos, com as cõdições seguintes.

Que os Castelhanos se saissẽ d'aquellas ilhas, & se fossẽ pera o lugar de Camafo, na costa do Moro, pera o que dom Iorge lhe daria embarcações para se passarem la, onde estariaõ a te vir recado de Espanha, & de Portugal, pera ve-

rem

rem a determinação que aquelles Reys tomavaõ sobre as cousas d'estas ilhas.

E que estarião sem tratarem, nem comprarem crauo algum.

E que tornariaõ a ilha de Maquiem que tinhaõ tomado a el Rey de Ternate, & não serião contra elle, nem contra o de Bachaõ, nem ajudariaõ a el Rey de Tidore, nem a o de Geilolo contra Portuguezes, nem contra os Reys seus confederados.

E que se farião entrega hũs aos outros de tudo o que tinhão toma

do na guerra. De tudo se fizeraõ autos & papeis assinados por todos, & juraraõ as pazes solennemente: & logo se fizeraõ entrega das cousas que tinhaõ, & dõ lorge lhes deu embarcações pera todas suas cousas, & os mandou por no lugar de Camafo, dõ de Fernaõ de la Torre despedio no Galeaõ da carreira hũ Pero de Montemor com cartas pera o Governador da India, em que lhe pedia embarcação, & despacho, pera se passar com todos os Castelhanos à India, & assi os deixaremos a te seu tempo.

## LIVRO VII. DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITVLO I.

*Do contrato, & cõcerto, que el Rey dom loã fez, com o Emperador Carlos quinto, sobre as ilhas de Maluco: & da armada que este anno partio do reino.*

**Q**UOMO o Emperador Carlos, quinto, que este anno passado de vinte nove se tinha coroado, por Emperador de Alemanha, estava muito despezo, pellas continuas

guerras em que andava, & as diferenças entre elle, & el Rey dom loã de Portugal o terceiro: sobre as cousas de Maluco, estavaõ cada vez mais acezas, & o grande parétesco, & amizade, que antre elles auia, era muito grande freyo, pera não romperem de todo: ordenaraõ de tomar hum meyo honesto n'este negocio, com que se acabassem as contendas todas, pera o que fizeraõ seus procuradores bastantes, pera determinarem a causa, que se ajuntaraõ na cidade de Saragoça, onde concluireã sobre as cousas de Maluco, & fizeraõ hum

contrato, cujo teor de verbo ad verbum he o seguinte.

A vinte & dous dias de Abril, de mil, quinhentos, vinte, & nove annos na cidade de Saragoça de Aragão, foram juntos Mercurio de Gatinara, Conde de Gatinara, Chanceler mor do Emperador Carlos quinto Rey de Castella, & dom Frei Garcia de Loyassa Bispo D'osma, seu confessor, & dom Frey Garcia de Padilha, comendador maior de Calatraua, procuradores de sua Magestade, & Francisco dos couos seu Secretario, & Escriuão & notario publico, & o Lecenceado Antonio d'Azeuedo Coutinho, Embaixador & Procurador d'elRey dom Ioão o terceiro de Portugal. E disserão os tres procuradores de sua Magestade, que em seu nome & por virtude de sua procuraçãõ vendiaõ, como defeito o venderaõ, d'aquelle dia pera sempre a elRey de Portugal, & todos seus soccessores da coroa de seus reinos, todo o direito, aucaõ, dominio, propriedade, possessão, ou quasi possessão, & todo direito de nauegar, contratar, & commerciar por qualquer modo que fosse, q' o Emperador Rey de Castella dizia, & podia ter, por qualquer via, modo, & maneira que fosse em Maluco, cõ os lugares, & terras, marés, segundo seria ao diante declarado, por preço de trezentos & cincoenta mil cruzados d'ouro & prata que valessem em Cas-

tella trezentos & setenta & cinco marauedis cada hũ. E que em qual quer tẽpo q' o Emperador & seus soccessores tornare o dito dinheiro sem lhe faltar cousa algũa a elRey de Portugal & seus soccessores, fiza a dita venda desfeita, ficando cada hum com o direito que tinha dantes. E pera se saber a repartição auiaõ por deitada hũa linha de polo a polo, por hum semicirculo que distasse de Maluco ao Nordeste, tomando a quarta de Leste dezanoue graos, a que respondiaõ dezasete graos escassos em a Equinocial, em que montauaõ duzentas nouenta & sete legoas & mea a Oriente de Maluco, dando dezasete legoas & mea por graõ Equinocial, em cujo meridiano, & rumo de Nordeste, & quarta de Leste, estauaõ situadas as ilhas das Velas por onde passaua a dita linha & semicirculo. E sendo caso que as ditas ilhas estiuessẽ ou distassẽ mais ou menos de Maluco, rodauia a dita linha ficasse lançada nas ditas duzentas nouenta & sete legoas & mea, mais a Oriente de Maluco; do que se farião dous padroẽs iguaes assinados por os Reys, & sellados de seus sellos, pera ficar a cada hum o seu, pera seus vassallos saberem por onde auiaõ de nauegar.

Que em qualquer tempo que elRey de Portugal quizesse que se visse o direito da propriedade de Ma-

de Maluco, & as terras conteudas no contrato, posto que o Emperador não tenha tornado o preço, nem o contrato fosse resolutivo, cada hum dos ditos senhores nomeasse tres Astrologos, & tres Pilotos, que se ajuntariao em hum dos lugares da arraya que lhe fosse nomeado, aonde assentariao da maneira em que se avia de ir ver o direito da propriedade, conforme as capitulações feitas entre os Reys Catolicos, & elRey dom loão o segundo de Portugal. E sendo caso que se julgasse o direito por Castella, não se executaria, nem usaria de tal sentença, sem primeiro tornar realmente os trezentos & cinquenta mil cruzados. E que sendo julgado o direito por elRey de Portugal, seria obrigado o Emperador tornar o dito dinheiro, do dia da sentença a quatro annos primeiros seguintes.

E vindo de qualquer parte algũas drogas, ou especiarias aos reinos de Castella, ou Portugal, seriao depositadas a te se saber se erao da parte que cabiao a Portugal ou Castella, & dar-se yão a quem pertencessem. E sendo levadas a terra dos inimigos, cada hum dos Reys, as poderia pedir por autos, sem outro poder, nem procuração, o que se não entenderia nas que fossem pera elRey de Portugal.

Que da dita linha pera dentro não poderiao as naos do Empera

dor, nem de seus subditos, & vassallos, né de algũas outras pessoas, entrar com seu favor & ajuda, nem sem ella tratar, nauegar, commerciar, nem carregar cousa algũa de qualquer maneira & sorte que fosse; & quem o contrario fizesse seria prezo por qualquer capitão, ou justiça d'elRey de Portugal, & por elles ouvidos, & castigados, como cossaios, quebrantadores da paz, & não sendo achados dentro da linha, & indo ter a algũ porto outro do Emperador, as suas justiças os prèderiao & castigariao, como lhe fossem mostrados autos, & pesquisas porque fossem obrigados.

Que o Emperador por si, nem por outré, não enuiaria as ditas ilhas, & marés detro da dita linha, né cõsentiriao que la fossem seus vassallos naturaes né estrangeiros, posto que naturaes, nem vassallos fossem, nem lhes daria favor, nem ajuda, antes seria obrigado a defendelo, quanto nelle fosse, & mandando, ou dando favor, ou ajuda, & o não estoruasse, & defendesse, que o dito pacto de retro vendido ficasse logo resolutivo. E elRey de Portugal não seria mais obrigado a receber o dito preço, nem a retro veder o direito & aução q' o dito Emperador por qualquer maneira podia ter nelle: antes por virtude do contrato tinha vendido, renunciado, & trespassado é elRey de Portugal; & pello dito

feito a dita venda fique pura & val-  
le fall para sempre. Nesta pena  
nao encorreria quando algus seus  
vassallos, nauegando por esse mar  
do Sul, entrasse com fortuna &  
tempo fortuito a dita linha, por-  
que entao seriao bem tratados co-  
mo vassallos d'elRey de Portugal,  
& do Emperador seu irmao: &  
cessando a necessidade, se torna-  
riao logo a sair. E passando a dita  
linha por ignorancia nao encorre-  
riao por isso em pena, a te lhenao  
constar que estauao d'entro, & se  
nao saissem, & descobrindoos que  
assi entrarao alguas terras ou ilhas  
dentro da linha, seriao d'elRey de  
Portugal, como se as descobrissem  
seus capitaes & vassallos.

Que as naos do Emperador, &  
de seus vassallos & naturaes, pode-  
riao nauegar pellos mares, por on-  
de as armadas d'elRey de Portu-  
gal yao para a India, tanto quan-  
to lhe fosse necessario para toma-  
rem suas derrotas para o estreito  
de Magalhaes: & nauegando mais  
pellos ditos mares d'elRey de Por-  
tugal encorreriao nas ditas penas  
acima declaradas, & todos seriao  
castigados pellos capitaes d'elRey  
de Portugal, se por elles fossem a-  
chados. E indo ter as terras do  
Emperador, o seriao por elle, &  
suas justicas, mandandolhe as cul-  
pas, em que encorreriao da noti-  
ficacao do contrato em diante: o  
que se nao entenderia nas arma-  
das que o Emperador tinha ja ma-

dadas aquellas partes, & do dia  
da outorga do contrato em dian-  
te; nao poderia mandar ou-  
tras de nouo, sem encorrer nas di-  
tas penas.

Que elRey de Portugal, nao po-  
deria fazer nem mandar fazer d'e-  
tro da dita linha, nenhua fortaleza  
de nouo, nem se faria na que esta-  
ua feita, obra de nouo, mas poder-  
se ya sustentar no estado em que  
entao estaua & iuraria de o assi  
comprir.

Que as armadas que o Empe-  
rador la tinha mandadas, seriao  
bem tratadas, & favorecidas, co-  
mo se fossem d'elRey de Portu-  
gal, & nao lhes fosse posto emba-  
raço, nem impedimento a sua na-  
uegacao, & contratacao: & que se  
dano algum ouuessem recebido,  
ou recebessem, ou lhe tiuessem to-  
rnado alguas cousas, seria obriga-  
do elRey de Portugal, emendar, &  
satisfazer, & pagar logo no em que  
o Emperador & seus subditos ou-  
uessem sido danificados, & de ma-  
dar punir os que o fizerao, & de  
prouer com que as ditas armadas  
podessem ir quando quisessem sem  
impedimento algum; & o Empera-  
dor mandaria logo suas prouisoes  
para os que estiuesssem no dito Ma-  
luco, sairem logo d'elle, & nao co-  
tratariao mais cousa algua, & lhes  
deixariao trazer o que tiuessem  
resgatado, cotratado, & carregado.

Que nas prouisoes & cartas q  
a cerca deste contrato o Empera-  
dor

dor auia de passar, diria o que dito era, se assentaua, capitulaua, contrataua, valessem bem como se fosse feito, & passado em cortes geraes, com o consentimento expresso dos procuradores d'ellas; & que pera validação disso, de seu poderio real absoluto, de q̄ como Rey & senhor natural, não reconhecete superior em o temporal, ou uel-se de vsar, & vsaua, abrogaua, & derogaua, cassaua, & annullaua a supplicação que os procuradores das cidades, & villas de seus reinos, em as cortes que se celebraraõ na cidade de Toledo o anno passado de vinte & cinco lhe fizeraõ, acerca do tocante a contratação das di-  
tas terras, & a resposta que a ello dera, & qualquer ley que em as ditas cortes se fez, & todas as outras que a isto podessem obstar.

Que el Rey de Portugal (por q̄ alguns subditos do Emperador, & outros de fora de seus reinos que o yão seruir, se queixauão que na ca-  
sa da India, & seu reino, lhes tinhaõ embaraçadas suas fazendas) prometesse de mandar fazer clara, aberta, & liure justica, sem ter respeito ao nojo que d'elles podesse ter.

Que as capitulações feitas entre os Reys Catholicos, & el Rey dõ Ioaõ o segundo de Portugal, sobre a demarcação do mar Oceano, ficassem firmes, & valiofas em todo & por todo como nellas era cõtra-

do: tirando as cousas em que por este contrato lhe era dado, em modo que a venda ficasse desfeita, em tal caso as ditas capitulações feitas entre os Reys Catholicos, & el Rey dom Ioaõ, ficasse em toda sua força, & vigor.

Que posto que o direito, & aução, que o Emperador dizia ter em Maluco, que assi pello modo sobre dito vendia, valesse mais da metade do justo preço, do que por elle lhe dauão, & sabia certo, por certa informação de pessoas que o bé sabião, & entendiaõ, que era de muito mayor estima da metade do justo preço, & por muito mais grande valia que fosse, o Emperador a demenuja de seus socesores, & desmembroua da coroa, de seus reinos realmente, durando o tempo do contrato.

Que qualquer das partes que fosse contra o contrato, ou parte d'elle, por si, ou por outrem, ou por qualquer via & modo que fosse pensado, perdesse o direito que tinha, & ficasse logo tudo applicado, junto, & adquirido, a outra parte que por elle estiuesse, & a coroa de seus reinos, sem pera isso o que contra elle fosse ser mais citado, ou uido, nem requerido, nem ser necessario pera isso sentença d'algũ juiz, averiguandose, & prouandose primeiramente o mandado, & consentimento ou fauor da parte que contra elle fosse. E alem disso pagara dezoito mil cruzados d'ouro

do pro ou prata à outra parte de pena, em que encorrião tantas quantas vezes cõtra elle fosse, em parte, ou em todo, & a pena leuada ou não leuada, o contrato, ficaria valioso, & firme ja mais pera o que estiuessse por elle. Para o que obrigauão todos os seus bens, patrimoniacs, & fiscaes dos constituintes, & dás coroas de seus reinos, & juraraõ solennemente, & prometeraõ de em nenhum tempo irem contra o contrato, em parte nem em todo, por si, nem por outrem, em juizo, nem fora d'elle, por nenhũa maneira que pensar se podesse. E que em nenhum tempo por si nem por outrem pedirão relaxação do juramento ao santo Padre, nem a outro que pera isso o poder tiuesse. E posto que sua santidade, ou quem pera isso poder tiuesse sem lhe ser pedido, de seu proprio motu lhes relaxasse o dito juramento, que o não accitação, nem em nenhum tempo visação da dita relaxação, nem se ajudarião d'elle por nenhũa via nem maneira que podesse ser. Cõ isto ficou o reino desaliuado, & el Rey mandou negociar seis naos para mandar à India, que partiãõ entrada de Março, sem capitação mor. Os capitaes d'ellas eraõ, Francisco de Sousa Tauares, Fernão Camello, Vicente Pegado, Manoel de Brito, Pero Lopez de São Páyo, & Luis Aluarez de Paiua. E mandou os contratos de Maluco,

pera la estarem registados. De sua jornada a diante daremos rezão.

CAPITULO II.

*Dos grandes apercebimentos que o Governador Nuno da Cunha fez pera continuar na guerra de Cambaja, & da muito grande & poderosa armada com que partio pera Dyo.*



O MO o Governador a principal cousa que trazia encomendada del Rey, era o negocio de Dyo, determinou de por este veraõ as mãs aquella obra, pera o que mandou ajuntar, & negociar, mûy grandes apercebimentos pera aquella jornada, em que se auia de meter toda a potencia do estado, & escreveu no inuerno a Afonso Mexia, capitão & veador da fazenda de Cochim, que lhe fizesse prestes todos os nauios que naquelle porto ouuesse, assi d'el Rey, como de partes, & pagasse toda a gente que podesse achar pera elles, & lhes mandaria dar embarcações, soldos, & mantimentos, porque não queria que gastassem de sua fazenda couza algũa: pera o que passou prouisoes ao veador da fazenda, & a todos os officiaes, pera fazerem estas despe-

despezas, encomendando a todos que a gente d'elRey de Cochim se lhes fizesse muitos mimos, & nenhum agráuo: gastando o Governador todo o inuerno no apercebimento da armada, & das cousas necessarias pera a jornada, visitando todos os dias em pessoa a ribeira das naos Galeoës, & Galés, em que auia mil homês Portugueses ordenados pera seu seruiço, entre mestres, pilotos, bombardeiros, calafates, carpinteiros, & marinheiros: vendo & prouendo os almazês de artelharia, muniçoës, & mantimentos: de todas as cousas necessarias pera a jornada, no que gastaua os dias da somaná, & aos Domingos atarde se ya ao campo cõ toda soldadesca que auia em Goa, mandando fazer barreiras, a que todos atirauão com suas espinguardas, pera os adestrar & exercitar, & o que daua no aluo leuaua hũ certo preço que o Governador ali tinha logo pera isso, & o mesmo fazia aos bombardeiros, dando & fazendo pagas a todos, com o que andauão contentes, & satisfeitos: & estimauão muito suas armas, & espingardas, trazendoas limpas, & assacaladas, & não empenhadas pellas tauernas pera comer, como nos em outro tempo vimos, por lhes não pagarem. Nestes exercicios gastou o Governador todo o inuerno, & tanto que o veraõ entrou começou por a armada no mar, & mandar embarcar moni-

çoës, mantimentos, & artelharia, escadas, & todos os outros petrechos de bataria, & de escalar fortalezas: E nos primeiros nauios de mercadores que foraõ pera Cambaya, despedio dous mercadores gentios, que tinhaõ suas casas em Goa, homês de recado, & confiança: pera irem a Cambaya, & a Dyo, espiarem as cousas como estauaõ, & verem a fortaleza gente & artelharia que nella estaua, pera lhe saberem da rezão, auisandoos que lançassem fama, da grande armada & poder, com que elle ficaua no mar, encarecendo-lhes tudo o que podessẽ sua potencia, por que com a fama deste terror se mouesse Melique Tocão, irmão de Melique Saca (que entãõ era senhor d'aquella ilha) a fazer com elle pazes, & a lhe dar a fortaleza, dandolhes por regimento, que ate vinte de Janeiro seguinte fosse ter com elle a ilha de Beth, aonde os esperaria. Despedidos estes homês, ficou o Governador Nuno da Cunha esperando pellas naos que auião de vir do reino, que não tardaraõ mais que a te dez de Setembro, em que vinhaõ dous mil homês, gente muiy limpa, & muiy lustrosa, com que o Governador folgou muito pera a jornada, & entre as instrucçoës que o Governador teue d'elRey, era hũa: que mandasse Afonso Mexia pera Portugal, & que lhe fizesse inuentario de toda sua fazenda, que lhe mandaria

ria repartida pellas naos, entregue a pessoas de confiança pera se dar no reino, aquem el Rey mandasse, & que prouesse o cargo de veador da fazenda, aquem lhe bem parecesse, & isto mandou pellas culpas & capitulos q̄ Pero Mascarenhas deu contra elle. O Governador despediq̄ prouisoões a Cochim sobre este negocio, & não achamos a pessoa aquem o encomendou, somente a receita que se fez de toda a fazenda de Afonso Mexia, que era muita pedraria, perolas, pessas dourado & prata, alcatifas, & outras cousas ricas, que tudo se carregou sobre Manoel de Sá, feitor, & thesoureiro de Cochim, & se entregou a os capitaens das naos, em que o mesmo Afonso Mexia se embarcou em laneiro, de trinta & hum, & o cargo de veador da fazenda não quis o Governador prouer, dizendo que elle faria tudo, porque era homem, que entendia mūy bẽ a ordem d'ella, como quem o era de todo o reino. Escreueo taõbem a el Rey de Cochim, & aos officiaes, que dessem pressa à gente q̄ lhe auia de mandar, & a armada toda que la auia, por que só por isso esperaua, que se fazia prestes com muita diligencia, por que tinha el Rey dados mil & quinhentos nares pera a jornada, que se repartião por quinze ou vinte nauios d'el Rey, & de partes, que Afonso Mexia tinha pera isso negociados. E o Arel de Porca taõbem se fez pres-

tes, com gente sua, & tres nauios, pera ir acõpanhar o Governador nesta jornada, & assi a elle, como a gente d'el Rey de Cochim, se lhe deu todo o necessario mūy compridamente, & toda esta armada partio a te quinze de Nouembro. O Governador deu grande expediente à escritura do reino, & ao despacho das naos, despedindoas para irem tomar sua carga. E ficando desoccupado mandou fazer gente da terra pellas ilhas de Goa, & de todas ajuntou mil & quinhentos lascarins, os que lhe melhor parecerão pera as armas, que repartio por naiques, & capitaes, fazendo-lhes suas pagas, & dandolhes seus mantimentos & embarcações separadas. E fazendo alardo da gente Portugueza, que estaua pera ir n'aquella jornada, achou quatro mil homes, em que entrauão muitos fidalgos & caualeiros. E mandando embarcar tudo, & tendo a festa do Natal em terra, depois de estar aos officios, em que comungou, & o mesmo fez a mor parte da gente, se embarcou, & se fez a vela, com cento & oitenta velas, em que entrauão trinta naos, Galeoões, Carauelas, doze Galés, tres Barcaffas, & tudo mais Galeotas, Fustas, Bargantins, Tauris, & outras embarcações da terra; & os capitaes que nesta jornada o acompanharaõ, dos que podemos saber os nomes, são os seguintes. Antonio de Saldanha, Diogo da Sylueira,

Sylueira, Garcia de Sá, Antonio da Sylueira; Manoel d'Albuquerque, dom Vasco de Lima, Iorge de Lima, Tristaó Homem, Francisco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá o Runte, Nuno Pereira de Lacerda, Iorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Afonso de Mello Iuzarte, Francisco de Vascócellos, Miguel Carualho, Vasco Pirez de São Payo, Anrique de Macedo, Martim de Freitas, Eitor da Sylueira, dom Roque Tello, Góçalo Vaz Coutinho, Manoel de Miranda, Manoel Rodriguez Coutinho, Christouão de Paiua, que ya por feitor da armada, Ruy de Mello, Lopo Pinto filho do Bailio de Leca, Pero Botelho, Iorge de Sousa, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Antonio da Sylua, Lopo de Mesquita, & outros muitos fidalgos, & caualeiros. E da barra de Goa, despedio o Governador alguns Catures ligeiros pera que fossem esperar a armada que vinha de Cochim, & darlhe pressa a te Chaul, onde a esperaua: & elle foi seguindo seu caminho a te chegar aquella cidade, onde foi muito bẽ recebido do capitaõ, & pouo, & visitado do Tanadar de Chaul de cima. Aqui se deteu o Governador alguns dias a te chegar a armada de Cochim q̃ não tardou muito com o que perpez de ventagem de duzentas velas, & com todas jũtas foi a Baçaim, donde atravesou a outra costa, & em tres dias

foi auer vista da ilha de Beth, oiro legoas de Dyo, & d'algũas embarcações que tomou n'aquella costa soube, que naquella ilha estaua hũ capitaõ d'elRey de Cábaya, turco de nação, com dous mil homẽs de guerra. E chamando os capitaes a cõselho, lhes disse, q̃ elle estaua determinado de dar naquella ilha, & meter todos os que nella estiuessẽ à espada, assi pera terror & espantodos de Dyo, (porque não aguar daffem a experimentar outra tal crueza, & lhes dessẽm a fortaleza liuremente,) como pera terem menos aquelles dous mil homẽs que eraõ os escolhidos de Cambaya: que forçado a viaõ de ir soccorrer Melique Tocaõ, & era bõ naõ lhe deixar nas costas aquelle soccorro. Aos capitaes lhes pareceo bẽ esta determinação (que foi causa de se perder a empreza de Dyo, porque se logo o cometeraõ sem duvida o tomara.) O Governador mandou logo rodear a ilha pellos nauios ligeiros, porque se naõ saissẽ d'ella. Tinha elRey de Cambaya esta gente nesta ilha, porque se receua que mandasse o Governador fazer ali algũa fortaleza, por meterem pé no reino de Cábaya; como ja por algũas vezes se tentou: & tinha este capitaõ hũ forte mury atrezoado sobre hum itezõ no meyo da ilha, pera seu recolhimento, & defensão, com muita artelharia, & munições, em tres dias

CAPITULO III.

De como o Governador Nuno da Cunha cometeo a ilha de Beib, & a entrou; & do espantoso caso que nella se succedeo, por que se deu aquella ilha o nome que hoje tem, da ilha dos mortos.

**S**ERTO o Governador, de redor da ilha, mandou recado ao capitão Turco, que lhe entregasse aquella ilha; & se pozesse em suas mãos com toda a gente, ficando a sua merce, & que usaria com elles de piedade. O capitão turco mandou com a reposta hum mouro hórado, que foi leuado ao Galeão do Governador: & vendo a potencia d'aquella armada, ficou enleado de feição, que por hum espaço não falou. Passado aquelle primeiro termo disse ao Governador, q o capitão d'aquella ilha lhe mandara dizer, que se espantaua muito d'elle, indo cõ hũa armada tão potente sobre a fortaleza de Dyo, querer se embarçar em cousa tão pequena como era aquella ilha: q lhe fazia a saber, que elley & todos os que com elle estauão, auiaõ de morrer sobre sua defensão, & que não faria mais (querendo os cometer,) que quebrantar os espiritos

aos seus soldados, porque posto q elles mataassem todos quantos auia n'aquella ilha, não auia de ser tanto a seu saluo, que lhe não custasse muito: & assi ficariaõ arrefectidos da furia que leuauão contra Dyo. O Governador o tornou a despedir mandandolhe dizer, q se se não entregasse a sua merce, não usaria de piedade algũa com elles: por isso que se determinasse a te o outro dia. Isto foi contra o parecer de todos os capitaes, porque ouueraõ que o turco lhes mandaua conselho de amigo, & assi disse raõ algũs ao Governador que lhes parecia bem dissimular cõ aquelle negocio, porque se ali lhe acontecesse hum desastre, ficariaõ os soldados tão medrosos, & quebrantados, que depois não poderiaõ fazer cousa algũa em Dyo, pera o que lhe era necessario os homens saõs, & muito afoutos. O Governador não aceitando aquelles conselhos, mandou dar ordem a desembarcação. O capitão da ilha vendo a resolucao da reposta do Governador (segundo diz Fernão Lopez de Castanheda, & outros) tornou a mandar dizer pello mesmo mouro, que deixãdoos sair da ilha com suas pessoas, molheres, armas, & fazendas, lha entregariaõ liure & desembaraçada. Mas algũs homens casados de Dyo, que se acharaõ n'esta jornada nos disse raõ (inuernando nos n'aquella fortaleza) que o turco com todos os mais

os mais

os mais, estauão tão obstinados, que não quiseraõ cometer partido algum, com o mouro que andaua com os recados; os persuadir muito a isso, representando-lhes a potencia d'aquella armada, & o perigo que todos corrião. Mas o mais certo he, que por tres vezes mandou o capitaõ este mouro a falar com o Governador sobre concertos, mas não querendo nunca aceitar outros se não os que primeiro pedio, nem o Governador querer se decer da sua primeira opinião. O que visto pello Embaixador, da derradeira vez, vendo o desengano do Governador, deixou se ficar no Galeão por saluar sua pessoa por que sabia o proposito com que estauão os da ilha. O Governador mandou fazer prestes as cousas necessarias pera ao outro dia desembarcar, dando a dianteira a Eitor da Sylueira, & de toda a gente fez seis bandeiras, de que eraõ capitaes Eitor da Sylueira, Antonio de Saldanha, Diogo da Sylueira, Garcia de Sá, Antonio da Sylueira, & a outra era a do Governador, que leuaua a bandeira de Christo. E deu ordem aos capitaes das bandeiras, que desembarcasssem pella ilha em roda, em diferentes paragens, por que ainda que os imigos se determinasssem a lhes defender a desembarcação, não podessem acudir a tantas partes. O Governador

mandou mudar toda a gente aos nauios de remos, & aos bateis das naos & Galeões, dando tantas embarcações a cada capitaõ, pera por suas partes cometerem a ilha. Ao outro dia pella manhã, forão cometer a terra, onde saltou Eitor da Sylueira com a sua bandeira; pera quem se passarão muitos aventureiros, & fez em terra hum esquadrão de mais de mil homens. Os mais capitaes taõbem desembarcarão nas partes assinaladas a cada hum, & forão se ajuntar a Eitor da Sylueira, & o Governador desembarcou por derradeiro, sem auer em algũa d'estas partes resistencia. Postos todos em terra, mandou o Governador desembarcar algũas peças d'artelheria pera bater a fortaleza, & muitas escadas pera a escalar; negociado tudo forão marchando pera a fortaleza, & a tiro de falcão d'ella, assentaraõ o arrayal, fortificando logo a roda com seus vallos, & trincheiras fortes. Ao outro dia se começou a batatja com tanta força que lhe derrubou algũas partes, por onde ja se podia cometer; durou isto a te a noite. Ao outro dia prepararaõ se pera lhes darem o assalto. Os de dentro vendo se d'aquella maneira, desconfiados de todo o remedio, & entendendo bem que os Portugueses lhe auião d'entrar a fortaleza por força, & que

Y forçado

forçado todos os que dentro es-  
tauaõ aũaõ de morrer em sua  
defensaõ; & que suas molheres,  
filhos, & fazendas; não poderião  
deixar de ficar por despojos a  
os Portugueses, o que sentiaõ  
em extremo. E trazendolhe o de-  
monio hum brutalissimo reme-  
dio a memoria; ajuntou o capitaõ  
todos os mouros, & lhes fez esta  
breue arenga. Bem vedes amigos & compa-  
nheiros meus, como tentei todos  
os remedios, quantos a honra &  
a obrigaçãõ mederaõ lugar, por  
ver se podia salvar as molheres, &  
filhos, de todos os que aqui esta-  
mos, que he o que só desejava: por  
que nos como fomos homens mais  
auemos de pretender jãta morte  
honrosa; que vida com vituperio,  
de que não podemos escapar, segun-  
do estes inimigos estão encarnissas  
dos contrarios. Mas por que de-  
pois de todos acabados em nosso  
officio, & obrigaçãõ; não fiquem  
nossas molheres & filhos em seu  
poder, nem as fazendas que co tan-  
to trabalho adquirimos: sou de pa-  
reçer, que antes se consuma tudo  
em nossas mãos entregando as ao  
fogo, para que as gaste & consu-  
ma, & depois com odio desta ma-  
gda mais entranha uel; & com ira  
desta cruzã mais azeza; sayamos  
nos inimigos; & tomemos nelles vin-  
gança d'esta deshumanidade que  
fazemos de nos, co nossas proprias  
molheres & filhos. E quando to-  
dos, 10

dos acabarmos a suas mãos, não  
lhes ficara cousa de que se possaõ  
louuar de nos, & assi ficaremos  
hum raro exemplo ao mundo. A  
todos pareceo bem aquelle conse-  
lho, & iaõdõse d'ali com aquella  
furia, cada hum se foi a sua casa, &  
nos innocentes filhos & molheres,  
que estauãõ repousando, banha-  
raõ as crueis espadas, abrindolhes  
as entranhas sem piedade algũa (o  
que todos fizeraõ em hum mesmo  
tempo) não perdoando a pays,  
mãys, molheres, filhos, irmãos, nã  
a toda mais gente & familia. Esta  
cruẽza executaraõ, sem lhes mo-  
uer as entranhas, o choro do ten-  
ro filho, nem as lagrimas, & pia-  
dosas lamentações da chara, & a-  
mada esposa. Acabado este san-  
guinoso, & cruel expectaculo; to-  
raraõ todas suas fazendas, ou-  
ros, prata, drogas, alcatifas, & to-  
dos os mais moueis ricos, & co-  
nifos; & posto tudo em hum grã-  
de monte, no terreiro da fortale-  
za; juntandolhe muica lenha, &  
palha; lhe puzeraõ fogo, como  
quando a arder tudo soberbissima-  
mente. E tomando os corpos das  
molheres, filhos, & mais familia;  
que estauãõ ainda palpitando; &  
repoluentõse no quente sangue;  
os foraõ lançar no meyo d'aquellas  
ardentes chamas; consumindõse  
tudo em cinza; em hum pouco  
breue espaço. Imitardõ n'esta  
brutal facanha os antigos Numar-  
tinos. Forãõ vistas dos nossos aquel-  
las

las chamãs & labaredas com muito grande espanto, sem poderem cuidar o que seria. Feito aquelle barbaro incendio, ajuntaraõse secentos dos principaes, & foraõse á Mesquita; & nella fizerão grãdes votos a Mãfamede, de morrerem todos em vingança d'aquelles innocentes: & pera final d'aquelle voto, raparaõ logo ali as cabeças a maneira das tonsuras dos nossos clrigos, que he hũa superstição que vsaõ os que se offerecem a morrer, & a desprezar a vida. A estes homens chamã na India; amoucos, de quem em outra parte daremos mais particular rezaõ. Passada aquella desesperada, & triste noite, pera elles; em rompendo a lux da manhã, pôseraõse os nossos em ordem de escalar a fortaleza, levando pera isso suas escadas, mantas, vaiuens, & todas as mais cousas necessarias, & remetendo cõ os muros por quatro partes, aruoraraõ logo nelles suas escadas. Eitor da Sylueira que foi o primeiro esquadrão, foi demandar a porta, com grande estrondo, & alaridos dos nossos, & encostando as escadas huns começarão a sobir & outros arrombar as portas. Os mouros como estauão tão desesperados, apresentaraõse n'aquelles lugares por que se repartiraõ, pondose nelles em defençaõ, esperando ali a morte a pè quedo, ferindo & matando taõbem nos

nossos, bem à sua vóntade. Depois da referta da subida durar por espaço de hũa hora, caualgaraõ os Portugueses o muro, o que não foi tanto a seu saluo, que não custasse a vida a Eitor da Sylueira, que ficou caido de hũa bombardada que lhe deu por hũa perna, de que logo cayou: & sendo recolhido & leuado aos nauios, foi curado, mas como tinha seu termo acabado, não durou mais de tres dias, (o q̃ foi grande perda pera a India, por ser hum dos capitaes que em seu tempo ouue, & dino por certo de ficar aquella ilha mais famosa no mundo por sua morte, que não pella causa, porque oje he conhecida nelle.) E tornando aos nossos: subidos nos muros, foraõ matando & ferindo nos imigos, que não fogaõ à morte, antes se offereciaõ a ella, trabalhando pella virga. Neste tropel foi morto o capitão turco, que primeiro fez espãtosas caualarias, & não achamos a certeza de quem o matou. Os seus tanto que se virão sem capitão, começaram a desordenarse, & os nossos a matar nelles, sem perdoarem a algum.

Contasse aqui hum caso espantoso, & foi, que arremetendo hum soldado nosso com hũa lança nas maõs a hum d'aquelles amoucos, não fez elle mais que darlhe a barriga a lança, & metendose por ella, foi correndo pella astea a diante a te

chegar ao soldado) & lhe deu hũa  
cutilada por hũa perna, que lha  
decepou toda, caindo ambos mor-  
tos a hum tempo. A porta da for-  
teza foi arrombada, e entrando  
por ella todo o mais corpo de gen-  
te, com o que se acabou de auer-  
rignar aquelle negocio, não esca-  
pando de dous mil mouros que  
eraõ, hum só. E d'esta crueza, &  
da que ellos executaraõ com suas  
mulheres & filhos, se deu noua-  
mente nõme aquella ilha chamã-  
do-se a dos mortos. Todavia não  
foi isto sem perda, por que na en-  
trada morrerãõ dezasete Portu-  
gueses, em que entraraõ alguns fi-  
dalgos mancebos, & feridos pas-  
saraõ de cento & vinte. Acabado  
este negocio forãõ dar busca a for-  
teza, & não acharãõ mais que a  
quente cinza, de todas as rique-  
zas, mulheres, & mininos, d'aquel-  
la ilha: & só das armas dos mou-  
ros se aproueitarãõ.

CAPITULO IIII.

*De como chegou a Dyo Mostafa Ba-  
xa, & todos os mais turcos que es-  
tauaõ em Xael, & fortificarãõ a  
aquella ilha: & de como o Gouer-  
nador Nuno da Cunha cometeo a  
fortaleza de Dyo, & se retirou com  
dama seu.*



**D**ESTRVIDA  
& assolada a i-  
lha dos mortos,  
mandou o Go-  
uernador embar-  
car algumas peças  
d'artelharria que se acharaõ, com  
muitas monicoes, & mantimen-  
tos. Feito isto embarcouse o Go-  
uernador, deixando-se ficar n'a-  
quelle porto, esperando pellas es-  
pias que tinha mandado a Dyo,  
com que não continuamos, por-  
que o deixamos pera aqui. Forãõ  
estes homens aquella ilha, onde  
andaraõ vendo & notando tudo,  
mas pellas grandes guardas & vi-  
gias q' auia na fortaleza, não pode-  
raõ entrar n'ella. E por que no  
mesmo tempo socedeo chegar a-  
quella ilha Mostafa Baxa (como  
logo diremos.) ficaraõ se entreten-  
do, por verem a ordem que logo  
deu pera defensão d'ella. O Go-  
uernador passados oito dias, que  
se ali detinha, vendo que lhe não  
vinha auiso de cousa algũa, deu  
a vela pera Dyo, & esta detença  
foi a total saluação da fortale-  
za, & ilha de Dyo, & perdição  
d'esta jornada. Porque espalhan-  
dose a fama da potencia da arma-  
da Portugueza, ficou d'ella taõ as-  
sombreado Melique Totão, &  
ainda o ficou mais depois que  
soube a crueza da ilha dos mor-  
tos, que acabante aquelle feizo se  
fora logo o Governador forgir so-  
bre aquella ilha, sem duuidã  
se lhe

felhe despejara toda, & alcançará o que tanto desejava, sem golpe d'espada: Mas quis a fortuna que naquelles dias que se deteu esperando pellas espias, chegássem a quella ilha os turcos: Mostafa, Cogçofar, & outros, que como dissemos, depois de descercarem Adem se forão inuerner a Xael, & de duas naos q'ali auia, fizeraõ douis Galeões em que se embarcaraõ, com todos os seus thesouros, & artilharia, & entraraõ pella barra de Dyotres dias antes que o Governador chegasse; Melique Tocão os recebeu com grandes honras, & lhes deu conta da armada Portuguesa, & do negocio da ilha dos mortos. Mostafa sentindo nelle grande medo, & temor, lhe disse que se segurasse, que elle lhe defenderia aquella fortaleza, a outro mor poder & armada que aquella. Cõ isto ficou Melique Tocão desaliado, & lhe entregou o governo de tudo, que elle tomou a sua conta; começando logo a entender nas cousas que conuinhaõ pera a defensão da cidade: deitando fora d'ella toda a gente inutil, deixando só a que podia tomar armas, que seriaõ dez mil homês, & mandou com muita pressa reedificar, & fortalecer os muros, & baluartes, guarnecendoos de muita artilharia, pondo n'elles por capitaes, Rumes de sua companhia, & por derredor dos muros da banda de fora mandou fazer muitas

minas cheias de poluora, pera se os nossos quisessem cometer os muros com escadas, lhe darem fogo. Pella mesma maneira proueo o baluarte do mar, (que defende a entrada da barra,) de artilharia, & de municoões, pondo nelle hum capitão Rume, com hũa companhia de soldados. E a cadea de ferro que Melique As ordenou para defensão da entrada do rio, mandou que se reformasse, & a atravesou do baluarte do mar a re o outro da terra, que estaua no lugar em que oje esta a nossa fortaleza, ficando a cadea pouco mais de hum palmo escondida debaixo d'agoa. E quando queria entrar algũa embarcação sua, abaixauão tudo o que queriaõ, & a tornauão a alenatar, com cabrestantes, que pera isso tinhaõ sempre guarnecidos. Isto tudo estaua feito quando o Governador sorgio sobre aquella ilha, que foi a quatro de Feuereiro, cobrindo todo aquelle mar com a sua armada, que era cousa que naõ deixou de fazer temer, & espanto a todos: O Governador tratou logo com os capitaes, sobre o modo de como se auia de cometer aquella entrada, porque depois de estarem d'entro tratariaõ do que mais compria. Por todos foi assentado, que sem se ganhar primeiro o baluarte do mar, se naõ poderia fazer cousa algũa, que se tratasse de o ganhar, & o outro de sobre a barra, & que entãõ depois Deos

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

encaminharia aquelle negocio como fosse seu seruiço. Com esta resolução encomendou o Governador a bararia d'estes baluartes a estes capitaes. ff. aos tres das Galés, que eraõ Francisco de Sá dos oculos, Antonio de São Rume, & Nuno Fernández Pereira, mādou que se chegassem bem ao baluarte do mar, & torgisse perto d'elle, pera o baterem, & tres barcaffas que leuauão pera isto, de que fez capitaes dom Vasco de Lima, Jorge de Lima, & Tristão homem, que esta uão guarnecidas de fortes atrombadas, com bazaliscos & agueas reaes, mandou que batessem o mesmo baluarte por outra parte, & encarregou mais a noue capitaes que eraõ Manoel d'Albuquerque de hũa Galé açá, Jorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Afonso de Mello Luzarte, Francisco de Vasconcellos, todos quatro capitaes de Galés, pera que cometesse o baluarte de Diogo Lopez de Siqueira, que estava pella banda da costa braua, porque se assentou q lançassem por ali taõbem gente em terra. E o baluarte de sobre a barra da outra banda do mar, encarregou a bararia d'elle a quatro capitaes. ff. Miguel Carualho de hũa albitoaça, & Vasco Pirez de saõ Payo, Anrique de Maçedo, & Martim de Freitas, em outras tres barcaffas, com suas mantas & atrombadas. E Antonio da Sylueira cõ trinta nauios de remo, mandou q

fosse fauorecer os que batião os baluartes da barra, & te da a mais armada repartio por outras partes da banda de fora, para diuertir os inimigos. E todo aquelle dia que ali chegaraõ, & a noite seguinte gaffaraõ todos em se fazerem prestes pera a bararia. E tanto que rompeo a luz da manhã fez o Governador final aos nauios, que arrancaraõ cada hum pera o posto que lhe era ordenado: & as barcaffas que auião de cometer o baluarte do mar, foraõ endereitando com elle, & o dianteiro foi o dom Vasco de Lima, fidalgo mancebo & deseioso de ganhar honra, que largou por popa hum estandarte todo negro, com hũa morte pintada taõ fea, & medonha, como o ella he, diuiza que entristiceo a todos: & parece que nella profetizou a morte que ali recebeo. Dos baluartes do mar & da terra, em vendo leuar as embarcações, comecaõ a desparar aquella furia infernal de bombardas, taõ espessas que parecia chouer rempelouros do ceo, & foi a fumaça ramanha, & taõ grossa, que perderaõ os nauios a vista do baluarte, & os bõbardeiros não uião onde apontar sua artelharia. Dom Vasco de Lima com muito grande animo, sem lhe dar dos pelouros que chouião d'entro na sua barcaffa, mandou remar auante, & disse ao patraõ d'ella que lhe possesse a proa no baluarte, que não se contentaua o seu animo, se não das  
coufas

cousas que parecião impossiveis, porque elle lhas fazia todas faceis. Mas Deos que tinha posto ali seu termo, permitio que lhe desse hũa bombardada pella cabeça, que logo lha fez em pedaços, & matou outro soldado, que estava junto d'elle, com isto se teue a barcassa, & tornou pera tras, porque ja não tinha quem a mandava ir auante, & quem animava a todos os que nella yão. Os outros capitaes das barcassas não menos animosos quizerão passar auante, mas a multidão dos pelouros os deteue: & o mesmo aconteceu em todas as outras partes que forão cometidas dos nossos, em que forão tão fustigados, da artilharia, que se tornarão a recolher destrocados, & com alguns navios arrombados, & muitos mortos & feridos. O Governador bem vio que tinha feito erro n'aquelle negocio, & que ali não faria mais, que arriscar toda a armada, porque tãobem elle la no seu Galeão, não estava tanto a seu salvo, que lhes não ferissem as bombardadas muitos homês, & fazendo sinal a recolher, elle se afastou pera fora, tendo recebido nos navios, grãdes danos. Recolhidos os navios, o Governador muy triste, & maléconizado pello soçesso, deu a vela, & fês se na volta de Chaul, & do caminho despedio Antonio de Saldanha, com quarenta navios ligeiros, pera ir fazer guerra por toda a enxada de Cambaya. Chega

do o Governador a Chaul, despachou Antonio da Sylveira pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, & assi proueo em algũas cousas. Dali se passou a Goa, & despachou logo Garcia de Sá pera ir entrar na capitania de Malaca, por acabar seu tempo. Pero de Faria, mandando prouimentos pera Maluco. Mostafa Baxa, tanto que o Governador se partio de Dyo, logo se partio pera a cidade de Amadaba, com todos os de sua companhia, & se apresentaraõ ao Soltão Badur, offerecendo se lhes para o seruirem, o que elle estimou muito, pella fama que d'elles tinha d'aquelle negocio de Dyo. Ficando Mostafa Baxa grande seu aceito, & lhe deu o titulo de Rumeçan, que quer dizer, o senhor Rume, & o fez General de seu exercito,

### CAPITULO V.

*Da grande & cruel guerra, que Antonio de Saldanha fez por toda a enxada de Cambaya.*



**PARTADO**  
Antonio de Saldanha do Governador, como dissemos, tornou se a passar a ilha dos mortos, para d'ali começar a guerra. D'ali foi de longo da costa pella enxada d'entro, queimando, destruindo, & assolando todos os lugares

gares maritimos como fofaõ, Madrefaul, Taloja, Gengimel: naõ perdoando em todos estes lugares a sexo, nem a idade algũa, nem ainda aos brutos animaes, porque a te estes sentirão a furia dos nossos. E por que teue por nouas que a cidade de Goga, que era hũa das maiores, & mais opulencas em trato, riquezas, & poder, de todas as de Cambaya, ordenou de dar nella, pera o que lhe foi necessario irse detendo, & esperando por agoas viuas, pera poder entrar dentro. Jaz esta cidade quasi no cabo da onceada, da banda do ponente, estendida em hum campo muy razo, & em algũs ruinas de edificios que ainda oje se vem, parece que foi antigamente, couza muito grande, & senhoreada de algũs estrangeiros, porque em muitas partes mostra ainda pedaços de muros muy largos, de que ella foi toda cercada, todos de cantaria, d'hũa pedra parda, que cada hũa he de mais de quatro palmos de comprimento, & muito perto de tres de largo, & outro tanto de alto, que se não liaõ hũas com outras com betume, nem cal, somente feitas hũas encarnas no meyo de cada pedra em igual distancia, com hũas metilhas de paõ ferro, e que as pedras de cima se vão encaixar, tão justas, & tão primas, que parece parede de hũa so pedra. E no modo d'este edificio, andando nos vendo, & notando, nos pareceo obra dos

Chins, que deuião ja de ser senhores d'algũas partes d'aquelle reino, como vimos nos espantosos edificios dos pagodes da ilha de Salcete, que sem duuida se tem por obra sua. Está esta cidade de Goga afastada da agoa hum tiro de berço, pera onde se entra por hum esteiro que chega a te bem dentro da pouoação, de hũa vaza tão solta, & delgada, que sumira qualque couza que lhe lançarem. Este esteiro sera de largura de pouco mais de hum tiro de pedra, & nas agoas viuas metem por elle suas naos, porque fica tendo mais de quatro braças de fundo, & quando vaza fica tudo seco: & espraya alia mais tanto, que escaçamente se alcança com a vista; & em certas partes tem canais, & poços, onde as naos surgem. Este esteiro entra por derredor da cidade, que quasi a cerca, & seruenhe por algũas pontes pera fora. Além d'este esteiro, que lhe seruia de caua estava a cidade fortificada com algũas tranqueiras nas partes quebradas que yão fechar no antigo muro, & por nenhũa parte se podia desembarcar, se não entrando pello esteiro, porque tudo a roda por todas as partes era alagadiço. Antonio de Saldanha tanto que as agoas vierão, tomando Pilotos que sabião os canaes & entradas, foi demandar a cidade entrando pello esteiro dentro com toda a armada, & chegando ao caiz, saltarão todos em

terra com grandes gritos, & alaridos: posto que acharão em terra hum corpo de mais de dous mil homens, que acodirão a lhes defender a desembarcação, mas a artellaria das fustas os fez afastar pera fora. Postos todos em terra arremeterão com os inimigos, com que trauarão hũa boa batalha, mas affi apertarão com elles, que com morte de muitos os arrancarão do campo leuandoos diante de si a tẽ a cidade, em que entrarão de enuolta. Os inimigos como yão cortados do medo, vararão logo pella outra parte do Sertão, deixando a cidade em mãos dos nossos, que meterão a espada toda a cousa viua que acharão, não perdoando nem aos tenros mininos nas tetas das mãys, que apertandoos consigo, erão passados ambos da cruel alabarda, & da aguda espada: vsando nisto crueldade alhea de natureza Portugues, mas pareceo assi necessario pera terror. Antonio de Saldanha mandou dar fogo a cidade por se não embarçarem os seus soldados com os despojos d'ella de que alguns não deixarão de se carregar bem. Isto foi tão apressado, que antes que a maré se acabasse tornaraõ a sair pera fora, dando fogo a vinte & cinco nauios q̃ estauão no esteiro, carregados de roupas, drogas, & outras fazendas, o que tudo se consumio em cinza, como raõ bem o fez a cidade, ficando os mais dos moradores de Cam

baya pobrissimos: porque como ali era a mor escala do reino, todos tinhaõ ali suas fazendas. Antonio de Saldanha passouse a outra costa por onde destruyõ muitos lugares, como foraõ, Balcar, Tarpur, May, Quelme, Agaçaim, a teo rio de Bandorã, deixando tudo metido a ferro, & a fogo, & a gente toda em pranto: por que os que poderaõ saluar suas pessoas, huns perderão molheres, outros filhos, outros fazendas. De sorte que em todo o reino de Cambaya, outra cousa não auia, se não prantos, queixas, & lamentações, com que os miseraueis acodirão a corte, sem auer quem lhes desse remedio a seus males: o que el Rey sentio em estremo, porque lhes não podia ser bom aquellas cousas. Antonio de Saldanha gastou por aqui todo o veraõ, & sendo tempo de se recolher a Goa o fez, deixando Diogo da Sylueira com vinte nauios, pera ficar por aquella costa o resto do veraõ, & pera ficar inuernando em Chaul, como leuaua por regimento, pera no principio do veraõ tornar a continuar n'aquella guerra. Diogo da Sylueira tofnou a voltar a te Daman, fazendo muitos danos por toda aq̃lla costa, & tomando muitas embarcações q̃ se recolhião pera os portos de Cambaya, & como lhe deraõ ameaças do inuerno recolheose a Chaul.

CAPITULO VI

*Das defauças que o Accedecan teve  
com o Idalcan, & das preeminencias  
d'aquelle cargo: & de como deu a el  
Rey de Portugal as terras firmes de  
Salcete, & Bardes.*



A segunda decada de loão de Barros, se deu conta d'aquelle Cuso Larym, que em tépo de Afonso d'Albuquerque veyo sobre Goa a segunda vez que a toinou. E por que muitas vezes pello descúrso da historia auemos de falar n'elle, o daremos a conhecer.

Era este mouro natural do reino de Lara, vezinho ao de Ormuz, seu proprio nome era Cuso, & por que era natural do reino de Lara, tomando o sobre nome da terra, ficou se chamando Cuso Larym. Este sendo mancebo veyo ter ao reino do Idalcan, & se pos com elle a soldo, seruindo o nas guerras cõtra os Portugueses taõbem, que vagando o cargo de Accedecan do reino (que em dignidade correspõde ao de Condestabre do reino) lho deu a elle, & cõ isso inda mais o gouerno do Concan, pera onde se elle foi, & ordenou pera sua ef-rancia a fortaleza de Ponda, que mandou fazer de nouo pera sua segurança, por que ficaua muito vezinho da ilha de Goa. Este cargo

de Accedecan n'este reino he de tamanha preeminencia, que quem o tem, não entra em casa d'elRey a lhe fazer cortezia, a que elles chamaõ Sumbaya, nem guarda n'isto a ordem dos outros capitaes que he esta. Ha n'aquelle reino trinta ou quarenta d'elles, em que entraõ algũs de dez mil homẽs, outros de tres, & quatro mil: outros de menos conforme as terras que lhes daõ, porque segundo seu rendimento, assi lhes assignaõ a gõte que aõde ter, & sustentar. De maneira que sempre nestes reinos do Decã tem aquelles Reys perto de quarenta mil homẽs de caualo, de ordinario pagos, & a todas as horas que quizer por se com elles em campo, o pode fazer Estes capitaes saõ obrigados a ir à corte todas as lñas nouas, a dar vista a elRey, & a lhe fazerẽ sua veneraçãõ, & Sumbaya, por esta maneira. Assomase elRey a hũa varãda, que cae sobre hum campo muiy fermoso, & grãde por onde vaõ os capitaes passando cada hum por si, com suas insignias, & bandeiras de suas cores, com seus instrumentos de guerra, camelos, & elefantes, diante tudo por sua ordem, & emparelhando com a varanda em que elRey esta fazem sua Sumbaya, que he is com a mão direita ao chaõ, & depois polla sobre suas cabeças: em final que tomãõ a terra de debaixo dos p's d'elRey, & assi como vaõ pallando lhos vaõ dando a co  
nhecer,

nãecer, os que estão com elle. Só o Accedecan guarda outra ordem, porque não tem mais obrigaçãõ, que certas vezes no anno ir fazer esta sumbaya a elRey, & ao dia que ade ser, caualga elRey, & vai a hũa quinta fora da cidade a folgar, aonde o Accedecan vai cõ dez ou doze mil caualos que sustenta, & faz sua sumbaya: se elRey está a caualo, a caualo: & se a pe, a pe: quando se assenta he a mão direita d'elRey, acima de todos os capitães & senhores do reino, porque precede a todos. Este Cuso-Larym (como he natural em todos, os reinos, serem enuejados os que mais podem,) foi mexiricado cõ elRey, que lhe comecou a ter ma vontade, do que elle foi auisado: & receandose que viesse perder o lugar que tinha, & ainda a vida, (por que pera hum d'estes Reys cortar a cabeça, naõ só a seu capitão, mas a seu irmão, basta hum pequenõ mexirico,) querendo segurar a sua com os Portugueses, carcouse cõ o Governador Nunõ da Cunha, & lhe offereceo as terras firmes de Salçete, & Bardes, que ja foraõ do estado, pella doaçãõ que d'ellas fez elRey de Bisnagua, cujas foraõ sendo o Governador Diogo Lopez de Siqueira no estreito, & Rui de Mello capitão da cidade de Goa, que logo foi tomar posse d'ellas, comõ se verá na terceira decada de Joãõ de Barros. Estas terras deu o Accedecan com condiçãõ,

que se o Idalcan fosse sobre elle q̃ o recolhessem em Goa, com toda sua fazenda & familia, & lhe dessem seguramente embarcaçãõ pera se passar a Meca, ou a Gábaya: D'isto lhe passou o Governador seguros Reaes, & fizeraõ seus papeis. E logo mandou tomar posse d'aquellas terras pello capitão da cidade, & pello Tanadar mor, a quem os officiaes do Accedecan as entregaraõ liuremente, pondo nelas recebedores de sua mão, & recolhendo os foraes, para por elles se arrecadarẽ as rendas das aldeas: E pera segurança d'ellas, mandou o Governador fazer hũa tranqueira no lugar de Mardor, junto da aldeia Verna, duas legoas de Agaçaim, onde estaua hũ pagode muito forte, que o capitão mandou cercar de paredes grossas, ficando elle no meyo como caualeiro, & nelle deixou por capitão Christouão de Figueiredo, Tanadar mor de Goa, com duzentos Portugueses, & muitos piadõs da terra. D'ali comecou a grangear os naturais mandando seguros a muitos que andavaõ ausentes, & de sorte negociou isto, que acodiraõ todos com seus forõs, mas não durou isto mais de tres annos, porque tornaraõ as terras ao Idalcan, como no fim d'esta decada se verá. O Accedecan depois que fez entrega das terras, fortificouse na fortaleza de Ronda, por estar mais perto de Goa, porque se o Idalcan fosse fo-

bre

bre elle podesse passar-se logo pera a ilha. Nestas cousas gastou o Governador o inuerno, & em preparar a armada pera na entrada do verao se por no mar: porque estava assentado em conselho, que fizesse tanta guerra pella costa de Cambaya, & que assi lhe impedisse a nauegação, trato, & comercio d'outras partes, que obrigasse a elRey a lhe dar fortaleza em Dyo: porque estauão desenganados os do conselho, de se fazer por força; & que esta guerra se fizesse com carutres ligeiros. E que elle Governador tosse ao Malauar fazer hũa fortaleza, como lhe elRey mandaria, assentandose que seria melhor no rio de Chale, assi por ser duas legoas de Calecut, como pella com modidade do porto, que era capaz de recolher nossas armadas a te Galés. Com esta resolução mandou o Governador fazer muita cal, & ajuntar muitos pedreiros & cauouqueiros, & toda a mais fabrica pera aquella obra, trazendo suas intelligencias com o Rey de Chale, & Tanor, por que o Camorim estava de guerra có o estado.

CAPITULO VII.

*Das cousas que este anno succederão em Maluco, o te chegar Gonçalo Pereira, & da morte d'elRey Bayano, & das cruazes & deshumanidades que dom Jorge de Meneses yson com os Ternateses.*



**D**EIXAMOS as cousas de Maluco o anno passado com as pazes feitas entre os Portugueses & Castelhanos: & elles saídos de Tidore pera o lugar de Camafo, Depois d'isto, recolhido elRey de Tidore pera aquella ilha, vendose desabrigado dos Castelhanos, com quem tinha cobrado bico, achando a sua cidade assolada & destruida, começou a puxar por pazes, pera se quietar, & viuer sem sobressaltos. E praticandose nellas, vieraõse a concluir com as condições seguintes.

Que elRey de Tidore pagaria certos bares de crauo, (cuja cantidade não achamos na verdade); Que nunca mais recolheria em seu reino Castelhanos, nem os fauoreceria, nem ajudaria mais contra Portugueses, nem contra seus amigos, & aliados. Estas pazes se juraraõ, & celebraõ em ambos aquellos reinõs de Ternate & de Tidore: começando d'ali em diante a correrem em amizade huns com os outros, & com isto tiueraõ os Portugueses mais algum folego, por que estauão trabalhados, & cansados, da guerra. Pouco depois d'isto faleceo na nossa fortaleza elRey Bayano, aque outros chamão Bohat, que foi filho de Boleife, o primeiro que nos agazalhou n'aquellas ilhas; que faleceo os annos de mil

mil quinhentos & vinte, ficando-lhe tres filhos legitimos. ff. este Bayano, que agora faleceo, Ayalo, & Tabarija, que ficaraõ taõ moços, que o mais velho naõ passava de seis annos. Teue mais sete filhos bastardos homens, de que o mais velho era Cachil Daroes, que ficou por tutor dos irmaõs legitimos, & Governador do reino, com a Raynha sua mãy, em quanto o Bayano naõ era de idade. E o anno de vinte & hum, que Antonio de Brito fez a fortaleza de Ternate, pera mor segurança d'ella, recolheo o Rey Bayano, que era minino com suas amas, & ayas pera o criarem, dandolhe gazalhados separados pera isso: o que foi muito mau de sofrer a Raynha sua mãy, que como dissemos, governava o reino com o entcado Daroes. Com isto comecaraõ logo a se pejarem os naturaes com os Portugueses, & com a fortaleza, por que tanto que tiveraõ forte em que se recolherem, comecaraõ a governar com severidade, comandolhe o seu Rey por força, pera os terem sopeados. Foi o moço criandose na fortaleza, a te ser de idade pera lhe entregarem o reino. Sendo este anno em que andamos o Rey de dezoiro, & depois de tomar posse do reino, assi no catiueiro veyo a falecer em poucos dias, & naõ sem sospeitas de peçonha, & se affirmava que lha mandara dar

Cachil Daroes, por que lhe era muito doçe o reinar. Por morte do Bayano que a mãy sentio muito, fez logo jurar o filho segundo Cachil Dayalo, a quem dom Iorge teue modo pera taõbem o recolher na fortaleza: requerendolhe a mãy, que lhe desse seu filho, por que receava que hum & hum, lhes fossem todos morrendo d'aquella maneira. A isto lhe naõ disirio dom Iorge, por que como Cachil Daroes lhe vinha bem governar, fauorecia dom Iorge n'isso, por que elle foi o que teceo aquellas meadas, & o que deu a ordem pera se recolher elRey na fortaleza, pello que lhe nisso ya. Socedeo depois d'isto arrufarse o Daroes do capitãõ, porque fauorecia muito hum homem principal chamado Cachil Vayaco, de cuja amizade elle andava muito çioso, porque receava, que pella muita conta que d'elle o capitãõ fazia, viesse elle a descair, & a pagar suas maldades. E assi lhe veio a tomar tamanho odio que tratou de o matar, do que elle logo foi auisado. E como tinha menos posse que o Daroes, acolheo-se a fortaleza pera segurar sua vida. Daroes tanto que o soube, como o odio era entranhavel mandou requerer a dom Iorge, que lhe entregasse Vayaco, como a Governador d'aquelle reino, porque tinha d'elle culpas, &

Z      queria

queria fazer justiça. Dom Iorge como era amigo do Vayaco, defejou de o salvar, & chamou o Alcaide mor, & capitão mor do mar, & algũas outras pessõas principaes, & tomou com elles parecer, sobre o que faria n'aquelle negocio. Alguns dizião que era obrigado ao entregar, outros que não; mas que tratasse de moderar Cachil Daroes, dando hũs & outros suas rezoões, estaua o Vayaco recolhido em hũa camara, & sabia muito bem o que se tratava, & pode ser que o ouvisse, porque o negocio tratouse hum pouco desentoadado: & receandose que o entregassem a Cachil Daroes, coufa que elle sentiria mais que a morte, quis antes tomala por si, que ir-lhe cair nas mãos; & não achando com que se matar, remetendo a hũa janella, lançouse d'ella abaixo, & fesse em pedaços. Isto sentio dom Iorge muito, & ficou tendo auorrecimento ao Daroes, desejando de se lhe offercer occasião em que se vingasse d'elle. Socedeo poucos dias depois d'isto matarem hũa porca pequena, que dom Iorge tinha, de casta da China muito fermosa, que andaua por derredor da fortaleza de dia, do que dom Iorge ficou tão apaixonado, que mandou inquirir sobre a morte da porca, & achouse culpado (ou quis elle que se achasse.) Hum Cachil Vaydua muito parente do Daroes, & dou-

to na ley de Mafamede, principal Calsis & Sacerdote entre elles, a quem dom Iorge logo mandou prender na fortaleza. A isto acodio o Daroes cõ muitos principaes a lho pedir, o que fez quasi com oniaõ: dom Iorge mandou hum criado seu homem baixo chamado Pero Fernandez, que lhe fosse trazer Cachil, Vaydua, & parece que ou dom Iorge o tinha ensayado do que auia de fazer, ou elle de mau ou gracioso, tomou hũa posta do touçinho da porca, & tirandoo do tronco lhe vntou a boca mũy bem com elle, não lhe dando dos gritos que o mouro daua chamando por Deos, & pello capitão, & assi o leuou aonde elle estaua, que era a porta da fortaleza, cõ os que lho foraõ pedir. O mouro tanto que vio o Daroes lançouse no chão, & começou a esbrauejar, & a chorar, contandolhe o que lhe fizeraõ com muitas lagrimas, o capitão lho entregou, & o Daroes o mandou pera sua casa, onde fez grandes purificações, porque o porco he muito abominavel a elles, & sentio aquelle negocio tanto, q se foi d'aquella ilha desterrado, & se passou por todas as outras, & por ellas andou pregando a afronta que os Portugueses fizeraõ ao Sacerdote de Mafamede: pedindo, & requerêdo a todos q quisessem acodir por sua honra Não pararaõ ainda n'isto as coufas, mas ordenou o demonio ainda outro caso.

pera acabarem os Portuguezes, de ter auorrecidos n'aquellas ilhas, que foi este. Como faltauão os mantimentos, & o Galeão da viagem tardaua, & não auia com que fazer paga aos soldados, buscauão elles seu remedio por onde o achauão, entrando pellas tendas & casas dos naturaes, & lhes tomauão os mantimentos sem lhos pagarem. Isto indinou tanto a todos, que mandou o Daroes que se não trouxesse mais cousa algũa a cidade pera se vender, & que se fechassem as tendas como fizeraõ. Começando a faltar tudo, & os da fortaleza padecerem tantas necessidades, que amotinados os soldados diziaõ grandes males do capitão, & do Governador da India, indo todos a porta da fortaleza, ao modo de motim, requerendo que lhes pagassem, & lhes dessem mantimentos, à isto lhe não podia ser dom Jorge bom, pella falta que auia de tudo na fortaleza: & foilhe necessario mandar Gomez Ayres em algũas Corocoras, com alguns soldados por essas ilhas a resgatar alguns mantimentos com algũa roupa que ainda auia. Este homem chegando a hũa d'aquellas ilhas perto, desembarcauão certos soldados em hum lugar chamado Tobana, & como yaõ famintos entraraõ pellas casas, & lhes tomaraõ o mantimento que lhes acharaõ, sem lho pagarem, não vendo quam pou-

cos eraõ, & o risco que corrião. Tãtos roubos & desatinos fizeraõ, que não podendo os migradores ja soffrer mais, deraõ n'elles, & não querendo matar algum, os espancaraõ mûy bem, & lhes tomaraõ as armas em paga de seus mantimentos. Assim espancados & moídos se embarcaõ, & se foraõ pera Ternate, & se apresentaraõ ao capitão, com os foçinhos inchados & escalaurados, contando-lhe o caso. Dom Jorge como era apaixonado, & de forte natureza, mandou chamar o Daroes, & lhe disse que logo lhe mandasse trazer os autores d'aquelle negocio, pera os castigar conforme a como o caso requeria: affirmando-lhe que se logo o não fazia que n'elle auia de tomar satisfação d'aquellas afrontas. Cachil Daroes com ter ja sabido que os Portuguezes tiueraõ a culpa d'aquelle desaranjo, calandose, mandou trazer o Governador de Tobana, & dous homens outros principaes, & os entregou a dom Jorge, auendo que se satisfaria com isso, & quando muito, q. os teria prezos algũs dias. Mas dô Jorge usando de sua ma natureza, mandou logo ali cortar as mãos a dous; & ao Governador da ilha mandou matar d'hũ genero de morte muito cruel, & nunca usado entre os Portuguezes. Porq. assi como esta nação igualou a todas as do mûdo, em adquirir, conquistar, & sustentar tãtos & taõ

QUARTA DECADE DA HISTORIA DA INDIA

partados reinos, & imperios: affi se estremou na misericordia, & piedade, que sempre vsou com os vencidos, cousa taõ natural de animo nobre, & Christaõ, quanto o outro he de barbaros, & inhumanos. Cachil Daroes, & todos os mais da ilha ficaraõ com tamanho odio contra dom Iorge, que trataraõ de o matar, & o mesmo a todos os Portugueses & Castelhanos, por se verem liures d'estas gentes, que por caso taõ nefando tinhaõ rezão de lhes auorecerem. E dando conta d'este negocio a alguns seus familiares, aconselharãose, que conuocassem todos os Reys d'aquellas ilhas, a hũa liga geral cõtra todos os Christaõs, o que logo Daroes pos em execuçaõ, despedindo pessoas de cõfiança, a darem conta a Cachil Catãbruno, que governaua o reino de Geilolo, pello Rey serminino, & lhe mandou pedir, que em hũ certo tempo se levantasse contra os Castelhanos que estauãõ n'aquelle reino, & os mataffe a todos, & que taõbem o fizesse ao Rey minino, & se aleuantasse por Rey, que elle o fauoreceria em tudo: porque elle auia de fazer outro tanto aos Portugueses, & ao moço Dayalo, & se auia de aleuntar por Rey d'aquellas ilhas, onde nunca mais auia de consentir Portugueses, por suas tyrannias. Estando este negocio assi ordenado, permitio Deos estoruar tudo: por-

que esperaua ser ainda por todo a quelle Archypelago, seu santissimo nome louuado, & exaltado. Porque naõ ficasse parte no mundo, em que elle naõ fosse honrado & conhecido; & assi se veyo a descubrir a conjuraçaõ. E como Cachil Daroes pera mais dissimulaçaõ nunca se ausentou, antes ya muitas vezes a fortaleza, assi por sua vontade, como chamado do capitãõ. Hum dia lhe mandou elle recado que se fosse pera elle, & leuasse Cachil Tamarano, que era capitãõ do mar, & Cachil Boyo, justiça mor do reino, por que tinha negocios que tratar com elles. Cachil Daroes innocente do que dom Iorge determinaua, ajuntãdo os outros se foi a fortaleza, & o capitãõ os recolheo em hũa camara, & lhes mandou dar tratos sobre o caso, & n'elles descobriraõ a conjuraçaõ, do que mãdou fazer hum auto judicialmente, por que os condenou a morte. E logo mandou ordenar no terreiro da fortaleza da banda de fora, hum cadafalso alto, onde mandou tirar Cachil Daroes a vista de todos, & sobido em çima hũ pregoeiro notificou em altas vozes suas culpas, por que fora sentenciado que fosse degolado: & logo hum algoz lhe cortou a cabeça. Dos outros dous naõ achamos em lêbrança o que se fez d'elles: mas o certo he que taõbẽ moreriaõ. A Raynha & todo o pouo ficaraõ

ficaraõ tão escandalizados d'este negocio, que logo despejaraõ a cidade, & se recolheraõ a hũa serra muito forte, & se aposentaraõ no lugar de Toruto. D'ali mandou a Raynha pedir a dom Iorge o filho que lhe tinha prezo, ao que lhe elle não respondeo. Pello que logo mãdou lançar pregaõ por toda a ilha, que sob pena de morte nenhũa peſſoa vendesse aos Portugueses mantimentos, nem outra cousa algũa. Com isto os poseraõ em taõ extrema necessidade de fome, que comecaõ a adoecer, & a cair pellas ruas de fracos. E sem duuida moreraõ todos, se Deos naõ trouxera aquelle tempo, o Galeaõ de Gonçalo Pereira, que o anno atras passado (como dissemos) tinha partido de Goa, com o que os homẽs tornaraõ a resuscitar. Gonçalo Pereira tomou posse da fortaleza, & fez paga aos soldados, que achou tão fracos & debilitados, que se naõ podiaõ mouer. A Raynha tanto que soube, que era chegado capiraõ nouo, o mandou visitar, & fazerlhe queixas de dom Iorge, a que lhe elle respõdeo muito bem, & que lhe faria justiça. E como elle leuaua por regimẽto do Governador, pellas culpas que de dom Iorge lhe tinhaõ mandado, que tirasse d'elle deuaça, & achandoo comprehendido n'aquelles crimes que lhe apontaua, o prendesse, o que elle fez, & o meteo na torre da menagẽ, o que lhe foi

taõbem necessario por apaziguar a Raynha, & deu mais liberdade ao filho da que tinha falandolhe todos os que queriaõ, & passeandõ por toda a fortaleza, & com isto mandou pedir a Raynha, que se tornasse pera a cidade, & corressẽem em amizade como dantes, porque elle lhe faria justiça muito inteira. A Raynha vendo que lha começaua a fazer na prizão de dõ Iorge, & na liberdade do filho que dantes estaua reteudo em hũa casa, logo se tornou pera a cidade com todos os seus, & mandou que corressẽem as cousas como dantes. Gonçalo Pereira achou a fortaleza muiy desbaratada, & tratou de a reformar, mandandolhe fazer baluartes, por que ate entaõ naõ era mais que hũa parede tosca. E pera isto mandou pedir a Raynha ajuda de officiaes & materiaes, prometendolhe, de como a fortaleza fosse acabada, de lhe entregar seu filho, com o que lhe ella mandou acodir com todo o necessario: & como foi tempo de o Galeaõ ir pera India, mandou embarcar dom Iorge prezo em ferros, com os autos de suas culpas. E neste estado ficaõ as cousas de Maluco, a te ser tempo de tornar a ellas.

CAPITULO VIII.

*Da descripção, de todo este mar do leuante, & quaes são as verdadeiras ilhas de Maluco. E da diuisão dos cinco Archypelagos em que se reparate, & dos costumes, & condiçoens de seus naturais.*



**D**O S T O que loaõ de Barros tenha escrito muito bem d'estas ilhas de Maluco, de sua pouoação, & principio de seus Reys, todavia quizemos aqui fazer esta noticia descripção, porque depois que elle escreveu, viemos a alcançar muitas cousas, que n'aquelle tempo se não sabião, que são cousas muito necessarias & coriosas. E pera melhor declaração, & entendimento d'esta descripção, diuidiremos este grande Archypelago, & mar d'esta banda em cinco partes: dandolhes termos, & limites a cada hũa pera se poderem conhecer.

A primeira parte he o Archypelago de Maluco, a que os naturais não sabem dar quantidade, mas o mais certo he que começa passando Mindanao, & tudo pera la chamasse Maluco, em cujo meyo ficão as cinco ilhas do crauo, Ternate, Tidore, Maquié, Bachraõ, & Mou-

tel. E posto que Bachraõ he diuidida em muitas ilhas cortadas por muitos braços de mar, que se navegão com embarcaçoens ligeiras: todavia por ser de hum só senhor, a nomeamos por hũa só. Por cima d'ella corta a Equinocial, & ao Norte d'ella corre a ilha de Ternate, que se aparta hum grao pera o Norte, ficando entre hũa & a outra, as ilhas de Moutel, & Maquié, todas a vista hũas das outras por espaço de vinte & cinco legoas, & todas se corrê Norte & Sul. E posto que debaixo d'este Archypelago se comprehendão outras muitas ilhas, todavia quando se nomeão as de Maluco, não se entende mais que d'estas cinco ilhas, por serê as senhoras, & principaes de todas, & assi por excellencia se chamão Moloc (que he o seu verdadeiro nome,) & não Maluco, que he corrupto d'elle; cujo nome na sua lingua propria quer dizer, cabeça de cousa grande. Estas cinco ilhas, & todas as mais, que se comprêdem nesta primeira parte, ou Archypelago de Maluco, são senhoreadas de tres Reys, o de Bachraõ, o de Tidore, & o de Ternate, este senhorea as tres principaes do crauo, que são Ternate Moutel, & Maquiem. E posto que este Rey se intitule por de Ternate, não he por se chamar assi a ilha (cujo verdadeiro nome he Gape) se não porque a principal cidade d'ella se chama Ternate. E pella mesma maneira a ilha

a ilha de Tidore se chama Duco, & a sua principal cidade Tidore, de que aquelle Rey se honra & intitula. Assim como os Reys de França, de senhores de Paris Mas entre todos estes Reys, ao de Ternate só por excellencia intitulos por Rey de Maluco, así por ser senhor das principaes tres ilhas do crauo, como ja diffemos, (& de outras muitas d'este Archypelago,) como pela autoridade, & em certo modo superioridade que com a nossa fortaleza alcançou sobre os outros Reys.

A segunda parte, ou Archypelago he o do Moro, que fica perto de sessenta legoas de Maluco ao Norte, & começa nas ilhas de Doe duas legoas a re da pouta de Bicoa, & não adiante como anda nas cartas de marear, no cabo de Batochina. São estas ilhas pouoadas de gentes Syluestres. A ilha de Batochina terá em circuito duzentas & cincoenta legoas, & nella ha dous Reys, o de Geilolo, & o de Loloda, algũas vinte & cinco legoas do outro junto de huns ilheos onde acaba este Archypelago da banda do Norte. E este Rey he o mais antigo de todos os de Maluco, & de todos os d'aquelle mar, mas oje he o mais pobre & fraco de todos. Os habitadores d'esta ilha da banda do Norte são saluagões, sem ley, & sem Rey, & não tem pouoadões se não pellos matos. Mas da banda do Leste he pouoadada de ló-

go do mar, & tem grandes & bons lugares, que cada hum tem lingua sobre si, posto que todos se entendem. A esta costa chamão Morotia, que quer dizer o Moro da terra: & as ilhas de defronte chamão Morotai, que he moro do mar, & a todas as ilhas juntamente chamão o Moro Seus habitadores são homens falsos, brutos, & pusilânimes: & antre elles ha hum pouo chamado Momoja muito belicoso, careceraõ sempre de Rey, ley, escritura, praça, pezo, medida, moeda, ouro, prata, & de todo o outro metal; mas são todas estas ilhas muito abastadas de mantimentos, & d'ellas se proue Maluco: as mulheres são os lauradores, & trabalhão em tudo, governasse cada lugar por hũa pessoa principal que locede por descédentes, a que não pagão tributo algum, se não algũ peixe quando vem de pescar. Forão grandes idolatras, adorauão paos, pedras, & ainda a figura do Diabo, que pintauão com grandes fealdades. Os Reys de Maluco tanto que foraõ mouros começaraõ a conquistar estas ilhas, & cada hũ tomou o que pode: mas o melhor quinhaõ tomou o de Ternate. E depois lhe tomou o de Tidore alguns lugares com o favor dos Castelhanos, como em seu lugar diremos.

O terceiro Archypelago he o dos Papuas, que esta a Leste de Maluco, que he pouco frequentado pelas

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

pollas ilhas serem muitas & cheas de baixos, & restingas. Os naturaes d'estas ilhas são pobrissimos, negros como Cafres, com cabello reuolto, magros, feios, & de grâdes & crespas grenhas. Chamão-lhe Papuas, que em lingua dos naturaes quer dizer pretos: são homens rijos, & aturadores do trabalho, & muito habiles pera toda a maldade, & traição. Tem todas as ilhas Reys, & ha nellas ouro, mas vem pouco as outras ilhas, porque não tirão mais que o que aõ mister pera joyas. Antre elles ha alguns tão aluos & louros, como Alemaes, & & com o sol são como cegos: ha antre elles muitos surdos, & segun do a infirmação que ha d'estas ilhas, correm de longo de hũa gran de terra que dizem que fecha no estreito de Magalhaes porque algũs Pilotos Castelhanos nauagaraõ de longo d'ella mais de quinhentas legoas.

O quarto Archypelago he o dos Celebes, que está a Loeste de Maluco: ha n'elle muitas ilhas famosas, de que as principaes são Mindanao, & a propria dos Celebes em que ha muitos Reys, de que em outra parte fazemos memoria. Tem mais as ilhas Bisaya que tem muito ferro, & Mascaga, Masbate, que ambas tem muito ouro, que taõbem se acha em Mindanao. E a ilha do Sologo que tem muitas perolas, que não sabẽ os naturaes tirar. Tem todas estas ilhas, & ou-

tras muitas que não nomeamos, muitos mantimentos, Sandalo, Aguilã, Canela, Canfora, Tartaruga, Gégiure, Pimenta longa & algũas d'estas ilhas obedecem ao Rey de Borneo, & outras ao de Ternate, & Tidore: são seus naturaes muito atraçoados, andão nus encachados, & trazem os corpos pintados com muitos lauores, vsão o cabello cortado nas fontes ao antigo Portugues, & por detras muito comprido, & atado no toutiço. Tem todos as testas muito batidas peratras por onde lhes ficão os rostos parecendo mayores, trazem os dentes limados & pretos, & as orelhas furadas. São os Celebes tão sujos & torpes, que tem mancebia de homens; tem pequenas pouoações, & em cada casa mora toda hũa geração: & penduraõ ao derredor de suas casas as cabelleiras dos que matão na guerra, & quem té mais he mais honrado. Ha n'estas ilhas muitas monstruosidades, de que não falamos, & antre ellas hũa auore, que quem se poem à sombra do ponente mata logo, se não vaõ buscar a sombra do leuãte, que he seu Antidoto.

O Quinto Archypelago he o de Amboino, que esta ao sul de Maluco, tem muitas ilhas que se governão por suas cabeças: as proprias de Amboino são abastadas de mantimentos, & de muitas & frescas ribeiras de singular agoa; nunca foraõ sôgeitos a alguẽ mas depois

depois foraõ conquistados dos Reys de Ternate, & Tidore, a que ficaraõ sogeitas algũas d'aquellas ilhas: mas pellas auexações que d'elles receberaõ se rebelaraõ, & de- raõ a obediencia a Raynha de Iapara, & alguns lugares que saõ de Christaõs obedecem aos Portugue- ses. Colherse aõ n'estas ilhas, dous mil quintaes de crauo cada anno, que lograõ os Iaos, porque o vaõ resgatar em seus luncos sem lho ningem poder defender. Ha mui- tos pouos por estas ilhas em que os filhos comem os paes como saõ velhos: tem muitos ritos & costumes barbaros, que nos não relatamos por fogir prolixidade. Daõse n'estas ilhas hãas vergas compridas, a que chamãõ rotas, que affirmãõ alguns homens ve- rem algũas de cincoenta braças de comprido, & a mais grossa he como hum dedo meiminho d'el- gado. Ao Sul de Amboino, estaõ as ilhas de Banda, & a Leste d'el- las perto de trezentas legoas, se- gundo alguns affirmãõ, esta hãa i- lha de muito ouro, cujos natu- raes não passaõ de quatro

palmos d'alto: & se

assí he, saõ os  
verdadeiros.

Pigneos.

## CAPITVLO IX.

*Do que se tem da antiguidade, & po- uoação das ilhas de Maluco, com as arvores do crauo, & dos nomes que estas drogas tem por todo o mundo.*



**E**STAS ilhas de Maluco, segun- do se ve por seus habitadores, fo- raõ no principio pouoadas de dif- ferentes naço es: o que se infere da variedade das lingoas que em to- das há, porque cada hãa a tem de por si, só Maquiem, & Ternate, de ferem pouco, como Portugueses & Ga'legos. Mas a lingua mais comũ, & de que todos vsaõ, he a Malaya: que por ser mais doce, & de mi- lhor pronunciação, se lhe afeioa- raõ todos. Os mais antigos desco- bridores, & pouoadores d'estas i- lhas se acha' serem os Chins, por- que taõbem se tem pellos primei- ros inuentores das embarçaões, & da arte de nauegar, de todos os do Oriente. Alguns tem pera si que os Iaos as descobriãõ, & que os Ma- lucos procedem d'elles: mas o mais certo he procederem dos Chins; que passando ha muitas centenas de annos, por aquelle mar em seus luncos, aportãdo n'aquellas ilhas, vendo sua suauidade, cheiro, & fruito da terra, carregando de seu crauo, que a te enaõ não era co- nhecido

QUARTA DECADE DA HISTORIA DA INDIA

nhecido no mundo, foraõse; deixando se ficar muitos d'elles por aquellas ilhas, que pouoaraõ algũas partes d'ellas, cuja memoria ainda oje dura, como se ve na Batochina do Moro, & em Batochina de Muar: que quer dizer, terra dos Chins do Moro, & terra dos Chins de Muar, & em outras muitas partes. E como ficaraõ aquellas ilhas conhecidas, & sabidas d'elles, foraõ buscar o seu crauo, que por seu cheiro, gosto, & mais qualidades, foi muito estimado de todos, os que o viraõ. Pello que continuaõ aquelle trato, leuãdo em seus Iunctos aos estreitos Perfico, & Arabico, de enuolta com outras louçainhas & riquezas da China, que por mãos dos Persas & Arabios, passaraõ aos Gregos & Romanos, que as estimaraõ, & cobicãõ tanto, que trataraõ alguns Emperadores Romanos, de conquistarem o Oriente. E como as mais das drogas foraõ ter a Europa, por mãos (como ja dissemos) dos Persas & Arabios, & elles as ouueraõ dos Chins que lhas leuauãõ, não lhe sabendo sua origem, & nacimẽto, cuidando que tudo traziãõ da sua prouincia da China, deraõlhes seu proprio nome a muitas, como foi a Canela, que Auiçena, & Rasis, nomeãõ por dous nomes; Dareine, que quer dizer pao da China sendo ella de Ceilão, & cinnomo, que quer dizer pao cheiroso da China. He tão antigo este co

obido.

nhecimento do crauo, que ja Plinio (que concorreo no tẽpo do Emperador Domiciano,) teue d'elle noticia, porque no seu liuro duo decimo, capitulo setimo diz, que auia na India hum grãõ semelhante ao de pimenta, senão, quanto era mais comprido, que se chamaua Cariofilum: & outros o nomeãõ por Gariofilum. Os Persas o nomeãõ por Calafur. E falando nisto com licença dos medicos, nos parece que o Cariofilum dos Latinos he corrupto do Calafur dos mouros: porque la tem algũa semelhanca, & como esta droga passou à Europa por mãos dos mouros, com este nome de Calafur, parece, que lho não mudariãõ. Os Castelhanos lhe chamaraõ Gilope, porque o que leuaraõ foi da ilha de Geilolo. Os Malucos lhe chamãõ Chanque. Os medicos Bramenes, o conhecem por Lavan ga, posto que tãõbem o nomeãõ, pello nome dos mouros: mas cada hum lhe quer dar o seu, como nos tãõbem fazemos: porque os primeiros nossos que foraõ ter aquellas ilhas, tomandoo na mão, & vêdo a semelhanca que tinha com hum crauo de ferro, lhe ficaraõ chamando crauo, por onde oje he tão conhecido no mudo. E posto que dissemos, que só nas cinco ilhas (que no capitulo atras nomeamos) ha crauo, não he porque o deixe de auer em outras, se não pella grande quantidade que n'ellas se colhe:

por

porque cada anno respondem, cõ quatro mil bares, de quatro quintaes & meyo, & vinte & quatro arates obar, que isso tem o de Ternate, & pella conta do terço que lhe tiraõ pello bastaõ (porque aquelles saõ limpos) daõ seis mil bares, mas taõbem o ha nos ilheos de Ires, & Meitarana, circumstantes a Ternate, & em Pulo Cauali, junto a Tidore, & em Gilolo, Sabugo, & Gamoconora, lugares da Batochina: & em Amboino, & na ilha de Varenula, onde se da mais crauo que todas, mas pior & menos grado. E porque talamos em crauo limpo faremos declaração da differença que tem de limpo a sujo.

Quando sacodem este crauo das aruores que se apanha, alimpano, & apartaõlhe a hũa parte os paozinhos, aque os Castelhanos chamão fuste, (que saõ aquellas põtinhas em que nace o crauo, que taõbem cheiraõ, & requeimãõ: & partes ha na India, em que valem em igual preço do crauo, mas commummente daõ por elle as tres partes menos.) E taõbem lhe apartaõ outro crauo a que chamão, madre, que he o que ficou de hum anno pera o outro, & por isso engrossou, & val bem na laoa, & tiradas estas duas couças fora, todo o mais crauo que fica he apurado, & lhe chamão limpo de pao & de bastaõ, & este de ordinario val mais a terça parte, que por alim-

par. Estes craueiros saõ muito grãdes, verlüdos, & pontagudos, porque tendoos pés grossos, deitãõ muitos, & delgados ramos; a folha se parece cõ a dos loureiros, & quebrada entre os dedos, cheira, & requeima algũa cousa, mas nada a casca & a madeira, que he muito forte, & de muita dura. He esta aruore taõ qualida que naõ deita de si goma, como Auiçena, por ma in formaçãõ escreueo no liuro segundo, capitulo trezentos & dezoito. Onde diz que a goma da aruore do Cariofilom, era semelhante à trementina em virtude: & muito aueriguado, & experimentado está por todos os naturaes, que as aruores muito quêtes, & muito frias, naõ deitãõ goma, & só as do meyo a produzem, como vemos n'estas aruores, & nas de pao preto, & pao ferro, & em outras em que se nunca achou. Nace o crauo em cachos como mortinhos, & depois de maduro, que se conhece pella cor que he roxa, o tiraõ, & o secãõ ao sol por espaço de tres dias, em que toma aquella cor preta sobre cinzenta, que sempre tem. Mudãõ se estas aruores em suas nouidades como maléitas, o que lhe procede do muito sol, & da muita chuua, que continuo tem, por estarem debaixo da Equinocial. Começaõ a abrolhar em Feureiro, & em Marco, & de Setembro por diante a colher: & conheceffe a quantidade, de pouca ou muita novidade, pella

pella flor muita ou pouca. Os cra-  
 ueiros nace sem beneficio algũ,  
 como todas as aruores do mato,  
 porque este he o destas ilhas: & he  
 tamanha sua quentura, que chupa  
 toda a humidade da terra, & não  
 lhe deixa virtude pera produzir  
 erua algũa ao derredor. E não só  
 acontece isto nas eruas, pera que  
 não he necessario muita humida-  
 de: mas ainda em todo o aruore-  
 do. Porque se querem dispor hum  
 craueiro, buscão parte onde estão  
 outras aruores, pera que chupan-  
 dolhe o humor creção. E assi co-  
 mo vão sobindo, vão as outras a  
 roda secandose, a te de todo per-  
 derem a virtude, & assi vem a mes-  
 ma qualidade em seu fruto: por-  
 que se meterem em hũa adega de  
 pipas de vinho quantidade de cra-  
 uo, chupa a si todo o vinho, &  
 por tempos deixara as pipas va-  
 zias. E se na casa aende esta lan-  
 çarem muita agoa, em breue tem-  
 po aforue toda, de maneira que fi-  
 ca a casa seca, como se nunca lhe  
 lançaraõ agoa. E assi os homens  
 na India que o guardaõ, mandaõ  
 agoar as casas em que o tem com  
 agoa do mar, (que lhe he mais na-  
 tural, & o conserua, o que a doce  
 não tem, que o dana) pera que  
 lhe não falte. O crauo que fica  
 nas aruores, que chamão madre,  
 dizem que depois de grosso o co-  
 mem os pombos torcazes, que  
 ha muitos em Geilolo, & que dos  
 caroços que purgaõ nace os cra-

ueiros que la tem. Estas aruores a  
 os sete annos daõ fruto, & de tres  
 em tres annos a nouidade grande:  
 porque sempre tomão hum anno  
 de folga, como as oliueiras da nos-  
 sa Europa, & as magueiras da In-  
 dia, perã criarem novos olhos &  
 folhas, mas nem por isso deixão de  
 dar cada anno crauo, ainda que  
 pouco. E alguns cuidaraõ mal  
 que lhe vinha isso de o varejarem,  
 cõ o que lhe quebrauão os olhos,  
 por que em Bachaõ lhos cortão pe-  
 ra dar mais crano, o que se ve bem  
 claro nos ramos baixos, que não  
 são tão açoutados & varejados,  
 por se colherem a mão, porque nê  
 n'estes nace o crauo, se não quan-  
 do he a moução. Alguns taõbem  
 tiueraõ pera si, que estas aruores  
 não se dauão perto do mar, o que  
 foi engano, porque ja se viraõ a y  
 tão frutiferas como as de mais:  
 mas não as auer a borda da agoa,  
 nace da frequentação da gente as  
 danificar, & isto só na nossa ilha  
 de Ternate, que na de Tidore, &  
 nas outras as ha muito perto do  
 mar, porque a agoa salgada os con-  
 serua. Do meyo dos montes para  
 cima não se criaõ os craueiros,  
 pelo grande escozimento  
 do vento & frio, que  
 lhes são con-  
 trarios.

CAPITULO X.

De muitas cousas notaveis que ha nestas ilhas de Maluco, & dos fogos que algũas lanção.



ESTAS cinco ilhas, aque propriamente chamamos de Maluco, são todas de hũa feição, & grã deza, porque nenhũa d'ellas passa de seis legoas em circuito. São redondas, & querem imitar hum chapeo coscuzeito, cujas abas são aquellas chãs que todas tem em que nascem os craneiros, & que são pouoadas de suas cidades & vilas. E do meyo de todas se alçuaão huns montes muito altos. São todas muito alcantiladas, & redondas, pello que carecem de bons portos pera ambas as moudões, Noroeste, & Sul, só Ternate tem o porto de Talangame, hũa legoa da fortaleza, onde os nossos Galeoës indernão. Tem outro hũa legoa d'este, chamado o toloco, em que podem as naos estar com prancha em terra. E quando elRey mandou, que se fizesse fortaleza naquella ilha, não se fez em algum d'estes portos, por ficar longe da cidade onde o Rey vive. Tem ambos estes portos o rosto a Leste. Ha por todas estas ilhas

alguns arrecifez que seus moradores abrião, pera entrarem suas embarcações. E a ilha de Ternate tem hum defronte da nossa fortaleza, o que tem antre a terra, & elle hum poço onde podem entrar Carauelas de prea mar, d'algõas viuas descarregadas, & no poço estarem surtas a sua vontade. Todos estes arrecifez principalmente este, são de pedra que se gera do coral, que depois de velho indureffe, & com ter muitos ramos se ajuntão & conuertem em pedra de que se faz muito boa cal. Está este arrecife posto por tal ordem que quem vai do mar demandalo, parece que ve fermosos edificios feitos ali pera defensão d'aquelle porto. Este monte de Ternate, que se alçua do meyo da ilha, será de altura de duas legoas, he todo cheio de aruoredõ, & palmares: no cumme d'elle tem hũa estranha cõua que parece que desse ao centro, que he tão larga na boca que escassamente se enxerga hum homem de hũa banda a outra, & por sua muita largura se enxerga decima hũa praça direita, como hũa grande eira de pedra & terra mouediça, que algũs homẽs forão ver, principalmente Gabriel Rebello, sendo ali feitor, & Alcaide mor, & medio a altura cont muitas linhas de pescar que ajuntou hũas as outras, & achou ter quinhentas braças. La embai-

QUARTA DECADE DA HISTORIA DA INDIA

todo aquelle tempo, & ali a man-  
temo macho: em quanto ali esta  
perde toda a pena, & lhe nacc ou-  
tra de nouo igualmente com os fi-  
lhos, com quem juntamente fae  
do ninho renouada. O macho he  
taõ ciofo, que em quanto a femea  
esta no ninho, não deixa passar  
alguem por perto, & logo arreme-  
te a morder, principalmente mo-  
lheres prenhes que persegue mais.  
Ha tamanhos morcegos, que diz  
Gabriel Rabello, que medio hum  
que tinha sete palmos de hũa pon-  
ta da aza, a outra. Tem Guin-  
chos, Andorinhas, Zorzaes, Ar-  
ueolas, Gauiaes, Mochos, Coru-  
jas, & outras muitas sortes de pas-  
saros, & aues. No mar tem mui-  
tas sortes de pescados, baleas, bo-  
tos, toninhas, peixe Vaca, como o  
do Brasil. Nos arrecifes se tomão  
huns cranguejos mûy conhecidos  
dos outros, por certo pelo, & co-  
mendo de hũa certa parte, mata lo-  
go em vinte & quatro horas. Ha  
outros, que por outro tanto espa-  
ço fazem grandes febres a quem os  
come, & hũa muito alegre doudi-  
ce, porque em todo aquelle tem-  
po não deixa de saltar, bailar, sem  
comer, beber, nem dormir, & pas-  
sado o termo, tornaõ em si como  
d'antes. Estes cranguejos se crião  
aos pés de hũas arvores que ha na  
praya, debaixo de cuja sombra a-  
doeceraõ algũas pessoas da mes-  
ma doudiçe: estas arvores são  
mûy conhecidas, & em todo o

oboz

L. S. A.

chaõ que sua sombra toca, he tão  
seco & escaldado, que n'enhũa er-  
ua produz. Ha outros cranguejos  
como lagostas, ainda que de me-  
nos pernas, com hũas bocas de dẽ-  
tes brancos, com que quebraõ os  
caroços pera lhe comerem a amen-  
do: criaõse em couas no mato, to-  
mãos de noite com fogo, ou ao  
lũar, & tem o corpo & as pernas a  
mesma carne de lagosta: no rabo  
tem hum bolfo de hũa certa ma-  
de mûy grande gosto; pello que  
são tão estimados, que valem tan-  
to como hũa galinha. Em hũa cer-  
ta lũa perto da nossa pascoa lança  
de si o mar do Moro hũa grande  
quantidade de hũa immũdicia co-  
mo minhocas, de que todo o mar  
se coalha: & como os naturaes ja  
esperaõ por isto com seus barcos,  
enchemnos muitas vezes d'aquil-  
lo, & fazem hum betume que os  
sustenta todo o anno, & em nenhũ  
outro dia se ve mais. Ha na ilha  
do Buro hum rio doce, & onde a  
maré não chega faz hum pego  
em que andaõ muitos sermoes  
mûy bons, & gordos, que nas a-  
goas viuas de outra lũa saem d'a-  
li & vaõse ao mar, que lançaõ en-  
taõ outra grande quantidade de  
peixe miudo, que he tanto, que se  
fartaõ elles, & os pescadores d'a-  
quellas ilhas enchem seus barcos,  
& os sermoes se tornaõ a reco-  
lher a seu pego, sem os naturaes  
lhes fazerem mal: porque dizem,  
que por seu respeito lhes da Deos  
aquella

aquella multidaõ de peixe, que ali não apparece mais que aquelle dia, & o que tomão lhes dura seco, & salgado todo o anno. Ha n'estas ilhas de Maluco hum pao que tira a vermelho, que arde no fogo, & faz chama & braza sem se gastar, & parece que tem natureza de pedra, porque se desfaz facilmente entre os dedos, & tratado entre os dentes trinca, & quebra. A porta da fortaleza de Ternate, esta hũa ferosa aruore chamada Catopa, de que caem hũas folhas mais pequenas que as geraes, cujo pé he cabeça de hum bicho, ou borboleta, & o talo, o corpo, & as veyas que procedem d'elle pès & mãos, & as folhas azas, cõ que logo voão, ficando perfeita borboleta, & folha. E quando esta aruore renoua cada anno, lança algũas candeas como de Castanheiro: & do pedaço de hũa, diz Gabriel Rebello, que vio hum bicho serindolhe os graõs a roda dos pès: & o talo de corpo: & as folhas nouas crião hũs bichos como de ertaliça, que caẽ decima pendurados por fios como teas de aranha, que acodem a apanhar hũa casta de bespas, & as metem em seus ninhos que fazem de lama dentro nas casas, & enchẽ doas d'aquelles bichos, tapaõ hũ pequeno buraco que tinhaõ pera seruintia, & vaõse as bespas pera outro pouso: & d'estes bichinhos que ficão nos ninhos se geraõ outras bespas, que por tempos saem

d'ali a buscar mantimento. Fazem n'estas ilhas o sal, de lenha das aruores que se crião ao longo do mar, & se lhes falta esta, da que da o mato, que queimão & vaõ coãdo o fogo com a agua salgada, & depois a cinza que fica poense em hũ pano comprido, alto do chaõ quanto hũa vara de medir, & vaõ lhe lançando por cima decoada quente da mesma cinza, & vai gotear em testos postos sobre brazas, & ali se coalha aquelle licor, & faz hum paõ duro que salga muito bem. Outras cousas muitas ha muito notaveis, que deixamos por não enfastiar.

CAPITULO XI.

*Da armada que este anno de trinta e hum partido do reino: & de como Manoel de Macedo se perdeu em Calecare, & do que ali passou. E de como o Governador Nuno da Cunha partito com hũa grossa armada pera o Malauar. E da grande bat. ilha que dom Roque Tollo teve com hũa armada de Calecut.*



O Mas nouas q̃ elRey teve por Manoel de Macedo, que leuou Rax Xarrafõ prezo, soube, ficat o Governador Nuno da Cunha na India chegado de pouco, pello q̃

determinou de prouer nas cousas da India, sem embargo dos grandes trabalhos que no reinõ auia: porque este anno foraõ tamanhos os terremotos em todo elle (principalmete em Lixboa, Azambuja, Almeirim, Santarem & outras partes) que cayão a mor parte dos edificios: & foi nõ mar a tempestade tamanha, que destroçou, & quebrou todas as naos que estauão no porto de Lixboa, & se affirma que o rio Tejo se abriu pello meyo, apattãndose suas agoas, deixando eamimho de feição, q̃ appareceraõ as areas. Com isto foi tamanho o medo nas gentes, que se foraõ morrar aos campos, em lapas, & tẽdas. Os mesmos terremotos ouue em Africa no reino de Tunes, & nos estados de Frandes, & ouue nos ceos grandes & espãtosos sinaes, de que os homens andauão como pasmados. Com todos estes trabalhos não se descuidou elRey das cousas da India, mandando negociar cinco naos de que não fez capitão mor, & nellas mandou embarcar mil & quinhentos homens. Esta armada se fez a vela em Março. Os capitães d'ellas eraõ, Archiles Godinho, Diogo Botelho Pereira, (que Nuno da Cunha mandou ao reino estando em Mombaca, como ja dissemos.) Ioaõ Guedes, Manoel Botelho, & Manoel de Macedo, que leuou Rax Xarrafo, a que elRey fez merce da fortaleza de Chaul. E indo seguindo sua derro

ta, foraõ as quatro d'ellas a India a saluamento com taõ prospero tempo, que se affirma que Archiles Godinho, em menos de quatro meses surgio na barra de Goa. Manoel de Macedo pella ma nauegação do seu piloto, se foi meter do cabo de Comorim pera dentro sem saber por onde ya, & foi varar cõ a nao na Restingua da ilha dos Iogues defronte do lugar de Calecare, que esta na terra firme, antes de chegar aos baixos de Chilao. Este lugar he pouoado de mouros, Naite as grandes ladroes. Manoel de Macedo tanto que se vio perdido, desembarcou na restingua, que era hũa ponta de area, onde se fortificou com muita pressa, com pipas, paos, rauoas, & madeira que tirou da nao, mandando desembarcar todo o mantimento, & agoa que auia, por que logo conheceo a terra. E aparelhando o esquife embarcou n'elle alguns homens de confiança, com cartas pera o capitão de Cochim, pera que lhe soccorresse com nauios, em que se podesse saluar. As nouas da perdição da nao corraõ logo pella terra, com que os mouros de Calecaré, & dos mais lugares visinhos, auendo que tinhaõ hũa grossa preza, ajuntando todos os nauios que poderaõ, foraõ demandar os nossos que estauão nos baixos, & os começaraõ a bater com muitas peças d'artilharia, cercando a ponta em que estauão a roda, trabalhando por desem-

desembarcarem em algũas partes, pera os cometerem d'entro nas trã queiras. Manoel de Macedo que era muito esforçado caualeiro, defendeose d'elles com muito valor, & esforço, dez, ou doze dias, sem tomar repouso de dia, nem de noite, a te lhe chegar o recado de Cochim, cujo capitaõ em vendo as cartas armou cõ muita pressa duas Carauelas, & alguns nauios de remo, q̄ despedio logo. E chegãdo a Calecarè, que os mouros viraõ o soccorro, foraõse recolhendo; & Manoel de Macedo se recolheo nas carauelas, com toda a gente, cabedal, artelharia, moniçoës, & toda a fazêda da nao, sem lhe ficar mais que o casco, & ainda a esse pozerãõ o fogo, porque se naõ aprouei tassenros imigos de cousa algũa, & d'ali se foraõ pera Cochim. O Governador estaua esperando pelas naos com hũa armada muito grossa, prestes, & preparada, pera ir ao Malauar, por estar assentado em conselho, que se fizesse hũa fortaleza no rio de Chale, pera o que se tinha carteadõ cõ aquelle Rey, pera lhe dar lugar n'aquelle rio, offerendolhe grãdes partidos, que lhe elle azeitou. E tinha taõbem negociado com elRey de Cochim, pera lhe dar dous mil Nayres, pera o acompanharem n'aquelle jornada, a quem tinha mandado que se lhes dessem embarcaçoës & todas as cousas necessarias, com ordem ao capitaõ de Cochim, que a gente q̄

o auia de acompanhar a tiuesse prestes a te ver seu recado. Todas estas cousas negoceou por cartas no inuerno, pera estarem preparadas como estauãõ, quando as naos surgiraõ na barra de Goa. E logo despedio Antonio de Saldanha pera ir a te Cochim recolher toda a armada, & gente, que la estaua prestes, dandolhe por regimento, que por todo Nouẽbro o esperasse sobre o porto de Calecut. E mandou dar muita pressa a toda a fabrica que auia de levar pera a obra da fortaleza, que mandou embarcar em muitos Tauris, & Cotias. E tanto que entrou o mes de Novembro pos se o Governador no mar, com cento & cincoenta embarcaçoës, entre Naos, Galeoës, Carauelas, Galés, Fustas, Bargantins, em que embarcou tres mil Portugueses, & mil Lascarins da terra. Naõ nomeamos os capitaës d'esta armada, por que os mais d'elles, ou todos eraõ os que o veraõ passado acompanharaõ n'ella o Governador a Dyo. Com toda esta frota se fez a vela, & foi seguindo seu caminho deuagar. Antonio de Saldanha que partio diante, tanto que chegou ao rio de Panane, soube que estauãõ d'entro duas naos do Camorim a carga, & porque naõ saïssẽ, deixou sobre aquelle rio dom Roque Tello capitaõ do Galeaõ Lambea morim cõ alguns nauios de remo, & elle passou a Cochim a fazer o negocio a que ya. Os mouros que  
saõ

saõ os que no reino Malauar nos fazem a guerra, foilhes mao de sofrer, verem aquella barra tomada, porque perdião muito em as suas naos deixarem de fazer viagem; & azedado sobre este negocio o Camorim, offereceraõ se lhe pera irẽ pelejar com o Galeão, fazendolhe muito facil renderemno, o que elle aceitou mandando cõ muita presteza armar quarenta nauios; & as naos que estauão a carga se fizessẽ prestes pera darem a vela, tanto q̃ rëndessẽ o Galeão. E primeiro q̃ Antonio de Saldanha tornasse de Cochim; negociados os nauios, & cheios da milhor gente que auia entre os mouros, sairão todos juntos hũa manhã, muito crespos, & com muitos instrumẽtos de guerra. Dõ Roque Tello tanto que vio a armada, assentou de a não esperar sobre amarra, & leuando ancora deu o traquete, & afastouse hum pouco da terra, recolhendo as Fustas por derredor do Galeão, que preparou muito bem, fazendo sua artelharã Lestes, & repartindo os homens de mais confiança, pellos lugares mais importantes. Os inimigos vinhaõ vega arrancada, & chegando ao Galeão o rodearão, & começaraõ a descarregar nelle sua artelharã, & arcabuzaria, & taõ espelhas nuuens de frechas, que empenaraõ o Galeão, pellos mastos, vergas, & portollas as obras de cima. O Galeão que era muito grande & possãte, começou a laborar,

& visitar com sua artelharã pera todas as partes, & foi tão bê empregada que lhe arrombou muitos nauios. As nossas Fustas que erãõ cinco ou seis, cõ as popas no Galeão, taõbem fizeraõ seu emprego nos inimigos, desaparelhandolhes algũs nauios, & matãdolhes d'entro muita gente. O Galeão como andaua com o traquete mareauasse pera onde quera, fazendo seus empregos muito a sua vontade. O capitãõ mor da armada Malauar, vendo que o yaõ destroçando, reforçou os mayores nauios de sua cõpanhia, & com grande determinação inuistio o Galeão pella banda das escoteiras, & cometeo a subida: os nossos acodindo ali lha defenderaõ com muito valor, lançando ao mar, hũs mortos, outros feridos, fazendo em todos grande estrago. Vêdo os mouros o destroço que era feito nelles, ouueraõ por seu partido afastaremse, o q̃ fizeraõ com mais de dez nauios inenos, & nos outros a mor parte da gente perdida: & destroçados, & descreditados, se tornaraõ a recolher, leuando cõsigo as naos pera d'entro; porq̃ ja yãõ saindo pera fora Dõ Roque Tello, posto que lhe feriraõ algũs homes, não recebeu mais dano; & tornou a sorgir no mesmo posto, esperando por Antonio de Saldanha, q̃ em Cochim deu pressa ao soccorro, & armada que auia de leuar, com que tornou a voltar para o Governador.

## CAPITVLO XII

*De como o Governador Nunõ da Cunha chegou a Chale, & se vio com aquelle Rey, sobre o lugar que lhe auiã de dar, pera fazer a fortaleza, & dos tratos que ouue entre elle & o Camorim, sobre pazes, & de como se concluireão, & se começou a fortaleza.*

**D**EIXAMOS o Governador dado a vela pera o Maiauar, que foi continuando seu caminho muito deuagar, por causa da grande frota que leuaua: & meado Nouembro foi deitar ferro sobre a barra de Chalé, metendo tamanho terror & espanto, em todo o Malauar, que encolheo todos aquelles Reys. O Camorim como mais culpado, se fortificou, & repairou por que não sabia aquelle negocio em que veria a parar. O Governador achou ja ali Antonio de Saldanha, com hũa grande frota de muita & muito boa gente, & deixãdo os Galeões & naos fora, passandose aos nauios de remo, entrou no rio aonde foi logo visitado da parte de Vnirama Rey de Chale, & depois de tratarẽ sobre as viltas, & elRey eleger o dia que seus Bramenes

lhe assinaraõ, vieraõ a fala à borda da praya, onde o Governador o esperou com todos os fidalgos & capitaes da armada, & as Fustas cõ os proizes em terra, com toda a gente posta em armas. ElRey chegou ao mesmo tempo, acompanhado de alguns senhores visinhos, & de todos os principaes de seu reino. O Governador o recebeu cõ grandes honras, & lhe fez muitos offerecimentos da parte d'elRey de Portugal, & ali logo assentaraõ as pazes, & amizades, que juraraõ ambos a seu modo. E lhe prometeo elRey em aquelle seu porto hum lugar pera fazer fortaleza na parte que elle escolheffe, de que passou suas ollas, & assinados. E logo o Governador deu a elRey hũa espada, & adaga douro muito rica, & algũas peças de veludo de cores, & de borcado, assi pera elle, como pera seus Regedores, de que todos ficaraõ contentes. O Governador notou logo o sitio em que se poderia fazer a fortaleza, que era em huns palmares que ficauã sobre o rio da banda do Sul, por terem algũs poços de agoa boa pera beber: & porque eraõ de partes, escomprou por ordem d'elRey muito a vontade de seus donos. Logo ali mandou tracar a fortaleza, & derribar os palmares, o que se fez aquelle dia. Ao outro desembarcou o Governador, & pos toda a sua gente em terra pera começar a pôr as mãõs na obra, assentando o seu

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

Seu exercito na parte que lhe pareceo sobre o rio, & por detras o mandou fortificar muito bem, no que gastou aquelle dia. Ao seguinte, mandou abrir os alicesses, sendo elle o que deu as primeiras enxadadas ao som de muitos instrumentos de alegria, & saluas de artelharria de toda a armada. Estando el Rey presente com os seus, que tao bem festejaraõ aquelle auto, com outros instrumentos a seu modo. Os capitaes, fidalgos, & principaes da armada, tomaraõ a sua conta a obra do alicesse, repartindoa entre si, em que os trabalhadores, que eraõ muitos, foraõ pôdo os maõs, correndo os fidalgos & soldados com os custos do entulho que se tirava, tudo com tanto regozijo, & contentamento de todos, que era muito pera ver. Os alicesses foraõ abertos em poucos dias, pella multidãõ dos trabalhadores que avia, & logo começou a correr a obra de pedra & cal, de que foraõ muitas Cortias carregadas de Goa. O Governador andava antre os trabalhadores apegando taõbem das padiolas, & com a bolsa sempre aberta, dando a todos muito liberalmente. Aqui veyo Nirange, hũ Rey da outra banda de Chale, a visitar o Governador, que elle recebeu com grandes gazalhados, & lhe deu peças & brincos, que he cousa em que estes Gentios todos trazem o olho. A obra ya crescendo a olho porque os officiaes d'el,

la eraõ repartidos pellos baluartes, & cada hum trabalhava nõ seu, de que eraõ os olheiros os capitaes mais velhos, pera assi virem todos juntos a hum tempo sobre a terra. E porque de fronte do lugar em que se fazia a fortaleza, estava hũa mesquita de mouros antiga, & grãde, que lhe ficava em padrasto, tratou o Governador em segredo cõ o Rey mãdala derribar: & primeiro que o acabasse com elle, teve muito grande trabalho, & o peitou com muitas peças ricas, & contra vontade dos mouros, que se a isso opposeraõ, a Mesquita foi derribada, & a pedra trazida pera os muros que alumiou muito na obra, que ya crecendo a olho. O Camorim que estava encolhido com ver o Governador em Chale, taõto que soube das pazes que tinha feitas cõ aquelle Rey, & que ja se começava a pôr as maõs a fortaleza, aucto seu conselho, pareceo lhe que lhe conuinha tratar de amizades com o Governador, porque com aquella nova fortaleza ficava taõsogeto todo o seu reino, que de nenhum rio d'elle podia sair naõ sua pera Meca, o que seria total destruiçaõ sua. E naõ se descuidado n'esta materia, foise ver com el Rey de Tanor, & lhe pediu que fosse terceiro antre elle & o Governador, & os concertasse, o que elle prometeo de fazer. E logo se foi a Chale ver com o Governador, que o recebeu com grande aparato,

parato, & lhe deu hũa espada douro esmaltada, com outras peças coriolas. E depois de passada a primeira vista se tornou a ver com o Governador, & tratou com elle sobre as cousas do Camorim sobre o que o Governador o ouiuo, & lhe concedeo tudo o que sobre isso lhe pediu: mostrando que o fazia com muito gosto, por elle ser o terceiro nellas. Logo vierão Embaixadores do Camorim, & assentaraõ, & juraraõ as pazes com o Governador, cujos capitulos não achamos neste estado. O Governador despedio os Embaixadores, & com elles hum d'aquelles capitães, a que não sabemos o nome, para ir visitar o Camorim, & a ver jurar as pazes por elle, mandandolhe hum rico presente, & muitas peças pera o Principe, & pera os Regedores. Este homem leuou doze nauios consigo & foi a Calecut, onde o Camorim o recebeu com muitas honras, & tornou a jurar as pazes de nouo, com grandes solennidades, & aluoroço de todo o povo, pello proueito que disso tinhaõ. O Embaixador se despedio do Camorim, & tornou-se ao Governador, que estimou muito as pazes por fazer aquella fortaleza mais a sua vontade. Cõ estas pazes começaraõ a vir alguns senhores de Calecut a visitar o Governador, & antre elles foi Pána ache pay do Principe, herdeiro do Camorim, a que o Governador re

cebeo muito bem, & lhe deu muitas peças, por que com estes Gentios primeiro se ade dar que negociar. A obra da fortaleza foi correndo taõ apressadamente, que aos quinze de Dezembro ja estava toda a roda em altura de hum homem: & escreuendo a el Rey o estado das cousas da India, despedio as naos pera irem tomar a carga a Cochim, porque a te entãõ as teue consigo. Estas naos acharaõ a carga prestes, & tomandoa em breues dias, deraõ a vela pera o reino, onde todas chegaraõ a saluamento.

CAPITULO XIII.

*Da armada que o Governador Nuno da Cunha mandou ao estreito de Meca, de que foi por capitão mor Antonio de Saldanha, & da guerra que Diogo da Sylveira fez, por toda a costa de Cambaya.*



**V**ENDO o Governador a fortaleza em estado que ja se podia defender, & que estava amigo & quieto com todos aquelles Reys: despedio Antonio de Saldanha pera o estreito de Meca, a esperar as naos de Cambaya, & do Achem, a quem deu seis Galeoës, de que e-

rao capitães, elle que ya em são Matheus, dom Roque Tello, no Lambea Morim, dom Fernando Deça o nãrigão em hũa Galeça, Antonio de Lemos da Trofa nos Reys Magos, & Francisco da Cunha em outro Galeão. Deulhe mais dõze nauios, cujos capitães eraõ Thomé Bayaõ, Fernão Lourenço, Diogo Gõçalues, Ioão Correa, Trillaõ Dorta, Gaspar de Lemos, Christouão Rangel, Francisco Mendez, Antonio Fernandez, & outros. O Governador deu por regimento a Antonio de Saldanha que fosse inuernar a Ormuz. Esta armada se fez a vela por fim de Janeiro deste anno de trinta & dous em que entramos, & de sua jornada a diante daremos conta por que he rezão que continuemos cõ Diogo da Sylveira que deixamos inuernando em Chaul: a quem o Governador escreueo que de la se passasse a enxada de Cambaya, & fizesse por ella toda a guerra que podesse; mandandolhe pera isso mais gente & prouimentos. Na entrada de Setembro sayo d'aquella barra com quarenta nauios de que a fora elle (que ya na Galé conceição) eraõ capitães Manoel de Miranda, Ioane Mendez de Macedo, Pero Preto, Diogo Dalua, Antonio Borges, Iorge Pirez, Gonçalo Fernandez, Antonio de Faio, Christouão de Crasto, Felippe Aluaõ, Belchior da Veiga, Ayres Dias, Manoel Rodriguez Coutinho,

Luis Coutinho, Francisco da Sylua, Afonso Alvarez, Bertholameu Vaz Zambujo, Anrique Amado, Francisco de Sousa, Ioão Correa feitor da armada, Antonio Veloz, Nuno Dandrade, Payo Rodriguez Daraujo, Ruy Freire, Diogo Porsee, Iorge Diaz, Diogo de Lemos, Rodrigo Girão, Balthesar da Sylua, & outros: & com toda a armada se passou a ponta de Dyo, a esperar as naos, que auiaõ de vir de Meca, & de Ormuz, onde andou todo Outubro sem lhe ir cair couza algũa nas mãos, porque as naos de Meca eraõ chegadas a Dyo primeiro que elle. Vendo que o tempo se lhe ya gastando, voltou pera a enxada de Cambaya, & foi de mandar a cidade de Bandora, que he a primeira do reino de Cambaya da banda do Sul; que estaua muito prospera & rica, por ser de grande trato & commercio. E asentando com os seus capitães de dar n'ella, a comereio hũa madrugada por duas partes; & pojando em terra acharaõ na praya perto de mil & quinhentos homẽs, que fairaõ da cidade a lhe defender a desembarcaçãõ, como fizeraõ: mas a nossa arcabuzaria os afastou de feição; que tiueraõ lugar de saltarem em terra, onde tiueraõ hũa grande batalha, mas como a nossa arcabuzaria era muita, fez nelles tal estrago que os arrancaraõ do campo, & os foraõ levando a te a cidade, em que entraraõ

de en.

de enuolta com elles, tão apressadamente, matando & ferindo nelles, que lhes não deraõ tempo pera se determinarem, antes com o modo que leuauão, foraõ saindo pela outra porta fora, pera a bāda do sertão, ficando a cidade em mãos dos nossos cõ todo o seu recheio, de que foi saqueado o melhor, & a tudo o mais se deu fogo, em que a cidade ardeo espantosissimamente. Diogo da Sylueira se recolheo perdendo nesta jornada dous homens, a fora feridos que ouue algũs. D'ali se passou ao rio de Bõbaim, & por elle d'entro foi demandar a cidade de Taná, que com as costas & fauor de Melique Tocão estaua rebellada, & não pagaua as parças. E chegando a ella com a enchente da maré, desembarcou tão bem em duas partes. E posto que acharão muitos mouros pera lhe defenderem a desembarcação todavia a pezar seu saltarão em terra, & cometerão a cidade, em que acharão muito grande resistencia: mas os nossos com grande estrago dos mouros a entraraõ, & foi assolada, & destruida, & posta a fogo & a ferro, o que tudo se fez em tão breue espaço, que se tornaraõ a embarcar primeiro que a maré vazasse, porque ali fica tudo em seco. E saídos do rio voltaraõ pera a enxada de Cambaya, & d'ali ate Surrate foraõ dando em todas as aldeas, & pouoações que acharão sobre o mar, em que catiunaraõ,

& mataraõ muita gente, pondo tudo a ferro & fogo, não perdoando a cousa algũa. Aqui defronte de Surrate deu hum tempo a armada, que estaua perigosa, com que o nauio de Francisco da Sylua foi dar a costa, mas saluouse toda a gente, que foi tomada dos outros nauios. Passado o tempo, & não auendo por aquella costa mais que fazer, passaraõse a outra de Dyo, & o mesmo danõ fizeraõ nos lugares do Castelete, Taloya, Madrefaul, queimando n'aquelles portos muitos nauios carregados de fazendas. Em fim tantas cruexas fez esta armada este veraõ, que todos os moradores do maritimo despouoaraõ seus lugares, & foraõ a corte com grãdes prantos & queixas, que Soltaõ Badur sentio muito. Diogo da Sylueira, andou todo o veraõ por aquella enxada, & como foi tempo se recolheo com mais de quatro mil catiuos, & carregados todos de riquezas, & despojos.

## CAPITULO XIII.

Do que o Governador Nuno da Cunha fez em Chale, & acabou a fortaleza, & aproueo de capitão. E das cerimoniaes que os Nayres guardão no negscio das jangadas, & que cõsa são Amoucos.

Bb Foi

**O** 1.º Governador Nuno da Cunha cōtinuando na obra da fortaleza cō tanta pressa, que quãdo foi por fim de Feuereiro a pos em sua perfeiçãõ, fazendolhe casas pera o capitãõ, & pera soldados, almazés, igreja, & todas as mais cousas necessarias. E pera mor segurança da fortaleza, mandou desfibar todas as casas, & palmares, a roda, pera lhe deixar terreiro, o que tudo fez a poder de peitas, comprando a seus donos os chaõs muito bem. E tendo tudo feizo a sua vontade, proueo a fortaleza de capitãõ; pera o que elego Diogo Pereira hũ fidalgo velho, & muito honrado, & lhe assinou duzentos & cincoẽta soldados de guarniçãõ, com alguns capitaẽs peras lhes darem mezas, que deixou ali com seus nauios, & guarneceõ a fortaleza de boa artelharia, que mandou tirar dos Galeoẽs, & de seus bombardeiros, & os almazés proueo de muitas moniçoẽs, & mantimentos, de trigo, & arroz, pera aquelle inferno. E pera mayor segurança da terra, tomou por jãngada da fortaleza, ao mesmo Rey de Chalé, dandolhe por isso hũa tẽça cada anno. E sendo tẽpo de se recolher pera Goa, se despedio d'elle, & o mandou fazer do Camorim & deu a vela.

107 E por que este negocio de jan-

gadas nãõ he entẽdido na Eúropa; daremos rezãõ da ordẽ que nisso guardaõ os Nayres de todos estes reinos. Esta prouincia Malauar, he toda pouuada de Gentios idolatras, mũy supersticiosos, & differẽtes em castas, & ritos. Hum d'elles chamados Nayres (q̃ sãõ os principaes de todos, & mũy dados ao exercicio das armas em que todos sãõ mũy destros.) Outros chamados Libas, que sãõ lauradores, pescadores, & que vsãõ toda a mecnica: outros chamados Poleas, que he a mais infame de todas, & tãõ auorrẽcidos dos mais, que nãõ podem viuer entre os outros, nem cõmunicalos, nem tratalos, (como antigamente eraõ os do pouo de Samaria, com os Iudẽos.) Esta casta baixa vsãõ os officios de magarefes, de lauandeiros, çapateiros, pedreiros, alimpadores de ruas, & que leuãõ as immundicias das casas fora. Os Nayres como superiores de todos, sãõ tãõ soberbos & arrogantes, que pellas ruas por onde passaõ, vaõ bradando alto, pó, pó, que quer dizer, afasta, afasta. E assi tanto que sãõ ouuidos de todas as mais naçoẽs inferiores, logo lhes despejãõ as ruas, & se escondẽ pellos becos, & pellas casas. Os mouros que sãõ forasteiros naquelles reinos, vsãõ a arte do mar, & da mercancia, sãõ todos Arabios, ou seguem sua feita, de hũa casta chamado Naitas. Estes vindo ter aquella pro-

la prouincia, misturarão se em ca-  
 famento com os naturaes, tiran-  
 do Naites, (que esta casta não se  
 mistura com outra.) & danre el-  
 les nacerão huns mestiços, de que  
 toda aquella fralda do Maluar  
 he pouoada: os mais falsos, maos,  
 & enganosos mouros, que ha en-  
 tre todos os do mundo, estes vi-  
 uem n'esta prouincia como cati-  
 uos dos Nayres, que tem liberda-  
 de pera lhes entrarem por suas ca-  
 sas cada vez que quizerem, quer  
 estejam nellas, quer não: & elles  
 não podem entrar na de algum  
 Nayre. E em tudo o mais, no mo-  
 do de falar, no desprezo, os tratão  
 como escravos: porque cuida o  
 Nayre q̄ naceo pera ser senhor de  
 todas as mais nações. E así são tão  
 soberbos, que andão sempre affo-  
 prando. Todos em geral são ho-  
 mões mūy bem despóstos, de cor  
 bassa, andão nus da cinta pera çí-  
 ma, & sengidos com hūs panos brã-  
 cos grandes, com que dão muitas  
 voltas ao redor de si a te os gio-  
 lhos. As cabeças trazē descubertas,  
 os cabellos mūy grandes & creci-  
 dos como molheres, & apanhadõs  
 no meyo d'ella, trazē de cõtino es-  
 padas & rodellas, & nos braços  
 manilhas douro; & pedraria la en-  
 çima nos buchos: & isto trazē os  
 que na guerra fazē feitos asinala-  
 dos, que he a sua insignia de hõra,  
 como entre nos os habitos das ca-  
 ualarias. As molheres Nayras são  
 fermosas, & bem despóstas, ves-

tem panos aluos, & com hũa volta  
 por hum hombro, naõ cobrindo  
 os peitos a te a ilharga da outra bã-  
 da, andaõ sēpre limpas, & luzidas,  
 vntadas d'azeites cheirosos. Ouvi-  
 mos em Portugal no paço, contar  
 aos homões velhos, que aquelles  
 Embaixadores, que elRey de Cale-  
 cut mandou a elRey dõ Manoel,  
 tendoos em hum seraõ de festa,  
 por lhes mostrar a grandeza de sua  
 corte, estando as damas (que en-  
 tão auia muitas & muito fermo-  
 sas, & ricamente vestidas, & adorna-  
 das.) lhes mandara elRey per-  
 guntar que lhes parecião aquellas  
 damas? Ao que os Nayres respon-  
 deraõ, que muito bem: mas q̄ toda  
 uia, naõ auia cousa como hũa Nay-  
 ra, que com hũa bochecha de agoa  
 lhe lauauão todo o corpo São estas  
 molheres comūas pera os parentes  
 dos maridos, & así viuē todos tão  
 seguros de ciumes, que indo hum  
 pera sua casa, se acha a porta da bã-  
 da de fora a rodella do outro que  
 está d'entro com sua molher (por  
 que he obrigado a deixar aquelle  
 final fora.) torna a voltar & vaise a  
 passear, a te q̄ lhe despejem a casa:  
 & esta he a rezão porque seus fi-  
 lhos não são seus herdeiros, se não  
 os de suas irmãs, porque estes hão  
 por de seu sangue, sejaõ seus pays  
 qualquer que forem. Guardão es-  
 ras gentes hum costume com os  
 estrangeiros, mūy dino de lou-  
 uar, & engrandecer. Este he,  
 que tendo hum forasteiro ne-

oimbloz

cessidade do favor de hum d'estes Naires pera passar de hũa parte pera outra, pera segurar sua pessoa de ladroës, & saltadores: chegasse a hum Naire, & lhe pede seja sua jangada, & lhe da por isso algum dinheiro, valia de meyo cruzado. Este Naire, tanto que lhe toma o seu dinheiro lhe da a mão em sinal que o toma em sua guarda, & assi o leua com sigo, a te onde o outro lhe releua, muito seguro, & sem receber afronta de pessoa algũa. E se a caso este forasteiro for auexado ou afrontado de algũa pessoa, fica esta afronta & injuria tanto à contra d'este Naire, & de toda sua geração, que logo se ajuntaõ todos, & se offerecem a morrer a te satisfazerem aquella afronta, vsando certas cerimoniaes, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de hũa ilharga, que he o final de homens determinados a morrer, a que elles chamão Amoucos: & juntos todos daõ n'aquelle lugar onde lhe fizeraõ a afronta, & o destruem, & abrazaõ. Pello que he isto tão arreçado em todo o Malauar, que se hum Portugues (que he a mais odiosa nação de todas com os mouros,) quizer passar de Cananor pera Cochim, por todo aquelle Malauar, posto que esteja de guerra, & por meyo dos mouros, que lhe beberaõ o sangue, tomando sua jangada, vai com ella tão seguro, como por Alentejo, sem lhe ninguem perguntar don-

de vem, nem pera onde vai. E se este Naire que se fizer jangada for minino, ainda esse he muito mais seguro: por que a afronta que se faz a hum d'estes, a satisfazem mais, que aque se faz a hum homem grande, porque dizem, que quanto menos força este tem pera se defender, tanto he mor a obrigação dos parentes em acudirrem pella afronta que se lhe fizer. Em outro negocio se fazem estes homens amoucos, que he quando na guerra lhe mataõ o seu Rey, então todos os seus criados, familiares, & todos os que d'elle tem tenças, ordenados, & comedias, logo se fazem amoucos, & se determinão a morrer em vingança do seu Rey: que são tão receosos, & precitados, que por essa causa nas batalhas nunca se a tira bombardada, espingardada, nem frechada, a onde está hum sombreiro alevaõca-do, que he a insignia d'el Rey, pera que saibão que está elle ali. E por esta razão as nossas fortalezas do Malauar tem jangadas, a que el Rey da tenças, que são obrigados com todos os parentes & criados acudirerem as afrontas que os visinhos lhes fazem. D'estes amoucos achamos que Cesar no seu Bello Galico fez taõ bem menção: por que diz, que andado Publio Crasso em Guiana, & está do sobre hũ lugar dos Sóciates, fãira de d'entro Adjantana, que era aly Governador com seiscentos Soldrios

Soldrios, que he o mesmo que offerecidos: que tinhão por ley, morrerem & acompanharem em todos os trabalhos a quelle quem se offerecessen, por amizade, ou seruiço: & que ja mais se achou escusarse nenhum d'estes da morte, vêdo matar aquelles quem se offercerão: que he o mesmo que tem estes amoucos. D'estas lãgadas dos Nayres, faz taõbem Sabelio

menção, & diz que os Nayres do Malauar guardauão a ordem da caualaria: & que andauão pellos caminhos defendendo as donas, & donzellas, & satisfazendoas de seus agrauos. O Governador depois de chegar a Goa, despedio os prouimentos pera Malaca, Maluco, & mais fortalezas, & com isto se ferrou o inuerno.

## LIVRO VIII DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITULO I.

*Das cousas que este anno passado acontecerão em Maluco, & de como os da terra matarão o capitão Gonçalo Pereira, & lhe socedeo Vicente da Fonseca.*

**D**EIXAMOS as cousas de Maluco em Gonçalo Pereira capitão d'aquella fortaleza correr em pazes, & amizades, com a Raynha, & com os Ternateses, pella promessa que lhe tinha feito de lhe dar el Rey, & lhe dauão todas as ajudas necessarias, pera a obra da fortale-

za, em que ya trabalhando com muita pressa, por estar rota por muitas partes; & vendo que a terra estaua de paz, começou a por em execuçaõ certos regimentos que leuaua sobre o crauo d'aquellas ilhas, que nunca comprehendem os capitães das fortalezas se naõ os pobres dos moradores d'ellas, que as sustentão no tempo das necessidades com seu braço, com seu sangue, & com seu dinheiro: & os capitães acabaõ os seus tres annos, & vaõse pera Portugal cheios de ouro, deixando as fortalezas estragadas, & os vefinhos escandalizados com suas desordês, & tyrannias, & a terra de guerra, & sem prouimentos, & os moradores cõ os trabalhos, & sem proueitos: porque esses pou

cos que têm, a y homens taõ zelosos do seruiço do Rey, & taõ amigos de sua fazenda que lhã querẽ acrecentar, com diminuiçãõ da de seus vassallos, dando aluitres pera isso, que todos vem a redundar em proueito dos capitaes; & raramente n'este negocio de acrecentar, se fala verdade ao Rey; porque como trataõ de seu particular, ou pera enriquefferem, ou pera medrarem, mostraõ os proueitos, & encobré as perdas: & as que os Reys mais sentem, saõ as de seus vassallos, que todos desejaõ de apoupar & conseruar, porque Rey de vassallos pobres não pode ser rico, & as perdas que estes desejosos de enriquecer o Rey lhe encobrem; de baixo de hum pequeno de dourado, he como pirola dourada, que se o Rey amastiguar forçadamente lhe ade amargar, & como Catholico & Christaõ a de sentir as perdas de seus vassallos: estas perdas, & crecensas, nos algũa hora apontaremos, se nos cair a pello, posto que muito claramente o temos ja feito no nosso Dialogo do soldado pratico. E tornando ao capitão de Maluco, como se vio quieto, & que não auia mister os homês, mã dou lançar pregoes, que nenhũa pessoa comprasse crauo em todas aquellas ilhas se não o feitor d'el Rey, & com isso mandou pellos officiaes, entrar pellas casas dos casados & tomar lhes todo crauo que lhe achassem, pagãdolho pello pre

ço da terra: & todos os pezos, & balanças, medidas, & toda a outra cousa d'esta qualidade que por todas as casas achou, mandou queimar publicamente. Esta cousa escandalizou tanto os moradores de Ternate (por que ficauão sem remedio algum, & não tinhaõ pera que viuer na terra se lhes tolhião o comercio d'ella.) que se ajuntaraõ todos em casa do Vigairo da fortaleza (que com o braço Ecclesiastico, muitas vezes fazem taõbẽ por todas as fortalezas bem de sem rezões.) E ali trataraõ sobre não consentirem aquelles agrauos & injustiças: fazendose cabeça hum Vicente da Fonseca, & assentaraõ que se fosse fazer hum requerimento ao capitão, que os deixasse viuer na liberdade em que estauão: & que quando não quisesse, que deixassem todos a fortaleza, & se passassem hũs pera os Castelhanos, & outros pera a pouoação dos moures. Isto ouueraõ alguns que era caso mũy rijo desemparrar a fortaleza d'el Rey, & que menos mal seria sollicitarem a morte ao capitão por via dos naturaes. E andando assi indeterminados, socedeo mandar o capitão prender Vicente da Fonseca por hũas palauras que teue com hum sobre rolda: isto escandalizou tanto aos da conjuraçãõ, que logo se foraõ alguns em segredo a casa da Raynha, & com ella, & com seus Regedores trataraõ os agrauos do capitão, dizendolhes, que

que era hum tyranno, & mac, & que fora pera aquella ilha pera destruição de todos, & que soubesse de certo que o juramento que tinha feito de lhe entregar o Rey que tinha na fortaleza, que o não auia de comprir: antes estava determinado de aprender a ella, & aos Regedores para se melhor segurar, porque outra vez com qualquer achaque lhe não tolhessem os mantimentos, como ja fizeraõ, & que lhe certeficauão que se o não matauão, que elle poria todos os d'aquella ilha no mais miseravel estado em que nunca se viraõ, & que todos os Portugueses auiaõ de folgar com sua morte, & que quando lha quisessem ordenar a não auiaõ de impedir, antes fauorecer. A Raynha & os Regedores ficaraõ muito contentes de verem aquellas diuisões, porque esperauão de por ellas tornarem a cobrar a liberdade d'aquella ilha, & lançarẽ fora todos os Portugueses: & vendo que se lhe offercia tamanha occasião, não a quiserãõ perder. E fazendo a Raynha ajuntamento de todos os principaes da ilha, lhes fez a todos esta fala. Bem vos lembra amigos meus aquem eu sempre ameí como filhos, que vindo os Portugueses ter a estas ilhas perdidos, os mandou elRey Boleife meu marido buscar, & trazer pera esta ilha, onde com honras & mimos os recebeo, & agasalhou, & deu fortaleza, perdendo por amor d'elles

a amizade dos Reys visinhos & parentes. E depois que os recolheo n'esta terra, pellos sustentar, & defender nella, teue muitas guerras, perdas, & danos, & arriscou muitas vezes a vida, & o estado, tratandoos em quanto viueo com mais amor que a seus proprios filhos: mas elles em satisfação d'este hospicio, gafalhados, mimos, & faoures, fechando elRey meu marido os olhos, quiserãõ logo lâçar mão de mim, que lhes escapei, andando muitos tempos por matos, & por brenhas, passando muitas misérias, & defaueuras, tomãdome meus filhos mininos com engano, & quando meu filho Bayano começaua a entrar em idade pera tomar posse do reino, matauãõmo com peçonha, & pode bem ser que se não acodir o fação a effoutro que tem na fortaleza, taõ mal tratado, como se fora algum malfeitor, & fugitiuo. E alem d'isto, assi quiserãõ tratar nossas fazendas, casas, & ainda nossa propria patria, como se fora todo seu, & nos foramos os forasteiros, auexandonos sobre isto, fazendonos guerra, vsando as crueldades que ha poucos dias viestes nos nossos proprios naturaes, deitandoos aos caës, como alimarias brutas. Qualquer d'estas cousas era mûy bastante pera trabalharmos de sacodir de nossos peçoços, hum tão duro & pezado jugo: quanto mais tantas quantas pera isso temos. E sobre tudo isto, o

que

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

que he mais de sentir, a afrôta que se faz a nossa religião, auexando nossos sacerdotes, desprezando nossos téplos, & vituperando nossa ley. E pois o tempo nos offerece tamanha occasião, como aque oje ha com a defauença dos Portugueses com seu capitaõ, lancemos mão d'ella, pois temos em nosso fauor todos os Portugueses, & entrão a y nos fica depois matarmollos a todos, & darmos liberdade ao vosso Rey, & a vossa patria, & não consentir mais hospedes, que tão mal nos aõ de pagar o galhado. A todos moueraõ as rezões da Raynha, aquem não faltaraõ lagrimas, em quanto renouou as cousas passadas, & todos ali se lhe offereceraõ pera dar a execução aquelle negocio, tratando logo ali o modo, & odia, em que auia de ser. Assentando isto entre elles, para mór dissimulação, mandaua a Raynha correr com as cousas necessarias pera a obra da fortaleza, em muita abastança, dizendo publicamente (pera que o capitaõ o soubesse) aos officiaes, que dessem pressa as obras, porque nisso estaua auer seu filho, como lhe tinhaõ prometido. E vindo odia ordenado em que auião de matar o capitaõ, ajuntaraõse os Ternates com suas armas na força do meyo dia, & forãõse huns poucos meter em hũa mesquita que estaua detras da fortaleza, & outros em hum bosque, que ali estaua perto, com ordem

que como vissem final da fortaleza arremetessera a ella por hũa parte que ainda estaua quebrada. E entre os officiaes que yão a obra se meteraõ alguns com armas secretas, em trajos de trabalhadores, & os criados d'elRey, que yão & vinhaõ a fortaleza falar com elle, & seruido, taõbem leuaraõ suas armas. Estes entrados na fortaleza sem lho ninguem impedir, como homês que eraõ ali continuos, entraraõ a onde estaua elRey, & lhe deraõ auiso pera que estiuessse presentes. D'ali se foraõ a casa do capitaõ, que estaua dormindo a cesta, sem auer ninguem nas casas, por serem todos os seus criados, & familiares recolhidos. Os Ternateses pose-raõ os hombros as portas, que estauãõ fechadas, & dando com ellas d'etro arremeteraõ ao capitaõ (que as pancadas tinha ja acordado) & leuando de hũa espada & rodella, se defendeo hũ pedaço: mas como os inimigos eraõ muitos carregaraõ sobre elle, & o atassalharãõ, fazendo n'elle anotomias espantosas. E hũa escraua ouuindo o reboliço começou a gritar. Os Ternateses que estauãõ detras da mesquita sentiraõ taõbem o estrôdo, & sem esperarem o final sairãõ fora, & deraõ com hũ Portugues, com quem arremeteraõ pera o matar, mas elle foi fogindo & gritando, mouros, mouros. Ia neste tempo os criados do capitaõ tinhaõ a codido com suas armas aos gritos da escra-

da escraua, & sobindo a torre da menagem, onde o capitão se agasalhaua, acharão dentro os que o matarão, & remetendo com elles, os fizeraõ lançar pellas janelas fora, fazendo se embaixo todos em pedaços, & acodindo as portas as fecharão com muita pressa. Os Ternatezes que estauão em boscados, não ouindo o final que lhes auião de fazer, & sentindo o repique na fortaleza (que tanto que fecharão as portas logo o deraõ) auendo q̄ eraõ descubertos, recolherão se pera a cidade. Os Portugueses da cõjuração que foraõ n'aquelles tratos, acodiraõ com suas armas pera dissimulação, & entrarão na fortaleza, & acharão o capitão morto. E acodindo o Alcaide mor requireo a todos, que conforme ao regimento d'el Rey de Portugal, ou uessem por seu capitão, aque elles não quiserão diffirir, antes se atraueffou o Vigairo da fortaleza, chamado Fernão Lopez, & fazendo se cabeça de todos, fez eleger Vicente da Fonseca (que estaua prezo) por capitão, que logo tomou posse da fortaleza. Isto foi cousa muito escandalosa, & contra o seruiço d'el Rey. Tanto que Vicente da Fonseca tomou posse da fortaleza por ordem do Vigairo, sem auer quem fizesse justiça ao Alcaide mor, lançou logo mão d'el Rey, & o reteue, & a primeira cousa em que entendeu foi largar outra vez o trato do crauo como dantes. E

porque todos foraõ em consentimento da morte do capitão fez se d'ella pouco caso, porque nem de uaca se tirou d'ella, naõ deixando de correr em paz & amisade, com a Raynha, & Ternateses. A Raynha mandou de nouo pedir ao capitão que lhe entregasse seu filho, pois ella tinha dado toda a ajuda que lhe pedirão pera a fortaleza, que estaua acabada. Vicente da Fonseca pos aquelle negocio em parecer dos casados, & todos assentaraõ que não era licito entregar aquelle Rey, a te se naõ fazer a saber ao Governador o que era passado. D'isto se escandalizou a Raynha, mas dissimulou alguns dias, não deixando de requerer o filho com rogos, & com peitas. N'este estado deixaremos as cousas d'este anno, de que auisaraõ ao Governador, pedindolhe que prouesse n'ellas.

## CAPITULO II.

Da armada que este anno de trinta e dous, partio do reino, & do que acoticeo a dom Estenão da Gama na costa de Melinde. E da grande guerra que Diogo da Sylueira fez no reino de Cambaya, & de como d'estruyo as cidades de Por, & Mangalor.

Sem

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

de Guardafui; indo dom Esteuão tão triste que queria morrer de pezar, chegados a Magadaxo, fizeraõ agoada. E sabendo o Rey da terra, que ali ya hum filho do Conde Almirante, de que todos tinhão grande conhecimento, por ser o primeiro que descobrio, & nauegou, por aquella costa, o foi ver a praya, & lhe fez grandes offercimentos de tudo o que ouuẽsse mister. Dom Esteuão lhe pediu hũa embarcação mayor, & amarinheirada, & com algum Piloto pera o poder leuar a te Melinde, o q̃ lhe elle logo mandou negocear; & lhe deu muito refresco da terra. Partidos daqui chegaraõ a Melinde, onde estaua por capitão hum caualeiro honrado chamado Nuno Fernandez, que os agasalhou muito bem, & delle soube como a sua nao era passada pera Mossambique, porque algũas embarcações que auisãõ não passar muito ao mar, lho disseraõ. Com isto ficou dom Esteuão desaliuado, & Nuno Fernandez lhe deu hũa Fusta mũy bem concertada, & tudo o mais de que tiueraõ necessidade. Partidos dali como yaõ com leuantes rijos, em poucos dias foraõ a Mossambique, onde a nao estaua, & dom Christouão seu irmão desconfiado de poderem ser viuos: & acõdindo a praya ao irmão se festejaraõ grandemente. Ali se deixaraõ ficar esperando a moução de Agostõ. As outras naos chegaraõ a

Goa, & o Doutor Pero Vaz Damal foi metido de posse da capitania de Cochim, & do cargo de veador da fazenda, & logo se embarcou pera dar ordem a carga das naos. Nesta armada mandou el Rey hum aluara a Nuno da Cunha em que lhe fazia merce de quatro mil cruzados, pera ajuda de suas despezas: E mandou o cargo de capitão mor do mar a Diogo da Sylueira, com que he rezão que continuemos, em quanto o Governador despede as naos pera Cochim.

Atras temos cõradõ como Diogo da Sylueira ficou inuernando em Chaul; que tanto que o veraõ entrou armou hũa Galé, cinco Galeotas, & quinze nauios, com que se passou a ponta de Dyo, a esperar as naos de Ormuz, & de Meca, que auiaõ de ir pera aquella ilha, onde ja eraõ recolhidas quasi todas as que esperauãõ, & todauia lhe vieraõ cair nas mãos duas, que sem custo se renderaõ; & despedindoas com gente pera Goa, passouse a costa de Por, & Mangalor, que estaua ainda inteira, & sem se tocar nellas. Ali começou pellos lugares maritimos (que estauãõ descuidados de tal açoute) a escalar, destruir, & abraçar, matando, & catiuando muita gente, & assim foi a te chegar a cidade de Pate, que tinha hum porto mũy frequentado de naos, & nauios de todas as partes, a onde concorriãõ muitos

merca,

mercadores grossos, porque desejou de dar hum papo quente a seus soldados. E desembarcando n'ella hũa madrugada com quinhentos homens, a cometeo, tendo hũa muito aspera batalha com seus moradores, que sairão a lhe defender a desembarcação, com que apertarão de teição, que os forão metendo pella cidade, entrãdo de enuolta com elles, destruido, & assolando tudo, vsando espantosas cruezas, por que parecia ser assi necessario, pera o que o Governador pretendia, ou o permittio Deos, pella maldade do Solão Badur: por que muitas vezes pellas dos Reys castiga seus pouos Os soldados deraõ hum fermoso sacco a cidade, onde acharão muitas riquezas, & tantas, que não foi possível recolherense todas, mas tomou cada hum o que lhe melhor pareceo, & o que poderaõ levar. Tudo o mais se entregou a hum cruel & espantoso fogo, em que toda aquella cidade se consumio, com grandissimo espanto & terror dos naturaes, porque os que poderaõ escapar, estauão de longe vendo as labaredas & fumaças em que se desfazião suas fazendas. Pella mesma maneira se queimaraõ todas as embarcações que auia no porto carregadas de diferentes fazendas. Feito isto, tornaraõse os nossos a embarcar sem custo, mais que de algũs feridos. E passando pella costa adiante foraõ assolando tudo

a te chegarem ao lugar de Patan, que taõbem era hũa escala bem grande de muitos & muiy ricos mercadores, onde taõbem desembarcaraõ: & posto que acharão grande resistencia a entraraõ, & fizeraõ n'ella outro semelhante estrago, que em Pate. Dali passaraõ a cidade de Mangalor, que era mayor, & mais prospera de todas, & desembarcando nella, com mais tento que nas outras, acharão taõbem bem diferente resistencia, porque tinha muita & muito boa gente de guerra, mas por fim do negocio a cidade foi entrada, & escalada, matandolhe muita gente, & a mor parte d'ella, molheres, & mininos que não poderaõ fugir: Os nossos tomaraõ o que quiserão & o mais entregaraõ ao fogo, em que toda a cidade se cõsumio. No porto auia muitas embarcações carregadas de mantimentos, de que toda a armada se proueo, & depois as entregaraõ todas ao furioso, & espantoso fogo. Feito isto embarcaraõse logo, & passaraõse a costa de Canibaya, por onde fizeraõ cruelissima guerra.

### CAPITULO III.

*Das cousas em que o Governador Nuno da Cunha proueo. E da grande armada com que partio pera o Norte.*



Eterminaua o Go-  
 uernador Nuno  
 da Cunha de ir  
 passar todo este  
 verao pello Nor-  
 te, pera cōtinuar  
 na guerra de Cambaya, & ver se  
 por algũa via, lhe abria o tempo  
 occasiãõ pera lançar mão da forta-  
 leza de Dyo, pera o que deu pres-  
 sa as naos do reino, pera irem to-  
 mar a carga a Cochim. E despido  
 por capitão mor do Malauar Ma-  
 noel de Sousa, hum fidalgo, filho  
 de hum irmão do Prior de Rates,  
 que foi aquelle que depois morreo  
 no rio de Dyo com Soltaõ Badur,  
 (como na quinta decada se verá.)  
 Este fidalgo partio em fim de Ou-  
 tubro, com hũa Galè em que elle  
 ya, & quinze nauios, de que eraõ  
 capitaes dom Luis, Gonçalo Pe-  
 reira, Anrique de Sousa, Aluaro  
 de Siqueira, Vicente Rodriguez,  
 Diogo Pirez Deça, Martim de  
 Craſto, Fernão Vilela, Fernão  
 Gil porcalho moço da camara do  
 Infante Dom Luis, & outros. De-  
 pois de despedidas as naos, & ar-  
 mada, chegou a Goa Antonio de  
 Saldanha com a sua armada, de  
 que não damos rezão, por que  
 não achamos informaçãõ, do que  
 socedeo na jornada: somente to-  
 mar algũas naos ricas, cõm mui-  
 tas prezas, & in inuernar a Or-  
 muz, & sobre as prezas teue o  
 Governador com elle, algũas re-  
 zoës, de que se elle enfadou, &

se foi embarcar pera o reino. De-  
 pois da sua chegada logo o Go-  
 uernador se embarcou, & deu a  
 vela com hũa armada de mais  
 de cento, & cincoenta velas: em  
 que entrãõ vinte Galeoës, & naos,  
 muitas Galés, & Galeotas.  
 Os capitaes q̃ n'esta jornada yão  
 saõ os seguintes. Garcia de Sá,  
 dom Fernando Deça, Antonio da  
 Sylua, Manoel d'Albuquerque,  
 Iorge de Lima, Francisco de Sá,  
 Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá,  
 o Rume, dom Paulo da Gama,  
 Nuno Pereira de Lacerda, Tris-  
 tãõ Homem, Iorge Cabral, Mar-  
 tim Afonso de Mello Iuzarte,  
 Francisco de Vasconcelos, Vasco  
 Pirez de saõ Payo, Anrique de  
 Macedo, Martim de Freitas, dom  
 Roque Tello, Manoel de Mi-  
 randa, Manoel Rodriguez Cou-  
 tinho, Christouão de Craſto,  
 Luis Coutinho, Francisco da Syl-  
 ua, Payo Rodriguez Daraujo, Lo-  
 po Pinto, Pero Botelho, Iorge  
 de Sousa, Antonio da Cunha,  
 Francisco de Sousa, Pero de Mel-  
 quita, Afonso Figueira, Antonio  
 Ribeiro, Francisco da Costa, Gas-  
 par Luis, Bertholameu Vaz, Ioaõ  
 Fernandez o taful, & outros mui-  
 tos fidalgos & caualeiros. N'esta  
 armada yão de ventagem de tres  
 mil homens Portuguezes, & qua-  
 si mil & quinhentos Lascarins da  
 terra, q̃ yão embarcados em dous  
 Iuncos, de hum d'elles era capitão  
 & senhorio Diogo Rodriguez d'A-  
 zeuedo

zeuedo, & do outro não achamos cujo era. E primeiro que partisse de Goz, entregou o Governador a Simão Caeiro Ouvidor geral hũ irmão do Soltão Badur, que Antonio da Sylueira capitão de Ormuz tomou n'aquella cidade, q̄ ya fugido da ira do irmão, por q̄ o queria matar. A este Principe não soubemos o nome, nê onde morreo; mas alcãçamos homens n'esta cidade de Goa, que o viraõ andar este inverno pella cidade bebado em çima de hũ elefante, o q̄ fazia os mais dos dias, & não pella rezão porque o fazia aquelle filho do graõ Turco, que estava em Roma catiuo, q̄ dizia que se embebedava por não sentir os desgostos do catiuo: mas estoutro embebedauasse, por q̄ lhe soube muito bẽ o vinho do reino. A este Principe fez o Governador muitos gazalhados, & lhe deu casa hõrada, & despeza, mas não achamos (como ja acima disse mos) em toda a India homẽ que nos dissesse do fim d'este Principe. Porque quãdo o Governador Nunno da Cunha matou e Dyo el Rey Soltão Badur, como logo adiãte se verá, vinha o reino a este homem, porque o Badur não tinha filhos, & em defeito de herdeiros elegerão os pouos Soltão Mahamede seu sobrinho, & não declaraõ as historias se era filho d'este irmão, se do outro aquẽ elle tomou o reino. E tornãdo ao Governador, foi seguindo sua jornada a te a fortale

za de Chaul, onde estava Manoel de Macedo por capitão, que lhe fez grande recebimento. Aqui tomou informação das cousas de Cãbaya, & soube estar na cidade de Baçaim Melique Tocão, senhor de Dyo, que Soltão Badur tinha mandado com dez ou doze mil homens, pera se meter n'aquella cidade, pellas nouas que auia dos grandes apercebimentos que fazia o Governador pera sair fora este verão. Melique Tocão estava muito fortificado, & soberbo, pello successo passado de Dyo, de q̄ o Governador andava bẽ desconfiado, & desejava de satisfazer aq̄lla quebra. E tomando conselho sobre o que faria, significando a todos os capitães o desejo que tinha de dar na cidade de Baçaim, por ser das principaes do reino de Cambaya, & donde se prouia de mantimentos. A todos pareceo bem, & lho approvarão sem embargo de lhe representarem no conselho, o grande poder com que Melique Tocão estava, por que quanto mayor lho pintauão, mais lhes crecia o desejo a todos de se verẽ as mãos com os inimigos: porque os fidalgos d'este tempo não buscavão outras fazendas, & fardos; se não pelouros, & bombardas, honra, & fama. Em fim assentado no conselho este negocio, logo o Governador despedio Manoel d'Albuquerque no Galeão em que ya, cõ quinze nauios mais de remo, pera se ir por sobre a

barrade Bacaim; porque não entrasse nem saísse cousa algũa. E por que soube que Diogo da Sylueira estaua com toda sua armada na ponta de Dyo, o mandou chamar pera que o fosse esperar em Baçaim; & lhe mandou o aluara d'elRey por que o fazia capitão mor do mar da India. Com este recado se fez Diogo da Sylueira a vela, & atraueßou a Bacaim, & surgiu sobre aquella barra, aonde ja estaua Manoel d'Albuquerque. O Governador depois que deu despacho a alguns negocios, deu a vela pera Baçaim, & surgiu n'aquella barra com hũa tamanha armada que cobria o mar, & dando cõta a Diogo da Sylueira do que estaua determinado, lhe mandou que fosse reconhecer o sitio, & fortificação da cidade, & que notasse a parte por que se podia desembarcar. Diogo da Sylueira se fez prestes, escolhendo pera isso algũs nauios muito ligeiros, pera ao outro dia de madrugada cometer aquelle negocio.

CAPITULO IIII.

*Do modo da fortificação da cidade de Baçaim, & de como o Governador Nuno da Cunha desembarcou n'ella, & a entrou, & destruyto de todo.*



O outro dia, em rompendo a manhã se embarcou Diogo da Sylueira em hum nauio muito ligeiro leuando com sigo alguns capitães & fidalgos da sua companhia, que pera isso escolheo, & outros algũs nauios de remo, com algũs Pilotos da armada pera irem sondado a barra, & o rio todo. E cometendo a entrada na repõta da maré, foi muito deuagar notado o modo da fortificação, que era por esta maneira. Sobre o canal da barra da bãda do Norte, estaua hũ baluarte muito grande cõ hũa caua muito larga em roda, que se enchia cõ a agoa do mar. Do baluarte corria hum muro pera dentro de longo da praya, que era a face da cidade, que ficaua pera o sertão. Por este muro auia muitas torres, & guaritas, todas guarnecidas de muita & boa artilharia, & gente de guarnição. Entre este muro, & a cidade auia hũa boa fortaleza, posta sobre hum tezo grande, & fermosa, com seus baluartes, & reueses, & não se podia passar pera a cidade, sem tomar primeiro os baluartes, & fortes da praya, porque metendose algũ exercito em meyo ficaua arriscado a se perder, por causa da muita artilharia que d'ambas as partes lhe ficaua. Diogo da Sylueira foi vendo & notando tudo, sem o perturbarem as muitas & ameudadas

dadas bombardadas, que sobre elle chouião, & passando pellos fortes notou que a diante d'elles, pello rio bẽ acima, auia hum lugar em que se podia desembarcar, & cometer a fortaleza, que estaua entre a cidade, & as fortificações da praya pella outra face, sem se meterem em meyo dos fortes. Notando tudo muito bem tornou-se ao Governador, sem lhe acontecer de fastre algum: & presente todos os capitaes velhos, lhe deu relação do que vira, com que se assentou, que se cometesse a cidade por aquella parte, & que fosse ao outro dia, pera o que se fizeraõ prestes, ordenando as cousas necessarias pera o cometimento da fortaleza, no que gastaraõ todo aquelle dia & noite seguinte. E tanto que amanheceo pos o Governador em ordem a desembarcação, ordenando de toda a gẽte tres esquadroes. O primeiro que era adianteira, deu a Diogo da Sylueira, pera quem se passaraõ todos os fidalgos aventureiros da armada. Do segundo esquadraõ era capitão dom Fernando Deça. O terceiro tomou o Governador pera si com todos os fidalgos, & capitaes velhos: ordenando o Governador, que as Galés & duas barcaffas que leuaua, se pusessem a bataria com os fortes da praya. Ao outro dia tanto que a marè começou a encher, foraõ entrando o rio com todos aquelles nauios de remo, que eraõ

mais de cento & vinte, fermosamente embãdeirados, tocando muitas caixas, & pifaros, tróbetas, & charamelas, mesturando, có as cousas de guerra, outras de alegria, pera mostraré o furor & aluoroço que leua uão. Diogo da Sylueira ya diante có toda a sua armada, & foi passando pellos fortes có grandes saluas da artelharia, arcabuzaria, & gritas de todos os marinheiros, com que meteraõ mũy grande terror, & espanto nos imigos, que acodiraõ aos fortes da praya cuidando que os quisesse cometer. Diogo da Sylueira como ya despedido do remo, foi passando por meyo de nuues de pilouros, & de fumaças, que affi da terra, como da nossa armada eraõ tantas & taõ espessas, que cobriaõ o rio, & parecia q̃ a terra & o ceo se desfazia em coriscos. E passando adiante foi por a proa na parte que tinha notado, em que logo saltou có todos os seus, & formou em terra o seu esquadraõ, q̃ era de mais de mil e quinhẽtos homẽs, có suas bandeiras desenroladas, & ao som de caixas & pifaros, foraõ marchando a fortaleza, donde lhes a tiraraõ infinitas bombardadas, que todas dauão em meyo d'elles sem fazer dano algum o que foi cousa milagrosa. Diogo da Sylueira que ya demandando a fortaleza pella face da banda do Levante, achou ja no campo Melique Tocão com dez mil homens, posto em ordẽ de batalha. Diogo da Syl

ueira animando os seus breuemēte, apelidando Santiago, remeteo com os inimigos baralhandose todos em hũa cruel batalha, derribandolhe os nossos d'aquella primeira salua da arcabuzaria mais de quatro centos, & vindo a espada começaraõ a fazer nelles grande destruição, & como yão com aquelle primeiro impeto & furor, não estimando os inimigos em coufa algũa, assi apertaraõ com elles que os fizeraõ voltar. Melique Tocão vendose desbaratado, não se quis recolher pera a fortaleza, mas foise de longo d'ella pera o ferraõ. Os que estauão na fortaleza, védo ir Melique Tocão fogindo, não oufando a esperar os nossos, lança raõse pella outra parte fora, & fõraõ seguindo os seus, deixando a fortaleza despejada. Diogo da Sylueira chegando a porta, vendo que a vitoria estaua por sua, não quis entrar dentro, & esperou pello Governador. Isto tudo foi taõ apressado, que quando chegaraõ os outros esquadroes era tudo concluido. O Governador chegou a porta da fortaleza aonde achou Diogo da Sylueira, cõ a sua bandeira encostado n'ella, & leuando nos braços lhe disse muitas palauras de lououros, engrandecendo a Deos com hũa tamanha vitoria sem custo algum. E mandou a Diogo da Sylueira que entrasse na fortaleza, & a desse a saca aos seus soldados: a volta delles entraraõ todos

& a escalariaõ. O Governador mandou recolher toda a artelharia, de que se acharaõ quatro centas peças, muitas munições, & petrechos de guerra. Depois de tudo escaldado, mandou o Governador fazer algũas minas, que encheo de barris de poluora, & dandolhe fogo arre bentou toda a fortaleza a te os alicesses. Dali se foraõ aos fottes da praya que ja estauão despejados, & lhes mandou fazer o mesmo, mandando primeiro lançar todos os corpos mortos dos inimigos, (que eraõ mais de quinhentos & cincoenta,) dentro na caua, & sobre elles cayo toda aquella machina dos edificios, quando arre bentou. Feito isto mandou o Governador talhar os campos todos a roda, & cortar os palmares, & destruir as pouoações, que estauão pello rio dentro de longo da agoa, de hũa & da outra parte. E deixando tudo assolado, abrazado, & feito em cinza, mandou dar em Taná, Caranja, Carapusa, Brundim, Galiana, Bombaim, & em todos os mais lugares d'elRey de Cambaya, em que fizeraõ grandes danos, & catiuaraõ muita gente. Feito isto recolheose o Governador pera Chaul.

## CAPITULO V.

*De como Diogo da Sylueira partio pera o estreito de Meca, & o Governador Nuno da Cunha pera Goa, ficando Manoel d'Albuquerque com hũa armada na costa de Cambaya & do que lhe aconteceu.*

**D**EPOIS de ser o Governador e Chaul, negociou Diogo da Sylueira pera o estreito de Meca as prezas, que partio entrada de Feuereiro, leuando cinco Galeões, de cujos capitaes não achamos os nomes, mais que de Vasco Pirez de saõ Payo, & vinte nauios de remo de que eraõ capitaes Rui de Mello, Lopo Pinto, Afonso Figueira, Bertholameu Vaz, Gaspar Luis, Felipe Bayão, Pero Botelho, Iorge de Sousa, Ioão Fernandez o taful, Gonçalo Esteuês, Antonio Fernandez, Diogo Gonçaluez, Alvaro Médez, Belchior Gonçaluez, Antonio Ribeiro, Francisco da Costa, Antonio da Cunha, & outros. E d'esta jornada adiante daremos rezão. O Governador depois de prouer em muitas cousas, & lhe era necessario irse pera Goa, ordenou hũa armada pera ficar naquella costa, de que fez capitaõ mor Manoel d'Albuquerque, aquem deu hũa Galé, & vinte & hum nauios de remo:

dandolhe por regimento que fizesse pella costa de Cambaya toda a guerra que podesse. Despedida esta armada, deu o Governador a vela pera Goa, aonde chegou em breues dias, & tratou de prouer nas cousas de Malaca, & Maluco; & por que achou cartas da morte de Gonçalo Pereira, & dos desarranjos d'aquella terra, aque lhe era necessario acodir, despachou Tristão de Tayde, que estaua prouido d'aquella capitania, pera ir entrar nella, & lhe deu por regimento que lhe mandasse prezo em ferros Vicente da Fonseca, & lhe escreuesse toda sua fazenda, que viria entregue em mãos de pessoas abonadas. Em sua companhia mandou embarcar Pero de Monte mor o Castelhana, (que atras dissemos,) que os perdidos que ficauão em Maluco da companhia de Sayaedra mandaraõ ao Governador a pedirhe licença pera se irem pera a India, a quem escreueo cartas de muita honra, & mandou que se lhe desse embarcação, & todas as cousas necessarias. E pera Malaca despachou dom Paulo da Gama, por não auer nouas de seu irmão dom Esteuão. Estes capitaes partiraõ entrada de Abril. O Governador mandou a Manoel de Sousa que estaua no Maluar que se recolhesse, & deixasse alguns nauios & gente na fortaleza de Chale pera inuernarem, & lhe mandou dinheiro pera pagas, & prouimentos pera  
mesas.

mesas. Com isto concluyó o Governador todos os negócios d'este verão: & nos o faremos taõbem com as cousas que socederaõ a Manoel d'Albuquerque, & a Diogo da Sylueira, o que tudo faremos neste capitulo, por não gastarmos outro, pellas muitas cousas que temos com que continuar.

E tratando de Manoel d'Albuquerque. Tanto que o Governador o despedio, logo se fez na volta da costa de Cambaya, por onde andou fazendo toda a guerra que pode, dando em todas as pouoações que auia de Bacaim a te Tarapor, queimando & assolando tudo, & tomandolhes muitas embarcações com fazendas: & a torna viagem achou na barra de Bõbaim, hũa nao que auia pouco tinha vindo de fora, & estaua ja descarregada, com medo da nossa armada: que tanto que foi vista da terra, receando que lha queimassẽ, veyo hum mouro em hũa almadia com hũa bandeira branca, & foi leuado a Galé do capitão mor, & lhe disse que era hum mercador estrangeiro, que aquella nao era sua, que lhe pedia lha não mandasse queimar, que elle daria quinhêtos pardaos pera ajuda dos prouimentos d'aquella armada. Manoel d'Albuquerque lhos accitou, visto ser estrangeiro, & elle logo os mandou buscar, & entregou. E deixando a sua nao foi entrando por aquelle rio dentro dando em al-

gũs lugares da ilha de Salcete, que ja se começaua a pouoar: & por que todauia o dano não fosse por diante, acodiraõ algũs Tanadares d'ella & offereceraõ ao Governador parcas, cõ tanto que lhes não queimassem suas pouoações, & pela mesma maneira as mādaraõ offerecer os Tanadares de Taña, Bandora, Maym, Bombaim, & concertandose com todos prometeraõ quatro centos pardaos cada hum d'estes Tanadares cada anno, & deste anno pagaraõ logo todõs em prata que se vendeo a rezão de noue Xerafins o marco: cuja contia a chamamos carregada sobre o feitor d'esta armada, cõ declaração que era de parcas. Feito isto por se vir chegando o inuerno, recolheose a inuernar em Chaul, pello assi mandar o Governador.

E continuando com Diogo da Sylueira, foi seguindo sua viagem a te o cabo de Guardafui, onde as naos que vaõ do Achem pera Meca sempre vaõ demandar. Ali lhe foi cair hũa nas vnhas, que logo foi rendida, posto que com trabalho por ir forte, & com muita gente, & foi tomada com todo seu recheo, & os que escaparaõ viuos forãõ catiuos. Aqui ficou a armada a te ser tempo de se recolher como fez pera ir inuernar a Ormuz, como leuaua por regimento. E chegãdo a Sacotora o Galeão de Vasco Pirez de saõ Payo, que se adiantou da armada, ouue vista de hũa nao  
de

de Rumes, grãde & poderosa, que tanto que conheceo o Galeão, foi-se em outro bordo. Vasco Pirez a seguiu por que o seu Galeão era veleiro, & alcãçoua em poucas horas, & deulhe hũa fermosa salua de bombardadas, & depois a inuistio com todas as velas, cometen do a entrada com muito valor & esforço, porque achou nos mouros (que eraõ mais de duzentos) mūy grande resistencia, auendo mortos & feridos d'ambas as partes: mas os nossos entraraõ a nao a poder de golpes, & no conuez d'ella se trauou hũa fermosa batalha, mas por fim do negocio, os mouros foraõ rendidos, depois de serem os mais d'elles mortos. E tomando a nao com sigo ficou esperando pella armada que chegou logo, & fazendo agoada em Sactora, foraõ seu caminõ. No cabo de Fartaque, deu Vasco Pirez de saõ Payo com outra nao que taõbem abordou & rendeo, que leuaua muita fazenda, Diogo da Sylueira deu com outra poderosa nao, & atirandolhe a amainar, o fez o capitão d'ella, & se foi no batel ao Galeão de Diogo da Sylueira, & lhe apresentou cõ grande confiança hũa carta que era de hum Portugues que estaua catiuo em Iuda, que trazia como saluo cõduto, por lha pedir o mesmo mouro, abrindoa vio que dizia assi: Peço aos senhores capitaes d'elRey que encontraré esta nao que a to-

mem de preza, porque he de hum muito roim mouro, a quem passei esta por não poder fazer mais, & ao pe d'ella se assinou. Vendo Diogo da Sylueira a cõfiança do mouro, & a velhacaria do Portugues, pello credito que cõuinha a Christão aprou oulhe o seguro: & rompendolho porque não soubesse o engano, & lhe fizesse dano cõ qual quer outro capitaõ que achasse, passoulhe outro em forma, com que o mouro se foi sem sentir o engano. Inda este foi mayor feito que o de Scipião o Mayor, que tomando hũa nao de Cartaginenses, com que o Imperio Romano estaua de guerra, & os que yão n'ella por se saluarem, lhe disseraõ, que yão por Embaixadores a Roma: & ainda que elle entédeo, que por se saluarem do perigo se aproueitauão do nome de Embaixadores, sem lhes mostrarem mais authoridade largou os liuremente, porque quis antes que a fé dos Romanos fosse enganada, que deixala em algũa maneira sospeitosa. E posto que isto fosse feito valeroso, o d'este nosso capitão se pode ter por mayor, por ser menos cobiçoso: por que antes quis perder hũa nao carregada douro (o que os Carthagenenses não leuauão,) que quebrar a fe de nenhum Portugues, vindo aquelle mouro tão confiado n'ella. E tornando a nossa historia: Diogo da Sylueira foi passando adiante, & embocou o estreito de

de Persia, & foi demandar Mascate, a o de auiaõ de ficar os Galeoës: no porto achou Ioaõ Fernandez o taful, que indo diante hũa nao, q̃ lhe disse que trazia cartás, & pedindolho o achou falso, pello que a reprezou a tã chegar o capitão mor que a julgou por perdida, & se vendeo n'aquelle porto, & montaria tudo o que tinha sete mil cruzados. O capitão deixou os Galeoës em Mascate, & elle se passou aos naujos de remo, & n'elles foi a Ormuz onde inuernou. Aqui o deixaremos a te tornar a elle.

CAPITULO VI.

*Das cousas que este anno acontecerão em Maluco, & do grande aperto em que a Raynha pos aos da fortaleza, & de como lhe entregaraõ por parti do seu filho el Rey Ayalo, & de como se passou pera Tidore. E Vicente da Fonseca alevantou por Rey seu irmão Tabarija.*



Ontinuãdo com as cousas de Maluco, por nos caberem n'este tempo. Depois da morte de Gonçalo Pereira, & soceder em seu lugar Vicente da Fonseca, (como atrás temos dito.) Vendo a Raynha quaõ mal lhe socedera aquelle negocio, & que todavia seu filho ficaua na

fortaleza reteudo como dantes, cuidando que pello auorrecimento que todos tinham a Gonçalo Pereira, & pella largueza que com elle tinha vsado Vicente da Fonseca, em lhes largar o comercio do crãuõ, lhe concederãõ seu filho, granjeando pera isso a todos os casados, & mandou em segredo peitas a Vicente da Fonseca, pera que lhe desse seu filho. Vicente da Fonseca receando de bolir n'aquelle negocio, desenganou a Raynha, que lhe cortariãõ a cabeça se tal fizesse, sem o Governador da India o mandar. Vendo a Raynha que não podia auer o filho as mãõs, nem por peitas, nem por rogos, determinou de o auer por força, pera o que cõuocou ajuda de todos os Reys vinhos pera contra os Portugueses: & mandou recolher todos os mantimentos, pera que não fossem a fortaleza, nem por mar, nem por terra: com o que começaraõ os nossos a sentir grande falta de tudo. E assi chegou a cousa a tanto extremo, que assentaraõ pedirem pazes a Raynha, & cõcederem lhe seu filho, que era o que ella pretendia, por que isso era menos mal que perderse a fortaleza. E assi lhe mandaraõ falar por algũas vezes, & seu filho lho mandou pedir por termos, que veio a conceder pazes com todas as condicoões que os nossos quiseraõ, com lhe entregarem seu filho, com o que ella ficou taõ apaziguada, & quieta, que tor

nou logo apouoar a cidade & a correrem os mantimentos em abundança, & os nossos a sairem fora das necessidades em que esta uão. ElRey como esteue em poder da Raynha, logo ella lhe entregou a governança do reino, em cujo principio elle começou a mostrar seueridade, & aspereza com os principaes, & a descubrir mocidades, que a té então não pode, como que se tornou a fazer tão auorrécido a todos, que ja o tomaraõ antes prezado como estava. Estes desgostos nunca pode temperar sua mãy, porque o moço não tinha natureza pera isso. Estãdo as cousas entre os Ternateses así atroinadas, socedeo, irem hũs tres homens Portugueses de baixa sorte, a pouoação dos Ternateses, ou a roubar, ou a fazer força a algũas molheres (no que está gente baixa he mãy descomedida, pello pouca disciplina que n'estas partes ha.) a isto acodiraõ algũs mouros, & dando n'elles os mataraõ. Sabido este caso por Vicente daFonseca, mandou tirar grandes inquiriçoẽs daquellas mortes, & como elRey estava odioso a todos, foraõ certos Ternateses principaes a fortaleza, & em segredo fizeraõ crer ao capitão, que elRey mandara matar aquelles homens, ajuntando a isto outras culpas, & mexericos, com que o indinaraõ contra elRey, tratando logo de o auer as mãos pera castigar. Isto não pode ser em

tanto segredo que elle não fosse auisado, & como ficara escaldado da prisãõ, nunca mais quis conuersar a nossa fortaleza, andãdo mãy precatado, & receoso do capitão. Por que como no peito malicioso he muito natural, imaginar em todo o outro algum engano como elle faria, assi este nunca mais se quis fiar do capitão. E vendo elle que o não podia auer as mãos, começouse a declarar, & a lhe fazer guerra, por que bem entẽdeo que estava tão mal quisto, que o não auiaõ de ajudar os seus. E armando algũas embarcaçoẽs, lhe mandou dar em algũas pouoaçoẽs, em que fizeraõ bem de dano, & catiuaraõ muitas pessoas, & o mesmo fez o capitão em pessoa saindo da fortaleza a darlhe alguns assaltos na sua cidade, com que o inquietou muito. E como elle estava odioso a todos, vendoos retirar, & não o ajudarem, reccandose que hum dia dessem n'elle, & o entregassem ao capitão, não se auendo por seguro naquella ilha, passouse a Tidore, onde aquelle Rey o recolheo contra o contrato das pazes. Sabido isto por Vicente daFonseca, mandou logo chamar os Governadores de Ternate, & hum irmão do Rey fugido mais moço, chamado Tabarija, & o aleuantou por Rey de Maluco, com as ceremonias entre elles acostumadas. D'isto se escandalizaraõ algũs dos naturaes, & outros folgaraõ. Antre

os Portugueses não faltauão taõ-  
hem desgostos, porque vião que  
Vicente da Fonseca fora injustamé-  
te eleito por capitão, tendo cul-  
pas, & estando prezo por crimes:  
& mais auião que elle fora o prin-  
cipal induzidor da morte de Gon-  
çalo Pereira: & elle andaua taõ bé-  
tão pejado, que como homem que  
lhe remordia a consciencia, não se  
quietaua, nem largaua as armas  
da mão temendose de todos, vi-  
uendo triste & malenconizado, de  
sejando de se ver fora d'aquella o-  
brigaçãõ. El Rey Tabarija, tratou  
de proceder no gouerno mais sua-  
uemente que o irmão, correndo  
em amizade com os Portugueses,  
coufa que o irmão muito sentio:  
que como foi sempre imigo dos  
Portugueses, tratou de homiziar el  
Rey de Tidore, & os mais visinhos  
com elles, & así teceo estas cou-  
fas, que começou el Rey de Tidore  
a se declarar por imigo, lançando  
maõ de achaques bem pequenos.  
N'este estado estauãõ as coufas de  
Maluco, quando chegou àquella  
fortaleza Tristaõ de Taide, como  
adiante diremos.

CAPITVLO VII.

*De como el Rey dom loã despedio este  
anno de trinta & tres, tres armadas  
pera a India, duas em Março, & hũa  
em Outubro de dez Carauelas, de  
que veyo por capitão dom Pedro de*

*Castelo branco, & do que aconteceu  
a Diogo da Sylueira, que inuernou  
em Ormuz.*



**R**A tamanho o  
cuidado que el  
Rey dom loã ti-  
nha de prouer  
nas coufas da In-  
dia, que tendo no-  
uas pella armada que este Setem-  
bro de trinta & dous chegou ao  
Reino, de como Nuno da Cunha  
ficaua sobre Dyo, sem saber ainda  
o que lhe tinha socedido: mandou  
negociar sete naos pera lhe mãdar  
este anno de trinta & tres, que re-  
partio em duas capitãias. Da pri-  
meira que partio em Março, era  
capitão mor dõ loã Pereira, pay  
de dom Martinho Pereira, que em  
tempo d'el Rey dom Sebastião go-  
uernou o reino, a quem el Rey des-  
pachou com a capitãia de Goa, &  
foi embarcado na nao flor de la-  
mar: & os capitaes da sua compa-  
nhia eraõ Vasco de Paiua na nao  
santa Barbara, Diogo Brandaõ na  
nao santa Clara, & dom Francisco  
de Noronha na nao saõ loã. E lo-  
go na entrada de Abril, deraõ a ve-  
la as outras tres naos, de que era  
capitão mor dom Gonçalo Conti-  
nho, que taõbem ya despachado,  
com a capitãia de Goa, & os mais  
capitaes de sua companhia eraõ Si-  
mão da Veiga, & Nuno Furtado.  
Nestas naos mandou el Rey hum  
aluara ao Governador Nuno da  
Cunha,

Cunha, feito em Euora por Pêro d'Alcaçoua Secretario, em que madaua a todos os capitães das fortalezas da India, que acodissem com as menagens d'ellas aos Governadores, & lhe obedecessem como a sua propria pessoa; por onde parece que a te então erão todos isentos dos Governadores da India, & não conheciaõ outro superior se não o Rey em cujas mãos danão as menagens de suas fortalezas. Depois d'estas armadas partidas, chegarão as naos da cõpanhia do Doutor Pêro Vaz D'amaral, por que el Rey teue novas do rei successo da jornada de Nuno da Cunha em Dyo, & como estava assentado, que pera seguiraça da India, era necessario fazer-se fortaleza n'aquella ilha, & determinou de madaar mais poder: & logo mandou tomar Carauelas por villa de Cõde, & por Viana; & ajuntado dez, as madou negociar com muita breuidade, & fazer por todo o reino dous mil homens pera mandar nellas. E por capitão mor d'esta armada elegio do Pedro de Castello bráco, aque deu quatro años da capitania de Ormuz. Esta armada, deu a vela estrada de Nouebro: os mais capitães eraõ Nicolao Luzarte, Balchezar Gonçalvez, Antonio Lobo, Lionel de Lima, Eitor de Sousa, Frãcisco Pereira, Gõçalo Fernãdez, Joaõ de Sousa, & Francisco Leme. Todas estas Carauelas eraõ latinas, samente do Pedro ya no Galeaõ Salvador, que era hũa

fermosa peça, & todas yaõ ordenadas pera ficaré na India. E de sua viagem diante daremos rezão. E cõtinuando com as duas armadas que partirão primeiro, tiueraõ ambas taõ boa viagem, que foraõ em Setebro tomar a barra de Goa: somente a nao de que era capitão do Francisco de Noronha, que se soçobrou na parage do cabo de boa Esperança a vista das outras, com hũ tempo grosso que lhe deu. Nesta cõpanhia veyo do Estevaõ da Gama, que estava em Mossambique de inuernada. O Governador folgou muito com esta armada, porque determinava de meter todo o resto nas cousas de Cãbaya. Pello que logo mandou dar auiameto as cousas de sua embarcaçaõ, porque determinava de se partir taõ que despedisse as naos pera Cochim: a que madou dar muita pressa, & elle escreuto a el Rey o estado em que a India ficava. E meteo de posse da capitania de Goa a do Joaõ Pereira. E em quanto o Governador se não embarca, continuaremos com Diogo da Sylueira, capitão mor do mar que deixamos inuernado em Ormuz.

Taõ que entrou Agosto foise pera Mascate a onde estavaõ os Galeoës, & fazendolhes seus prouimeitos, deu a vela pera Goa com toda a sua armada junta. E indo ja demandar a costa de Dyo, da outra banda de Por deulhe hũa tormenta muy grande, com que toda

a armada se espalhou, correndo cada hũa como milhor pode: & a fustia de Felipe Bayaõ que era velha foi comida dos mares q se apancer mais couza algũa d'ella. Vasco Birez de sãõ Payo que foio no seu Galeão correndo a vôtade dos vêtos, cãto q a tormeta cessou, viu vista de hũa nao de Meca, a que deu calça muitas horas, & alcançando a abordou, deitando se logo d'etro cõ os seus soldados, & depois de grande resistẽcia da parte dos mouros a rãdeu cõ grãde dano dos inimigos, & passando o capitãõ da nao, cõ os mais que escaparão ao seu Galeão, metendo algũa gente na nao q estava cheia de fazeda, a leuou cõ si, & foi demãdar a ponta de Dyo, a onde toda a armada se auia de ajutar. E indo ja perto, ouue vista d'algũs nauios da armada que yão correndo a hũa nao de Meca, & como o tẽpo era grosso, por ter ainda em Setembro, prepallou hum dos Galeões da cõpanhia (que ja se tinha ajuntado) pella nao que Vasco Pirez leuara tomada, & deu lhe hũa pancada tamanha que a abriu toda & se foi logo ao fundo, saluandose porem os Portugueses que nella yão que erãõ cinco ou seis. Os nauios que yão seguindo a nao de Meca forãõ apos ella a tẽ a barra de Surrãte, onde a alcançãrãõ, & renderãõ, & tomando a com si, a levarãõ pera Chaul. E quasi no mesmo tempo chegou taõbem o capitãõ mor aquelle porto, &

dẽspedio os nauios grossos, pera se irẽ concertar, & elle se embarcou na Galé de Manoel d'Albuquerque, & mãdou negociar os nauios de remo, & armou outros que ali achou, & prefazedo copia de vinte, foise continuar na guerra de Cambaya, & se pos na enxada, & totalmente defendeo a navegaçãõ aos inimigos, com que os pos em grãdes necessidades, asfi por lhes não entrãõ couza algũa de fora, como por não poderẽ leuar suas fazedas a outras partes. E andãdo na paragẽ de Surrãte foi ter com elle hum nauio ligeiro de Cambaya, em que ya hum pagem do Soltãõ Badur cõ hũa carra pera o Governador, & dando rezãõ ao capitãõ mor de si, & ao que ya, lhe fez muitas honras, & galhados, & mandou em sua companhia dous nauios, & chegando aquella cidade foi leuado ao Governador, que o recebeu muiy bem, & vio a carta de Soltãõ Badur, em que lhe pedia que se fosse ver com elle a Dyo, porque compria asfi ao seruiço d'elRey de Portugal. O Governador mandou a galhar o messageiro, & pãdo este caso em conselho, foi assentado por todos os fidalgos, & capitães, que era necessario irẽ ver com aquelle Rey, porque poderia ser lhe quizesse dar fortaleza em Dyo, pella necessidade em que estava, & pello aperto em que o tinhãõ por to, com a continua guerra que lhe zinha feito. Com isto mãdou o

Gouernador lançar a armada ao mar, por que queria meter n'esta jornada todo o resto de sua potencia; & despachando as naos pera Cochim, escreueo de nouo a elRey a jornada pera que se ficaua fazendo prestes.

### CAPITULO VIII.

*Dareão por que Soltão Badur mandou pedir ao Gouernador Nuno da Cunha que se visse com elle. E da grande armada que se chamou das vistas, com que o Gouernador partio, pera Dyo. E do desafio que ouue entre Manoel de Macedo, & o Rummecan, de tantos, por tantos.*



OM as grandes guerras, que nossas armadas fizeram estes tres annos passados àquelle reino de Cambaya, andaua Soltão Badur tão assombrado, (porque cada dia tinha prantos & choros de seus vassallos, que yão fogindo das mortes, dos danos, dos incédios que recebião) que se não sabia determinar. E como era mau, cruel, & tyranno, & Deos o qria castigar, lhe chegaraõ taõbê nouas, que os reinos de Chitor, & do Mandou, (que elle tyranicamente tinha tomado aos vezinhos) se lhe tinhaõ rebellado. Isto acabou de o melanconizar de feição, que perdeu o côselho, por que

se via em meyo de duas tallas, que o não deixauão bolir cõ sigo, hũa, a cruel guerra que o Gouernador lhe fazia; outra os reinos que se lhe aleuantaraõ, a que se quizesse acodir, auia de desemparrar às cousas de Cábaya, & a riscar a lhe, tomar o Gouernador Dyo, de que elle estaua tão cioso, se se descuidasse dos outros reinos, & vissem que se lhes não acodia, pudiaõse rebelar os mais que tinha pera aquella parte, como Vzem, Agarã, Nagaor, Agimir, & outros. E entendendo que a indeterminação n'aquelle negocio podia ser de muito dano, chamou a côselho Mostafa Baxa, Coçofofar, Caracem, Aminacê, & todos os mais capitaes grãdes, & cõ elles tratou sobre o modo que teria pera né perder os reinos que se lhe tinhão rebelado, né deseparar a ilha de Dyo, em qõ Gouernador trazia tãto os olhos? E debatido este negocio, assentaraõ todos, que mãdasse chamar o Gouernador da India, & lhe cõcedesse a cidade de Baçaim com suas tanadarias, & iurdição, que era cousa de mais importancia no rendimento que Dyo, & que fizesse cõ elle hũas firmes pazes, & que cõ ellas ficariaõ seus vassallos resfolegando, & tornariaõ aleuantar cabeça, & elle poderia acodir as outras cousas, sem sobresalto algum. Com esta resolução despedio o Badur aquelle pagem que era hum dos do seu feio, com a carta que dissemos.

O Governador depois de despachar as naos pera Cochim, & pro- uer a costa do Malauar com algũs nauios por não ficar desempara- da, embarcouse entrada de Dezẽ- bro, em toda a armada que a In- dia tinha, em que leuaua de venta- gẽ de cinco mil homẽs, & dando a vela foi tomar Chaul, onde se foi ajuntar cõ elle Diogo da Sylueira, & depois de dar despacho a algũas cousas, deu a vela pera Dyo, & sor- gio sobre aquella barra com du- zentos nauios que enchião todo a quelle mar, dando a mais soberba mostra, & salua de artilharia que podia ser. Soltão Badur que esta- ua na cidade de Nouanager, dali a duas legoas, mandou logo visitar o Governador, & elle lhe pagou a visita mandandolhe o Secreta- rio, & Ioão de Santiago por lin- goa, & a voltas disso mandou tra- tar com elle sobre o modo de co- mo se auião de ver. Sobre isto cor- reraõ muitos recados de parte a parte, em q̃ se detiuerã algũs dias; & por não satisfazer ao Governador o modo que elRey queria que se tiuesse nas vistas, o não quis açeitar. Sobre este modo ha differetes opinioẽs, mas açerta he que queria o Governador que lhe fosse elRey falar a borda da agoa, hum da ter- ra, & outro do mar: elRey q̃ não, se não que o fosse ver a terra na vil- la dos Rumes em suas tendas, pello que não se concluyo em couza al- gũa. N'estes dias que se detiuerãõ

socedeo este caso. Como os nossos estauão em tregoas, vinhaõ os grã- des de Cambaya ver a armada & os Portugueses yão a terra a villa dos Rumes, auer o exercito que ali estaua (que era couza fermosissi- ma de ver.) Entre estes foi hum dia Manoel de Macedo capitão de Chaul (que tinha ido com o Go- uernador pera o acõpanhar) & an- dando vêdo, & notãdo o exercito, encontrouse cõ hũ Rume, que se chamaua entre os mouros, o Tygre do mundo, genro de Cogeçofar, homẽ façanhoso afsi em corpo, co- mo em forças, q̃ era como Guarda- mor d'elRey, & andaua sempre ao longo d'elle. Este como se prezaua de grãde caualeiro, & era muito so- berbo & arrogãte, e passãdo pellos Portugueses parece q̃ os encõtrou de ma feiçãõ, & foi torcẽdo os bi- godes por bizarrisse. Tomado Ma- noel de Macedo d'aq̃lle negocio, foise pera o Galeão do Governador, & lhe cõtou o caso, pedindolhe licẽça pera mãdar desafiar Rume- cã, por q̃ cõuinha afsi a sua hõra: o Governador como tinha grãde cõ- fiança em Manoel de Macedo, & aquelle negocio todo vinha a redũ- dar em gloria & honra dos Portu- gueses, concedeo lho, o que elle ou- ue por merce mũy afsinalada. Lo- go fez hũ cartel de dezafio ao Ty- gre do mũdo em lingua Persia, & lho mãdou por Ioão de Saõtiago, em q̃ o desafiaua de pessoa a pes- soa, ou rãtos por rãtos, & que o lu-

gar fosse entre a fortaleza de Dyo, & o exercito, cada hum em sua Fusta de remo. O Tygre do mundo aceitou o desafio de tantos por tantos, porque quis nelle meter algũs Rumes seus amigos. Este numero de quantos foraõ naõ achamos na fortaleza, & n'este negocio ha nos homẽs grandes desconcordancias; porque hũs dizem que foraõ dez por dez, outros que trinta por trinta. Em fim como quer que fosse, começou a aver antre os Portugueses grandes aluoroços, porque os mais dos fidalgos & capitaes queriaõ ser do numero: mas o Governador mandou que fossem os que primeiro se offereceraõ a Manoel de Macedo, que foraõ Manoel Rodriguez Coutinho, Antonio de Sã o Rume, Ioã Iuzarte Ticão, Gonçalo Vaz Coutinho. Estes fidalgos s'os achamos nomeados: & porque os soldados se naõ agravaassem de ficarem de fora em negocio tão hõrado, escolheu o Governador dous, hum chamado Ioã Velho, & outro Francisco Gónzalez das armas, pellas ter sempre muito boas, & se prezar muito d'ellas. E o dia aprazado se vestiraõ todos muito rica & loucamente, levando todos collares de hombros, medalhas, perolas, & espadas ricas, porque tudo isto lhes deraõ com muito gosto os que a tinhaõ. As armas que leuauão eraõ espadas & adagas, & rodellas. E assi muito custosamente ataviados se embar

carãõ em hũa Galeota rija & forte, que pera isto escolheraõ, guarnecida com seu toldo de seda, & de fermosas bandeiras de cores, cõ charamelas, & outros instrumentos de alegria, & foraõ salvar o Galeaõ do Governador, & entraraõ n'elle a lhes dar sua vista. O Governador os sayo a receber fora da tolda, abraçando a todos muiy alegre, folgando de os ver tão gentis homẽs, & acompanhandoos a te o bordo do Galeaõ, ao despedir lhes disse. Senhores fidalgos & cavaleiros, eu naõ tenho que vos lembrar, mas só vos lembro que ides pelear por honra de nõsta nação: a victoria está certa, va Deos conuõsco. Embarcados na Galeota foraõ se por no posto a esperar os imigos: Na armada avia grandes aluoroços & inucjas, & as enxarceas dos Galeoẽs, & as gaueas, estauãõ todas cheas de gente pera verem o desafio, ainda que de longe. Os nossos esperaraõ todo aquelle dia sem os imigos virem, & tanto que anoiteceo recolheraõ se pera junto da armada, & em amanhecendo tornaraõ se ao posto sem taõbem os virem demandar, nem ao outro dia que foi o terceiro. E acabado o dia auendo se por desobrigados, salvaraõ a cidade cõ algũas bombardadas, & depois com charamelas & trombetas, & foraõ se recolhendo pera a armada, & nunca se soube a rezãõ porque os imigos lhe naõ firaõ: mas soubesse que



que os nomeão por este nome Ca-  
ra-Rum, que quer dizer, os Rumes  
da diuisa preta. E aos Iudeus man-  
dou que trouxessem toucas ama-  
relas, & os mouros todas brancas.  
Isto mudou Soltão Amurat filho  
de Soleimão, & neto de Celym. E  
mandou que os Christãos trouxes-  
sem barretes pretos, & os Iudeos  
vermelhos, & os mouros seus tur-  
bantes brancos. Estes Rumes co-  
mo procedem dos Gregos, tem se  
por mais hórados que os Turcos,  
& na verdade lhe são auentajados  
em costumes, limpeza, & valor: &  
onde quer que chegaõ logo se no-  
meão por Rumes a boca chea. E a  
mor afronta que se lhe pode fazer  
he, chamar a hũ destes, Turco, por  
auerem a todos por baixos, torpes,  
& desprimorosos: esta he a rezão  
deste nome de Rume, & não aque-  
dão algũs mal vistos nas historias,  
que dizem chamaremse assi por  
procêderem dos Romanos, que fi-  
caraõ n'aquelle Imperio do Eglyp-  
to, depois que veyo a pôder dos  
Soltãos.

E tornando a continuar com o  
Gouernador. Depois de se deter  
na barra de Dyo algũs dias, vendõ  
que Soltão Badur não queria con-  
ceder nas vistas, mandoulhe pedir  
por João de São tiago, que lhe fi-  
zesse merce de Diogo de Mesqui-  
ta, & de todos os Portugueses que  
tinha catiuos, que lhe elle negou,  
& não aguardando mais fezse a  
vela, com toda a sua armada, sem

ter mais comprimentos, & foitõ  
mar. Chaul. Ali se deteu alguns  
dias em negociar Diogo da Syluei-  
ra, que auia de ir ao estreito de Me-  
ca as prezas: por que naquelle tẽ-  
po aquillo era o que sustentaua a  
India, & taõ grandes armadas co-  
mo entãõ se fazião, por que os ren-  
dimentos das entradas eraõ pou-  
cos. Partio Diogo da Sylueira de  
Chaul, em Feuereiro com seis Ga-  
leoões, & vinte nauios de remo.  
Dos Galeoões eraõ capitaes a fora  
elle que ya no Reys Magos, Dõ  
Roque Tello do Camorim gran-  
de, Antonio de Lemos da Trofa,  
em outro. Dos mais capitaes não  
achamos os nomes. Os capitaes  
das fustas eraõ quasi todos os que  
leuou da outra vez ao estreito, que  
sempre o acõpanharaõ: & de sua  
viagẽ adiante daremos rezão. Des-  
pedida esta armada o Gouernador  
se foi pera Goa, a onde começou a  
entender nos prouimentos de Ma-  
laca & Maluco, despachando dom  
Esteuão da Gama pera ir entrar  
na fortaleza de Malaca, por ser pri-  
meiro em tempo, que seu irmão  
dom Paulo, que la estaua: dando-  
lhe poderes de veador da fazenda,  
& hũa prouisaõ pera seu irmão  
dom Paulo ficar por capitão mor  
do mar todo o seu tempo, a telhe  
tornar a caber a capitania que era  
apos elle: por que estaua o Rey de  
Viantana de guerra, & era necessa-  
rio atodir aquellas cousas, pera o  
que deu a dom Esteuão tres Ga-  
leoões,

leoés, de que afora elle eraõ capi-  
taés Simão Sodre, António de Bri-  
to, que auia de ir a Banda, & al-  
gũs nauios ligeiros em que yão An-  
dre Calco, Deuora, Ioão Rodris-  
guez de Sousa, irmão del Martim  
Afonso de Sousa & dom Francis-  
co de Lima. N'estas vazilhas irião  
quatrocetos Portugueses. Esta ar-  
mada se fez a vela de quinze de A-  
bril por diante, indo embarcadõ  
com dom Esteuão seu irmão dom  
Christouão da Gama, com prou-  
isaõ, pera que se dom Paulo seu ir-  
mão não quizesse la ficar por capi-  
tão mor, o ser elle. N'esta conserua  
foi tãobẽ Vasco da Cunha na nao  
santa Cruz, pera em Malaca, car-  
regar de drogas & de pimenta da  
Sunda (que estaua ja feita em Ma-  
laca) & ir se pera Portugal, la pello  
boqueirão da Sunda fora.

TOBANTO O abant xfo ababog  
e uoua rãnae aod ariqilã  
de Me

CAPITULO X.

dom obando

*Do que aconteceu a Diogo da Sylueira  
na viagem do estreito. E de como che-  
gou a Goa dom Pedro de Castello  
branco com as Carauelas.*

abnoa ab robaã ab aboc cil



**D**ARTIDO Dio-  
go da Sylueira, de  
Chaul com toda  
sua armada jun-  
ta, sem lhe acon-  
tecer defastre al-  
gum, foi auer vista da costa de A-  
rabia, & a môte de Felix se deixou

andar, com os nauios postos por  
paragéns. Ali lhe forão dar nas  
mãos algũas naos de Cambaya, &  
do Achem, que logo forão rendi-  
das, & algũas de pouco porte, &  
depois de lhe tirarem o sustancial  
lhe derão fogo, por se não pejarẽ  
com ellas, & outras deixarão com  
as fazendas, que leuarão com sigo  
a te Malcate, onde ficarão os Ga-  
leoés: & o capitão mor em nauios  
de remo se foi inuernar a Ormuz,  
leuando as naos de preza, que se  
venderão com as fazendas, o que  
tudo importou perto de oitenta mil  
pardaos, que fizeraõ as despezas  
da armada. Aqui os deixaremos,  
por que he rezão que continuemos  
com dom Pedro de Castello bran-  
co, q deixamos partido do reino.

Seguindo esta armada sua via-  
gem, hora com bonanças, hora cõ  
contrastes, forão em Feuereiro to-  
mar Mossambique, aonde todas  
as Carauelas se ajuntaraõ, refor-  
mandose, & aparelhandose de mui-  
tas cousas de que tinha muita ne-  
cessidade, com os tempos que pas-  
saraõ, romando agoa & refresco: &  
de quinze de Março por diante se  
fizeraõ a velã pera Goa, achando  
no caminho muitas calmarias, que  
lhe deraõ trabalho, & os deteu a  
te entrada de Mayo, que chegaraõ  
a barra de Goa, a onde forgiraõ. O  
Gouernador tanto que teue nouas  
acodio a barrã com muitos offi-  
ciaes da ribeira, & muitas barcas  
em que mandou descarregar o Ga-  
leoão

leão, porque era grande, & metelo pera dentro com as Carauelas, porque as não tomasse fora o inverno porque cada dia esperauão. E recebo dó Pedro de Castello bráco com muitas honras, & o leuou com figo pera a cidade, onde o mãdou aposentar muy bem, & aos reinos da armada, (que assi chamão a todos os que vão do reino o primeiro anno.) mandou o Governador pagar seus quartéis. Cõ estas armadas, de dom Ioão Pereira, dom Gonçalo Coutinho, & esta de dom Pedro que toda veyo ordenada pera ficar na India, ficou ella prospera de nauios & officiaes. Esta he a rezão porque n'aquelles tempos auia tamanhas armadas, & porque a ribeira d'elRey estava tão prouida de mestres, pilotos, bombardeiros, marinheiros, calafates, & todos os mais officiaes de que sempre auia perto de mil homens d'estes, a que se pagauão seus soldos, & mantimentos. Que por regimento que auia, não podiaõ ser passados em algum tempo a titulo de soldados, nem seruirem em outra cousa, se não nas armadas, em que estes Governadores tinhão tal ordem, que todas as naos, & Galeões d'elRey (que eraõ de ventagem de vinte & cinco, (tinhaõ capitães nomeados, que vencião ordenados todo o anno, quer fizessem viagem, quer não: & o mesmo o mestre, piloto, bombardeiros, & mais officiaes, ordenados a cada

nauio, que eraõ obrigados a terẽ seus aparelhos lestes, & preparados, de feição, que se em dous dias quisessem guarnecer todos os Galeões, o podião fazer sem embaraço: porque cada mestre com os marinheiros de sua obrigação acodião ao seu Galeão, sem ter cuidado de outra cousa, & assi era elRey muito bem seruido, & os seus Galeões reformados, concertados, & vigiados & durauão muitos annos: & cõ a India não render mais que a metade do que depois rendeo, auia dinheiro pera isto, & pera se pagarem quatro mil soldados a quatro quartéis cada anno, & pera se fazerem naos, Gales, Galeões, quasi todos os annos novos: & mais não auia tanto veador, & superintendente da fazenda, como ha oje pellas fortalezas, que os Governadores, & Visoreys, ordenão pera aproueitar a fazeda d'elRey, que nunca foi tão desaproueitada como em seu poder. E n'aquelle tempo seruião os officiaes seus cargos liuremente, sem as auexaçõs que oje tem os feitores, assi dos capitães, como dos veadores da fazenda, que muitas vezes não saõ, nem de tanto sangue, nem de tanto me recimento. E n'este tempo em que as cousas corrião via ordinaria, auia tudo de sobejo, mas depois veio isto a descair tanto, que com render a India duas vezes mais que n'aquelle tempo, chegou a ribeira d'elRey, a não ter mais que cinco,

QUARTA DÉCADA DA HISTORIA DA INDIA

ou seis officiaes Portuguezes, & a se irem os Galeoës ao fundo có agoa, furtos no porto, por não terem quem lhes desse a bomba, nem quem os vigiasse, & escaçamente se poderá fazer duas armadas de nauios de remo pera o Malauar, & pera o Norte, muito mal prouidas, com mil & duzentos homens que podem andar nellas, pagos a hum quartel cada anno; & com isto acontecer, deixarse de prouer Maluco por falta de hum Galeão, pello não auer na ribeira. A rezão destas cousas não foi de algũa mudança dos ceos, nem da terra, por que os elementos sempre foraõ huns, a terra & os campos assi mesmo acodem com seus fruitos a sua sezão como dantes: por onde a mudança deue de ser, a dos homens, das leys, & dos costumes tão differentes em tudo d'aquelles có que a India se ganhou por que diz Seneca, que os estados he necessario sustentaremse com as mesmas artes com que se ganharaõ. Logo parece, que tanto que nellas ouer mudanças estaraõ a risco de se perderem. A India ganhouse com peitos desintereçados, & com o intento no seruiço de Deos, & d'elRey, com desejos de honra & fama: có se estimarem os homês: com os capitaës não terem outros arreyos, nem tapeçarias mais que muitos soldados em suas casas: com poucos desembargadores, & ouuidores: o que depois veyo a ser tão dif-

ferente, que ja oje ha poucos que pretendão fama, se não renda. Trocaraõse os ardis da guerra, em ardis de fazenda, & recolher os soldaos temse ja por doudice, & por isso andaõ muitos pellas portas dos mosteiros. Costumaua a dizer dom Antaõ de Noronha, sendo VisoRey da India, que elle não duraria mais, que em quanto n'ella ouesse doudos. E perguntandolhe, que doudos auiaõ de ser; respondeo, que fidalgos que sayão ricos de suas fortalezas, & tudo o que d'ellas traziaõ, tornauaõ a despende, no seruiço d'elRey: & praza a Deos que não venha a ser verdadeira sua opiniaõ, porque oje assi se fechaõ os capitaës com seu dinheiro, que não ha poder entrar com elles mais que a morte, que parece que de proposito os espreita: porque em os vendo ricos, & prosperos, vem hũa dor de cabeça, & acabaõse todos os seus castellos de vento. E pello descurso da historia apontaremos tempo em que nenhum capitaõ logrou o que adquirio, pelloos meyos, que elles sabem. Deixemos esta ma-

teria que he perigosa,

& continuemos

com nossa

historia.

CAP.

## CAPITULO XI.

Do que accntecso a dom Esteuão da Gama a te chegar a Malaca. E de como Lac Ximena capitão d'el Rey de Kiatana foi dar vista a Malaca, & dom Paulo da Gama lhe sayo, & da cruel batalha que tiuerão, em que dõ Paulo foi morto, & desbaratado.

## ARTIDO de

Goa dom Esteuão da Gama, como atras dissemos, tendo sempre boa viagem,

foi a Malaca entrada de Junho, sendo muito bem recebido de seu irmão dom Paulo, que o tinha por morto, & logo lhe entregou a fortaleza, sem os inconuenientes, & embargos, que oje tem os capitães, & mais officiaes, porque n'aquelle tempo, todo o capitão a todo tempo que chegaua a India, sendo primeiro em tempo que o outro que ja estaua na fortaleza, o podia retirar, o que depois el Rey reuogou com hum aluara, em que mandaua, que tanto que hum capitão estiuessse de posse o não fosse tirar outro vindo do reino, posto que fosse primeiro em tempo, o que fez por euitar muitos inconuenientes. E auendo perto de quinze dias que dom Esteuão era chegado, succedeo a desestrada morte de seu irmão dom Paulo da Gama: que foi

por esta maneira. O Rey de Bintangão, que Pero Mascarenhas desbaratou, & destruyou, (como atras temos dito.) passouse pera a terra firme de Malaca, & fundou naquella ponta da terra, a que chamão Viãtana hũa fermosa cidade: E como estaua escandalizado dos Portugueses, buscaua todos os modos & ardis pera se satisfazer d'elles, lançando armadas por aquelles estreitos de Sincapura, & Sabão, por onde corrião todos os mantimentos, drogas, & fazendas; de todas as partes, desde as partes da China a te Malaca, pera aquella fortaleza, impedindolhe a passagem, & recolhendo em seu porto, todos os nauios que as leuauão, com que o engrandeceo muito, fauorecendo aos mercadores assi em seus dereitos, como em suas compras, & vendas: o que tudo foi em dano da fortaleza de Malaca: que comecou a sentir aquella mudança em suas entradas, & a padecer falta de todas as cousas: com o que aquelle Rey andaua tão soberbo, que quasi se tinha feito senhor do mar, trazendo de continuo suas armadas n'elle, com que fazia guerra a Malaca. E porque toda forão comb' costairo, & muito meudas, as não quisemos particularizar em seus lugares, por não enchermos esta nossa historia com cousas pequenas, tendo tantas & tão grandes pera escreuer. E como este inimigo se tinha ja feito poderoso, & andaua fauorecido da

fortuna,

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

fortuna, quis festejar o nouo capitação de Malaca, com ver se por ardid podia acolher algũs nauios as mãos: pera o que despedio LacXimena seu capitão geral, com hũs armada de setenta velas, muito bem petrechadas, com que se foi lançar detras da ilha a que os nossos chamão das naos, mas os naturaes Põgor, que está duã legoas de Malaca, & dali despedio oito, ou dez Lãcharas, pera que corresse a te a vista da fortaleza, pera ver se lhe faysão algũas embarcações, conio sempre fazião, & que lhe fossem fogindo a te a ilha onde elle ficaua escondido, o que tudo socedeo como elle imaginou: porque chegando os nauios a vista de Malaca, andarão fazendo algũas sobrançarias. Dom Esteuão da Gama acodio ao Cais, & com elle dom Paulo seu irmão, & mandarão cõ muita pressa negociar alguns Bantis, & tres Bateis das naos, metendolhes falcoes, & muitas monições, & dom Paulo da Gama se embarcou em hum batel, & nõs outros dous yão Andre Casco, & Simão Sodre: & nas mais embarcações, que serião perto de quinze, yão Ioaõ Rodriguez de Sousa, Balthesar Leite, Iuzarte Freire, & outros caualeiros honrados: & tomando o remo forão demandar os nauios dos inimigos, que forão manquejãdo, & fogindo pera a cilada. Dom Paulo da Gama os foi seguindo a te dar nella: & sendo pegado com a ilha

lhe sayo LacXimena com grandes gritas & alaridos. Dom Paulo vendo a grande copia dos nauios, entendeo o ardid dos inimigos: & posto que vio que algũs de sua companhia sem curarem de pontos de cortesia se forão recolhendo, não fez cousa algũa abalo em seu coraçã, porque era fidalgo orgulhoso & muito caualeiro. Ioaõ Rodriguez de Sousa, Andre Casco, Simão Sodre, Iuzarte Freire, Balthesar Leite, como eraõ homẽs de opiniaõ, & que não auião de largar o seu capitão mor, por todos os perigos da vida, chegaraõ se a elle pera saberem o que determinaua, sendo o primor de todos tal, que nenhũ quis ser o primeiro que perguntasse o que farião, pondose todos em armas, & negociando os seus nauios, porque os dos inimigos já se yão chegando. Dom Paulo da Gama que era todo cheo de opiniaõ, estaua apostado a morrer antes q̃ fogir, & vendo que os da sua companhia se fazião prestes, & se preparauão pera a peleja, encadeouse cõ todos, porque os inimigos os não rompessem & diuidissem. Algũs homẽs velhos de Malaca dizem, que vendo dom Paulo a grande armada dos inimigos, bem entendeo que se auia de perder, & quando vio chegar a elle os outros capitães, & que lhe não dizião cousa algũa, começara a cantar assi em tom baixo aquella cantiga velha que diz, Oliual oliual verde, azci-

rona preta quem te colheffe: o que differa por ver se algum lhe dizia, que não era siso esperar os inimigos, & que se recolheffem. Mas como nenhum quis ser o primeiro (ou pera melhor dizer, tinha Deos ali ordenado o fim de dom Paulo & d'outros) dandolhe a descôfiança, vendo que todos se calauão, disse auante, auante, & foi remando pera os inimigos. Como quer que fosse, elles se inuistiraõ dandose primeiro sua salua de artilharia, metendolhes os nossos algúsnauios no fundo das primeiras falcoadas. & assi se começou entre todos hũa muito cruel & artificial brigã, seruindocs os nossos cõ muitas panelas de poluora, & lanças de fogo, com que queimaraõ muitas das Lâcharas. Da parte dos inimigos chouiã nuués de setas enruadas que encrauaã os mais dos nossos, & mataã muitos. Dom Paulo, Ioaõ Rodriguez de Sousa, Simão Sodre, fizeraõ este dia espantosas caualarias, & o mesmo todos os mais, porque pelejauão em defensão da vida, obrando todos cousas não esperadas de homés, senão de leões brauos. E por não particularizarmos golpes, a crueza foi tamanha, que quando a noite os apartou, ja dos nossos eraõ mortos sesenta, & todos os mais feridos mortalmente. Dom Paulo da Gama fez este dia o officio de bom capitão, & de mui-

to valeroso soldado, recebendo muitas feridas, & em quanto as forças lhe deraõ lugar, sempre o acharaõ diante obrando coufas dignas de seu sangue. Mas faltandolhe elle, pellas muitas & mortaes feridas que tinha, cayo entre os bancos do seu batel. Ioaõ Rodriguez de Sousa, & Andre Casco depois de fazerem grande estrago nos inimigos cairaõ mortos de crueis frechadas. Vindo a noite, ficaraõ os inimigos em tal estado, que não poderaõ levar os nossos bateis que andauão anhotos, & se recolheraõ com a mor parte da gente morta, & LacXimena ferido mortalméte, ficandolhe a mor parte de suas embarcações metidas no fundo, & destrocadas. Algús dos nossos que ficaraõ viuos, ainda que mal feridos, vêdose liures dos inimigos (que os deixaraõ e estado, q̄ quais quer dous Bantis, os podera levar a todos,) dando a vela chegaraõ a Malaca, aonde logo se soube a desaventura. Dó Esteuão accedio ao cais, & desembarcou seu irmão, que ya ja na derradeira & achou os Bateis, & Bantis, alastrados de corpos mortos, cousa que muito o cortou. E com hum animo muito seguro mandou dar a todos sepultura; & a seu irmão mandou curar cõ muita diligencia, & os mais feridos: huns foraõ recolhidos no hospital, & outros pellas casas dos casados, a õde se curaraõ, & destes

E e morre-

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

morrerão muitos. A Ioão Rodriguez de Sousa, negou selhe a sepultura em sagrado, porque dizião que tiuera hũas paixões com hum pregador, & que lhe dera hũa bofetada. As pessoas principais que aqui morrerão foraõ, o mesmo Ioão Rodriguez de Sousa, Andre Casco, Miguel Freire homẽ fidalgo, Sancho Sanches filho do Cõmendador de Calatraua, que era casado em Eluas com hũa mulher do apellido dos Gamas, Bernardo Queimado, Iorge Fernãdez Borges, Luis Alvarez, & outros. Dõ Paulo como ya ferido mortalmente durou poucos dias, falecendo depois de ter feitos todos os autos de Christão. Deixou em seu testamento a seu irmão dom Esteuão da Gama por seu herdeiro & testamenteiro, & nomeou nelle dous annos, que lhe ficaraõ por servir da sua fortaleza, que depois el Rey lhe confirmou no mesmo tempo, seruindo cinco acito. Sentio dom Esteuão muito a morte de seu irmão, porque o amaua muito, & fez lhe o officio funeral com o mor aparato que pode ser: prometendolhe em seu coração hũa muito grande vingança de sua morte, como logo tomou. Foi esta batalha tão famosa (& assi está oje tão fresca na memoria dos Malayos, pello grãde dano q̃ nella receberam) que se tem em cantigas, que elles muitas vezes cantão com grande sentimento. E porque co

meçaõ logo em louuor de dõ Paulo, nos pareceo bem por aqui os primeiros versos, por q̃ o testemunho dos imigos he de mais fe que todos, & estes o saõ do valor deste fidalgo. Começa a canuiga em Malayo assi. Capitaõ dõ Paulo, baparam de Pungor, anga dia malu, sita pa tau dor. Que quer dizer: Capitaõ dom Paulo pelejou em Pungor, & antes quis morrer, que recuar hum palmo. Os ossos de Ioão Rodriguez de Sousa, mandou depois seu irmão Martim Afonso de Sousa, sendo Governador da India, leuar pera Goa, & os foraõ desenterrar do câpo dos Iaos onde estauão, com grande acõpanhamento, & vaidade do mundo. E porque auia muitos annos que acontecera o caso, & depois se enterraraõ naquelle lugar muitos Iaos, & a coua de Ioão Rodriguez tinha ja perdido o sinal, & cauaraõ onde lhes pareceo, & os ossos q̃ acharaõ foraõ leuados cõ grãde põpa: indo Ruy Vaz Pereira, q̃ entaõ era capitão acompanhandoos, & vendo aquella pompa, & que os clerigos yão cantando aquelles resposos costumados, disse alto, cantai vos embora quanto quiserdes padres meus, q̃ a y leuais vos os ossos de hum valente Iao. Basta, quacquer que foraõ, se embarcaraõ pera Goa, onde foraõ recebidos com a mor pompa, & aparato funeral que pode ser, & depositados na capella mor da Sé Matris, na parede da

de da parte do Evangelho, a onde estão com hũa fermosíssima pedra de marmore mūy bem laurada, & com suas armas & letreiro, & em cima outra pedrá mais pequena, que tem hum letreiro em que diz, que o Sūmo Pontifice cōcede grandes perdoēs a toda a pessão que rezar hum Pater noster, & hũa Ave Maria pella alma de Ioão Rodriguez de Sousa. E foi a vaidade do Governador tamanha, q̄ pos os ossos do irmão, acima da sepultura do visorrey dō Garcia de Noronha, fidalgo taõ velho, & tão hórado, que está lançado no chaõ da mesma capella, & quasi aos pes de Ioão Rodriguez de Sousa.

CAPITULO XII

*De como dom Estevão da Gama, foi contra o Rey de Viantana, & lhe destruy a cidade de todo. E dos proreiros que el Rey tem das illas de Banda, & da qualidade de seus fruytos.*

**D**ISTO que estas cousas acontecerã em Outubro, que vem, por nos não sairmos de Malaca, quisemos aqui concluir com ellas, por não pejarmos o veraõ em q̄ entramos, por que temos muitas cousas que escrever. E assi continuaremos com dom Estevão da Gama,

que não querendo deixar passar a paixão da morte do irmão, nem que lhe arrefecessen os desejos de sua satisfação; ordenou logo em fresco tomar d'ella muito bastante vingança, pera o que se fez prestes pera ir em pessoa contra aquelle Rey; & deitalo fora d'aquelle porto. E fazendo alardo da gente que avia pera levar, achou perto de quinhentos Portugueses, & duzentos homens da terra. E entrando Outubro se embarcou levando cinco naos, de que traõ capitaes a fora elle, Vasco da Cunha, Antonio de Brito, dom Christouão da Gama, & dom Francisco de Lima. Levou mais doze fustas, de que traõ capitaes, Balthesár Leite, Iuzarte Freire, Thome Raposo, Fernão Gomez Cabreira, Diogo da Cunha, Alvaro Carualho, Lourenço D'abreu, Gaspar Soares Pimintel, Antonio Ferraz, Manoel Pinto, Manoel Mendez, Francisco Mendez, & Diogo Vaz feitor da armada. Yão tambem alguns Bantis, em que ya a gente da terra. E passando com toda esta frota o estreito de Sineapura (que alguns tem pella Zaba de Ptholomeo) que he hũa passagem que se faz entre as ilhas de Bintaõ, & a terra firme de Malaca: que por outro nome se chama, o Canal de Varela. E passando o estreito torã surgir na boca do rio de Ior, onde aquelles

le Rey tinha feito seu posto. Fica este rio antes de chegarem aquella póta derradeira da terra de Malaca, que está em altura de dous graos do Norte; a quem os nossos que por ali primeiro nauagaraõ, chamaraõ a ponta de Romania: porque acharaõ sempre por aquella paragem hũas frutas que parecião romãs pequenas. Dom Esteuão da Gama entrou no rio cõ toda a armada, & ao outro dia se embarcou em algũs nauios ligeiros, & foi reconhecer a cidade, que estaua pello rio dentro hum bom espaço; & chegando a vista anotou, que estaua toda estendida do longo do rio sobre hum tezo, hum pouco afastada da agoa, & a face que d'aquella parte apparecia, era cercada de hũa fermosa tranqueira de mastos muito grossos de duas faces com seus entulhos, & tres baluartes de pedra, & terra, mũy grandes & fortes, guarnecidõs de muita, & muito fermosa artilharia, de que por aquella face só auia de ventagem de quatro centas peças, & na praya em baixo auia algũas tranqueiras de madeira com artilharia, & gente de guarniçãõ. El Rey estaua na cidade com perto de cinco mil homens, & andaua se fortificando a mor pressa: porque em a armada partindo de Malaca, tene logo auiso d'ella. Dom Esteuão tanto que reconheceo bem o sitio, & a parte

em que se podia desembarcar, que não auia outra se não aquella praya, nem se podia passar pera a cidade, se não por cima dos fortes, não lhe parecendo aquillo duuidoso a seu animo, mandou entrar toda a armada, & sortio defronte da cidade, o mais perto que pode ser: & logo mandou bater pellos Galeoës com grande terror & espanto por dous dias cõtinuos em que ordenou cõ os capitães, o modo da desembarcaçãõ, que se assentou fosse por esta maneira. De toda a gente Portuguesa fez duas batalhas, de duzentos & cincoenta homens cada hũa. A primeira que auia de ser adianteira, deu a dom Francisco de Lima, & com elle dom Christouão da Gama, Simão Sodré, & os capitães das Fustas que ja nomeamos. A outra batalha tomou pera si, ficando cõ elle Antonio de Brito, & Vasco da Cunha. E porque as particularidades d'esta desembarcaçãõ, & cometimento da cidade não podemos nunca achar a certeza d'ellas, nem alcançamos pessoas que n'ella se achassem, a contaremos assi em summa. Desembarcraõ os nossos, & acharaõ Laximena no campo com tres mil homens, pera lhes defender a desembarcaçãõ, & cõ elle tiueraõ os da dianteira, hũa aspera batalha, em que ouue grande dano de ambas as partes: mas a seu pezar & com morte de muitos largou a praya,

praya, leuando os nossos de vencida a te os fortes debaixo, a onde alguns se recolherão, & os outros foraõ passando pera a cidade. Chegados os nossos aos fortes os cometerão com grande determinação, & depois de muita referaõs entraraõ. Dom Esteuão chegou aqui com o resto do poder, & fõrmado seus esquadroes, foi marchando pera a cidade, não cessando em todo este tempo a baturia afsi do mar como da terra, que foi a mais espantõsa cousa que se podia ver, por que tudo o que se via & ouuia, eraõ trouões, relampados, fogo, & fumo, em que a cidade & toda a armada, estauão escondidas. Dom Esteuão cometeo a cidade por hũa ilhargã, pelejando de fora & de dentro, cõ grã de valor & esforço, cortandose cõ machados algũs mastos, abrindo caminho por onde os nossos entraraõ cõ grande dano & custo, porq̃ se perderãõ muitos. Dêtro tiuerãõ hũa muito cruel batalha: mas no fim d'ella ferãõ os imigos desbarados de todo, fogindo elRey pera o sertão. Os nossos ficaraõ senhores da cidade, que foi metida a sacco, achãdose nella muitas & ricas fazêdas, que foraõ roubadas por todos franca mente. Dom Esteuão entre tanto que os seus soldados se ceuuaõ, mandou embarcar a artelharia pellos marinheiros. Depois da cidade toda roubada, & escalada, lhe derãõ fogo, em que toda se cõ

sumio a te os alicesses, que foi couisa temerosa de ver, por ser toda de madeira, cujas labaredas parecia que chegauão a os ceos, & a todas as embarcaões que estauão varadas, & outras no mar, tambem se lhes deu fogo, de maneira que tudo ficou feito cinza. Dom Esteuão se recolheo de noite a armada, por não auer ja que fazer, deixando bẽ vingada a morte de seu jrmão dom Paulo. O numero dos nossos que morreraõ não soubermos em certo, nem de pessoa assinalada, que se ali perdesse. Foi esta hũa das famosas vitorias que os Portugueses alcançaraõ na India, que foi muito festejada em Malaca, & dom Esteuão recebido com triumpho ficando aquelle Rey destruido de todo. Dom Esteuão da Gama depois de ser em Malaca, entẽdeo na carga da nao santa Cruz, que auia de ir pera o reino, de que era capitão Vasco da Cunha, que logo partio o Dezembro seguinte, & teve muito boa viagem, & Vasco da Cunha foi bem recebido, & elRey o despachou cõ a capitania de Chaul, & o tomou por fidalgo, que a te entãõ o não era. Taõbem despedio dom Esteuão Antonio de Brito pera ir fazer as viagens de Banda. E porque a te gora destas ilhas, & de seu commercio não temos dado relação, o faremos agora aqui o mais abreuviadamente que pudermos.

Estas ilhas quando foraõ des-

cubertas por outro Antonio de Brito nos annos de mil quinhentos & onze, fez elle hum côtrato com os Régedores d'ellas (porque eraõ então isentas, & governauão se como republica) por este modo: que dá riação aos capitaes do nauio do trato que el Rey de Portugal mandasse aquellas ilhas o bar da noz a tres cruzados de Malaca: por que em todas aquellas partes não corria outra moeda se não cruzados, & caixas, (que he moeda de cobre mœda como os nossos reaes, de quã trezentos & sesenta fazem hum cruzado) & com cõdição, que em cada sete bares da noz se riação obri gados alhe dar hum de massa, & por elle lhe pagariaõ o que vale se sete de noz, que erãõ vinte & hum, cujo preço ainda a regora durãua, & de pois se veio a alterar pelas desordes dos capitaes que la foraõ. Este commercio montãua a el Rey cada anno sesenta mil cruzados, sem meter mais cabedal, que o Galeão que sempre era o de mayor porte que auia na India, & de ordinario carregãua mil & duzentos bares de nos, & massa, porque he droga que auoluma muito. Os proueitos que el Rey tinha eraõ estes. Toda a pessoa que na nao d'el Rey carregasse os bares que quisesse de massa, ou de noz, tiraria em Malaca ou tros tantos pelo pezo d'aquella cidade, que eraõ tres quintaes, duas arrobas, dez arratês, & tudo o que sobejasse, & crecesse do pezo de

Banda, que era sete arrobas em cada bar, fosse pera el Rey, porque o bar de Bãda, he de cinco quintaes, hãa arroba, & dez arratês, estes proueitos eraõ muito grossos: mas ao diante pelas desordes dos Governadores & visos Reys, das grandes & largas merces que vieraõ a fazer a parentes, & criados desta noz & massa que vinha a el Rey, ou de liberdades pera não pagarê cousa algũa, veyo muitas vezes el Rey a por, como la dizem, as linhas de sua casa: pello que se largaraõ, como em seu lugar diremos. São estas ilhas outras cinco, como as de Maluco, Lontor, Neira, Puloay, Pulorum, & Gunuape, jazem em quatro graos & meyo do Sul, & corré todas Norte & Sul. E no numero, grãdeza, perpetua verdura, & em tudo o mais se parecẽ cõ as de Maluco: só nos fruitos differẽ. Estas ilhas foraõ primeiro descubertas, & tratadas dos laos, Malayos, & Chins, que as de Maluco, porque em principio quando foraõ ter a estas ilhas os das de Maluco, lhe leuãuaõ la a vender o seu crauo, & ficãuaõ aquellas ilhas de Banda, sendo de mor commercio, & trato que todas, por concorrerem nellas todas aquellas nações estrangeiras que açima nomeamos: Pello que mais antigo foi o conhecimẽto da noz, & massa, dos Persas, & Arabios, que do crauo, posto que Plinio da muita rezãõ do crauo, & nenhũa da noz & massa. Nem se

acha

acha segundo foubemos de muitos & bõs medicos que a India pasaraõ, que os Gregos tiuessem conhecimento da noz & massa, porque o Macer de Galeno, que algũs cuidaraõ ser a massa, dizem os nosos modernos, que differe muito na qualidade, & so pella apparencia cuidaraõ ser ella: porque os Gregos pintaraõ este fruto vermelho. Nomeasse a massa entre todas as naçoẽs do Oriente por diferentes nomes. Na sua propria terra lhe chamãõ a noz pala, & a massa bu na pala. Os Dacanis chamãõ a noz Iapatri, & a massa jaifol: os Arabios lhe chamãõ Geauzibãda, que quer dizer noz de Banda, & a massa bisbaese. E posto que elles taõbem chamãõ ao coco da India geauz; todavia logo lhe acrecentãõ geauzi Indij, que quer dizer nos da India. E quem ler em algũs medicos modernos, principalmente no doutor Horta (no seu tratado que fez de todos os simples da India) geauzi alindi, entenda que he grãde corrupsaõ, o que auia de nacer de traduçaõ do Arabio. Estas aruores da nos saõ do tamanho dos nosos pereiros, alargaõ mais do que se aleuantãõ, a folha he redonda, & quasi quer parecer com as das nogueiras. Sãõ todas estas aruores tão mimosas, que se lhe daõ hum pequeno furo no pè, ou lhe metem hum prego, logo se secãõ, daõ tres ou quatro nouidades cada anno, & colheffe muito grãde quantida-

de, de que vaõ muitos lincos da laoa carregados, com não vir a luz a mor parte do fruto, por cair facilmente antes de madurecer, com as trouoadas. Não dão estas aruores flor algũa, porque logo sae fruto branco, & como amadurece fica amarelo, & depois de maduro incha, & rompe a primeira casca q he da grossura de tres tostoës, & como se abre toda, fica apparecendo a noz por dentro, que he hum bugalho cuberto todo de hũa delgada casca preta, rodeada da fermosa massa, & assi como vai o fruto crescendo & abrindo, o vai taõbem fazendo esta maça a partes, de feiçaõ que parece hũa muito fermosa brosladura douro sobre preto. Da casca de fora que he grossa, como dissemos, fazem conserva, ou de a fucar, ou de vinagre, & o bugalho de dentro lançaõ ao Sol, cõ cuja quentura se despede a maça, mudado ja a cor, & fica a outra casca do bugalho, que não aproueita pera cousa algũa. E o miolo de dentro que he a noz, fello a natureza tão mimoso, que como lhe toca a gõa logo apodresse, como taõbem o faz a maça. Fazem em Banda hũ oleo d'ella, que depois de frio endurece, & quasi que quer imitar os ja bonetes de Flandes, & he muito bom pera mal de frio, porque he quente, & esfregado entre as mãos vntando, & correndo as partes agrauadas metiga a dor. E nos ja vzamos d'ella pera hũa gora ar  
terica

tética de frio, de que ha annos fomos enfermo, & posto que naõ tirou a dor de todo, abrandoua, he quente & seca no terceiro grao.

CAPITULO XIII.

Das cousas que este anno socederaõ em Maluco. E dos senhores d'aquelle Archipelago que se fizeram Christãos. E de como Tristão de Taide, comprou o Rey Tabarija, & o mandou a India, & aleuancou por Rey seu irmão Aciro, & da crueldade que usaraõ com sua mãy por lho não querer dar.



A que estamos d'esta parte, bem he que continuemos com as cousas de Maluco. Deixamos atras Tristão de Taide partido pera aquella fortaleza, onde chegou & tomou posse d'ella achandoa no estado em que o anno passado a deixamos. Vicente da Fonseca logo se embarcou pera a India, onde o Guernador o prendeo por muitas culpas que lhe mandaraõ de Maluco, & o castigou por ellas. Tristão de Taide achou aquella ilha toda escandalizada, & em nenhũa outra cousa se occupou, se não em temperar a Raynha, & elRey, quie

tandoos algũa cousa, & começando a correr algus mantimentos, & a se concertarem as cousas: porque este fidalgo entrou governando branda & suauemente, o que logo se lhe mudou, porque os maos homens que viuem por todas estas fortalezas, saõ la principal causa dos trabalhos d'ellas com os seus capitaes, pellos mexericos, inuencoes, & ardis com que lhes vaõ cuidando que os agradão, & todos em prol de suas fazendas, que he o que elles pretendem, contra a obrigação da alma, & do seruiço do Rey. Socedeo em principio de seu governo, irem duas Corocoras de mouros, a dar em hũa cidade do Moro chamada Momoya, cujos naturaes eraõ idolatras, & a saquearão & destruyraõ, escapando o senhor d'ella, que era hum Sangage gentio homem moralmente virtuoso & honrado. Estaua naquelle tempo hum Portugues chamado Gonçalo Veloso, em hum lugar ali perto, fazendo suas mercancias. Este depois d'isto passado foi ter a cidade de Momoya, & viose com aquelle Sangage que lhe fez grandes queixas d'aquelles mouros seus vizinhos, pedindo lhe conselho de como se vingaria, & satisfaria d'elles, porque estaua muito escandalizado. Gonçalo Veloso mouendolhe Deos a lingua, lhe disse que o remedio estaua certo, se elle quisesse tomar, que era mandar pedir ao capitão de Maluco

pazes, & com correr em amizades com os Portugueses, porque como os tiuesse por amigos, nenhū Rey, nem senhor, lhe faria afronta, que lha elles logo não satisfizessem a te aventurarem as vidas, & o estado, porque assi o mandava o seu Rey. Mas que pera aquillo se fazer melhor & com mais gosto era necessario fazerse Christão, porque com isto segurava sua alma, (que era o que mais importava) & possuiria seu senhorio em paz, & quietação. Com isto lhe falou das cousas de nossa se, tão altamente, que ficou o Sangage pasmado: & tocãdo Deos cayo naquella verdade, & disse a Gonçalo Veloso que lhe falava como amigo, que lhe pedia quisesse ir a Maluco com algūs homēs seus a pedir ao capitão desse ordem como fosse baptizado. Gõçalo Veloso partio cõ este aluitre, em companhia de alguns homens honrados, que o Sangage elegeo pera esta jornada, que foraõ em Ternate mūy bem recebidos. E tão satisfeitos ficaraõ das honras que lhes fizeraõ, & do modo dos Portugueses, que pediraõ a Tristaõ de Taide os mandasse fazer Christãos, o que elle logo ordenou celebrandose aquelle auto cõ muitas festas & alegrias, sêdo Tristaõ de Taide seu padrinho, que os vestio a Portugueza mūy bem Depois os despedio mandando levar ao Sangage a vontade que tinha de receber a lei da verdade, &

de engeitar por ella, as cerimoniaes feas & abominaveis das idolatrias, em que a te então viuera. E que a ordem de como avia de receber o santo Bautifimo, & como, & onde, elle o avia de eleger, por que se faria como elle quiesse & ordenasse. Chegaraõ estes homens a Momoya, & disseraõ ao seu Sangage tudo o que era passado, & da reposta que lhe o capitão mandava, & com isto lhe disseraõ tantas cousas dos bons costumes dos Portugueses, & dos galalhados & honras que lhes fizeraõ, que o moveraõ a se embarcar logo pera Ternate, em algūas Corocoras em que levou algūas pessoas principaes da cidade. Tristaõ de Taide lhe fez hum grande recebimento, & o mãdou agasalhar mūy bem, & entregando a hum padre virtuoso pera o Catechisar, a elle, & a todos os seus em que gastaraõ algūs dias, & como estiuerã aptos, & sufficientes, pera receberem o santo Sacramento do Bautifimo, lho deraõ a elle, & a todos, pondo nome ao Sangage, dom loão. Isto se fez com as mores feitas que Ternate podia dar de si. Depois de se desenfadar aquelle senhor Christão ali algūs dias, em que o capitão o banquereou, despediose d'elle muito contente, & se tornou pera o seu senhorio, levando com si hum Sacerdote que se chamava Simão Vaz (que foi o que o catechizou) pera o instruir bem nas cousas da

religião Christã. Este bom Sacerdote viuco n'aquella cidade algũs tempos, com grande exẽplo, exercitando o officio da charidade, & com grande zelo & amor de Deos fez a mor parte dos moradores de Momoya Christãos. E porque era sã, & não podia com tãto (por ser a gente que corria ao bautismo muita.) mãdou pedir a Tristão de Taide lhe mandasse outro Sacerdote pera o ajudar, que logo lhe mandou o padre Francisco Alvarez, & ambos em poucos dias fizeram Christãos todos os moradores d'aquella cidade, & de outros lugares, derribando todos os Pagedes, & purificando os principaes; & das casas que eraõ de abominação fizeram templos, em que o altissimo Deos começou a ser acatado, venerado, & louuado. Tristão de Taide fauoreceo tanto este Sanga genouo Christão, que lhe mãdou algũs soldados Portugueses pera o acompanharem, & pera guarda de sua cidade. Estando as cousas neste estado, & o Rey Tabarija odioso de algũs que lhe desejavaõ de verdir a morte, como logo fizeram; tratando em segredo com o capitão, & affirmandolhe, que elRey solicitaua sua morte, como ja fizera ao capitão Gonçalo Pereira, & tomar aquella fortaleza, & lançar todos os Portugueses fora d'aquella ilha. E como isto era cousa q̃ tocava na vida, & no perigo da fortaleza, foilhe muito facil de

crer, & mais tendo exemplo taõ fresco, como na morte do outro capitão, & dissimulando o negocio o melhor que pode, ordenou com algũs Portugueses, que trouxessem elRey a fortaleza, como q̃ o tomauão pera com elle por valedor, (cotno muitas vezes costuma uão a fazer.) E sendo chamado de algũs, como elle estaua innocente, & não se receaua de cousa algũa, vindo a fortaleza foi logo prezo & metido em ferros, tirando deuaçãdo caso em que testemunharaõ os mesmos imigos que o accusaraõ: pello que foi por sentença julgado que fosse a India liurarse, & assi o embarcou na moução seguinte. Mas permitio Deos per sua innocencia, que onde Tristão de Taide cuidaua, que lhe fazia mal, lhe fizesse hum taõ grande bem, como foi fazerse Christão (cõmo é seu lugar diremos.) porque muitas vezes permite males: pera d'elles nacerem muito grandes bens. Tristão de Taide tanto que o embarcou, mandou buscar outro irmão chamado Soltão Acirol bastardo, filho de outra molher, de casta laoa, que seria de idade de doze annos. Os que o foraõ buscar a casa da mãy, (que eraõ Portugueses criados do capitão) dizendolhe que era pera ser Rey: vendo a mãy o infelice estado que os passados tiueraõ, depois que os Portugueses entraraõ n'aquella ilha, querendo antes seu filho seguro, em estado

priuado,

privado, que são arriscado no de Rey, abraçandose cõ o filho o não quis largar, dizendo grandes lastimas, & dando tantos gritos, como se lho leuaraõ pera o mataré. Os homês que foraõ a este negocio, em vez de se compadecerem das lagrimas da triste mãy, & consolárena, segurá dolhe a vida do filho: irandose contra ella, lho arranca raõ por força dos braços, & a ella lança raõ por húa janela fora, fazendose embaixo em pedaços, & o filho foi leuado a fortaleza, & a leuado por Rey com muitas lagrimas suas. Esta deshumanidade & caso brutal foi tão auorrecido em todas aquellas iilhas, que de nouo trataraõ conjuraçãõ contra os nos sos, carteãdõse todos aquelles Reys hûs com outros. E vindo as vistas, os mais d'elles concluireãõ, que era intoleravel soffrer que homês que elles agasalharaõ, & deraõ fortalezas em suas terras graciosamente, viessem a tanta soberba, poder, & arrogancia, que dispoessem, & a leuantassem os Reys que quisesse, sem os naturaes nisso terem voto, nem parecer. El Rey ficou reteudo na fortaleza, & com o medo de o matarem, estaua tão humilde como se fora cativo do capitão. A mãy foi enterrada pellos naturaes muito hõradamente, & certo que se podiaõ fazer da morte desta mulher grandes exclamaçoês, mas faltanos pera isso o taléto, & o estylo, somente diremos, que merece ser

mais engrandecida (porque antes quis morrer que ver seu filho Rey) que não a mãy daquelle cruel Nero, por dizer que reinasse seu filho, ainda que elle a mataste. As cousas de Maluco tornaraõ ao pior estado que podiaõ ter: por que por mar, & por terra, lhe comeca raõ a faltar os mantimentos. E assi os deixaremos.

### CAPITULO XIII.

*Da jornada que o Turco Soleimão fez contra o Xathamas Rey de Persia, & de como lhe entrou por seus estados a te a cidade de Tabris. E de como ao recolher, derãc os Persas sobre elle, & o desbarata raõ, & de outras cousas.*



**P**ORQUE as guerras d'antre o Turco, & o Rey de Persia, foraõ em detrimento & dano da alfandega, & rendimento da fortaleza de Ormuz, & cousas que entraõ neste nosso Oriente, & sua conquista: nos pareceo bem fazermos d'ellas mençaõ, como faremos com o fauor diuino, pello discurso de nossas decadas adiante Pello que se a de saber, que por falecimêto do Graõ Cofi Ismael, que foi nos an-  
nos

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

nos de vinte & cinco lhe ficaraõ quatro filhos, o mais velho que lhe succedeo chamado Xathamas: O segundo Becramo, a quem ficou o governo de toda Amedia, Hiberia, & Albania. O terceiro Hescas, a quem o pay deu Babylonia, Assyria, & Mesopotamia. O quarto filho foi Osem mirza, que ficou cõ senhorio dos Coracones. Todos estes irmãos foraõ amigos, & muito grandes inimigos do nome Othomano, & afeiçoados todos aos Principes Christaõs. E como o graõ Cofi tinha em sua vida feito hũa muito honrada paz com o graõ Turco, desejou seu filho Xathamas de a conseruar, porque lhe era necessario assi pera o fazer a seus reinos: & assi gastou noue ou dez annos em os segurar: & em algũas guerras com os Hyrcanos, & Thacaraes, tudo sobre pontos de sua ley. Mas como os Turcos sãõ homẽs insolentes, & indomaueis, fizeraõ tal visinhança ao Xathamas, que escandalizados os Persas romperaõ a paz, & fizeraõ algũas entradas pellas terras do Turco, em que elle recebeo bem de dano. O Turco Soleimãõ sendo destas cousas auisado, desejou de se satisfazer, & de fazer hũa jornada de proposito contra Xathamas, pera de hũa vez lançar fora aquelle vesinho em que o Imperio Othomano sempre teue tamanho & taõ importuno imigo. E declarando esta sua tençaõ, achou grande cõ-

tradiçaõ em sua mãy, & em sua mulher Roxolana, a quem elle por sua fermosura estaua taõ fogueito, que se não ousaua a apartar d'ella. E assi por isto, como pello natural odio que estas mulheres tinhaõ ao nome Christaõ, lhe aconselharaõ que fizesse antes guerra a Vngria, ou a outro algum Rey Christaõ, & que não gastasse o tempo, né seus thesouros contra homẽs de sua propria ley: pois tinhaõ por experiencia quãõ infelices foraõ sempre as jornadas que seus passados fizeraõ contra a Persia. Só Habrãõ Baxa seu grande priuado foi de cõtrario parecer, por que fundaua por muitas rezoẽs não lhe vir bẽ fazer guerra contra Christaõs, onde auia hum Emperador tambem afortunado, & tres naçoẽs, (entre outras) taõ valentes, & exercitadas, como erãõ Espanhoes, Italianos, & Tudescos: & que era muito necessario por de hũa vez toda sua potencia contra aquelle Imperio de Persia que lhe pertencia por direito, & tirar dali hum visinho que se ya fazendo poderoso, & que depois quando o quisesse fazer, pella ventura que não poderia. Todas estas rezoẽs & outras muitas que Abrahaõ Baxa lhe deu, alem de lhe parecer conuirlhe assi, o principal intento seu era desuiar o Turco de fazer guerra a Christaõs, a quem era muito afeiçoadado, como quem procedia delles: & desejava de desuiar todo o dano a Christianidade.

dade. E por isso em todas as cou-  
 sas dos Christãos elle as favorecia  
 tanto & assi lhes era afeicoado, q̃  
 elcacemente o podia dissimular,  
 tão, que a mãy do Turco lhe chama-  
 uão Turco fingido, & Christão  
 dissimulado. Em fim, pel-  
 la autoridade que elle tinha com  
 o grão Turco, que auia que lhe fa-  
 laua sempre verdade, & o conse-  
 lhaua como prudente, deixou a  
 guerra de Vngria, & determinou  
 de passar a Asia cõtra o Xathamas.  
 E logo começou a fazer suas prepa-  
 rações, & em pouco tempo se pôs  
 em câpo com trezêtos mil ho-  
 nês, com que entrou pella prouincia  
 de Licõnia, leuando cõ si go por  
 guia a Hulamanes hum grande ca-  
 pitão Persa, que se tinha passado  
 pera elle: passou pacificamente &  
 & sem dano por toda Mesopota-  
 mia: & em cinco ta & quatro dias  
 chegou a cidade de Coy, em Arme-  
 nia mayor, a te onde não achou  
 que lho defendesse, do que se em-  
 baraçou, porque se pre imaginou  
 que o Xathamas o esperasse, & lhe  
 apresentasse batalha, mas elle to-  
 mando milhor parecer, quis que o  
 mesmo Turco se desbaratasse por  
 si & sem risco seu, & metelo bem  
 pella Persia dentro, pera da volta  
 dar sobre elle, & o desbaratar. E as-  
 si se recolheo pera as montanhas,  
 mãdando despouoar as cidades, &  
 talhar os câpos, porq̃ não tiuesse  
 os inimigos de que se prouer, nê em q̃  
 se ceuar. O Turco foi por suas jor-

nadas cõradas a te a cidade de Ta-  
 bris, a onde foi recebido dos mora-  
 dores sem contradicão, por lho assi  
 mandar o Xathamas. E não se de-  
 tendo ali passou a Sulthama, por  
 ser muito fertil & abundante de  
 tudo. Ali se deteuê algũs meses, a-  
 uêdo que o Xathamas deceria dos  
 montes ao buscar. No tempo que  
 aqui esteue, lhe socedeo hũa brava  
 fortuna de nene & frio, que cayo  
 hũa noite sobre o exercito, que ma-  
 tou muitos, & esteue todo o exer-  
 cito perdido, & ainda o grão Tur-  
 co se vio em muito grandẽ peri-  
 go. E sempre os Turcos tiueraõ pe-  
 ra si que lhes viera aquelle mal por  
 encantamento do Xathamas, por-  
 que o tinhaõ por hum grande fei-  
 ticeiro. Ao outro dia que foi mu-  
 to claro, aleuanto o Turco o exer-  
 cito por conselho de Hulamanes,  
 & foi marchando pera Babylonia,  
 por ser falecido Berchramo irmão  
 de Xathamas, & ficara em seu lu-  
 gar Mahometes grande amigo de  
 Soleimão, que esperaua que lhe  
 entregasse aquella cidade, o que  
 não foi: porque chegando a ella  
 não quis Mahometes recolheo,  
 antes se pos em ordem de se defen-  
 der. Mas os naturaes recendo a  
 potencia d'aquelle barbaro, aleuã-  
 taraõse contra Mahometes, & o  
 lançaraõ fora da cidade, & reco-  
 lheraõ nella Soleimão com gran-  
 de majestade por se dizer ser aquel-  
 la cidade a mayor do mundo: &  
 tambem por que n'ella residia o

seu Calipha, de cujas mãos tomou a coroa, & as insignias de Seldão de Babilonia, conforme ao antigo costume dos Soldãos passados. Ali foram Embaixadores de todas as prouincias, comarcas a lhes darem obediencia, & reconhecerem vassalagem, quasi todas as cidades de Assiria, Mesopotamia, a te Bacora na boca do rio Eufrates. Abrahaõ, & Hylamanes apertaram com Soleimão que seguisse a vitoria, & q̄ fosse buscar o Xathamas, por que nisso estava fazerse senhor de toda Persia, com o que elle sayo de Babilonia na primavera do anno de mil quinhentos trinta & seis, & foise na volta de Tabris, por ser auisado que o Xathamas decera ja dos montes, & que estava naquella cidade, como defeito assi era. E sendo auisado de como o Turco tornaua a caminhar pera lá, tornou-se a recolher as montanhas, & deixou em algũs passos difficultosos gẽte de guarnição, pera q̄ inquietassem os inimigos como os vissem descuidados. Chegou o Turco a Tabris, & sabẽdo como ali estiuera o Xathamas, & que se recolhera, ficou taõ anojado que mandou por a saca a cidade, & derribar pello chaõ todos os sepulchros & ornamento do grande Osebel, Oseucasan, & de seus descendentes q̄ ali estauão, que eraõ soberbissimos, & lustrosissimos: & tomando hũ numero de catiuos, tornou-se pera a prouincia de Mesopo-

tamia. D'esta retirada foi auisado o Xathamas, & ajuntando sesenta mil caualos escolhidos o foi seguindo com muita pressa, por que se determinou de lhe dar na retaguarda. O Turco teue logo rehaty de sua ida, & por que leuaua suas gentes enfermas, gastadas, & debilitadas do caminho, deu-lhe aquillo grande cuidado, & apressado foise recolher na cidade de Caranuda. Xathamas sabendo a pressa que o inimigo leuaua, & que ya tanto adiante, que não era possível podelo alcançar, pella grande recouagem com que caminhaua, recolheose na cidade de Coy, a onde se fortificou muito bem. Dali despedio hum capitão chamado Delamethes, cõ viate mil caualos, pera que fosse em seu seguimento, & lhe desse nas costas. Este capitão foi caminhando apressado, cõ proposito de ir esperar os Turcos nas raizes do monte Tauro, a õde lhe seria muito facil dar-lhe hũ grande toque, & assi como o traçou, assi lhe socedeo: por que chegando a Bethlis, hum lugar daquella prouincia, achou em hum vale certos esquadroes de Turcos, bẽ descuidados, & sabẽdo q̄ não era fẽtido esperou pella noite, & na força d'ella deu de sobressalto nelles com tamanha furia, q̄ antes q̄ se podesse reuoluer, lhe tomou toda a bagagẽ, & matou hum grande numero delles, & catinou oito centos lançeros, & algũa outra gente lustrosa. de ser-

te que

te que foi o dano tamanho, que de muitos annos a te então se affirmava que nunca os Turcos o tal receberão. Com esta vitoria se tornou o Delamethes pera o Xathamas, que o recebeu honradissimamente, & mandou que pera sempre se festejasse aquelle dia entre os Persas, que foi a dez do mes de Outubro. O Turco Soleymão sentio tanto em extremo aquelle desastre, que sem se mais deter deu volta pera Constantinopla, com grande ira & paixão contra Abraham Baxá por ser o principal autor daquella jornada. E assi por isto, como por todos os grandes, que andauão peçados cõ sua muita va-

lia (que lhe vrdiraõ a morte) veyo a tanto auorrecimento do Turco, que o matou. O modo como não se sabe, porque o mandou chamar a sua camara, & aquelle dia desapareceu, que nem viuo nem morto lhe acharão mais seu corpo. Era Abraham Baxá Albanes, de hum lugar chamado Ponga de pays Christãos, & em moço foi catiuo & vendido a Escander Baxá grande privado do Turco Bajazeto, & depois por degraos lhe veyo a fortuna a dar tudo o que podia na casa do Turco: porque chegou a Ser, Vizir, que he como Graõ Condestabre, & o principal do reino.

## LIVRO IX. DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITVLO I

*De como Martim Afonso de Sousa partio do reino por capitão mor das naos, & do mar da India. E de como o Governador Nuno da Cunha se fez presies pera ir ao Norte. E dos recados que se passarão entre os Reys dos Magores, & o de Cambaya.*



E POIS que el Rey despedio a armada de dom Pedro de Castello branco, como atras dissemos, de terminou de prouer nas cousas da India mais de proposito: parecêdo lhe bẽ prouer o cargo de capitão mor do mar, pera ajudar nos trabalhos ao Governador, & pera elle elegeo Martim Afonso de Sousa, fidalgo em que auia muitas par-

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

tes de prudencia,caualaria, & outras. E mandou negociar çinco naos,de que elle auia de ir por capitão mor,pera o que mandou pagar dous mil homens. Esta armada se feza vela meado Março d'este anno de trinta & quatro em que andamos. Os mais capitaes eraõ Diogo Lopez de Sousa, Antonio de Brito, Simão Guedes, (que ya prouido da capitania de Chaul.) & Tristaõ Gomez da Mina: Esta armada chegou toda a Goa sem lhe acontecer desastre, & posto que o Governador se pejou com Martim Afonso de Sousa por vir prouido d'aquelle cargo, não deixou de o receber bem. Com a chegada das naos mandou o Governador dar grãde pressa a armada toda: porque determinou de se embarcar logo por hum auiso que teue de Cábaya,de com o Soltão Badur se fazia prestes pera ir a Chitor,& a Mandou,o que ja o veraõ passado deixara de fazer, pellos respeitos que dissemos E como aquelles grandes apercebimentos, q̄ pera aquella jornada tinha feitos, foraõ logo soando por esse Induratan acima, chegando as orelhas da Raynha de Chitor que auia poucos dias viuvara, ficandolhe hum filho minino herdeiro do reino: & como era molher fraca & coitada, receado a ira de Soltão Badur, despedio recados a Hamau Paxá Rey dos Magores pedindolhe cõ grandes piedades lhe quisesse valer na-

quelle negocio,& liurala das mães de Soltão Badur,pois só elle era poderoso pera isso. O Hamau Paxá tanto q̄ teue este recado, despedio hum Embaixador apressado, por quem mandou dizer a Soltão Badur,que não quisesse mostrar sua potencia cõtra hũa molher viuua & fraca,porque soubesse em certo, que a auia de ajudar, & fauorecer, pella obrigação q̄ os Reys tinhaõ de soccorrer as viuuas desemparradas.Soltão Badur como era o mais poderoso Rey q̄ auia em todo o Oriente, teue é pouco a amoestação, & recado de Hamau Paxá, despedindo o seu Embaixador descontente pondose elle logo em campo pera caminhar. E porque todavia não perdia os Ciumes de Dio (por onde ja o veraõ passado deixara de por em effeito aquella jornada, por não acabar de concluir com o Governador nas vistas pera confirmar as pazes) determinou de mandar Embaixadores ao Governador, & cõcederlhe Baçaim, cõ todas as condiçoẽs que quisesse Destes recados & apercebimẽtes teue o Governador logo auiso, pello q̄ determinou de se por no Norte cõ todo o poder,pera que em virado Soltão Badur as costas, visse se podia levar Dyo nas vnhas. E despedio diante Martim Afonso de Sousa com quarenta nauios, pera se ir por na ençada de Cábaya, a ver o q̄ socedia a te elle chegar. E em sua companhia despedio algũs mercadores

dores mouros pera a cidade de Amadaba a espiar o que fazia Soltão Badur, & outros a Dyo a notarem como ficaua aquella fortaleza, dandolhes por regimêto, que fossen ter com elle a Baçaim, onde os esperaria Martim Afonso de Sousa deu a vela entrada de Outubro, os capitaes que com elle forão, dos que podemos saber os nomes são os seguintes. Manoel de Sousa de Sepulueda, dom Diogo D'almeida Freire, Fernão de Sousa de Tauora, Francisco de Sá dos olhos, Martim Correa da Sylua, todos estes que vieraõ com elle de Portugal Pero Botelho, Ioige de Sousa, Antonio da Cunha, & outros. E correndo a costa toda foise por na enxada de Cambaya: a vista de Surrate, a onde se deixou estar. Ali foi ter com elle Diogo da Sylueira que vinha de inuernar em Ormuz, aonde o deixamos. E sabêdo que viera por capitão mor do mar da India, entregoulhe toda a armada, & se passou a Goa em hũ Catur ligeiro, & despedindose do Governador se foi pera Cochim, & day pera o reino, por capitão mor d'esta armada, em que Martim Afonso de Sousa veyo, pello mandar assi elRey: em que tambem se embarcou Iorge Cabral, & outros fidalgos. Todas estas naos chegaraõ a saluamento. O Governador depois de despachar as naos pera irem a Cochim tomar a carga, o fez tambem a dom Pedro de Cas-

tello branco, pera ir entrar na capitania de Ormuz, por acabar seu tẽpo Antonio da Sylueira que la estava. E dâdo expediente aos mais negocios, se embarcou entrada de Dezembro em hũa armada de Galeões, Gales, & Fustas, q̃ eraõ mais de cem velas, & em poucos dias foi sorgir na barra de Baçaim, onde se deteu esperando pellas espias que tinha mandado a Dyo, & a Cambaya: que não tardaraõ muito, & lhe deraõ relação da jornada que Soltão Badur fazia, em que tinha em campo mais de quinhêtos mil homês, & que Melique Tocão ficaua em Dyo, cõ dez ou doze mil de guarnição; & a cidade muito fortificada, & prouida de todas as cousas necessarias: & que ficaua despedindo hum Embaixador pera elle com negocios que elles não poderaõ alcançar, & que não poderia tardar dous dias. O Governador tanto que soube aquillo mandou preparar a armada, pera o receber com grande majestade. Da y a dous ou tres dias chegou o Embaixador a armada em tres nauios ligeiros. (Era este Embaixador pessoa principal na casa d'elRey, & chamauase Xacoes, homê de graõ prudencia, & conselho. O Governador sendo auisado de sua vinda, o mandou buscar por muitos nauios de remo, & foi leuado ao Galeão são Dinis, que estava rica & fermosamente embandeirado, & paramentado por dentro. O Go-

governador o esperou na tolda, que estava cuberta de panos d'ouro, assentado em hũa rica cadeira, & todos os capitaes & fidalgos velhos em pe, de hũa & outra parte, muito bem ataviados. E ao entrar do Galeão saluou elle com algũas peças de artilharia, & logo toda a armada, com aquella tormenta de bombardas que pos grande espanto nos mouros. O Embaixador chegando a elle se lhe lançou aos pés, o Governador o levantou com honras & galalhados, mandando-lhe perguntar, (por Marcos Fernandez lingua do estado) pella saude d'el Rey, & a elle como vinha da jornada. O Embaixador respondeu com palavras geraes, humilhando-se por aquella honra. O Governador lhe disse, que se fosse descansar, que depois o ouiria denegar. Dali fõi leuado as suas embarcaçoẽs, com outra sahra de noivo, assi de artilharia, como de tambores, trombetas, charamelas, & de todos os mais instrumentos de guerra, & de paz.

CAPITULO II.

*De como Soltão Badur mandou offerrecer ao Governador Nuno da Cunha a cidade de Baçaim. E dos capitulos & condiçoẽs com que se assentaraõ as pazes.*

**D**EIXOV o Governador descansar o Embaixador deus dias & por não mostrar tambem aluoroco o não quis ouir logo, passados elles o mandou leuar ao Galeão, & o ouiuo na sua camara, sendo presentes algũs capitaes velhos, & o Secretario Simão Ferreira, & as linguas Marcos Fernandez, & Cogeperedir homem Parsio, & auilado, por parte do Embaixador. Que apresentou ao Governador hũa carta de crença com o final & selo d'el Rey Soltão Badur, & hũa procuração, em que lhe daua & cõcedia, todos os seus poderes per tudo o que determinasse & assentasse com o Governador em o negocio de pazes & amizades que lhe mandaua cometer. Depois de vistos estes papeis, & auidos por solenes, o Governador mandou dizer ao Embaixador, que podia falar tudo o que quisesse, com o que o Embaixador deu sua embaixada, cuja sustancia era Que el Rey Soltão Badur seu senhor desejava muito de ter paz, amizade, prestança, & comercio, com el Rey dom João de Portugal, & com elle Governador, que estava em seu lugar & que em começo d'ette amor & amizade, dana & doaua, doje pera todo sempre a cidade de Baçaim com todas suas Tanadarias, & jurdição a el Rey de Portugal, por

por ser cousa grande, & que importava muito, & que por isso não queria mais que algũas condiçõs que fossem justas, & honestas. O Governador lhe mandou responder com palavras mūy graues, tendo em merce aquella visitaçãõ, que el Rey seu senhor lhe mandaua fazer, & que estimaua muito aquelles desejos, de ter paz & amizade com el Rey de Portugal seu senhor, & que aceitaua por sua parte os offercimentos da cidade de Baçaim, não tanto por sua importancia, quãto pello gosto com que lha offerecia, que não podia deixar de nacer de muito amor, como elle també lhe mostraria em todas suas cousas, & elle Governador como seu vassallo o seruiria em tudo o que lhe mandasse. E que quanto as capitulaçõs & condiçõs, que pedia, que tudo remetia ao Ouvidor geral, Secretario, & mais officiaes d'el Rey de Portugal, pera cõ elle Embaixador as concluirem & assentarem. Com isto se despedio o Embaixador muito satisfeito, mandandolhe dar algũas peças muito ricas. E ajuntandose per vezes com os officiaes aquem o Governador o remeteo naquelle negocio, apresentandose capitulos de parte a parte, vieraõ a concluir as pazes com as condiçõs seguintes.

Que, el Rey Soltão Badur daua & doaua a el Rey de Portugal d'aquelle dia pera todo sempre, a ci-

dade de Baçaim, com todas as suas terras, assi firmes, como ilhas, & mares, com toda sua jurdiçãõ, mercõ & misto Imperio, com todas suas rendas, & direitos reaes, assi & da maneira que elle Soltão Badur Rey do Guzarate a te entãõ as possuira, & possuirãõ seus capitaes & Tanadares. E que d'ali por diante desistia de todo o direito q nas ditas terras, ilhas, & mares tinha: & que todo trespassaua, & applicaua a el Rey de Portugal. E que auia por bem que logo per seus officiaes madaffe tomar posse de todo o sobre dito.

Com condiçãõ, que todas as naos que partirem dos Reinos & senhorios d'elle Soltão Badur, pera entrarem das portas do estreito pera dentro, yriaõ a Baçaim, tomar saluo conduto (aque elles chamão Cartazes) dos capitaes d'el Rey de Portugal, que ali estinerẽ, & que da torna viagem tornariaõ a dita cidade a pagar seus direitos sob pena de serem perdidas pera el Rey de Portugal: & que as poderiaõ seus capitaes tomar, como de boa guerra, sem el Rey do Guzarate o contrariar, nem auer por mal.

Que, todas as naos do seu reino, que nauegarem pera todas as outras partes não sendo pera Mecca, leuariaõ os mesmos Cartazes, & que os capitaes lhes não leuariaõ por cada hum mais de hũa tãga, & que com isso nauegariaõ liure-

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

liuremente pera onde quisessem, sem terem outra obrigação. E que isto se não entenderia nas Cotias, Galuctas, & vazilhas pequenas, q̄ costumauão a nauegar de longo da costa.

Que, em nenhum porto, assi do reino Guzarate, como dos mais senhorios que possuya dali em diante, se faria nauio algum de guerra, & os que ouuesse feitos não nauergarião mais, mas que poderião fazer todas as naos que quisessem a seu modo, pera seus tratos, & commercios.

Que, elRey Soltão Badur não recolheria em porto algũ de seus reinos & senhorios, Rumes algũs, nem lhes daria mantimentos, fauor, gente, ajuda, nem cousa algũa que em suas terras ouuesse.

Que, todo o dinheiro das terras de Baçaim, que estaua a te entrão por arrecadar do que Melique As auia de auer, desque entrou o anno dos mouros a te aquella hora, poderia o Governador mandar arrecadar pera elRey de Portugal.

Que, entregaria logo Diogo de Mesquita, Lopo Fernandez Pinto, Manoel Mendez, Ioão de Lima, & todos os mais Portugueses que em seu poder estauão catiuos. Estes sete capitulos de condiçoẽs, que os officiaes d'elRey de Portugal apresentarão, aceitou o Embaixador d'elRey Soltão Badur, & se obrigou aos cumprir, ter, mäter, & guar-

dar em todo & per todo, como se nelles, & em cada hum delles continha, sem engano, nem cautela, cõ toda a verdade & segurança d'elRey. E logo o Embaixador apresenton outros capitulos por parte d'elRey Soltão Badur, que são os seguintes.

Que, todos os caualos que viessem do estreito de Meca, & das partes de Arabia, os primeiros tres annos, depois da fortaleza de Baçaim ser acabada, virião a ella, pera elle Soltão Badur & seus vassallos os mandarem ali comprar, pagando os direitos d'elles a elRey de Portugal, assi & da maneira que se pagauão na cidade de Goa, & que não irião aos portos do Decan, Canara, nem Malaiar. E que não se cóprado os taes caualos em Baçaim, seus donos os poderião levar pera onde quisessem.

Que, vindo algũa nao do reino de Cambaya cõ caualos, pera elle Soltão Badur, de qualquer parte que fossem, não pagarião dereitos a te contia de sesenta.

Que, vindo algũa nao de mar em fora desgarrada de qualquer parte que fosse tirando do estreito de Meca, & com tempo fortuito fosse tomar Baçaim, vindo pera o reino do Guzarate, depois que fosse dentro n'aquelle porto, ningem entenderia com ella, & se poderia tornar cada vez que quisesse.

Que, cinco mil tangas larins, que estauão applicadas nas rendas

de Baçaim pera as Mesquitas, se lhe pagariaõ sempre nas mesmas rendas, & que com as Mesquitas das terras de Baçaim, & pregaçoẽs que nellas se fizessẽ, nãõ entenderia pessoa algũa, nem se faria niffo inouaçaõ algũa.

Que, duzentos pardaos que se pagauãõ nas rêdas de Baçaim aos lascarins das duas fortalezas, Aceira, & Coeja. que estãõ entre as terras de Baçaim, & as dos resbutos, se pagariaõ sempre nas mesmas rêdas, como a te então se pagauãõ.

Estes cinco capitulos concedeo o Governador em nome d'el Rey de Portugal, & se obrigou aos cõprir & guardar, sem cautela, nem engano algum, & logo com muito grande solennidade se juraraõ as pazes, assi pello Governador, como pello Embaixador, cada hum em seu modo, de que se fizeraõ autros em Parseo, & Portugues, afsina dos por elles, & pellos officiaes d'el Rey. Declarou & acrecentou mais o Governador que elle Embaixador iria com elle pera Goa, a onde inuernaria, & ficaria em refens do Embaixador que auia demandar a confirmar as pazes com el Rey de Cambaya, & pera tomar entrega dos catiuos. O Embaixador despedio logo correos pella posta cõ recado de tudo o que era passado, pera el Rey Soltãõ Badur, que ja ya marchando pera Chitor. O Governador deu peças ricas ao Embaixador, & lhe fez muitas hõras.

Ao outro dia desembarcou em terra com o Embaixador, & elle lhe fez entrega da cidade de Baçaim, acodindo a obediencia os principaes d'ella, & o Embaixador mandou por todas as Tanadarias apregoar as pazes, & noteficar aos Tanadares & Pateis, que fossẽ dar a obediencia a el Rey de Portugal, & ao seu Governador. No mesmo dia que elle tomou posse da cidade, foi logo com todos os fidalgos & capitaes, notar o sitio pera fazer hũa fortaleza, pera segurança da terra, que traçou hum pouco afastada da agoa, porque a praya era toda de hum areal solto, & pera se começar a obra, mandou desembarcar toda a gente, & assentou seu arrayal, & o fortificou muito bem, & por ordem do Embaixador mandou trazer de todas as aldeas vezinhas, muitos seruidores, pedreiros, & cauouqueiros, & mandou cortar a pedra pera a fortaleza da outra banda do rio, a onde a uia hũa muito fermosa pedreira, & hũa agoa muito boa, de que toda a cidade se prouia pera beber, por ser a agoa em si excellente.

E aos vinte do Janeiro deste anno de trinta & cinco, em que com o fauor diuino entramos, dia do martyr sãõ Sebastião, deitou o Governador a primeira pedra no fundamento, vestido elle & todos os fidalgos muito lauçamente, dãdo nome a fortaleza do santo Martyr, em cujo dia aquelle auto se celebrou,

lebrou com as mores feitas & alegrias que podiaõ ser. E logo se começou a correr com a obra da fortaleza com muita pressa, sendo o Governador, & os capitaes, & fidalgos os primeiros que apegauão das padiolas, & que acodião ao trabalho. Os Tanadares começaraõ a correr a darem a obediencia, levando com si todos os Pateis, & rendeiros, com os foraes, que se apresentaraõ ao Governador, de que mandou fazer novos tombos. A todas estas pessoas deu peças & cabayas ricas, cõ que ficaraõ muy contentes & satisfeitos, mandãdo que corresse os arrendamentos como estauão, sem innouar nelles cousa algũa. E por que a fortaleza ya crescendo, & o veraõ se ya acabando: Despedio o Governador Simão Ferreira Secretario pera ir a Cambaya a ver jurar as pazes por Soltão Badur, que auia de vir, & inuernar da jornada em que era. E delle a diante daremos rezão, por que nos pareceo aqui bem continuarmos com Soltão Badur.

CAPITVLO III.

*De como Soltão Badur foi contra o reino de Chitor, & tomou aquella cidade. E do que passou Simão Ferreira a te se ver com o Badur. E das cousas em que o Governador Nuno da Cunha proueo a te partir pera Goa.*



ANTO que Soltão Badur despedio Xacoos, logo se pos no caminho do Mandou, & Chitor, pera a ueriguar aquelle negocio, primeiro que o inuerno entrasse. Leuaua este barbaro o mais potente exercito que podia auer no mundo, porque passauão de quinhentos mil homés os que podião pelejar, a fora hũa grande multidão de gente inutil, de camellos, bois, & mais seruiço da recouagem, artilharia, munições, & mais petrechos de guerra. D'este grande exercito era General Mostafa Baxa, q̃ tinha o titulo de Rumecan (como ja dissemos.) Leuaua elRey pera guarda de sua pessoa, Diego de Mesquita, Lopo Fernandez Pinto, Duarte da Gama, & todos os mais Portugueses que la tinha catiuos, que seriaõ perto de sesenta, a que deu armas, caualos, seruidores, & todas as cousas necessarias em muita abastança; porque tinha nella tanta confiança, que os não apartaua de si. E por suas jornadas foi ter a cidade de Chitor, dõde todo aquelle reino toma o nome. Está esta cidade de Chitor em altura de perto de dezanoue graos do Norte, conforme a situaçõ que seus naturaes lhe dão, & assentada em cima de hũa altissima serra, que a natureza fez tão inexpugnauel, que se não pode sobir a ella se não por

por hum só caminho muito ingre me, que está fortificado de muitos & fortes passos. A cidade he grande, & cercada de ferinoso muro, & de grandes & fortes baluartes, & ella tamanha em si, que tinha de ventagem de sesenta mil pessoas, & toda a serra tão fresca & viçosa, que lhe deraõ os naturaes o nome de Chitor, que algũs dizem que he o de hum passaro que ha naquelle reino muito fermoso, & de muitas cores, inda que outros Guzarates dizem que Chitor quer dizer, debuxo. Soltão Badur chegando a serra, assentou ao pe em roda o seu exercito, & soube estar a Rainha dentro com muita gente & muitos mantimentos: & porque pera cometela pello passo, era difficuloso, mandou por mais de vinte mil gastadores minar a serra por algũas partes, em que mandou meter muitas pipas de poluora, aque se deu fogo, & arrebétando a mor parte da serra por esses ares, deixou por ella açima muitas roinas, por onde foraõ fazendo caminho a te cima a força de braços. E com grandes engenhos & forças, leuaraõ algũas peças de artelharia açima, & o Badur pos todo o seu exercito sobre a cidade, & a começou a bater por algumas partes, por onde fizeraõ grandes entradas, por onde foi cometida, dando elRey a dianteira a Diogo de Mesquita com todos os Portugueses, que na entrada fizeraõ tantas cousas, que espanta-

raõ a todos. E ainda nós achamos em Dyo, onde inuernamos o anno de sesenta, Guzarates que se acharaõ nesta jornada, & contaõ de muitas cousas monstruosas, que deixamos, porque não soubemos as particularidades. Em fim a cidade foi entrada, & a Raynha & o filho catiuos. Soltão Badur reformou a cidade, & deixou nella alguns capitães, com cincoenta mil homens de guarniçaõ, & depois disso andou ganhando as mais cidades & villas d'aquelle reino, no que gastou a te todo mes de Março, que se recolheu pera seu reino. Castanheda, & Petro Mafeo, que o segue, contão isto d'outra maneira, & dizem que a Raynha com o filho, desesperada de se poder defender fugiraõ hũa noite, & que a mais gente achandose ao outro dia sem o Rey, fizeraõ grandes fogueiras em que se queimaraõ, com todas suas fazendas, & que quando a cidade fora entrada não acharaõ nella pessoa viua: cousa que não achamos na lembrança dos Gentios d'aquelle tempo, & achamos em hum liuro de regimentos velhos, que andaõ na casa dos contos de Goa, feita memoria desta jornada por Gaspar Pirez de Maros (que seruia de escriuão do Secretario Simão Ferreira, que de la trouxe Diogo de Mesquita, & os mais Portugueses, que lhe contaraõ o secesso desta jornada.) que falado nas cousas de Dyo, diz estas pontuaes palavras.

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

lauras. Neste tempo partio pera Chitor Soltão Badur com grande exercito, leuanto com siigo Diogo de Melquiã, Lopo Fernandez Pinto, Manoel Mendez, Duarte da Gama, & os outros Portugueses que la estauão catiuos, & pos cerco a quella cidade, & acometeo, & entrou sendo os primeiros que sobirãõ os muros os Portugueses que la estauão catiuos, que mostraraõ bem nesta entrada o valor de seu esforço, catiuandose a Raynhia & seu filho. A isto se deu dar mais credito. Soltão Badur chegando a cidade de Amadaba achou nella o Secretario Simão Ferreira: & pelas cartas do Embaixador Xacoës tinha ja sabido tudo o que era socedido, pelo que o mandou buscar por pessoas principaes de sua casa, & o recebeo com muitas horas & mostras de grande amizade. Simão Ferreira lhe deu as cartas do Governador, & o presente que lhe mandaua, que eraõ peças mūy ricas, & tratou com elle o negocio aque ya, pediãdolhe que o despachasse, pera tornar a inuerner a Goa, o que el Rey fez, jurando logo as pazes com grande solennidade, & confirmando os capitulos que por sua parte estauão concedidos, & mandandoos apregoar por todo o reino: & fazendolhe entrega de Diogo de Mesquita, & de todos os Portugueses, dandolhe muito dinheiro & peças os despedio: & foraõse embarcar a Cam-

bayete, onde tinhaõ nauios Algeiros. *Ubi obijt* q. E tornado ao Governador, que estaua em Baçaim, continuãdo nas obras da fortaleza, sendo ja o mes de Março, lhe deraõ cartas de dom Ioão Pereira capitão de Goa, em que lhe dizia, que o Idalcã tentaua nouidades, & que fazia pres-tes capitaes pera mandar sobre as terras de Salcete, que deuia de acudir áquellas cousas: O Governador tendo ja a fortaleza em altura pera se poder defender, a guarnecco de artilharia, & proueo os almazés (que ja estauão acabados,) de muitos mantimentos & munições. E andãdo pera eleger capitão, chegou de Ormuz Antonio da Sylueira seu cunhado, que acabara de feruir aquella fortaleza, & lhe deu a capitania de Baçaim, assinandolhe oito centos homẽs pera ficarem com elle, & muitos fidalgos & capitaes. Este Março em que andamos, faleceo em Ormuz Obispo Fernando Vaqueiro, que foi o primeiro Bispo que a India veyo, & foi sepultado na capella mor da Igreja de Ormuz: & tem hũa sepultura de pedra branca mūy boa com suas armas lauradas, que saõ hũa vaca, ou touro; & o ktreiro diz assi: Ferdinandus Episcopus Aurenfis. Faleceo aos quatorze de Março de mil quinhentos & trinta & cinco. O Governador Nuno da Cunha, quis prouer nas cousas de Ormuz, primeiro, que se partil-

se de

se de Baçaim, porque Antonio da Sylueira lhe trouxe nouas de como era falecido o Guazil Xequê Raxete, & com elle tinhaõ vindo procuradores de mouros principaes a requererem o cargo, pello modo que sempre se costuma a fazer: mas o Governador o deu a Xequê Hamed filho do morto, assi pellos merecimentos do pay, como pellas partes que pera isso tinha. Feito isto despedio-se de Antonio da Sylueira, & deu a vela pera Goa, onde chegou em poucos dias, & começou a entender nos prouimentos de Malaca & Maluco, que logo despedio: & assi mandou inuernar gente a Chale, & a Cananor. Depois disto chegou Simão Ferreira cõ os Portuguezes de Cãbaya, que o Governador recebeu muito bem fazendo merces a todos. E logo despedio o Embaixador de Cambaya, que estaua em Goa em refens, & lhe deu dous nauios pera o leuarem. Foi este mouro tão satisfeito das hõras que lhe o Governador fez, que depois o auisou de muitas cousas, como em seu lugar diremos.

### CAPITVLO IIII.

*Da conjuração que ouue entre os senhores das ilhas de Maluco contra os nossos, & do grande aperto em que os puserão.*



**D**OIS este he o tempo, em que nos cabẽ as cousas de Maluco, cõtinuaremoscõ ellas; que deixamos o anno passado, em aquelle grande escandalo, que todos os Reys d'aquelle Archypelago tiuerão dos nossos, pella grande cruexa que vsaraõ com a mãy d'el Rey Aeiro, & prizão de Tabarija. E carteadose, se ajuntaraõ todos, tratando de tomar satisfação de caso taõ abominauel: ajuntando pera isso em segredo as cousas que lhes pareceraõ necessarias. E pera mais fazerem odiosos & auorrecidos naquellas ilhas todos os Portuguezes, vrdio o demonio outro caso taõ escandaloso, ou mais a seu modo que os passados: O caso que nouamente socedeo que nos acabou de fazer auorrecidos foi este. Mandou Tristão de Taide nesta mesma conjunção hum foaõ Pinto a descubrir as ilhas de Mindanao, & as vezinhas a ella, pera se prouer de mantimentos, porq̃ em todas as de Maluco lhes tinhaõ tapados os portos, por onde lhes corrião. Partido este homẽ é hũa naueta, chegou a ilha de Mindanao, a onde desembarcou, & vio a quelle Rey, que lhe fez muitos galhados, & assentãdo cõ elle pazes & amizades, vêdeo o que leuaua, & comprou o que quis muito liberalmente, & a sua vontade. D'ali

se passou a ilha de Seriago, onde o Rey lhe fez os mesmos galardos, & assentou tambem com elle pazes: que celebrarão com hũa cerimonia entre elles guardada tão inuiolauelmente, que nunca ja mais se quebraua: que era, beberẽ os que fazião a amizade o sangue hum do outro como penhor do amor que se auião de ter, por que dizem que assi mete cada hum em si a alma do outro: & assi ficaraõ d'ali por diante correndo com os nossos em tanto amor & amizade, que yão a sua nao comprar & vender sem receio de engano, porque elles o não tratauão com pessoa algũa depois d'aquella cerimonia celebrada. O capitão do nauio vendo quantos concorriaõ a sua nao, entrando a cobiça de fazer preza nelles, & de levar hũa boa copia pera vender, depois que fez seu negocio, o dia q̃ se auia de partir foraõ perto de quarẽta poucos & poucos a venderem a nao suas cousas, que assi como entrauão os leuaua abaixo da cuberta, como que lhes ya mostrar algũa cousa, & la os fechaua. Mas permitio Deos, que hum dos prezos debaixo quando leuauão outros tiuesse modo de escapulir, & se lançou ao mar, & foi a terra a dar conta a el Rey do que passaua. El Rey cheio de paixão de quebrarem os Portugueses assi aquelle tão firme vinculo de amizade entre elles guardada, como cousa religiosa,

mandou com muita pressa meter muita gente em algũas embarcações que estauão no mar, & lançar a elle outras que estauão em estaleiro, & mandou cometer a nao que foi rodeada & combatida a feramente. O capitão Pinto andaua ja leuando ancora, por que tinha visto os nauios & a gente em terra, & acodindo as armas cõ vinte & cinco homẽs que cõ si go leuaua, pos se em defensão, porque ja o entravaõ por algũas partes, & os officiaes foraõ largando as velas, mas os Seriaços ferrados na nao trabalharaõ pella entrar, & sem duuida o fizeraõ se não sobreuiera hũa ferração, descarregando logo hũa trouoada tão soberba & medonha em força & carrancas, que parecia ira dos ceos. Os Seriaços largaraõ a nao, & se acolheraõ a terra: os da nao foraõ correndo com hum bolso de vela a vontade dos ventos & mares que os comião: & foilhes necessario alijarẽ ao mar todas as cousas que por cima leuauão, & ainda toda a artelharia, por q̃ se viraõ muitas vezes alagados & sobrados Duroulhes este castigo algũs dias, deixandoos tão destruçados, desbaratados, & medrosos, que como homẽs que tinhaõ visto tâtas vezes a morte, estauão como alienados, & assi foraõ ter a Ternate tão cortados do temor, q̃ estando em terra, ainda lhes parecia que corrião as mesmas tormentas, que ainda ali a ira de Deos os ameaça -

ameaçava pello peccado que cometerão, em violarê a santa lei do hospicio: cousa tão fea & auorrecida ainda entre tão barbaros como estes. Sabendo todos os Reys daquellas ilhas hũa maldade tão grande, acabaraõ de se resolver q̄ lhes eraõ periudiciaes os Portugueses, & quão necessario era lançar nos fora d'aquellas ilhas, pello que logo trataraõ & poseraõ em execução hũa liga geral contra elles, mandãdo lâçar por todas, aquellas ilhas hũ edicto geral, pera q̄ logo matasem todos os Portugueses q̄ por ellas andassem, & que totalmẽte se recolhessem os mantimentos todos, & se tiuesse nelles tal guarda, q̄ nẽ por mar nẽ por terra entrassẽ na nossa fortaleza, ja q̄ não tinhaõ artelharía pera a bater, pera que auiessem tomar a fome: & que quando isto não bastasse, & na fortaleza ouuesse mantimentos pera se sustentare a te irem os Galeoẽs da India, entãõ que os Ternatezes despejassem aquella ilha, & se passassem pera as outras, cortando primeiro todas as arvores do crauo, & deixandoa deserta: porq̄ não podessem os nossos lograr se de seus fruitos, que era o porque elles tinhaõ vsado com elles tamanhas crueldades & desordẽs n'aquella ilha: & yaõ de tão lóge por tão grãdes riscos & perigos, e busca d'elle: & que como elles se vissem sem se poderẽ lograr do que tanto cobicauãõ, forçados da ne-

cessidade despejariaõ a fortaleza, & se tornariaõ pera a India, & elles quietariaõ & viuiriaõ em suas terras sem aquellas oppressões, & tyrãnias. Cõ isto começaraõ a por aquellas cousas em execução, fazendo cabeça da liga el Rey de Tidore, por andar cõ elle el Rey de Ternate, que la estaua homiziado pella morte de Gonçalo Pereira. Os Ternatezes despejaraõ logo a cidade, mandando suas fazedas pera as outras ilhas. E porque entendessem os nossos que de todo se desnaturauãõ, mãdaraõ por fogo a toda a cidade, em que se cõsumiraõ todos os edificios que foraõ de seus ante passados, tãtas cẽtenas de annos a tras. Tristaõ de Taide vendo aquella desesperaçãõ, quis acodir a isso, mandãdo muitos recados a Raynha & aos Regedores, cõ promessas & satisfaçoes, que não aprõ ueitaraõ cousa algũa. Postos os Ternatezes nos matos sayãõ muitas vezes em cilladas a esperar os Portugueses que yaõ fazer lenha & agoa, matando & ferindo algũs. Em todas as outras ilhas se começou a executar o edicto, matando todos os Portugueses que por ellas andauãõ. Na cidade de Momo ya mataraõ sete ou oito que estauãõ com o padre Francisco Aluarrez, que escapou milagrosamente, & se recolheo a hũa embarcaçãõ com muitas feridas. Na ilha de Chiãõ principal de Morotay, mataraõ Simãõ Vaz outro Sacer-

doté: & hum mouro daquelles to-  
-mou hū retauolo de noſſa Senho-  
-ra, que o padre tinha, & o quebrou  
-em pedacos, & não ſofrendo Deos  
-eſta offeſa feita a ſua ſacraſiſſima  
-mã, logo ali ſupitamente ſe lhe a-  
-leiſaraõ as mãs àquelle mouro,  
- & morreu em poucos dias. E ain-  
-da ſe notou mais, que d'entro em  
-hum anno morreo toda a gera-  
-ção que eſte mouro tinha de de-  
-ſaſtres, & o derradeiro foi meter-  
-lhe hum peixe agulha o bico por  
-hum olho eſtando peſcando: & o  
-dogar todo que era muito grande  
-em mūy poucos annos ſe conſu-  
-miõ, & deſtez por guerras, & por  
-deſaſtres de maneira, q̄ delle não  
-haja memoria algũa, o que nota-  
-raõ os Portugueſes que la eſtauaõ,  
- & outros de Maluco, de quem ſou-  
-bemos iſto. Tristaõ de Taide foi  
-logo auisado de tudo, & o ſentio  
-em eſtremo, & beinentendeo que  
-ſe lhe offereciã grandes traba-  
-lhos, & mãdou por muito reſgar-  
-do & regra nos mantimentos que  
-auia, deitando muitas eſpias pera  
-ſaber dos deſenhos dos inimigos. &  
-em el Rey Aeiro que eſtaua na for-  
-taleza por grandes vigias, & guar-  
-das, não lhe deixando mais que as  
-anias que o criauã, & deitou al-  
-gũas peiſoas que apalparaõ a Ray-  
-nha cõ pazes, & o meſmo a el Rey  
-de Tidore, cometêdoſe lhe por ſua  
-parte muitos partidos, ſem elles  
-diſſerem a couſa algũa. N'eſte tẽ-  
-po Catabrino Cojernader de Gei

-lolo, & tutor do Rey minino, o ma-  
-tou cõ peçonha & ſe aleuãtou por  
-Rey: quiſeraõ dizer, que Tristaõ  
-de Taide fora em contentimento  
-diſſo, & que lhe mandara hũa ca-  
-baya de veludo azul, com que ſe a-  
-leuantou por Rey. E como era  
-maõ & tyranno, & comecou a v-  
-ſar de ſua natureza metendoſe lo-  
-go na liga contra os noſſos, foi o  
-mor imigo, & de quem niõ dano  
-reçeberã os noſſos, que de todos  
-os outros. N'eſte eſtado deixare-  
-mos as couſas d'eſte anno, que era  
-o pior que podia ſer.

CAPITULO V.

*De como Hamau Paxa, Rey dos Ma-  
-gores foi buſcar Soltãõ Badur, &  
-lhe tomou os reinos de Chitor, &  
-Mandou, a que acodiõ Soltãõ Badur,  
- & das grandes couardias que fez,  
- & de como o Magor o deſtruyõ, &  
-deſbaratou.*



ENDO Hamau  
-Paxa Rey dos  
-Magores o pou-  
-co caſo que Sol-  
-tãõ Badur fizera  
-de ſeus recados,  
- & que ſobre elles fora cõtra o rei-  
-no de Chitor, & o deſtruira, ficou  
-muito afrontado: & como ja eſta-  
-ua eſcandalizado dantes, por re-  
-colher em ſeu reino Omir Maha-  
-mede Zaman, ſeu cunhado irmão  
-de ſua

de sua mulher, (que foi o que vrdio estes odios, antre estes dous poderosos barbaros.) Porque como era ambicioso, & desejo de reinar, quis ver se podia por este modo chegar ao que tanto desejava; porque entendia que se elles viessem a rompimento de batalha, hū delles forçado auia de ficar quebrado, com o que lhe ficaria lugar pera poder meter pé em algum d'aquelles Imperios, no que o não enganarão seus pensamētos, por que lhe veyo a fortuna a cumprir seus desejos, como logo diremos. Hamau Paxá (como yamos dizendo) tanto que teue nouas da tomada de Chitor, tomando aquella afronta muito a sua conta, partio logo da cidade do Deli com trinta & cinco mil caualos, & tomou o caminho de Chitor mūy apressadamente cuidando que ainda ali achasse Soltao Badur. Pello caminho lhe foraõ acodindo vassallos, com que perfez o numero de sessenta mil caualos. E chegando a Chitor soube que estaua pello Soltao Badur, & logo lhe pos cerco. Os de dentro sabendo ser elle chegado, como o nome do Magor entre todas aquellas naçoēs era hum terror, & espanto grande em seus ouvidos, logo lhe mandaraõ cometer partidos, & se entregaraõ. O Hamau sem se deter nada, como hum rayo mūy apressado foi passando adiante entrando por todas as cidades & villas com tamanho

estrondo & temor de todos, que tudo se lhe largou sem achar impedimento, & assi foi correndo a te o reino de Mandou, em que não teue que fazer: porque como todos yão fugindo da ira dos Magores, & o medo lhes fazia parecer mayor o numero do que era, vinhão apregoando hum tão grosso poder, que a toda a parte a que chegauão achauão tudo deserto, & despouoado. Soltão Badur teue logo auiso do Magor, & com ter hum exercito o mais potente, que no mundo podia ser, foi tamanho o seu medo, pello que via trazer aos seus que vinhaõ fogindo, que de todo esteue pera se recolher, se não fora Rumecan que o fez sobre estar, animandoo pera ir buscar o imigo como fez. E leuando seu exercito foi caminhando a te a cidade de Arrayol, hūa das principaes do Guzarate, õde foi auisado q̄ o Magor se vinha chegãdo, encõ trãdo por aquelles caminhos infinidade de gente q̄ vinha fogindo, tão assõbrados de suas cruezas q̄ cõ acharem o seu Rey com tão potente exercito, não parauão ali, por que o temor lhes não daua lugar a se segurarem com cousa algũa. Soltão Badur vendo vir decendo a q̄lla multidão de gētes, cõ aquelle medo & desatino, ficou ebaraçado, & não quis passar adiate, assẽtãdo seu exercito ao pe de hūa serra fortissima, onde se fortificou muito grandemente, mandando recolher

a ella todos os mantimentos que pode. E como o Magor vinha decendo com tamanho impeto & furia, (como costumão a trazer os arrebataados & poderosos rios na força do inuerno, que vem alagando tudo por onde passaõ; assi este barbaço, trazendo diante de si todas aquellas enchêtes dos que vinhaõ fogindo delle) chegou a vista do exercito do Badur, & não muito longe d'elle assentou o seu, trauandose logo entre elles algũas escaramuças com dano de ambas as partes, sem o Badur ousar a se bolir nem dar batalha, tendo duzentos mil de caualo, a fora a infantaria que era em dobro, quatrocentos elefantes, & setecentas peças de artilharia de toda sorte, (poder, que se não fora governado por hum homem tão fraco & pusilanime, podera dar batalha a todo o mundo, quanto mais a hum imigo tão inferior em poder como temos dito, & em seu proprio reino & terras.) O Magor entendeu logo a couardia do imigo quando vio q̃ com tão potente poder o não saia a buscar pello que o cometeo rijamente na serra, trabalhando pella entrar, o que não pode fazer pella difficuldade de seus passos, perdendo n'estas cometidas algũa gente. O Badur como tinha ja cobrado em seu coração tamanho medo, determinou de se defender na serra, & deixar-se estar, porque o imigo não podia deixar de se re-

colher Rumecan capitão geral de seu exercito, vendo tamanha couardia em hum homem tão poderoso, como era astuto, & experimentado no conhecimento dos casos da guerra, não duuidou perder se o Badur n'esta jornada, & ficar o Magor senhor d'aquelle Imperio do Guzarate. E querendo segurar sua pessoa, & acrecentar seu estado, teue modo com que se cartou com o Magor, fazendo seus partidos pera se passar pera elle. E depois de assentados a sua vontade, o mandou auisar, que tomasse hũ passo da outra banda da serra, por onde se metiaõ mantimentos n'ella, o que elle logo fez, começando elles logo a faltar no exercito do Badur. Rumecan em quem Soltaõ Badur tinha todo seu remedio & conselho, como vio tempo occasionado, passouse pera o Magor, com sete ou oito mil de caualo de sua ceuadeira. Isto acabou de descoraçoar o Badur de feição que se ouue por perdido, & logo tratou de salvar sua pessoa, buscando modos & ardis pera isso sem o dar a entender a pessoa viua. E como o passo por onde a serra se prouia estava tomado, & a gente que na serra estava era muita, começaraõ a faltar os mantimentos, & chegaraõ a estado que comeraõ os elefantes, caualos, eruas, raizes, & todas as mais cousas desta qualidade. Vendose o Badur de todo perdido, dá do conta do que determinaua, a

algũs

algũs capitaes seus mais fieis, como o Magor naõ podia ter tanta vigia que se naõ descuidasse: Hũa noite se sayo o Badur com os do seu seyo, & pella posta foi caminhando pera Cambaya leuando com sigo a mor parte dos seus thesouros, douro, pedraria, & perolas, que era infinito. Isto naõ pode ser tanto em segredo que naõ fosse logo sabido na serra, & todos os que poderaõ se foraõ por aquelle paço vazandose por elle a mor parte da gente, que foraõ tomando diferentes caminhos. Em amanhecendo teue o Magor rebate do negocio, & cometendo a serra ouue pouco que fazer em a entrar, porque os que nella estauão, se lhe entregaraõ. Elle se apoderou d'aquelle poderosissimo & riquissimo exercito, de tendas, elefantes, artelheria, & de todas as mais riquezas, em que os Magores se ceuaraõ bẽ. O Badur tomou o caminho tãõ apressado, como lho fazia levar o medo que tinha cobrado ao imigo, & sem descansar perdido o animo & conselho, foi parar na cidade de Champanel, que está situada em hũa serra tãõ alta, que tem quatro legoas & meya de subida, & no cume della está a cidade muito forte, assi pello sitio, como pella industria: Será esta cidade hũa jornada do Deberedora, ou Barodar, aque comumente chamamos Verdora. Ali se deixou ficar o Badur, prouendose de mantimentos,

& de outras cousas necessarias, cuidando que o imigo o naõ seguiria mas naõ foi assi, porque depois de o Magor se apoderar de seu exercito, começou logo assiguilo: auendo que estaua o remate & a honrada vitoria, em lhe naõ dar tempo; pera se fortificar em parte algũa, (no que se pode ter por mor capitaõ que Annibal, porque se seguiria a vitoria fora senhor de Roma!) O Hamau Paxa, naõ se embaraçado com cousa algũa foi passando auante a te chegar a Champanel, onde o Badur estaua, que teue logo rebate de sua vinda, & acabou de lhe cair o coração aos pès de todo, mostrando nesta jornada bem diferentes effeitos do que seu nome significaua: porque Badur, na lingua Guzarata, quer dizer caualheiro. E naõ querendo aguardar ali o imigo, largou a cidade hũa noite, mandando primeiro queimar muitas riquezas que com sigo naõ podia levar, & foise caminhãdo pera Dyo, por que era onde podia segurar sua pessoa. E com tantas manhas desordens fez este caminho, que deu occasiaõ aos seus pera o roubarem, vzando nisto o q̃ costuma a gente vil, que he desemparrar com a fortuna o seu Rey. E vendo elle como ella o perseguia, tomando suas joyas, pedrarias, & ouro; (que era hũa soma muy grãde) mandou tudo diãte pera Dyo: & a tudo o mais que lhe podia ser estoruo ao caminho mandou por o fogo

o fogo, por não dar occasião aos que o seguião a outra vez o roubarem. E assi acompanhado de algũs principaes & de suas molheres, que tinha mandado recolher, chegou a Dyo. Algũs dizem que mudara os trajos por não ser conhecido, mas os mouros o negão, nem podia ser tal, porque se fora só, podera acontecer isso: mas elle sempre foi acompanhado de mais de dez mil caualos, assi de sua guarda, como dos seus capitaes. Chegado elRey a Dyo passou logo a ilha, & mandou com muita breuidade recolher nella todos os mantimentos das aldeas vizinhas, & cõ a mesma fortificou os paços por onde a ilha se podia entrar, pondo nelles artelharia, & gente de guarnição, deixando ali ficar com a tristeza, & magoa que era rezão tiuesse, por perder em tão breue tempo hum Imperio tamanho, & tão potente, como era o do Guzarate, tão nomeado no mundo. O Magor foi logo auisado de sua fogida, & deseioso de o auer as mãos o foi seguindo com grande pressa, & chegou a tea serra de Vná tres legoas de Dyo, onde teue por nouas ser ja passado a ilha, pello que tornou a voltar pera tras, correndo todas as cidades de Cambaya, que saqueou, destruyou, & assolou, levando d'ellas grandissimo thesouro, vsando todos aquelles Magores (que por natureza são torpes & nefandos) as mais brutas

desumanidades que se podem imaginar, padecendo todo aquelle reino do Guzarate as mais piadofas miserias que se nunca virão; andãdo os Magores por todo elle (que era fertilissimo de tudo) tão derramados, que se Badur não fora tão acouardado, com muito pouco cabedal se podera restaurar de suas perdas, sem lhe escapar hum só Magor viuo. Mas era tamanho o medo que lhe tinha cobrado todo o reino, que cento que chegauão a hũa cidade, muito grande & poderosa, a saqueauão & destruyão, como se foraõ dez mil, tomando-lhes as molheres & filhas sem oufarem a bolir cõ sigo. E assi ficou o Hamau Paxa senhor de todo o Imperio do Guzarate tão antigo & opulento, como aquelle que sempre foi o mais rico de todo o Oriente.

CAPITULO VI

*Dos limites que o antigo reino do Guzarate tem. E donde nasce o erro dos Geographos lançarem o rio Indo na enxada de Cambaya.*

**A** que estamos n'este reino do Guzarate, rezaõ he que mostremos os seus antigos limites, & q̄ confundamos o erro de Abrahão Ortelio, & de todos os mais Geographos, que lançaraõ o rio Indo dentro nã ençada de Cambaya estando elle tão distante como he dali ao Cinde. Este reino do Guzarate teve sempre seus antigos limites da banda do Norte, na ponta de laquete, que he aque Ptholomeo chama, Maleo promontorio, que situa em dezoito graos, & oje anda verificado em vinte & dous & meyo: por onde Barace que elle mete, em dezasete graos, parece Dyo, & assi o tem Nicolao Venetó. Vaíse estendendo este reino pera a banda do Sul a te o rio de Bandora, que parece ser o rio Nanaguna de Ptholomeo, q̄ elle situa em quatorze graos, & onde mete a cidade de Nitra em Porju, que sem duuida temos pella mesma de Bandora: porque nas antiguidades da Índia se acha ser esta a mais manifica cidade de toda ella, de que ainda oje ha mūy grandes vestigios. Aqui perto da cidade avia hū campo de duas legoas, que ainda depois de nossa entrada na India, era todo cheio de sepulturas, com aquellas pedras redondas a cabeceira, como se costuma em muitas partes do nosso Portugal, ou em

todo. E affirmão os antigos naturaes, que ali tiuera o grande Alexandre, com hum Rey muito poderoso da Índia, hūa grande batalha, & que o desbaratara, & lhe matara muita gente que toda se sepultou n'aquelle campo. E se tal he, deuia de ser co Poro. Posto que Quinto Curcio, & outros affirmão, que esta batalha fora muito mais pera o Norte. Em fim seja como for, tem este reino por costa, pouco mais de duzentas legoas: pello sertão jaz estendida a te a cidade do Agara, que sera por linha direita, cento & cincoenta legoas. E vendo nos Abrahão Ortelio, & nos mapas comūis que vem da Europa, lançado o rio Indo na ençada de Cambaya (sendo elle o verdadeiro que atráueffa o reino do Cinde, & vem embocar no mar.) E os Guzarates lancados do Indo pera fora, estando elles tanto do Indo pera d'entro. E cuidando donde naceria tamanho erto, nos parece que foi do Roteiro de Nearcho capitão de Alexandre Magno, da viagem que por seu mandado fez pella costa da India a te o rio Eufrates, que Alexandre, segundo cõta Ariano autor Grego, depois de vencer Poro, de ceo a te o mar, onde mandou ordenar hūa armada pera ir descobrir aquella costa, em que mandou por capitão este seu grande privado Nearcho, que diz Ariano que sayo pello rio Indo fora na costa dos Arbios, & como sempre

72  
**QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA**

sempre tinhaõ andado por derredor do Indo, que se diuide em muitos ramos pera diferentes partes, tomando diferentes nomes todos os rios que achauão cuidauão ser o Indo, & por isso diz o Roteiro que saira por elle fora. E como não tinhaõ ainda conhecimento das alturas, & graos da eleuacão do polo Arctico, como depois veio a ter Ptholomeo, fez o Roteiro d'a quella viagem por numero de estadios, & por singraduras, & segũdo sua conta claramente se mostra não sair pello rio Indo fora. E pondo nos nosso juizo, & fazendo nossas coniecturas, conformandonos com o mesmo Roteiro de Nearcho, & cõ a conta dos estadios que nauegou, nos parece que sayo por hum dos rios da encada de Cambaya, mais chegado a Dyo, que he o de Madrefaua. E ainda faz parecer mais certa nossa cõiectura o que diz o mesmo Nearcho, que querendo sair pella boca do rio Indo fora, achara a barra pequena, & de muita penedia, & q̃ fizera hũa fossa pera hũa parte da boca onde auia area, por onde saira ao mar largo. Do que se ve muito claro não sair pello rio Indo, que tirando o Gange, he o mais prospero, & de milhores barras, que todos os da India, & entraõ, & saem por elle fermosissimas naos, & Nearcho não nauegou senão em nauios pequenos de remo. Quanto mais que o Roteiro nos está claramete mos-

trando isto: porque do rio por onde Nearcho sayo a te entrar na Gedrosia, andou pella costa dos Arabios & Oritios, dous mil & seiscientos estadios: que são cem legoas nossas, a oito estadios por milha Italiana & tres milhas & meya por legoa: & diz que chegou ao rio Arbio, onde começauão os Oritios, & se acabauão os Indianos. Do q̃ se ve muito claro, sair com aquella armada do rio Indo pera dentro todo aquele caminho, & antes de se acabarem as terras do Guzarate, que está muito aueriguado feneçerem na ponta de laquete, & todos os que da y pera fora saem, ja se não chamão Guzarates, como nos o aueriguamos com os mesmos naturaes. E continuando com o Roteiro desta viagem diz Nearcho, que passada a prouincia dos Oritios, & entrando pella Gedrosia, lhe ficara o Sol perpendicular, & as sombras se mudauão, como acontecia no tempo do Solsticio na ilha Meroe. Do que se ve começarse esta prouincia hum pouco antes do rio Indo, no rio de Cache, por cima de quem atraueça o tropico. E como era em Agosto, quando fazia esta viagem, & o Sol andaua sobre o tropico de Cancro, ficualhe sobre a cabeça, & achaua differença nas sombras. Esta prouincia Gedrosia, segundo Ptholomeo, sera de cem legoas, por que começa na cidade Rizana, em vinte graos (que nos temos pella mesma de

ma de Cache) & acaba no rio Arbio em vinte graos, em que ha a mesma distancia das cem legoas. E fazer Nearcho esta prouincia de dez mil estadios que são quasi trezentas & cincoenta legoas, deuia de nacer, ou do erro da tradução do Grego em que Ariano escreueo esta jornada, ou do engano da estimatiua: porque como fazia conta as jornadas, dando tantos estadios a cada hũa, & por aquellas paragens sempre a impedimento de agoas de cujo curso Nearcho não tinha noticia, achando as correntes contra si em algũas paragens, cuidauão que andauão auante, & tornauão atras, dando singraduras ordinarias, porq̃ não tinhaõ conhecimento da terra, nem de suas balifas como nos oje temos, por que por toda a costa da India dentro & fora do Indo pellas balifas, & conhecensas sabemos o que nauegamos. E daqui viria Nearcho fazer esta prouincia tanto mayor que a Carmania, sendo tanto mais pequena, como logo adiante mostramos quando particularmente tratarmos de ambas.

E tornando ao Roteiro: depois d'esta armada entrar pella prouincia Gedrosia, andou por ella & pella de Carmania, Persia, Susia, a te chegar ao rio Eufrates, dezoito mil, duzentos, & cincoenta estadios, que são mais de seiscentas legoas nossas, não auendo da boca do rio Indo a te o Eufrates mais

que trezentas & trinta. E querendo os Geographos modernos, Abrahaõ Ortelio, Ioaõ de Cada mosto, Iosepho Moletio, Ieronymo Rusceli, & outros fazer suas tauoas & mapas, indo buscar este rio Indo por onde Nearcho sayo, pella conta dos estadios que andou, así em toda a jornada, como d'antes de chegar a Gedrosia, deraõ cõfigo na ençada de Cambaya, lançando o da ponta de Dyo para dentro, & deixando os Guzarates da banda de fora. Este erro lhes fez confundir o sino Cantincolpus de Ptholomeo com o sino Bragazeno não lançando todos em suas tauoas mais de quatro ençadas da boca do Indo a te o Gange, deitãdo Ptholomeo estes cinco.

Sinus Cantincolpus, em que o rio Indo descarrega com sete bocas, de que a mais Oriental he Lingbare, que elle mete em vinte graos do Norte, & a mais Occidental Sagapa em dezanoue & meyo, a que Plinio chama Sando, ou que seja corrupto de Cinde, ou que elle seja de Sando.

A segunda ençada he sino Bragazeno, em que mete algũs rios, & os principaes são Gaotis & Rende em dezaseis graos, que parecem os de Baroche & Surrate, a quem os naturaes chamão Narbenda & Tapeti, que estão hum do outro na mesma distancia em que Ptholomeo os poem.

A terceira ençada he Sinus Cclchicus,

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

remedio muito a mão, & muito certo pera tornar a cobrar seu reino, que era o fauor, & ajuda dos Portugueses, que cõ lhes dar fortaleza n'aquella ilha, que era o que o Governador da India, tantos annos auia que pretendia: & que cõ oster nella, podia quietarse, & não recear o inimigo: & que tanto que seus vassallos ouuissẽm, que se preparaua pera tonar a cobrar seu reino, & que os Portugueses o fauoreciaõ, estaua muito certo acodiremlhe todos. E que pello contrario, vendoo embarcar, entregariaõ liberalmente o reino aos inimigos, & ficaria o Imperio do Guzarate (que tantos annos foi senhor supremo.) debaixo de jugo alheio. Com estas & com outras muitas cousas que lhes disseraõ, cobrou algum alento, & começou a respirar. E vendo que o aconselhauaõ bem, como era mau, não deixou logo de conceber em seu animo, que posto que por entaõ concedesse fortaleza em Dyo: tanto que tornasse a cobrar seu estado, todas as vezes que quisesse lha tornaria a tomar. E mudando parecer, como foi tempo despedio as naos que estauaõ de verga dalto, & fez dellas capitaõ hum mouro muito seu aceito chamado Cafarcan, a quem entregou seus thesouros, & sua molher, dandolhe por regimento, que se não partisse de Iuda a te não ver recado seu. A tençaõ do Badur mandar estes thesouros, &

a molher foi, não lhe sair de todo o medo, & a descõfiança de poder tornara cobrar seu estado: porque quãdo de todo em todo a fortuna nisso o quisesse perseguir, a y lhe ficaua entaõ lugar pera fazer a jornada que pretendia, & passarse a Meca ainda que fosse em trajos mudados, pera o que queria later todzs aquellas cousas. Despachadas estas naos, despedio logo por Embaixador Xacoes, que era ja conhecido do Governador com cartas pera elle, & procuraçoẽs bastantes, pera lhe poder offerecer hũa fortaleza na ilha de Dyo, pedindolhe que logo se fosse pera elle, com todo o poder que tiuesse junto. Dandolhe por regimento, que passasse por Chaul, onde estaua Martim Afonso de Sousa, capitaõ mor do mar da India inuernando, & lhe desse cartas que lhe escreuio, em que lhe dizia, que logo sem fazer dilaçaõ se fosse pera Dyo, porque importaua assi ao seruiço d'elRey de Portugal. Xacoes partio logo em hum nauio muito ligeiro, & em tres dias chegou a Chaul, & se vio com Martim Afonso de Sousa, & lhe deu as cartas de Soltaõ Badur, & seu recado, com que se aluoroçou muito: & porque tinha toda a armada vada por ser ainda entrada de Setembro, embarcouse logo em quatro nauios ligeiros, cõ muitos fidalgos & caualeiros, & deu a vela pera Dyo: escreuendo ao Governador pello

pello mesmo Embaixador a jornada que fazia, deixando em Chaul ordê, pera logo ir apos elle toda a armada, que o capitão de Chaul com muita pressa fez lançar ao mar, & embarcandose seus capitães o foraõ seguindo. Martim Afonso de Sousa atraueffou o golfo, & foi ferrar a outra costa, & demádou a barra de Dyo, & entrou por ella muito embandeirado saluádo a cidade, & foi sorgir defrôte dos paços d'el Rey, que estauaõ hũ pouco acima, donde oje esta a Alfandega: & logo desembarcou acompanhado de todos os que com elle foraõ, & entrou na casa d'el Rey, que o mandou receber pellos seus grandes, & chegando a elle se lhe humilhou, mandandolhe dizer que era ali vindo pera o servir: & que por acodir a seu chamado deixara toda a sua armada, que logo chegaria, cõ que elle estava muito prestes pera o servir em tudo o que lhe mandasse: que quanto aos Magores, que bẽ se podia segurar, por que em quanto ali estiuessẽ os Portugueses, elles naõ chegariaõ a vista d'aquella ilha, & que o Governador naõ tardaria muito, & que entãõ se faria tudo o que elle mandasse. Soltaõ Badur o recebeu honradamente, & lhe agradeceo seus offercimentos, & lhe disse que elle estava prestes pera dar ao Governador o lugar que quisesse na ilha, & que pera isto o mãdara chamar, que entre tanto visse elle on-

de se queria agasalhar que o fizesse, & que se lhe daria tudo o necessario. Martim Afonso escolheo a põta de sobre a barra onde estava hũ baluarte, & ali esteue a te chegar a sua armada que era de quarta nauios. E desembarcãdo toda a gente pos estancias em terra, & aruorou suas bandciras, & começou a correr com o seruiço de Soltaõ Badur, mandando rodear a ilha pellos catures, pera defenderẽ os passos, se os Magores os viessem cometer, do q̃ elles naõ tratavaõ, porque andauãõ espalhados pello reino a roubar, & algũs regulos rebutos, por remirẽ suas vidas & estados se foraõ pera o Magor, & se fizeraõ seus vassallos, mas outros q̃ viuiaõ em serras, & passos estreitos, fortificaraõse nellas, & se defenderãõ, & todos os mais foraõ destruidos dos Magores, & os q̃ podiaõ escapar de suas mãõs, vinhaõ fogindo pera Dyo, aonde estava Soltaõ Badur, cuidãdo q̃ se segurauaõ: porq̃ na verdade, naõ ha cousa q̃ mais anime os vassallos, que a presença do seu Rey, quãdo elle naõ he taõ fraco & acouardado, como este barbaro: q̃ nisto passou tanto os limites da natureza, que nẽ cõ quantas segurãças o capitãõ mor lhe daua, & por muito que trabalhaua pello animar, nada bastaua: porque como cada dia vinhaõ os pobres & miseraueis fogindo de todas as partes pera aquella ilha, atroando o mũdo com as cruexas

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

remedio muito a mão, & muito certo pera tornar a cobrar seu reino, que era o fauor, & ajuda dos Portugueses, que cõ lhes dar fortaleza n'aquella ilha, que era o que o Governador da India, tantos annos auia que pretendia: & que cõ oster nella, podia quietarse, & não recear o inimigo: & que tanto que seus vassallos ouuisssem, que se preparaua pera tonar a cobrar seu reino, & que os Portugueses o fauoreciaõ, estava muito certo acodirem lhe todos. E que pello contrario, vendoo embarcar, entregariaõ liberalmente o reino aos inimigos, & ficaria o Imperio do Guzarate (que tantos annos foi senhor supremo.) debaixo de jugo alheio. Com estas & com outras muitas cousas que lhes disseraõ, cobrou algum alento, & começou a respirar. E vendo que o aconselhauaõ bem, como era mau, não deixou logo de conceber em seu animo, que posto que por entaõ concedesse fortaleza em Dyo: tanto que tornasse a cobrar seu estado, todas as vezes que quisesse lha tornaria a tomar. E mudando parecer, como foi tempo despedio as naos que estauaõ de verga dalto, & fez dellas capitaõ hum mouro muito seu aceito chamado Cafarcan, a quem entregou seus thesouros, & sua molher, dandolhe por regimento, que se não partisse de Iuda a te não ver recado seu. A tençaõ do Badur mandar estes thesouros, &

a molher foi, não lhe sair de todo o medo, & a descõfiança de poder tornara cobrar seu estado: porque quãdo de todo em todo a fortuna nisso o quisesse perseguir, a y lhe ficaua entaõ lugar pera fazer a jornada que pretendia, & passarse a Meca ainda que fosse em trajos mudados, pera o que queria later todas aquellas cousas. Despachadas estas naos, despedio logo por Embaixador Xacoes, que era ja conhecido do Governador com cartas pera elle, & procuraçoës bastantes, pera lhe poder offerecer hũa fortaleza na ilha de Dyo, pedindolhe que logo se fosse pera elle, com todo o poder que tiuesse junto. Dandolhe por regimento, que passasse por Chaul, onde estava Martim Afonso de Sousa, capitaõ mor do mar da India inuernando, & lhe desse cartas que lhe escreuio, em que lhe dizia, que logo sem fazer dilaçaõ se fosse pera Dyo, porque importaua assi ao seruiço d'el Rey de Portugal. Xacoes partio logo em hum nauio muito ligeiro, & em tres dias chegou a Chaul, & se vio com Martim Afonso de Sousa, & lhe deu as cartas de Soltaõ Badur, & seu recado, com que se aluoroçou muito: & porque tinha toda a armada varada por ser ainda entrada de Setembro, embarcou logo em quatro nauios ligeiros, cõ muitos fidalgos & caualeiros, & deu a vela pera Dyo: escreuendo ao Governador pello

pello mesmo Embaixador a jornada que fazia, deixando em Chaul ordẽ, pera logo ir apos elle toda a armada, que o capitaõ de Chaul com muita pressa fez lançar ao mar, & embarcando se seus capitaes o foraõ seguindo. Martim Afonso de Sousa atraueffou o golfo, & foi ferrar a outra costa, & demãdrou a barra de Dyo, & entrou por ella muito embandeirado saluãdo a cidade, & foi sorgir defrõte dos paços d'el Rey, que estauaõ hũ pouco acima, donde oje esta a Alfandega: & logo desembarcou acompanhado de todos os que com elle foraõ, & entrou na casa d'el Rey, que o mandou receber pellos seus grandes, & chegando a elle se lhe humilhou, mandandolhe dizer que era ali vindo pera o servir: & que por acodir a seu chamado deixara toda a sua armada, que logo chegaria, cõ que elle estaua muito prestes pera o servir em tudo o que lhe mandasse: que quanto aos Magores, que bẽ se podia segurar, por que em quanto ali estiuessẽ os Portugueses, elles naõ chegariaõ a vista d'aquella ilha, & que o Gouvernador naõ tardaria muito, & que entãõ se faria tudo o que elle mandasse. Soltaõ Badur o recebeu honradamente, & lhe agradeceo seus offerecimentos, & lhe disse que elle estaua prestes pera dar ao Governador o lugar que quisesse na ilha, & que pera isso o mãdara chamar, que entre tanto visse elle on-

de se queria agasalhar que o fizesse, & que se lhe daria tudo o necessario. Martim Afonso escolheu a põta de sobre a barra onde estaua hũ baluarte, & ali esteue a te chegar a sua armada que era de quarta nauios. E desembarcãdo toda a gente pos estancias em terra, & aruorou suas bandeiras, & começou a correr com o seruiço de Soltraõ Badur, mandando rodear a ilha pellos catures, pera defenderẽ os passos, se os Magores os viessem cometer, do q̃ elles naõ tratauaõ, porque andauãõ espalhados pello reino a roubar, & algũs regulos rebutos, por remirẽ suas vidas & estados se foraõ pera o Magor, & se fizeraõ seus vassallos, mas outros q̃ viuiaõ em serras, & passos estreitos, fortificaraõ se nellas, & se defenderãõ, & todos os mais foraõ destruidos dos Magores, & os q̃ podiaõ escapar de suas maõs, vinhaõ fogindo pera Dyo, aonde estaua Soltraõ Badur, cuidãdo q̃ se segurauã: porq̃ na verdade, naõ ha cousa q̃ mais anime os vassallos, que a presença do seu Rey, quãdo elle naõ he taõ fraco & acouardado, como este barbaro: q̃ nisto passou tanto os limites da natureza, que nẽ cõ quantas segurãças o capitaõ mor lhe daua, & por muito que trabalhaua pello animar, nada bastaua: porque como cada dia vinhaõ os pobres & miseraueis fogindo de todas as partes pera aquella ilha, atroando o mũdo com as cruzas

dos Magores, assi se lhe resfriava o sangue, & lhe corria pellas veas hũ humor frio & malenconico, que quasi perdia o sentimento: & não auia momento que não tiuesse sobrefaltos, & que lhe não parecesse que os Magores eraõ cõ elle.) Quãto pode hũ animo fraco de hũ capitão, que elle só he bastante pera fazer perder tamanhos exercitos como estes que o Badur tinha: que sempre foraõ vencedores, & nũca vencidos. Aqui se comprio bem aquelle dito antigo. Que antes tomariã hum exercito de ouelhas com hum liãõ por Governador, que não hum de liões com hũa ouelha por capitão.

CAPITULO VIII.

*Da armada que este anno de trinta e cinco partio do reino, & de como o Embaixador de Cambaya chegou a Goa, & o Governador Nuno da Cunha mandou com elle Simão Ferreira, pera assentar com o Badur o contrato das pazes, & dos capitulos com que se concluirãõ.*



ARTIDO o Embaixador de Cábaya de Chalul, deose tanta pressa que chegou a Goa em tres dias, & sendo o Governador avisado de sua vinda, o mãdou receber mũy honradamente por algũas

Galés, & sendo trazido diante d'el le o recebeu mũy bem, & vio as cartas d'el Rey & do capitão mor, de que soube tudo o que era passado. O Embaixador lhe disse de pãlaura que el Rey seu senhor ficaria em Dyo, muito aluroçado esperãdo por elle, porque desejava mui-to sua amizade, & de lhe dar forreleza naquella ilha, pela mœrliança della: que lhe rogava & pedia, que sem fazer detença algũa fosse ter com elle, por que compria assi a seruiço d'el Rey de Portugal. O Governador lhe agradeceo aquella vontade que el Rey tinha, & fez ao Embaixador muitos compri-metos, mãdandoo agasalhar mũy bem. E vendo que aquillo não era negocio pera se dissimular, despedio logo o Embaixador, & com elle Simão Ferreira com poderes bastantes pera o capitão mor Martin Afonso de Sousa, com elle, assentarẽ & confirmarẽ de nouo pazes, dãdolhe algũas instrucçoẽs, & apontametos, dizendolhe que em Baçaim esperava por resposta sua: porque logo partia apos elles. Escreuendo a Soltaõ Badur grandes agradecimentos d'aquella merce, & que se ficava embarcando com muita pressa pera o ir seruir; & que entre tanto lhe mandava o Secretario, pera com o capitão mor assentarem com elle as cousas que cõpriaõ a segurança da paz & amizade, que ja em seu animo ficava firme & segura. E ao Embaixador fez

fez o Governador muitas mercês, & deu muitas peças, & de sua jornada a diante daremos rezão. O Governador mandou logo com muita pressa negociar Galeoês, & Gales, Tauris, & Cotias, pera leuarem pedreiros, cauouqueiros, seruidores, ferramêta, & mais petrechos necessarios pera a obra da fortaleza, de que mandou ajuntar grande copia pellas tanadarias de Goa. Poucos dias depois do Embaixador partido, chegaram a barra de Goa as naos que este Marco passado de trinta & cinco tinhaõ partido do reino, q̄ eraõ sete, de que era capitão mor Fernão Perez D'andrade, & os outros Martim de Freitas, Thome de Sousa, Iorge Mascarenhas, Luis Alvarez, Fernão Camelo, & Fernão de Moraes. Estas naos mandou el Rey cheas de muita & boa gente, & com muito dinheiro & cabedal: sem embargo de outra muito grãde que em Portugal ordenaua, pera mãdar de socorro ao Emperador seu cunhado, q̄ se fazia prestes pera ir restituir a seu reino el Rey Muça Azei, Tunes, por lho ter tomado Barbaroxa. E o Iffante dõ Luis desejóso de o acõpanhar nesta jornada partito fugido, & afforrado pella posta. El Rey seu irmão depois q̄ o soube, mãdoulhe hũa grãde armada, de q̄ foi por capitão mor Antonio de Saldanha: & daua Deos naquella tẽpo dinheiro pera todas estas despezas, não rendendo a India a

metade do q̄ depois veio a rãder: & chegou o reino cõ isto a estado, que escassamente podia armar quatro naos, pera esta carreira. Cõ a chegada d'esta armada, se embarcou o Governador deixando encarregadas as cousas ao capitão da cidade dom Ioaõ Pereira, com ordem pera despedir as naos, pera irem tomar a carga a Cochim, por que elle auia de despedir de Dyo as vias. Leuou o Governador cem nauios grossos & meudos, em que ya embarcada muita & mũy lustrosa gente, & todas as cousas que lhe pareceraõ necessarias pera a fabrica da fortaleza: deixando ordem pera se lhe mandar ainda mais, que se ficauão fazendo & negociando. Dada a vela com esta frota, foi seguindo sua jornada, em que o deixaremos, por q̄ he necessario continuar com Simão Ferreira. Que tanto que partio de Goa, em companhia do Embaixador do Soltaõ Badur tanta pressa se deu, que antes de quinze de Setembro chegou a Dyo Simão Ferreira se desembarcou na estancia do capitão mor, & lhe deu as cartas do Governador, instrucçoês & procuraçoês que leuaua. O Embaixador foi dar cõta a el Rey da jornada, & da vinda de Simão Ferreira, a que elle logo mandou buscar pello mesmo Embaixador, & por todos os grandes de sua casa q̄ o leuaraõ, indo elle acõpanhado de muitos Portugueses.

QVARTA DECADE DA HISTORIA DA INDIA

O Badur o recebeu com muita honra, & elle lhe deu a carta de crença do Governador, alem doutra que lhe escreueo de cumprimentos. El Rey mostrou folgar com aquella pressa, & remeteo todos os negocios a Xacoes, & a Medinarrao capitão da cidade, & a outros officiaes de sua casa; porque todos com o capitão mor capitulassem as pazes: o que logo se fez ajuntando-se na estancia do capitão mor, a ende se apresentaraõ os apontamentos de parte a parte, que vistos & praticados se vieraõ, a concluir na forma seguinte.

Que, el Rey Soltaõ Badur, se obrigaua a dar logo hum lugar n'aquella ilha na ponta de sobre a barra pera se nelle fazer hũa fortaleza, da grandura, & tamanho que o Governador quizesse.

Que, lhe concedia & daua o Baluarte do mar, sem a sua artelhania.

Que, de nouo lhe daua, & confirmaua a cidade de Baçaim com suas terras & jurdição, assi & da maneira que ja pello outro contrato lhe tinha dadas. Estes são os capitulos que o Badur concedeo. Os seus que lhe concederaõ são os seguintes.

Que, todas as naos de Meca, q pello primeiro contrato eraõ obrigadas irem a Baçaim, dali por diã te irião a ilha de Dyo assi com o dantes costumauão, as quaes se lhe não faria força algũa, & que que-

rendo qualquer dellas por sua võ, tade ir a Baçaim, o poderia fazer: & assi o fariaõ todas as naos de todas as mais partes, que nauegariaõ assi a ida, como a vinda, pera onde quisessem liuremente, mas que todos serião obrigadas a tomar saluo conduto dos capitaes d'el Rey de Portugal.

Que, naquella ilha de Dyo; não teria el Rey de Portugal, nenhũas rendas, direitos, nem entradas, nem jurdição algũa sobre seus naturaes: & q lamente possuiria a fortaleza das portas a dentro.

Que, os caualos da Persia & Arabia, que pellos contratos passados eraõ obrigados a ir a Baçaim, dali por diante yrião a Dyo: a onde pagariaõ direitos a el Rey de Portugal segundo o costume de Goa. E que os caualos que se ali não comprassem, poderião seus donos tornar a leuar liuremente pera onde quisessem. E que isso mesmo, todos os caualos que viessem dos portos de Meca serião liures, & não pagariaõ direitos algũs.

Que, el Rey de Portugal, & seus Governadores, não mandariaõ fazer guerra ao estreito do mar roxo, nem nos lugares da costa de Arabia: & que todas as naos d'aquellas partes, nauegariaõ liuremente sem as nossas armadas entenderem com ellas. Mas que auendo armada de Rumes & Turcos, entãõ os pederião ir buscar, & fazer lhes guerra.

Que

Que, os Reys de Portugal, & os de Guzarate, s'eriaõ amigos de amigos, & imigos de imigos. E que o Governador Nuno da Cunha se ria obrigado a ajudar a elle Soltão Badur com todo o seu poder por mar & por terra contra seus imigos.

Estes contratos asinou Soltão Badur, & jurou de guardar & cõprir, perante o capitaõ mor, Simão Ferreira, & capitaes da armada, de que se passaraõ dous instramentos, hum pera ficar em poder dos officiaes do Soltão Badur, & outro pera se leuar ao Governador a Baçaim, a onde auia de esperar por recado. Soltão Badur despedio logo o Embaixador Xacoès com o tressado dos capitulos, & lhe escreueo elle, & o capitaõ mor, pedindolhe que logo se fosse pera Dyo. Chegado Xacoès a Baçaim, ja achou o Governador: & dandolhe as cartas & capitulos os festejou muito. E porque a carta do Badur he sustancial, nos pareceo bem ir aqui junta, que continha o seguinte.

Nomeado do grande Rey, leaõ do mar, das agoas Azuis, Nuno da Cunha, por merce d'el Rey, seu capitaõ mor. Sabereis que o Secretario Simão Ferreira fiel priuado em ambas as partes, & Xacoès filho dourado, vieraõ a mim, & me deraõ a carta que me enuiastes, onde vi, & entendi muy bem vossa vontade & desejo, o que antes

diffo Xacoès me tinha declaradaõ: mas agora por boca de Simão Ferreira me acabei de certeficar da nossa amizade. Pello que o que tantos annos ha que se não pode cõprir, nem vos ouueia de vir as maõs taõ cedo (que he lugar, pera estarem os Portugueses em Dyo) eu vos faço merce d'elle da banda que quiserdes, assi como me mandais pedir com todas as condiçoès que Simão Ferreira por virtude da vossa procuraçaõ outorgou, como sabereis por sua carta & por palavra de Xacoès que la vai. Agora he necessario, que tanto que esta vos for dada, sem dilacaõ algũa vos venhaes com Xacoès. Eu tinha escrito ao capitaõ mor que se viesse pera mim, & tanto que vio meu mandado, logo se veyõ a minha casa, cõ o q eu folguei muito & o detive pera me seruir. Feita em Dyo a vinte & oito de Setembro. O Governador tanto que vio os capitulos & contratos, largado tudo embarcouse com muita pressa, & atrauessando aquelle golfo, foi surgir aos dez dias de Outubro na barra de Dyo, a onde logo foi visitado da parte do Soltão Badur, pedindolhe que desembarcasse em terra, que lhe darião lugar pera se aposentar com toda sua gente. O Governador lhe respondeo, que logo lhe iria bejar as maõs, & seruilho em tudo, porque pera isso era ali vindo. Martim Afonso de Sousa logo se vio com o Governador, & lhe

& lhe deu conta do estado em que as cousas estauão, & chamando todos capitães & fidalgos velhos a conselho tratou com elles sobre o modo que teria nas vistas com Soltaõ Badur. E por todos foi assentado, que agora que elle estaua quebrado, & em estado que se valia d'elle que o fosse visitar a sua casa, sem outros pontos nem ceremonias, porque taõbem elle estaua em cama mal desposto, & que agora ja se viaõ como amigos. Cõcluido isto mãdou o Governador recado por toda a armada, pera que todos se preparassem o mais custosamente que podessem pera o dia da desembarcaçãõ.

CAPITULO IX.

*De como o Governador Nuno da Cunha se vio com Soltaõ Badur, & de nouo confirmaraõ as pazes, & se comecou a fortaleza, & de alguns soccorros que o Governador deu ao Soltaõ Badur contra os Magores.*



O terceiro dia da chegada do Governador, em que tinha ordenado verse com elRey, passando toda a gente aos nauios de remo com a enchente da marè foi entrando pera dentro, porque a te entaõ estue de fora do baluarte no pouso

das naos. Yaõ os nauios fermosamente toldados, & embandeirados de sedas de cores, rangendo muitos instrumentos, a te defronte das casas d'elRey onde forgio, & saluou com toda a artelharria, & o mesmo fizeraõ os Galeões de fora, dando hũa mûy soberba & fermosa mostra. O Governador mudouse da Galè em que ya, a hum Bargantim toldado de borcado, & fermosamente embandeirado, & foise entretendo a te todos os nauios porem os proizes em terra, de longo da praya, de frente dos paços d'elRey: tendo o Governador dado ordem a todos, pera que estiuesssem prestes & armados, pera tudo o que socedesse. Depois de todos os nauios terem chegado a terra, foi o Governador passando por entre elles, que o foraõ saluando por ordem, & pondo a proa de frente dos paços, desembarcou, acompanhado do capitão mor, de Garcia de Sa, Pero de Faria, Fernão Rodriguez de Castel branco Ouuidor geral, & de Ioão da Costa Trauaços, que aquelle anno chegara de Portugal prouido do cargo de Secretario. A borda da agoa achou o Governador a Xacoes, & a Medinarraõ capitão da cidade, & com elles Alucan, Cegeçofar, Zengircan, & outros capitães que o esperauão por ordem d'elRey, a quem o Governador fez muitos galalhados, porque lhes deu Xacoes a conhecer: & assi acompanhado

nhado de hum grande tropel entrou em casa d'elRey. Ya o Governador vestido a Espanhola. Calças inteiras ricas, çapatos de veludo, sayo preto a te os giolhos aberto, com mangas cortadas, tomados os golpes com pontas & botões de pedraria, & os braços tirados pellos golpes do sayo, & por detrás hũa coura de seda rica guarrecida douro, aos hombros hum rico collar esmaltado, na cabeça gorra com plumas, & medalha, espada, adaga, & talabartes douro, & na mão hum bastão, assi & da propria maneira que oje está retratado na casa dos Governadores. E como era hum dos grandes & fermosos homés de Portugal, em pondo os olhos n'elle, quem o não conhecera, logo o julgara por quem era & certo que em tudo parecia dino do cargo que representava. Ao entrar da camara em que elRey estava, o não fez có elle mais que Xacoes, & os lingoas, Marcos Fernandez, & Cojepercoli, & fidalgos, Martim Afonso de Sousa, Garcia de Sa, Pero de Faria, Ouvidor geral, & Secretario. A casa em que elRey estava, era cuberta de alcatisas ricas por baixo, & as paredes de panos douro & seda. Iazia elRey em hũa camilha muito rica, vestido em hũa cabaya muito fina, & com hũa touca branca na cabeça, & nos dedos aneis muito ricos: O Governador foi entrando pella casa com grande continencia, re-

pouso, & grauidade, & antes de chegar hũ pouco a cama d'elRey, tirou a gorra, & lhe fez mesura, ao modo Portugues, elRey se sospendeu todo da cama, & o agasalhou com hum repouso alegre & gracioso. Algũas pessoas dizem, que o mandou assentar: outros nos affirmaraõ que lhe falara de pe, & que logo o despedira: mas as palauras pontuaes que lhe elRey disse foraõ estas. Venhaes embora liaõ do mar, folgo de vos ver, cousa que muito desejava. Como vindes do caminho? O Governador fazende lhe sua cortezia, lhe mandou responder pella lingua, que vinha mũy bem pera seruir a sua Alteza como amigo que era d'elRey de Portugal seu senhor; pera o que estava prestes com todo o poder que na India tinha. ElRey mostrou folgar muito com aquelles cumprimentos, & lhe disse: que fosse repousar, que Xacoes, & Medinarraõ correriaõ com elle em todas as cousas que fossem necessarias, por que pera tudo lhes tinha dado seus poderes. O Governador se despedio d'elle, & se tornou a embarcar, acompanhando a te a praya todos os da casa d'elRey, & leuando ancora foi sorgir com toda a armada defronte da ponta onde estava o capitaõ mor. Ao dia seguinte desembarcou & mandou armar suas tendas, & logo foraõ a elle Xacoes & Medinarraõ, & começaraõ a tratar os negocios, & de nõ-

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

no tornaraõ a renouar as capitulaçoẽs, & se juraraõ as pazes aos vinte & cinco dias do mes de Outubro, assi por elRey a seu modo, como pello Governador: o que se fez com a mor solenidade, pompa, & maiestade que podia ser, com muito gosto (segundo entaõ parecia) d'elRey, que na verdade o naõ tinha, como depois mostrou. E logo o Governador correo com Medinaarraõ, Xacoẽs, & mais officiaes d'elRey, que foraõ ver & marcar o lugar pera a fortaleza, que o Governador escolheo a sua vontade, & lhe pos seus marcos & balizas, de que foi logo metido de posse pello officiaes d'elRey, & assi do baluarte do mar tirando lhe primeiro a artelharia que dentro tinha conforme ao contrato. Esta posse se celebrou com grande aparato, & instrumentos de alegria: & de tudo se fizeraõ autos & papeis, assinados por elRey & por seus officiaes, que deuem destar na torre do tombo do reino, porque na India naõ ha mais que algũas lembranças em algũs liuros velhos, de regimentos d'aquella fortaleza, dõ de nos tiramos a substancia. Feito isto mãdou o Governador desembarcar as ccusas necessarias pera a fortaleza, & toda a gente Canarim que de Goa trouxe, assi de armas, como de officiaes, que se aposentaraõ em hũa parte da ilha separada, que de seu nome se ficou chamando Canarim Vara, que em sua

lingoa quer dizer, poucação dos Canarins. E os officiaes d'elRey mandaraõ trazer das aldeas vizinhas hũa grande copia de cauouqueiros & pedreiros, com que logo mandou o Governador por maõs a obra dos alicesses, dando elle as primeiras enxadadas ao som de muitos istrumentos, festas, & alegrias. Foraõ se abrindo os alicesses de mar a mar cõ tanta pressa, que quando foi aos vinte & hũdo mes de Dezembro (dia do bemaventurado Apostolo saõ Thome, padroeiro da India) lançou o Governador com sua maõ a primeira pedra do baluarte, a que se deu o nome do santo, o que se fez com grande solennidade de prelados uestidos, que como he costume a benzeraõ. Começou se com muita pressa a por as maõs a obra, sendo os primeiros que apegauão das pedriolas, & dos cestos de cal, os fidalgos & capitaẽs, achando se sempre o Governador presente a tudo, & festejando se tanto a obra da parte dos naturaes como da nossa, andãdo sempre o Governador com a maõ na bolsa, dando aos pobres & miseraueis que trabalhauão, & fazendo merces a muitos outros, com o que acodiaõ tantos que sobejauõ. A hum fidalgo honrado d'aquelle tempo ouvimos dizer, que vendo Nuno da Cunha o sitio da fortaleza, & a pressa cõ que se fazia, olhando pera certos fidalgos que estauão junto d'elle, lhes differa.

differe. Vedes vos senhores esta for-  
 taleza, que com tanto aluoroço se  
 faz, sabej que ainda ade ser sepul-  
 tura de muitos Portugueses: & pra-  
 za a Deos que se tenha comprido  
 esta profecia nos que morreraõ na  
 quelles dous espátosos cercos que  
 adiante tratamos na quinta & sex-  
 ta decada. Indo a obra crescendo,  
 naõ deixauão de acodir a Dyo os  
 rebates dos Magores, que ainda an-  
 dauaõ pellas terras do reino de  
 Cambaya a sua vótade, & naquel  
 les dias chegou hũ Catur de Baro-  
 che com cartas d'aquelle capitaõ,  
 em que pedia a elRey o soccorref-  
 se, porque tinha por nouas que os  
 Magores determinauaõ de ir co-  
 meter aquella cidade, pera o que  
 elle se quis valer do Governador,  
 & lhe mandou pedir algum capi-  
 taõ com soldados pera se irem me-  
 ter nella, & fauorecerem os seus,  
 porque com verem Portugueses,  
 se animariaõ todos a se defende-  
 rem. O Governador encomendou  
 aquelle negocio a Manoel de Ma-  
 cedo, aquem deu dous nauios com  
 setenta Portugueses: mandando  
 Soltaõ Badur em sua companhia  
 hum capitaõ seu com quinhentos  
 homês em outros nauios. E fazen-  
 dose a vela chegaraõ a Baroche, &  
 Manoel de Macedo se foi meter  
 na cidade, & com o capitaõ d'ella  
 andou vendo os muros & baluar-  
 tes, prouendoos de gente & capi-  
 taês, & renouãdo algũas partes ro-  
 tas & danificadas: deixandose elle

ficar de fora com os seus soldados  
 pera acodir onde fosse necessario,  
 animando, & esforçando os natu-  
 raes pellos ver acouardados & a-  
 temorizados, das cousas que cada  
 dia ouuião dos Magores. Hamau  
 Paxa, que andaua ja senhor de to-  
 do o Imperio Guzarate, estaua na  
 cidade de Amadaba, & dali despe-  
 dio seu irmão Ascan Mirza, com  
 dez mil caualos pera ir dar na cida-  
 de de Berodora & Baroche, que e-  
 raõ grandes & ricas. Este pello ca-  
 minho foi destruindo todas as vil-  
 las & lugares, a te chegar a cidade  
 de Berodora, que era riquissima,  
 em que se fazem as mais finas rou-  
 pas de cores, & capas pera as col-  
 chas, de todo o Guzarate. Esta ci-  
 dade tanto que teue nouas de sua  
 vinda, se lhe despejou por ser toda  
 de Gentios mecanicos: & entran-  
 doa os Magores sem resistencia a  
 saquearaõ & roubaraõ, destruindo  
 & assolando seus edeficios, que  
 eraõ muitos, mũy grandes, & sum-  
 ptuosos. Depois de fartos de rou-  
 bos & cruezas, foraõ caminhando  
 pera Baroche, leuando diante de  
 si muita gente que lhe ya fugindo,  
 que deu nouas em Baroche, como  
 os Magores vinhaõ apos elles. Isto  
 meteo tamanho medo nos natu-  
 raes, que sem esperarem ver o rosto  
 aos imigos largando tudo começa-  
 raõ a fogir, & a desemparrar a cida-  
 de, que era cercada a roda de mu-  
 ros & baluartes, & por nenhum ca-  
 so os Magores os podiaõ entrar, se  
 ouesse

ouesse qualquer defenſaõ. Manoel de Macedo vendo aquelle medo & defatino, tanto nos grandes como nos pequenos, acodio com muita preſſa a os deter, eſforçandoos & animandoos, & perſuadindoos a lhe ajudarem a defender ſua cidade, que elle cõ os Portugueſes que tinha a defenderiaõ a te morrerem todos: & que era pouquidade & couardia de animo fogirem ſem verem de que: que eſperaffem os inimigos, & que quando viſſem que elle os naõ rebatia & aſtaua, dos muros d'aquella cidade, que entraõ fizeffem de ſi o que lhes miſhor viesſe: dando lhes muitas rezoẽs pera naõ auerẽ de recear os Magores, & que de hum dia pera o outro teriaõ muitos ſoccorros do Governador. Mas como o medo tinha ja entrando em ſeus coraçõs, nenhũa d'eſtas couſas os quietou, antes deſordenadamente ſe foraõ da cidade largandoa, & deixandoa deſerta, aſi os moradores, como o capitaõ & gente que eſ Rey mandou em ſua companhia. Vendo Manoel de Macedo aquelle defatino, deixou ſe ficar na cidade a te apparecerem os inimigos. E naõ ſendo poſſivel defendela, por ter mais de hũa legoa em roda, tambem ſe embarcou em ſeus nauios, & ſe fez a vela pera Dyo: & deu conta ao Governador de tudo o que paſſou, & elle lhe teue muito a bem o que fez.

CAPITVLO X

*De como Haman Paxa Rey dos Magores ſe recolheo pera ſeus reinos, por lhe entrar por elles hum Rey dos Patanes, & de como Soltaõ Badur o foi ſeguindo, indo em ſua companhia Martim Aſonſo de Souſa, & do que lhe na jornada acontuceo.*



Ao Governador Nuno da Cunha continuando na obra da fortaleza com tãta preſſa, que aos noue

dias de Feuereiro, dia de ſanta Apolonia eſtana ja toda em roda na altura do andar das ameas, & no meſmo tempo ſe acabou a caua porq̃ pella multiplicação dos trabalhadores ſe repartiraõ os baluartes de feição, q̃ quando ſe acabou hũ, a cabaraõ todos. Soltaõ Badur trazia grandes eſpias ſobre eſ inimigos, & cada dia era auifaado do que faziaõ, & perto dos quinze dias de Feuereiro, teue rebate que os Magores ſe recolhiaõ pera ſuas terras mũy apreſſados, por lhe virem nouas que os Patanes vinhaõ ſobre ellas. Com eſtas nouas reſe legou o Badur, & começou a fazer preparamentos, & ajuntar a gente de cavallo, que eſtaua recolhida pellas aldeas

aldeas da outra banda, pera ir apos os inimigos, mandando diãte algũs capitaes, pera que fossem ajuntando toda a gente que podessem, como fizeraõ. Elle se pos em campo com dez mil de caualo, que eraõ os ordinarios, & que o seguiaõ sempre: & mandou pedir ao Governador que lhe desse Martim Afonso de Scusa com mil Portugueses, pera o acompanhar n'esta jornada. O Governador vendo que pello contrato das pazes estava obrigado a lhe dar todo o fauor & ajuda que lhe pedisse, & por outra parte entendendo, que se lhe concedesse o que pedia, punha toda aquella gente, a muito grãde risco & perigo: por que não sabia se aquella retirada dos Magores seria inuençaõ & ardil de guerra, pera ver se podia auer as maõs o Badur: porque sendo assi, & voltando os inimigos, estava muito certa sua perdiçaõ, por sua grande couardia, & que os Portugueses auiaõ de ficar todos na cilada, porque não auiaõ de fogir. E praticãdo todas estas cousas em conselho com os capitaes & fidalgos velhos, lhes pedio seu parecer. Mas primeiro que falassem, como Martim Afonso precedia a todos por capitão mor do mar, leuantouse em pe, disse, que elle estava prestes pera n'aquelle negocio arriscar a vida, honra, & liberdade: porque menos era perder tudo isto, que hũa tamanha occa-

siaõ de mostrar a lealdade, & valor Portugues, & ganhar n'aquella jornada hũa tamanha honra, & que quanto mayor fosse o perigo, tanto mayor era o desejo que tinha de se ver n'elle. Quanto mais que nada se arriscaua, em seguir homens que ja por si yão desbaratados & desmandados, acodindo a suas terras: que lhe fizesse merce concederlhe aquella jornada, porque negando-lha, mayor risco corria a fama do nome Portugues que sua vida, & mais estando taõ obrigado pello contrato das pazes que tinha juradas, de lhe dar todo fauor & ajuda necessaria, pera tornar a cobrar seus reinos, & que por cima de tudo, só pella confiança que aquelle Rey atribulado tinha nos Portugueses, se lhe auia de conceder o q̃ pedia. O Governador lhe louuou aquelle zelo & vontade, com que se offerencia pera aquella jornada, assi por seruiço do seu Rey, como por honra de sua naçaõ, & assi lhe concedeo, assinandolhe quinhentos homens, o que lhe elle teue em merce. E logo lhe acodiraõ a se lhe offerecerẽ os milhores & mais lustrosos de toda a armada. Soltaõ Badur estimou muito aquelle soccorro, por que lhe foi Martim Afonso dar mostra com a sua gente, que foi hũa cousa fermosissima de ver: & mandou dar caualos a todas as pessoas q̃ os quiseraõ, & todas as mais cousas necessarias.

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

ElRey passouse logo a outra banda, & começou a marchar, leuando sempre apar de si Martim Afonso com todos os Portugueses, que tomou pera goarda de sua pessoa. Os fidalgos & pessoas principaes que foraõ n'esta jornada, erão Manoel de Sousa primo com irmão de Martim Afonso de Sousa, Fernão de Sousa de Tauora, Francisco de Sá dos oculos, dom Diogo d'Almeida Freire, Martim Correia da Sylua, Manoel de Sousa de Sepulueda, Antonio Moniz Barreto, & hũ foão Freire que era prouido da capitania de Cananor, & outros. ElRey foi caminhando apressadamente, & antes de chegar a cidade de Amadaba, teue rebate q̄ os inimigos tornauão a voltar, & a pos o recado começou a vir o tropel das gētes das aldeas q̄ vinhão fugindo. Soltão Badur ficou tão sobressaltado, q̄ perdido o animo pergūteu a Martim Afonso de Sousa q̄ faria, (que como estaua fora do medo q̄ elle tinha, & naturalmēte era resolutu, & de grãde conselho) disse, que se recolhesse a hũ monte grãde que estaua no cabo do cãpo em que elles estauão (pera onde vio recolher toda aquella gēte que vinha fogindo, que estaua todo cuberto della) & que ali no cumedelle posse as insignias reaes, porque vendoas os inimigos, & cuidando que toda aquella gente era de guerra, estaua certo naõ o ousarẽ a cometer. E posto que o quisẽ

sem fazer, o monte era grande, & accomodado pera se defenderẽ nelle, & que se segurasse, porque elle & todos os Portugueses o defendiaõ ao mundo todo, & que primeiro auião de morrer diante d'elle, por defensãõ de sua pessoa, que seũs propios naturaes. O Badur pa rececolhe bẽ aquelle conselho, que tandose cõ ver o animo & segurança de Martim Afonso de Sousa, & toise recolhẽdo pera o monte sempre no meyo dos nossos, & ainda naõ era bem em cima, quando arrebetou pello cãpo Ascari. Mirza irmão do Rey dos Magores, cõ oito mil de caualo escolhidos, que se vinha recolhendo de Baroche, por elRey seu irmão lhe ter mandado recado que se recolhesse, & ficasse com aquella gente na sua retaguarda, como o ya fazendo. E estando na cidade de Amadaba teue aniso de como Soltão Badur ya apos elle com pouco poder pello que tornou a voltar, por ver se o podia colher. E tanto que chegou aquelle campo, que vio a multidãõ de gēte sobre o monte, conhecendo as insignias reaes, cuidando (como Martim Afonso de Sousa disse) que toda era de guerra, foi dando vista pello pé do monte, & cingindo o cãpo desapareceo delle. Martim Afonso de Sousa cõtra vòta de d'elRey, cõ esses poucos de caualo de sua cõpanhia deceo abaixo pera tomar vista dos inimigos, & os vio entrar por algũas aldeas aque

aque derão fogo: & vendo que não podia remediar aquelles danos por não ter gēte, tornou-se a recolher muito pezaroso de lhe não poder dar hum toque. O Badur ficou ali toda aquella noite, cō grandes vigias, deitando espias a pos os Magores, & ao outro dia soube se rē recolhidos. E receandose de outras cilladas tratou de se recolher a Dyo, mandando algũs capitaes cō caualos ligeiros pera seguirẽ os inimigos a te de todo os lançarẽ fora do reino. El Rey chegou a Dyo muito contente dos nosos, & fez

a todos muitas merces; & entre tantos males hũ so bem tinha, que era ser muito liberal, & grandioso: & tanto, que se affirma, que visitadoo Martim Afonso de Sousa dia de Reys, lhe dera elle peças d'ouro & pedraria, que valiaõ vinte mil cruzados, porque lhe disse Ioão de Santiago, que naquelle dia se costumauão a dar Reys. Assi deixaremos agora estas cousas, por darmos a conhecer os Magores, em que a te gora falamos, porq̃ he assi necessario pera a historia.

## LIVRO X. DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITVLO I.

*Da origem & principio dos Magores  
& Tartaros, & prouincias que possuirão,  
& do tempo em que receberam a ley de Christo, & de como entre elles se constituyto a dinidade do Preste loão, que chamaõ das Indias.  
E de como se trespassou no Emperador da Ethyopia,*



A que a te gora tratamos dos Magores, (de que muitas vezes auemos de falar) rezaõ sera que os demos a conhecer ao mundo, & mostremos donde tiueraõ principio, & origẽ: porque nos não lēbra termos visto escritura algũa, que nos desse verdadeiro conhecimento d'estes barbaros, posto que cōsumamente muitos autores escreuessem d'elles, auēdoos por Tartaros,

QUARTA DEGADA DA HISTORIA DA INDIA

o que tudo logo apótaremos, & tra-  
remos a verdade a luz, porque a ti-  
ramos de suas proprias historias, q̄  
em lingua Persica achamos em po-  
der de hũs Embaixadores dos mes-  
mos Magores, que a esta cidade de  
Goa vieraõ. E porque auemos de  
tomar a cousa de lóge, & forçado  
nos auemos de estender, nos deuẽ  
perdoar os litores, posto que isto  
seruira s̄o pera curiosos de antigi-  
dades, que nos deuẽ bem de agar-  
decer o trabalho, que nisto toma-  
mos, por tirar a confusão que a te-  
gora ouue n'estas cousas.

Pello que se ade saber, que nas  
historias Tartaras & Persicas, se a-  
cha procederem estas gentes de  
hum dos netos de Noe, (aque el-  
les chamaõ Noa) filho de Iaphet,  
chamado Turc, que na repartição  
do mundo dizẽ caberlhe esta par-  
te de Asia. Deste Turc não acha-  
mos feito memoria em escritura  
algũa outra: porque nem na sa-  
grada, nem em Iosepho de anti-  
quitatibus, nem em Beroso, nem  
em todos os mais autores que es-  
creueraõ da pouoação do mundo  
depois do diluuiõ, não achamos  
nomeado a Iaphet, mais deities se-  
te filhos, Gomer, Magog, Medir,  
Iauan, Tubal, Moscho, & Tiras:  
que pouoaraõ toda a região que  
jaz do monte Amano, & Tauro a  
te o Tanais. D'estes dizem, que o  
segundo chamado Magog, & pel-  
la ventura, que este seja o Turc,  
formou de si os Magogas aquem

os Gregos chamaõ Scithas. Por  
onde pois daõ as escrituras Tartar-  
ras a este Turc seu principio, & af-  
firmão ser filho de Iaphet, deue ser  
este o mesmo Magog, & pella ven-  
tura que o Turc seja filho d'este,  
que nisto vai pouco. Este Turc,  
entre alguns filhos que teue, o  
mais velho se chamou Acharus,  
que tambem teue muitos filhos,  
& o maior foi Huncha, d'estes na-  
ceraõ outros, o primeiro foi Deba-  
cu, este gerou a Cuiue, com ou-  
tros irmãos de Cuiue naceo Alan-  
gim, & outros filhos, porque elles  
não fazem menção mais que dos  
primogenitos, q̄ ficauaõ antre elles  
como cabeças & juizes dos mais.  
Este Alangim teue muitos filhos,  
& os dous primeiros se chamaraõ  
Tartar & Mongal, estes sendo ho-  
mẽs (por auer ja grande multipli-  
cação, & hum grande numero de  
homẽs & molheres, diuididos em  
tribus, gouernados & regidos pel-  
los irmãos mais velhos) trataraõ  
de se diuidirẽ & apartarẽ: assi por-  
que a parte em q̄ viuiãõ os não po-  
dia sustentar ja a todos, como por-  
que entrava ja cõ elles a cobica de  
reinar. E assi o Tartar mais velho,  
escolheo aquella parte debaixo do  
Norte, que jaz de sesenta & seis  
graos pera cima fora do Imaõ, a  
que Ptholomeo chama Scithia. E  
porque a te entraõ nenhũa terra  
d'aquellas tinha nome proprio,  
nem auia cidades, nem pouoaçõs  
por viuerem debaixo das Lapas,  
pos

pos o Tartar aquella parte que escolheo Tartaria. O segūdo irmão Mongal, foi decendo pera baixo com sua familia, & com muitos tribus que o quiserão seguir, & foi parar do Imao pera dentro, de setenta graos pera baixo, & parecendo-lhe a terra bem, deixou-se ficar nella, pondo nome a toda aquella prouincia Mongalia, & por tempos todos os seus pouoadores d'ella se chamaraõ Mongales, que he o seu verdadeiro nome, & naõ Magores, como corruptamēte lhe chamamos. E socedendolhes os filhos mais velhos no gouerno vierão a formar pouoaçoēs, & diuidir toda aquella parte em prouincias, como ade Sanchion, Saccuir, Campion, Georza, Bargu, Carcorim, Tangut, & outras: que todas tomaraõ o nome de seus pouoadores, ficando chamando Mongalia. Desta prouincia nos deraõ confusamente conhecimēto os padres Frei Oderico de Friuoli da ordem dos Menores, que faleceo nos annos de mil, trezentos, trinta & hū; santo & fazendo milagres: & o padre Frey Anselmo Dominico, que nos de mil, duzentos, quarenta & sete, o Papa Innocencio quarto, mandou por Embaixadores ao graõ Caõ, senhor do Cathayo, q̄ era Christaõ (como o refere Marco Polo Veneto no seu Itinerario.) que naõ fazendo differenças d'estas prouincias, Tartaria & Mongalia, as fazem ambas hūa, como

se ve no primeiro capitulo do seu Itinerario, que d'aquella jornada fizeraõ, que anda junto ao de Marco Polo: onde dizem, acharse nas partes do Oriente hūa prouincia chamada Mongal ou Tartaria; & que estaua situada naquella parte que o Oriente se ajunta com o Aquilon: & que não tinha cidades, nem villas, ainda que somēte hūa chamada Corcorim. Abifalda Ismael, que foi hum senhor da Suria grande Cosmographo (que correo nos annos de Mafamede, sete centos & quinze, que saõ de nossa redempçaõ, mil, trezentos & oito) na descripçaõ que faz da prouincia da China, diz, que da parte do Ponēte té a India do meyo dia o mar Indico, do leuante o mar Oriental, & da Tramontana, as prouincias de Magog. Mustero na sua Cosmographia, diz no seu quinto liuro, que Mongalia & Tartaria, saõ hūa mesma prouincia. Marco Polo Veneto, no segūdo liuro do seu Itinerario, fol 16. falando da prouincia Tendur, diz que junto della ha duas regioēs chamadas, Og & Magog, & os que nellas morão se chamaõ Vng & Mongal: em cada hūa d'ellas ha hūa naçaõ de gente, & que os de Vng, saõ Gog, & os de Mongal, saõ Tartaros. Desta confusaõ (que auia de nacer da traduçaõ do seu liuro) vierão os nossos modernos a fazerem os Magores & Chaquetaes (de que logo falaremos) Tartaros, sendo bem

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

differentes nas prouincias, posto que todos descendão de hũs mesmos auoengos: como por exemplo vemos nos Espanhoes & Portuguezes: que procedendo todos de Tubal, que pouoou as Espanhas, hũs se chamaraõ Espanhoes de Hispan, filho de Hispalis, & os outros Lusitanos de Luso, filho de Sicclio; que foi o primeiro que naquella parte reinou antes da vinda de Christo, mil, quinhentos & cinco annos, segundo Beroso. Assim todos os que ficaraõ pouoando aquella parte que ja mostramos, que coube ao irmaõ Tartar, se ficou chamando Tartaria, & seus naturaes Tartaros. E a que coube ao irmaõ Morgal, se chamou Mongalia, & todos os habitadores d'ella Mongales. Estes foraõ sempre mais famosos & poderosos que os Tartaros: & conquistaraõ mais prouincias & reinõs que elles, como adiante se verá. Esta gloria lhe tem reuadado o tempo pella confusaõ que ouue em os auerem por Tartaros, todos os que a te oje escreueraõ. E deixando os descendentes do Tartar, continuaremos com os de Mongal.

A este naceo hum filho com as maõs fechadas, & abrindo-lhas lhe acharaõ dentro, postas de sangue: pello q̄ lhe puferaõ nome Oguis, que quer dizer abrir. Este teue seis filhos, & o mais velho se chamou Gun, que foi o primeiro que começou a governar antre elles cõ mais

superioridade, tomando titulo de Can, aque comumente chamamos Caõ, que antre elles quer dizer senhor: ficandose chamando Cunchan. Este teue muitos filhos, & o que lhe socedeo na governança se chamou Hiel dux chan: que quer dizer em sua lingoa, estrilla por ser fermoso: & affirmãõ que naceo com hũa na testa. A este socedeo seu filho Mungel Chan & a elle seu filho Tanguis Chan, & apos elle socedeo seu filho Hil Chã. No tempo deste reinou na prouincia Tartaria hũ senhor chamado Feridum. Todos estes Magores teue este debaixo de seu dominio, & descorrendo pera o Ponente, fogueitou toda aquella prouincia que corte dos desertos de Lop, a te o rio lasartes, por quarenta & oito graos a te os cincoenta: onde deixou hum filho chamado Turc, que deu nome a toda aquella regiaõ de Turc, & Estan, que quer dizer, prouincia de Turc. E fogueitou tambem pera o Ponete Alogdiana, Baetria, Aracofia, & outras prouincias. E porque a te entãõ não auia cidades, nem pouoações por aquellas partes, por serẽ todos os seus naturaes como brutos, edeficou este barbaro de nouo algũas. Na Mongalia fez hũa fermosa cidade chamada Mauerenã, de que oje não ha noticia: mas por conieituras julgamos que deue de ser a de Tendul, que sempre foi cabeça & assento dos Reys que ali

reinaraõ. Outra cidade edeficou na Sogdiana, a que chamou Comarcant, que a te oje conferua seu nome. Outra fez na prouincia Bactriana, chamada Balc, aonde ja residiraõ seus Reys, & oje he mûy conhecida, por ser hũa das principaes cidades do Imperio Coraçone, aquem depois os Husbeques a tomaraõ, como em seu lugar diremos. Desta feita ficaraõ os Tartaros senhores de ambas as prouincias Tartaria & Mongalia, perto de duzentos annos: a te que hum senhõr de Mõgalia chamado Hiel Dux, ajuntando os Magores que andauãõ derramados pellos campos, fazendose cabeça de todos elles, tornou a senhorear toda aquella prouincia, & ainda parte de Tartaria, matando aquelle Rey em hũa batalha. Tornaraõ assi os Tartaros a ficar sem cabeça, viuendo pellos campos sem ordem, cõ seus gados & familias, fazẽdose os Reys que foraõ socedendo na Mongalia muito poderosos, a te que o filho de Deos veio a terra, a remir o genero humano, & seus discipulos se espalharaõ pello mundo a pregar a lei de graça, que os Magores receberaõ logo no principio. Mas como naquelle tempo, naõ vsauãõ a inda de letras nem caracteres, nem tinhaõ conta de annos, nem entendiaõ as reuoluções da lûa, naõ sabẽ dizer em que tempo, nem por quem foraõ feitos Christaõs. E reueluendo nos sobre isso muitos

liuros, por sem duuida temos, que o bemaumenturado Apostolo saõ Thome foi o primeiro que lhes pregou a ley Euãgelica, & q̃ deu ordem aquella Christãdade, que se infere muito claro daquellas palauras de santo Isidro, no seu liuro, de Ortu, & obitu sanctorum, onde diz assi: O santo Apostolo Thome pregou o Euangelho aos Parthos, Medos, Persas, Balotrianos, & passando adiante as partes Oriẽtas, & a terra dos Indios, pregou a te sua morte que foi as lâçadas. E como os Tartaros & Magores mesturados, andauãõ conquistando aquellas prouincias, de crer he que o saõto os conuerteria facilmente, porque a te entãõ viuiaõ sem ley, & adorauãõ o Sol, como autor de todas as cousas criadas. Santo Antonino na primeita parte falando do Apostolo diz estas palauras: E depois disto foi o santo Apostolo a India superior, onde fez muitos milagres, & conuerteo muita gente. Donde se ve claramente que passou as partes acima da India, bem pera baixo do Norte, a que os Geographos modernos chamãõ India superior, ou India mayor, em differença da nossa que he a menor. E o que certefica mais esta nossa opiniaõ, foi o testemunho de hum Bispo Armenio natural de Babilonia, que na cidade de Malapior, foi perguntado por cousas do Santo, em hũa inquiriçaõ que el Rey dom Ioãõ mandou tirar da vida

QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

Vida & morté, & milagres d'este santo, em cujo testemunho diz o Bispo estas palauras. Que auia quinze annos que estaua naquella cidade de Meliapor, & que ouuira dizer a muitos Christaõs & Genticos velhos de Bisnaga, & em Babilonia donde era natural, que o Apostolo saõ Thome fora enuiado por Deos nosso senhor a estas partes da India em companhia de Iudas Thadeo, & que foraõ ter a Babilonia, & que dali se passaraõ a trauez de Baçora a hũa terra chamada Calacadaca onde saõ Iudas ficara, & saõ Thome se passara a Arabia, & fora a ilha de Sacotora, aonde fez muitos Christaõs, & hũa casa de oração, & que d'ali se passara ao reino de Narsinga, & na cidade de Meliapor fizera muitos Christaõs. E depois de gastar ali algũs annos se fora pera as partes da China, & que estiuera em hũa cidade chamada Cambalia, a onde hum Rey residia, & que ali fizera grande Christandade, & alevantara templos, & que dali se tornara a Meliapor, a onde fora morto. De tudo isto se ve bem claro, que aquella Christandade que fez por aquellas partes, a que chama, pera banda da China, foraõ estes Tartaros & Magores: porque a cidade de Cambalia que nomea sabidamente he a de Cambalec: ainda que comumente lhe chamaõ Cambalu, mas o seu proprio nome he Cambalec, a onde oje

viuem os Emperadores do Cathayo que saõ Christaõs d'estes que fez saõ Thome: o que parece que antes que se tornasse d'aquellas partes, vendo que deixaua muita Christandade, ordenaria alguns Bispos, & constituiria aquella dinidade (aque comumente chamamos Preste Ioaõ.) pera que tiuesse superioridade sobre todos no spiritual, & com que nome o intitoulou naõ o achamos, mas as escrituras Tartaras lhe chamaõ Hũchan, outros lhe chamaõ Iouano, dizem que de Ionas Propheta. Depois por tempos foraõ algũs Reys d'aquelles Christaõs, a conquistar terras, & affirmaõ que hum d'elles chegou a te Suria, donde leuou cõsigo muitos d'aquelles Christaõs Nestorianos, que o instruirãõ a elle, & a todos, em seus erros Este pode bem ser que lhe desse aquelle nome de Iouano. Este Pontifice & cabeça d'esta Christandade, leuaua diante de si cada vez que caualgaua hũa cruz alçada, como o escreue Antonino Arçebispo de Florença, & ainda oje o vsaõ aquelles Reys Christaõs, se naõ quanto affirmãõ muitos que leuaõ tres cruces, ff. hũa d'ouro, outra de prata, outra de ferro, ou metal. A fama d'este Rey Christaõ da India, & que trazia diante cruz alçada, se estendeo pella Europa, com este nome de Preste Ioaõ das Indias, o que parece leuaraõ la algũs Italianos, que muito antes de nos entrarmos

trarmos na India, passaraõ áquellas partes. E quando elRey dom loão o segundo de Portugal quis descobrir a India, pella fama de suas riquezas mandou a isso por terra Pero de Couilhã, & Afonso de Paiua, a quem deu por regimẽto, que buscassẽ hum Rey, que trazia hũa cruz aleuantada diante. Estes homẽs apartaraõse, & o Couilhã foi ter a cidade de Ormuz, que era mũy prospera, & cõtinuada de todas as naçoẽs, & perguntando por hum Rey Christaõ, que trazia cruz diante, naõ lhe souberaõ dar a rezaõ, se naõ de hum que auia na Abasia. E passãdo em companhia de algũs mercadores a sua corte ficou n'ella, & ainda o achou la dom Rodrigo de Lima, que Diogo Lopez de Siqueira mãdou por Embaixador. Daqui se ficou este Rey da Ethyopia chamãdo Preste loão das Indias, por outras rezoẽs mais que se veraõ em loão de Barros, decada 3. liuro 4. E do pouco conhecimento que a te gora ouue d'estas gentes, naceo entre os escritores, hũa grande cõfusão, & mayor em Pero de Mariz no seu dialogo da varia historia dos Reys de Portugal: a onde falãdo nos Tartaros, na vida d'elRey dom Afonso o segundo, diz estas palauras. Sayraõ de suas terras os Tartaros, & fizeraõse senhores de todo o Oriente, & da grande Ethyopia estenguido o nome do Emperador d'ella chamado Pres-

te loão. Este erro naceo a este escriptor de naõ ter conhecimento dos Tartaros, como nos aqui damos: nem de saber o sitio das terras que habitarãõ, porque naõ sabemos outra mais apartada que a Scythia da Ethyopia.

## CAPITULO II

*Que trata de como estes Reys Christaõs conquistaraõ o Turcstan, & das gentes que lhes foraõ fugindo a te Asia menor, de que se senborearaõ dandolhe o nome da graõ Turquia, & dos Reys dos Magores que ouue desdo Graõ Tamorlaõ, a te este Haman Paxa.*



**P**OR QUE capitulos muito com pridos enfastiãõ, quizemos cortar este pera mor sabor & clareza da historia que imos tratando, em que he necessario diuidirmos os tempos & as cousas. E continuando com este Rey Christaõ, que ficou tendo superioridade sobre todos, deixou assi o estado, como a dinidade a seu filho, & assi forãõ herdando os descendẽtes, que por tempos se forãõ fazendo taõ poderosos, que sogigaraõ todos os vizinhos: & ainda passaraõ a tâto, que

QUARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA

que pretenderão meter debaixo de seu dominio toda Asia. E hum d'elles entrando pella prouincia Turcstan, a sogigou toda, usando com os naturaes grandes cruezas, que por fogirem do seu açoute, ajuntandose grandes multidoens d'elles, com molheres & filhos, forão pera o Ponente buscar habitação, & chegarão a te pararem naquella parte chamada Asia menor, que por lhes parecer bem, conquistarão & senhorearão perto dos annos de oitocétos da vinda de Christo, segundo Orhom Arçebispo de Florença, dandolhe o nome da terra em que naceraõ, & que deixaraõ. que era Turcstan, chamando-lhe d'ali por diante Turchia, & a elles chamaraõ depois d'ella Turcos. Esta he a origem d'este nome, & não por descenderem dos Troyanos, a quem chamauão Teucros, como alguns disserão. Guilhélmo Arçebispo de Tyro, no liuro que compoz da conquista da terra santa, falando do principio dos Turcos, diz que sairão das partes Septentrionaes & que pararão no Turcstan: a onde viuerão muitos annos governados por cabeças de tribus, & que depois se passaraõ a Persia, onde habitaraõ outra temporada, & ali forão crescendo & multiplicando muito. E que vendo aquelle Rey o poder que yão tendo em seu reino, temendose d'elles os lançou fora, & saídos d'ali forão pera o Ponente, & pararaõ na Suria on

de se deixaraõ ficar. Depois por tempo ajuntandose grandes exercitos d'elles forão conquistar a Persia, de que forão senhores muitos annos, & estes se ficaraõ ali chamando Turchimanes. Os que ficaraõ nas partes da Suria, tambem por tempo se fizeraõ senhores de toda aquella prouincia da Asia menor, a que deraõ o nome de Turchia, a li receberão a falsa seita de Mafamede, porque a acharaõ conforme a suas barbariçes. E favorecêdoos a fortuna, em poucos annos se fizeraõ senhores do grande Imperio que oje possuem, sendo sempre os mores perseguidores que a igreja Romana teue. Estes são os que estauão figurados naquelle quinto corno, que vio o Profeta Daniel, q era o quinto reino que auia de opprimir a terra santa, porque o primeiro foi dos Babilonios, o segundo dos Persas; o terceiro dos Gregos, & o quarto dos Romanos. E parece que d'elles tambem ja estaua profetizado em Ezechiel aos vinte & quatro capitulos, a õde diz que Gog & Magog dariaõ grandes trabalhos aos fieis, por que entendem os Theologos innumeraueis gentes da Scithia. Como tambem o tinha profetizado são Ioaõ no Apocalypse, aos vinte, dizendo: Sera solto sathanas do seu carcere, & enganara as gentes que são sobre os quatro cantos da terra, de Gog & Magog, que são as prouincias que atras temos mostrado, donde  
estas

estas gentes em seu principio fairo a conquistar o Turcstan, & de pois a Asia menor, & a Terra Santa, & o grande Imperio de Constantinopla, a te chegaré a Monarchia em que oje estão. E como o conhecimento que temos dado d'estas gentes, & d'estas prouincias, parece que ficão melhor entendidas as profecias ditas. Posto que alguns Theologos tambem entêdaõ por ellas o Ante christo, & seus sequazes, que como a de sair da banda do Norte, conforme ao que esta profetizado, pode bem ser, seja d'estas prouincias acima. E tornando aos Magores, ficaraõ estes senhores Christaõs poderosissimos, oprimindo & mal tratando os Tartaros, que eraõ seus vassallos, tomam dolhes grossos direitos de seus gados & criações, & obrigandoos a muitos seruiços em que se gastuaõ & consumiaõ. Vendose elles taõ aperreados, trataraõ entre si de sua liberdade, saindose grandes multidoens d'elles apouoar nouas terras, lançandose pera o Ponente, tomaraõ aquella prouincia, ou parte, que se chamaua Scithia Europea, em que se deixaraõ ficar, pondolhe o nome de Tartaria, como aquella em que naceraõ. D'ali se espalharãõ pera muitas partes da Europa, que senhorearaõ, de q' ainda oje viuê aquelles que se chamãõ Tartaros Preçopenfes, sobre o mar mayor, pouoando, & dando nomes a muitas prouincias. E se a-

uemos de crer a Beroso, Diodoro Siculo, Mestre Anio, & outros auctores grauissimos, tambem os Espanhoes descendem d'estes Tartaros & Magores: porque dizem elles que quasi nos annos de cento & oitenta, antes da vinda de Christo, quando Dionysio Rey do Egypto (por outro nome Osiris) foi a Espanha, & matou o tyranno Gerion, que ja vinha de rodear toda Africa & Asia, & os desertos, & vltimos fins da India, & que da Scithia leuara hũas gentes chamadas Hispalos, & que indo ter à prouincia Bethica, fundara ali a famosa cidade de Seuilha, que pouoou d'aquellas gentes, & lhe chamou Hispalis. Isto refere santo Ilidoro, dõ Rodrigo Ximenes na Chronica geral de Espanha, & el Rey dom Afonso o Sabio. Os Tartaros, que se naõ poderaõ apartar da sua prouincia, nem seguir os outros, vendose taõ aperreados dos vezinhos, elegeraõ entre si hum capitaõ que os gouernasse, chamado Tamochim, (da casta dos antigos Reys que se extinguiraõ) filho de Macuca, que teve vinte & noue filhos. Este ajuntando grandes exercitos, sayo d'aquellas partes de Georçã & Bargũ, nos annos de mil, cento, sesenta, & dous de Christo, (segundo a conta de Marco Polo, liuro 1. fol. 14.) & entrando pelas prouincias Turcstan & Cathayo, a poucos golpes as sogitou cõ seu muito saber & esforço, & assentou sua cadeira

Sadeira na cidade de Cambalec, que engrandeceo & reformou. Ali se fez tamanho senhor, que tomou o titulo de Can, que quer dizer senhor sobre todos, como Emperador, mudando o nome proprio de Tamochin, em Chinguis, ficando chamando Chingiscan. Blondo diz, que se levantou este barba- ro nos annos de mil, duzentos, vinte & dous, em que diz que os Tartaros comecaraõ a ser conhecidos no mundo, saindo da Scithia, de- baixo do seu capitaõ Canguista, auendo de dizer Chingiscan: & por naõ ter este conhecimento que nos temos dos Magores os faz Tar- taros. Este Chingiscan por lhe Ohuncan Rey dos Christaõs naõ querer dar hũa filha (que ainda lhe era parenta) pera casar com ella, auendo põr afronta, ajuntan- do suas gentes entrou pella provin- cia Tenduc, onde Ohuncan lhe sa- yo & lhe apresentou batalha em que Ohuncan ficou morto & des- baratado, & o Chingiscan, se apo- derou do estado, & casou com sua filha. Esta batalha foi perto dos an- nos do senhor de mil cento oiten- ta & sete: segundo a cõta de Mar- co Polo, porque de entaõ pera ca- começa elle a contar a Genealogia dos Emperadores do Cathayo. Al- gũs escritores dizem que este Chin- giscan deu hũa parte do reino ao filho de Huncan, & que recolhen- do toda aquella Christandade, fi- cara elle, & seus herdeiros depois

n'aquelle pequeno estado, & que este Chingiscan se afeicoara tan- to a mulher, que a seu rogo se fize- ra Christaõ. Isto naõ o auemos por muito certo: porque no catalogo dos Emperadores do Cathayo, naõ se faz mençaõ de Rey algum Christaõ a te Magucan, que foi o coarto do numero, que a rogo de Aiton Armenio, que foi a sua corte recebeu nossa ley, quasi nos annos de duzẽtos cincoenta & tres. Este foi o que mandou seu irmaõ Ha- laon a cõquista da terra santa, que tornou a arrancar das maõs dos Califas, matando ao Mustacẽ Mu- bila, perto dos annos de mil, duzẽ- tos cincoenta & oito: em que se a- cabaraõ os seus Califas. E tornan- do ao Chingiscan, vendose taõ grande senhor, & taõ poderoso, sa- yo a conquistar toda Asia segeirã- do Afogdiana, Baçtriana, Araco- sia, Aria, Parthia, Persia, Armenia, & todos os mais estados que jazẽ de hũa & da outra banda do mar Corazu, ou Caspio: repartindo tu- do com seus filhos: dando a hum o estado da Persia, (de que depois daremos rezaõ.) & a outro chama- do Chachatai deu Afogdiana, & ordenou por cabeça a cidade de Camorcant. A outro filho chama- do Husbeque deu a parte do Turc- stan, ao que ficou senhoreando Afogdiana ficou cõ tudo o que jaz entre o Oxo & Iasartes, (aque oje chamãõ Cheser Ebiamu.) chamã- dose aquella provincia d'ali em- diante

diante Chachata, do nome do seu Rey, & os naturaes Chachatais, a quem todos os Geographos modernos corruptamete chamaõ Zagatais. E ainda ha mapas, que os metem da outra banda do Iazartes pera a Tartaria, como tambem o tem pera si Paulo Iouio, o que com reuerencia he erro muy grande: porque muito aueriguado he que a antiga Scithia, & a Tartaria se diuidem da Sogdiana, da parte que corre da Volga pera o mar Caspio, & da banda do Turckstan, pello muito celebrado rio Iazartes; & tudo o que jaz fora d'elle pera o Norte, & pera o Levante, tudo he Tartaria. A este Chinguiscan, que conquistou estas prouincias, nomea Ruy Gonçaluez de Clauijo (que el Rey dom Anrique o coarto, mandou ao graõ Tamorlão com Embaixada) por Emperador da cidade de Dorgancho (como se ve no itinerario que fez desta jornada.) E diz que este nome Dorgancho, quer dizer, thesouro do mundo, de que não faz Marco polo menção: mas auia de ser nome imposto pellos Cathainos a cidade de Cambalec, que elle tanto engrandeceo: que se affirma que era a maior, & mais fermosa que se sabia no mudo Mas em tudo o mais como nos filhos, & em outras coufas, conformaõ ambos.

E tornando a nossa ordem: Cõquistada a prouincia Sogdiana, fi-

cou nella reinando Chatai, que depois foi morto por hum senhor que se leuantou contra elle, que se fez Rey, sendo ja seu pay no Cathayo falecido, & reinaua seu filho Ocotacan, como lhe chamaõ as Chronicas Persicas, & Aiton Armenio Ocotacan, Marco Polo Sincan, & os frades que forãõ ao Cathayo, Cuican. Este sabendo da morte do irmaõ, foi com grandes exercitos contra o tyranno, perto dos annos de mil duzentos, coarçta & tres. E vindos a batalha o matou, & lhe tomou o reino, em que deixou seu filho Sodociti, por cuja morte herdou o reino seu filho Barach: porque quando Miser Nicopollo pay de Marco Polo foi ter a Baçora, os annos de mil duzentos cincoenta & dous, reinaua este Barach, a este socedeo Chapari a este Soltaõ Hamed, & a elle Incan, todos Reys Chachatais. No tempo deste se leuantou o Graõ Tamorlão, cujo proprio nome he Tamur, nos annos de mil, trezentos & nouenta, segundo a mais comum conta; reinando no Cathayo Chuinscan, oitauo do numero d'aquelles Emperadores, cujos vassallos sempre forãõ os Reys de Camoreant: porq Ruy Gonçaluez de Clauijo, estando na corte de Tamur, nos annos de mil, coatroçetos & tres, falou com hũs Embaixadores do Cathayo, q vierãõ pedir ao Tamur as pareas, o que elle tomou taõ mal, que esteue

pera os mandar enforcar. Era este barbaro Tamur, natural de hũa villa chamada, Quex, junto de Camorcant, da casta Chacatai, nobre, de pouca posse, mas de grandes pensamentos. E vendole ja homem; & pobre, ajuntando alguns que o quizerão seguir; andou alguns annos pellos caminhos saltando as Casilas, em que enriqueceo; & tão liberal se mostrou na repartição dos roubos, que se lhe ajuntaraõ tantos, que veyo a formar hum mûy arreoado exercito. N'este officio de saltador foi ferido em hũa perna de que ficou aleijado: & por que n'aquella lingua, langar, quer dizer manco, lhe chamaraõ Tamur Langar, & vindose a adulterar este nome lhe chamaraõ Tamorlaõ. Este vendose rico & poderoso, chamandoo sua fortuna pera maiores cousas, sabendo que elRey desejava de o aver as maõs, entrou hum dia na cidade de Camorcant, com os que o segniaõ, & tomando elRey descuidado, entrou em seus paços, & o matou, & como tinha posse & cabedal mandou cometer a todos os principaes grandes partidos, dando muito dinheiro a muitos que logo lhe acodiraõ; em fim elle se fez Rey pacifico & quieto. E por aqui se vera o erro que tiueraõ (Bautista Ignatio, & Bautista Fulgosso nas Collectanias, & o Papa Pio na segunnda parte do liuro de sua

Geographia, & Platina na vida de Bonifacio, Mattheo Palmeyrino nas addições a Eusebio, Cambino Florentino na historia Turquesca, Paulo louio na de seu tempo, & ainda o nosso Ioão de Barros na sua Asia,) em o fazerem huns Partho, & outros Tartaro, sendo puramente Chacatai, como ja dissemos. Este barbaro depois de se ver Rey, & tão mimoso da fortuna, auendo ainda aquelle estado por estreito pera sua condição, formando grossos exercitos sayo a conquistar as prouincias de Coraçone, Persia, Armenia, & todas as mais que jazê perto do mar de Abacu, (a que os Turcos chamaõ Danguis Xor, que quer dizer mar salgado, & os Aimenios Xorguilan, que he o mesmo q̄ mar de gilan, por hũa fermosa cidade d'este nome, que tem sobre suas ribeiras) todos estes estados repartio como os filhos que tinha, deixando na Persia o mais velho chamado Mirza Miruxa, & dos outros logo falaremos. Recollido o Tamur pera Camorcant, sayo logo a conquistar o Industan, onde teve hũa grande & muito cruel batalha com hum Rey do Deli, que o sayo a buscar, em que o Tamur foi vencido por causa dos muitos elefantes que aquelle Rey trazia. O Tamur refazendo seu exercito, voltou contra o imigo que o esperou, & postos em campo pera romperê batalha, ao cometer d'ella

d'ella lhe lançou o Tamur diante, grande numero de camelos carregados de palha, aque se deu fogo, que foi tão brauo & medonho, q os camelos com aquelle impeto forão rompendo pellos imigos, fazêdo fogir os élefantes que traziaõ diante, que com o medo de fogo tão espantoso voltaraõ pera tras, & romperãõ os seus. O Tamur vendo o imigo desbaratado deu nelle, & o acabou de destruir, & victorioso se recolheo a Camorcant, deixando hum neto seu chamado Pirmahomed (filho de languir seu filho mais velho que ja era morto) naquella parte que ganhou fora do Oxo pera a banda da India, cujas principaes cidades eraõ Bel, Nibab, & Cabul: & nesta assentou sua cadeira. Foi isto perto dos annos de mil trezentos & nouenta & coatro. Depois nos de mil trezentos nouenta & seis tornou com grossos exercitos, com tençaõ de passar a Europa, & saindolhe ao encontro o Turco Bajazeto, vindos a batalha foi o Turco desbaracado & prezo, & o Tamur lhe mandou fazer hũa gayola de ferro em que o trazia. E contente com esta victoria se recolheo a Camorcant, onde logo morreo: tendo reinado onze annos, & faleceo nos de mil coatrocentos & cinco. Ficaraõlhe três filhos, Omar Miruxa, que estaua na Persia; Xarola que deu o estado do Coraçone, o

outro Haomarxac, que algũs nomeaõ por Balobo, que era moço & ficou sem nada, porque os outros dous irmaõs lançaraõ maõ de tudo o que poderaõ, ficando ainda em guerras trauados sobre os estados Este Haomarxac, ou Balobo, vendose desherdado, determinou seruir a Mafamede, & saindose dos estados que foraõ de seu pay em trajos de Calandar, (que he peregrino) foi caminhando pera as partes da India, & atraueffou todo o Induстан, & foi parar no reino de Deli, donde se deixou ficar. Ali lhe acodiraõ outros Calandares a ouuir sua doutrina, a fama de sua vida & religiaõ, que era espantosa. Reinaua n'aquelle reino hum filho d'aquelle Rey, com quem o Tamur teue as batalhas que acima contamos Cobrou este Calandar tamanho credito & authoridade naquellas partes, que o adorauãõ todos como a santo; & assi creceo o numero da gente que o seguia tanto, que bem se podera d'ella formar hum muito arrezoado exercito. E como este homem era astuto, & conhecedor dos tempos, entédendo que a fortuna o ya fauorecendo, tratou de se fazer Rey d'aquelle reino: & aquirindo secretamente armas, sendo hum dia o Rey a cassa aforrado, o salteou, & matou, & em fresco se foi apoderar da cidade, õde se fortificou a te se quietar como fez, acodindolhe

todos os do reino a lhe dar obediencia. Dali sayo a conquistar muitos reinos do Induſtan, de que ſe fez ſenhor ficando ja poderoso. E indo eſtas nouas ter a cidade de Camorcant, lhe acodiaraõ muitos dos naturaes, ſogindo das guerras que auia entre os filhos do Tamur, & alguns capitães dos principaes, que ſe pera elle viciaõ eraõ de caſta dos Magores, & o meſmo a mor parte das gentes que os acompanhauaõ. Eſtes naquellas conquiſtas, ſe aſſinalaraõ ſobre todos, ficando os Magores mûy nomeados em todo o Induſtan, & aſſi os eſtimou o Balobo, que ſe intitlou Rey dos Magores. Eſte foi o principio d'eſte reino, que veyo a ſobir a tamanha Monarchia, como a diante ſe verá. E com iſto fica confundido o erro de Baptiſta Fulgoſo nas Collectanias: & o de Platina na vida de Bonifacio, que aſſirmaõ que por morte do Tamur, naõ ficara memoria de ſeu ſenhorio, nẽ de homem que procedeſſe de ſua geraçaõ: ſendo oje os mais poderoſos dous barbaros, que ha em todo o Oriente (Magor & Huſbeque,) ſeus quintos netos. Por morte deſte primeiro Rey dos Magores, ficou herdando aquelle reino ſeu filho Abuſſeir, que a inda a crecentou mais terras a ſeu eſtado. A eſte Abuſſeir ſoccedeo ſeu filho Babur, que herdou os eſtados de Camorcant, por morte de

hum primo ſeu aque naõ ficaraõ herdeiros, & per ſua morte ſoccedeo ſeu filho Hamau Paxa (que he eſte de que tratamos) que tomou o reino de Cambaya, que foi homem muito valeroſo, & que engrandeceo ſeu eſtado muito. E por aqui temos bem dado a conhecer eſtes Magores, com quem (com o fauor diuino) auemos de continuar por todo o deſcurſo de noſſa hiſtoria. Saõ todos homẽs ſoberbiſſimos, & erueis, grandes archeiros, muito deſtros a caualo, & todos os ſeus ſaõ aquartalados, mûy grandes corredores, & aturadores do trabalho, & algũs taõ andadores, que muito fara hum bõ ginete a redea ſolta, ſe os aturar. Seguem aos Arabioſes em ſuas maximas, & ſaõ ſonis, aque os Perſas chamaõ, homens deſencaminhados, pellos auerem por taes em ſua doutrina. Saõ homẽs muito comedores, grandes de corpo, & eſpadaudos, de roſtos mûy largos & barbudos.

CAPITVLO III.

*Da rezãõ porque ſe recolheo Hamau Paxa, & largõu o reino de Cambaya. E de como ſe leuantou nas partes de Bengala hum Patane chamado Circan, & dos eſtados que conquistou, & de como deſtruzo, & diſbaratou Hamau, & lhe tomou ſeus reinos.*



ANDANDO  
Hamau Paxá;  
Rey dos Magores  
vitorioso por to-  
dos os reinos de  
Cambaya, como

senhor d'elles, acodindolhe muitos Regulos Resbutos a darlhe obediencia pera segurarem seus estados, determinou de ficar ali inuernando, pella fertelidade, & abundancia da terra, tendo ja juntos d'ella muitos & grossos thesouros. Mas a fortuna que se não descuida n'esta parte, não tardou com seus escarneos & reuezes: por que estando este barbaro na mor felicidade, que podia ter & de-sejar, bem descuidado de tão supito reuez, lhe vierão nouas, que hum Rey dos Patanes lhe entrara pello reino do Dely, & pellos mais: & se senhoreara d'elles, tomandolhe suas molheres & thesouros, & que tinha sua corte na cidade do Dely. Estas nouas foraõ de tamanho espanto, & dor pera Hamau Paxá, que parecia querer arrebenatar, & largando tudo, ajuntando suas gentes, começou a caminhar pera seus reinos com hũa muiy grande pressa largando os alheos. Aqui entra o escarneo da fortuna, & pera melhor falar a justiça diuina, que permite, que por cobiça do alheo, se venha a perder o proprio. E de todos os estados de Cambaya não reseruou este barbaro pera

si, mais que a cidade de Agará, & a do Mandou, em que deixou seus presidios. E foi continuando seu caminho, em que o deixaremos, por darmos rezaõ d'este Rey que lhe tomou seus reinos.

Andauão na corte d'el Rey de Bengala estes annos atras passados, dous irmaõs de casta Patanes, grandes caualeiros, que de homẽs pobres & particulares vierão a ser dos principaes & mais poderosos d'aquelle reino. E por hum desgosto que el Rey veyo a ter d'hum delles, por mexericos (officio muito certo da inueja, a que os q̄ priuaõ andaõ sempre arriscados) lhe mandou cortar a cabeça: porque as leys de todos os Reys mouros, saõ como as de Draco, que todos os casos pequenos & grãdes castigaõ cõ morte. O irmaõ do morto que se chamaua Xircan ficou taõ escandalizado, que logo em seu animo tratou de sua satisfaçaõ: & foi dissimulando cõ o negocio o mais que pode, a te buscar occasiaõ, que a fortuna nunca nega, porque pera estas cousas sempre está pronta & aparelhada com seus faoures. Este homem era muito rico, & tinha muito posse no reino, & muitos amigos, & como os homẽs todos o saõ de nouidades, setindo em algũs humor pera o q̄ pretendia, lhe comunicou sua tençaõ; & como todos eraõ estrãgeiros, logo se lhe afeiçoaraõ. Porq̄ estes Reys do Oriete saõ todos governados

por elles, que como não entraõ cõ amor natural neste negocio, se não com interesse proprio, andaõ sempre com o olho vigiando as occasiões da fortuna, & todas as vezes que lhe ella da geito, mataõ o Rey, & tyrannizaõ o reino. O que he raõ ordinario, que em sete ou oito reinos de mouros, com quem na India vezinhos, todos estaõ em poder de estrangeiros; do que os naturaes escandalizados, fauorecẽ sempre a parte que mais pode, & a da fortuna. Pello que deũ os Reys do mundo trabalhar muito, por trazerem no seu gouerno vassallos naturaes, porque estes sempre trataõ as cousas com amor & lealdade, estimãdo mais a vida de seu Rey, que a sua propria. E vay tanta differença neste negocio de hũa cousa a outra, como he a de escrãuos a filhos: porque estes arriscaõ suas vidas pella do seu Rey, & os outros venhe melhor Rey estrangeiro como elles, por que se lhe auorrece hum, logo negoceãdo outro, porque não entraõ nesta materia se não com o olho em seu gosto & interesse. Assim este Patane, fiãdo se d'aquelles estrangeiros como elle, achando os facillissimos pera sua tenção, ajuntando gente da sua valia em segredo: andãdo el Rey hum dia, folgando, deiraõ sobre elle & o mataõ. E voltãdo pera a cidade, meteo se o Xircan nos paços, & apoderou se dos thesouros, que começoũ a repãtirãdo

liberalmente pellos que o seguirãõ, que em poucos dias se fez Rey d'aquelle reino por vontade de todos. Este como era homem de grãdes pensamentos, & muito grande caualeiro, quis agasalhar os miões da fortuna, & ajuntando grande poder foi sobre o reino dos Patanes donde era natural, & com grande industria o fogueiteu todo, & assi a mor parte dos seus vizinhos, ficando hum dos mais poderosos Reys do mundo. E estando na cidade de Patane donde o reino tomou o nome, soube que o Hamau Paxa Rey dos Magores, era a conquistar os reinos de Cambaya, & não se contentando com os estados que possuia, querendo subir a mor Imperio, ajuntou muito grosso poder, & entrou pello reino de Dely, que tomou logo senhoreandose d'aquella cidade, em que estaõ os thesouros & molheres do Magor, que logo receue auiso d'este negocio: pello que largou tudo, & acodio com pressẽza, & com a diligencia que dissemos. Xircan que estava no Dely, foi logo auisado como o Magor ya em busca delle, com grosso poder, & ajuntando o mais que pode, o fez elger ao caminho. E ajuntandose ambos, trauaraõ hũa das mais crueis batalhas que no mundo se viraõ, em que d'ambas as partes outhe casos notauelissimos, que deixamos, porque não conuem a nossa historia. Depois de

dé durar hum dia todo em que ou  
 ue grandes estragos de parte a par-  
 te, ficom o Magor desbaratado, &  
 destruido de todo, perdêdo a mor  
 parte de sua gente, & elle com mui  
 to trabalho saluou sua pessoa. O  
 Magor vendose n'aquelle misera-  
 uel estado, como homem de espe-  
 rado, se foi com algũs poucos que  
 o seguirão, tomando o caminho  
 do Cinde, com grãde desconfol-  
 ção & tristeza: por se ver em hum  
 tão breue espaço, de hum tão gran-  
 de Monarcha, em tal estado, que  
 não sabia a onde se recolhesse. E as-  
 si o leuou a fortuna a te a cidade  
 de Thatha, a onde o Rey do Cin-  
 de tinha sua corte. Era este Rey de  
 casta Magor, & chamauase Mirzã  
 can o can; filho de Xabil can, o pri-  
 meiro Rey Magor que cõquistou  
 aquelle reino, como em seu lugar  
 diremos. Sabendo este Rey da vin-  
 da, & defaentura de Hamau Pa-  
 xa, o sayo a receber com muita hó-  
 ra, consolandoo de sua defaentu-  
 ra, offerendolhe seu reino, & the-  
 souros. O que lhe Hamau Paxã  
 agradeceo muito, dizendolhe que  
 sua intenção era passar a Persia, a  
 pedir ajuda & fauor ao Xathamas,  
 que só queria d'elle modo pera fã-  
 zer esta jornada. El Rey lhe man-  
 dou negociar muitos camelos, &  
 encaualgadas, & lhe deu joyas,  
 dinheiro, & muito honrado serui-  
 ço de sua casa, com o que se pos-  
 no caminho da Persia. Não dei-  
 xaremos de louuar & engrãdecer

a grandeza do animo deste Rey  
 do Cinde, que com lhe o Hamau  
 ter feito muitas vezes guerras so-  
 bre pretençõs daquelle reino (co-  
 mo em outro lugar melhor dire-  
 mos) quando soube que ya per-  
 dido, & em tão miseravel estado,  
 compadecendose da miseria, &  
 defaentura de hũ tamanho Rey,  
 esquecido dos agrauos passados, o  
 foi buscar, & o negociou & reme-  
 diou, como distemos: porq̃ o ani-  
 mo real, de nẽhũa cousa mais se cõ-  
 padesse que das infelicidades de  
 outro Rey, posto que seja inimigo;  
 porque bem sabe que não ha na vi-  
 da, quem esteja seguro dos reue-  
 zes da fortuna. Em fim este Ha-  
 mau passou a Persia (posto que al-  
 gũs dizem que não, mas que man-  
 dou seus Embaixadores: mas to-  
 dos os Magores, que a te oje tem  
 vindo a Gõa, & ainda Persas, con-  
 formaõ com o que nos dizemos.)  
 O Xircan tanto que desbaratou o  
 Magor, tomoulhe todos os thesou-  
 ros que leuaua de Cambaya, & a  
 sua principal molher, & com tudo  
 se recolheo pera a cidade do Dely.  
 Era este barbaro tão grandioso  
 de animo, que visitando aquella  
 Raynha catiua, vendoa tão desfol-  
 solada & miseravel, & que não a-  
 uia cousa que lhe enxugasse suas  
 lagrimas, entregoulhe todas suas  
 ioyas, donas, donzelas, & todo o  
 mais seruiço de sua casa, dandolhe  
 camelos, carretas, & caualgadur-  
 ras, & a despedio cõ muita honra,  
 dizen-

dizendolhe que se fosse pera seu marido. Auentajandose niito ao grande Alexandre, no que vsou com a molher de Dario. Esta senhora foi tomando o caminho do reino de Cabul, a onde reinaua hũ jrnão do marido chamado Aycã mirza, que a recebeo muito honradamente. O Xircan vendose taõ mimoso dá fortuna, em poucos tempos conquistou os reinos do Magor todos, com o que ficou tamanho senhor, que se affirma terem seus estados mais de mil & quinhentas legoas em roda. E naõ tendo mais que desejar, tomou hũ titulo soberbissimo, que foi o de Xa Holoã, que quer dizer senhor do mundo. O que tambem lhe durou taõ pouco, como em seu lugar diremos.

CAPITULO IIII.

*Que trata de como os mouros conquistaraõ o Decan, & de todos os Reys que ouue a tã Ismael, que faleceo este anno em que andamos. E da antiguidade & nomes da ilha de Goa, & de como o Accedecan deu as terras firmes de Salfete & Bardes ao Governador Nuno da Cunha.*



**P**RIMEIRO que tratemos das guerras que este anno fez o Idalxa ao estado sobre as terras fir-

mes de Salfete & Bardes, que de raõ muito trabalho ao estado da India, nos pareceo bem darmos rezaõ de todos estes Reys mouros de Visapor, & do tempo em que se conquistou este Decan: pøsto que Ioaõ de Barros tinha ja feito. Mas ficaraõlhe muitas cousas, de que o naõ souberaõ informar, que nos alcançamos & soubemos, pella communicaçãõ de muitos annos, que tiuemos n'esta cidade de Goa, com os Embaixadores d'estes Reys, em cujo poder achamos as Chronicas d'aquelles reinos. E tambem he necessario saberse, a rezaõ porque se deraõ as terras firmes de Salfete & Bardes, ao Governador Nuno da Cunha, & em que tempo, por que de industria o deixamos pera este lugar.

Pello que se a de saber, que perto dos annos de nossa redençaõ de mil, trezentos & doze; se levantou hum Rey do Dely, que foi o mayor senhor que a teentaõ ouue em todo o Oriente. E saindo de suas terras com grandes exercitos, entrou pellos reinos do Decan, que eraõ de Gentios sogeitos aos Reys do Canara, & a poucos golpes os sogeitou a todos. E nelles deixou por Governador hum filho seu, (ainda que outros dizem que sobrinho) chamado Thogalaça, que he he aquelle, a quem Ioaõ de Barros nomea, por Abetxa, no que nos naõ embarçamos, porque pode muy bem ser, que este fosse o nome

me depois de ser Rey, & outro o seu proprio que dantes teria, por que todos estes Reys tem muitos nomes: & todavia nas Chronicas dos mouros nomeaõ a este Thogalaça pello primeiro Rey do Decan: & foi o primeiro mouro que n'el le comecou a reinar. Este semeou por todos aquelles reinos a falsa ley de Mafamede, que assi frutificou por nossos peccados, que ja no tempo em que descobrimos a India era tudo vntado d'ella. Recolhido o Rey do Dely pera seus reinos, da y a algũs annos faleceo so cedêdolhe seu filho, aque não soubermos o nome. Este foi o que teve aquella grande batalha cõ o grão Tamorlaõ, que no capitulo atras tratamos. Morto o Rey do Dely, ficou no Decan Thogalaça, que ja tinha corte na cidade de Vltadab, onde depois de reinar dezanoue annos, faleceo. Socedendolhe no reino seu filho Soltaõ Singabupa. Este foi o que intitidou estes estados, & reino do Decan, donde os seus naturaes se chamaraõ Decanis, que em sua lingua quer dizer, mestiços, porque quasi todos os que vieraõ com seu Auo, que ali ficaraõ, estauaõ mesturados por casamentos, com os naturaes gentios. Este Singa bupa reinou cinco annos, & dezoito dias. Socedeolhe no reino seu filho Peru Soltaõ, q̄ mudou sua corte pera a cidade de Cabum Bargui, a onde reinou dez oito annos & coatro meses, & assi

foraõ socedendo os filhos hũs aos outros, por esta maneira. Singa reinou cinco annos, & sete meses & meyo. Mahamede Alaudym, vinte sete annos, & tres meses. Muger dar, dez annos & seis meses & meyo. Soltaõ da VI, sete annos & dez meses. Soltaõ Mahamed, cinco annos & dous meses. Xadem Dilagar Soltaõ, coatro annos & coatro meses. A este socedeo seu filho Soltaõ Piros, que fundou hũa fermosa cidade, a quem do seu nome chamou Piros Zobat, que oje he das principaes do reino do Idalxa. Este andando a cassa em hũs matos, bem ao Norte desta cidade, deitando hum caõ a hũa lebre, em o ella sentindo virou, & remetendo a elle o fez fogir. O que visto por el Rey disse, que aquella terra era boa pera criar peitos esforçados, & mandou logo fazer n'aquelle mesmo lugar outra fermosa cidade, aque pos nome, Xar bedar, que quer dizer cidade sem medo, por causa da lebre que o não teue do caõ: & mudou pera ella sua corte. Foi este Rey grande Philosofo, virtuoso mortalmente & amador dos pobres & pequenos, em tanta maneira, que ainda oje, quando se nomea entre todos aquelles Reys, & em todos aquelles reinos, lhe chamaõ pay dos pobres. Este fez hũs versos na sua lingua, que mandou por a porta dos seus paços, pera que todos os visse, que ainda oje duraõ, & conseruaõ sua

sua memoria. Estes por serem muito notaveis, de muita sentença, & muito pera todos os Reys Christãos os saberem, nos pareceo bem por aqui.

Com os grandes ser temeroso, com os pequenos amoroso.

Aos grandes dou eu o meu, os pequenos me dao do seu.

O grande sempre quer muito, o pequeno folga com pouco.

Os peixes que andao no mar, os homes que andao na terra, aos pequenos fazem guerra.

Aos pequenos se a de ter amor, que aos grandes não salta favor. Enuergonhense os Reys, & grandes do mundo de verem tanta virtude em hum barbaro, que a cousa que mais estimava em seus reinos, erao os pequenos & pobres: de que todos, ou os mais dos grandes fazem tao pouca conta, sendo tao obrigados pella ley que professaõ, aos favorecer & emparar: cousa tao encomendada de Deos, como sua propria: dizedo por saõ Matheus no capitulo 25. O que a hum d'estes fizerdes, a mim o fazeis. Vejaõ agora os poderosos & priuados, que mandaõ tudo, o como se aõ com elles pequenos, & o como trataõ o negociõ de hum pobre, porque assi se a Deos de auer com elles. E deixando esta materia, em que avia bem que bradar, & tornando a nossa ordem: Os Reys que socederaõ a Soltaõ Pyros em Xarbedar, que reinou cin-

co annos, saõ os seguintes. Soltaõ Mahamede, doze annos & cinco meses. Homahu Soltaõ, treze annos & cinco meses & meyo. Soltaõ Hamed, hum anno, dez meses, & seis dias. Homem Soltaõ, coatro annos. Soltaõ Mahamed, dezannos, & sete meses, & vinte dias. Valebur Soltaõ, cinco annos, & dez meses. A este socedeo seu filho Daudar Soltaõ, homem apoucado & de pouco governo. Este repartio a prouincia do Decan em governanças, assinalando limites a cada hũa por esta maneira. Em tudo o que jaz de Angediva a te Cifardão, que saõ sesenta legoas por costa pos por Governador a hum capitaõ chamado Adelfcan, que era justiça mayor de seus reinos, a este chamamos corruptamente Idalcão. Na outra parte que jaz de Cifardão a te Nagotana, q seraõ por costa perto de quinze legoas a te vinte, pos outro capitaõ, que era page de sua lança chamado Nizaman Moluc, que quer dizer, pagem de minha lança: a que tambem adulteradamente chamamos Iza Maluco. Estes dous sós ficaraõ tendo quinhaõ n'aquella parte que se estede sobre o mar chamada Concan. E outro capitaõ estrangeiro chamado Coth Moluc, que quer dizer, recebedor de rendas, porque era The soureiro mor d'elRey de casta Coraçone, pos por Governador na comarca dos Talingas, que saõ os Gentios

mais

mais apurados no lingoagem, que todos os do Decan. Esta comarca fica ao leuante d'estoutras, & parte com o reino do Canara pella banda do Norte, & com o de Orixa pello nacente, cuja principal cidade se chama Paliconda: a este capitaõ taõbem chamamos erradamente Cota Maluco. Naquella parte chamada vulgarmente Bera ra, sendo seu proprio nome, hada verar, que quer dizer, terra de casamentos, (porque ali vaõ todos os gentios do Decan fazer suas vodas, por ser de muitas ribeiras, & muito abastada de mantimentos) que fica ao Nõroeste do reino do Tamaluco, & confina com os estados do Miraõ, & Virgi, que ja saõ do de Cambaya. Aqui pos outro capitaõ chamado Idmad Maluco, que quer dizer, capitaõ fiel, por q̄ era Condestabre mor dos reinos, de casta Charques, Christaõ arre-negado. A estes coatro capitaens deu elRey jurdiçaõ, ciuel, & crime, em suas governanças. Reinou elRey Soltaõ Daudar sete annos, & faleceo ficandolhe hum filho minino, debaixo da tituria de hũ capitaõ chamado Virido, Vngaro de naçaõ, armeiro mor d'elRey, em que elle tinha muita confiança, que ficou na cidade de Xarbedar, com o minino em seu poder. Mas como n'este negocio de reinar naõ ha fe, vendo todos estes Governadores o Rey minino, fazêdo a cobiça seu officio, carteando-

se todos de comum consentimento, se aleuantaraõ com o que cada hum governaua, ficando o moço entregue ao Virido, que o tinha em hũs fermosos paços em grande custodia, dandolhe todo o necessario. Os aleuantados tomaraõ titulos de Reys: & pera encobrirẽ suas tyrannias, mandauaõ todos os annos dar a sua obediencia por seus Embaixadores a este minino; nomeandose todos por seus escravos. Este Principe como teue idade, o casou o Virido seu tutor (õ se apelidaua, Rey de Xarbedar) com hũa filha sua, de que ouue hũ filho, que depois veyo a herdar o reino, por morte de seu auo Virido, porque lhe naõ ficaraõ filhos machos, este foi depois casado cõ hũa filha do Idalxa. E este he o verdadeiro herdeiro de todos estes estados, & ficou com o menor quinhaõ d'elles. Foi este aleuantamento perto dos annos de mil coatrocentos nouenta & hum. E deixando todos mais aleuantados pera seu tempo, continuaremos com o Soltaõ Adelcan, que pos sua cadeira na cidade de Visapor. Andaua na sua corte hum Turco chamado Cuso, que em tẽpo de Daudar Soltaõ foi ter a Xarbedar em hũa cafila de mercadores, sendo a inda mancebo. Este Turco era de tantas forças, & taõ grande lutador, que naõ auia em todo aquelle reino quem o derribasse, pello que elRey folgaua muito cõ elle.

Algũs

Algũs dizem que aquelles mercadores da Cafila lho deraõ de presente, outros, que elle mesmo se vè deõ a el Rey, por se ver ali muito pobre & desamparado. Isto naõ queria consentir seu filho Meale (estando em Goa como adiante diremos) com quem praticamos estas cousas: samente confessaua, que fora em moço lutador, & que tinha outras abelidades, com que ganhaua sua vida. Este Cuso nos aduancementsos se passou pera o Adelcan, que lhe affeicouo tanto, que lhe enqartegou cousas de muita importacia de que deu sempre mũy boa conta: & assi pouco a pouco o foi a fortuna encaminhando, pera o que lhe tinha guardado. (o que elle com sua muita prudencia soube conseruar mũy bem,) a te o por no supremo lugar do reino, governãdo el Rey absolutamente. E como a fortuna nõ ca sobe a hũs, sem abaixar outros, permitio Deos, que este Adelcan fosse morto a traicãõ por hũs capitaes seus, pella de que elle vsou cõ o seu Rey: porque este he o fim, q todos os maos vem a ter, como o tiueraõ todos estes alcuantados, que vieraõ a morrer mal, & seus herdeiros naõ lograrẽ seus reinos, porque todos tornaraõ a poder de outros tyraõnos, como pello discurso da historia diremos. Morto o Adelcan, achouse o Cuso na corte, & logo lançou maõ de hum filho d'el Rey minino, fazendo se seu

tutor, com cuja cor. adquirio os grandes de sua parte, tendo tanta astucia & saber, que proueo as fortalezas principaes, de capitaes de sua valia, & como teue tudo segũrio, & por si, dizem que ajudou o minino, que falecco dentro em hũ anno depois do pay morto, & logo se fez alevãtar por Rey, no que ou ue pouco que fazer. Este Cuso estendendo ainda os limites do seu reino tudo o que pode, a te ir em pessoa conquistar a ilha de Goa, que era cousa muito grossa em renda: que possuyra hum senhor Canara chamado Sauay, vassallo do Rey Canara. Que naquelle tempo tinha sua cidade, na parte que oje chamaõ Goa a velha, onde sempre foi o assento dos senhores todos antigos d'aquella ilha, a te os annos de mil. coatiocentos setenta & nove, que entraraõ es mouros nella, vindo fegidos de hũa conjuraçãõ, que contra elles ouue nõ reino de Onor, que seriaõ perto de coatrocentos homẽs: cuja cabeça era hũ mouro chamado Melique Ocem, que se concertou cõ o senhor que entãõ era d'aquella ilha, & lhe deu a parte em que oje esta a nossa cidade de Goa, que entãõ era tudo matto, a onde os senhores d'aquella ilha, yaõ matar porcos, & veados: que os mouros cortaraõ & rofaraõ, fazendo suas pouações sobre o mar, ficando ali mais acomodados que em Onor, por ser o porto & rio, mais capas pera as suas

suas naos. Nesta parte sendo ainda mato, tinha o Sauay senhor de Goa hũas casas em q̄ se elle aposentaua quãdo ya a calla: E assi mesmo Cuso Idalcaõ o fazia, depois de conquistar aquella ilha. Estas casas conseruaõ ainda oje a memoria do gentio Sauay, chamandose as casas do Sauayo: que depois forão muitos annos aposentos dos Governadores da India. E porque não souberão dar verdadeira informaçãõ ao nosso Ioã de Barros destas cousas, confundio o nome do gentio Sauay, com o de Cuso Adelcan, dizendo no quinto liuro de sua segunda Decada, que quando entramos na India era senhor de Goa hum mouro chamado Soay, aque comumente chamamos sabayo vassallo do Rey do Decan, Parseo, natural da cidade Sava. Disto se riraõ seus filhos bem, quando lhe liamos isto, dizendo que seu pay não era se não Turco, nem se chamaua se não Cuso. Esta ilha de Goa he taõ antiga, que se não acha nas escrituras Canaras (cujas sempre foi) o principio de sua pouoaçãõ. Mas achasse que foi sempre taõ continuada dos estrangeiros, que andaua entre elles por adajo, vamonos recrear as frescas sombras de Goa, & agostar da doçura do seu betre. E assi lhe chamauaõ por excellencia Goe moat, que na sua antiga lingoagem, quer dizer, terra fresca & fertil.

E pella continuaçãõ do nome se veyo a abreuiar, & a lhe chamarrem Goe, & nos mudandolhe a letra, E, lhe chamamos Goa. Os naturaes Canarins d'ella lhe chamaõ, Tis Vari, que quer dizer, trinta aldeas, por serem tantas as que esta ilha tem, que todas louuado Deos, saõ oje pouoadas de Christaõs, & repartidas por doze ou quinze freguesias. Viueo este Cuso Adelcan, a te os annos de mil, quinhentos & cinco. Ficaraõlhe dous filhos, hum chamado Ismael, & outro Mealé. E d'este auemos muitas vezes de falar pelo discurso da historia, que por isso o damos aqui a conhecer, que estando o pay no artigo da morte, pedio ao filho Ismael, que lhe socedia no reino, que a seu jrmaõ Meale, que ficaua moço, o não matalle, & o fizesse religioso. (porque antre estes mouros, he melhor ser porco de Herodes, como la dizem, que jrmaõ d'elRey: porque a primeira cousa que fazem em herdãdo o reino, he matarẽ todos, ou quando menos tiraremhe os olhos, por se não temerẽ delles.) A este Ismael tomou o nosso valeroso capitaõ Afonso d'Albuquerque a ilha de Goa. Reinou este Rey vinte & oito annos, & faleceo este passado, antes de o Governador Nuno da Cunha partir pera o Norte. Ficaraõlhe dous filhos, hum chamado Malucan, & o outro Abrahe-mo. O Malucan q̄ era mais velho,

auiaffe por filho sospeitoso por ser muito negro, & assi o tinhão feito crer ao pay: pello que algũs capitães (de que era cabeça Icuſ Xandiuan, homem poderoso) tratarão de aleuantar por Rey ao Abrahe- mo, & o Accedecan, que era a ma- yor pessoa do reino com outros que o seguião, trabalharão de af- sentar n'aquella cadeira a Meale can, irmão do Rey morto, sobre o que se atearão grandes bandos, ao que acodio Babugi, molher q̄ foi do Cuso Adelcan, auo dos moços, que era hũa senhora muito valero- sa, & tal manha teue que contra o poder de todos fez aleuantar o ne- to Malucan por Rey: & logo man- dou meter ao irmão, & ao tio em masmorras, & perseguiu o Accede- can, que fauorecia o tio, que por se liurar d'elle passouse a Pondá, & dali se carteu com o Governador Nuno da Cunha, pera que sendo caso que o Rey o perseguisse de to- do, & o fosse buscar, o recolhesse na cidade de Goa, & lhe desse li- ure embarcação pera Meca, pera o que deu ao Governador as ter- ras firmes de Salfete, & Bardes, q̄ eraõ suas, de que o Governador lo- go mãdou tomar posse por Chris- touão de Figueiredo tanadar mor- de Goa: aquem mandou que fizes- se hum forte em que se recolhesse, elle o fez assi. E achando em hum lugar, que se chama Mardor, hum grande & forte pagode, o mandou cercar em roda de tranqueiras for-

res, deixandoo no meyo, & ali se recolheo com duzentos homens q̄ leuou, & muitos piaês da terra: & d'ali faya a recolher as rêdas, & forõs das aldeas. Este Rey Malu- can, q̄ se tinha por adulterino, foi tão ma cõ uſa, tão torpe, sujo, & vi- cioso, que auendo pouco mais de seis meses que governaua, foi mor- to este Agosto passado, pello capi- tão Icuſ Xandiuan: porque lhe tra- zia hum filho seu por manceba. E tanto que o matou logo entrou nas prizoês, & tirou o Abrahemo, & o jurou por Rey. Este como era amigo do Accedecan, era bom ho- mem, & pretendia de reinar paci- ficamente, não querendo vassal- los descontentes, passou logo hum formão & perdão geral ao Accede- can, confirmando-lhe as terras que el Rey seu pay lhe tinha dado, & o mandou chamar, & recebeu com muitos mimos. Vendose elle ja re- conciliado com el Rey, & que não auia mister o Governador pera cousa algũa, tratou de lançar mão das terras que lhe tinha dadas em quanto o Governador andaua no Norte, & despidio com muita pres- sa hũ capitão Turco chamado So- leimão Agá, cõ noue mil homẽs de pè, & duzentos & cincoenta de caualo, pera que se fosse meter n'el- las, como fez: & apessandose das aldeas de Coceli, Afolona, & Mar- gaõ, se deixou ficar ali recolhen- do os rendimentos.

## CAPITULO V.

*Dos recontros que os nossos tiuerão com os mouros. E de como dom loão Pereira pelejou com elles & os desbaratou. E das cousas em que o Governador Nano da Cunha proueo em D, o & em Goa.*



**CHRISTOVAO** de Figueiredo, q̄ estaua por capitão em Mandor, teue logo rebate, de como os inimigos erão entrados nas terras, & fortificandose mūy bem, despedio Miguel Froes feitor de Goa, (que era seu gēro, & viera ali arrecadar as rendas) cōm quinze de caualo, & algūs piaés, pera que fosse espisar os inimigos, & ver que gente seria. Miguel Froes chegou a aldea de Verná, mea legōa da tranqueira, a onde deu de rosto com os inimigos, & tão perto que não pode virar, sem risco de se perder de todo. E em os vendo arrancou, com os de cauallo com grande furia, & os foi cometer, derribando algūs dos primeiros encontros. E como era grande homem de caualo, & de muito animo & esforço, tanto que quebrou aquella primeira furia dos inimigos, que se acharão embaraçados com aquelle atreuimento, foise recolhendo com grande ordem, leuando todos os de pé diã

te, tendolhes o encontro dos inimigos, porque os não rōpesses: fazêdo muitas voltas a elles, de q̄ sempre escalauraua algūs. Todauia os mouros apertarão tanto cō todos, que lhes derribarão oito companheiros Mas Miguel Froes com os poucos que lhe ficaraō, foi sempre sustentando o pezo da gēte as voltas a te perto da tranqueira. Christouão de Figueiredo foi auisado do negociō por algūs piaés que forão fogindo, & saindo fora com toda a gente que tinha pera ir recolher o genro, achou o ja perto da tranqueira mūy baralhado com os inimigos, & dando Santiago nelles cōm grande furia os fez parar, trauandose hūa muito arriscada batalha, porque ficaraō todos baralhados. Neste encontro fizeraō os nossos o que se delles esperaua, & derribarão muitos mouros. mas como elles erão tãtos mais tornaraō a carregar sobre os nossos, que se forão recolhendo, ficando detras o sogro & genro, tendo-lhe o encontro: & assi chegaraō ao forte ja tũdo tãto baralhado & trauado, q̄ ouuerão de entrar de enuolta hūs cō os outros. Perderãose nesta jornada seis Portugueses, & trinta piaés da terra, cō dous Naiques valentes homēs Gorça Naique, & Malu Naique, naturaes de Goa velha, que pelejarão como leões brauos. Recolhidos os nossos ao forte, forão cercados a roda dos mouros, sem lhes darem lugar

pera poderem lançar hum piaõ pera leuar recado ao capitaõ de Goa: que naõ deixou de o ter por algũs piaës que fogiraõ, que se naõ poderaõ recolher ao forte. Tanto que dom Ioaõ Pereira capitaõ de Goa teue auiso do trabalho & perigo, em que os da tranqueira ficauaõ, negociou se cõ muita pressa pera os soccorrer, mandando ajuntar todos os piaës das ilhas de Goa, & moços dos casados, que todos fariaõ hum corpo de mil & quinhentos homens, & prouendoos de lanças, espingardas, & outras armas, passõuse a Gassaim cõ todos os casados, e algũs frõteiros que estauaõ em Goa que seriaõ se tezentos homẽs, em que entrauaõ cento & oitenta de caualo, & passou a outra banda, & foi marchando em muito boa ordem, leuando diante algũs caualos ligeiros pera descobrirem o campo. Gastou nisto oito dias, em que sempre de dia & de noite o forte foi cometido por todas as partes, com que derão aos cercados infinito trabalho, porque naõ largaraõ em todos elles as armas das maõs, defendendo se muito valerosamente, naõ deixando de auer mortos de parte a parte. Soleimaõ Agã teue logo auiso, da vinda do capitaõ de Goa, & tomando parecer sobre o que faria, assentaraõ que se fossem pera Vernã, que era hum cãpo mũy largo & grande, & que ali esperassem os Portuguezes, & pelejassem com

elles, & assi o fizeraõ. Dom Ioaõ Pereira chegou a Mardor, saindoõ a receber Christouãõ de Figueiredo, & Miguel Froes com os mais Portuguezes, & d'elles soube o que lhes era acontecido com os mouros: & do poder que era, & onde estauaõ porque ja os tinha mandado espiaer. E tomando ali parecer, assentaraõ que aquelle dia descançassem, & que ao outro fossem buscar os imigos, & pelejassem com elles, pera o que se todos prepararaõ. Ao outro dia pella menhã, ordenou o capitaõ sua gente toda, fazendo da de caualo duas batalhas, hũa deu a Iurdaõ de Freitas, & a outra tomou pera si, com quem ficaraõ os cidadãoes & caualeiros principaes, que se acharaõ nesta jornada, que eraõ os seguintes. Galuãõ Viegas Alcaide mor de Goã, & seu irmão Galas Viegas, Vicete Colaço, Jorge Garces, vereadores d'aquelle anno. Pero Preto sogro de dõ Diogo d'Almeida Freire, Sebastião da Fõseca, Gregorio Martins, Francisco de Mendoca, Manoel de Vascõcellos, Afonso Pirez do Vale, & outros. Da gente de pè fez tres batalhas, duas dos Portuguezes, de que deu a capitania a Christouãõ de Figueiredo, & a Miguel Froes. E a outra que era de toda a gente da terra deu, & fez capitaõ d'ella Icus, ranadar mouro valente homem, nesta ordẽ comessaraõ a marchar pera Vernã. E chegando a vista, achou ja os imigos em campo, com

as costas em hũa serra, com toda a gente de pé em dous esquadroes de quatro mil & quinhentos cada hum: & em cada ponta cento de cavallo, & cincoenta que eraõ acubertados na testa do exercito, pera sustentarem o primeiro encontro. Dom Ioão Pereira posto que visse o grande poder dos inimigos, & a boa ordem em que estauão, não fez aballo algum em seu coração, não deixando de o fazer nos mais dos da sua companhia, q̄ ficaraõ embaraçados vendo tamanho exercito, o que dom Ioão logo entẽdeo, & receãdo que mais desbarataste o medo dos seus, q̄ o poder dos inimigos, foi descorrẽdo por todos cõ hũ rosto mũy alegre, dizendolhes Que he isto caualeiros, & cõpanheiros meus, aqui temos estes mouros inimigos de nossa ley, q̄ saõ os mesmos q̄ vos desbarataste muitas vezes, não aja nouidades, seguime q̄ Deos he cõ nosco, & a vitoria está certa. E com isto despedio Iurdaõ de Freitas pera que pegasse com os de cavallo de hũa das pontas, & mandou aos de pe que trauassẽ a batalha, & elle com os da sua companhia remeteo cõ os cavalos acubertados dando nelles Santiago com tamanho impeto, que d'aquelle primeiro encontro lhe derribou algũs, & os mais fez recolher aos escoadroes. Os de pé romperãõ batalha com os mouros, de que derribaraõ muitos das primeiras surriadas da ar-

cabuzaria. Christouaõ de Figueiredo & Miguel Froes andaraõ sempre diante de suas companhias, trazendo tanto o tento em os seus, como em os inimigos. O Tanadar Iucuf mouro, com os piaes & escrauos cometeo os inimigos por hũa das ilhargas de hum esquadraõ cõ que trauou mũy determinadamẽte, derribando logo muitos, andando elle diante de todos em hum fermoso cavallo, fazendo maravilhas, matando & derribando nos mouros a sua vontade, metendo-se tanto antre elles que lhe mata-raõ o cavallo de hũa espingarda, ficando a pé cercado de muitos, que trabalharaõ pello matar, porque era mũy conhecido de todos, mas os seus piaes & naiques lhe acodiraõ com muita pressa & lhe deraõ outro cavallo que leuaua a destre, em que caualgou, & fez muitas maravilhas. Os escrauos dos casados pelejaraõ aqui como leões, fazendo nos mouros grande estrago, mas não sem dano seu. Dom Ioão Pereira sobre quem carregaua aquelle negocio, depois de romper os cavalos acubertados, pegou com os outros, que estauãõ na outra ponta do escoadraõ, ficando assi todas as batalhas trauadas cõ tamanha crueldade, que não faziaõ se não cair de ambas as partes: mas como os inimigos eraõ tanto de ventagem, cercaraõ os nossos de feição, que esteue a cousa taõ arriscada, que al-

guns dos Portuguezes de cavallo se começaram a recolher, & não deixaram de ser vistos de dom Ioaõ, que posto que pelejava como cavaleiro, não deixava de ver & prover a tudo como capitão. E remetendo com os que se sayão da batalha, os afrontou de palauras, & ainda deu com a lança, dizendo-lhes, voltai Indeos, onde vos ides? Porque quereis desonrar a vossa nação Portuguesa? Elles envergonhados d'isto voltarão pera os inimigos pelejando de novo valerosamente. E por não particularizarmos tanto golpe, a batalha esteve muitas vezes declinada contra os nossos, mas Deos que não tirava os olhos d'elles, deu animo & esforço a dom Ioaõ, & aos mais capitães, & cavaleiros cidadãos de Goa (que foraõ os que sustentaraõ todo aquelle pezo,) que apertaraõ tanto com os inimigos, que os arrancaraõ do campo, sendo ja coatro horas da tarde, (que tanto durou este conflito.) Dom Ioaõ Pereira que sentio a victoria por si, esforçando os seus lhes disse, ah esforçados cavaleiros, a victoria he nossa, vos a ganhastes por vosso valor, sabey a seguir, & não perdoemos a estes mouros nossos inimigos. E arrancando apos elles, es foraõ seguindo todos com hum novo animo a te de todo os desbaratarem, recolhendo-se Soleimaõ Agá ferido, ficando hum sobrinho morto, com mais de oitocentos dos seus. E por

que o dia se ya gastando tocou dõ. Ioaõ a recolher, o que os Portuguezes fizeraõ: mas os escravos & piaës como Tanadar Icufl leguiraõ os inimigos a te o rio de Candor, no cabo das terras de Cocolym (perto de tres legoas donde se a batalha deu,) & ao passar deste rio apertaraõ os nossos piaës tanto com elles, que com a pressa fizeraõ afogar mais de quinhentos, matando-lhe ainda mais no alcanse, & daqui se voltaraõ. Dom Ioaõ Pereira tomou o arrayal dos inimigos com todo o seu recheo, muitos cavalos, bois, tendas, & toda a mais bagagem, de que os nossos se carregaraõ. Morreriaõ n'esta jornada cincoenta Portuguezes, & cem piaës, & escravos, a fora muitos feridos. Matarãõ dous cavalos a Pero Preto, & a Icufl outros dous, & oito ou dez mais a cidadãos, que o Governador depois lhes pagou mūy bẽ. Dom Ioaõ Pereira proveo a forte de Mardor mūy bem, & recolheu-se pera Goa, despedindo logo recado ao Governador do que era passado. Este chegou em poucos dias a Dyo, & com elle deu o Governador muita pressa as cousas d'aquella fortaleza, pera acodir as de Goa, & pera prover as fortalezas de Malaca, & de Maluco, porque se ya acabando o veraõ. E tendo ja a fortaleza em altura que se podia defender, elegeo pera capitão d'ella a Manoel de Sousa, assi pellas partes & calidades de sua pessoa, como

mo por ser primo com irmão de dom Antonio de Tayde, Conde da Caitanheira, que começaua a priuar com elRey dom Ioão, & todos o auiaão mister. Ordenou oito centos homês pera ali ficarem de presidio, guarnecendo a fortaleza de artelhaia, que tirou dos Galeões, & a proueo de muitas monições & mantimentos, deixando algũs nauios ordenados pera a seruiencia da fortaleza. E despedio Isaac do Cairo Iudeu, pera ir por terra ao reino com cartas a elRey, de como tinha feito aquella fortaleza: & despedindose d'elRey deu a vela pera Goa, onde chegou em poucos dias. E logo começou a entender nas cousas da guerra, sobre o que tomou parecer, & assentou-se que se mudasse a tranqueira de Mardor pera Raichol, por ficar sobre o rio, & em parte que por mar podia ser soccorrida com pouco ou nenhum risco. Assentado isto mandou dom Gonçalo Coutinho, a que deu posse da capitania de Goa (por ter dom Ioão Pereira acabado seu tempo,) que fosse a quella negocio, mandando com elle o Tanadar mor com todos os piaês, & gente de seruiço d'esta armada, das tanadarias, & muitas embarcações pello rio acima. Dom Gonçalo chegou a Mardor, & mandou tirar tudo o que auia na tranqueira, a que se deu fogo por não ficar em pé, & passou tudo a Raichol, onde fabricou logo outra so-

bre hum tezo que caya sobre a agoa, que se fez de madeira grossa de duas faces com seus entulhos, & algũas guaritas fortes. Isto tudo se fez com muita presteza, por auer ja nonas que deçia gente do Idalcaõ. O Governador pos nella por capitaõ Aluaro de Caminha cavaleiro muito honrado com duzentos Portugueses, & algũs naiques & piaês, & ordenou dez ou doze nauios de remo pera andarem naquelles rios, de que fez capitaõ mor Ruy dias Pereira. E porque era necessário acodir as cousas de Maluco, despachou por capitaõ d'aquella fortaleza Antonio Galuaõ: que posto que entendesse o pouco proueito que podia fazer, pello modo de como aquella fortaleza ficaua, não deixou de a aceitar, pello desejo que tinha de seruir a Deos & a elRey. E por que faltaua dinheiro pera os prouimentos, emprestou dez mil cruzados da fazenda que achou na India de seu pay, de que elle era herdeiro, com que se negociou o prouimento. Pello que se pode com muita rezaõ dizer, que Antonio Galuaõ resgatou a fortaleza de Maluco com seu dinheiro, & com seu sangue, o que lhe foi tão mal pago, como a diante se verá. E porque desejou de pouoar, & engrandecer aquella cidade de Ternate, solicitou algũs casados pobres pera que se fossem com suas molheres & filhos viuer a ella: & o mesmo fez a algũas mo-

lheres

lheres Portuguezas que viuião mal, pera la as casar: emprestando dinheiro a todos pera se auia-rem, o que fizeraõ como foi tempo. E com isto concluyamos com as cousas d'este veraõ, & entramos nas de Malaca & Maluco, que sempre guardaremos pera o inuerno, pellas naõ contarmos a pedaços.

CAPITULO VI

*Das pazes que dom Esteuaõ da Gama fez com el Rey de Viantana. E das cousas que acontecerãõ em Maluco todo este veraõ, & de hum raro caso que aconteceu a hum d'aquelles senhores (Christaõs.*



A O destruido ficou el Rey de Viantana, das maõs de dom Esteuaõ da Gama, & em estado taõ miseravel, que nunca mais pode levantar cabeça, nem ousou a fazer pouoação algũa, nem sair dos matos, onde estaua. E lançando suas contas, assentou, que pera viuer quieto & seguro, lhe era necessario ter pazes com os Portuguezes, & concederlhes tudo o que elles quisessem. Com esta resolução despedio por Embaixadores Curutau le da Raya, Lacximena, Taucãõ da

Raya, & Turcãõ Marcar filho do seu Bandara, por quem mandou visitar dom Esteuaõ da Gama, & a pedirhe que lhe quisesse conceder pazes, porque elle estaua bem arrependido das guerras passadas, & que estaua prestes pera todas as satisfações que quisesse. Estes embaixadores chegaraõ a Malaca, com oito ou dez embarcações embandeiradas, com grandes sinaes de alegria. Dom Esteuaõ da Gama os recebeu com grande aparato, & ouuiu tudo o que lhe disseraõ da parte do seu Rey com rosto alegre: & mandandoos agasalhar, tomou logo parecer com os capitaes & casados antigos d'aquella fortaleza, sobre aquelle negocio, & todos assentaraõ, que lhes deuiãõ conceder as pazes com condições honestas, pera assi ficar aquella fortaleza desasombrada & desapressada. Em fim comunicando tudo com os Embaixadores, concluyraõ as pazes com as condições seguintes.

Que, toda a artilheria que ouuesse por todo o reino de Viantana, com as armas d'el Rey de Portugal, de muitas embarcações que por suas costas se perderaõ, seria logo tornada, & trazida a Malaca.

Que, nunca mais el Rey de Viantana faria em porto algum dos seus, Lancharas nem outras embarcações de guerra, & todas as que se fizessem sem o el Rey saber,

ber, tanto que fosse a sua noticia as mandaria a Malaca com os donos d'ellas. E que todas as que ao presente estivessem feitas, assi suas como de seus vassallos, mandaria logo entregar a pessoa que com elles Embaixadores pera isso auia de ir.

Que, nunca ja mais faria tranqueiras, nem fortes algũs em Bintaõ, nem em Viantana, & que se passaria logo pera o rio de Muar, por ficar mais perto de Malaca, pera d'elle conuersarem, & commerciarem como amigos: E que n'aquelle lugar taõbem não faria trãqueira, nem forte algum.

Que, todas as diuidas q̃ Tuão Mafamede deuia aos mercadores de Malaca das fazendas que tinha tomadas antes da guerra, as tornaria logo a seus donos, & não podendo ser tudo, fosse parte: & a demasia pera o anno, de que elle Rey ficaua por fiador.

Que, todos os escrauos de Portugueses que estauão fogidos de Malaca, & dali por diante fogissem, se tornariaõ logo: E se algum ja fosse mouro o pagariaõ a seu dono, & o mesmo se faria em Malaca aos fogidos de Viantana. E se ainda ouuesse em seus reinos algũs filhos & filhas de Portugueses que se perderão auia annos na sua costa em hum junco que ya de Borneo pera Malaca, se tornariaõ logo com todos os seus escrauos, & escrauas.

Que, deixaria nauegar liurementẽ todas as embarcaçoẽs de quaes quẽr partes que fossem pera Malaca, com fazendas ou mantimentos, sem as obrigar a tomarem seus portos: & que entrando algũas nelles com tempo fortuito, elRey lhe daria toda a ajuda & auiamẽto pera irem pera Malaca.

Que, mandaria a seus vassallos que fossem com suas fazendas a Malaca pera as venderem, & comprarem outras como amigos, a que se faria fauor & amizade, & o mesmo se faria em seus portos aos Portugueses.

Estes capitulos de pazes jurarãõ os Embaixadores em nome do seu Rey, & domi Esteuão da Gama os mandou apregoar pella cidade cõ grandes festas & alegrias. E logo negociou pessoas pera as irem ver jurar a elRey em companhia dos Embaixadores que despedio contentes & satisfeitos, dandolhes peças & brincos pera lhe leuarem. El Rey os festejou muito, & jurou as pazes, & as mandou apregoar por sua cidade, mandando logo fazer entrega das cousas que estauãõ capituladas. E elle se mudou pera Muar, aonde fundou noua cidade, começando a correr em grande amizade com os Portugueses. Aqui os deixaremos, por continuarmos com as cousas de Maluco, que temos aqui, por não fazermos capitulos pequenos.

Deixa-

Deixamos as cousas d'aquellas  
 ilhas como tyrão Catabruno se  
 aluantar por Rey de Geilolo, &  
 com suas armadas andar fazendo  
 guerra por todas aquellas ilhas aos  
 Christãos d'ellas: a quem cõ ame-  
 aça fazia tornar a tras. E ajuntan-  
 do seu poder, foi contra a cidade  
 de Momoya, em que residia hum  
 Principe Christão chamado dom  
 João, de que ja em outra parte fa-  
 lamos. Este não ousando a lhe dar  
 batalha se recolheu em hum forte  
 com sua mulher, filhos, & familia:  
 & algũs Portugueses que Tristão  
 de Faide lhe tinha mandado, não  
 ousando a ficar com elle se reco-  
 lherão aos matos, a onde logo fo-  
 raõ mortos, pello edicto que era a lã-  
 çado, da parte dos da liga. O Cata-  
 bruno entrou na cidade de Momo-  
 ya, sem achar resistencia algũa, &  
 fez nella muito grandes cruezas:  
 porque os pobres & miseraueis  
 não se quizerão bolir, nem mudar  
 d'ella, fazendo retroceder todos os  
 Christãos com tormentos, medos,  
 & ameaças. E como teue feito nel-  
 la o que quis, foi cercar dom João  
 no forte em que estava, dandolhe  
 grandes assaltos por todas as par-  
 tes, a que elle como valeroso aco-  
 dio defendendose mūy bem: mas  
 entendendo nos seus grande te-  
 mor, & receãdo que elles mesmos  
 o entregassẽ ao inimigo, quis pro-  
 uer nas cousas da alma de sua mo-  
 lher & filhos: porque sabia que Ca-  
 tabruno, o de que mais tratava era

do zelo da ley de Mafamede, & de  
 fazer tornar atras todos os Chris-  
 taõs, receando que sua molher &  
 filhos, de fracos se lhe rendessem  
 indo ter a suas mãos. E mouido de  
 aquelle zelo, mas enganado de taõ  
 puerisa opiniaõ, matou com suas  
 proprias mãos sua molher & fi-  
 lhos. E querendo ultimamente fa-  
 zelo a si proprio, foi estorvado dos  
 seus, que pera se sanarem com Ca-  
 tabruno lho entregaraõ com gran-  
 de magoa & dor de seu coração,  
 por não poder effectuar o seu de-  
 sejo. Catabruno tendo em seu po-  
 der, sabendo o que fizera, lhe per-  
 guntou como tomara hũa taõ  
 cruel, & barbara determinaçãõ?  
 como a de matar sua molher, & fi-  
 lhos, com tãta desumanidade? Dõ  
 João com muita segurança lhe res-  
 pondeo, que naquella materia tra-  
 tava mais da saluaçãõ de suas al-  
 mas, que do remedio de suas vi-  
 das: porque receou que de fracos  
 com medo viessem a negar a fe de  
 Iesu Christo, em cuja confissãõ es-  
 tava a verdadeira saluaçãõ das al-  
 mas. Mas que elle cõmo homem fir-  
 me & constante, & que não rece-  
 ua medos, nem tormentos, estava  
 muito prestes pera soffrer todos os  
 q̃ se lhe dessem por sua fe. Porq̃ es-  
 tes magoauãõ o corpo, mas faziaõ  
 a alma muito fermosa diante de  
 Deos, onde logo ya gozar de sua  
 diuina visaõ, & de hũa gloria que  
 nunca jamais se acabava. Catabruno  
 cheio de colara, & irado d'a-  
 quella

quella liberdade com que lhe falou o mandava matar, mas os seus lhe foraõ a mão, pedindolhe que lhe desse a vida: o que elle fez a seus regos, deixando em seu senhorio. Caso foi este da constancia d'este barbaro pera confundir & enuergonhar a rãtos Christaõs da Europa, criados, & sustentados cõ o leite da santa madre igreja, de quê por bem pequenos, & particulares appetites se apartaõ fazendose perseguidores della. E este sendo barbaro, nacido tantas mil legoas apartado da Igreja Romana, foi hum taõ grande pregoeiro, & confessor da fé de Christo, como se ve. Tristaõ de Taide a tribuluaõ muito estas cousas, & ainda mais a grande falta que auia na fortaleza de tudo, pello que receua hũa grande desauentura: & certo lhe socedera, se Deos naõ trouxera no mesmo tempo hum Galeaõ que dom Esteuaõ da Gama lhe mandara de Malaca carregado de mantimentos & muniçoës, por ser auisado do perigo em que estava. Deste Galeaõ ya por capitaõ Simaõ Sodre, que foi recebido de todos como homem que os ya resgatar. Com isto leuantaõ os nosos algũa cousa a cabeça, & comecaõ a entrar pella ilha a fazer saltos na gente da terra, que estava toda recolhida na serra. Queimaraõ lhe desta vez as pouoaçoës de Trutupalere, Calamata, & Ifico: posto que acharaõ em todas grande de-

fensaõ, custandolhes bem de sangue: & duas vezes sairaõ a pelejar com a armada de Tidore, que chegou a te a vista da fortaleza, mas de ambas as vezes se recolheraõ os nosos desbaratados, com mortos & feridos, naõ ficando porem os inimigos louuandose muito da victoria. Os da liga lançaraõ grandes armadas no mar, com que encurraraõ os nosos na fortaleza, a onde estiueraõ muito trabalhados, a te chegar Antonio Galuaõ, como a diante diremos. Este anno foi ter Aluarado Castelhana as ilhas dos Papuas, indo por mandado de Fernaõ Cortez as de Maluco: & daõ lhe a elle a honra d'este descobrimento, sendo ella de dom Iorge de Menseses, que a ellas foi ter o anno de vinte sete, como atras temos dito. Este Aluarado descobrio n'esta jornada outras ilhas, a que chamaõ Gelles, em hum grao da banda do Norte Leste Oeste com a ilha de Ternate, cento & vinte legoas do Moro. Saõ os naturaes dellas da cor dos Malucos, & tem lingua sobre si.

## CAPITULO VII.

*Dos capitaës que o Idalcaõ mandou sobre as terras de Salsete, & da armada que este anno veyo do reino, & de como dom Gonçalo Coutinho capitaõ de Goa passou em busca dos inimigos.*

Assi



SSI ficou afron-  
tado, & offendi-  
do o Idalcan com  
a perda & disba-  
rato de Soleimão  
Agá, que esbraue-  
java contra os seus capitaes, despe-  
dindo logo Accedecan com gros-  
so poder pera ir tomar satisfação  
d'aquella quebra. O Accedecan  
chegou a Ponda, & dali despedio  
pera as terras de Salfete hum capi-  
tao chamado Badurcan com quin-  
ze mil homés. Este foi logo cercar  
o forte de Rachol, & lhe deu mui-  
tos assaltos achando em Aluaro  
de Caminha, que era capitao, mui-  
grande resistencia, tendo nos na-  
uios que andauao no rio mui-  
grande favor & ajuda. Era isto em lu-  
nho. E porque as terras estauao a-  
lagadas, tendo o Governador reca-  
do, mandou gente por mar pera  
mor segurança da fortaleza, & des-  
pedio muitos nauios pera irem pel-  
lo rio acima dar nas aldeas do I-  
dalcan, como fizerao, queimando  
lhe muitas, & destruindolhe os câ-  
pos, & as sementeiras. Vendo Ba-  
durcan que em quanto os nossos  
nauios tiuessen passagem franca  
pello rio acima, com os soccorros  
que cada dia lhe vinhaõ, não po-  
diaõ tomar aquella fortaleza, dei-  
xou nas terras outro capitao cha-  
mado Carnaber, com oito centos  
caualos, & quatro mil de pé, & el-  
le se passou com toda a mais gête  
por hum passo do rio que se cha-

ma Obory, por ser o mais estreito  
dorio por causa de hũa ponta da-  
rea que da outra banda lança o  
mar (que se chama Lotilin) & na  
quella parte aonde se pos auia hũ  
grande penedo que ficaua sobre a  
agoa, de longo de quem as embar-  
cações que auiaõ de ir pera Ra-  
chol forçado auiaõ de passar. E so-  
bre o penedo fez hũa tranquira  
em que affestou algũas peças d'ar-  
telharia, com que defendeo a passa-  
gem aos nossos, que todauia come-  
riaõ de noite, ainda que com risco.  
O que sabido por Badurcan, man-  
dou atrauessar o rio desdo Bory a  
te a ponta da area de Lotilin (que  
era distancia de pouco mais de hũ  
tiro de pedra.) com traues grossas  
metidas na vaza: & de hũa a outra  
mandou atrauessar cadeas de fer-  
ro, com o que a passagem ficou de  
todo impedida: por que sua ten-  
ção foi defender os soccorros &  
prouimentos perque lhe entregas-  
sem os nossos a fortaleza. O Go-  
uernador sendo auifado do nego-  
cio o sentio muito, pelo risco em  
que a fortaleza estaua, & bem en-  
tendeo que lhe auia aquelle nego-  
cio de dar trabalho: & com muita  
pressa se foi pera o passo de Agaf-  
saim pera acodir aquellas cousas,  
porque lhe ficauao mais de quatro  
centos homés cercados & arrisca-  
dos na fortaleza, & muitas fustes  
& manchuas das estacadas pera  
d'entro, como em redes. Dali se em-  
barcou o Governador em algũas  
manchuas,

manchuas cō algūs fidalgos & capitaes velhos, & foi reconhecer o sitio, & ver com o olho o que se poderia fazer pera se franquear a passagem. E notando tudo muito de uagar, vendo a ponta da arêa de Lotilin que era delgada, mandou ver se se poderia cortar pera lançarem o canal pera aquella bāda, ao que foraõ algūs homēs praticos na terra cō algūs Pilotos, que foraõ lançados em terra mūy escondidamente, & vendo, & notando tudo affirmaraõ ao Governador que se podia cortar, & q̄ ficaria ali canal ao menos pera almadias & manchuas. E querendo por as maõs aquella obra, mādou leuār duas grādes barcaffas cō mantas & arrõbadas, de q̄ fez capitaes Diogo d'Azã buja, filho de Diogo d'Azambuja o velho, & Lionel de Lima, que foi hū dos capitaes das carauelas da cõpanhia de dō Pedro de Castello brāco. Estes fidalgos eraõ ambos mancebos de grande opiniāo. O Governador mādou que fossẽ sorgir as estacadas, & que batesẽ o Bory, & trabalhassem por arrancar, ou quebrar os paos & cadeas: & escreueo a Aluaro de Caminha capitāo de Rachol, que em hū dia que lhe limitou, mandasse os Naiques & piaes, a Lotilin, pera ajudarem a cortar aquella ponta, & mandou ao capitāo de Goa dō Gõçalo Coutinho cõ doze ou quinze nauios, & muitos seruidores cõ enxadas & codilins, pas, & cestos, pera

correrẽ cō aquella obra, deixãdo se o Governador ficar e Agassaim em hū palmar de hum Fernāo Nunez natural de Meijaõ fric, cidadão hõrado, & que se tinha achado na tomada de Goa, & em outras couzas: pello que lhe deu elRey a capitania d'aquelle passo de Agassaim em sua vida, & pera casamento de hūa filha, & ainda oje viue hū seu filho chamado Jorge Fernandez, neste mesmo palmar, que se achou nesta guerra de Bory, & da dèlla muito boa rezāo. As barcaffas de pois de furtas entre as estacadas comessaraõ a bater o Bory, com grāde furia & terror, & tambem receberaõ d'ello sua reposa, matando-lhe algūs homēs, & arrombando-lhe algũa parte d'ellas: mas os capitaes d'ellas que eraõ valerosos, não desistiraõ da obra, antes foraõ continuando a bataria, desfazendo muitas das estacas, & matando no Bory muita gẽte. Em quanto se isto continuaua, dō Gonçalo Coutinho desembarcou abaixo de Lotilin, & foi caminhādo por terra a te a põta da arêa, onde achou o capitāo do campo de Rachol, cō todos os piaes, & pondo maõs a obra cortaraõ a ponta de mar a mar cõ grande risco & perigo, porque todo aquelle dia choueraõ pelouros do Bory sobre os nossos, que mataraõ algūs dos seruidores. Cortada a ponta, como aquella parte era muito baixa, acodio a agoa cõ a enchente, & ficou daquella feita

hum canal que de maré chea podia passar embarcações pequenas, por onde começarão a ir os soccorros a Rachol, mas sempre com risco por cousa da artelharia do Bory, que de dia & de noite não cessava de varejar aquella parte. Este trabalho durou todo o inuerno, em que os da fortaleza tiueraõ alguns assaltos, que por não ser de sustância deixamos de escrever. Entrando o veraõ surgiraõ na barra de Goa cinco naos, de que era capitão mor Jorge Cabral, que tinha partido do reino o Março passado de trinta & seis. De que a fora elle eraõ capitães Vicente Gil, Gaspar d'Azeuedo, Ambrosio do Rego, & Duarte Barreto. Este anno foi muito famoso no reino, por duas cousas. Hũa porque foi muito nomeado, que se chamou o de são Bras, que foi de tanta seca, que todo o anno a te o dia de são Bras Bispo, que a Igreja celebra a três de Fevereiro, não tinha chuido hũa gota d'agoa, & n'elle por merecimentos do santo, choueo tanta que parecia hũ diluuiio, & as sementes que esta uão lançadas a terra (que parece, se tinhaõ nella sustetado com algũs orualhos) foraõ rebentando tão prosperamete, que em toda a parte do reino respõdeo a sesenta por hũ. & valeo o alqueire de trigo a vinte & cinco, & a trinta tres. A outra foi. Que este anno entrou em Portugal a santa, & geral inquisição, impetrada por elRey dõ Ioão

do summo Pontifice: porque andava o reino muy iscado da peste Iudaica. Pello que mouido da honra do senhor Deos, mandou per Embaixador a Roma dõ Anrique de Meneses, filho do Conde Prior, dõ Ioão de Meneses, que em Roma solicitou este negocio com o summo Pontifice, que mouido do santo zelo d'elRey, lhe concedeo a elle, & a todos os seus soccessores o titulo de zeladores da fê. Este anno tambem casou o Iffante dom Duarte irmaõ d'elRey dom Ioão, com a Iffante dona Isabel irmã do Duque de Bargarça:

CAPITULO VIII.

De como dom Gonçalo Coutinho, foi morto & desbaratado no Bory, pelos capitães do Idalcã.



OM a vinda destas naos, que trouxeraõ muita gente, determinou o Governador de tomar conclusaõ nas cousas da guerra de Salfete, porque tinha muitas que fazer: & a fortaleza de Rachol estava muito arriscada, & seus soccorros dauaõ grande opressaõ ao estado: porque custauaõ muitas mortes, danos, & despezas: porque a outra parte do inuerno esteve o Governador em Agassaim, donde prouia naquella guerra, que lhe consumia muito. E pondo em conselho de todos

todos os capitaes àquelle negocio, affentouse que se lançasse o imigo do Bory, & que se desentopisse o rio, & se fizesse hũa fortaleza em Rachol forte, & que fosse moderada, & capaz de so cem homẽs, porque naõ estiuessẽ os Portuguezes arriscados de tras de paos. Afsẽtado isto, cometeo o Governador, a jornada a dom Gonçalo Coutinho capitão de Goa, aquẽ deu seis cẽtos homẽs, que partirãõ em muitos nauios grandes & pequenos: Leuando ordem pera desembarcar em duas partes: hũa pouco antes de chegar ao Bory, & outra adiante d'elle. Porque como aquelle penedo entraua pella agoa, deixaua de ambas as ilhargas calhetas aque os nauios podiaõ chegar, & lâçar gente em terra. Destas duas partes se temiaõ ja os imigos, & tinhaõ prouido n'ellas desta maneira. Na parte antes do Bory (que era hũa preza d'agoa, que laya ali ao mar, & que tinha hũas portas, & hũa ponte de grossas traues) enceuãnas mũy bẽ. E na outra parte que era chã, abriãõ grandes couas, & mũy fundas, que taparãõ por cima de canas, palha, & terra: & em estas ambas tinhaõ gente de guarniçaõ, & vigia. Chegado dô Gonçalo Coutinho as barcaças (que sempre foraõ continuando na bataria) tomando a gente d'ellas, ordenou que fosse ao outro dia pella manhã a desembarcaçaõ nesta forma. Lionel de Lima, & Diogo d'A

zambuja, com trezentos homens auiaõ de desembarcar nas portas, & o capitão com todo mais resto, no lugar mais acima. E preparandose todos aquella noite, tãto que rompeo a manhã, comẽçarãõ as barcaças sua bataria, & o mesmo fizeraõ as Fustas, que foi hũa cousa muito pera temer. E apartando se os nauios foraõ cometer os lugares determinados os que auiaõ de cometer as portas da preza: poseãõ nellas as proas, & os primeiros que saltarãõ sobre a ponte foraõ Lionel de Lima, & Diogo d'Azãbujã cõ algũs companheiros, & como yãõ de salto dando no ceuo, escorregãõ delhes os pẽs cayãõ no mar, õde logo foraõ afogados, por causa das armas, & pella mesma maneira o fizeraõ mais de cento & cincoenta dos que ali desembarcarãõ. Destes hũs foraõ afogados, & outros espedaçados dos imigos, q̃ãsi as espingardadas, como as frechadas, naõ faziaõ se naõ ensopar nos nossos, que estãuãõ embaraçados na ponte hũs sobre os outros. Dô Gonçalo Coutinho passẽu auaute, & foi por a preza na outra calheta, & arremesãõse a terra os primeiros que desembarcarãõ que foraõ mais de duzentos, dando nas trapeiras foraõ se com elles abaixo, ficando enterrados hũs em cima dos outros. Ali acodiraõ os imigos, & fizeraõ nellẽs matança bẽ a sua vontade. Dom Gõçalo saltou taõ bẽ em terra mas ficou

fora com algũs que o seguiraõ, sobre quem carregaraõ os mouros. E posto que dom Gonçalo & os mais pelejarão valerosamente, foraõ logo desbaratados, & dô Gonçalo foi recolhido com trabalho, com hum golpe por cima de hum hombro, que o escalaraõ todo, & assi se acabaraõ de desbaratar todos: ficando ali mortos mais de trezentos, & todos ou os mais dos que escaparaõ, foraõ com muitas feridas de espingardadas, & frechadas. Os das Fustas que ainda estavaõ por desembarcar, vêdo tamanha desaventura, recolhendo se foraõ tomando pello mar muitos dos nossos, assi mortos como feridos. E tomando as barcaças a toa, foraõ se pera Agassaim, com os nauios alastrados de corpos mortos: E chegaraõ ao meyo dia, estando o Governador Nuno da Cunha pera se por a mesa com todos os fidalgos. E dandolhe a triste noua, deu de pe as mesas, lançando tudo pello chaõ, foisse apartado só, dizêdo mal a sua ventura: mandando que se desembarcassẽ os feridos, & que os curassẽ, como se logo fez: & foraõ todos desembarcados, assi elles, como os mortos, pera lhes darem sepultura, que encheiraõ todo aquelle palmar, que era cousa muito lastimosa de ver. O Governador acodio a cura rompêdo elle mesmo as toalhas & guardanapos da sua mesa pera fios & ataduras, recolhendo dom Gôçalo

pera a casa em que se agasalhaua, mandandoo curar com muito resguardo, & o mandou pera Goa, mas como as feridas traõ mortaes durou pouco. Os mais feridos depois de curados os mandou pera Goa nos mesmos nauios, & d'estes morreraõ mais de a metade. De sorte que n'este negocio se perdeiraõ perto de quatrocentos homẽs, em que entraraõ muitos fidalgos & caualeiros, a fora mais de quarta que ficaraõ catiuos em poder dos inimigos. Estes foraõ leuados ao Accedecan que acodio ali cõ muita pressa. E o primeiro homem que lho apresentaraõ, foi hum Francisco Diaz que elles primeiro despirãõ todo, deixando nu. Accedecan vendoo assi, pezoulhe muito dos seus vsarem aquella desumanidade. E tirando hum camarabãdo, que tinha sobre a touca laurado douro, lho deu pera que se encachasse, como fez, reprendendo os que lho leuaraõ assi, dizendo-lhes, que os Portugueses naõ se auiaõ de tratar d'aquella maneira.

CAPITULO IX.

*Dos recados que o Governador Nuno da Cunha teue de Dyo, & das pazes que fez com o Accedecan, & lhe tornou a largar as terras de Salfete, & Bardes.*

Estando



STANDO o Governador com este grande enfadamento, ao outro dia lhe chegaram cartas do capitão de Dyo em que lhe pedia que em todo o caso acodisse ao Norte, por que Soltao Badur fazia grandes ajuntamentos de gente, & que sem duvida era pera por cerco aquella fortaleza. Isto embarçou o Governador, & o cortou muito, porque o tomou com hum tao fresco nojo como o passado, não se sabendo por entao determinar no que faria, por q se largava aquella guerra, perdia as terras de Salsete, senao acodia a Dyo, que era mais importante, arriscava aquella fortaleza: nestas talas andava sem se poder acabar de determinar, nem bolir. Não comia, nem repousava, porq via muitos mares aleuantados por proa. Mas acodio Deos logo a tudo, como elle sempre faz, por que estando na mayor indeterminação que se nunca vio, nem imaginou, chegou hum recado do Accedecan, a lhe pedir licença, pera lhe mandar hum Embaixador, porque tinha negocios que importavao tratar com elle. O Governador lho concedeo. E vindo muito bem acompanhado o ouvio, presentes os fidalgos do conselho. Elle lhe propo sua embaixada da parte de Accedecan, cuja sustancia era: Que a elle lhe pesava muito do caso pas-

sado, por que era muito seu seruidor, & affeicoado aos Portugueses, que lhe pedia por merce, quisesse escusar tantas mortes & perdas, sobre cousa que elle não podia lograr, que as terras de Salsete erao do Idalcan, & que elle as avia de possuir & arrecadar, sem ter contenda co os Portugueses: que quando lho elles quisessem impedir, era forçado defenderlho: & que pera ficar só tẽdo fortaleza em Rachol, não servia de mais, que de lhe fazer muitas despezas, que elle não queria contender com ella, que ali estaria, & os Portugueses encurralados dentro. Que lhe pedia muito lançasse bem suas contas, & achando que lhe falava como amigo & seruidor, a mandasse tirar dali, & desistisse das terras, & que elle estava prestes pera servir elRey de Portugal, & conceder todos os partidos justos & honestos que pedesse. O Governador depois de ouvir o Embaixador, o mandou agasalhar em hũa quinta perto, a te lhe responder. E pondo aquellas cousas em conselho, debatendose bem, & dandose muitas rezões de parte a parte, vieraõ a concluir, que pois as terras sobre que se contendia, se não podiaõ possuir nem arrecadar, sem mais despezas do que montava o rendimento dellas, & que o inimigo a despeito do estado as avia de comer, que o bom seria largarse a tranqueira de Rachol, pois na sustancia não era mais que tran-

tranqueira de paos, & não fortaleza, & que aquillo não seruia de mais, que de fazer gastos & despesas, & de embarçar a elle Governador, pera não poder sair de Goa, acodir as cousas de que ouuesse necessidades. E que a todo tempo que o estado podesse, & o Governador da India estiuesse desoccupado de guerras, a y estauão as terras, que se poderiaõ tomar todas as vezes que quisessem. Cõ esta resoluçãõ respondeo o Governador ao Embaixador, que elle largaria a tranqueira de Rachol, com condiçãõ que auia de ser desfeita, & que em quanto se recolhessem os Portugueses que n'ella estauão, auia de mandar afastar seus capitães, & desempidir a passagem do rio, pera se recolherem a sua vontade, & que lhe auia de entregar todos os Portugueses, que em seu poder estiuessem catiuos. Tudo isto

accitou o Embaixador, & passou disso seus papeis & assinados. E logo mandou o Governador hum capitaõ com muitos nauios pera recolher a gente & artelharia de Rachol, o que elle fez achando ja o rio desentupido. E depois de tudo embarcado, mandou dar fogo a tranqueira, em que toda se cõsumio. Feito isto recolheraõ se pera Goa, & o Accedecan mandou logo todos os Portugueses que la tinha. Com isto se começou o Governador a preparar pera ir a Dyo, dando expediente as naos do reino, pera irem a Cochim tomar a carga. E por aqui concluyamos cõ as cousas desta quarta Decada: porque nos pareceo melhor entrar mos na quinta, com as cousas que comearãõ a soceder em principio deste ueraõ que sãõ muitas, & muito notaueis.

F I M.



RES.  
415 ✓



























